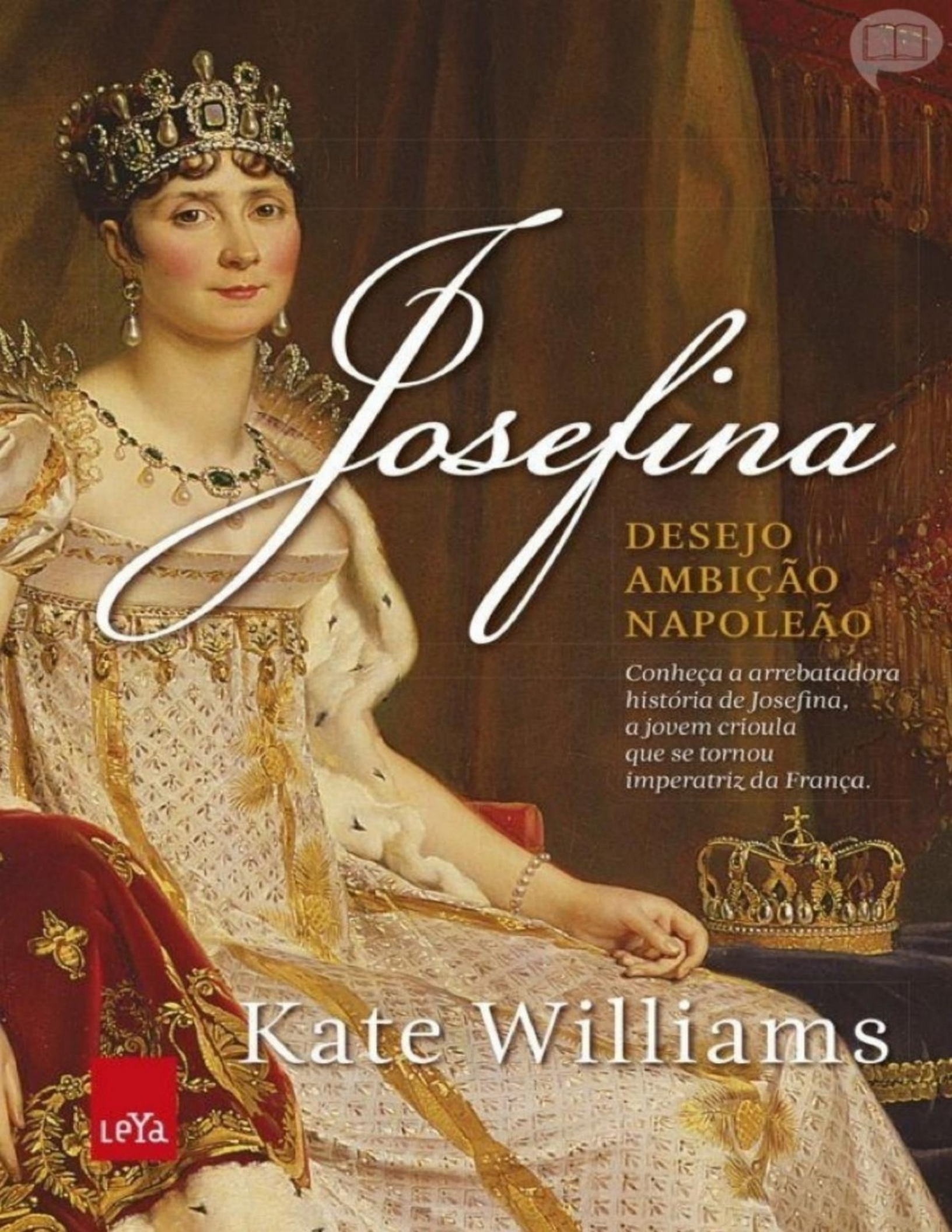

Josefina
DESEJO
AMBIÇÃO
NAPOLEÃO
Conheça a arrebatadora
história de Josefina,
a jovem crioula
que se tornou
imperatriz da França.
Kate Williams
LeYa

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

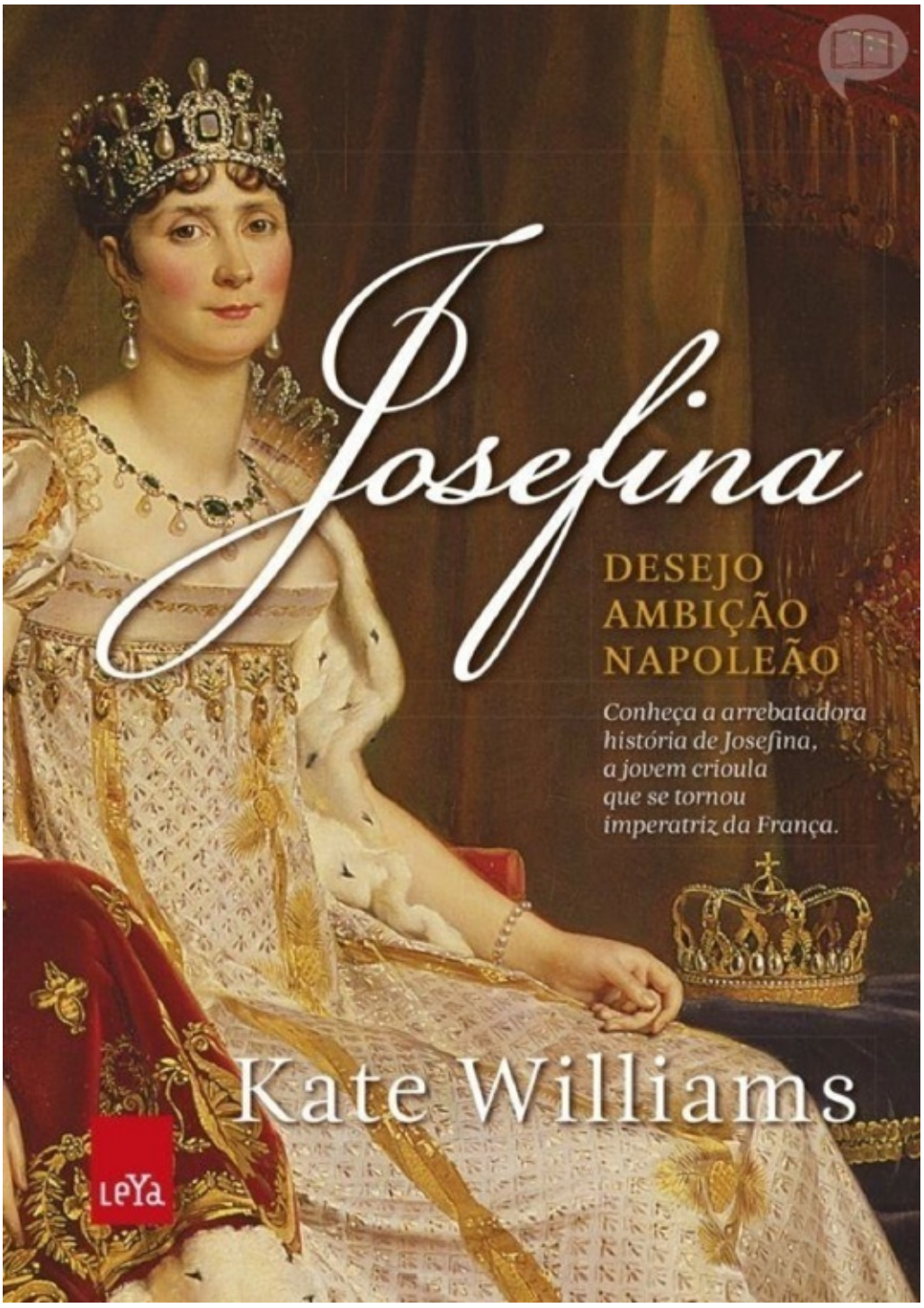
A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.site*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



O

futuro não parecia promissor para a jovem da Martinica que fora

a bandonada em Paris pelo marido aristocrata. Contudo, sempre

e ngenhosa e determinada a manter-se na sociedade parisiense,

p

rocurou refúgio num convento, onde sublimou a voz rouca e a

g raciosidade sensual que se tornaram os seus poderosos atributos. No

p

eríodo de Terror que se seguiu à Revolução, Josefina sobreviveu ao

c ativeiro e emergiu como figura central de um universo de festas

p

rofundamente mundanas. Inebriante, promíscua e encantadora,

d

ominou os jornais e surpreendeu o mundo ao encorajar os avanços

d

e um soldado corso e marginalizado, seis anos mais novo do que ela.

J osefina foi a famosa anfitriã e exímia diplomata, a consorte perfeita

p

ara o ambicioso Napoleão que se tornou Imperador Supremo.

C

ontudo, à medida que granjeava fama e poder, Napoleão tornou-se

c ada vez mais obcecado com a necessidade de um herdeiro e mais

i rritado com os gastos extravagantes da sua amada. A mulher que

e ncantara França estava desesperada e assoberbada com as
e xigências da vida pública. Por fim, divorciada aos quarenta e sete
a nos, viu-se obrigada a assistir nos bastidores ao nascimento do filho
de Napoleão com a sua jovem noiva.

PRÓLOGO

1º de dezembro de 1804.

Era a noite mais importante da vida de Josefina.

Parisienses e demais franceses de todo o país tomavam seus lugares ao longo do caminho na escuridão, chegavam dignitários de todo o mundo, carruagens douradas estavam preparadas e os mantos imperiais aguardavam o herói supremo. No dia seguinte, Napoleão seria coroado Imperador da França e de todos os seus territórios. O pequeno soldado corso seria “Sua Majestade Imperial”.

Toda a França pensava que Jose ina estava radiante, mas, no interior do grandioso Palácio das Tulherias, ela estava receosa, prestes a concretizar o plano mais ousado da sua vida.

Tudo dependia da forma como se comportaria naquele que seria seu mais importante teste. Se fosse bem-sucedida, seria coroada Imperatriz, a mulher mais in luente do mundo e consorte do maior homem que o século seria testemunha. Contudo, se fracassasse, seria condenada à desonra, à humilhação e à pobreza. Aos quarenta anos de idade, era

esposa de Napoleão há oito, e ele vinha fazendo alusões à anulação do casamento.

Em outros tempos, Napoleão fora obcecado por sua “pequena crioula”. Porém, sofria pela falta de um herdeiro, e, agora que era o monarca, todas as mulheres do Império se prostravam a seus pés. Quando Jose ina tinha seus ataques de ciúmes, Napoleão se retirava de onde estivesse, incomodado com os lamentos da esposa. Além disso, por terem se casado em uma cerimônia civil, Napoleão sabia que não seria tão difícil afastá-la. Sua Majestade Imperial, tão decidido em relação a tudo, estava inseguro quanto à Imperatriz. Sua família procurava convencê-lo de que se casar com uma princesa estrangeira fortaleceria sua nobreza – e lhe garantiria um herdeiro. No entanto, Jose ina era muito popular entre os franceses, e Napoleão a considerava seu amuleto da sorte. “Como posso afastar esta excelente mulher só porque estou me tornando importante?”, atormentava-se. Talvez, pensou ele, devesse esperar até ser coroado.

Foi então que cometeu um erro crucial: con idenciou suas preocupações a Jose ina. Ela reagiu calmamente; depois, traçou seus planos. O papa Pio VII e sua comitiva estavam de visita, e Napoleão solicitou a Jose ina que os recepcionasse. Jose ina era uma célebre diplomata, e Napoleão se orgulhava de seus modos graciosos e

encantadores. Ela aproveitou a oportunidade para tornar Pio seu aliado. Em 1º de dezembro, na véspera da coroação, Jose ina estava pronta para atacar. Ela suplicou uma audiência privada com o Papa e se apresentou da forma mais bela e suave. Con idenciou-lhe que se sentia perturbada, violentamente preocupada com a alma, e que só ele poderia ajudá-la. Tinha de lhe contar o segredo que guardava: o casamento fora apenas uma união civil e eles estavam vivendo em pecado aos olhos de Deus. Disse também que tinha medo, que morria de medo de que o imperador estivesse condenado ao inferno.

As lágrimas de Jose ina e suas preocupações gentilmente murmuradas levaram Pio a agir. O papa procurou imediatamente o imperador e declarou que se recusava a coroar um pecador. Dizendo-se chocado por Sua Majestade Imperial não lhe ter confessado a verdade, anunciou que este teria de se casar imediatamente numa cerimônia religiosa. Napoleão suplicou e ameaçou o papa, mas Pio não cedeu. Ele se recusaria a conduzir a coroação se o casal imperial não fosse unido por um sacerdote.

Jose ina esperou com discrição pelo êxito do plano. Havia aguardado até o último momento para falar com Pio, a im de que Napoleão não dispusesse de tempo para convencê-lo a chegar a um acordo. O imperador supremo icou entre a cruz e a espada: ou concordava em se

casar ou a coroação seria adiada. Por im, contra sua vontade, Napoleão cedeu. Um altar improvisado foi montado em seu gabinete, e naquela noite um dos cardeais de Pio realizou em segredo o casamento. Napoleão estava irritado, Josefina, sorridente.

Vencera. Era esposa de Napoleão aos olhos de Deus. Agora seria quase impossível afastá-la. Ela, a “pequena crioula”, seria imperatriz da França. Naquela noite, Jose ina saboreou seu triunfo. Vencera todos – a família rancorosa de Napoleão, os políticos que urdiam contra ela e todas as atrizes e duquesas que tentaram substituí-la. Todos seriam obrigados a assistir à sua coroação.

Às dez da manhã do dia 2 de dezembro, a carruagem imperial saiu das Tulherias a caminho de Notre-Dame. O gigantesco veículo dourado cintilante era puxado por oito esplêndidos cavalos brancos, e sobre ele havia uma coroa magní ica, erguida por quatro águias esculpidas. Napoleão e Jose ina estavam resplandecentes, podiam ser vistos através das longas janelas de vidro em seus suntuosos mantos cerimoniais. As calçadas, aparentemente salpicadas com ouro, estavam repletas de gente. Jose ina nunca esteve tão bela. Vestia uma longa túnica branca de cetim bordada a ouro e tinha os cachos brilhosos dispostos em torno de um fabuloso diadema de folhas confeccionadas a partir de mil diamantes e adornado com pérolas. O colar e os brincos eram de sa iras e

esmeraldas rodeadas por diamantes lapidados e no dedo ostentava um rubi – o símbolo da alegria e a “personi icação perfeita da elegância e da majestade”.

Em Notre-Dame, Napoleão recebeu a coroa das mãos do papa. Colocou-a na própria cabeça e depois esperou que Jose ina se aproximasse. Ela se ajoelhou diante dele e juntou as mãos, como se o reverenciasse. Em seguida, Napoleão se moveu em sua direção e depositou a coroa em sua cabeça delicadamente, para não demover o diadema inestimável.

Josefina – crioula empobrecida, viúva, praticamente cortesã e amante – era agora a Imperatriz de toda a França. Vencera.

Ou, pelo menos, assim pensava.

Marie-Josèphe-Rose de Tascher de La Pagerie cresceu sem preocupações na Martinica, tornou-se amante mantida em Paris e acabou como a mulher mais poderosa da França. Não era uma beleza estonteante, seus dentes eram negros e era seis anos mais velha do que o marido, mas um mero balanço de sua saia era o bastante para enfeitiçar como escravo o homem que aterrorizou a Europa. Tornou-se a consorte perfeita, hábil em agradar as multidões e decifrar durante todo o tempo os humores de Napoleão. Jose ina era a delicadeza para a rigidez do poder do marido: destacou-se nas funções de mecenato, diplomacia e etiqueta, nas quais

ele não prosperava. Como heroína do Terror e antiga aristocrata, Jose ina legitimou Napoleão aos olhos do povo como defensor da República, ao mesmo tempo em que sua bondade e seu semblante suave levaram todos a esquecer a brutalidade e a grosseria do marido.

Jose ina ingia não ter qualquer desejo pelo poder. Com humildade dissimulada, a irmava não ter “nascido para tal grandeza”, enquanto, na verdade, desejava obter superioridade sobre todos aqueles que a tinham desprezado.

As provas de sua vitória eram as incríveis posses: o guarda-roupa suntuoso, as obras de arte e a caixa de joias, com mais diamantes do que a de Maria Antonieta. Sua casa, Malmaison, era uma obra de arte. Sem lhe faltar um chalé nos Alpes suíços e uma estufa, os jardins de sua residência tinham centenas de variedades de lores até então nunca cultivadas na França. A casa era decorada com pinturas e estátuas inestimáveis, roubadas por Napoleão por todo o mundo. Jose ina foi uma das mais poderosas e enérgicas colecionadoras de arte de todos os tempos. Foi uma segunda Catarina, *a Grande*, servindo-se da arte para irmar seu domínio e constituir poder. Amante, cortesã, heroína revolucionária, colecionadora, mecenas e imperatriz, era, nas palavras de um amigo, “uma atriz capaz de desempenhar todos os papéis” .1

Para vencer, Jose ina faria qualquer coisa: abandonar amigos, minar

inimigos e delatar rivais. Chegaria até a sacrificar a filha.

1 Barras. *Mémoires*, II, p. 61.

1

LA PAGERIE

Certo dia, na primavera de 1763, uma jovem subiu ao topo de uma colina de uma plantação no sul da ilha da Martinica. Grávida de seis meses da primeira ilha, Rose-Claire de Tascher de La Pagerie tinha 26 anos, descendia de uma das famílias mais poderosas da ilha e não se deixava intimidar com facilidade. Durante os últimos sete anos de vida assistira a batalhas pela ilha contra os britânicos. Forças francesas tinham ocupado o porto vizinho, Fort-de-France, combatendo arduamente. Os colonos franceses da Martinica escondiam-se em casa, receando perder as terras para os soldados ou para rebeliões de escravos. Seu belo marido defendera a ilha, e ela estava profundamente apaixonada. Finalmente, no início de 1763, britânicos e franceses assinaram um tratado – a Martinica seria francesa. Acompanhada por seus escravos, Rose-Claire subiu a colina e observou os navios britânicos desaparecerem no horizonte. Afagou a barriga saliente, convencida de que carregava um menino.

No entanto, três meses depois, em 23 de junho de 1763, nasceu a primeira ilha de Rose-Claire. Marie-Josèphe-Rose de Tascher de La

Pagerie escapou por pouco de ser britânica. “Ao contrário do que esperávamos, quis Deus que tivéssemos uma ilha”, escreveu Rose-Claire na época do nascimento da menina. “Minha alegria não é menor. Por que não vemos com melhores olhos o nosso próprio gênero?” 2 No entanto, a criança foi uma grande desilusão para o resto da família. Joseph de Tascher de La Pagerie, marido de Rose-Claire, desejava um rapaz que um dia pudesse levar a família à nobreza; já a família dela ansiava por um rapaz que assumisse o controle das terras. Como mulher, Marie-Josèphe não tinha valor, quando muito estaria destinada a um casamento precoce com um dos latifundiários locais, para, em seguida, uma vida de matrona ocupada com meia dúzia de filhos.

A minúscula Martinica, com meros 65 quilômetros de comprimento e 25 de largura, icava a 6.500 quilômetros, e várias semanas de barco, da França – uma ilha bastante remota em relação à pátria. Embora tivessem combatido por suas terras luxuriantes, os franceses viam a colônia apenas como uma fonte de renda, e quem lá vivia, como provinciano mal-educado. Famílias chegavam da França para fazer sua fortuna ali mas icavam um pouco constrangidas devido a capital, Fort Royal, agora Fort-de-France, não ser propriamente um bastião da cultura. “Todos procuram enriquecer depressa para fugir de um lugar onde os homens vivem sem distinção, desprovidos de honra.” 3 As mulheres eram indolentes, ao passo que os homens se debatiam para resistir às

tentações do rum da ilha, do jogo e dos duelos. Os ilhos eram criados para tomar conta das terras, como senhores ou esposas, sem nunca deixarem as ilhas caribenhas.

Jose ina foi o nome que Napoleão viria a lhe dar. Marie-Josèphe era tratada pela família como Yeyette – ou Rose, em casos de grande formalidade. Nasceu numa dinastia em declínio. A mãe, batizada Rose-Claire des Vergers de Sannois, pertencia a uma família abastada de latifundiários e era uma descendente de Pierre Bélain d'Esnambuc, que em 1635 fundara a primeira colônia francesa na ilha, e de Guillaume d'Orange, que em 1674 defendera os colonos da tentativa de conquista da ilha por parte da marinha holandesa. Rose-Claire era uma orgulhosa integrante de uma família de elite − os Sannois eram donos de vastas extensões de terra na Martinica e o pai era um genuíno *grand blanc*, um dos fazendeiros prósperos que detinham controle quase absoluto sobre a ilha.

Rose-Claire deveria ter se casado com o ilho de outra família abastada, mas continuava solteira com a chocante idade de 25 anos, altura da vida em que a maioria das outras jovens estaria casada há pelo menos oito anos e já seria mãe. Quando o relativamente pobre Joseph-Gaspard de Tascher de La Pagerie pediu sua mão em casamento, Rose-Claire icou radiante, e os pais não tiveram outra escolha senão conceder.

Joseph era um sedutor com olho para mulheres. O pai, Gaspard-Joseph, fora um administrador de fazendas com reputação de irresponsável e hedonista. Graças à sua facilidade em estabelecer contatos, Gaspard conseguiu irmar o ilho em uma posição na corte francesa, como pajem do Palácio de Versalhes. Após três anos, o jovem regressou, elegante, refinado e em busca de uma esposa rica.

Recém-casados, os noivos instalaram-se em sua casa, no sudoeste da Martinica, lugar onde Rose-Claire viveu a maior parte da vida, numa grande e bonita fazenda perto da pequena aldeia de Trois-Îlets. A Habitation de La Pagerie, como icou conhecida, era composta por 500 hectares de terra altamente fértil, rodeada por colinas verdejantes. Em suas encostas cresciam cacau, café, mandioca e algodão, e havia ovelhas e vacas nos pastos verdes e campos in indáveis de cana-de-açúcar ao redor da casa. O rio La Pagerie serpenteava pelas terras. Como a maior parte das fazendas, era autossu iciente e dispunha dos próprios carpinteiros e ferreiros, bem como de um moinho, uma serraria e uma enfermaria. O açúcar, as vacas e o cacau eram cuidados por mais de trezentos escravos exaustos e frequentemente doentes, que viviam apertados em casebres miseráveis junto à casa principal. Tão logo Joseph se dedicou à gestão da fazenda, a sorte dos negócios começou a declinar. “É bem-intencionado”, disse o irmão a respeito dele, “mas tem de ser

incentivado” .4

Yeyette, a futura imperatriz da França, teve, segundo as próprias palavras, uma “infância mimada”. 5 Os pais, os avós e a tia solteira deixavam-na fazer o que quisesse. Seu lar era uma grande casa de fazenda, térrea e de madeira branca, com amplas janelas abertas. Como em todas as fazendas, a casa icava no centro do terreno, para que o dono acompanhasse o trabalho dos escravos. Havia mais de quatrocentas fazendas na ilha, e La Pagerie era, comparativamente, pequena e humilde, mas agradável à vista – dos habitantes brancos, pelo menos. A casa era quase toda cercada por uma varanda coberta, ornada com lores. Ao seu redor havia anexos, entre eles a construção de pedra que abrigava a cozinha e um bonito jardim com tamarindeiros, mangueiras e plumérias, cercado por uma sebe loral. Das construções domésticas só resta a cozinha, pois esta era habitualmente feita de pedra e não de madeira. Embora faça agora parte de um museu e esteja desprovida de toda a parafernália de tachos e panelas, sua dimensão indica a grande quantidade de comida necessária para alimentar até mesmo uma pequena família e seus criados.

Yeyette se tornou uma criança bonita e feliz, com uma bela pele e cristalinos olhos cor de âmbar. À semelhança das outras crianças das fazendas, teve uma ama de leite negra (um hábito que chocava os

franceses). A menina passava os dias com a ama, Marion, e as criadas, Geneviève e Mauricette, que se dedicavam completamente aos cuidados com a pequena. Preocupadas em manter a posição de criadas de casa, obedeciam a cada capricho de Yeyette e tratavam-na como uma princesa. "Eu corria, saltava e dançava do nascer ao pôr do sol; ninguém me limitava as travessuras da infância", disse Yeyette. 6 Sua irmã, Catherine, nasceu em 11 de dezembro de 1764, e as duas se tornaram companheiras de brincadeiras, escondendo-se atrás dos arbustos e fazendo brinquedos a partir de galhos. Poucos habitantes da fazenda eram tão livres. O açúcar era um mestre exigente – assim que uma safra era colhida, outra estava pronta para ser plantada. Os escravos subnutridos trabalhavam das seis da manhã às sete da noite ao longo de todo o ano – cavando, plantando, colhendo e, então, recomeçando. Labutavam em grupos sob o sol escaldante, gemendo enquanto eram açoitados pelo chicote. Quando a cana era cortada, trabalhavam penosamente até dezoito horas por dia para extrair seu caldo. Na usina, no centro da propriedade, escravas empurravam as canas por entre rolos para esmagá-las. As foices estavam sempre à mão, pois era normal escravos icarem com braços presos na maquinaria, e a forma mais rápida de libertá-los era decepar o membro. Na *sucrerie* ou *purgerie* (engenho), os escravos sofriam com o calor da caldeira, prensando o caldo para obter um espesso xarope de açúcar.

A Martinica era a terceira parada nas fatais e repetitivas viagens do trá ico de escravos. Homens e mulheres africanos eram capturados e negociados na Costa do Mar im em troca de ouro, tabaco, armas, pólvora ou tecido, sendo, em seguida, amontoados em navios com destino à França. Após chegarem ao país, os barcos carregavam os suprimentos solicitados no Caribe e zarpavam cheios de escravos, livros, vestidos e mobílias. Quando a pequena Yeyette ia ao porto, via os escravos sendo descarregados dos navios e levados para o mercado, marcados a ferro, acorrentados e inalmente postos para trabalhar. Esvaziadas de sua carga humana, as embarcações eram carregadas com fardos e caixotes e voltavam à França, onde as damas esperavam ansiosamente pelo açúcar para o chá e pelo cacau para as lojas.

Os ilhos de escravos pertenciam aos proprietários das mães, e aos escravos não se permitia a posse de bens ou a transmissão do nome de família. Os castigos em vigor na sociedade colonial francesa eram severos – iam de espancamentos brutais à marcação a ferro e à queima vivos. Os escravos podiam ser cobertos de mel e deixados em formigueiros (onde eram picados até a morte), abatidos a tiro (embora os senhores considerassem um desperdício de munição), afogados ou atirados dentro de fornos. A expectativa de vida entre os escravos era de 25 anos.

Yeyette ouvia os escravos gritando enquanto saltitava pelo jardim.

Quando ela e a família estavam em casa jantando peixes, carnes assadas, bolos e frutas, as chamas avermelhadas das fogueiras dos escravos tremeluziam do lado de fora das janelas e suas canções rasgavam a noite. O ar da plantação tinha um aroma levemente adocicado, e, durante o período de produção do xarope, icava carregado com o cheiro do açúcar queimado. Yeyette brincava com os escravos da sua idade e gostava do perneta Boyoco e de Timideas, que era doente. A vida cotidiana de Yeyette estava associada aos escravos, e ela nada perguntava sobre isso. Escravos, ela pensava, faziam parte do mundo.

Cerca de quarenta escravos eram sortudos por trabalhar diretamente para a família como aias, cozinheiras, lavadeiras e criados. Para as famílias, eram ao mesmo tempo amigos e inimigos, as serpentes em seu seio que temiam que pudessem lhes injetar veneno ou trespassá-los com uma faca num momento de fúria – ou, no caso das mulheres, seduzir seus maridos. As escravas eram aceitas para ins sexuais por parte dos colonos. Alguns dos escravos mais próximos de Yeyette, inclusive, talvez fossem seus parentes. Sua devotada ama mulata, Marion, podia ser ilha de seu avô ou então do capataz, e a aia delicada, Euphémie Lefèvre, que viajou com ela para Paris e que ela sustentou até o im da vida, era provavelmente ilha de Joseph, seu pai. Euphémie era sua companheira diária, criada e amiga.

Os senhores viviam com medo de que os escravos se voltassem contra eles: receavam os *marrons*, ou fugidos, que se escondiam nas colinas e tramavam vinganças, ou preocupavam-se com a possibilidade de homicídio – de fato, mais tarde, a mãe de Yeyette acusaria um dos criados da casa de ter tentado envenená-la. As notícias sobre o movimento abolicionista, que ganhava credibilidade na França, enfureciam os *grands blancs*, que assumiram uma postura cada vez mais defensiva. No resto do mundo, era crescente a ideia de que a escravatura era injusta e cruel. As economias britânica e francesa dependiam da produção das ilhas caribenhas, mas havia muito tempo que os quacres e outros grupos religiosos sugeriam que o preço a pagar por tais riquezas era elevado demais. Mais tarde, um cartum retrataria a imagem em que gotas de açúcar no lugar de lágrimas de escravos adoçam o chá das damas. Em 1771, John Somersett, um escravo levado para a Grã-Bretanha por um agente alfandegário norte-americano, fugiu e foi recapturado. Após um julgamento amplamente divulgado, declarou-se ilegal prendê-lo e transportá-lo contra a sua vontade. Na Grã-Bretanha (mesmo que não em todo o Império britânico) um homem não podia ser um objeto. Embora a sociedade colonial tentasse ignorar, a questão latente era a possibilidade de abolir a escravatura.

Na França, os crioulos (nome dado aos brancos nascidos no Caribe)

tinham a reputação de hedonistas, preguiçosos, sensuais, imprevisíveis – e detentores de misteriosas habilidades sexuais. Foi uma reputação minuciosamente cultivada por uma Jose ina mais velha, mas re letia bem sua personalidade. Enquanto corria à vontade pelas terras de La Pagerie, suas futuras amigas na França submetiam-se a uma severa disciplina em casas frias, onde lhes diziam para se sentar eretas, vestir babados rígidos durante as visitas dos adultos e manter um horário rígido para estudos e comida insossa.

Rose-Claire dispunha de pouco tempo para educar Yeyette e Catherine. Elas viviam num paraíso de prazer e tinham uma existência livre, desprovida de intelectualidade e disciplina. Yeyette corria por todo o lado com Euphémie e Marion, trajando os vestidos largos de algodão habituais nas crianças das colônias. Descobria lagartos e borboletas, apanhava lores e frutos maduros das árvores. Quando mais velha, montava seu pônei espanhol, fazia longos passeios pelas colinas e se banhava no mar como um gol inho. Chupava a cana-de-açúcar colhida nos campos e bebia o xarope com tamanho entusiasmo que desenvolveu uma cárie no incisivo superior. Já adulta, seus dentes lhe doíam e, para escondê-los, sorria com os lábios pressionados, parecendo enigmática e misteriosa para quem desconhecia a verdade.

Adorava seu lar, mas seu pai não se mostrava tão satisfeito. Após anos

vivendo à custa do pai, ele esperava ser mimado pela família da esposa. Para seu horror, descobriu que Rose-Claire e os pais pretendiam que ele fosse o chefe da família, dirigindo La Pagerie em meio às crises e dedicando-se ao seu cuidado. Era ao mesmo tempo incompetente e azarado nos negócios, sem qualquer aptidão para as terríveis tarefas de supervisionar o capataz e manter a contabilidade do que era comprado e vendido, além de ser incapaz de estabelecer amizades com os colegas comerciantes. Tinha a saúde debilitada, detestava o calor, sofria de crises frequentes de malária e ressentia-se do fato de a esposa não lhe ter dado um ilho. Isolada devido ao mau estado das estradas, La Pagerie recebia poucas visitas fora dos dias festivos, e Joseph logo se viu consumido pela saudade dos bailes e saraus de Versalhes. Raramente icava em casa, pois dedicava-se às cartas e às noites com amantes na capital. “Passa o tempo na sua adorada Fort Royal, onde encontra mais prazer do que comigo e com as ilhas”, escreveu Rose-Claire a Edmée, sua cunhada. 7

Estava novamente grávida, e ansiava por um menino. “Espero, de todo o coração, que seja o sobrinho que desejas; talvez isso faça com que o pai me ame um pouco mais”, lamentou-se.

Em 13 de agosto de 1766 era temporada de furacões e o horizonte estava encoberto por nuvens negras. Logo a chuva fustigava as árvores e a ilha era varrida por ventos de mais de 150 quilômetros por hora. No

meio da noite, a pequena Yeyette, com 3 anos, foi acordada e retirada da cama por Marion. Joseph, Rose-Claire, a bebê Catherine e alguns escravos domésticos correram para se abrigar no primeiro andar do engenho. Ali, Yeyette e a família se agacharam, com as mãos sobre os ouvidos, tentando abafar os gritos dos escravos enquanto as habitações eram arrasadas pelos ventos vorazes.

A Martinica foi assolada pela tempestade durante dois dias. Quando os ventos amainaram e a família deixou o abrigo, só se via devastação. Tinham perdido tudo. Havia cadáveres de escravos espalhados por todo o lado e as casas tinham sido completamente destruídas. As árvores foram arrancadas, as plantações arruinadas, e a maior parte dos animais foi morta. A grandiosa casa da família fora reduzida a escombros de madeira. Os únicos resquícios da antiga grandeza foram o anexo de pedra usado como cozinha e o engenho, onde prudentemente se abrigaram.

A destruição foi terrível – 440 mortos, centenas de feridos e cerca de cinquenta navios naufragados ao largo da costa. As safras de açúcar, café e cacau da ilha foram destruídas e aldeias inteiras icaram arrasadas. Os habitantes perderam a vida, os lares e a esperança no futuro. Em Trinité, ali perto, o vento arrancou uma igreja dos alicerces, lançou-a pelos ares e esmagou-a contra o solo. Durante a tempestade, casas, árvores e gado

foram levados em direção às nuvens, desabando na terra molhada ou no mar revolto. Uma família teve de se servir da porta da casa como jangada, agarrando-se à madeira até ser resgatada.

Joseph olhou em desespero para sua casa. Era incapaz de imaginar o trabalho que o esperava. A família adotou o pavimento superior do engenho como alojamento e construiu uma varanda para o lado sul, planejando permanecer naquela residência por seis meses ou mais.

Semanas depois, Rose-Claire entrou em trabalho de parto e todos rezaram por um ilho. A criança era Marie-Françoise, ou “Manette”. Mais uma vez, Joseph fora sobrecarregado com outra boca inútil, e lamentou a pouca sorte.

A destruição da ilha partiu o coração do pai de Rose-Claire, que morreu seis meses depois. A família esperara uma grande fortuna no testamento, mas só havia dívidas, e Joseph não teve iniciativa para investigar quaisquer erros nas contas. O jovem marido tinha agora uma família de mulheres dependentes – uma sogra, uma cunhada, esposa e três ilhas. Felizmente dispunha de um capataz e iciente, Monsieur Blanque, que assegurou que os alojamentos dos escravos fossem reconstruídos e as construções para processamento do açúcar fossem recuperadas. No entanto, mesmo com as safras novamente plantadas, a propriedade de inhou, e Joseph passava o tempo, como jamais antes,

jogando e na companhia de amantes em Fort Royal. Logo restavam apenas 150 escravos, e a produção de açúcar icou em menos da metade do que fora antes. Zangada, frustrada e sozinha durante longos períodos, Rose-Claire assistiu à ruína da sua casa de infância.

Joseph nunca teve dinheiro ou energia para reconstruir a casa de madeira, e o segundo andar da *purgerie* tornou-se a habitação permanente. Não havia família da alta sociedade que vivesse em cima de áreas de trabalho, e a reputação de Yeyette entre os amigos caiu vertiginosamente devido à incapacidade de o pai construir uma residência adequada.

Com o furacão, a morte do avô Sannois e o nascimento de uma terceira ilha, a situação da família tornou-se a litiva. Alheia a tudo, Yeyette continuava saltitando por entre as canas-de-açúcar, brincando com a ama sob as árvores de fruta-pão e montando seu pônei.

A partir dos 6 anos, as ilhas das grandes famílias latifundiárias eram enviadas à França, onde seriam educadas. As famílias desejavam que adquirissem refinamento e escapassem das impiedosas doenças tropicais que fulminavam tantas crianças antes dos 12 anos. Em Paris, a irmã de Joseph, Edmée, estava ansiosa por acolher Yeyette, mas seu pai declarou que não tinha condições inanceiras para enviá-la. Yeyette escapou das doenças, mas, aos 7 anos, teve um caso grave de varíola, do qual se

recuperou sem sequelas.

Nesse mesmo ano, no outro lado do mundo, o del im, Louis-Auguste, se casava com Maria Antonieta da Áustria, com 14 anos. Antonieta foi recebida por o iciais numa ilha do Reno, despojada do magní ico vestido de noiva austríaco, adornada com vestes francesas e enviada a Versalhes. “Encontro com *Madame la Dauphine*”, escreveu Louis em seu diário de caça, na ocasião do primeiro encontro no Château de Compiègne. Duas mil pessoas morreram na elegante avenida Champs-Élysées após uma massiva aglomeração na festa para celebrar o casamento.

A jovem princesa foi lançada em um mundo de pompa, etiqueta, formalidade e cortesãos traiçoeiros. “Tudo depende da esposa”, dissera-lhe a mãe, Maria Teresa, “caso seja solícita, doce e *amusante* 8”. Quatro anos depois, Luís XV morreu de varíola com lágrimas escorrendo pelo rosto depois do afastamento de sua amante preferida, Madame du Barry. Em seguida, o palácio reverberou com o estrondo ensurdecedor dos passos apressados de centenas de cortesãos que deixavam o rei e acorriam à presença de Louis-Auguste e Maria Antonieta, agora rei Luís XVI e rainha da França.

Apenas sete anos mais velha do que Yeyette, Maria Antonieta se tornou a jovem rainha enfeitada de Versalhes, cercada por dezenas de

criadas e suas preferidas: a desastrada e sensível princesa de Lamballe e a sensual condessa de Polignac. Dando risadinhas em partidas de cartas, sua igura pequenina era engolida por pesados brocados, saias armadas e caudas. Usava o cabelo num penteado com quase um metro de altura, com penas, itas e diamantes na parte superior. A mãe a repreendia por "seguir a moda em excesso", 9 mas a rainha não conseguia parar de empoar o cabelo, de se enfeitar com pedras preciosas e de cobrir o rosto com tinta de chumbo e *rouge*. Encomendava quatro pares de sapatos novos por semana e três metros de ita por dia, para que seu *peignoir*, ou roupão, estivesse sempre preso com ita nova. Um palácio de sobremesas exóticas e requintadas que ninguém comia, penteados que demoravam dias para ser arrumados e cortesãos obcecados com os caprichos da rainha: Versalhes era um labirinto, a joia da coroa francesa – e muito do dinheiro necessário para mantê-lo vinha das ilhas caribenhas do açúcar.

Na época, a França estava assolada pela desigualdade. Camponeses e operários trabalhavam sem muito descanso e por um punhado de moedas. Devido à chocante taxa de mortalidade infantil, a expectativa de vida, muito baixa, girava em torno dos 25 anos – a mesma dos escravos nas ilhas caribenhas. No topo estavam os nobres, que viviam luxuosamente graças às rendas das terras cuidadas por camponeses e arrendatários – e, acima da nobreza, estava Versalhes, um grandioso

gélido palácio construído com o trabalho braçal de milhares de pessoas. A ilha de Martinica mal cruzava os pensamentos de Maria Antonieta enquanto escolhia sapatos e ordenava à criada que ajustasse a posição das itas. Martinica, por outro lado, era obcecada por ela. As fofocas da sociedade da ilha eram todas sobre Versalhes, as modas de Paris e os favoritos da rainha.

Yeyette completou 10 anos em 1773 e Rose-Claire decidiu enviá-la para o internato em Fort Royal. Após uma longa viagem de canoa, chegou ao novo lar, acompanhada por Marion, sua ama. Passaram de carruagem por bordéis, ruas miseráveis e tabernas, e depois pela grandeza dos edi ícios coloniais e pela Casa do Governador. No centro de tudo erguia-se a Maison de la Providence, uma escola religiosa para meninas, fundada em 1763 numa tentativa de incutir moral nas garotas indolentes da ilha e prepará-las para serem “esposas, mães e senhoras das fazendas”, as quais levariam os corretos valores cristãos aos maridos e filhos.

Yeyette acordava às cinco da manhã, vestia o uniforme de algodão listrado de vermelho e azul e dava início a duas horas de orações supervisionadas. Depois, professores vindos da França, sob o olhar atento da madre superiora, ensinavam às jovens aritmética, desenho, bordados, caligra ia e geogra ia. Rose-Claire ainda tinha ambições para a

ilha, e à menina foram atribuídas aulas extracurriculares de dança e pintura. Ela tinha as tardes de quarta-feira e de sábado de folga para fofocar e rir com as outras *illes de la Providence*, e um dia por mês na cidade, quando normalmente visitava a avó.

O principal objetivo era que as jovens se tornassem amigas de um grupo de outras meninas para que fosse apresentadas aos irmãos ou a outros homens relacionados – e encontrassem um marido fazendeiro. Felizmente para Yeyette a educação era fácil, pois ela tinha pouco interesse em se aplicar. “Tem uma voz doce, dedilha agradavelmente a viola e, uma vez que mostra uma aptidão geral para a música, com a devida instrução poderia aperfeiçoar o canto, a execução e a dança”, escreveu o pai – mas a música de Yeyette não passou de uma mera “aptidão” .10

Yeyette deixou a escola aos 14 anos sabendo pouco mais do que quando chegara. Começou a frequentar reuniões em outras fazendas ou bailes na Casa do Governador, em Fort Royal. Acompanhados por seus criados de casa, meninas trajadas de branco e cavalheiros elegantemente vestidos des ilavam pelos gramados antes de entrarem para o úmido salão de baile, onde dançavam ao som da música da orquestra de escravos, sob reluzentes ramos de lores tropicais. Yeyette era uma jovem popular com quem se podia lertar, mas não casar, pois, segundo

as palavras de um indivíduo da época, era “dotada de graciosidade, mais sedutora do que bela”, cativante e magnética, contudo “a família vive na mediocridade” .11 Muitas jovens da idade dela já estavam casadas, mas, sem propriedade, ela não era requisitada. Yeyette, no entanto, desejava mais do que se casar com o ilho de um fazendeiro. Seduzida pelas narrativas nostálgicas do pai sobre Paris e Versalhes, almejava mais. Queria ir para a França.

Yeyette tinha 15 anos quando decidiu visitar a feiticeira local, acompanhada por duas amigas. Euphémie David vivia nas colinas perto de La Pagerie, onde misturava poções, contava histórias e prometia curar todas as doenças. Mantinha um negócio estável – num mundo de doenças e de violência repentina, eram poucos os que resistiam à atração do oculto. A velha agarrou uma a uma as mãos das jovens. A primeira, disse ela, iria se casar com um plantador e teria uma vida satisfeita. A segunda, uma prima afastada de Yeyette, teria uma vida escandalosa e seria capturada por piratas. Yeyette estava destinada a se casar com um homem na França, mas seria uma união infeliz, e depois se casaria com um “homem sombrio de pouca fortuna”, que “cobriria o mundo de glória” e faria dela uma mulher mais grandiosa do que uma rainha. Ainda assim, morreria infeliz e recordaria sempre com saudades a vida simples da Martinica.12 Aparentemente muito conveniente para ser plausível; porém, mais tarde, Jose ina referir-se-ia a isso com sinceridade, chegando

inclusive a comentar o caso em entrevistas para jornais muito antes de se tornar imperatriz.13 O mais provável é que a feiticeira tenha vislumbrado sua ansiedade por aventura e imaginado que estava destinada a uma nova vida na França – uma vida que não lhe traria necessariamente felicidade.

A França parecia um sonho impossível. Foi então que a tia de Yeyette, Edmée, escreveu sugerindo que uma das meninas de La Pagerie fosse enviada para se casar com Alexandre, o ilho de seu amante. Alexandre tinha 17 anos, nasceu apenas pouco mais de três anos antes de Yeyette, era bonito e desejava uma noiva crioula. Sendo a mais velha, Yeyette foi a escolha óbvia.

A família Tascher de La Pagerie tinha fraca reputação, e a irmã de Joseph, Désirée (a quem a família chamava Edmée), era uma igura escandalosa. Em 1757, François de Beauharnais chegou à Martinica como governador. Sua esposa, uma abastada herdeira de São Domingos, simpatizou imediatamente com Edmée, na época com 19 anos, e a acolheu como dama de companhia. O governador de 42 anos apaixonou-se perdidamente por Edmée e fez dela sua amante. Ambiciosa e amoral, em contraste com o irmão, um apático parasita, Edmée fez o que bem lhe convinha. Para ocultar a relação, Beauharnais (que se declarara marquês) encontrou-lhe um marido, Alexis Renaudin, um belo e jovem

mosqueteiro do rei. Renaudin tinha sido recentemente libertado da prisão, onde cumpriu pena pela tentativa de envenenamento do pai, um abastado fazendeiro. Beauharnais, no entanto, estava impaciente, e o casamento foi organizado em 1758.

O governador estava tão obstinado pelo casamento da amante que ignorou o calvário da ilha vizinha de Guadalupe. Os britânicos atacaram e Beauharnais atrasou em três meses a resposta aos pedidos de ajuda do seu tenente. Ele mostrou-se preguiçoso, cauteloso demais e preocupado apenas em desfrutar de Edmée depois do casamento com Renaudin (agora podia tê-la sem problemas, já que, se a amante engravidasse, o ilho seria atribuído ao marido). Quando a frota chegou a Guadalupe, os britânicos já tinham vencido. Por essa espantosa negligência, Beauharnais foi chamado de volta à França. Recusou-se a partir imediatamente e passou os últimos oito meses na ilha afagando Edmée.

Ao perceber que era traído, Renaudin abandonou a esposa furiosamente e partiu para a França, com o intuito de conseguir a separação legal. Ela o seguiu, numa tentativa de obter um acordo inanceiro, tendo garantido antes da partida que o casamento do irmão com Rose-Claire estivesse seguro. Beauharnais e a esposa seguiram pouco depois, deixando o ilho Alexandre, de apenas 3 meses, com a mãe de Edmée.

Na França, a rejeitada Madame de Beauharnais retirou-se para uma

propriedade no campo. O marquês arrancou uma pensão generosa do rei e se estabeleceu em Paris com Edmée, que estava agora separada do marido. As duas mulheres trocaram correspondências afetuosamente até a morte de Madame de Beauharnais. Aos 5 anos, Alexandre foi enviado a Paris, onde viveria com o pai e Edmée, por quem nutriria um grande amor, como se fosse sua própria mãe, segundo ele. A sociedade parisiense se desesperou – não havia problemas quanto ao adultério, mas era imoral viverem juntos. No entanto, o marquês adorava a amante muito mais jovem, e sua fortuna os protegia dos comentários cruéis, pelo menos em público.

Aos 38 anos, depois de quase 20 com o amante, Edmée começou a pensar em garantir o futuro. O marquês era um idoso debilitado com 62 anos, e ela icaria sem um tostão quando ele morresse, já que o patrimônio dele e o da esposa iriam para Alexandre. Edmée queria icar com o dinheiro, então sugeriu que Alexandre se casasse com sua sobrinha, esperando que o casal cuidasse dela após a morte do marido. Alexandre concordou, pois precisava se casar para ter direito à herança. As meninas crioulas eram frequentemente procuradas como noivas pelas famílias aristocráticas em busca de dinheiro, e tinham a reputação de grande beleza e sensualidade. Alexandre só tinha uma exigência: desejava que a esposa fosse muito jovem.

O marquês escreveu a Joseph de La Pagerie dizendo-lhe que Alexandre não queria Yeyette, já que “meu ilho, com apenas dezessete anos e meio, julga que uma jovem de quinze está com uma idade muito próxima da dele”. 14 Solicitou Catherine, mas esta havia acabado de morrer de febre amarela. Em seu lugar, Joseph ofereceu Manette, de onze anos e meio, uma jovem prendada, segundo escreveu, com saúde, alegria e “uma figura que em breve será interessante” .15

A família icou num alvoroço. Manette estava histérica com a perspectiva de sair de casa, e a mãe acreditava que não podia deixar que se casasse tão nova. Yeyette estava chorosa e furiosa. Desde sempre sonhara com Paris – e agora Manette ocupava seu lugar. Implorou ao pai que a mandasse, caso contrário, nada teria a ambicionar, salvo um futuro desolador como esposa de fazendeiro. Yeyette, sempre tão in luenciável e indolente, mostrava-se apaixonadamente determinada a viajar para a França. O pai cedeu.

“Receio muito que a mais velha, que tantas vezes me pediu que a levasse à França, icará afetada pela preferência que aparento conceder à irmã mais nova”, escreveu ele. E prosseguiu, dizendo que Yeyette tinha “uma pele muito boa, olhos adoráveis, bons braços e um dom surpreendente para a música. Anseia ver Paris e tem um caráter muito doce. Fosse minha a decisão, enviaria as duas ilhas em vez de uma, mas

como separar uma mãe de ambas as ilhas restantes, quando a morte acabou de privá-la de uma terceira?” 16

Em Paris, Edmée se desesperava. Queria que o casamento icasse acertado imediatamente, antes que os tutores de Alexandre o dissuadissem. “Temos de ter uma de suas ilhas”, escreveu. “Venha com uma de suas ilhas ou com ambas, mas apresse-se.” 17 O marquês enviou uma carta, autorizando a publicação dos proclamas na Martinica. Incluiu-se o nome de Alexandre, mas o espaço para o nome da noiva estava em branco. Quando a carta chegou, a decisão de Joseph já havia sido tomada.

A infeliz Manette icou tão exaurida de chorar que adoeceu com uma febre e a mãe se recusou a deixá-la partir. Quando Alexandre soube da notícia, não ficou animado. “Certamente não espera que me case com esta jovem caso sintamos uma antipatia recíproca?”, perguntou ao pai. Mesmo assim, mostrou-se obediente. “Depois de ler a descrição apresentada, tenho certeza de que ela me vai encantar.” 18

Yeyette estava prestes a se casar. No entanto, após ter vencido a batalha, o pai apático deixou a situação se arrastar. Somente seis meses depois o sacerdote, na igreja de Notre-Dame de la Martinique, anunciou o futuro casamento entre Alexandre-François, Chevalier de Beauharnais, e Marie-Josèphe-Rose de Tascher de La Pagerie. Depois, Joseph voltou a atrasar a viagem. Passara anos dizendo que ansiava retornar à França e, agora, não queria ir.

Joseph ignorou os pedidos da irmã para que se apressasse. Ele estava doente, a jornada era cara, e as viagens se tornavam mais arriscadas a cada dia. Após a ligeira trégua irmada pouco antes do nascimento de Yeyette, as hostilidades entre a Grã-Bretanha e a França se reacenderam, e a Martinica estava cercada. Além disso, a temporada dos furacões aproximava-se, tornando inseguras as viagens marítimas.

A tia Edmée incentivou e exigiu até que, inalmente, em setembro de 1779, acompanhada pelo pai, pela tia Rosette e pela criada Euphémie, Yeyette embarcou para a França. Contudo, Joseph se esqueceu de avisar à irmã que estavam de partida. Yeyette tinha 16 anos, era precariamente educada, bonita e despreocupada. E só pensava no casamento que se aproximava.

2 R. Pichevin, *L'Impératrice Joséphine*, p. 64.

3 J.B.T. Chanvalon, *Voyage à la Martinique*, 1763, p. 38.

4 Pichevin. *L'Impératrice Joséphine*, p. 44.

5 Stuart, *Josephine*, p. 7.

6 Normand, vol. I, p. 6.

7 Pichevin, *L'Impératrice Joséphine* p. 26.

8 *Amusante*, do francês, significa "divertida". (N.E.)

9 Antonia Fraser, *Marie Antoinette*, p. 62.

10 Jean Hanoteau, *Le Ménage Beauharnais*, p. 67.

11 Comt de Montgaillard, *Souvenirs*, Paris, 1895, p. 277.

12 Le Normand, *Historical and Secret Memoires*, pp. 19-20.

13 *Le Thai*, 30 maio 1797.

14 Aubenas, *Histoire*, I, p. 92.

15 Frédéric Masson, *Josephine*, p. 104.

16 Masson, *Josephine*, p. 75.

17 Hanoteau, *Le Ménage Beauharnais*, p. 80.

18 Hanoteau, *Le Ménage Beauharnais*, p. 51.

2

SOFISTICAÇÃO

Alexandre de Beauharnais era magro, bonito e de feições .bem-marcadas. Languidamente agressivo como uma personagem do romance *As ligações perigosas*, que logo seria publicado, aos 17 anos já era um grande sedutor. Sentia que tinha o mundo nas mãos. Em agosto de 1779, pouco antes de Yeyette deixar a Martinica, escreveu à madrasta, dizendo que “ia para o campo” com a “esposa de um subtenente da Marinha, uma mulher encantadora”. Seus planos não incluíam conversas. “Pretendo passar lá dois dias, e nesse breve espaço de tempo farei o possível para ser bem-sucedido.”

Alexandre conquistou seu prêmio. A nova amante, Marie Françoise-Laure de Girardin de Montgérald, Madame de Longpré, vinha de uma

família da Martinica, tinha 29 anos e um ilho. So isticada e temperamental, conseguira cativar o jovem amante. “Sim, de fato, o *chevalier* provou a felicidade. É amado por uma mulher encantadora que é alvo dos desejos de toda a guarnição de Brest e do distrito.” 19

Alexandre esperava que Edmée o felicitasse. Encantado pela conversa de Laure e fascinado por sua experiência sexual, mal se lembrava da jovem que viajava a seu encontro. Para Alexandre o amor era sinônimo de sexo e conquista, e a vida se centrava no prazer.

A educação de Alexandre, um ilho mimado e muito amado pelo pai e por Edmée, levara-o a acreditar estar destinado à grandeza. Vivera na Martinica até os 5 anos de idade, época em que fora enviado à França, aos cuidados do pai indulgente e de sua amante. Em 1775, depois de levá-lo junto com o irmão mais velho François para a Alemanha, o tutor Patricol foi convidado para um cargo na casa dos dois sobrinhos do duque de La Rochefoucauld. Figura destacada do Iluminismo, o duque era amigo de Voltaire e de Lafayette, além de ser um abolicionista convicto. Alexandre cresceu no palácio parisiense do duque e em seu *château* no campo, onde escutava os debates sobre liberdade e aprendia a ocultar seus desejos sob uma máscara de timidez elegante. “O que mais me espanta nele, e algo que me desagrada profundamente, é a facilidade com que disfarça o que vai em seu coração”, lamentava-se Patricol. 20 Um

professor moderno talvez dissesse que Alexandre era dissimulado e superficial.

Aos 16 anos, Alexandre obteve uma patente no Regimento de Infantaria do Sarre, comandado pelo duque. A paixão por mulheres atingiu novos extremos: para ele, não passavam de “troféus de guerra”. 21 Elaborava listas de todas as mulheres que conquistara, comparando as várias características e títulos. Instalado com a unidade, Alexandre seduziu as damas da povoação e as esposas do regimento – informando sempre orgulhosamente a madrasta Edmée de cada êxito. Aos 17 anos, e tendo há muito perdido a inocência, preferia mulheres casadas mais velhas, pois eram mais descontraídas e habilidosas nos debates. Laure – entediada, sensual, provocante e encantadora – era perfeita.

Enquanto Yeyette seguia viagem para a França, Laure deu uma notícia a Alexandre: estava grávida.

Yeyette havia esperado que a viagem fosse aterrorizante. No ano anterior, a prima Aimée desaparecera em alto-mar, e acreditava-se que tivesse sido raptada por piratas. Yeyette e os acompanhantes estavam instalados num navio mercante, o *Île de France*, que se dirigia ao continente num comboio liderado pelo *Pomone*. O tempo esteve implacável, com tempestades tão fortes que os passageiros acreditavam estar condenados. Joseph e a ilha enjoavam profundamente e morriam

de medo de uma batalha naval, pois o comboio era constantemente importunado por navios britânicos.

Apesar dos enjoos e dos britânicos, Yeyette chegou ao grande porto naval de Brest, na costa oeste da França, em 12 de outubro de 1779. Perplexa com a agitação, o frio e os sombrios céus outonais, a família pegou o que restava das bagagens e instalou-se na povoação. Yeyette não conseguia avistar a sofisticação francesa com que sonhara. Brest era uma das duas principais bases navais francesas, uma cidade composta de bares, bordéis e lojas. Agravando a situação, o pai estava doente e exausto. Esquecera-se de escrever à irmã antes da partida para informá-la da viagem. Aguardou uma semana até inalmente lhe escrever avisando de sua chegada, enviando a carta somente em 20 de outubro. Edmée esperava um aviso mais e icaz e teve de sair às pressas para buscar Alexandre e correr para Brest. O jovem soldado se enfureceu com a falta de aviso. Ficou de mau humor logo na partida e estava pronto para encontrar falhas na menina crioula que considerava muito velha para ser uma esposa adequada.

Ainda adoentada e sofrendo pela viagem, Yeyette se preparou para o encontro com o noivo. Euphémie a penteou e beliscou suas bochechas para lhes dar cor. Yeyette acreditava estar deslumbrante e recordava a forma como os homens a admiravam nos bailes do governador.

Encantou-se por Alexandre no momento em que o viu. Muito bonito aos 19 anos, o jovem estava soberbo na farda branca com botões e guarnições de prata. Ao contrário do desgastado pai de Yeyette, Alexandre era elegante, com o cabelo perfeitamente empoado e amarrado na altura da nuca. Yeyette admirou seus olhos azuis penetrantes e o nariz proeminente. Tudo nele correspondia aos ditames da beleza masculina da época – exceto o fato de ter uma altura abaixo da média.

Radiante e entusiasmada, Yeyette estendeu a mão. Alexandre itou-a, chocado. Era obcecado pelas aparências e já estava um pouco farto devido ao excesso de experiência com mulheres, e Mademoiselle de La Pagerie não era de modo algum o que esperava. Havia imaginado uma beleza trigueira, cheia de suave graciosidade e com um sorriso sensual, bem como a so isticação francesa. O que viu foi uma garota corpulenta com um sotaque crioulo carregado e modos grosseiros. Yeyette não entendia de moda e se sentia desconfortável com as vestes de pesado brocado e os penteados altos que teria de usar. Parecia uma menina nas roupas da mãe.

Alexandre mal foi capaz de esboçar um sorriso. Quando Yeyette falou foi ainda pior. Com pouca formação, desprovida de so isticação e estilo, a jovem que correra livremente ao sol abrasador do Caribe deveria estar

numa sala de aulas e não numa *soirée*. Que comparação medíocre com sua amante, Laure, cheia de glamour − Yeyette não tinha beleza nem talentos, e seu comportamento era execrável.

O jovem soldado estava habituado com mulheres perto de desmaiar com seu sorriso, portanto o fascínio de Yeyette não era novidade. Tornou-se óbvio que a garota desejava agradar e que ainda era virgem, mas ele tinha pouco desejo de levá-la para a cama. Apesar disso, Alexandre respeitava a madrasta Edmée e não havia como voltar atrás. Esforçou-se por amar Yeyette nos dias seguintes que passaram juntos. Ela se mostrava tão apaixonada que parecia vir a ser dócil. Talvez algumas aulas de etiqueta com Edmée e a dedicação de um costureiro pudessem aparar algumas arestas, pensou ele. “É provável que Mademoiselle de La Pagerie lhe pareça menos bonita do que o esperado”, escreveu ao pai, “mas julgo poder garantir-lhe que a afabilidade e a doçura da sua natureza superarão tudo o que lhe foi contado”. 22 Considerava Yeyette um nome ridículo, e a partir daquele momento passou a ser Marie-Josèphe-Rose, a mulher que Napoleão viria a tratar por Josefina.

Jose ina estava muito cega de paixão para compreender que o noivo era imune aos seus encantos. Edmée se encarregou da tumultuada situação. Garantiu à sobrinha que tudo corria maravilhosamente bem, depois levou o irmão a um tabelião em Brest. Incentivou-o a assinar um documento no qual concordava com o casamento e lhe cedia comando

absoluto. Doente e como sempre apático, ele aceitou, mesmo que a irmã tivesse obtido o direito de decidir sobre o dote e pudesse hipotecar todos os bens de La Pagerie para pagá-lo.

Em 2 de novembro, o grupo deu início à viagem de quase 500 quilômetros até Paris. Jose ina estava apaixonada. Segundo Edmée escreveu ao marquês, tinha “os sentimentos pelo seu ilho que esperaríamos, e observei com grande satisfação que lhe condiz”. 23 A jovem futura noiva olhava com admiração pela janela da carruagem a paisagem tão diferente daquela da Martinica e imaginava a vida com o novo marido.

A estrada começou a se encher durante a viagem. Carruagens de nobres damas, soldados a cavalo, camponeses com gado e jornaleiros em busca de trabalho ocupavam a estrada acidentada até a grandiosa cidade murada. Um lugar incompreensivelmente enorme e agitado de 600 mil almas, ao mesmo tempo um centro de luxo incrível e de pobreza abjeta, Paris surpreendia qualquer um, e ainda mais uma jovem vinda de uma fazenda na distante Martinica.24

Jose ina chegava por im à cidade com que sonhara com tamanha intensidade. As ruas eram ladeadas por casas elegantes, criados corriam com mensagens, senhoras desciam de carruagens e entravam em lojas ou em casas das amigas. O cheiro das ruas era tão forte que muitos

forasteiros desmaiavam na primeira visita. Fortalecida pela horrível jornada marítima, Jose ina foi olhando pela janela, apreendendo cada imagem até chegarem ao lar conjugal na rue Thévenot.

Era uma casa estreita de dois andares, situada perto do atual Les Halles. Tendo sido um dia elegante, a região estava agora um tanto degradada. A casa, antigo lar da avó do marquês, estava em ruínas e não fora reformada para o jovem casal porque ninguém se deu conta de que eles estavam chegando. Ainda assim, não deixava de ser grandiosa e imponente, com salões de recepção ornamentados com tapeçarias e lustres imensos. Era tudo muito diferente dos aposentos do engenho em La Pagerie.

O marquês e Edmée tinham deixado o apartamento luxuoso na rue Garancière para viverem com os recém-casados, enchendo a casa estreita e soturna. Jose ina sentia ainda mais saudades do belo cenário da Martinica – quando abria a janela, podia sentir o fedor pungente dos curtumes. Nas ruas vizinhas, açougueiros montavam barracas a céu aberto e jogavam os restos de carne no meio da rua.

Edmée não pretendia perder tempo. Tratou de encomendar o enxoval da noiva, mandou os proclamas serem lidos em três igrejas diferentes e o contrato foi assinado em 10 de dezembro. Na casa da rue Thévenot, Joseph aceitou entregar a ilha com o inacreditável dote de 120 mil *livres*,

soma escolhida pela irmã. A noiva oferecia presentes e mobiliário que lhe tinham sido dados pelos amigos e familiares na Martinica – generosamente avaliados em 15 mil *livres*. Edmée doou um chalé de verão em Noisy-le-Grand com todo o conteúdo, além de uma soma em dinheiro que lhe era devida pela herança de um familiar. Alexandre trazia uma renda anual de 40 mil *livres* das propriedades da família na França e em São Domingos.

Com essa fortuna, o jovem casal seria tão rico que ninguém desdenharia de Jose ina pelos modos grosseiros. Mas a fortuna só existia no papel. Não houve acordo para transportar a mobília da Martinica, e Edmée tinha direito ao usufruto do dote de Jose ina, que não poderia usufrui-lo até a morte da tia. Edmée avaliara a contribuição de Joseph com base no valor das propriedades no Caribe, mas a soma era impossível de obter. Mal conseguia pagar as despesas em Paris e ainda teria de dar 6 mil por ano ao casal, como juros do dote. A realidade era que os recém-casados viveriam dos rendimentos de Alexandre e de empréstimos.

Jose ina casou em 13 de dezembro de 1779. A gélida e sombria Igreja de Noisy-le-Grand encheu-se com amigos e familiares de Alexandre e foi dominada pelo novo sogro, o marquês. Jose ina icou praticamente sozinha. O pai estava muito doente para assistir ao matrimônio, e ela foi levada ao altar por um primo afastado. Euphémie, sua criada e provável

meia-irmã, era a única pessoa que a conhecia. Seria impossível deixar ainda mais clara sua posição de dependência e inferioridade. No registro, seu nome trêmulo e infantil “M.J.R. Tascher de La Pagerie” parece agora se destacar por ser a única assinatura feminina entre 14 nomes. 25

Alexandre conferira a si mesmo o título de visconde, embora ainda não tivesse direito a ele. Jose ina passou a ser, então, a viscondessa de Beauharnais. Nessa noite, Alexandre levou-a para a cama e obrigou-se a cumprir o dever. Após a primeira noite juntos, Jose ina passou a adorá-lo ainda mais.

“A união é responsabilidade sua, e a felicidade deles também passará por você”, escreveu a mãe da noiva a Edmée. 26 Era uma visão muito otimista dos poderes de Madame Renaudin. La Pagerie havia sido uma fraca preparação para a crueldade do novo mundo de Jose ina. As senhoras parisienses discutiam a iloso ia de Montesquieu e a política labiríntica da corte. Jose ina, que nunca assistira a uma ópera, nada sabia sobre poesia e não tinha como tecer comentários artísticos – sentia-se perdida. Nos bailes era tímida e rude, e todos riam dela pelas costas.

Recusou-se a ceder à tristeza. Repleta da *joie de vivre* da juventude, lembrava-se que estava casada com um homem bonito, que seria motivo de inveja entre as amigas da escola. Desejava entrar na sociedade da moda e ser uma boa esposa para o marido. Todos os dias esperava ansiosamente pelo convite para a corte, já que era prática corrente que

as noivas aristocráticas fossem apresentadas à rainha. Sonhava ver o Versalhes que o pai tanto enaltecia. A decisão acabou por chegar: como o marquês criara um título novo e a família já havia sido multada por reivindicar títulos falsos, o casal não tinha lugar em Versalhes. Alexandre icou furioso com o insulto e cheio de ressentimento para com os monarcas.

Alexandre se desesperava com os modos grosseiros da esposa, mas sua alma egoísta regozijava-se com a necessidade intensa que ela nutria por ele e com sua adoração fervorosa. Isso também o deixou complacente e convencido de que poderia tratá-la como bem quisesse. Humilhado com o comportamento provinciano de Jose ina, Alexandre deixava-a em casa sempre que visitava amigos e familiares para jantares e festas. Considerava-a infantil e excessivamente dependente, e as perguntas incessantes irritavam-no. Não gostava da aia, Euphémie, e considerava-a pouco so isticada (talvez também achasse que a semelhança de feições era muito óbvia). O cabelo brilhoso e acastanhado de Jose ina, os belos olhos e o coração gentil não tinham qualquer efeito sobre ele. Alexandre chamou Jose ina de “um objeto que não me diz nada”, retornando rapidamente ao regimento. 27 “Em vez de passar meu tempo em casa com uma criatura com quem nada tenho em comum”, escreveu Alexandre a Patricol, seu antigo tutor, “retomei, em grande medida, minha vida de

solteiro". A essa altura, Laure de Longpré estava com a gravidez avançada, e Alexandre apaixonara-se por ela. "Até agora só me liguei a pessoas incapazes de suscitar paixões violentas", escreveu sobre as conquistas anteriores a Laure. "Nunca senti o verdadeiro amor. "28

Com o marido ausente, a jovem viscondessa de Beauharnais sentia-se solitária, aborrecida e eternamente com frio. Os aposentos gelados e fechados da casa na rue Thévenot eram impossíveis de aquecer. O pai continuava doente e Jose ina ainda temia a tia. Escreveu ao marido, censurando-o por não lhe escrever. Na resposta, Alexandre acusou-a de tentar "envenenar o prazer que sinto na leitura do que escreve com acusações que meu coração não merece". 29 Jose ina suplicava-lhe atenção, queixava-se da infelicidade e repreendia-o por deixá-la sozinha.

Ele respondia com fúria. "Ela tem ciúmes", queixava-se, "e quer saber o que ando fazendo" .30

Farto das súplicas e da infelicidade de Jose ina, Alexandre decidiu realizar um projeto de transformação da esposa. Em público, Jose ina era socialmente constrangedora, e a fraca educação não a dotou de recursos para se entreter sozinha. Tinha de parecer uma mente realizada e formada e descobrir interesses que a distraíssem das queixas. Alexandre criou um plano para "recomeçar sua educação e reparar, graças ao meu zelo, os primeiros quinze anos da sua vida, negligenciados de forma tão

trágica” .31 Supervisionada pela tia Edmée, a viscondessa começou a estudar história e geogra ia, aprendeu de cor as obras dos grandes

poetas e leu a teoria do drama. Alexandre também pretendia corrigir sua

má postura e, para isso, contratou um professor de dança, numa

tentativa de imbuir a esposa do porte e da graciosidade exigidas a uma

parisiense.

Jose ina prometeu se esforçar e Alexandre a recompensou com elogios

rasgados. “Fico encantado com o desejo mostrado em melhorar-se”,

gabou-se. “Irá adquirir conhecimentos que a elevarão acima de todos os

outros e, combinando a sabedoria com a modéstia, tornar-se-á uma

mulher completa.” 32 Tinha muita esperança. Jose ina tinha bom gosto e sensibilidade, mas a mente era indisciplinada demais para absorver os

estudos sem uma grande força de vontade, e ela era muito preguiçosa

para tentar. Tinha um coração gentil e era generosa, mas tais qualidades

contavam pouco numa época em que a excelência feminina se de inia

pelos feitos e pela elegância. Aos olhos do marido, era o exemplo vivo dos

piores preconceitos da capital em relação aos crioulos ignorantes. 33 A esposa se mostrava incapaz em tudo – e, o que era ainda pior, não tinha

dinheiro.

Jose ina aprendeu pouca poesia e a dança não melhorou sua postura.

Exasperado, Alexandre tornou-se ainda mais intensamente ligado a

Laure de Longpré. A simples sugestão de uma separação de Laure o

deixava no “mais profundo desespero”. 34 Laure deu à luz o ilho na primavera, o que completou a conquista do seu coração.

Mas Jose ina tinha uma carta na manga. No início de 1781, após uma bem-sucedida visita do marido no inverno, ela teve certeza de que estava grávida. Alexandre icou satisfeito com a notícia e fez planos para se ausentar do regimento devido ao parto. Contudo, logo voltou a se desencantar, exasperado com a deplorável relutância da esposa em se melhorar. “Se minha esposa realmente me amasse, esforçar-se-ia [. .] por adquirir as qualidades que tanto admiro e que me uniriam a ela”, queixou-se a Patricol.35

Com pouco mais de um ano de casados, Alexandre e Jose ina estavam à beira da separação. Patricol se empenhou imediatamente na reconciliação do casal e escreveu a Edmée, encorajando-a a alertar a sobrinha para que contivesse suas exigências ciumentas: “a brutalidade e o autoritarismo são duas das piores maneiras de atrair um marido”. Era um bom conselho, mas Jose ina era incapaz de controlar as emoções. Grávida, solitária e receosa, ficou abatida e carente.

Em 3 de setembro de 1781, aos 18 anos, Jose ina deu à luz um menino, batizado Eugène Rose. Alexandre icou empolgado com o ilho legítimo. No entanto, passado um mês, voltou a perder a paciência com a esposa e sentiu-se afrontado por Euphémie assumir o papel de ama do menino.

Edmée decidiu mandá-lo num passeio pela Itália, esperando que a viagem o ajudasse a amadurecer e que o tempo longe de Laure de Longpré o levasse a apreciar a esposa. Jose ina voltou a icar sozinha. Lutava para administrar o dinheiro que a tia e o sogro decidiam lhe dar. Começou a contrair dívidas, usando como garantias os bens e o dinheiro constante do contrato de matrimônio.

Alexandre voltou no verão de 1782 e descobriu que o sogro Joseph, a madrasta e a tia tinham viajado para a Martinica. A pequena família arrendou então a própria casa na rue Neuve Saint-Charles. Alexandre estava encantado com a nova casa e satisfeito com Eugène, que era agora um menino agradável. Desenvolveu uma renovada gentileza para com Josefina, que rapidamente voltou a engravidar.

Alexandre achou que a esposa melhorara um pouco em relação aos primeiros dias como noiva. Ele havia desenvolvido uma paixão pela liberdade intelectual e pelo debate acerca de uma França futura, possuidora de uma constituição e de um governo político. Levou-a aos salões de Paris, fábricas de ideias da era pré-revolucionária. O romance *As ligações perigosas*, de Choderlos de Laclos, irrompera na vida social e todos debatiam suas inferências políticas. Até mesmo Maria Antonieta o lera às escondidas. As mulheres ganhavam destaque, sendo celebradas e poderosas na excitante fornalha de novas ideias. Jose ina escutava e

participava, mas era incapaz de conter o ciúme ao ver o marido lertando com todas, menos com ela.

Após algumas semanas com a esposa, Alexandre voltou a ter saudades de estar com Laure. Esgueirou-se de Paris no meio da noite, escrevendo a Josefina durante a viagem para lhe pedir perdão por "tê-la deixado sem uma despedida, por partir sem avisar, por fugir sem dizer, uma última vez, que sou todo seu". 36 Em Brest, não encontrou qualquer carta à sua espera. "Meu coração é dominado pelo amor pela minha esposa e pelo amor pela glória", mentiu descaradamente. "Se por acaso cedo ao segundo, é por seu bem e dos seus ilhos." 37 É claro que não se tratava da busca pela distinção marcial – ia passar algum tempo com Laure.

Informou-a de que o pai de Laure de Longpré falecera na Martinica e que Laure o acompanharia a bordo do navio.

"Beije o pequeno Eugène com todo o amor e proteja seu pequeno irmão", escreveu Alexandre enquanto aguardava pela partida, certo de que a criança no ventre de Jose ina era um menino. 38 Ele não icou muito satisfeito com a ausência de resposta de Jose ina. "Tal negligência é inconcebível", queixou-se. "Se, tal como começo a recear, nosso casamento indar, a culpa recairá inteiramente sobre seus ombros." 39

Sentia-se ofendido e abandonado, pois estava habituado a dedicar-se a mulheres mais velhas, que se derretiam diante de seus cuidados. Sem amigos, preocupada com a situação inanceira, grávida e mãe de um ilho

pequeno, Jose ina era incapaz de lhe dar o apoio necessário. Alexandre rabiscava melodramas no papel. “Por entre os riscos da guerra e dos mares, para onde parto em busca da morte, de todo lamentarei ver ser-me retirada uma vida cujos momentos se avaliam unicamente pelos infortúnios. ”40 Seguia a estratégia clássica de atacar a esposa para aliviar a própria culpa.

Alexandre acabou partindo no inal de dezembro e dividiu o tempo entre as censuras a Jose ina e os jogos de víspora com Laure. “Muitas vezes me senti entediado com o jogo, mas amplamente recompensado com o prazer originado da viagem”, escreveu à esposa, deliciando-se por esfregar sal na ferida.41

Alexandre chegou à Martinica em janeiro de 1783 e icou consternado. Não via a ilha desde os 5 anos e acalentou nos sonhos uma beleza tropical ordeira. Em seu lugar encontrou o caos e a indecência. “A moral, a imensidão de pessoas de cor, em seus trajes indecentes, sua forma de vida, as habitações, a aparência de libertinagem, tudo isso me espantou. ”42 Ficou profundamente desiludido com La Pagerie. Em vez de uma bela casa cercada por uma plantação cheia de vida, encontrou os sogros alojados na casa do açúcar, esforçando-se por controlar os escravos descontentes. Manette, a garota que primeiro cobiçou, tinha agora 14 anos e estava muito doente.

Na semana anterior à sua chegada tinham começado em Londres

negociações de paz, e Alexandre percebeu que não havia grande glória à espera de ser conquistada na Martinica. Começou tentando ser um bom genro, comentando um eventual casamento entre Manette e um de seus camaradas o iciais. “Sua mãe a ama e tem eternas saudades”, relatou à esposa.43 Mas em breve perderia o interesse e, passados apenas dois dias de estadia em La Pagerie, voltou a Fort Royal, mergulhando na vida social da ilha acompanhado por Laure de Longpré. Durante o dia, cansado e um pouco alterado pelo vinho, remoía a irritação que sentia pela esposa. Magoada e ofendida com a descortesia do marido e o romance incessante com Laure, Jose ina deixara de escrever. Alexandre mostrou-se, previsivelmente, agressivo.

“Por im tenho provas da sua inconstância! Vi tais provas com meus próprios olhos! Sim, com meus próprios olhos, vi que escreveu aos seus pais, e eu, apenas eu, fui esquecido”, rabiscou. “Se pretender informações acerca da minha pessoa, meu pai saberá sempre de mim, e através dele, caso se sinta curiosa, poderá descobrir em que país vivo [. .] Estou abandonado! ”44

Aos oito meses de gravidez, seria pouco provável que a esposa mantivesse algum romance ilícito, mas, ainda assim, Alexandre começou a ter crises de ciúmes. “Conhece bem meu caráter, fervente, tórrido, meus desejos são tão intensos como meus sentimentos e paixões.” 45 Em 10 de abril de 1783, Jose ina deu à luz uma menina, Hortense-Eugénie.

Ainda lutando com a falta de dinheiro e já sendo pressionada a pagar as dívidas, Jose ina vendeu joias para custear o batismo. Enviou uma carta sobre o nascimento aos pais, mas não ao marido.

Laure de Longpré soube da notícia e usou seus encantos traiçoeiros. Sugeriu que, uma vez que o bebê nascera prematuro de duas semanas, não seria ilho dele. Alexandre mergulhou num ódio profundo.

Encurralado na Martinica, insatisfeito e incomodado, decidiu que a esposa era tão devassa quanto o pai. Tudo se tornou claro: estava casado com uma meretriz.

Alexandre partiu em busca de provas. Interrogou os amigos e a família de Jose ina e tentou subornar e chantagear os escravos da plantação para que contassem histórias falsas contra ela. “Uma conduta tão baixa e métodos tão vis: como pode ser esse o comportamento de um homem culto e bem-nascido?”, escreveu Rose-Claire ao marquês, desesperada. “Nunca teria imaginado que ele se deixasse enredar dessa maneira por Mme. de Longpré. Ela virou completamente sua cabeça.” [46] Alexandre chegou a ameaçar matar Brigitte, uma das criadas de casa de maior con iança da família, caso não lhe fornecesse a informação desejada. “M. le Vicomte serviu-se de todos os meios para extrair algo desfavorável sobre a conduta da minha senhora”, registrou Brigitte. [47] Para Alexandre, a esposa era profundamente imoral. Mexendo cada vez mais na ferida, exigia a corroboração das suas fantasias mais alucinadas.

Jose ina, bem distante na França, nada soube a respeito das atividades de Alexandre. Continuou alheia a tudo, dedicando-se à ilha recém-nascida, na esperança de que o marido se cansasse de Laure. Depois de alguns meses nas terras férteis da sua adorada Martinica, talvez ele voltasse mais satisfeito.

19 Hanoteau, *Le Ménage Beauharnais*, p. 35.

20 Hanoteau, *Le Ménage Beauharnais*, p. 28.

21 Hanoteau, *Le Ménage Beauharnais*, p. 28.

22 Hanoteau, *Le Ménage Beauharnais*, p. 76.

23 Hanoteau, *Le Ménage Beauharnais*, p. 78.

24 Agora que Marie-Josèphe-Rose está em Paris, optei por referir-me a ela como Josefina – pois é agora que a sua vida realmente começa.

25 "Les Registres Paroissiaux de Noisy-le-Grand", *Bulletin de la Société de l'Histoire de Paris,* 1894, p. 126.

26 Hanoteau, *Le Ménage Beauharnais*, p. 87.

27 Hanoteau, *Le Ménage Beauharnais*, p. 34.

28 Hanoteau, *Le Ménage Beauharnais*, p. 37.

29 Hanoteau, *Le Ménage Beauharnais*, p. 85.

30 Hanoteau, *Le Ménage Beauharnais*, p. 55.

31 Hanoteau, *Le Ménage Beauharnais*, p. 102.

32 Hanoteau, *Le Ménage Beauharnais*, p. 87.

33 Montgaillard, *Souvenirs du Comte Montgaillard*, Paris, 1895, p. 85.

34 Hanoteau, *Le Ménage Beauharnais*, p. 52.

35 Hanoteau, *Le Ménage Beauharnais*, p. 103.

36 Hanoteau, *Le Ménage Beauharnais*, p. 124.

37 Hanoteau, *Le Ménage Beauharnais*, p. 125.

38 Hanoteau, *Le Ménage Beauharnais*, p. 130.

39 Hanoteau, *Le Ménage Beauharnais*, p. 130.

40 Hanoteau, *Le Ménage Beauharnais*, p. 137.

41 Hanoteau, *Le Ménage Beauharnais*, p. 149.

42 Hanoteau, *Le Ménage Beauharnais*, p. 151.

43 Hanoteau, *Le Ménage Beauharnais*, p. 152.

44 Hanoteau, *Le Ménage Beauharnais*, p. 162.

45 Hanoteau, *Le Ménage Beauharnais*, p. 162.

46 Masson, *Josephine*, p. 117.

47 Hanoteau, *Le Ménage Beauharnais*, p. 171.

3

“ABAIXO DE TODAS AS MERETRIZES DO MUNDO”

Num belo dia de agosto de 1783, Jose ina, então com 20 anos, estava com os ilhos na sala de estar da casa de verão em Noisy-le-Grand quando lhe informaram a chegada de uma uma visita. Em seguida, Laure de Longpré, que retornara da Martinica, irrompeu na sala – so isticada,

encantadora e dez anos mais velha do que Jose ina, ela se mostrou radiante com o prazer do triunfo. Entregou a Jose ina uma carta de Alexandre. Nada poderia tê-la preparado para seu conteúdo.

Jose ina leu a carta e soube que o marido se ocupara em reunir provas contra ela, tendo praticamente a certeza da depravação da esposa. “Irei conter-me, apesar do desespero que me assola a alma e da fúria que me preenche”, escreveu Alexandre. “Dir-lhe-ei sem rodeios que, para mim, a senhora é a mais vil das criaturas, e o tempo passado neste país revelou-me seu comportamento abominável.” A herança crioula que até então fora tão atraente revelava agora uma propensão para o vício a que ela entusiasticamente se dedicara. Dizia-lhe estar a par de suas relações com outros homens. “Não lhe peço contrição, pois sei que de tal é incapaz”, proferiu. “Uma mulher que na véspera da partida é capaz de receber um amante nos braços, mesmo sabendo estar prometida a outro, não tem consciência; está abaixo de todas as meretrizes do mundo.” E Alexandre acreditava que ela dera continuidade à terrível licenciosidade na França. O que, indagava-se, “devo pensar desta última ilha, que chegou oito meses e alguns dias após meu retorno da Itália?”. Adiantava que era “obrigado a aceitá-la, mas jurarei pelos céus que ela pertence a outro; pelas suas veias corre o sangue de um estranho!” Alexandre mostrou-se impiedoso. “Nunca, nunca mais me arriscarei a ser tão aviltado. Retire-se

para um convento assim que receber esta carta.” Nada o faria mudar de ideia. “Irei vê-la uma única vez na ocasião do meu regresso a Paris, para discutir temas práticos [. .] mas repito, nada de cenas nem de protestos.” 48

Madame de Longpré se afastou, com um sorriso de vitória nos lábios. Jose ina icou nauseada com o choque. O marido a odiava. Estava prestes a perder tudo: o marido, a casa e, como os homens icavam com a custódia dos ilhos, também Hortense e Eugène. Edmée e o marquês icaram horrorizados com a carta. Estando completamente dependentes de Alexandre, pois sua herança era o que custeava a casa onde viviam, prometeram a Jose ina que tentariam intervir. Mas as cartas do pai e da madrasta só serviram para enfurecê-lo. Quando chegou à França, em setembro, icou possesso ao saber que Jose ina ainda não havia saído da casa. Escrevendo enquanto estava hospedado em uma propriedade de Laure, Alexandre disse que seria impossível viverem juntos, pois seria eternamente “torturado pelas constantes imagens dos pecados que sabe serem do meu conhecimento”. Ela tinha duas alternativas: entrar para um convento ou voltar para o Caribe. E ele não daria ouvidos à família: “diga ao meu pai e à sua tia que quaisquer esforços por parte deles serão inúteis”. 49 Não poderia se divorciar, mas exilaria a esposa, passando então a viver como quisesse. Aos 20 anos, o futuro de Jose ina parecia

desolador.

“Volte ao seu pequeno país”, implorou sua mãe, “onde estamos de braços abertos para lhe receber [. .] e consolar pela injustiça sofrida”. 50

No entanto, Jose ina sabia que se voltasse a La Pagerie, teria de deixar os ilhos com Edmée. Além disso, na Martinica não seria nada, apenas uma ilha incômoda numa fazenda com problemas, incapaz de voltar a se casar, mesmo que algum homem se interessasse por ela. No inal de novembro de 1783 mudou-se para o convento Panthémont, na rue de Grenelle, em Saint-Germain. Eugène e Euphémie acompanharam-na. Hortense ficou para trás, pois era muito pequena para se separar da ama de leite. Em aproximadamente quatro anos de casamento, Alexandre passara meros dez meses com a esposa.

Com a ajuda da tia Edmée, Jose ina escolheu um convento particularmente elegante, que se dedicava a abrigar mulheres com antecedentes aristocráticos. Depois da garantia de que icariam isentas da instrução religiosa, as duas ilhas de Thomas Jefferson passaram a frequentar a escola do convento. Lado a lado com as freiras viviam damas de grande altivez, algumas residindo temporariamente devido à ausência dos pais ou maridos; outras, como Jose ina, tinham sido abandonadas. Essas residentes pagavam somas modestas para alugar tudo, desde uma pequena câmara a um grandioso apartamento de seis

cômodos com cozinha própria. Podiam deixar o convento, receber visitas e comportar-se como quisessem.

Em dezembro, Josefina encontrou-se com o juiz da corte para discutir o casamento. Mostrou-lhe as cartas furiosas que Alexandre lhe enviara da Martinica e comentou a in idelidade por parte dele. Disse que até o sogro acreditava ser ela a parte lesada. “O queixoso não pode submeter-se a tais indignidades”, decretou o juiz.[51] A magistratura de Paris ordenou que ela teria de permanecer no convento enquanto tinha início o processo legal de separação e que Alexandre teria de pagar as despesas dos ilhos e vários outros custos. Alexandre não o fez. Em vez disso, exigiu que o arrendamento da casa em Neuve Saint-Charles fosse liquidado, recusou-se a pagar-lhe as contas e pediu-lhe dinheiro – incluindo a soma que ela recebera depois de vender as joias para pagar o batizado de Hortense.

As senhoras presentes no Panthémont eram aristocratas, mais habituadas aos costureiros e aos salões do que à leitura da Bíblia. Tinham os mesmos passatempos do mundo exterior, que consistiam de dança, costura e debate. Jose ina, até então uma aluna medíocre, estava inalmente disposta a aprender. Percebendo que de nada podia depender além dos seus encantos e observando as mulheres que a rodeavam, apreendeu a arte dos movimentos graciosos e o fascínio da conversação. Suavizou a voz e perdeu o sotaque, praticou a arte da

insinuação murmurada e desenvolveu um tom de voz mais lento e rouco, que se tornou um de seus principais atrativos. Aprendeu a cobrir a boca com o lenço quando ria, para esconder os dentes arruinados pelo consumo excessivo de açúcar quando criança. Perdeu peso e descobriu como melhorar sua igura um pouco deselegante com vestidos justos, xales e uma postura perfeita.

As mudanças na moda ajudaram. Cansada dos vestidos rígidos, Madame Bertin, a modista de Maria Antonieta, encorajara a rainha a abdicar das armações e dos brocados nas ocasiões mais formais e a adotar um ar mais singelo. Depois do nascimento do ilho mais velho, em 1781, a rainha começou a perder cabelo e, por essa razão, ficou *à la mode* um penteado mais simples, popularizado pela pintora Elisabeth Vigée Le Brun. Os novos vestidos drapeados e os penteados mais naturais adequavam-se perfeitamente ao rosto e à figura de Josefina.

As mulheres do Panthémont transmitiram-lhe seus segredos. Jose ina aprendeu a fazer o melhor uso de cremes, loções, poções de branqueamento para o rosto e para as mãos e óleos para o cabelo. Provavelmente usou corante para realçar a cor do cabelo e passou tinta branca à base de chumbo no rosto. Outras mulheres traçavam as veias com lápis azul para sugerir a opacidade da pele, mas a de Jose ina era escura demais para essas simulações. Acrescentava um pouco de sombra

com *kohl*, bagas de sabugueiro e chegava até a aplicar fuligem nas sobrancelhas e nos longos cílios. E aprendeu a arte do *rouge*.

Na Grã-Bretanha e em outras partes da Europa, a tinta vermelha para o rosto era desdenhada por ser um arti ício das cortesãs, mas não havia dama francesa que icasse sem *rouge*. Em 1781, as francesas usavam 2 milhões de potes de *rouge* por ano. As damas da corte usavam grandes camadas, que iam do canto dos olhos até os lábios, ao passo que as esposas da pequena nobreza pintavam manchinhas de *rouge* no meio das bochechas. Jose ina cobria-se de toxinas, pois o melhor *rouge* era feito do vermelhão, obtido a partir de cinabre (sulfeto de mercúrio) esmagado, ou *creuse*, produzido a partir da imersão de placas de chumbo em vinagre. Houve quem morresse por cobrir o rosto com poções à base de chumbo – na Grã-Bretanha, a bela Maria Gunning morreu aos 27 anos devido ao uso excessivo de maquiagem.

Para um observador moderno, as francesas do século XVIII eram estranhas, pois tinham pouca cor nos olhos (salvo, talvez, um toque de *rouge*, o que não seria, de modo algum, agradável), enquanto as faces chamejavam com um vermelho de aspecto falso. O *rouge* era a pintura de guerra – recordava o rubor sexual e dava um ar de boneca às mulheres.

Os gastos anuais de Jose ina com a compra de rouge ultrapassariam os 3 mil francos. [52]

Aos 21 anos, ela não era uma grande beleza, nem “exatamente

bonita” .53 Tinha cerca de um 1,50 m – uma altura respeitável para uma mulher – e era magra, com quadris estreitos, mas costas relativamente largas. Graças a uma infância descalça, tinha pés pequenos e atraentes. O pé era uma parte bastante erótica do corpo da mulher, pois raramente era visto a partir do momento em que as saias aumentavam de comprimento, por volta dos 15 anos – era mais frequente que um tornozelo bem torneado enlouquecesse os homens do que um seio generoso. O novo estilo de roupas luidas revelava com mais facilidade os pés, e Jose ina fazia o possível para expor os seus sempre que tinha oportunidade.

A viscondessa encantava com o tom de voz baixa e a graciosidade sensual que desenvolvera cuidadosamente no convento. Tinha cabelo encaracolado castanho, feições delicadas e boca pequena. A tez escura era ocultada com base branca. A característica mais atraente eram os volumosos cílios que vibravam em torno dos olhos luminosos, brilhantes em seus tons verdes e da cor do âmbar, e que chamavam a atenção masculina. As mulheres se indagavam quanto à natureza da atração de Jose ina. Os homens percebiam-na imediatamente. Ela os fazia pensar no *boudoir*54.

No início de 1785, Alexandre retirou Eugène do convento. Jose ina escreveu à magistratura de Paris para se queixar, e o visconde e a

viscondessa foram convocados ao Châtelet. O caso foi resolvido em março. Jose ina ganhou. Segundo os termos da separação, poderia residir onde quisesse e usar o dinheiro do dote. Alexandre teria de lhe pagar 5 mil *livres* por ano, além de outros mil anuais para Hortense, até que esta izesse 7 anos, e 1.500 a partir daí. A menina viveria com a mãe até o casamento. Eugène seria levado pelo pai aos 5 anos, mas passaria o verão com a mãe. O inconsequente Alexandre teve ainda de se retratar. As autoridades não encontraram provas das acusações de imoralidade e obrigaram-no a assinar um documento em que retirava as queixas e admitia que "errou ao escrever à dita senhora as cartas de 12 de julho e de 20 de outubro de que ela se queixa, e que ele admite terem sido inspiradas pelas paixões e pela cólera da juventude". 55 Jose ina fora declarada inocente. Contudo, tratava-se de uma vitória ingrata, pois estava numa posição impossível: uma mulher sem apoio masculino e que não podia voltar a se casar.

Em pouco tempo se juntou ao marquês e à tia Edmée na nova casa em Fontainebleau. Na época uma aldeia um pouco provinciana, a cerca de 60 quilômetros a sudeste de Paris, e cercada por uma exuberante loresta, Fontainebleau era totalmente dominada pela residência de caça real de mesmo nome, um palácio enorme e rebuscado, consideravelmente ampliado por Francisco I e Henrique II. Durante a época de caça, com a

chegada da corte e a aristocracia instalando-se nas casas, a aldeia sofria uma transformação. Jose ina, com o rosto embranquecido, as faces vermelhas com o *rouge*, magní ica num vestido solto e com um penteado simples, poderia inalmente desempenhar o papel da crioula tão sensual quanto a própria Martinica. Em pouco mais de um ano, transformara-se de uma menina desajeitada em uma sofisticada sedutora – e precisava de um homem a quem seduzir.

Em Fontainebleau, Jose ina tinha um grupo social reduzido mas agradável da pequena nobreza, com partidas de jogos de cartas, passeios e, por vezes, até mesmo um baile. Eugène foi enviado para viver com Alexandre. Jose ina já esperava perder o ilho e mostrou-se resignada com a situação, mas Euphémie lamentou a partida. O tutor enviou uma carta, supostamente de autoria do jovem, à mulher que por certo seria sua tia, dizendo que “não havia necessidade de seis páginas para lhe expressar minha eterna gratidão pelo cuidado e pela gentileza que sempre me deu” .56

Os credores de Jose ina deixaram-na em paz depois da notícia do acordo de casamento, mas em Fontainebleau começaram a retornar. Alexandre não lhe pagava o estipulado. Suplicou dinheiro ao pai, mas este mal lhe conseguia dar quaisquer dos 6 mil *livres* anuais prometidos na época do casamento. “Conhece-me o su iciente, querido pai”, escreveu

Jose ina, “para saber que se não fosse a terrível necessidade que tenho de dinheiro, nada lhe diria além de palavras de carinho”. 57 O marquês de Beauharnais empregara-o como administrador de suas propriedades na Martinica e Joseph fracassava redondamente em fazê-las dar lucro, ou mesmo em mantê-las funcionando. O marquês enviou cartas com ordens e sugestões, mas os rendimentos continuaram diminuindo. Além disso, o próprio marquês já não era tão rico como antes, pois a pensão do governo havia sido cortada. Pouco sobrava para Josefina e a filha.

O rei gostava de caçar três ou quatro vezes por semana, e nobres de todo o país chegavam a Fontainebleau para seguir a procissão. Realizavam-se semanas inteiras de espetáculos, jogos e bailes. Jose ina queria chegar à corte. Procurou imediatamente travar amizade com François Hüe, encarregado da caçada real, e logo lhe foi garantido o raro privilégio de acompanhar a caçada, algo que não havia sido permitido ao seu marido. Não tinha autorização para se aproximar do rei, mas podia desfrutar dos banquetes suntuosos e apreciar os jogos. A viscondessa estava a caminho do êxito social.

A corte com que Jose ina se deparou em sua primeira temporada de caça de 1786 estava atormentada. Maria Antonieta tinha 30 anos de idade e havia recentemente dado à luz a quarta criança, a princesa Sophie Hélène Béatrice. A bebê era frágil e Luís José, o del im, adoecia

com frequência. A rainha era alvo de críticas por gastar milhões de *livres* em bugigangas, bem como em um palácio para os ilhos em Saint-Cloud e numa versão fantasiosa da vida campestre de Petit Trianon em Versalhes, com um modelo de aldeia com doze casas, moinhos de vento e pombais, além de uma vaca leiteria feita de mármore com baldes de prata para o leite. Ali, ela e as damas de companhia podiam brincar de ser camponesas, admirando ovelhas perfeitamente cuidadas.

Cartuns escabrosos sugeriam que um nobre sueco, um visitante ávido em Versalhes, conde Axel von Fersen, era o pai de Sophie. [58] Os parisienses consumiam cartuns que retratavam Luís XVI como um marido traído gordo e tolo, enquanto a rainha imoral manipulava a França segundo os desejos austríacos. Maria Antonieta surgia cercada por seus favoritos sexuais, divertindo-se com sua amante lésbica, a princesa de Lamballe, numa corte pervertida e perdulária.

No verão anterior, Maria Antonieta recebera uma carta do joalheiro Charles Auguste Boehmer, em que ele manifestava sua gratidão e explicava que, em breve, estaria na posse da rainha um belíssimo conjunto de diamantes. Maria Antonieta pediu a Madame Campan, a camareira-mor, que interpretasse o signi icado da carta, mas Madame Campan não conseguiu. A rainha decidiu que era um assunto irrelevante e o ignorou.

Boehmer referia-se a um colar impressionante de quase 650 diamantes, o qual havia muito tempo tentava vender pela soma astronômica de 1,5 milhão de *livres*. O cardeal de Rohan, que esperava cair nas boas graças de Maria Antonieta, adiantara parte do dinheiro na sequência de um encontro secreto fora do palácio, em que ela lhe dissera que sim, efetivamente seria apreciado caso o izesse. O colar foi enviado. Quando Boehmer exigiu o resto do dinheiro a Maria Antonieta, ela disse que não tinha o colar nem nunca o solicitara.

O rei pediu explicações ao cardeal de Rohan, tendo este apresentado uma nota assinada por Maria Antonieta em que aceitava as joias. Descobriu-se que a nota fora forjada por uma vigarista que pagara a uma mulher de pouca virtude para que imitasse a rainha durante o tal encontro noturno e que depois se apoderara do colar. O cardeal foi detido e julgado pelo Parlamento de Paris, que o absolveu, argumentando que fora enganado pela vigarista. Maria Antonieta declarou inocência, mas até quem acreditava nela icou bastante perturbado pelo fato de qualquer um poder pensar que a rainha compraria um colar em segredo – e marcaria um encontro noturno para discutir a transação, como uma prostituta esgueirando-se pelas sombras. As grá icas izeram hora extra para produzir caricaturas atacando a mulher que arruinava o país com a demanda por bens de luxo. Ela e o in lado e vasto palácio de Versalhes

tornaram-se os bodes expiatórios para as di iculdades econômicas da França e para o poder excessivo dos estados austríaco e alemão. Quando Jose ina se juntou à caçada, o caso do colar de diamantes continuava a dividir os cortesãos.

A corte francesa era odiada em Paris, mas em Fontainebleau esqueciam tudo e entregavam-se aos festejos. Havia esplendor, rituais e a tradição da corte e dos galanteios às damas. A enorme caravana da corte precisava de mulheres jovens e belas, e a viscondessa de Beauharnais era perfeita.

Jose ina foi convidada para saraus, bailes, concertos e festas organizados pelos membros da corte. Deleitava-se com a companhia glamourosa, com os opulentos cafés da manhã servidos à sombra das árvores e com o tropel dos cavalos. Empolgada por acompanhar a caçada e excitada com a proximidade da realeza, muitas vezes chegava em casa ensopada de chuva, ruborizada com o exercício e ansiosa por repetir. Era a primeira oportunidade que tinha de sentir um prazer livre desde que chegara à França, mas tal liberdade tinha um preço. Precisava de dinheiro para vestidos, joias e entretenimentos, bem como para visitas a Paris. Sem marido ou família, só havia uma maneira de uma mulher bonita conseguir dinheiro. Jose ina estava decidida a explorar sua juventude. Tal como uma pessoa amiga escreveu, como se sentia

desesperada por possuir os “prazeres luxuosos do seu tempo”, descobriu que seu poder de “encanto lhe garantia certas vantagens”. Não se interessava pela sociedade bem-educada e, de fato, “desa iava abertamente a opinião pública” .59 A viscondessa fazia um jogo perigoso. Começou a depender da bondade dos generosos amigos mais velhos, como o banqueiro Denis de Rougement, que a convidou para se hospedar em sua casa em Paris. Aproveitou o Chevalier de Coigny, vinte anos mais velho, e o conde de Crenay, que era casado. Percebera que os homens da sua idade eram di íceis e exigentes. Os cavalheiros mais velhos a mimavam, apreciavam seus encantos, lhe ofereciam belas joias e pagavam pelo seu tempo.

Em 1786, Jose ina gastava o dinheiro de homens ricos, mas seu recém-adotado país estava à beira da falência. O governo não podia contrair mais dívidas. O controlador-geral pediu ao rei que convocasse uma Assembleia de Notáveis – 144 membros da aristocracia, do clero e do governo – para informá-los que os impostos deviam ser aumentados. A Assembleia exigiu a criação de uma comissão de supervisão de inanças que fosse separada do governo real. O rei respondeu dissolvendo a Assembleia. Os governos provinciais, bem como o de Paris, declararam que só os estados-gerais, que não eram convocados desde 1614, podiam emitir tais exigências.

A aristocracia continuou alegremente no caminho para a devassidão.

Entretanto, Jose ina decidiu repentinamente viajar para a Martinica.

Denis de Rougemont emprestou-lhe 6 mil *livres*, ela pediu outros mil emprestados à tia, vendeu alguns bens e comprou passagens a bordo do

Sultan para viajar com Hortense e Euphémie.

Não era um bom momento para deixar a França. Eugène estava

prestes a chegar para a visita de verão, Edmée não estava bem e fariam

a viagem para a Martinica durante a temporada dos furacões, por mares

carregados de navios britânicos hostis. Mais tarde, Hortense declarou

que Jose ina pensava na própria "mãe idosa, que esperava ver uma

derradeira vez". 60 Ela também pretendia garantir a renda das propriedades. Mas havia outros motivos para a viagem, além do dinheiro

e dos sentimentos familiares. Fora amante de vários homens e era muito

provável que estivesse fugindo porque algum escândalo tinha irrompido,

tendo considerado melhor ausentar-se durante algum tempo. Se

Alexandre soubesse de alguma das infelizes acusações, poderia espalhar

boatos contra ela ou até mesmo tentar obter a custódia de Hortense.

Após um ano na periferia da excessivamente dispendiosa corte francesa,

Josefina estava endividada e em apuros – precisava fugir.

O *Sultan* chegou em 11 de agosto de 1788. Jose ina icou encantada

por ver a família e os escravos à sua espera em La Pagerie. No início,

permaneceu de modo discreto na fazenda. A pequena Hortense assumiu

facilmente o papel de *grande dame*. Certo dia encontrou moedas de cobre, que distribuiu entre os escravos – foi repreendida pela avó por se fazer passar por superior, sendo apenas uma criança. Após um ano, Jose ina começou a passar mais tempo nos bailes e recepções de Fort Royal, dando uso à experiência conquistada em Fontainebleau. Escreveu à tia Edmée, pedindo que lhe enviasse uma dúzia de leques e um vestido de baile de musselina.

Na Martinica a agitação social era crescente. Os escravos viam os jornais, ouviam falar sobre os escravos livres e escutavam as conversas particulares dos donos. Ficaram sabendo ainda que a América estava a caminho de abolir a escravatura e que por quase toda a Europa havia debates in lamados sobre a emancipação. Logo circulava pelo Caribe a literatura abolicionista. Os negros livres da Martinica criavam comitês e exigiam igualdade em relação aos brancos.

Em 31 de agosto de 1790 houve uma manifestação de escravos em Saint-Pierre, que se transformou em levante quando brancos desfavorecidos e soldados sem posses se uniram aos protestos. A turbulência se disseminou e logo em seguida Fort Royal mergulhou no caos. O tio de Jose ina foi detido e os escravos tomaram o forte. Jose ina decidiu que ela e Hortense deveriam partir imediatamente.

Acompanhadas por Euphémie, apressaram-se para chegar ao porto e

embarcaram no *La Sensible*. Enquanto corriam, uma bola de canhão pousou a poucos metros delas.

Jose ina partiu em longa viagem transatlântica, sendo obrigada a usar roupas improvisadas, feitas com material da carga do navio. Os escravos foram derrotados pouco depois de sua partida. Os líderes foram espancados até a morte em público e tiveram as cabeças penduradas em postes em torno da ilha. Contudo, as sementes da mudança tinham sido plantadas. A Martinica não voltaria a ser a mesma.

A França também sofreu alterações profundas em apenas dois anos. O mundo de Josefina tinha virado de cabeça para baixo.

48 Archives Nationales, Paris, Y 13,795.

49 Hanoteau, *Le Ménage Beauharnais*, p. 183, *in* Mme. la Comtesse C. D'Arjuzon, *Joséphine contre Beauharnais,* Paris, 1906.

50 Hanoteau, *Le Ménage Beaharnais*, p. 184.

51 Hanoteau, *Le Ménage Beauharnais*, p. 201.

52 Victor du Bled, *La Société Française du XVIe au XXe Siècle,* Paris, Perrin, 1901, p. 312.

53 Mme. de Rémusat, *Mémoires*, vol. 1, p. 34.

54 Quarto lindamente decorado, usado pelas mulheres para dormir, vestir-se, relaxar e entreter-se.

(N.E.)

55 Mme. la Comtesse C. D'Arjuzon, *Josephine Contre Beauharnais*, pp. 13-19.

56 In D’Arjuzon, *Joséphine contre Beauharnais*, p. 65.

57 Aubenas, *Impératrice*, I, p. 151.

58 Ao mesmo tempo, Fersen escreveu a Maria Antonieta como Josefina.

59 Jacques Janssens, *Josephine*, p. 86.

60 Queen Hortense, *Mémoires*, I, p. 30.

4

REVOLUÇÃO

Enquanto Jose ina dançava nos bailes em Fort Royal, Versalhes mergulhara na tristeza. “Morte do meu ilho à uma da manhã”, escreveu Luís XVI em seu diário. O del im de 7 anos morreu em 4 de junho de 1789, emaciado e coberto por chagas. A bebê Sophie já havia morrido. No inal do ano, o rei era um homem sitiado. O inverno de 1789 fora o mais gelado de que se tinha memória. Os amigos de Jose ina patinavam nos lagos gelados e degustavam bebidas quentes à frente das lareiras, enquanto os pobres sofriam, revirando tudo em busca de lenha e comendo migalhas de pão velho em seu desespero. Mais de 20 mil mendigos perambulavam à procura de comida na zona em torno de Versalhes. O governo deu trabalho a 12 mil na colina de Montmartre pela mísera soma de 20 *sous* por dia.

Em 4 de maio de 1789 ocorreu o primeiro encontro dos estados-gerais, com representantes do clero, da nobreza e do povo – advogados, mercadores e artí ices. Alexandre de Beauharnais foi o representante de Blois, sua cidade ancestral. Quando, em 17 de junho, os estados-gerais foram reformulados para criar a Assembleia Nacional, Alexandre se tornou peça-chave, aliando-se ao grupo de nobres liberais que exigiam a

reforma. Ofendido com a anterior exclusão da corte, dedicou-se de corpo e alma ao novo papel. Sentia, por fim, que alguém o escutava.

No dia 11 de julho, o rei dispensou Jacques Necker, conselheiro inanceiro da corte e pai de Madame de Staël. Quando a notícia chegou às ruas, os teatros fecharam as portas e homens armados marcharam pela cidade, entoando o nome de Necker. A violência prosseguiu. Em 14 de julho, o rei escreveu "*rien*" no seu diário de caça, querendo dizer que não caçara nada nesse dia. Em Paris, uma multidão de mais de 100 mil pessoas armadas atacou a Bastilha, libertando os prisioneiros e matando o governador. O duque de Liancourt foi a Versalhes dar a notícia ao rei, que ainda estava na cama. "É uma revolta?", quis saber o monarca. "Não, Majestade", retorquiu o duque. "É uma revolução." Alexandre e os camaradas deputados se deliciavam com a queda da Bastilha, marco que anunciava a chegada da verdadeira revolução. No dia seguinte, alguns dos cortesãos mais odiados – como a duquesa de Polignac, con idente da rainha – decidiram fugir, mas o rei e a rainha recusaram-se a partir.

Mesmo com um verão de motins por pão e manifestações sangrentas, o rei e seus cortesãos continuaram a caçar e a desfrutar de cafés da manhã regados a champanhe.

Em 5 de outubro, uma segunda-feira, o rei caçava na loresta perto de Versalhes. Já havia abatido mais de 80 animais quando lhe disseram que

um imenso grupo de trabalhadoras deixara Paris naquela manhã, com o intuito de exigir cereais e farinha ao soberano – além de concessões democráticas. O rei ordenou que se abrissem as portas dos celeiros, mas a turba não se deixou paci icar. Ao cair da noite exigiam os corpos dos soberanos. Às quatro da manhã invadiram os aposentos do palácio; ao meio-dia os monarcas estavam a caminho da capital, cercados pela multidão eufórica, com as cabeças dos guardas espetadas na ponta de varas e sendo agitadas em torno do casal real. No palácio, o único som que se fazia ouvir era o das portas e janelas sendo fechadas. Trancada e deserta, a corte fantasma de Versalhes agigantava-se no centro dos jardins ornamentais e dos parques arborizados, a relíquia odiada de uma monarquia nos estertores da morte.

"Os reis que são aprisionados não estão longe da morte", disse a rainha a Madame Campan. [61] No dilapidado palácio das Tulherias, em Paris, o rei andava em círculos em seus aposentos, enquanto a rainha procurava dar aos ilhos uma falsa ilusão de normalidade. Decoraram os aposentos com mobiliário e ornamentos de Versalhes, com cortinas escondendo as manchas de umidade das paredes e a madeira apodrecida dos caixilhos. Em Versalhes, os membros da realeza não passavam de iguras distantes que nada viam, além de vestes de brocado, cabelos empoados e mobílias douradas. Nas Tulherias passaram

a ver rostos imundos e desdentados colados às janelas, e sua carruagem era presenteada com lama, atirada sempre que saíam.

Alexandre e os camaradas deputados propuseram que o rei entregasse o comando militar à Assembleia Nacional, tendo ainda elaborado outras alterações que visavam à instituição da igualdade no seio da vida francesa, por meio, por exemplo, da abolição da monarquia hereditária. A Assembleia Nacional con iscou as terras do clero, que compunham praticamente 10% da França. As altas posições na Igreja, no governo e nas forças armadas foram abertas à população, deixando de icar reservadas à aristocracia. Alexandre foi empossado como um dos secretários da Assembleia. O soldado da pequena nobreza, corrupto e mulherengo, para quem acompanhar a caçada era um gesto ridículo, era agora um homem de poder, um dos governantes da França revolucionária.

Em 29 de outubro de 1790, depois de uma travessia complicada, Jose ina, Euphémie e Hortense desembarcaram do *La Sensible*, em Toulon. A França estava completamente mudada. Todas as aldeias e povoações continuavam enfeitadas com bandeiras e festões e com os tributos à liberdade, e as árvores das praças envergavam as boinas vermelhas da liberdade. Até a linguagem era diferente: os cidadãos tratavam-se cada vez mais por “*tu*”, embora, em 1792, a forma de

tratamento mais corrente e aceita fosse “*citoyen*” e “*citoyenne*”.

Os muros e as casas de Paris estavam cobertos de boinas vermelhas, itas e palavras de ordem. Em Fontainebleau, os abrigos de caça e as belas montarias continuavam ilesos. As o icinas dos perfumistas estavam calmas, a fábrica de Sèvres produzia artigos de porcelana que ninguém comprava, e as bordadeiras, os seleiros e os cabeleireiros sofriam com o desemprego, enquanto os confeiteiros lutavam pelo que restava do trabalho aristocrático.

Jose ina ixou residência no número 953 da rue Saint-Dominique, perto da elegante Boulevard Saint-Germain. Vivia com Désirée Hosten, uma compatriota crioula com uma ilha de 13 anos que adorava brincar com Hortense. Euphémie também estava com ela, além da leal ama de Hortense, Marie de Lannoy, e o novo cão de Jose ina, Fortuné , um *pug* mal-humorado, mas iel. Foi em sua nova casa que recebeu a triste notícia da morte do pai, falido, aos 55 anos.

Madame Hosten era uma mulher de tendências verdadeiramente revolucionárias. Com ela, Jose ina aprendeu a nova maneira de sobreviver: como se vestir, comportar e falar como um membro da classe operária (ou, pelo menos, o conceito que a aristocracia tinha de tais pessoas). Jose ina, que abominava a rigidez da moda e da etiqueta e nunca conseguira falar de modo devidamente afetado, estava confortável.

Reagindo contra Versalhes, as mulheres da década de 1790 deixaram de ser enfeites requintados com espartilhos tão apertados que as impediam de se sentar numa carruagem. Esconderam as joias debaixo da cama e entregaram os aros dos vestidos às crianças, para que estas brincassem. A mulher decorativa com leque era o símbolo odiado da sociedade aristocrática parasita. Jose ina podia inalmente livrar-se das vestes pomposas e desconfortáveis que tanto abominava.

A jovem cidadã Beauharnais usava agora túnicas simples listradas de vermelho e azul em homenagem à cidade de Paris, chapéus discretos e joias de ferro e aço. O cabelo encaracolava-se sem pó em torno do rosto – a nova ortodoxia ditava que a farinha era para alimentar os pobres e não para adornar os penteados das classes mais altas. 62 Ainda se usava um pouco de *rouge* nas faces, mas num estilo simples, muito mais adequado à elegância despreocupada. Seguia a moda e, à luz certa, era bela. Era a mulher revolucionária ideal: roupas simples, prática e muito informal.

Tinha tudo de que precisava – salvo o fervor pelo desmantelamento dos privilégios aristocráticos e reais. Acreditava que o tratamento a que Luís XVI e Maria Antonieta tinham sido submetidos era horrível e não grati icante. Contudo, guardava as opiniões para si e todos acreditavam que se tratava de uma amiga da Revolução. Bastava que parecesse nutrir esperança pelo futuro.

A corte foi substituída por uma nova sociedade de salões parisiense. A

cidade fervilhava com intrigas, discussões e reuniões dos homens que tomavam as decisões, e, enquanto esposa de Alexandre, Jose ina ganhou um novo estatuto que lhe garantia o acesso a qualquer salão desejado. Tudo parecia possível e o povo imaginava um país novo, livre dos privilégios aristocráticos e da opressão monárquica, um país que emergiria, como fênix, das cinzas da Revolução. “A nação ansiava por uma felicidade sem limites”, escreveu Madame de Staël, e “nunca se viu tanta vida e tanto intelecto”. 63 Seu salão foi vital na direção política governamental. Foi ali que Jose ina encontrou os homens que davam forma ao país e que também transformariam sua vida. Entre eles estava o impiedoso ex-sacerdote Abbé Sieyès e o bispo manco que se transformara em republicano, Charles Maurice de Talleyrand, que tentara seduzir Madame de Staël a im de alcançar suas ambições. O aristocrata de 36 anos, expulso da Igreja por ter uma amante, convencera o rei a promovê-lo a bispo, tendo conseguido, graças a isso, sobreviver à Revolução. Talleyrand era o mais hábil e ardiloso político que Josefina viria a conhecer.

Em suas novas vestes listradas simples, Jose ina teve acesso a todos os salões, foi elogiada, admirada, convidada para bailes, óperas, piqueniques no campo e recepções. Jose ina, que nunca fora introduzida na corte, era um exemplo ideal da mulher excluída pelo pedantismo mesquinho de

Versalhes, além de uma vítima perfeita. Era requisitada, e gastou dinheiro como se não houvesse amanhã.

Por baixo de todas as conversas animadas, dos vivas e das boinas da liberdade, a França estava falida. As multidões cresciam e recusavam-se a esperar muito mais pelo pão que lhes fora prometido.

Às 22h30 da segunda-feira, 20 de junho, os dois ilhos sobreviventes dos monarcas foram retirados das Tulherias, meio adormecidos e disfarçados com vestes pesadas de lã, e en iados numa carruagem com a ama. A jovem princesa perguntou ao irmão o que ele achava que eles estariam fazendo. “Deve ser uma brincadeira”, respondeu ele, “pois estamos com estas roupas estranhas”. 64 O rei e a rainha, Isabel, irmã do monarca, e seus acompanhantes juntaram-se às crianças, todos disfarçados de criados com xales e chapéus compridos. A coroa e o manto de Luís foram escondidos no meio da bagagem guardada sob os bancos. O rei fora por im convencido a fugir de Paris e a dirigir-se à fronteira, onde tropas monarquistas e exércitos estrangeiros o protegeriam e permitiriam que reivindicasse concessões.

Os membros da família real ingiriam ser criados de uma nobre, a baronesa de Korff, papel representado pela governanta. O rei seria o valete. Junto às muralhas da cidade, o grupo foi transferido para uma enorme carruagem feita por encomenda e guardada por três homens de

libré amarelo.

Às 11 horas da noite seguinte, o grupo mal disfarçado de criados chegou à pequena povoação de Varennes-en-Argonne, onde tentaram desesperadamente trocar de cavalos. A enorme carruagem e os guardas de amarelo chamavam a atenção. Foram reconhecidos e capturados a apenas 40 quilômetros da vila forti icada de Montmédy, onde esperavam ficar a salvo.

Quando se soube da fuga real, Alexandre estava em seu segundo dia como presidente da Assembleia. Ele enviou cavaleiros para buscar a comitiva real e declarou que a Assembleia icaria em sessão contínua até que os fugitivos fossem apreendidos.

Em 25 de junho, a família real foi arrastada pelas ruas de Paris diante de multidões de espectadores. Madame Campan cuidou da rainha em seu retorno às Tulherias, descobrindo que o cabelo da monarca embranquecera por completo.

Alexandre de Beauharnais era o herói do momento. A fuga do rei foi um ponto decisivo. Os moderados, que acalentavam a ideia de uma monarquia constitucional – ou de um rei com poderes limitados por uma forma de governo eleito −, sentiram-se terrivelmente traídos. Os partidários de esquerda viram con irmada a ideia de que o rei e a rainha eram traidores perigosos que tinham como objetivo chegar à Áustria,

declarando, posteriormente, guerra à França. Os membros do poderoso Clube Jacobino pró-revolução – que pretendiam a igualdade, juntamente com os defensores da classe operária, os *sans-culottes* – icaram enfurecidos. Maria Antonieta foi quali icada como a conspiradora corrupta, uma mulher que não teria qualquer escrúpulo em trair o país.

Em setembro de 1791, a constituição, há tanto tempo em preparação, foi assinada pelo rei. Luís dispunha apenas de direito de veto, e o país seria governado por uma Assembleia Legislativa, eleita por três quartos dos homens adultos que compunham a população. “A Revolução acabou!”, celebrou o povo. Fogos de arti ício e fogueiras iluminavam os céus. Um balão de ar quente pairou sobre o Champ de Mars, com uma bela cauda de itas vermelhas, brancas e azuis. A Champs-Élysées foi enfeitada com luzes das Tulherias e todos eram encorajados a celebrar. “Parecia que a Revolução fora concluída”, comentou Madame de Staël.[65]

As multidões acolheram alegremente os fogos de arti ício, mas continuaram furiosas. “Esta assembleia não tem salvação. É um bando de canalhas, loucos e tolos”, escreveu Maria Antonieta. [66] Os aristocratas de salão do círculo de Jose ina viviam numa bolha dourada. Os vinte teatros parisienses tinham lotação esgotada todas as noites, e tanto os bailes como as recepções continuaram. Os aristocratas acreditavam genuinamente que, assim que o poder e os gastos do rei fossem reduzidos, a fúria popular seria abrandada e tudo voltaria ao normal.

Esperavam manter os privilégios e poder colocar as mãos em uma boa parte do dinheiro e do luxo que antes fora exclusividade de Versalhes.

Em 20 de junho de 1792, aniversário da fuga para Varennes, os guardas permitiram a entrada de uma multidão nos jardins das Tulherias. Eles irromperam pelos aposentos do rei com piques e machadinhas e colocaram uma boina vermelha em sua cabeça. Dançaram e cantaram ao longo de duas horas, obrigando-o a beber à saúde do país, enquanto a rainha abraçava os ilhos, aterrorizada. À noite, a ordem foi restaurada, mas todas as portas tinham sido arrombadas, as mobílias partidas e os cortinados arrancados. O rei e a rainha eram como animais no jardim zoológico e não tinham para onde fugir.

No inal do verão de 1792, o júbilo se dissipou e o dinheiro recém-emprestado ao país se esgotou. Com os monarcas aprisionados, o povo precisava de alguém para culpar por sua pobreza. Voltaram a atenção aos aristocratas. “Vamos enforcar todos os aristocratas”, bradavam as multidões que se manifestavam. Membros da corte de Versalhes foram detidos e encarcerados. Alexandre deixou Paris, indo servir no exército em Blois. Jose ina e os amigos, cada vez mais receosos, redobraram os esforços para parecerem cidadãos comuns.

O governo esperava que a prisão da família real fosse acalmar os

ânimos. Em 9 de agosto, a Guarda Nacional foi enviada para as Tulherias, com ordens para levar o rei e sua família para a prisão. Chacinaram os cortesãos e quinhentos guardas suíços, além de várias centenas de camaradas, que foram confundidos no tumulto. O saibro icou tingido de sangue e coberto de membros decepados. “Quantas folhas!”, foi o único comentário do rei à saída. Após uma breve parada num convento, a família real foi levada para a Torre do Templo, perto da Bastilha. “Nunca retornaremos”, lamentou-se a con idente de Maria Antonieta, a princesa de Lamballe, a loura afetada tão odiada pelo povo.

No mês seguinte, multidões de jacobinos e *sans-culottes* invadiram as prisões e mataram muitos dos cortesãos restantes, bem como centenas de camponeses, criadas, lojistas e crianças, no que ficaria conhecido como “Massacres de Setembro”. Jose ina se escondeu em casa com os ilhos, grata por nunca ter frequentado a corte. Estava su icientemente próxima das prisões para ouvir os gritos de 1.600 homens, mulheres e crianças que foram julgados em tribunais improvisados e libertados, ou então retalhados. As multidões admiravam a nova e eficiente máquina de matar instalada à frente da Câmara Municipal. As tardes passadas com “Madame la Guillotine” tornaram-se um entretenimento popular, com o povo reunido para assistir, segurando “programas” que elencavam os condenados.

Estavam sedentos de sangue. A querida da rainha, a princesa de Lamballe, foi levada perante um tribunal montado às pressas. Quando se recusou a declarar seu ódio pela família real, foi atirada à multidão, estuprada, morta, mais uma vez agredida, e por im cortaram-lhe os seios. A turba jubilante espetou sua cabeça num pique, as vísceras em outro, e depois levaram as partes em procissão pelas ruas de Paris. A cabeça chegou até a ser levada ao cabeleireiro, para que penteasse as madeixas louras. Depois, a cabeça foi transportada à Torre, para que a rainha pudesse lhe dar um derradeiro beijo nos lábios. A visão horrenda da cabeça da princesa na ponta de uma lança aparecendo na janela foi demais mesmo para os endurecidos guardas, e eles se apressaram em fechar as persianas para que a rainha não a visse. A multidão des ilou ao longo da tarde e então abandonou a cabeça, que foi recolhida por um bondoso cidadão que pediu que fosse concedido um enterro decente aos restos mortais da princesa.

Ninguém estava a salvo. O príncipe de Salm, amigo comum de Jose ina e Alexandre, se ofereceu para abrigar Eugène e Hortense em sua propriedade no campo e depois retirá-los da França. Foi dito às crianças que passariam umas breves férias de verão. Eugène, habituado à separação, mostrou-se entusiasmado com a viagem, mas Hortense, com 9 anos, sentiu muitas saudades da mãe. “Sinto-me comovida por

lamentares estar longe de tua mãe, mas, minha querida, não será por muito tempo", escreveu Jose ina. "Espero que a princesa [de Salm] retorne na primavera, caso contrário eu mesma irei buscá-la. "67

O resto da Europa observava com horror o que se passava na França. Catarina II, da Rússia, encorajava uma intervenção ativa, com aprovação da Áustria, Espanha, Prússia, Saxônia e Suécia. Em 20 de abril, a França declarou guerra à Áustria. Alexandre, que servia no exército em Estrasburgo, icou furioso ao saber que os ilhos tinham sido enviados para fora, pois via como dever deles permanecerem em Paris. Exigiu ao príncipe de Salm que os devolvesse. Então Alexandre enviou Eugène para uma escola em Estrasburgo e disse a Jose ina que poderia icar com Hortense em casa.

Em 26 de dezembro de 1792 teve início o julgamento de Luís XVI. No dia 15 de janeiro de 1793 ele foi considerado culpado por colaborar com forças contrarrevolucionárias. Às duas da tarde de 20 de janeiro, Luís soube que morreria no dia seguinte, aos 38 anos. Suplicou três dias para preparar a alma, mas lhe foram negados. Maria Antonieta pediu para que ela e os ilhos passassem a noite com o rei, mas Luís informou-os que precisava de paz para se aprontar. As crianças icaram em tal estado histeria que Luís só as convenceu a sair ao dizer a elas que voltariam a se encontrar pela manhã. Mas, chegada a hora, o rei saiu discretamente,

pois não tinha coragem de se despedir.

Por volta da mesma hora em que Luís foi informado de seu destino, montava-se uma guilhotina na Place de la Revolution (anterior Luís XV e atual Place de la Concorde). Durante a noite, locos de neve caíram sobre a lâmina. Pela manhã uma grande plateia se aglomerou, esfregando os dedos gelados e comprando pãezinhos quentes dos vendedores que percorriam a turba. O rei chegou às 10h15, vestindo calções cinza, colete cor-de-rosa e uma casaca de seda castanha, imaculadamente elegante e de cabelo arranjado como se estivesse em Versalhes. Tendo recusado que o executor amarrasse suas mãos, subiu para a plataforma, despiu a casaca e o colete e começou a falar: “Meu povo, morro inocente”, mas sua voz foi abafada pelo rufar dos tambores. Luís foi obrigado a se ajoelhar, a lâmina caiu e sua cabeça caiu no cesto. Os espetadores molhavam os lenços no sangue para tê-los como *souvenir*.

Maria Antonieta aguardava, esperando poder vê-lo uma última vez, até que ouviu as multidões no exterior gritarem a morte do rei. Um dos guardas levou-lhe um presente do rei – a aliança de casamento, com a inscrição “M.A.A.A., 19 Aprilis 1770”, do tempo em que fora Maria Antonieta, arquiduquesa da Áustria.

“Uma grande nação deixara que naquele dia lhe maculassem a história, com um crime que o futuro nunca viria a perdoar”, disse Madame de

Staël.68 Quase imediatamente, os aristocratas deixaram de se vangloriar pelos esforços intelectuais. Agora, tremiam de medo por suas vidas.

Cães famintos percorriam a cidade. Deixados à própria sorte após a morte ou fuga dos donos, bebiam o sangue nas sarjetas e ameaçavam os que se aventuravam pelas ruas. Foram enviados soldados para matá-los, e os habitantes de Paris tapavam os ouvidos para o som dos tiros dispersos. Nas ruas jaziam 3 mil carcaças caninas, até que as autoridades as recolheram, usando as carruagens con iscadas da aristocracia, nas quais se empilharam os cães mortos.

No início de março ocorreu o primeiro levante pró-monárquico, na zona da Vendeia. O Comitê de Salvação Pública foi elevado a governo e, em julho, Maximilien de Robespierre foi eleito às suas ileiras. Com sua entrada para o governo, a França avançou em direção ao desastre.

A Convenção Nacional propusera a libertação dos escravos nos domínios franceses. Um representante dos colonos da Assembleia declarou que ele e os outros ilhéus brancos preferiam “morrer a admitir tal infâmia!” Mostrou-se intransigente em suas ameaças. “Se a França enviar tropas para fazer cumprir o decreto, é provável que decidamos abandonar a França.” 69 Em 1793, os latifundiários agiram. Em vez de se submeterem à abolição da escravatura pretendida pela França, entregaram a ilha à Grã-Bretanha. A pátria de Jose ina era agora britânica. A notícia foi um duro golpe às suas inanças. Quando a frota

britânica instaurou o bloqueio à navegação, não houve forma de receber dinheiro da família ou das propriedades pertencentes a Alexandre. A bondade dos homens voltou a se fazer sentir. Ela pegou dinheiro emprestado com amigos, ao mesmo tempo em que se dedicou ao mercado negro, com uma rede que vendia bens parisienses à Bélgica.

As coisas não corriam muito melhor para Alexandre. Em 1793 foi nomeado chefe do Estado-maior do Exército, mas a subida ao cargo coincidiu com uma série de terríveis fracassos. Em 23 de julho, os austríacos recuperaram Mainz e o general francês foi obrigado a recuar, deixando para trás 20 mil soldados para serem mortos. Alexandre colocou o cargo à disposição, algo que foi imediatamente aceito, baseado no fato de ele "não ter a força nem a energia moral necessárias a um general do Exército republicano". 70 Na véspera, a Convenção decretara que ninguém de ascendência aristocrática poderia ocupar cargos de importância.

Os fracassos veri icados na campanha austríaca serviram para lembrar a todos da antiga rainha, ainda presa no Templo. No primeiro dia de agosto, envergando uma simples túnica preta e com as posses reduzidas a pouco mais do que um lenço e alguns sais de cheiro, Maria Antonieta foi levada para uma cela na prisão pública da Conciergerie. Lá, em troca de dinheiro, os carcereiros exibiam a prisioneira 280 a um

público ávido. Ela manteve a cabeça erguida, aceitou favores de lojistas ainda iéis e esperou que os antigos relacionamentos viessem ao seu auxílio. Mas o Comitê de Salvação Pública acreditava que a única forma de unir de initivamente as classes operárias à República seria executar a rainha.

Na segunda-feira 14 de outubro de 1793, Maria Antonieta foi levada perante o tribunal revolucionário. Debilitada, de cabelo branco e usando a túnica preta esfarrapada, aos 38 anos foi julgada por traição – acusada de dar dinheiro ao irmão, o imperador da Áustria, participar de orgias e outros atos terríveis. Maria Antonieta negou tudo. “Se não respondi, é porque a própria Natureza se recusa a assumir tal acusação imposta a uma mãe”, declarou ao ser acusada de incesto com o ilho. Serena e majestosa, tinha certeza de que o castigo seria o exílio. Perto das 4 da madrugada, entregaram-lhe o veredito e obrigaram-na a declamá-lo. Foi considerada culpada de todas as acusações.

Às 7 da manhã do dia 16, a iel criada dirigiu-se à cela, levando comida à rainha condenada. Maria Antonieta vestiu uma túnica branca lisa enquanto era observada pelos carcereiros, seu cabelo foi cortado e as mãos amarradas, tudo isso sob protestos de que o marido não fora humilhado dessa maneira. Ao passar pelas Tulherias, os olhos se encheram de lágrimas. Às 12h15 a multidão aplaudiu quando sua cabeça

caiu no interior do cesto. O corpo não recebeu tratamento especial ao chegar ao cemitério onde o marido estava enterrado. Os coveiros estavam no intervalo do almoço, e a cabeça e o corpo da rainha icaram à espera na grama úmida.

A cidade era um lugar terrível e assustador, devastada e enferma como se tivesse sido atormentada pela peste negra. As pessoas denunciavam empregados, vizinhos, amigos e amantes, e receavam constantemente serem acusadas de traição, conspiração ou sentimentos antirrepublicanos. Quase toda a companhia da Comédie-Française foi encarcerada por comportamento suspeito. Mulheres eram arrastadas das camas onde davam à luz para a guilhotina; maridos e esposas estavam tão ansiosos para salvar a própria pele que aplaudiam a morte dos entes queridos.

Os alegres salões foram fechados e as mulheres se vestiam com trapos, para que ninguém as notasse. Notre-Dame foi rebatizada com o nome Templo da Razão, as igrejas foram destruídas e as estátuas dos santos estraçalhadas, as peças de bronze roubadas e fundidas. No inal de 1792 instituiu-se um novo calendário republicano, com um descanso a cada dez dias, em vez dos costumeiros sete. Robespierre declarou que passaria a existir uma nova religião: o culto do Ser Supremo. As ruas com nomes de santos seriam rebatizadas – com nomes de legumes,

implementos agrícolas ou patriotas do passado. A Convenção aprovou a “Lei dos Suspeitos”, ordenando a detenção de todos aqueles cujos comentários – ou mesmo conexões – os revelassem como “partidários da tirania”. Todos os que pertenciam a círculos aristocráticos corriam o risco de serem detidos. Jose ina trocou rapidamente a rue Saint-Dominique por Croissy, uma povoação tranquila perto de Paris, onde esperava manter a discrição. Ocupou com Madame Hosten a Maison Rossignol, uma casa elegante decorada ao estilo Luís XIV, construção anteriormente pertencente à Madame Campan, que ainda vivia nas redondezas. Jose ina declarou-se cidadã da República e levou Eugène para servir de aprendiz de um carpinteiro local e Hortense para aprender costura.

A vida em Croissy era tão calma e segura quanto possível naquelas circunstâncias. Jose ina olhava pelas janelas um grandioso palacete oculto por árvores imponentes. Pertencia aos aristocratas locais, os Molay, e se chamava Malmaison. Tornou-se amiga próxima de Madame Campan, antiga camareira-mor. Também conheceu Jean-Lambert Tallien, o deputado radical de 25 anos do Comitê de Salvação Pública, homem astuto, inteligente e sempre pronto a mudar de lado. De qualquer maneira, ela levava uma vida tranquila.

Jose ina, no entanto, era con iante demais. As atenções do Comitê se viraram para a família Beauharnais, ordenando a detenção de François, o

irmão ostensivamente monarquista de Alexandre. Jose ina escreveu suplicando clemência para Marie, a esposa de François – e, por extensão, para si mesma e Alexandre. Sabia bem que, geralmente, assim que um membro da família era levado, o resto em breve o seguiria. Ela apresentou suas credenciais republicanas. “Se ele [Alexandre] não fosse republicano, não seria detentor da minha estima nem do meu afeto. Sou americana e ele é o único membro que conheço da família [. .] a minha casa é uma casa republicana; antes da Revolução, não havia como distinguir meus ilhos dos *sans-culottes*, e espero que sejam valorosos para a República.” 71

A descrição que Josefina fazia de si mesma como americana, e não uma crioula dona de escravos, era quase ridícula. “Escrevo-lhes sinceramente enquanto genuína *sans-culotte*”, redigiu de sua bela mansão, com as joias escondidas em caixas nos pisos superiores. Eugène e Hortense podiam se vestir discretamente, mas, tal como a mãe, estavam longe de ser *sans-culottes* – indivíduos normalmente esfarrapados da turba revolucionária. Não houve resposta para a carta e Jose ina não conseguiu a reunião que desejava. Em março de 1794, Alexandre foi detido sob suspeita de tentar minar o Estado. Foi levado à prisão de Luxemburgo e depois para Les Carmes. Jacques-Louis David, pintor e arquirrevolucionário, assinou o mandado de captura. “Todos os dias me levavam centenas para assinar e,

no calor do momento, nem sempre lia tudo o que assinava", diria mais tarde.

Tentando libertar o marido, Jose ina ocupou-se escrevendo a várias pessoas. Assim, selou o próprio destino. O Comitê de Salvação Pública recebeu uma carta que denunciava Jose ina e Madame Hosten por gerirem um "ponto de encontro de suspeitos". O autor da carta dizia ao Comitê: "Cuidado com a antiga viscondessa de Beauharnais, que tem relações secretas e ligações com elementos do governo. "72 No im da noite do Domingo de Páscoa, os cidadãos Lacombe e George chegaram para revistar a casa de Jose ina e de Madame Hosten. Os dois homens realizaram minuciosamente a missão. "Após a mais escrupulosa das buscas", relataram, "não encontramos nada antagônico aos interesses da República; pelo contrário, vimos uma grande quantidade de cartas patrióticas que só servem para louvar a cidadã". 73 Claro que esse tratamento justo se revelou insigni icante. No dia seguinte, as duas mulheres foram detidas. Jose ina não teve coragem de acordar os ilhos. "Não era capaz de vê-los chorar", disse à ama, Mademoiselle de Lannoy. 74 Ela e Madame Hosten foram levadas para Les Carmes, a mais infame prisão de Paris. Alexandre já estava lá, desesperado e adoecido. Aos 30 anos de idade, Jose ina estava condenada. Ninguém esperava sair vivo de lá.

Les Carmes, antes um convento, rapidamente icou infestada de

ratazanas e piolhos. As paredes continuavam manchadas de sangue, após os Massacres de Setembro. Em seu interior, 300 reclusos esperavam pela execução. Jose ina partilhou uma cela no primeiro andar com outras mulheres, onde também se encontrava a duquesa d'Aiguillon, além de centenas de ratos. Eles teriam vista para o jardim, mas as janelas estavam fechadas e viam pouco a luz do dia. O conteúdo fétido dos baldes que serviam de latrina transbordava nos corredores, e todo o espaço fedia a miséria humana. Muitos prisioneiros estavam resignados e jaziam seminus, praticamente incapazes de se lavar ou de se preocupar com o que os rodeava. Do lado de fora, como bem sabiam, as ruas em torno da guilhotina eram constantemente lavadas com sangue. Jose ina sentia saudades dos ilhos. "Um abraço para ambos do fundo do meu coração", escreveu a Hortense.75

Os prisioneiros sofriam, mas pelo menos havia comida. Durante a hora das refeições no refeitório – primeiro os homens e depois as mulheres –, cada prisioneiro recebia meia garrafa de vinho e a quantidade de pão velho que conseguisse comer. À tarde, quando os prisioneiros iam ao pátio para tomar ar, maridos e esposas, mães e ilhos aproveitavam algumas horas juntos. Jose ina tinha muitos amigos ali, entre eles o príncipe de Salm, capturado após o retorno à cidade para devolver Hortense e Eugène.

No dia seguinte à sua entrada, Jose ina viu o marido na área recreativa. Alexandre icara encantado por uma das companheiras de cela de Jose ina, Delphine de Custine, viúva loura de um general, a quem ele chamava “rainha das rosas”. Mesmo assim, icou devastado – se não mesmo surpreso – ao ver a esposa na prisão, e preocupado que os ilhos estivessem desprotegidos.

Na parte da tarde os prisioneiros conversavam, caminhavam e jogavam cartas na área recreativa. O Tribunal Revolucionário normalmente recolhia os condenados à guilhotina pela manhã, embora as carroças voltassem em busca de mais durante a tarde. Os prisioneiros se mostravam corajosos: foi convencionado que se limitariam a dar adeus aos companheiros, ostentando uma expressão confiante. Afinal, todos que observavam uma vítima sendo levada sabiam que poderiam ser levados no dia seguinte. O inal do período recreativo era um momento de alívio, já que o tribunal não costumava aparecer à noite.

Como muitas outras mulheres, Jose ina passou a usar o cabelo curto, para evitar que o executor o cortasse no momento da morte. Além disso, o cabelo curto era mais prático numa prisão infestada de piolhos onde era rara a possibilidade de lavá-lo. No entanto, acima de tudo, as mulheres pretendiam manter a dignidade de poder cortar o cabelo quando desejassem. Uma semana após a chegada à prisão, tanto a saúde

como o ânimo de Jose ina icaram debilitados. Ela chorava em desespero e icava perturbada sempre que via um conhecido sendo levado pelo tribunal. Lançava mão das cartas de tarô para tentar descobrir quanto tempo lhe restava.

Seu único consolo era o carinho dos amigos. À medida que as semanas se arrastavam, alguns prisioneiros se encolhiam solitários, com medo de conversar e serem acusados de conspiração e guilhotinados. Jose ina tentava sempre se manter falando. Ajudava-a a bloquear a dor. A bela e ousada Grace Elliott, antiga amante do duque d'Orléans, declarou que ela era "uma das mulheres mais realizadas e afáveis que já conhecera". 76

Acreditava que Jose ina estivera do lado dos revolucionários, mas que agora mudara completamente de a inidades. Jose ina também travou amizade com a encantadora jovem de 20 anos Thérésa Cabarrus, amante de Jean-Lambert Tallien. Conheceram-se quando ele recebeu ordens de estender o Terror até Bordeaux. Ela havia regressado a Paris com ele e sido imediatamente aprisionada. Ao contrário dos outros prisioneiros infelizes, Thérésa ensinou Josefina a encontrar esperança.

Em Les Carmes as leis morais do mundo exterior eram esquecidas. Alheios ao tempo que lhes restava, cada um procurava o amor onde conseguisse encontrá-lo. Era muito fácil subornar um guarda para sair da cela, esgueirar-se pelas trevas e chegar ao catre de outra pessoa.

Todos queriam esquecer a dor que sentiam, mas as mulheres tinham um bom motivo para isso: quando uma prisioneira icava grávida, seu nome era retirado da lista dos potenciais guilhotinados e ela saía brevemente do cativeiro para dar à luz.

Jose ina apaixonou-se pelo jovem e bonito general Lazare Hoche, um pouco mais novo, em seus 27 anos, mas um homem carismático e imponente de cabeleira negra e encaracolada. Preso ao ser denunciado por seus inimigos do Exército, era um bom partido. Como era um prisioneiro valioso, dispunha de cela própria, onde desfrutava de excelente comida e bons vinhos. Pouco mais de uma semana antes de ser preso, casou-se com a bela Adelaide Dechaux, de 16 anos. Continuava apaixonado, mas foi incapaz de resistir à atmosfera febril da prisão.

Jose ina rapidamente o seduziu, e deram início a um caso intenso. Estava livre para passar seu tempo com Hoche e empregar todas suas armas: a forma atraente de falar, o toque suave das mãos, a conversa sedutora. Esgueirava-se para a cela dele noite após noite. Todavia, passados 26 dias, ele foi transferido para a Conciergerie, onde seria interrogado e julgado.

Com Hoche a caminho da guilhotina, Jose ina se sentiu desesperançada. Certa de que nunca escaparia, morria de saudades dos ilhos, que tiveram a excelente ideia de enviar mensagens por intermédio

de Fortuné, o *pug* mal-humorado, mas inteligente, da mãe. Ele passava por baixo do portão da prisão, escapava das ratazanas e encontrava a

dona, que lhe retirava as mensagens debaixo da coleira. As cartas,

segundo as palavras de Jose ina, “ izeram-me muito bem”. 77 Os irmãos enviaram uma carta comovente ao Tribunal na qual suplicavam a

libertação dos pais, mas ela foi simplesmente arquivada e esquecida.

Certo dia, uma mulher portadora de uma mensagem de Jose ina

dirigiu-se a Mademoiselle de Lannoy pedindo-lhe que as crianças fossem

entregues aos seus cuidados durante algumas horas. Levou-os à prisão,

onde icaram num pátio. Abriu-se uma janela, e os dois viram a mãe e o

pai. Hortense gritou de felicidade, o que alertou uma sentinela, obrigando

a mulher a levar dali as crianças.

Em 22 de junho foi aprovada uma nova lei que negava aos acusados o

direito a defesa ou a um contrainterrogatório. Não haveria necessidade

de provas concretas. Com isso, teve início a pior fase do Terror. Homens e

mulheres, ricos e pobres, eram julgados em grupos de 50 indivíduos e

apressadamente executados.

Em 21 de julho, Alexandre foi chamado à Conciergerie para seu

julgamento. Segundo contou à esposa, um grupo de prisioneiros dera seu

nome após um interrogatório. “Sou vítima de diversas calúnias infames

praticadas contra mim por vários aristocratas, que se intitulam

patriotas.” Sentia-se injustiçado por ser considerado “mau cidadão”.

Enviou uma madeixa de cabelo aos ilhos e escreveu uma carta

comovente a Jose ina, consciente, ao redigir cada palavra, que sua morte

tornaria a dela inevitável.

“Perdi qualquer esperança de voltar a vê-la, minha amiga, ou de abraçar meus queridos ilhos. Não enumerarei meus lamentos: o tenro afeto que sinto por eles e a ligação fraternal que me une a você não deixará dúvida quanto aos sentimentos com os quais abandono a vida

[. .] Adeus, minha amiga, reconforte-se com meus ilhos, console-os com o esclarecimento e, acima de tudo, ensinando-lhes que através da virtude e do dever cívico deverão apagar da memória a minha execução e recordar os serviços por mim prestados à nação e a procura pela sua grandiosidade. Adeus, você sabe quem eu amo; reconforte-os e, com seus cuidados, faça-me viver em seus corações. Adeus, pela última vez na minha vida aperto você e meus queridos filhos contra meu peito.” 78

Em 23 de julho, com outros 48 réus, Alexandre apresentou-se diante

do Tribunal Revolucionário. Todos, exceto dois, foram considerados

culpados. No dia seguinte foi levado para a guilhotina, juntamente com o

príncipe de Salm. A multidão em torno da Place de la Nation aplaudiu

quando a cabeça de Alexandre caiu dentro do cesto. Jose ina se tornara

viúva.

Ela perdeu o alento ao ouvir a notícia e se retirou para a cela. Jose ina

sabia que seria a próxima. “Meus ilhos, vosso pai morreu no cadafalso e

à vossa mãe acontecerá o mesmo”, escreveu. Recordou a vida na

Martinica e depois se lançou em louvor de Alexandre, que, “tendo feito de

mim a mais feliz das esposas, viria a me tornar a mais gloriosa e infeliz das mães. Ah, meu querido Alexandre! Quão breves e belos os momentos

passados juntos, e como parecem longos e miseráveis os dias que se arrastam desde que a morte os destruiu” .79

Seu tempo se esgotava.

Cinco noites após a execução de Alexandre, os prisioneiros ouviram sons aterrorizantes: os tambores do chamado às armas e os gritos e clamores de quem era levado. Josefina e os outros prisioneiros barricaram a prisão o melhor possível. Na manhã seguinte, o guarda foi buscar o catre dela. Uma das companheiras de cela, a duquesa d’Aiguillon, exigiu saber se ela receberia uma cama melhor. “Não, não, ela não vai precisar”, respondeu o guarda, com um sorriso terrível, “porque virão buscá-la para a Conciergerie, e daí para a guilhotina” .80

As mulheres começaram a chorar. Calmamente, tal como recordado pela duquesa, Jose ina “disse-lhes que a dor era absolutamente irracional, que ela não só não morreria, como seria a *rainha da França*”. A duquesa julgou que ela havia enlouquecido, mas lhe fez a vontade, perguntando se já teria nomeado o séquito. “Ah! É verdade, não tinha pensado nisso. Bem, minha querida, prometo que será minha dama de honra.” As mulheres choraram ainda mais.

Nessa tarde, quando Jose ina levou a duquesa à janela para confortá-la, viram uma camponesa que gesticulava para elas, obviamente desesperada por se fazer perceber. Jose ina olhou-a, sem entender,

enquanto a mulher erguia repetidamente as saias. “Gritei-lhe: *Robe!* Ela gesticulou para mostrar que eu estava certa; depois pegou numa pedra,

que guardou nas saias e voltou a mostrar, pegando na pedra com a outra

mão: *Pierre!* voltei a gritar.” Com isso, a mulher fez um gesto como se cortasse o próprio pescoço e depois começou a dançar. 81 Jose ina itou-a: *Robe? Pierre*? Percebeu então. Robespierre estava morto. “Vejam”,

comentou, dirigindo-se às companheiras de cela, “ serei a *rainha da*

França.” Devolveram-lhe a cama e ela passou “a melhor noite da sua vida” .82

Em 26 de julho, Thérésa Cabarrus enviara a Jean-Lambert Tallien uma

adaga e uma carta, condenando-o por não tê-la salvado. “Morro

desesperada por ter pertencido a um covarde como você”, escrevia.

Fosse pela carta ou por recear em breve seguir o destino da amante na

prisão, Tallien decidiu agir. No dia seguinte, quando Robespierre estava

no meio de um discurso à Convenção, Tallien brandiu a adaga e gritou

“Abaixo o ditador!” Era o sinal para que os camaradas de conspiração,

Paul de Barras e Louis Fréron, o seguissem.

Os deputados se viraram contra Robespierre, que fugiu para o Hôtel

de Ville. Barras irrompeu pelo edi ício e Robespierre foi levado. Tentou

suicidar-se, mas só conseguiu despedaçar o maxilar. Ficou se esvaindo

em sangue sobre uma mesa no Comitê de Salvação Pública e depois foi

levado para a mesma cela que Maria Antonieta ocupou. Centenas de

parisienses seguiram a carroça que o levou à guilhotina. Sempre

impecavelmente vestido, Robespierre foi colocado à frente de uma multidão furiosa, com o maxilar preso com uma faixa e a casaca azul ensopada de sangue. O povo aplaudiu quando foi guilhotinado.

Os jacobinos eram agora o novo inimigo. Barras, Tallien e Fréron eram os heróis. Tallien se tornou presidente da Convenção. O Terror chegava ao im. Surgia um novo sistema político no carrossel que era a França setecentista: o Termidor. Fundado com base na esperança da igualdade, deixou poucas marcas na história, salvo o nome de uma receita de lagosta.

Dias mais tarde, em Les Carmes, Jose ina foi posta em liberdade. Havia sido uma das primeiras escolhidas, graças à intervenção pessoal de Tallien. Ao receber a notícia, ela desmaiou. Perdera o marido e muitos amigos. Passara três meses e meio na prisão e tinha a saúde debilitada. Felizmente, não estava sozinha. O general Hoche também escapara à guilhotina e pretendia reatar o romance.

61 Fraser, *Marie Antoinette*, p. 281.

62 Kybalová et al., pp. 223-230.

63 Madame de Staël, *Considerations sur la Revolution Française*, p. 101.

64 J.W. Croker, *Essays on the Early Period of the French Revolution,* 1857, p. 121.

65 Madame de Staël, *Considerations sur la Revolution Française*, part 2, p. 248.

66 Klinckowstrom, *Le Comte de Fersen & la Cour de France*, vol. 1, pp. 208-9.

67 Josephine, *Correspondance 1782–1814*, orgs. Chevallier, Catinat & Pincemaille, p. 16.

68 *Memoirs de Madame de La Tour du Pin*, p. 177.

69 William Cohen, *The French Encounter with Africans*, p. 115.

70 Masson, *Josephine de Beauharnais*, pp. 186-7.

71 17 janeiro 1794, Josefina ao Comité, Josephine, *Correspondance*, org. Chevalier, p. 17.

72 Masson, *Josephine de Beauharnais*.

73 Masson, *Josephine de Beauharnais*, p. 210.

74 Queen Hortense, *Mémoires*, vol. 1, p. 34.

75 Josefina a Hortense, *Correspondance*, p. 19.

76 Grace Elliott, *Journal of My Life*, p. 188.

77 Josefina a Hortense, *Correspondance*, p. 19.

78 Coleção de Manuscritos, Museu La Pagerie, Martinica.

79 Memórias e Correspondência da imperatriz Josefina, coligidas por Regnault, Paris, 1820.

80 Georgette Ducrest, *Mémoires sur l'Impératrice Joséphine: La Ville, la cour et les salons de Paris sous l'Empire*, Paris, 1828, vol. 1, p. 55.

81 Ducrest, I, p. 59.

82 Ducrest, I, p. 59.

5

"O AUGE DAS BOAS MANEIRAS ERA ESTAR

ARRUINADO”

Em 6 de agosto de 1794, com pouco mais do que a roupa que vestia, Jose ina se deparou com uma França alterada para sempre. Com Robespierre morto, as pessoas se espalhavam pelas ruas, sem medo de conversar. Viram uma cidade em ruínas. Paris estava degradada e negligenciada, o lixo acumulava-se em grandes montes e as ervas-daninhas cresciam nas fendas das ruas. Animais corriam soltos e mendigos se amontoavam nas esquinas. Os palácios tinham sido completamente saqueados: não só a mobília e os espelhos dos interiores, mas o chumbo dos telhados e os vidros das janelas tinham sido roubados e vendidos. Bandos de ladrões e batedores de carteira “limpavam” as ruas, e os homicídios eram comuns.

Jose ina se instalou com os ilhos num apartamento na rue de l’Université, partilhado com uma amiga, Madame de Krény (Madame Hosten ainda estava na prisão). Jose ina começou a pedir emprestado para sobreviver. Todos os seus pertences na rue Saint-Dominique continuavam selados e inacessíveis, considerados propriedade do Estado. Ela precisava de vestidos, joias, louças e suprimentos. Atirou-se nos braços do general Hoche, que passava seu tempo com ela e lhe dava dinheiro.

Jose ina tentou conservar a beleza na prisão, mas foi uma causa

perdida. Era magra e a pele continuava boa, mas o cabelo enfraquecera, os dentes estavam arruinados e era frequentemente assolada por doença nervosa. Aos 31 anos, teve de recorrer a todas as ferramentas de beleza que conseguiu para garantir o afeto de Hoche. Felizmente, ainda era detentora das artes da sedução. Hoche escreveu à jovem esposa Adelaide informando-a de que estava irremediavelmente retido em Paris. Jose ina confessou seus receios em relação ao ilho, e ele se ofereceu para levar Eugène em uma viagem.

“Somos livres”, proclamava um jornal. “Nossos pensamentos, nossas intenções, não mais serão envenenados.” 83 Apesar de Robespierre estar morto, o povo não conseguia esquecer a atmosfera de denúncia e suspeita, e era impossível sentir-se à vontade ao conversar com amigos, mesmo em casa. Os parisienses estavam gratos a Tallien e a seus aliados, mas não confiavam neles.

Os britânicos mantinham o bloqueio à Martinica, mas Jose ina conseguiu encontrar alguém de partida para a Nova Inglaterra que levasse uma carta para ela. “Sem dúvida que ouviste falar de todo o horror que me aconteceu”, escreveu à mãe. “Estou viúva há quatro meses! Meu único consolo são meus ilhos e você, minha querida mãe. O que mais desejo é que um dia estejamos de novo juntas.” 84 Na desolação de Paris, indigente e desesperada, di icilmente conseguiu icar

agradecida pela sobrevivência. “Meus ilhos têm apenas meu apoio e agarro-me à vida unicamente para mantê-los felizes”, escreveu. Acrescentou, “Saudações a todos os escravos da fazenda”, e enviou um beijo à ama de leite.85

Jose ina suplicou à mãe que lhe enviasse cartas de crédito ou suprimentos de açúcar via Hamburgo. A moeda francesa fora desvalorizada em um terço – e quem tivesse açúcar ou café podia vendê-los nas ruas por preço elevado. Escreveu inúmeras vezes à família, implorando dinheiro, enquanto vivia de empréstimos e crédito. Nas ruínas da Paris pós-Terror, apenas os agiotas enriqueciam. Uma amiga lhe deu comida, outra, suas anáguas e saias.

Paris, como dizia um viajante suíço, tornara-se um “gigantesco mercado de pulgas”. 86 Os bandos vendiam os saques, as famílias tentavam ganhar dinheiro com suas posses e os vizinhos pilhavam as casas de todos os que não tivessem retornado da prisão. Nas ruas, por todo o lado, havia carroças vendendo mobília, cortinas, tapeçarias, revestimentos de assoalho, caçarolas e pratos. Havia montes de brinquedos à venda nas esquinas das ruas e pilhas de roupa equilibradas em mesas improvisadas junto ao rio. Agentes a serviço dos russos investigavam o que se podia adquirir a bom preço, e homens enviados pelo príncipe de Gales haviam furtado pinturas, bronzes e

mobília de Versalhes. Jose ina, impossibilitada de recuperar seus pertences, gastou bastante em mesas, cadeiras e cortinados novos para a casa.

À sua volta, os sobreviventes se lançavam ao divertimento, incertos quanto à duração da paz. “Morrer de fome com mais alegria seria impossível”, suspirou o barão de Frénilly. 87 Treze teatros reabriram as portas, antros de jogo davam boas-vindas aos viajantes noite adentro e foram inaugurados mais de mil novos salões de baile, bem como restaurantes e bares. Os ricos faziam banquetes com o novo prato de lagosta ao Termidor, enquanto os pobres lutavam por pão. Os cortesãos desaparecidos durante o Terror reapareceram em massa. A cidade estava cheia de mulheres com vestidos brilhantes, passeando de braço dado e levando clientes para os parques desertos, repletos de gatos esfomeados.

Os ex-presidiários foram imediatamente para o topo da pirâmide social. “O auge das boas maneiras era estar arruinado”, declarou o barão de Frénilly, “ter sido vítima de suspeita, de perseguição e, acima de tudo, ter estado preso.” Suspeitava-se de que quem não esteve preso o evitou com subornos – ou manobras para que outros fossem levados em vez deles. “As pessoas lamentavam intensamente não terem sido guilhotinadas.” 88 Os sobreviventes, como Jose ina, frequentavam “salões”

e “almoços” de vítimas.

O convite mais exclusivo de todos era para o *Bals des victimes*. Só podia participar quem estivera preso ou tivesse familiares mortos durante o Terror. As mulheres usavam vestidos estilo *chemise*, cortavam os cabelos, como as prisioneiras tinham feito em Les Carmes, e usavam inas itas vermelhas em volta do pescoço para evocar o corte da lâmina. Quando os convidados entravam no salão de baile, tinham de pender a cabeça, imitando sua queda depois de guilhotinada. O corte de cabelo curto na moda era chamado *coiffure à la victime*. Jose ina, tantas vezes excluída e frequentemente ridicularizada, estava agora *à la mode*. Em Paris, todos queriam conhecer uma vítima, especialmente uma que fosse bela e sem marido.

Um jovem soldado corso, recém-chegado das províncias, icou estupefato com o frenesi estilo bacanal. “Estão todos determinados a compensar o sofrimento”, escreveu Napoleão Bonaparte, com 22 anos, ao irmão José. Julgava-se destinado a uma carreira brilhante, mas discutira com os tesoureiros e tudo parecia perdido. Recebendo apenas metade do soldo, sem colocação e praticamente sem amigos, tentou escrever um romance, e observava os parisienses que, por recearem o futuro, tentavam “não perder um único momento de prazer”. Eram as mulheres encantadoras que o deixavam mais perplexo. “Há mulheres por todo o

lado, nos teatros, nas alamedas, nas livrarias", contou a José. "Aqui só elas merecem governar; todos os homens estão loucos por elas, não pensam em mais nada senão nelas, vivem apenas para elas. Uma mulher tem de viver durante seis meses em Paris para saber aquilo que merece, para saber qual é o seu império." 89 Olhava para mulheres como Jose ina, sabendo que nunca o notariam.

O passaporte de Jose ina indicava que era 3 anos mais nova do que era de verdade. Queria recomeçar. Para isso, precisava de dinheiro e proteção. Rogou a Hoche que se divorciasse de Adelaide, mas ele não se decidia entre a esposa adolescente e a amante. Em 21 de agosto foi nomeado comandante-chefe do Exército na costa de Cherbourg. Ofereceu-se para levar Eugène, aos 13 anos, com ele na campanha. Jose ina encarou tal gesto de bondade como um sinal de que voltaria e a escolheria.

Hoche seguiu para Cherbourg e deu início ao seu comando em 1º de setembro. Jose ina lhe enviou cartas apaixonadas, abrindo o coração e tentando convencê-lo a casar-se com ela. Hoche respondia diligentemente, mas começava a icar cansado dos pedidos de dinheiro e de sua incapacidade de poupar um tostão.

Sempre uma obstinada defensora do gastar dinheiro para ganhar mais dinheiro, Jose ina estava gastando mais do que nunca. Carruagens eram

agora um bem raro – mas Jose ina alugou uma e passeou em grande estilo pela cidade. Estava profundamente endividada com agiotas e o banqueiro Jean Emmery. Escreveu à família, “Espero que tenham recebido as doces declarações da vossa pobre Yeyette e seus ilhos; ela precisa mesmo da vossa ajuda, o coração dela está desfeito e há muito que passa di iculdades. Sem a vossa generosidade, não temos qualquer esperança de sobrevivência.” 90 Era um pedido impossível e Jose ina percebeu que teria de obter dinheiro por conta própria.

Em dezembro, o Sena congelou. Lobos uivavam nos arredores da cidade. Com as estradas enterradas na neve, Paris estava isolada e os habitantes sofriam muito. Desde que as leis dos preços máximos tinham sido abolidas e a in lação crescia cada vez mais, os poucos alimentos disponíveis para venda eram muito caros. Todas as árvores do bosque de Bolonha e dos jardins das Tulherias foram cortadas para lenha. Mulheres se atiravam ao Sena, envergonhadas por não terem como alimentar os ilhos. O número de prostitutas aumentou para 30 mil, pois as garotas, desesperadas, faziam qualquer coisa para comprar comida. O governo instituiu racionamento – pouco mais de 100 gramas de pão preto, feito de uma mistura amarga de ervilhas e farinha de castanha. À uma da manhã, homens, mulheres e crianças famintos começavam a fazer fila à porta das padarias. Às 7 horas, começavam a atacar uns aos outros enquanto

tentavam agarrar os minúsculos pães. Nas classes mais ricas, os convidados levavam os próprios pães e velas para os jantares. Josefina era uma das poucas isentas desse costume devido à pobreza extrema[91].

As ruas estavam repletas de *muscadins*, jovens agressivos que atacavam qualquer pessoa que pensassem ser republicana e atiravam suas boinas da liberdade ao chão. Começaram os violentos expurgos de jacobinos e de qualquer um que fosse acusado de *sans-culotte*. Barras, Tallien e os outros mal podiam assegurar a própria sobrevivência política e física. Na cidade devastada pela pobreza e sem lei, tendo perdido centenas de homens para o serviço militar obrigatório, os corruptos e os mercenários floresciam à medida que acumulavam dinheiro, graças aos lucros e à especulação com os bens do Estado que rapidamente tinham sido vendidos. Centenas de emigrantes tinham deixado para trás propriedades, casas e negócios. Aqueles que ficaram tomaram o melhor para si. Homens desonestos dispostos a levar adiante seus desejos de maneira violenta podiam fazer fortunas em um mês.

Josefina tinha de se juntar aos círculos dos que faziam dinheiro no mundo pós-Terror – os agiotas, os que lucravam com o negócio de armas, os banqueiros e os homens da elite política. Mesmo depois do que sofrera na prisão, ainda era sedutora. Um documento de viagem da época a descreve com “um metro e cinquenta e dois de altura, nariz e boca bem-

feitos, olhos cor de laranja, cabelo e sobrancelhas castanhos-escuros, face alongada, queixo um pouco proeminente". 92 Jose ina começou a consolidar sua amizade com Thérésa Cabarrus, a heroína de 21 anos de toda a Paris. Alta e muito bonita, com olhos castanhos profundos e cabelo escuro, Thérésa tinha uma personalidade encantadora, mais carisma do que toda a Comédie-Française e um amor pela fama que a tornava o novo ídolo da época.

Para muitos, a adorável Thérésa era a única responsável pela queda de Robespierre. Era convidada para todos os lugares, aplaudida no teatro, seguida nas ruas e chamada de "Nossa Senhora do Termidor" por sua coragem. Era acompanhada para onde fosse por um grupo de leais termidorianos, vestidos com vistosas casacas, com cabelos compridos encaracolados por cima dos ombros e falando de forma afetada. Jose ina e Thérésa rapidamente se tornaram amigas próximas. Jose ina a chamava de "pequena" e foi sua testemunha no casamento com Tallien, em 26 de dezembro de 1794.

Jose ina passava grande parte do seu tempo no lar de estilo campestre de Thérésa, La Chaumière, perto da zona rural de Champs-Élysées. As festas de Thérésa eram regadas a champanhe, e políticos, banqueiros, generais, atrizes e cortesãos dançavam juntos. Como fundador do Termidor, Tallien era o herói, e presidindo tudo estava sua amante, com

indumentárias que mal se podiam considerar decentes. Quando chegou o inverno, Jose ina estava ao lado dela, geralmente com semelhante vestido diáfano. Como con idente de Thérésa, seu crédito aumentou e ela pôde pedir mais dinheiro emprestado. Mas, acima de tudo, estava em posição de se encontrar com os amigos de Thérésa e dançar e beber com eles – e depois convidá-los para a visitarem na rue de l'Université.

Os jornais estavam ocupados com Thérésa. Suas páginas também eram preenchidas com Juliette Récamier, a delicada beleza de 17 anos, uma jovem serena e tímida, em oposição à impetuosidade de Thérésa. Era esposa de um banqueiro rico e de certa idade, apesar de alguns rumores a irmarem que era sua ilha ilegítima, com quem tinha casado quando ela tinha 15 anos para garantir que a jovem herdasse seu patrimônio, caso fosse morto. Era pouco provável, apesar de o casamento não ser ísico e de ele a tratar como filha. "Não estou apaixonado por ela", escreveu, "mas sinto um genuíno e afetuoso apego [. .] ela possui sementes de virtude e princípios di icilmente tão desenvolvidos em tão tenra idade". Independentemente da verdade, encorajou-a a ser an itriã de festas e deleitava-se por sua reputação como uma das mais belas mulheres de Paris. Esbanjava dinheiro em seus divertimentos deslumbrantes, enquanto ela recebia a atenção de homens poderosos – falando sempre tão suavemente que eles tinham de se debruçar junto dela para ouvi-la.

Outra favorita dos jornais era Fortunée Hamelin, de 18 anos e recém-casada. Crioula encantadora, seus longos cabelos e sua cintura ina tornavam-na profundamente atraente, embora, segundo um contemporâneo, tivesse o rosto de um buldogue.

Sedutora, sobrevivente da prisão, cheia de estilo e com alguma falta de moral, Jose ina adequava-se perfeitamente. Ela, Thérésa, Fortunée e Juliette icaram conhecidas como as *Merveilleuses*, os ícones da moda, as estrelas. Havia quem lhes chamasse “Graças”. Levando ao extremo a moda das túnicas prisionais e dos cabelos curtos, ostentavam as adoráveis iguras em vestidos transparentes. Enquanto a alta-costura de Versalhes fora composta por espartilhos rígidos e pela simplicidade e sobriedade do período pós-Revolução, a do Termidor era uma nudez decadente. A rainha deposta exalava uma beleza pálida e loura, mas o Termidor emanava um aspecto diferente. Jose ina, bem como Thérésa e Fortunée, tinha cabelos escuros e olhos castanhos.

As *Merveilleuses* encaracolavam o cabelo, punham lores atrás das

orelhas, preferiam sandálias com pernas descobertas e envergavam vestidos inos com mangas bufantes e decotes acentuados. Nada adequados às ruas enlameadas de Paris – sequer para se aventurarem no exterior, a não ser no alto verão –, os vestidos caíam melhor nas festas e nos saraus. Todas as curvas do corpo icavam expostas e qualquer dançarino conseguia sentir a pele quente da parceira enquanto rodopiavam pela pista. Ao contrário das impiedosas roupas de Versalhes, os vestidos de noite do Termidor eram fáceis de despir. Apesar do frio de Paris, os vestidos se tornaram tão diáfanos que as pessoas diziam que as "*sans-culottes* tinham dado lugar às *sans-chemises*". Certa vez, Fortunée Hamelin desceu a Champs-Elysées com os seios completamente à mostra.

Já Thérésa usava as roupas mais surpreendentes. Preferia vestidos curtos transparentes de estilo helênico, abertos nas coxas, o tecido embebido em óleo aromático para se moldar ao corpo. "Não é possível alguém se expor de forma mais suntuosa", disse Talleyrand referindo-se ela. 93 Nos braços tilintavam pulseiras de ouro, e usava anéis de ouro nos dedos dos pés. Numa festa em La Chaumière, apostou com um homem que seu vestido completo não pesava mais do que duas moedas de seis francos. Diante dos quarenta convidados, despiu todas as peças de vestuário – incluindo as pulseiras e os sapatos. Ganhou a aposta.

Jose ina era solicitada tanto por homens como por mulheres. Conforme relatou um jornal, "Um acontecimento comentado em todos os salões de

Paris! Alteração no estilo de penteado usado pelas Senhoras Tallien e

Beauharnais! ”94 Jose ina se importava com este assunto, escrevendo certa vez a Thérésa:

“Julgo ser importante que nossos penteados sejam em tudo parecidos. Declaro agora, para vossa informação, que me proponho a usar um lenço vermelho na cabeça, atado à moda crioula, com três nós de cada um dos lados da cabeça. Aquilo que é presunção da minha parte é bastante natural para vós, que são jovens e, se não mais belas, ainda com uma compleição mais fresca [. .] No entanto, estamos a tentar um empreendimento ousado e temos de levar ao desespero as *trois Bichons* e as *Bretelles Anglaises* [mulheres rivais na sociedade]. Compreende inteiramente os efeitos desta conspiração, a necessidade de segredo e os maravilhosos efeitos que têm de ser apresentados para tal.” 95

Eram notadas no teatro, seguidas por multidões e discutidas nos

mínimos detalhes nos encontros sociais. Contudo, para Jose ina, tratava-

se de um jogo arriscado: as outras *Merveilleuses* eram casadas e 10 anos

mais jovens do que ela, mais próximas da idade de Hortense do que da

sua. O barão de Frénilly declarou-a o tipo de mulher que permaneceria

por mais 15 anos nos 30.96 Ainda assim, aos 30 anos era excessivamente velha para o novo mundo dos anos 1790. Sabia que, se passasse seu

tempo com jovens de 21 anos, os potenciais pretendentes julgariam que

tinha uma idade semelhante. A prisão havia arruinado sua saúde, mas

garantido uma aura de fama e notoriedade. Graças ao horror de Les

Carmes e à sua capacidade de abrir caminho pela bajulação junto das

jovens celebradas, conquistando-lhes o afeto, tornara-se a amante mais

cara do país.

Numa das festas de Thérésa, Jose ina foi apresentada ao homem que

lhe mudaria a vida. Aos 40 anos, Paul François, visconde de Barras – ex-soldado, funcionário público e sucessor de Tallien como presidente da Assembleia Nacional –, era o homem mais poderoso do Termidor e um dos indivíduos mais ricos do país. Bonito, de cabelo escuro e olhos verdes, era sagaz e desonesto. Após a queda de Robespierre icou com a reputação de herói, mas os políticos que eram seus contemporâneos denunciaram-no como indigno de con iança, cruel e hipócrita por se cercar "dos mais corruptos aristocratas, mulheres perdidas, homens arruinados, trapaceiros nas cartas, cortesãos e especuladores. Ele era como uma potestade exótica: magní ica e dissoluta". 97 Associando-se a Barras, as expetativas de Josefina miravam alto.

Depois de conhecê-lo no inverno, escreveu para ele pedindo que ajudasse um jovem *sans-culotte*. Era um gesto típico de bondade para com alguém que antes fora seu inimigo. O pedido era também uma desculpa: a irmava que há muito tempo não tinha o prazer de vê-lo, censurou-o por se esquecer de alguém que conhecera e pediu-lhe que a visitasse em seu apartamento. A viúva Beauharnais emitia um claro convite.

Na primavera seguinte, Jose ina instalara-se como amante de Barras e suas preocupações inanceiras terminaram. "Além de tudo o que é sedutor e cativante", declarava um pan leto anônimo, provavelmente escrito pelo marquês de Sade, Jose ina nutria "uma avidez por dinheiro

semelhante à de um usurário, dinheiro que esbanja com a vivacidade de um jogador e um amor pelo luxo su icientemente grande para engolir as receitas de dez províncias” .98 Barras pagava o aluguel de sua casa, saldou suas dívidas e lhe deu tudo o que desejava, incluindo uma residência no campo em Croissy. Em troca, ela o cobria de atenções. Uma vez que Eugène estava com o general Hoche e Hortense com a tia Edmée, Jose ina era livre para lhe dedicar todos os momentos. Barras queria que ela fosse complacente, sexualmente aventureira e exibicionista. Deveria organizar festas em que nada era proibido.

Menos de um ano depois de ter sido libertada da prisão, a viúva de quase 32 anos com dentes estragados presidia a mesa mais poderosa de Paris. Uma vez por semana, viajava à propriedade no campo em Croissy, onde era montado um palco para uma incrível celebração. Os vizinhos observavam estupefatos as carroças de carne, caça, frutos exóticos e lores que chegavam à sua porta, apesar dos racionamentos de comida.

Os soldados chegavam mais tarde, escoltando o próprio Barras. 99 Ele e seus companheiros heróis comportavam-se como reis e desejavam um harém para entretê-los.

Com a bebida jorrando e as *Merveilleuses* quase sem roupa, os saraus de Croissy por vezes degeneravam em orgias. Em certa ocasião, Jose ina, Thérésa e Fortunée despiram-se enquanto serviam a sopa e Thérésa mergulhou o mamilo no copo de champanhe de Barras. Enquanto os

convidados comiam a salada, Fortunée usou um pequeno guardanapo para desempenhar uma dança erótica. A sobremesa foi distribuída pela mesa e então Thérésa icou de quatro no chão e imitou “as ondulações de uma pantera africana”. Quando chegou o momento de servir os queijos, Jose ina estava sentada no joelho de Barras, acariciando-o diante de todos. Os outros convidados dirigiram-se para os quartos tropeçando uns nos outros. 100

No inal da vida, consumido pela amargura contra Jose ina e o marido, Barras declarou-a uma “crioula obscena” e bradou que ela “não ia buscar nenhum dos seus encantos à natureza, mas sim à arte, a mais re inada e providente” usada pelas cortesãs da Grécia e da França. Era motivada apenas por dinheiro, pensava ele. Nunca amara, “salvo por interesse”, apesar de dar àqueles que a possuíam a impressão de que “fora conquistada e livremente se tinha oferecido”. Acrescentou que ela teria “bebido ouro do crânio do amante” .101 A verdade era que Josefina ansiava ambos, amor e dinheiro.

Jose ina encontrara inalmente a estabilidade depois de anos de privação. Colheu as recompensas da nova vida. Inscreveu Hortense, com 12 anos, numa escola exclusivamente feminina, o Institut National de Saint-Germain, dirigido por Madame Campan. Enclave de cortesias aristocráticas, a escola era um santuário para os refugiados de Versalhes

– como Jean-Baptiste Isabey, o miniaturista de Maria Antonieta, que era agora professor de desenho. Madame Campan educava as meninas para serem jovens damas prendadas com uma etiqueta perfeita. Não havia qualquer intuito de aprender um o ício útil ao Estado, como acontecera durante a Revolução. A vida tinha, uma vez mais, tudo a ver com maneiras delicadas e aparências.

Ao contrário da mãe, que fora aluna negligente das freiras de Fort Royal, Hortense era diligente e perspicaz (para grande inveja de algumas garotas) e atingiu a excelência no currículo de línguas, história, geogra ia, desenho, música e dança. O latim não estava incluído e a matemática, como acontecia em todas as escolas femininas, era uma disciplina adicional, fornecida a pedido dos pais. Hortense teve aulas particulares de harpa e, com Isabey, atingiu a excelência no desenho e na pintura.

Quando Eugène voltou de seu período com Hoche, foi enviado a uma academia de elite para jovens. Jose ina instalou-se, então, numa grande casa no número 6 da rue Chantereine, que alugou (com o dinheiro de Barras) de uma amiga atriz, Julie Carreau. Investidores haviam comprado áreas da cidade e construído novas casas suntuosas para banqueiros, agiotas e especuladores. Atual rua de la Victoire, no 9º distrito, a rue Chantereine fora recentemente convertida de zona pantanosa a um dos bairros mais chiques e modernos. A casa incluía

estábulos e um anexo, e Jose ina precisava de uma equipe de empregados que incluísse cocheiro, criado, cozinheira, camareira e criada, bem como Mademoiselle de Lannoy, ama das crianças nas suas ocasionais visitas. Apenas alguns meses depois de se tornar amante de Barras, Josefina estava rica.

Foi buscar no cofre de Barras o que precisava para a decoração. Os cortinados de musselina translúcidos, típicos da Martinica, talvez não fossem a escolha mais pragmática para a sala de jantar. Cobriu as cadeiras com nanquim azul-claro e exibiu ornamentos clássicos, incluindo uma urna etrusca de prata. Entusiasmada com a decoração, esqueceu-se de comprar utensílios domésticos su icientes e faltaram talheres, copos e pratos.

No verão de 1795, a Convenção nomeou Barras como responsável pelas tropas envolvidas na sua defesa. Ele gostava de escolher pessoas com pouca sorte e lhes abrir caminho para os privilégios, pois pensava que assim as controlaria melhor. Entre elas, escolheu um jovem general corso, pobre e desconhecido, chamado Napoleone Buonaparte. A sociedade, até então, nunca ouvira falar dele.

83 Citado *in Magnificent Comedy*, p. 92.

84 Josefina a Mme. La Pagerie, 20 novembro 1794, *Impératrice Joséphine, Correspondance*, p. 23.

85 Impératrice Joséphine, *Correspondance*, p. 26.

86 *Lettres Inédites de Madame de Staël à Henri Meister*, orgs. Usteri & Ritter, pp. 45-9.

87 Baron de Frénilly, *Recollections*, p. 136.

88 Baron de Frénilly, *Recollections*, p. 136.

89 *Correspondance de Napoléon 1er rassamblée dans les ouvrages publiés par les soins de Napoléon III 1858-69*.

90 1º janeiro 1795, *Impératrice Joséphine*, *Correspondance*, p. 28.

91 Em 1795, o livre foi substituído pelo franco, que valia 7 livres e 3 deniers. A nova moeda ajudou o caos financeiro. De fato, muitas pessoas continuaram a se referir ao dinheiro como “livres” –

especialmente quando se tratavam de grandes quantidades ou transações de propriedades. (N.A.)

92 G. De Sainte-Croix de la Roncière, *Joséphine Impératrice*, p. 98.

93 Talleyrand, citado *in* Kybalová et al., p. 240.

94 A. Aulard, *Paris sous la Reaction Thermidorienne*, III, p. 180.

95 Ducrest, I, p. 332.

96 Frénilly, *Mémoires*, p. 65.

97 *Barras et son temps*, p. 205.

98 Lever, *de Sade: A Biograph*, 1993, pp. 514-15.

99 Pasquier, *Histoire de mon temps*, I, p. 118.

100 Stuart, *Josephine*, p. 64.

101 Barras, *Mémoires*, II p. 104.

6

“QUE ESTRANHO PODER TENDES SOBRE MEU CORAÇÃO”

Era o começo do outono de 1795. Os candelabros reluziam sobre uma mesa carregada de comida, lores perfumadas adornavam as jarras, o vinho jorrava para cálices de cristal. Barras sentou Napoleão ao lado de Jose ina, que surgia em sua melhor aparência à suave luz de velas, o vestido colado ao peito. Deram início a uma conversa animada. Diferentemente de todas as mulheres que o jovem soldado conhecera, ela nem o desprezou, nem o ignorou. Pelo contrário, escutou-o falar das vitórias militares e louvou seus sucessos. Napoleão estava fascinado por sua so isticação. “Eu não era imune aos encantos femininos”, a irmou ele, “mas não tinha boa sorte com elas, e o minha personalidade me deixava tímido em sua presença. Madame de Beauharnais foi a primeira a me tranquilizar. Disse coisas elogiosas sobre meus talentos militares, certo dia em que percebi estar sentado ao seu lado. Seu louvor inebriou-me; dirigi-me somente a ela.” Impulsivo e decidido, apaixonou-se, e depois dessa noite “segui-a para todo o lado; estava completamente apaixonado por ela”. 102 Pouco à vontade em sociedade e sem um objeto de devoção, Napoleão encontrou uma ambição e um objetivo: tomar a amante do seu benfeitor.

Essa noite foi seu primeiro encontro com Jose ina, mas ele a vira de longe e, como toda a sociedade, conhecia sua reputação. Jose ina, a crioula exótica, a sobrevivente de Les Carmes, era assunto nos salões e destacada nos jornais. À distância, ela era um prêmio reluzente − de perto, era gentil, sedutora e elegante. Passados os dias de noiva inadequada, Jose ina era a epítome da delicadeza e do mistério, seu sorriso era a promessa de prazeres sensuais. Napoleão se tornou imediatamente seu escravo.

"Foi na casa de Barras que vi minha mulher pela primeira vez", recordaria mais tarde Bonaparte. 103 Na tentativa de manter o pequeno corso ao seu lado, Barras tinha recrutado sua arma secreta: Madame de Beauharnais. Qualquer um podia compreender a atração de Napoleão por ela. Jose ina era uma verdadeira parisiense, uma aristocrata que possuía tudo o que queria: posição, capital social, so isticação e um passado genuinamente revolucionário. Conforme considerou Louis-Antoine de Bourriene, seu amigo da academia militar em Brienne, Jose ina "ia ajudá-lo a alcançar sua ambição" uma vez que, por intermédio dela, teria acesso aos elementos mais in luentes da sociedade. 104 Ele icou encantado, simplesmente. "Era uma mulher de verdade", disse Napoleão, louvando com entusiasmo seu traseiro.105

Nascido em 15 de agosto de 1769, 6 anos mais novo do que Jose ina, Napoleão era um lutador desde o berço. Tendo recebido o nome de um

tio que havia morrido em batalha pela Córsega contra os franceses, era o segundo ilho sobrevivente do casamento de seus pais. Em 1764, o bem-apessoado Carlo Buonaparte, de 18 anos, desposara Maria Letizia Ramolino, de 13 anos, inteligente, mas voluntariosa e absolutamente sem formação. Inicialmente nacionalistas corsos, os Buonapartes mudaram de campo quando os franceses conquistaram a ilha um ano antes de Napoleão ter nascido. Carlo mudou o nome para Carlos de Bonaparte e, pomposo como um pavão, fez-se amigo do conde de Marbeuf, o comandante-chefe das forças francesas na Córsega. Mais tarde viajou para a França e pairou em Versalhes, à espera de obter favores e dinheiro. Letizia, praticamente sozinha na Córsega, criou os oito ilhos com mão de ferro. “Ao modo como ela me formou desde tenra idade”, disse Napoleão, “eu devo principalmente a minha elevação subsequente” .106 Bastante severa com a preguiça e os comportamentos venais, ela não pensava duas vezes na hora de chicotear a prole.

Napoleão orgulhava-se de nunca ter chorado.

Em anos posteriores, ele destacou sua pobreza. “Nunca comprávamos nada que não fosse absolutamente necessário, como roupas e mobília”, afirmou. 107 Não foi inteiramente verdadeiro: o dote da sua mãe continha mais de 12 hectares de terra, um moinho e um forno de pão, e seu pai foi bem-sucedido na obtenção de favores para a família. Pelos toscos padrões da Córsega, eles eram abastados, tinham uma casa de pedra na

estrada para o porto, a qual partilhavam com mais membros da família Bonaparte, e uma pequena casa no campo, além do moinho e do forno. Gastavam muito nas aparências, conforme relatou a mãe de Napoleão: “É melhor ter roupas suntuosas e um grande salão, e comer pão seco em segredo. ”108

Napoleão só aprendeu francês aos 9 anos. A Córsega era linguística, cultural e historicamente italiana. Letizia ressentia-se de falar francês, e o ilho pronunciava sempre certas palavras do jeito italiano. “Tenho o pressentimento de que um dia esta pequena ilha irá espantar a Europa”, declarou Jean-Jacques Rousseau. 109 Queria dizer que seu isolamento e tamanho compacto a tornavam o laboratório ideal para experimentar suas teorias sobre o homem primitivo. A Córsega era ridicularizada, desprezada como uma humilde ilha agrícola com escassa cultura.

Napoleão era uma criança vigorosa, assertiva, agressiva, inteligente e efervescente com raiva reprimida. Aos 7 anos, foi mandado para uma escola de jesuítas onde aprendeu a ler, escrever e somar, bem como um pouco de latim e História Antiga. Passava o tempo destruindo o que o rodeava, tirando o estofamento de cadeiras, riscando mesas e arrancando folhas das plantas. Marbeuf encorajou Carlos a inscrever os ilhos num esquema pelo qual as crianças das elites depauperadas podiam candidatar-se a bolsas para estudar em escolas francesas. Em

1778, Napoleão conseguiu uma vaga na Escola Militar de Brienne, a menos cotada das dez academias militares que treinavam os ilhos da nobreza para o exército. Carlos levou o ilho para Brienne quando foi − juntamente com outros nobres corsos − prestar homenagem ao novo rei Luís XVI e a Maria Antonieta. O irmão mais velho de Napoleão, José, destinado ao clero, chorou copiosamente sua partida; Napoleão, no entanto, só deixou escapar uma lágrima solitária.

Em Brienne, o pequeno rei da família Bonaparte foi trazido de volta à terra com estrondo. Desinteressante, estrangeiro, com um carregado sotaque italiano, baixinho e feioso, um menino de ilha com bolsa de estudo, Napoleão tornou-se um alvo. Os colegas gritavam que os corsos eram covardes, chamaram-no *paille au nez*, ou nariz de palha, e riram da sua estatura e do pequenino corpo bamboleante. “Vou fazer os franceses pagarem por isto”, bufava. Ficou obcecado com a ideia de entrar para o exército, tanto que, quando um inspetor sugeriu que ainda não estaria pronto, chegou a pensar em se alistar na Marinha britânica.

A vida em Brienne era dura. Não visitavam a casa a menos que um dos pais estivesse gravemente doente, e nada de férias a não ser uma quinzena de intervalo no inal do verão, ocasião em que os garotos eram levados em caminhadas pelos campos desolados ao redor da escola.

Entre os outros meninos estava Bourrienne − que viria a ser seu

secretário −, mas Napoleão a irmou mais tarde que tinha poucos amigos porque a amizade exigia tempo. Os professores eram mal preparados, e os relatórios de inspeção apontaram preguiça no grupo dos 20 membros do corpo docente e dos 150 estudantes, além de insubordinação generalizada. O vice-reitor se orgulhava de despachar uma missa em 9 minutos. Napoleão era fraco em canto, comportamento e música, e terrível na dança, mas esforçava-se com a inco em história antiga e geogra ia, e tinha uma aptidão real para a matemática. “Aquela criança nunca servirá para nada a não ser geometria”, recordou, mais tarde, ter escutado.110 Em 1782, disse a um inspetor que pretendia dedicar a vida à ciência e a produzir uma teoria de eletricidade ou um novo modelo para o cosmos.

Em 1784, teve a oportunidade para escapar. Quando estava prestes a se formar, o Ministério da Guerra buscava estudantes com talento para a matemática. Napoleão, com 14 anos, foi selecionado para estudar na École Royale Militaire em Paris. Ao contrário da decrépita Brienne, a École Militaire era luxuosa, com refeições servidas por garçons, 30 professores e uma equipe que dispunha de criados a peruqueiros e sapateiros. Infelizmente para Napoleão, ainda tinha de participar das pavorosas aulas de dança. Aprendeu, porém, muita matemática e teve aulas muito úteis sobre forti icação. Os rapazes na École Militaire eram a

crème de la crème , muito ocupados com os estudos para provocar Napoleão pelo seu sotaque, mas, ainda assim, não eram afetuosos com ele, que se sentiu excluído e desdenhado. Acabou icando com uma mágoa permanente contra a aristocracia, para quem tudo era fácil. O relatório de sua formatura assinalava que era trabalhador, “caprichoso, orgulhoso e extremamente egoísta” .111

Em 1785, Carlos morreu com câncer no estômago. Napoleão quase não fez luto pelo pai. Informou imediatamente a mãe de que era agora o chefe da família, dado que seu irmão mais velho estava casado com a Igreja. Letizia, com 35 anos, e quatro dos ilhos − o mais novo, Jerôme, não passava de um bebê – eram essencialmente dependentes do seu soldo (os dois do meio, Lucien e Maria Ana, conhecida por Elisa, tinham bolsas de estudo). Letizia estava dispensada da Igreja, uma vez que tinha muito trabalho doméstico. Como ganha-pão, Napoleão teve de trabalhar mais duramente para se quali icar como o icial de artilharia e condensar em poucos meses a preparação que normalmente levaria dois anos. Aos 16 anos, formou-se em 42º lugar entre os 48 de sua turma. Foi então enviado como segundo-tenente para o Regimento La Frère, no sul da França. Já tímido com as mulheres, foi o único dos novos recrutas que não visitou um bordel em Lyon ao encaminhar-se para o posto.

A vida na guarnição militar era tranquila. Napoleão passou o

abundante tempo livre lendo vorazmente. Segundo suas palavras, “Conquistei a História em vez de estudá-la”. 112 Comia uma refeição por dia para poupar dinheiro e enviava todas as poupanças para Letizia. Em setembro de 1786 tirou uma licença prolongada e inalmente regressou à casa da família pela primeira vez em 8 anos, e conheceu os quatro irmãos que tinham nascido depois da sua partida – Luís, Paulina, Carolina e Jérôme. Pediu um prolongamento ainda maior da licença devido a uma enfermidade, mas voltou a Paris no inal de 1787. Encontrou uma linda garota trabalhando no distrito da luz vermelha do Palais Royal. As mulheres mais caras ocupavam quartos com vista para as arcadas, ao passo que as garotas mais baratas, como aquela, eram forçadas a procurar os clientes ao relento. Napoleão lhe perguntou como se tornara prostituta e icou com ela, sentindo-se tão vigoroso que não sentiu o frio, declarou. Levou-a para um hotel próximo e ali perdeu a virgindade. Após desperdiçar mais 6 meses na Córsega no início de 1788, voltou ao seu regimento.

Em 1789 eclodiu a Revolução, e Napoleão, entediado com a supressão dos motins por pão, voltou à Córsega na esperança de obter in luência política na ilha. Teve pouco sucesso e retornou à França em 1791. Fez planos de contingência: entrou para a Sociedade Jacobina em 3 de julho e celebrou publicamente o aniversário de Luís XVI em agosto. À medida

que o Terror se alastrava, Napoleão abandonou Paris e tirou a irmã, Elisa, da escola em Versalhes. Na viagem para o sul rumo à Córsega, sua carruagem foi constantemente parada por revolucionários que exigiam seus passaportes e urravam “Viva a Nação!” As pessoas davam tapinhas nas costas de Napoleão, apagado em sua farda do exército. Em Marselha, Napoleão se sentiu seguro: ele e a irmã passaram um mês ali, depois viajaram de forma descontraída para a Córsega. Para Napoleão, seus 20 anos foram uma época de fuga às responsabilidades. Tinha pouco interesse no romance, como escreveu em seu *Diálogo sobre o Amor*, “Faço mais do que discordar da existência do amor. Considero-o na verdade tão injurioso para a sociedade como para a felicidade pessoal da humanidade” .113

Em 1793, a situação política na Córsega explodiu. A Assembleia corsa considerou os Bonaparte traidores e exilou-os. Napoleão e sua família banida fugiram para Toulon, onde ele escreveu um pan leto republicano e por im encontrou seu caminho. Toulon tinha sido atacada pelos britânicos e Napoleão, o político em desenvolvimento, por meio de seus contatos com o presidente do comitê revolucionário, obteve o posto de comandante da artilharia, depois de o predecessor ter sido ferido. Foi a primeira de suas impressionantes promoções. Assumiu um papel fundamental no resgate de Toulon e impressionou Paul de Barras, que

então se encontrava em Nice com o exército. Barras percebeu seu talento e, depois de os franceses vencerem em Toulon, encorajou sua promoção a general de brigada.

Em 1794, seu irmão José tinha desistido havia muito tempo da carreira eclesiástica e estava prestes a se casar com uma garota de Marselha, Julie Clary. Ele apresentou Napoleão à sua irmã rechonchuda e divertida de 16 anos, Désirée. Napoleão tratava Désirée pelo nome do meio, “Eugenie”, e era mais prático do que romântico, dizendo-lhe quais livros deveria ler e como poderia melhorar seus modos. Considerou casar-se com ela, pois possuía um considerável dote, mas não nutria sentimentos especiais por ela. Mantinha-se iel à crença de que o amor enfraquecia o homem.

Napoleão recebeu ordens para se juntar ao Exército do Oeste, esmagando os protestos monarquistas na Vendeia. Teria icado sob o comando do amante de Jose ina, Lazare Hoche, um homem rigoroso acerca das licenças não remuneradas. Não havia glória na Vendeia, e Napoleão viajou para Paris a fim de questionar sua posição. Na sequência de uma discussão furiosa e sem solução, inda a sua licença, vivia num hotel barato, dependente de uma mesada ín ima que lhe mandava o irmão José. Procurou conhecer alguém in luente, batendo às portas e exigindo ser apresentado, mas era frequentemente mandado embora.

Deprimido e miserável, Napoleão parecia adoecido, raramente se dava ao trabalho de pentear o cabelo, e a farda permanecia descuidada. Aos 26 anos, sua carreira parecia ter terminado. Escreveu cartas desanimadas a José e a Désirée, e contemplou seriamente o suicídio. “Vou acabar por não me afastar ao passar uma carruagem”, escreveu magoado a José.114 “A vida é um mero sonho que se esvai.” 115

Paris, no verão de 1795, era alimento para o cinismo. Os únicos que saíram ganhando após o Terror tinham sido os especuladores e os negociantes do mercado negro, os agiotas, os fornecedores do exército e os banqueiros. O Termidor foi um regime que protegeu a propriedade, ressalvou a supremacia dos endinheirados e permitiu que enriquecessem com a compra de monopólios públicos por uma ninharia, arrebatando propriedades anteriormente nas mãos de aristocratas ou extensas terras que antes eram patrimônio da Igreja. “Há apenas uma coisa a fazer neste mundo e essa coisa é continuar a adquirir dinheiro e mais dinheiro, poder e mais poder”, disse Napoleão. 116 Vagueou pelas ruas e começou a escrever um romance, *Clisson et Eugénie*, uma história de amor condenado que re letia o desejo ávido de um jovem de experimentar a paixão, tendo lido repetidamente *Os sofrimentos do jovem Werther*, de Goethe. Clisson, “nascido para a guerra”, conhece duas irmãs e apaixona-se pela mais nova, Eugénie. Desiste do exército por ela, mas

depois é chamado de volta. Quando é ferido, manda o ajudante dar notícias a Eugénie, que se apaixona pelo ajudante. Clisson decide morrer em batalha, escrevendo-lhe, “Aos 26 anos, esgotei os efêmeros prazeres da fama” .117

Napoleão pegara na pena como romancista, mas o destino lhe ditou outro rumo. Paul de Barras viu nele um homem que faria qualquer coisa para estar do lado vencedor. Os amigos de Barras ficaram intrigados pelo fascínio do grande homem por um corso insigni icante. “Quem é Bonaparte? Onde serviu? Ninguém ouviu falar dele.” Os homens da sociedade corrompida riram do “pequeno protegido de Barras”. “Naquela fase da sua vida”, escreveu Laure Permond, “Bonaparte era feio. ”118

Com cerca de 1,60 metro, não era desmedidamente pequeno (o francês médio daquela época tinha 1,68 metro), mas dava a impressão de ter uma estatura atarracada por causa da postura encurvada e do peito magro. 119 Subnutrido, de tez amarelada, olhos cinzentos e nariz e queixo aduncos, era quase desagradável ao olhar. Numa época em que o ideal de beleza masculina possuía cachos escuros e olhos lustrosos, o cabelo liso e oleoso e os olhos pequenos de Napoleão tornavam-no uma piada, e revelavam-no − aos esnobes parisienses − como de origem modesta. Recusava-se a gastar dinheiro em luvas, suas botas andavam

sujas e as unhas enegrecidas. Pior ainda, seu francês ainda era muito carregado de sotaque e hesitante. Houve um episódio bastante grave de sarna, contraída em Toulon, e as mãos estavam cobertas de manchas vermelhas, que ele passava o tempo todo coçando. Indumentária e comportamento signi icavam tudo, mesmo depois da Revolução, e Napoleão era descuidado, sujo e rude. Tinha pouco conhecimento de sutilezas sociais e a tendência a sorrir no momento errado ou a rir sem razão aparente. Na maior parte do tempo estava muito atrapalhado para dizer o que fosse, mas quando abria a boca era habitualmente com uma piada de mau gosto. Profundamente frustrado por não conseguir impressionar as pessoas como pretendia, retirava-se em surtos de mau humor e depressão.

Barras levou Napoleão aos salões de Madame Tallien e de Madame de Stäel e a várias festas. “Não passava de um pequeno general que era tido como tolo sem hesitação por todos os que o conheciam”, a irmou Madame de Chastenay. Bonaparte disse ao irmão, em tom de piada, que “um louco desejo de casamento irá se apoderar de mim”. 120 Estava tão ansioso para ser aceito que propôs casamento à mãe de Laure Permond, 40 anos mais velha do que ele. Chegou mesmo a considerar a cortesã oportunista Grace Elliot, que Josefina conhecera na prisão.121

Napoleão era jovem, sedento de poder e fascinado por mulheres que o

rejeitavam. As damas parisienses, escreveu ele a Désirée Clary, eram "tão belas como romances antigos e tão cultas como acadêmicos [. .] todas essas mulheres frívolas têm uma coisa em comum, um espantoso desejo de coragem e glória". Observou-as como um cientista, avaliando suas características. "Sua *toilette*, as belas artes e os prazeres ocupam seu tempo. São ilósofas, amantes, cortesãs e artistas." [122] Admirando-as, porém excluído, estava mais do que pronto para se apaixonar pela primeira dessas fabulosas criaturas que se dignasse a lhe dar alguma atenção. No fatídico jantar de 1795, foi completamente seduzido. Depois de uma noite com ela, icou inteiramente devotado a Madame de Beauharnais.

O interesse de Jose ina por Napoleão foi absolutamente desconcertante para os amigos. As senhoras nos salões, as *Merveilleuses* e as mulheres que pretendiam ser como Jose ina não compreendiam sua disposição em fazer a vontade do corso esquálido, 6 anos mais novo do que ela. Mas Jose ina foi atraída pela sua ambição e inteligência, ainda que se recusasse a ser sua amante. Disse a Barras que "acreditava conseguir fazer melhor do que ele" .[123]

Em outubro de 1795, o sentimento pró-monarquista in lamou as ruas de Paris. Naquela que icou conhecida como 13 Vendemiário, os monarquistas se revoltaram e declararam idelidade ao exército de emigrados do conde de Artois, que nessa ocasião vinha marchando sobre

a capital. Barras pôs Napoleão no comando, que suprimiu os motins com ligeira brutalidade. Centenas de monarquistas foram mortos.

Barras e os aliados aproveitaram a violência para declarar a necessidade de um novo sistema político, o Diretório: cinco homens encarregados do governo, presidindo o Conselho dos Anciãos e o Conselho dos Quinhentos. Barras emergiu rapidamente como líder. “A memória do Terror serve hoje os amigos do despotismo”, a irmou Madame de Staël.124

Barras demitiu-se do posto de comandante-chefe do Exército do Interior e pôs em seu lugar Bonaparte, o soldado inexperiente que tinha sido praticamente expulso do exército. Com apenas 26 anos, Napoleão, apelidado general Vendemiário, era rico e famoso. Mudou-se para uma dispendiosa casa nova, assentou-se na Place Vendôme, e usava um camarote privado na Ópera. Começou imediatamente a enriquecer a família − e redobrou os apelos a Josefina.

“Quando o general Bonaparte se apaixonou pela Madame de Beuharnais, foi amor em todo o poder e força do termo”, disse o amigo Auguste de Marmont. “Foi aparentemente sua primeira paixão e ele sentiu-a com todo o vigor da sua natureza.” 125 Ainda que continuasse a escrever à sua suposta noiva, Désirée, era um homem dedicado.

Agora que Napoleão era o herói militar do Termidor, Jose ina estava

mais entusiasmada com suas investidas. Escreveu-lhe, atraindo a sua

atenção.

“Já não vindes ver uma amiga que vos quer muito. Desertaste-a mesmo. Isso é um erro, pois ela está ternamente atraída por vós. Vinde almoçar comigo amanhã, *septidi*. Quero ver-vos e falar convosco sobre assuntos do vosso interesse. Boa noite , *mon ami, je vous embrasse*.” 126

Napoleão respondeu sem demora. “Não posso imaginar a razão para o

tom de sua carta. Imploro que acredite que ninguém deseja tanto sua

amizade como eu, ninguém está mais ansioso por prová-lo. ”127

Jose ina resistiu aos pedidos de intimidade de Napoleão, mas não por

muito tempo. Em dezembro de 1795 eram amantes. Ele escreveu sua

paixão às 7 da manhã, extasiado depois de sua primeira noite juntos.

“Acordo preenchido por pensamentos vossos. Vossa imagem, e os prazeres inebriantes da noite passada não dão descanso aos meus sentidos. Doce e emocionante Jose ina, que estranho poder tendes sobre meu coração! Estais zangada comigo? Estais infeliz? Estais incomodada? Minha alma está quebrada de desgosto e meu amor por vós nega-me repouso.

Mas como posso descansar, quando cedo à sensação que me esmaga o ser, quando bebo dos vossos lábios e do vosso coração uma chama entorpecente? Sim! Uma noite ensinou-me quão aquém da realidade ica vosso retrato! Começais ao meio-dia: em três horas irei ver-vos novamente. Até lá, mil beijos, *mio dolce amore*, mas não me devolvais nenhum porque me incendeiam a alma.” 128

A carta de Napoleão é uma obra-prima de ardor − e um pouco diferente

das cartas do rival Lorde Horatio Nelson à sua amante Emma, Lady

Hamilton, dizendo-lhe que pensava tanto nela que “não poderia nem

tocar em pudim", e que havia sentido ciúmes na noite anterior e sonhado ter-lhe dado com um "grande pau". 129 Na França, era a época do escritor de cartas sentimentais, do jorrar de emoções, regidas pelas ardentes (ainda que bastante menos explícitas) cartas em livros como *Júlia ou a Nova Heloísa* de Rousseau. Napoleão verteu todas as emoções em suas cartas, inebriado de obsessão sexual. Escrevia com força, furando o papel com a pena, cobrindo as palavras com borrões por estar tão impaciente ao escrever. Quase ilegíveis e mal soletradas, suas palavras ardiam com o fogo em sua alma por Jose ina, sua voz rouca, seus vestidos justos e suas promessas de alcova. Tal como com a noiva, Napoleão decidiu não se dirigir à amante pelo nome próprio, trocando, assim, o gênero de seu nome do meio. Ele chamava-a pelo nome que a posteridade viria a confirmar − Josefina.

Estavam ultrapassadas suas ideias segundo as quais o amor era meramente uma "paixão social". Com Jose ina, ele se converteu, icou consumido e fascinado, e não conseguia pensar em mais nada. A pobre Désirée lhe escreveu cartas, mas estas de inhavam em sua mesa, mal sendo tocadas.

Napoleão icou imediatamente ixado na cintura ina e no peito erguido de Jose ina, em sua pele suave, nos movimentos delicados e na voz mansa. Na cama, deliciava-se com ela, desconcertado e excitado com seu repertório de técnicas e pelo seu interesse elogioso nele. Jose ina

reconheceu Napoleão como um homem que teria sempre uma ambição pelo teatro. Arrumou-se para ele, borrifou-se com aromas de que ele gostava e encarnou o papel de uma sedutora. Decorou o quarto com todo o cuidado, cobrindo as paredes com dourados e espelhos. Em outros tempos, aprendera da pior maneira como ser a perpétua amante de um homem: disposta, inventiva, obediente. Seus primeiros amantes tinham estado absolutamente familiarizados com esses truques − espelhos e poses sóbrias à luz de velas, acrobacias na cama (Napoleão louvou os seus "zigue-zagues"), e perfume nos recônditos do corpo. Ele nunca se deparara com tais truques e não podia crer na sua sorte. Jose ina sabia ingir prazer. Conforme lhe escreveu mais tarde, ele nunca "esqueceu essas visitas" à "pequena floresta negra".

Napoleão possuía um fascínio por maquiagem, em parte por ser algo que sua mãe jamais teria usado. Jose ina, que tomava banho diariamente e cuja penteadeira gemia sob o peso de caixinhas de pó e branqueador de pele, era o seu ideal. Ela chegava a fazer os próprios cosméticos − um que usava num ritual "muito secreto" da sua *toilette* diária, talvez uma forma do popular "verniz facial" para esticar a pele e minimizar as rugas.

Suas mãos e seus pés pequeninos eram dos mais delicados (ele era obcecado por mãos e pés e tornara-se muito vaidoso com os próprios). Para ele, ela era o princípio da beleza.

Logo que se tornaram amantes, ele já queria se casar, chegando a jogar-se a seus pés e enfurecer-se quando ela recusava. Tímido e nervoso em torno de mulheres, consciente das suas falhas enquanto amante, convenceu-se de que só ela conseguia compreendê-lo. A delicadeza de Jose ina, sua falta de educação formal, sua maleabilidade, indolência e feminilidade excessiva tornavam-na a amante dos sonhos. Até mesmo a recusa em viver de acordo com suas posses era erótica, apenas mais uma indicação do quanto ela precisava da mão irme de um homem. Sua prontidão em perdoar afrontas tornava-a o par ideal para ele. Nenhuma mulher que guardasse rancor conseguiria ter vivido com Napoleão.

Ele também era loucamente ciumento. Certa noite, anunciou que usaria as cartas para ler o futuro aos convidados de uma festa. Disse a Madame Tallien que ela experimentaria “mil folias”. Quando chegou ao general Hoche, proferiu aquilo que era para um soldado o derradeiro insulto: “General, irás morrer na tua cama.” Odiava qualquer homem que admirasse Josefina − à exceção de Barras.

Napoleão pretendia ser todo-poderoso em todos os aspectos da sua vida. Jose ina o respeitava e lhe pedia conselhos. Quando se deixava dominar pela ira numa discussão com ela, ela fazia o papel da suplicante, chorando e implorando misericórdia. Era uma mulher naturalmente

chorosa numa era sentimental, chegando a chorar três vezes num só dia, e Napoleão era arrebatado pela visão erótica do seu pranto. “Continuo recordando vossos beijos, vossas lágrimas, vosso ciúme amoroso”, disse ele. 130 As lágrimas eram a prova da sua emoção e da sua feminilidade, e a capacidade de Jose ina para abrir as torneiras era vital para seu poder sobre ele. “Não nasci com um coração que suporte a visão e o som do choro”, disse ele. 131 Achava a visão dela chorando de joelhos incrivelmente excitante. “Ah! Lágrimas”, disse ele, cínico, “a única arma da mulher” .132 As lágrimas de Jose ina eram uma arma que ele desejava. Tinha uma necessidade enraizada de vê-la desempenhar o papel da donzela humilhada − nada lhe in lava mais o sentido da masculinidade. Com instinto para o drama, ele adorava levantar discussões terríveis e levá-la a lágrimas histéricas, e depois perdoá-la, agarrando-se em reconciliação apaixonada.

“Bonaparte passa o dia em adoração diante de mim como se eu fosse uma deusa”, escreveu Jose ina. 133 Sua obsessão sexual com ela era excitantemente nova, depois de uma série de homens experientes como Barras. Mas Jose ina icara desencantada com o amor devido ao seu casamento fracassado. Quando adolescente, no navio vindo da Martinica, ela também se animou com ideias de destino romântico originadas dos livros e do entusiasmo da juventude. Depois das crueldades de Alexandre e do seu tratamento nas mãos dos amantes e patronos nos

anos seguintes à separação, Jose ina se tornou uma mulher que não podia se dar ao luxo de acreditar no amor. Romance e sexo eram para ela uma forma de conquistar *status* e segurança, negócios que uma

mulher tinha de fazer para sobreviver. Ao longo dos anos ela dominou o charme e a so isticação, ao mesmo tempo desistindo de sua excitação, de sua alegria diante da novidade e do desejo de se abandonar no outro.

Não tinha procurado se apaixonar, mas sim um homem que sustentasse a ela e aos ilhos. Napoleão a interessava e ela o amava, à sua maneira, mas há muito tempo deixara de acreditar que essa paixão pudesse mudar sua vida.

Napoleão era sensual nas cartas, mas em pessoa podia ser áspero e grosseiro. Não sabia praticamente nada de conversas elegantes, e esperava que Jose ina o ouvisse descrever planos militares. Ainda que a adorasse e estivesse completamente preso à sua sexualidade, mostrava pouco interesse em seus pensamentos e opiniões e não supunha grandes respostas. Era o tipo de homem com quem uma mulher podia esperar se sentir terrivelmente só, mesmo quando a acariciava.

Paul de Barras não se importou por ter perdido a amante. Quando instruíra Jose ina para agradar a Napoleão, só pretendera com isso que ela assegurasse que ele se manteria a seu lado. Tinha-se desencantado com ela, pois era simultaneamente dispendiosa e cada vez mais dependente dele. Julgou que Napoleão poderia mantê-la e sentiu que ambos seriam mais leais se acreditassem dever a ele sua felicidade.

Encorajou Napoleão a pedi-la em casamento. “Tendes o posto, o talento

para vos tornardes herói", disse Barras, "mas estais carente de ligações; sem fortuna, sem relações". Barras explicou que, nas palavras de Napoleão, Jose ina era valiosa por fazer parte "tanto do antigo regime como do novo" e que "faria as pessoas esquecerem meu nome corso, me tornaria completamente francês". 134 Tornar-se "completamente francês" era a ambição de Napoleão, e se pensasse que Josefina podia lhe dar esse prêmio, teria proposto casamento mesmo que ela fosse feia e tivesse o dobro da sua idade. Não demorou a fazer a proposta.

Jose ina consultou amigos sobre se deveria aceitar casar-se com Bonaparte. As senhoras viam-no como uma piada, outros preocupavam-se com a insegurança da vida militar e viam como aposta mais segura um inancista ou um estadista. O advogado de Jose ina icou pálido quando soube que o noivo lhe ofereceria apenas a soma insigni icante de 1.500 francos por ano. Ela estava ciente de que a família de Napoleão não a aprovava. Além de tudo, Hortense não estava entusiasmada com a ideia. Conhecera Napoleão num jantar no Palácio de Luxemburgo − icou sentada entre ele e a mãe, e ele estava tão desesperado para falar com Jose ina que Hortense teve de desistir, chegar para trás e ouvir a conversa por cima de sua cabeça. Com medo de perder a mãe, ela implorou que não se casasse com ele.

Jose ina escreveu a uma amiga, provavelmente Madame de Krény,

num estado de indecisão:

“Gostais dele? Ireis perguntar-me. − Mas. . não. − Sentis-vos fria com ele, então? − Não, mas sinto-me num estado tépido de que não gosto [. .] tomar um partido sempre me pareceu exaustivo para minha indiferença crioula, julgo bem mais simples seguir a vontade dos outros.

[. .] Admiro a coragem do general, a amplitude do seu conhecimento sobre tudo, de que ele fala igualmente bem; a presteza da sua mente, que compreende os pensamentos alheios quase antes de serem formulados; mas tenho receio, admito, do império que ele pretende exercer sobre todos aqueles que o rodeiam. Seu olhar escrutinador tem algo de estranho que não consigo explicar.

Por im, a coisa que me deveria agradar, a força da paixão, da qual ele tanto fala e o que signi ica que não se pode duvidar da sua sinceridade, é exatamente o que me impede de oferecer o consentimento que estou quase a ponto de dar.” 135

A força desta “afeição que quase parece deixá-lo delirante”

desencorajava-a. Preocupava-se com a possibilidade de ele icar

ressentido no caso de a paixão esmorecer. A inal de contas, ela vira

tantos homens ficarem entusiasmados só para depois se cansarem.

Mas a “viúva Beauharnais”, tal como assinava, não poderia

permanecer solteira para sempre. Barras não se casaria com ela. O

general Hoche ainda a visitou durante o inverno, mas não dava mostras

de querer se divorciar.

Jose ina tomou uma decisão. Concordou e disse sim à sua paixão, à sua

obsessão por ela, ao pequeno acordo inanceiro e ao papel de uma

esposa de militar. Napoleão, radiante, se viu dando início a uma nova vida

com o prêmio a seu lado. Num contrato assinado por ambas as partes,

concordaram que não haveria propriedades nem bens conjuntos e que nenhum seria responsável pelas dívidas do outro.

Nas cartas, Napoleão era o amante apaixonado, mas ele se informara quanto à situação inanceira de Jose ina e decidira que o casamento deveria ser rápido e prático. Não haveria serviço religioso para o amigo do Diretório, mas também não haveria jantar ou recepção, coisa que Jose ina teria tido, caso desposasse um inancista. Uma semana antes, Napoleão fora promovido a comandante-chefe do Exército Francês da Itália, e nem assim tinha vontade de uma celebração. Jose ina não convidou os ilhos nem o marquês de Beauharnais, a tia Edmée ou as amigas. A família de Napoleão estava ausente, desaprovando à distância. Désirée soube das notícias e lhe disse estar de coração partido. “Fizestes-me icar triste para o resto da minha vida”, escreveu ela. “Jamais me prometerei a outro.” 136

102 Bertrand, *Cahiers*, II, p. 85.

103 Bertrand, *Cahiers*, I, p. 55.

104 Bourrienne, *Mémoires*, I, p. 75.

105 Bertrand, *Cahiers*, II, p. 198.

106 Bertrand, *Cahiers*, I, p. 66.

107 Bertrand, *Cahiers*, I, p. 75.

108 Bertrand, *Cahiers*, p. 78.

109 Rousseau, *Du Contrat Social*, II, p. 358.

110 Rémusat, I, p. 143.

111 Bertrand, *Cahiers*, III, p. 65.

112 Rémusat, *Mémoires*, I, p. 144.

113 Masson, *Napoleon inconnu, papiers inedits*, II, p. 286.

114 12 agosto 1795, José Bonaparte, *Mémoires*, I, p. 142.

115 José Bonaparte, *Mémoires*, I, p. 144.

116 McLynn, Napoleon, p. 87.

117 McLynn, Napoleon, p. 85.

118 Bourrienne, *Mémoires*, II, p. 145.

119 Há muita discussão quanto à altura de Bonaparte – há quem sugira que teria 1,52 m. A altura média de um francês na época era de cerca de 1,68 m, e são muitos os homens que comentam sua altura. Recorde-se de que se acreditava que a aristocracia era mais alta; ao dizer que Bonaparte era pequeno, as pessoas consideravam-no de classe baixa.

120 Napoleon, *Correspondance*, org. Chevallier et al., I, p. 64. A José.

121 As memórias de Elliott não são fidedignas, mas isto parece provável.

122 Napoleon, *Correspondance*, org. Chevallier et al., I, p. 65.

123 Barras, *Mémoires*, pp. 57-9.

124 Madame de Staël, *Correpondance*, II, p. 65.

125 Marmon, *Mémoires*, II, p. 52.

126 Josefina a Napoleão, 28 outubro, *Impératrice Joséphine, Correspondance*, p. 31.

127 Chantal Bonazzi, *Lettres d’amour à Josephine*, p. 45.

128 Bonazzi, *Lettres d’amour*, p. 52.

129 Ver Kate Williams, *England’s Mistress*, p. 254.

130 Bonazzi, *Lettres d’amour*, p. 85.

131 Bertrand, *Cahiers*, p. 65.

132 Rémusat, *Mémoires*, I, p. 247.

133 Josefina a Mme. Renaudin, 6 setembro 1796, *Josephine*, *Correspondance*, p. 47.

134 Bertrand, *Cahiers*, p. 86.

135 Ducrest, I, p. 137.

136 Girod de l’Ain, *Désirée Clary*, p. 91.

7

“O ÚNICO OBJETO EM MEU CORAÇÃO”

Osegundo casamento de Jose ina foi um evento discreto numa sombria câmara municipal. Outrora elegante, o Hôtel du Mondragon icava situado numa pequena rua que saía da Avenue de l’Ópera e estava servindo de câmara do segundo distrito municipal de Paris. Os grandes painéis de madeira nas paredes estavam desgastados e o enorme candelabro precisava de restauro.

Jose ina chegou à hora combinada, 8 da noite de 9 de março de 1796. Envergava um dos preciosos vestidos de musselina com uma faixa

tricolor. Napoleão ainda não chegara. Jose ina esperou numa sala do segundo andar, reservada a casamentos civis, observando a expressão carregada das testemunhas à medida que as velas derretiam e se apagavam.

Napoleão continuava sem aparecer. Não havia local para se sentar, nada com que se refrescar e o escrivão Charles Leclercq estava cada vez mais impaciente. Finalmente declarou a espera insuportável e foi-se deitar, ordenando ao subordinado que celebrasse a cerimônia. Jose ina esperou pacientemente. Às 10 da noite ouviram a porta da frente ranger e depois o ruído inconfundível de Napoleão subindo as escadas. Entrou de rompante na sala, acompanhado pelo ajudante. Ficara traçando planos para o Exército da Itália, tão inspirado no próprio gênio e tão absorto em sua imaginação que se esquecera completamente das horas, disse ele. Foi rapidamente perdoado e a cerimônia foi conduzida pelo subalterno de Leclercq, Antoine Lacombe, com os olhos quase fechando à luz da única vela que restava.

Napoleão deixou claro a Jose ina o seu poder: ela tinha de esperar por ele. Ainda assim, descobriu uma maneira de compensá-la – a certidão de casamento adicionava 18 meses a sua idade e retirava dela 4 anos, declarando que ele tinha 28 e ela poucos meses menos do que 29. Presenteou-a com um medalhão de ouro e esmalte com a gravação “Ao

destino”.

Para observadores posteriores, o casamento foi declaradamente fraudulento. Devido às di iculdades na obtenção de documentos do estrangeiro, os o iciais dispensaram a necessidade de certidões de batismo e, em vez disso, aceitaram declarações de juramento. A data de nascimento de Jose ina fornecida foi 1767 e a de Napoleão indicava que ele nascera em 5 de fevereiro de 1768 (e não 15 de agosto de 1769), o que a teria tornado uma criança na altura do primeiro casamento e Napoleão apenas um ano mais novo do que o irmão, José. Pior ainda, o ajudante ainda não tinha chegado à maioridade e, portanto, não devia ter sido testemunha. Havia dúvidas de que Lacombe fosse quali icado para conduzir o casamento.

Napoleão declarou que estava tudo excelente e apressou-se em levar Jose ina de volta ao número 6 da rue Chantereine. Esperava ter uma noite de paixão, mas Fortuné tinha outros planos. No quarto, o teimoso *pug* de Jose ina estava instalado na cama e não conseguiram removê-lo. Napoleão recordava-se de que “me tinha sido dito com toda a franqueza que tinha de dormir em outro lugar ou partilhar a cama com ele”.

Jose ina não estava com disposição para ser misericordiosa. “É pegar ou largar”, declarou ela.137 Napoleão tentou afastar o cão para o lado e o *pug* mordeu prontamente sua canela.

No dia seguinte ao casamento, os Bonaparte foram a Saint-Germain contar as novidades a Eugène e depois a Hortense. Para Eugène estava tudo bem, mas Hortense chorou. Napoleão tratou-os com gentileza, perambulando pelos terrenos e perguntando por seus estudos. Prometeu a Madame Campan que inscreveria a irmã, Carolina, na escola dela. "Assegura-lhes que os amo como se fossem meus ilhos", escreveu a Josefina. 138 Não era difícil amar os dois adolescentes Beauharnais. Eugène era um jovem bonito, zeloso, gentil e obediente, com um forte sentido de responsabilidade. Sua estatura muito pequena era agradável ao padrasto. Não sendo intelectual, era esforçado e bem-disposto por natureza. Hortense era a mascote da escola de Madame Campan. Alta, bonita, com um belo e generoso cabelo louro e tez clara, era cheia de vida, alegre e excelente nos estudos, com uma capacidade especial para canto e desenho. Napoleão atribuiu seu choro às alterações de humor da adolescência e ficou confiante de que conquistaria os dois.

Jose ina passara 8 anos solteira e, no segundo dia como mulher casada, se despedia de Napoleão. Em 11 de março, ele desempenhou o papel de general durante todo o dia e depois, naquela noite, tomou rapidamente a noiva nos braços, recolheu seus pertences e entrou numa carruagem a caminho da Itália. Na bagagem levava 8 mil *livres* em moedas de ouro – e uma miniatura de sua amada. Desejava que ela fosse

encontrá-lo na Itália. Infelizmente, o Diretório havia retido o passaporte de Jose ina e ela não podia viajar. Queriam que a mente de Napoleão estivesse centrada na tarefa que tinha em mãos.

Napoleão partiu, planejando obsessivamente estratégias militares e escrevendo passionalmente a Jose ina no tempo livre. “És o objeto constante dos meus pensamentos”, escreveu-lhe alguns dias depois da partida. “A minha mente está exausta de tanto imaginar o que andas a fazer. Se te vejo triste, meu coração ica dilacerado e aumenta o meu sofrimento. Se estás alegre e bem-disposta com teus amigos, encho-me de censuras.” Conforme escreveu, “Não sou fácil de contentar.” Renunciava seu ego por ela. “As doenças, as paixões dos homens só me in luenciam quando os imagino a tocarem-te, meu amor.” Assinou com “mil beijos” .139

Após uma semana de viagem, Napoleão fez uma pausa para visitar a mãe em Marselha. Jose ina lhe escreveu uma carta de apresentação, mas Madame Letizia não icou impressionada. Toda a família preferia Désirée Clary, que era dócil e in luenciável. A notória e reconhecidamente extravagante Madame de Beauharnais, imagem da moda que já tinha dois ilhos, era velha demais. De fato, era apenas 13 anos mais nova do que Letizia. Napoleão já era o chefe de família e viam Jose ina como uma ameaça às suas chances de icarem ricos por meio dele. Ainda assim, Letizia entendeu que não tinha alternativa e escreveu uma resposta a

Jose ina, com Napoleão por cima do ombro ditando as palavras. Jose ina, sua voz suave, suas lágrimas e seus “zigue-zagues” tinham vencido. Napoleão escolhera a mulher que mais provavelmente aborreceria a sua família e, portanto, fazia uma declaração de independência.

Em 27 de março chegou a Nice e cumprimentou os o iciais superiores. Altivo diante do grupo heterogêneo de soldados, prometeu-lhes terras, riquezas e vitória. Enquanto viajava, pensava na esposa.

“Não passa um dia em que não te ame, em que não te aperte nos meus braços. Sempre que bebo uma xícara de chá, amaldiçoo a glória e a ambição que me mantêm afastado da alma da minha existência. No meio de negócios, na liderança das tropas, na revista aos acampamentos, minha maravilhosa Jose ina é o único objeto em meu coração, a única ocupação da minha alma, absorve-me os pensamentos.” 140

As cartas inundavam a rue de Chantereine. As respostas de Jose ina eram muito mais espaçadas. Quando chegavam, inspiravam Napoleão com contentamento.

“Como podes pensar, minha querida, em escrever-me assim? Não achas que já estou em su iciente mau estado sem aumentar minha tristeza e confundir meu raciocínio? Que eloquência, quanto sentimento transmites; são fogosos, in lamam-me o pobre coração! Minha incomparável Jose ina, longe de ti, não há alegria – longe de ti, o mundo é uma selva na qual estou sozinho e sem experienciar a bênção da libertação da minha alma. Roubaste-me mais do que a alma, és o único pensamento da minha vida.” 141

Todas as capacidades literárias inexploradas de Napoleão jorravam para as cartas. “Por quais artes aprendeste a enfeitiçar todas as minhas faculdades, a concentrar em ti a minha existência espiritual – é bruxaria,

querida amada, que apenas vai acabar comigo. Viver para Jose ina, é esta

a história da minha vida.” 142 Ela jamais havia lido algo tão romântico, repleto de saudade. Napoleão vivia o emocionante prazer da paixão ísica

pura. Era primeiro amor em todo o sentido da expressão. Enviou-lhe

cartas que emanavam amor e ponderavam o sentido da vida. “O que

signi ica o passado? O que somos nós? Que líquido mágico nos envolve e

nos esconde das coisas que mais queremos saber? ”143

Fez uma birra quando a achou fria. “Não estou satisfeito com tua

última carta, é tão gelada como a de um amigo. Não encontrei aquele fogo

que incendeia tua aparência e que por vezes acreditei ter encontrado.” 144

Napoleão tinha o hábito de agrupar as cartas num cesto e relê-las

semanas mais tarde, com a convicção de que, por essa altura, apenas um

quinto carecia de resposta. 145 Mas agarrava-se às cartas de Jose ina no momento em que chegavam, devorava-as à procura de pormenores

sobre ela. Mal podia acreditar que era sua esposa. Apesar de os títulos de

Monsieur e Madame terem voltado ao uso, suas primeiras cartas durante

a campanha eram dirigidas à *Citoyenne* Beauharnais, depois *Citoyenne* Bonaparte, ao cuidado da *Citoyenne* Beauharnais.

Napoleão implorava sempre por mais. “Se me amasses, escrever-me-

ias duas vezes por dia. Mas tens de conversar com os cavalheiros que te

visitam às dez da manhã e depois ouvir o falatório vazio e os disparates sem sentido de centenas de janotas até uma hora da manhã”. Queixava-se de que, “em países com alguma moral”, as mulheres estavam em casa

às 10 da noite, e “escrevem aos maridos, pensam neles, vivem para eles” .146 Podia facilmente ter encontrado uma mulher controlável. Escolheu Jose ina – independente, di ícil e afável – porque adorava um desa io. E era seu escravo sexual. “Um beijo para o coração, depois mais abaixo, muito, *muito mais abaixo.* ” 147

A campanha militar de Napoleão foi irregular. Detalhou seus erros nas cartas a Barras e ao Diretório. Em 21 de abril, Barras escreveu a Jose ina para lhe contar que cerca de 4 mil soldados inimigos tinham sido aprisionados ou mortos. Dois dias mais tarde, Napoleão escreveu a Jose ina descrevendo suas vitórias e pedindo que se juntasse a ele. “Vem depressa. Aviso-te: se te atrasares, vens encontrar-me doente.” 148 Informou-a de que Junot, seu ajudante, estava retornando a Paris para entregar as bandeiras da vitória ao Diretório e que ela deveria voltar com ele. Se não fosse, ele “sofreria misérias sem remédio.” 149 Enviou uma recomendação entusiástica de Junot: “Ele irá respirar no teu templo; talvez lhe faças o favor único e inestimável de lhe dar um beijo na face.” 150

Jose ina estava satisfeita em Paris com as amigas e não tinha qualquer intenção de enfrentar as adversidades da viagem. Seu sogro, o marquês de Beauharnais, e a tia Edmée tinham casamento marcado para junho e os ilhos retornariam para as férias do verão. Gastava milhares de

francos na reforma da casa da rue Chantereine, tendo contratado o arquiteto da moda, Vautier, para redecorar completamente a casa e desenhar nova mobília. Cobriu as paredes com uma decoração excessivamente romântica, digna da Madame de Pompadour, amante de Luís XV, com um estilo que imita os afrescos de Pompeia, pequenos cupidos cor-de-rosa, rosas, espelhos e cisnes. Seu quarto foi pintado com cisnes e rosas e adornado com cadeiras de bronze e uma nova harpa. A porta ao lado dava acesso a um vestiário inteiramente forrado com espelhos. Comprou uma ina mesa de mogno para a sala de jantar e cadeiras combinando, além de duas mesas de apoio com tampo de mármore. Tinha carta branca: Napoleão aprovara seu plano de redecorar a casa e apenas sugerira “espalhar retratos teus por todo o lado” .151

Mais ainda, Jose ina tinha uma nova fama para explorar. Como esposa de um herói militar, era ovacionada e aplaudida, os poetas escreviam longos versos sobre ela e era inundada de presentes e convites. Os mercadores aumentavam seu crédito. Ela, e não mais Madame Tallien, era a mulher mais procurada de Paris, a convidada que todos queriam ter nos jantares e festas. Em maio, o Diretório organizou um baile para celebrar as vitórias de Napoleão. “Viva a *citoyenne* Bonaparte!” gritaram as pessoas quando a viram. Outra mulher gritou que ela era “*Notre Dame*

des Victoires". O nome "Nossa Senhora das Vitórias" pegou, pertencendo a Josefina até a morte.

Com esses louvores e a fama, não tinha qualquer desejo de viajar para a Itália. A carta de Napoleão para ela era loucamente apaixonada, as palavras escritas com tamanha força que tinham rasgado o papel. "Minha vida é um pesadelo contínuo", escreveu ele. "Perdi mais do que a vida, mais do que a felicidade." 152 Culpava "amigos pér idos" de manterem-na longe dele. "Odeio todos os que estão perto de ti." 153 Não se coibia de escrever nada. "Morrer sem ser amado por ti, morrer sem essa certeza, é o tormento do inferno." 154 Quando percebeu que o vidro que cobria a miniatura de Jose ina estava partido, gritou, "Minha mulher ou está muito doente ou é-me infiel." 155

O general Murat foi enviado para convencer Jose ina a partir para a Itália. Ela disse a Murat que não estava bem – com sintomas semelhantes aos da gravidez. Homem obcecado pela virilidade, Napoleão icou empolgado. "Quem me dera poder ver tua pequena barriga", expressou arrogantemente, "vai dar-te uma aparência fascinante". 156 Infelizmente, as febres, dores de cabeça e menstruação irregular de Jose ina não eram causadas por gravidez. Tinha apenas 33 anos, mas sua saúde estava destroçada devido ao período que passara na prisão, o que tornara seu ciclo menstrual irregular e muitas vezes ausente. Sua saúde reprodutiva não teria sido fortalecida pelos anos que passou como amante, usando métodos anticoncepcionais como duchas nocivas. Provavelmente já

estava estéril à epoca do casamento. Nos anos que se seguiram, Napoleão sofria após o retorno do “pequeno mar vermelho”, e ela mentia para ele quanto à frequência.

As cartas de Jose ina foram reduzidas como num conta-gotas. Em junho, enviou apenas duas, com três linhas cada. O pobre Napoleão implorava por mais. “Como se uma mulher bonita desistisse dos seus hábitos, das suas amigas, de Madame Tallien, de um jantar com Barras e Fortuné. ”157 Acumulou vitórias, mas procurava tristemente sua Jose ina. “É impossível teres inspirado um amor sem limites e não o partilhares. ”158 Como disse o amigo Marmont a seu respeito, “Ele falava frequentemente dela e do seu amor, com a efusividade, o ardor e as ilusões da juventude extrema. ”159 “Sem ti, sou inútil aqui. Vou abandonar a busca de glória e o serviço ao país para outros”. Era tudo uma imagem de desespero romântico. “Mil adagas despedaçam o meu coração”, bradava. 160 Sonhava em ser os sapatos e o vestido dela. Quando ela continuou a não responder, as cartas tornaram-se loucas, e Jose ina colocava-as de lado, farta do seu “delírio”. Certa vez leu alto uma carta em que ele se inquietava por causa de um rival e ameaçava vingar-se ao estilo de Otelo. Ela simplesmente riu e disse, “Ele é cômico, Bonaparte.” 161 Napoleão queixou-se sobre amantes, desesperado por garantias. “Fica em Paris, tem amantes – deixa que todos saibam. ”162 Ela nunca lhe enviou negações específicas.

Napoleão não era tolo, apesar das pessoas muitas vezes o tomarem

por tal. Geralmente correto em seus julgamentos, raramente se enganou em relação a Jose ina. A “Nossa Senhora das Vitórias” tinha um caso amoroso. Em abril conhecera um belo soldado, Hippolyte Charles, quando este acompanhava o general Leclerc numa visita. Com 23 anos e ansioso por agradar, tenente nos hussardos, jogador, mundano e janota, Hippolyte era muito pequeno, mas extraordinariamente bonito, com um rosto cinzelado, delicados olhos azuis e cabelo escuro, e era muito meticuloso com o vestuário. Os homens zombavam dele por ser vaidoso, um dançarino cabeleireiro a serviço das mulheres. Tornou-se imediatamente parte do círculo de heroínas da vitória. “Estamos todas apaixonadas, as madames Récamier, Tallien, Hamelin perderam todas a cabeça, o homem é tão bonito”, escreveu Jose ina a Talleyrand. “Acho que não existe ninguém no mundo que amarre a gravata com tanta desenvoltura.” 163 Poucos homens teriam fornecido um contraste tão grande com o desmazelado e feio Napoleão. Hippolyte fazia perguntas sobre a moda e os estilos de penteado e sabia sempre as últimas fofocas. Adorava piadas, o que nunca foi um ponto forte de Napoleão, e pregava peças infantis, colocando cola na bainha da espada do general Junot e ingindo ser um crioulo no salão de Jose ina. Como jovem soldado na Batalha de Valmy, fora apelidado de *l’Eveille* devido ao talento para divertir – que animava a todos.

Hippolyte perseguiu Jose ina avidamente, mas com um encanto

lânguido e não com a paixão louca de Napoleão. Ao contrário do marido, que alegremente passava por cima de todas as suas opiniões, Hippolyte prestava maior deferência e gostava de ouvir Jose ina conversar. No verão, tiveram um caso. O homem que todas as amigas queriam era uma conquista muito atraente. Em vez de escrever ao marido, passava as manhãs e tardes com o homem mais bem-vestido de Paris.

Por meio de Hippolyte, Jose ina descobriu também uma forma terrivelmente arriscada de fazer dinheiro. Havia pouquíssima luidez nos cofres do governo para travar as guerras contra a Áustria; surgiram, então, empresas que forneciam cavalos, fardas e armas e recebiam o dinheiro muito depois, habitualmente com o acréscimo de juros. Uma delas pertencia a Louis Bodin, de Lyon. As empresas depenavam o governo e Bodin era um dos piores. As faturas eram alteradas depois de serem submetidas e os homens na linha de frente abriam caixas que continham apenas armas sem precisão e enferrujadas. Em vez de cavalos, Bodin enviava burros expropriados dos camponeses franceses. Apesar destas práticas chocantes, Bodin continuou a fazer negócio, porque pagava subornos aos ministros e generais no comando. Usou Hippolyte para fortalecer as relações com os tesoureiros do armamento – e o relacionamento do empregado com a esposa do homem que tomava todas as decisões era para ele uma bênção (não é impossível que

Hippolyte a tenha seduzido para melhorar a carreira). Jose ina aceitou comissões de Bodin por facilitar as relações com os colegas do marido. Ganhou dinheiro para pagar as dívidas e comprar roupas elegantes que podia usar nos bailes como a Senhora das Vitórias.

Enquanto isso, Napoleão suspirava pela sua presença. Jose ina mostrava-se hesitante e o governo continuava a não lhe conceder autorização para viajar. Por im, em maio, o Diretório escreveu a Napoleão. “É com grande relutância que cedemos ao desejo da *citoyenne* Bonaparte de se juntar a você. Temíamos que a atenção que ela lhe possa dispensar o distraísse da glória e da segurança do nosso país.” 164 Mas era tarde demais; Josefina estava apaixonada por Hippolyte.

Em 15 de maio, Napoleão entrou triunfante em Milão. No jantar da noite anterior, a an itriã comentou sobre sua juventude. Ele encolheu os ombros e con irmou que não era, de fato, “muito velho no momento – 27 anos”, mas seria muito mais velho 24 horas depois, já que ganharia Milão (ou *mille ans* 165).166

Napoleão declarou que desejava a uni icação italiana, mas comandou uma orgia de pilhagens. Seus soldados enchiam carroças com pinturas, bronzes, estátuas e joias para enviar à França. Em 6 de maio, pediu ao Diretório que “alguns artistas de reputação se responsabilizassem pela escolha e transporte de todas as coisas belas que considerarmos

adequadas para enviar a Paris". 167 Artistas e estudiosos, incluindo Antoine Gros, chegaram e criaram listas de prêmios. O papa entregou 21

milhões de francos em ouro, uma centena de pinturas e *objets d'art* e 83

estátuas, incluindo o arrebatador *Apolo do Belvedere*. Napoleão também tomou 500 manuscritos, incluindo um de Virgílio que pertencera a

Petrarca e continha suas notas (Bonaparte queria inicialmente 2 mil, mas

os artistas sugeriram que moderasse as exigências). O duque de Parma

cedeu o *Amanhecer* de Correggio e 15 outras obras, incluindo a *Madonna*

di San Geralamo, do mesmo artista, para grande desgosto do povo de Parma. Napoleão exigiu pessoalmente a *Madonna di Foligno*, de Rafael, de

Perúgia. Veneza perdeu os cavalos de bronze da praça de San Marco.

Obras de Giorgione, Rafael, Leonardo, Lippi e Ticiano, entre outras, todas

elas criadas para a glória das cidades-estado italianas, foram

expropriadas por Napoleão e empacotadas para a França. Os cidadãos

comuns viram suas paredes destituídas das pinturas quando inalmente

regressaram aos lares dos quais tinham fugido.

Quase todas as semanas apareciam na impressa francesa artigos de

congratulação, alguns redigidos pelo próprio Bonaparte, sobre as

brilhantes apreensões de arte na Itália. Ele e os soldados apregoavam

ideais arrogantes: a verdadeira arte deveria estar na França, na terra da

liberdade e lar do patrimônio cultural da humanidade, em vez de estar

nos corruptos estados italianos. O Diretório ordenou que enviasse a arte

“para fortalecer e embelezar o reino da liberdade”. 168 Sabia que era humilhante para a Itália perder sua arte – e ele a queria para si mesmo.

Assim como milhões dos francos que roubou foram parar em seu bolso (possivelmente só um quinto de todo o dinheiro foi enviado ao governo), apropriava-se de obras de arte para o Louvre, para o Diretório e, acima de tudo, para Jose ina. A Itália transformou a esposa de Napoleão numa verdadeira colecionadora.

Entretanto, ela continuava sem escrever. Napoleão uivava para o silêncio. “Recebi correspondência de Paris em 27 de maio e não tive qualquer resposta, nenhuma novidade da minha *bonne amie*. Poderá ela ter-me esquecido ou ter-se esquecido de que não existe maior tormento do que não receber uma carta do *mio dolce amore*? Deram uma grande festa em minha homenagem; quinhentas ou seiscentas donzelas elegantes e belas tentaram seduzir-me; nenhuma tinha teu rosto doce e harmonioso que tenho gravado no coração. Apenas te vi a ti, apenas pensei em ti!” 169 Perguntou pelo progresso da gravidez. “Imagino constantemente que te vejo, com tua pequena barriga redonda.” 170

Jose ina leu a carta e a colocou de lado. “Sabes que nunca antes estive apaixonado, que Jose ina é a primeira mulher que adorei”, escreveu ao irmão. “Se ela já não me amar, nada resta para mim.”

Por volta de junho, Napoleão já tinha aguentado o su iciente. Declarou que partiria imediatamente para Paris. Jose ina ignorou a carta e

manteve o caso com Hippolyte. Enraivecido, Napoleão ameaçou o Diretório de que voltaria para casa. “Odeio todas as mulheres. Estou desesperado!”, rugiu para Barras. O tesoureiro precisava que Napoleão vencesse batalhas na Itália e entrou em ação. Em 24 de junho, Barras informou Jose ina de que teria de viajar imediatamente. Deu um grande jantar em sua homenagem no Palácio de Luxemburgo dois dias depois, e em seguida a colocou em uma carruagem. Jose ina chorou e protestou, e sua expressão era a de alguém prestes a ser enviada para o cadafalso. Mesmo assim, tinha um consolo. Na primeira carruagem, juntamente com o seu pequeno cão mal-humorado *Fortuné*, estava Hippolyte Charles, resplandecente em sua farda azul-clara com faixa escarlate.

137 Bertrand, *Cahiers*, p. 67.

138 Bonazzi, *Lettres d’amour*, p. 86.

139 14 março 1796, Bonazzi, *Lettres d’amour*, pp. 49-50.

140 Napoleão, *Lettres d’amour à Josephine*, pp. 51-2.

141 3 abril, Napoleão, *Lettres d’amour à Josephine*, pp. 54-5.

142 3 abril, Napoleão, *Lettres d’amour à Josephine*, pp. 54-5.

143 5 abril, Napoleão, *Lettres d’amour à Josephine*, pp. 55-6.

144 7 abril, Bonazzi, *Lettres d’amour*, p. 66.

145 Bonazzi, *Lettres d’amour*, p. 67.

146 24 abril, Napoleão, *Lettres d’amour*, p. 66.

147 24 abril, Napoleão, *Lettres d'amour*, pp. 63-4.

148 24 abril, Napoleão, *Lettres d'amour*, pp. 63-4.

149 Napoleão, *Lettres d'amour*, p. 65.

150 29 abril, Bonazzi, *Lettres d'amour*, p. 61.

151 15 junho, Bonazzi, *Lettres d'amour*, p. 60.

152 15 junho, Bonazzi, *Lettres d'amour*, p. 80.

153 3 abril, Bonazzi, *Lettres d'amour*, p. 56.

154 Marmont, *Mémoires*, I, pp. 87–8.

155 13 maio, Bonazzi, *Lettres d'amour,* p. 62.

156 26 junho, Bonazzi, *Lettres d'amour*, p. 60.

157 17 abril, Napoleão, *Lettres d'amour*, p. 61.

158 Duc de Raguse, *Mémoires de Maréchal Marmont*, I, p. 187.

159 8 junho, Bonazzi, *Lettres d'amour*, p. 70.

160 Arnault, *Souvenirs*, p. 392.

161 26 junho, Bonazzi, *Lettres d'amour*, p. 80.

162 Hastier, *Le Grand Amour de Josephine*, p. 70.

163 *Souvenirs et mémoires, recueil mensue; de documents*, Paris, 1898, I, p. 55.

164 Henry Foljambe, p. 188.

165 Napoleão faz um trocadilho com o nome da cidade italiana Milão (*Milan*), que, na pronúncia em francês, aproxima-se da prónúncia de "mil anos" (*mille ans*). (N.E.)

166 Napoleão, *Correspondance*, II, p. 72.

167 McLynn, *Napoleon*, p. 147. Ao retirar de contexto a arte católica, Napoleão negava a religião.

Além disso, a Grã-Bretanha poderia ter um poderio naval superior, mas sua arte não passava de paisagens, cavalos e cães pouco impressionantes nas paredes britânicas, e o monótono era quem se encontrava a cargo da Royal Academy.

168 Bonazzi, *Lettres d'amour*, p. 75.

169 Napoleão, *Lettres d'amour*, pp. 74-5.

170 Napoleão, *Correspondance Generale*, I, p. 43.

8

UM MILHÃO DE BEIJOS

"Tive a pior das viagens", queixou-se Jose ina. "Estava com febre

quando entrei na carruagem e ainda por cima triste." 171 As seis carruagens de criados, bagagem, joias e vestidos ribombaram através da

França. Hippolyte era seu único consolo – estava de volta como ajudante

de campo do general Leclerc. Durante o dia, ele e Jose ina tinham de se

contentar com olhares discretos e furtivos toques de mão, pois eram

escoltados pelo irmão de Napoleão, José. À noite, icavam em quartos

vizinhos em estalagens e esgueiravam-se para o quarto um do outro.

José não reparou nos rangidos noturnos. Estava ocupado redigindo o

esboço de um romance e sofria de uma dolorosa doença venérea.

Todavia, a criada de Jose ina, Louise Compoint, uma das quatro criadas

que a acompanhavam, observou o comportamento de sua senhora,

apesar de estar distraída com um romance com o mulherengo general

Junot. É certo que todos viam que Hippolyte estava apaixonado por Jose ina e que se aborrecia cada vez que ela falava com alguém que não ele. Antoine Hamelin, amigo de Napoleão, icou infeliz ao ver Bonaparte, já então “coberto de uma glória que re letia na esposa”, transformar-se no “rival de um homenzinho insigni icante”, que “nada tinha a oferecer a não ser a beleza e a elegância de um rapaz que se preocupa com a peruca”. 172

Finalmente, duas semanas após a partida, Jose ina chegou às portas de Milão, onde foi recebida por enormes multidões. Correspondeu aos loucos aplausos e tentou esconder a infelicidade sentida por Hippolyte estar prestes a partir para o quartel-general de Brescia. Napoleão não estava ali, mas havia decorado o palácio Serbelloni com lores e enchido o jardim com novas plantas. As paredes estavam repletas de arte italiana roubada.

Dias depois, Napoleão chegou e o casal teve a terceira noite da sua vida de casados. Jose ina mostrava-se elegante no vestido colado ao corpo e, obviamente, não estava grávida. O herói icou tão contente por estar de volta aos braços da esposa que não se queixou. Jose ina invocou todo o seu charme para controlar a situação, lisonjeou-o, ouviu as descrições que fez dos planos militares e ingiu ter ciúmes das italianas. Napoleão estava mais obcecado do que nunca. Largava constantemente

os documentos em que estava trabalhando e, como relatou Hamelin com embaraço, “brincava com ela como se fosse uma criança e sufocava-a com carícias tão rudes que eu ia para a janela”. 173 Então, quatro dias após a chegada de Jose ina, Napoleão estava de novo em movimento, partindo para a guerra. “Morro de tédio no meio das soberbas festas que me oferecem”, lamentou-se Josefina, sentindo a falta dos Talliens, de Barras e dos ilhos.174 Desconfortável no enorme lar que os italianos lhe prepararam, dispensou a criadagem e instalou-se num local muito menor. Napoleão enviava cada vez mais cartas românticas da linha da frente. Resmungava por causa dos homens que pudessem admirá-la e escrevia poesias enlevadas sobre os prazeres que o corpo dela lhe oferecia. “Pensava que te amava, mas agora que te vi novamente, amo-te mil vezes mais”, apregoava. “Teu encanto incendeia-me o coração e os sentidos.” Nada daquilo era novo para Jose ina. Napoleão sugeria que ela tivesse mais defeitos, que icasse “menos bonita, menos graciosa” e que “nunca tenhas ciúmes, nunca chores, tuas lágrimas afastam todo o raciocínio e incendeiam-me o sangue” .175

A paixão histérica de Napoleão não era consolo para Josefina. Escreveu à tia: “Meu marido não me ama, venera-me. Acho que vai icar insano. Apenas o vi brevemente, está terrivelmente ocupado.” 176 Em 24 de julho, Napoleão concedeu a Jose ina a liberdade da sua prisão dourada. Disse a ela para ir a Cassano. No caminho, claro, teria de parar em Brescia, e

essa seria sua oportunidade de ver Hippolyte Charles. Napoleão expressou seu ciúme: “Disseram-me que conheces há muito tempo e *muito bem* esse cavalheiro que me recomendaste para uma parceria de negócios. Se é esse o caso, então és um monstro.” Não acreditava realmente nisso, mas gostava de ser melodramático. Terminou a carta com “um milhão de beijos em todos os lugares, todos os lugares” .177 Jose ina estava a caminho de Cassano, quando ela e Hamelin avistaram soldados austríacos nas proximidades. Napoleão ordenou-lhe que fosse para Peschiera, a caminho de Milão. O comandante, o general Guillaume, disse que não conseguiria mantê-la a salvo e ordenou que partisse imediatamente. Jose ina se recusou até ter notícias de Napoleão. Quando este icou sabendo que os austríacos se dirigiam à cidade, mandou Junot dizer a ela para viajar para Castelnuovo, acompanhada pelos dragões. Enquanto viajavam, Junot viu uma canhoneira num lago, preparando-se para disparar contra eles. Saltou da carruagem e empurrou Jose ina e a criada para uma vala. As duas mulheres tiveram de rastejar escondidas até o barco passar. Hamelin icou chocado por “esta mulher tão fútil, tão ocupada com prazeres” poder ser corajosa. “Madame Bonaparte não mostrou um só momento de fraqueza. Seus únicos pensamentos e preocupações eram a vida e a glória do marido.” 178 Em Castelnuovo, lançou-se chorando aos braços de Napoleão. Depois, ele enviou Jose ina e

Hamelin para a Toscana, novamente escoltados pelos dragões. Em Florença, sua casa foi invadida por ávidos cidadãos locais, que tinham ouvido dizer que ela estava viajando com o corpo morto do marido e queriam ver o cadáver com os próprios olhos.

Em 5 de agosto, Jose ina atravessou a Toscana e chegou a Brescia. Após uma batalha decisiva em Castiglione, Napoleão mandou-lhe uma mensagem, onde pedia que se juntasse a ele em Cremona. Jose ina alegou exaustão, incapaz de viajar 40 quilômetros ao encontro do marido. Pediu uma noite em Brescia. Nessa noite, teve um jantar íntimo com Hamelin e Hippolyte Charles. Quando os homens estavam prestes a partir, ela chamou Hippolyte para lhe dar atenção. Quando Hamelin retornou mais tarde, em busca do seu chapéu, um granadeiro barrou sua entrada. Josefina estava de novo nos braços de Hippolyte.

Uma noite não era o bastante, mas Jose ina tinha de prosseguir viagem. No dia seguinte, ela e o marido encontraram-se em Cremona e, uma vez mais, sujeitou-se às suas carícias apaixonadas. Napoleão voltou a partir, sem garantias. Acusou-a de lhe escrever tão friamente “como se estivéssemos casados há quinze anos”. 179 Quando não chegaram cartas, ele entrou numa espiral previsível de fúria. “És má e feia, muito feia, acima de tudo és super icial. É uma maldade, enganar o pobre marido, um amante carinhoso!” 180

Jose ina pode ter sido uma fraca correspondente e ter dedicado tempo a outro homem, mas em Milão desempenhou perfeitamente o papel de esposa do grande conquistador francês. Presidiu bailes e recepções e recebeu delegações. Os representantes inundaram-na de presentes, esperando que convencesse o marido a aderir às suas causas. O rei e a rainha de Nápoles enviaram um conjunto de pérolas imaculadas, o duque de Modena ofereceu ouro no valor de 30 milhões de francos se lhe fosse permitido manter uma pintura de Correggio. O papa dirigiu-se a ela como "filha de Deus" e ofereceu-lhe camafeus.

Jose ina continuava com saudades de Paris. "Todas as princesas da Itália dão festas em minha homenagem", escreveu à tia. "Bem, preferia ser uma cidadã comum na França. Não me interessam as honras que me são feitas neste país". No entanto, tinha noção de quão ingrata estava sendo em seu desejo de estar em outro lugar. "Meu marido venera-me o dia inteiro como se eu fosse uma deusa e não poderia nunca haver um marido melhor." 181 Também escreveu a Barras, terminando a maioria das cartas com "Bonaparte envia-te muitas mensagens; ele ainda me adora."

Dois dias após a grandiosa vitória em Arcola, Napoleão sonhava com o corpo de Jose ina. "Recolho-me com o coração cheio com a tua adorável imagem", escreveu. "Ficaria tão feliz se pudesse ajudar-te a despir, pequeno ombro, pequeno peito branco, lexível, muito irme, a carinha

bonita e o cabelo apanhado em cima com o lenço *à la créole*. Sabes que recordo sempre as pequenas visitas, sabes, a pequena loresta negra."

Esperava retornar a Milão em breve. "Beijo-a um milhão de vezes e

espero impacientemente pelo momento em que estarei dentro dela. Viver

dentro de Jose ina é viver nos Champs-Élysées." Terminava com "Beijos

na tua boca, nas tuas pálpebras, no teu ombro, no teu peito, em todo o

lado, em todo o lado!" 182 Jose ina continuava indomável. Em vez de aguardar por seu herói, aproveitou a oportunidade e se apressou para

Gênova, sem dúvida para se encontrar com Hippolyte Charles.

"Espero que dentro de alguns dias estejas nos meus braços e vou

cobrir-te com um milhão de beijos, ardentes como o Equador", escreveu

Napoleão em 23 de novembro. Jose ina não recebeu a carta. Em 27 de

novembro, Napoleão chegou ao palácio Serbelloni e subiu as escadas às

pressas, ansioso para ver a amada. O quarto estava vazio. Ele icou tão

chocado que quase desmaiou. Quando se recuperou, os criados

disseram-lhe que ela estava em Gênova.

"Vou para Milão, lanço-me ao teu quarto; deixei tudo para te ver, para

te apertar nos meus braços [. .] Não estavas lá, tinhas partido para algum

lado ou estavas na cidade." Declarou que tinha o coração despedaçado.

"A infelicidade que sinto é incalculável." 183 No dia seguinte, voltou a escrever:

"Enquanto te comunico todos os meus desejos, todos os meus pensamentos, cada segundo da minha vida, submeto-me ao poder que teus encantos, caráter e toda a tua pessoa têm sobre meu pobre coração. Estou enganado se a natureza, pouco

bondosa para comigo, não me deu os atrativos necessários para te cativar, mas o que mereço de Jose ina é respeito, estima e compaixão.” 184

Napoleão soltou as rédeas de seu espírito dramático, mas não há dúvidas quanto à sinceridade do que sentia. Apesar de ser orgulhoso demais para acreditar que ela o traísse, seu grito doloroso, “a natureza não me deu os atrativos necessários para te cativar”, era uma con issão terrível para um homem com sua vaidade. Tinha o desespero impresso em todo o corpo. Um jovem general chegou a Milão e icou chocado por encontrá-lo “extenuado, magro, a pele colada aos ossos, os olhos brilhando com uma febre constante” .185

Em 7 de dezembro, Jose ina voltou inalmente. Assim que se ajoelhou à sua frente, chorando, alegando que era sincera, Napoleão perdoou-a. Não podia acreditar seriamente que ela fosse in iel. Ela organizou um baile grandioso e ele voltou a mente para os planos militares. “O exército está descalço”, escreveu acaloradamente, “sem soldo, sem roupa, falta tudo nos hospitais, nossos feridos jazem no chão”. 186 Era a consequência de lançar mão de empresas como a de Bodin: não havia farinha e os homens andavam pelos campos à procura de comida.

Apesar da escassez de suprimentos, a campanha de inverno de Napoleão se saiu vitoriosa. O corso dirigiu a atenção para a Áustria. O Diretório pretendia que ele invadisse o país a partir do sul, para se encontrar com o Exército Francês do Reno. Ele avançou rapidamente em

direção a Viena e no inal de março estava a menos de 160 quilômetros. Em 26 de março, ofereceu um armistício aos austríacos. Assinou um tratado no mês seguinte, sem escrever ao Diretório.

Em maio, ansioso por celebrar as vitórias, mudou a corte de guerra de Milão para o castelo de Mombello, a 16 quilômetros de distância. Em Mombello, maravilhosamente decorado com afrescos e mobília luxuosa, instituiu a própria corte, um carnaval de Napoleão. Seu incrível carisma enfeitiçara seus partidários, que tinham, como dizia um deles, “a percepção de um futuro sem limites”. Suas recepções estavam sempre cheias de generais, nobres e mercadores italianos, que suplicavam o favor de um breve vislumbre ou uma entrevista, e Napoleão jantava em público como um rei, permitindo que todos o olhassem. Jose ina esteve sempre a seu lado, e ele se deliciava com a aptidão demonstrada para desempenhar o papel de rainha. Recebia os tributos com graciosidade, conduzia as senhoras nas danças e conquistou tanto o inimigo como os franceses. Todas as semanas havia bailes, recepções, jantares, caçadas, bem como peças teatrais, óperas com estrelas como Madame Grassini, *prima donna* do La Scala, e passeios de barco no lago Maggiore.

Em Mombello, Napoleão gastou mais alguns dos milhões que roubara para satisfazer os desejos de Jose ina e encorajou-a a contratar jardineiros para tratar dos jardins. Aos forasteiros, pareciam o casal

perfeito. Napoleão tomava “liberdades conjugais” com a esposa nas viagens e brincava atirando-lhe “nacos de pão durante o jantar”. 187 Jose ina, apontou um poeta de visita, “acaricia frequentemente o marido e ele parece muito devotado a ela” .188

No meio de tudo, Madame Bonaparte ansiava por Hippolyte. O pequeno dândi estava frequentemente ao lado de Napoleão, uma vez que tinha sido promovido a um de seus capitães, mas nem mesmo Jose ina se atrevia a manter um relacionamento amoroso com o marido presente. Havia beijos discretos ocasionais e presentes, mas isso só servia para agravar ainda mais a dor.

Jose ina estava felicíssima por gastar dinheiro para manter as aparências que Napoleão desejava. Suas dívidas alcançavam agora as centenas de milhares de francos, pois recorria aos melhores costureiros e comprava praticamente tudo o que lhe era apresentado, sendo preguiçosa e generosa demais para regatear.

Jose ina era amada, mas seu *pug*, *Fortuné*, latia para os outros cães de Mombello, ameaçando-os. “Nunca vi um animal tão horrível”, comentou Laure Permond, uma amiga de Jose ina. 189 O cãozinho se envolveu numa luta com o vira-lata do cozinheiro, e o animal maior mordeu *Fortuné* ferozmente até a morte. Jose ina icou desesperada. Era um destino triste para o heroico animal de estimação que entrara na prisão de Les Carmes em busca da dona. Napoleão icou exultante com a morte do inimigo, mas

o compreensivo Hippolyte comprou às escondidas um cão substituto, um monte de pelo macio que podia abraçar enquanto pensava no amante. Napoleão odiava o novo animal. Certo dia, enquanto caminhava, ele viu o cozinheiro tentando se esconder atrás dos arbustos. Quando perguntou a razão daquele comportamento tão bizarro, foi-lhe dito que o cozinheiro estava constrangido devido aos crimes do seu cão, que fora banido dos terrenos do palácio. “Traga-o de volta, talvez ele me livre também do novo”, sugeriu Napoleão.190

Ainda pior para Jose ina, a família Bonaparte havia chegado e a proximidade não promovia o amor entre as partes. “Tenho por ele uma verdadeira afeição”, Napoleão escreveu para ela logo após o casamento, referindo-se ao irmão. “Acredito que também vai conseguir a tua, ele a merece. ”191 O desalentado Napoleão mantinha a esperança. Dividida por inúmeras razões, a família Bonaparte unia-se nos insultos a Jose ina. José liderava a campanha de ódio, furioso por seus hábitos perdulários esvaziarem a carteira de Napoleão. Centenas de milhares de francos em ouro con iscado e fundos paravam nos bolsos dos Bonaparte, mesmo assim queixavam-se. Quando Napoleão foi nomeado comandante-chefe, em 1795, enviara 60 mil francos à mãe, nomeara José cônsul na Itália e Lucien comissário no Exército do Norte. O tio, o cardeal Fesch (apenas seis anos mais velho do que Napoleão, ilho de um segundo casamento da

avó), deixou o sacerdócio para se tornar comissário e, em Mombello, confiscava inúmeras obras de arte.

José desempenhava o papel de banqueiro da família e era obcecado por dinheiro. Sua esposa, Julie Clary, era uma mulher simples e modesta, mas, infelizmente, como era irmã de Désirée, dificilmente podia ser aliada de Jose ina. A matriarca Bonaparte, Letizia, falava sempre italiano e raramente dizia algumas palavras em francês. Tendo passado vários anos de di iculdades, também se preocupava com o dinheiro. Quando Napoleão se queixava, ela encolhia os ombros: “Se todos vós algum dia voltarem a cair nas minhas mãos, vão agradecer-me aquilo que poupo agora. ”192 Não obstante, Letizia estava satisfeita com o ato de concessão de Jose ina em Mombello, deixando-a entrar sempre primeiro na sala, apesar de estar triste com a ausência de um neto.

Elisa era a menos problemática das irmãs, uma mulher direta, cujo desespero pelo poder não era tão cru como o das irmãs. Fora obrigada a se casar com um o icial corso, em virtude da ausência de outros pretendentes, mas era pouco afetada pelo casamento infeliz. Tinha tendência a apoiar Lucien, mas era razoavelmente inofensiva, sendo gestora de um salão intelectual em Paris e apoiando o autor Chateaubriand contra a tentativa de Napoleão de bani-lo. Odiava Jose ina, mas contentava-se com ataques furtivos e queixas, em vez de tentar

derrubá-la.

Para Letizia e os Bonaparte mais jovens, nascidos depois da partida de Napoleão – Luís, Paulina, Carolina e Jérôme –, a vida fora uma luta constante após a morte de Carlo. Os primeiros anos de pobreza tinham deixado marcas em todos, tornando-os ávidos por dinheiro. Luís era fraco, preguiçoso e sofria de gonorreia: paranoia, chagas e ilusões tornavam-no um homem de "melancolia grosseira", tal como descreveu a dama de companhia de Jose ina.193 Jérôme era o pior de todos, um perdulário mimado que esperava que o irmão pagasse as contas. E também havia a bela e agressiva irmã de Napoleão, com 16 anos, Paulina, inimiga declarada de Jose ina. Sensual e namoradeira, com um acentuado sotaque italiano e um aspecto frustrantemente vago, Paulina deixava um rastro de caos depois que passava. Desprezava Jose ina, mostrava a língua para ela em público quando tinha vontade e tentava ser mais monumental do que ela em diamantes e vestidos. Paulina chamava à cunhada *la vieille* (a velha) pelas costas, e qualquer palavra sobre a beleza de Jose ina deixava-a com os nervos à lor da pele. Tentou roubar os moldes dos seus vestidos dos costureiros e também tentou descobrir seus segredos íntimos. "Sou tão boa como ela", a irmava. "Ela só tem mais experiência do que eu." Estava obcecada com o político Louis Fréron, fortemente associado com o Termidor, 24 anos mais velho do que ela e famoso por suas amantes. Em 14 de junho, Paulina teve de se casar com

o melancólico general Leclerc, com 27 anos e muito responsável. Napoleão esperava que ele conseguisse mantê-la longe de problemas e de Fréron. Isso fez com que Paulina detestasse ainda mais Jose ina, pois acreditava que ela estava por trás daquele plano.

Em setembro, Jose ina estava sofrendo, e nem gastar dinheiro a consolava. Contaram-lhe que Lazare Hoche morrera de tuberculose pulmonar aos 29 anos. Hippolyte Charles havia partido em campanha com o general Leclerc e Jose ina ouviu dizer que ele começara um caso amoroso com uma italiana. Ela icou muito preocupada, pois ele ainda tinha as cartas de amor que ela lhe escrevera. Tinha poder para denunciá-la a Napoleão, à sua família odiosa e ao povo francês, sempre disposto a conhecer um novo escândalo.

Na França, todos seguiam avidamente as vitórias de Bonaparte. Era seu herói, mas o Diretório era profundamente impopular. Os monarquistas tinham conquistado a maioria na Assembleia de 1797 e os aristocratas retornavam em bandos à cidade, falando em devolver o poder ao rei. Nas esquinas e nos clubes reuniam-se conspiradores, envergando colarinhos de veludo preto ou apresentando lenços dobrados para mostrar sua lealdade.

Barras sabia que estava numa posição vulnerável. Junto com Talleyrand, sugeriu que Napoleão devia considerar um golpe de estado

para mostrar aos parisienses quem mandava. O general coibiu-se de suprimir novamente a vontade popular e delegou a tarefa a um de seus generais, Pierre Augereau. O Diretório espalhou rumores de que um golpe monarquista era iminente. Em 3 de setembro, os parisienses acordaram e descobriram que estavam sob domínio militar. As tropas de Augereau haviam sitiado a Assembleia, que estava sendo realizada nas Tulherias. No dia seguinte, os deputados foram detidos, os jornais encerrados e as eleições anuladas. Era o im do idealismo da representação em que se baseara a Revolução de 1789. Mais de 160 prisioneiros, descritos como “inimigos”, foram fuzilados ou deportados. Os parisienses escondiam-se em casa, os comerciantes recusavam-se a abrir as lojas. A sangria voltara.

Em outubro, Napoleão con irmou a paz com a Áustria. Receando Viena, a República de Veneza convidou-o para uma visita, na esperança de ganhar sua proteção. Sem que o soubessem, a França havia secretamente oferecido ceder Veneza à Áustria em troca da Bélgica e da Lombardia. Ciente de que uma visita seria encarada por Veneza como um acordo tácito de proteção e que uma recusa os deixaria em pânico, Napoleão enviou Josefina como sua representante diplomática.

A mulher que fora uma garota desregrada da Martinica partiu em grande estilo, depois de exigir uma esplêndida coleção de vestidos paga

com fundos do exército. O custo do seu guarda-roupa poderia ter sustentado dois ou três meses de campanha. O enorme séquito partiu para Veneza e foi recebido em êxtase no interior da cidade. Cento e cinquenta mil pessoas assistiam às janelas, atirando lores e agitando estandartes. Era tão grandiosa como Cleópatra. No dia seguinte, numa procissão de centenas de barcos decorados com lores, jantou ao ar livre no Lido. As autoridades da cidade haviam dedicado semanas aos preparativos. O ponto alto foi uma noite majestosa de fogos de arti ício e outra procissão ao longo do canal, seguida de um grande baile no Palácio do Doge, onde ela era a convidada de honra. Na volta a Passirano, uma delegação foi lhe oferecer 100 mil ducados, caso conseguisse convencer Napoleão a favorecer Veneza. Jose ina recebeu um belo anel de diamantes pelo discurso que deu em apoio. Sorriu e assentiu, perfeitamente consciente de que Napoleão já tinha entregado a cidade a Viena.

Em novembro, Napoleão partiu da Itália para debater o destino da Alemanha em Ratdstadt. Jose ina voltou a Paris. Por toda a França, recebeu tributos a Napoleão, à medida que os habitantes aplaudiam sua chegada e organizavam recepções magní icas. Ela sorria graciosamente – mas a mente estava em outro lugar. Hippolyte Charles seguiu-a e encontrou-se com ela em Nevers, os bolsos cheios de diamantes de

contrabando. Agora que não tinha de seguir as ordens de Napoleão, podia satisfazer os caprichos de Jose ina, enquanto se demoravam ociosamente pelo campo.

Napoleão chegou a Paris em 5 de dezembro, exausto pelas vitórias. Ficou chocado com a sua recém-reformada casa. Jose ina tinha enviado mais ordens da Itália, pedindo ao pintor Jacques-Louis David para criar um friso no salão, além de ter comprado mais mobília de mogno. A fatura totalizava a enorme quantia de 300 mil francos, um valor escandaloso, tendo em conta que a própria casa só valia 40 mil. Por sorte, Napoleão roubara milhões de francos na Itália. Seu soldo médio eram uns meros 15 mil francos anuais, o que mal chegava a inanciar a maquiagem de Josefina. 194

Paris inteira queria celebrá-lo. A rua deles foi rebatizada como rue de la Victoire em sua homenagem e, quando Hortense chegou para vê-lo, presenciou “pessoas atropelando-se umas às outras em quantidades tão grandes para saudar “O Conquistador da Itália” que as sentinelas destacadas para o portão da casa da rue de la Victoire mal conseguiam contê-las” .195 Como muitas outras mulheres, Madame de Staël convencera-se de que ela era a companheira ideal para o herói.

Escreveu-lhe cartas efusivas comparando-o a Cipião ou a Tancredo, descrevendo-o como “o mais extraordinário gênio jamais visto”, e

queixou-se por estar casado com uma “pequena crioula insigni icante, incapaz de compreender ou apreciar suas qualidades heroicas”. 196 A última coisa que Napoleão queria era uma mulher estridente e obviamente insidiosa como Madame de Staël apreciando suas qualidades heroicas, pois considerava a ideia de as mulheres se envolverem na política simplesmente intolerável. Infelizmente, quanto mais a ignorava, mais ela o inundava de cartas, passando, mais tarde, a encurralá-lo nos bailes. Ao saber que Napoleão retornara, dirigiu-se à casa dele. Quando lhe foi dito que não podia entrar por ele estar no banho, ela tentou forçar a entrada, gritando: “Não importa, o gênio não tem sexo!”

Quatro dias após a chegada do herói, Napoleão recebeu as boas-vindas numa gigantesca cerimônia no Palácio de Luxemburgo. Diante de uma multidão de espectadores, Talleyrand apresentou ao Diretório “o ilho da Revolução e seu herói”, declarando-o um simples soldado sem interesse pelo poder. Barras agradeceu a presença de Napoleão e exortou-o a avançar para a conquista da Grã-Bretanha.

Talleyrand tencionava um dia ser ele próprio governante e esperava servir-se de Napoleão como lastro militar para ancorar seu regime. Decidiu consolidar a associação com Napoleão organizando um baile escandalosamente dispendioso para louvá-lo. O evento foi criado e supervisionado por Bélanger, o arquiteto em voga, que dirigiu equipes de

carpinteiros e pintores para remodelar e decorar o Hôtel de Galliffet na rue de Grenelle. Foram convidadas 500 pessoas, todas com ordens para não usarem qualquer peça de vestuário britânica. O baile estava agendado para o dia 25 de dezembro e seria dedicado a Jose ina – contudo, no dia 24 ela ainda não havia chegado.

Jose ina passava seu tempo com Hippolyte Charles, viajando sem pressa para desfrutar de jantares íntimos com ele e dormir até mais tarde após as noites de paixão. Mais apaixonada do que nunca pelo belo dândi, receava aproximar-se da capital, onde icaria separada dele, o qual se tornaria presa fácil para outras mulheres.

Talleyrand adiou o baile para o dia 28. A comida e as lores tiveram de ser jogadas fora e encomendadas novamente, e centenas de árvores em lor foram mandadas embora. Os criados colocaram alegremente nos bolsos requintados pães e sobremesas do bufê intocado. No entanto, como Jose ina ainda não havia aparecido em Paris, Talleyrand adiou uma vez mais o baile.

Finalmente, em 3 de janeiro, Jose ina regressou. Napoleão estava furioso, mas ela chorou com elegância e ele a perdoou. O baile pôde, por im, avançar. No primeiro pátio, os convidados viram uma enorme recriação de um acampamento militar, com soldados de todos os regimentos do Exército da Itália reunidos em torno da fogueira. As salas

de recepção estavam decoradas com arte italiana roubada e o próprio Talleyrand estava no centro de uma escadaria decorada com murta. Napoleão e Jose ina entraram com Hortense, com roupas simples, num gritante contraste com os magní icos trajes dos outros presentes. A multidão icou silenciosa ao vê-los. Mesmo antes do baile, foram lançados fogos de artifício, que pintaram com cores flamejantes “Viva a República”. Quando o jantar foi servido, às 11 da noite, Talleyrand anunciou que, naquela noite, recuperaria o antigo costume no qual as mulheres icavam sentadas à mesa, enquanto os homens permaneciam atrás delas, servindo-as de comida e vinho. Napoleão galantemente ocupou sua posição e impressionou todos com sua solicitude. O brinde da refeição foi para a “*Citoyenne* que detém o nome mais querido da glória!” Depois do jantar, Jose ina foi celebrada numa canção como a “querida companheira” do “herói conquistador”. De pé, fria e cansada ao lado do já impaciente marido, teve de sorrir beati icamente, enquanto ouvia as vozes proclamarem “Ao cuidar da sua felicidade / Cumpre a obrigação da França.”

No entanto, Napoleão não conseguiu fugir de Madame de Staël, que o encurralou e exigiu saber: “Que mulher na história admira mais?” “A que teve maior número de ilhos”, retorquiu ele, afastando-se sem demoras. “Que homem extraordinário”, exclamou ela, sem se deixar deter.

O baile foi inesquecível, mesmo para os parisienses indiferentes, habituados a entretenimentos criativos. O ambiente era lindo e a comida divina, e foi a primeira noite que a companhia dançou a nova e audaciosa valsa. Napoleão, Jose ina e Hortense saíram à 1 da manhã, apesar de a festa estar planejada para seguir até de madrugada. O pobre Talleyrand foi então presenteado com centenas de faturas, que cresceram ainda mais devido à demora de Jose ina. Bélanger "implorou ao ministro que observasse que os vários atrasos causados pela tardia chegada de Madame Bonaparte causaram uma enorme despesa extra em artigos que foram substituídos, como as 930 árvores". Também teve de pagar dobrado aos pintores, carpinteiros, pedreiros, fabricantes de velas, gravadores e jardineiros – bem como enormes quantias para o bufê e para os músicos.197

Por baixo da graciosidade, Jose ina estava infeliz. Não se sentia confortável com a nova fama, sentia saudades de Hippolyte Charles e sofria a fúria de Napoleão por causa das contas da reforma, bem como por seu atraso. Quando Jose ina soube que sua criada Louise Compoint havia tido um caso amoroso com o general Junot, enfureceu-se com garota. Jose ina gostava muito dela, e ambas jantavam juntas mais como companheiras do que como patroa e criada. No entanto, a notícia de que fora amante de Junot era demais e Jose ina despediu-a. 198 Desamparada,

Louise começou a planejar sua vingança.

171 Josefina, *Correspondance 1782-1814*, p. 45.

172 Antoine Hamelin, *Douze ans de ma vie*, pp. 11-12.

173 Hamelin, *Douze ans de ma vie*, p. 15.

174 Josefina, *Correspondance 1782-1814*, p. 45.

175 17 julho, Bonazzi, pp. 93-4.

176 Josefina, *Correspondance*, p. 45.

177 21 julho, Bonazzi, p. 97.

178 Hamelin, *Douze ans de ma vie*, p. 19.

179 17 outubro, Napoleão, *Lettres d'amour*, pp. 112-13.

180 Napoleão, *Lettres d'amour*, pp. 113-14.

181 Josefina a Mme. Renaudin, 6 setembro 1796, *Correspondance*, p. 47.

182 21 novembro, Bonazzi, *Lettres d'amour*, p. 123.

183 27 novembro, Bonazzi, *Lettres d'amour*, pp. 127-8.

184 28 novembro, Bonazzi, *Lettres d'amour*, p. 129.

185 Tulard e Garros, *Itineraire de Napoleon*, p. 89.

186 19 novembro, 1796, *Correspondance*, II, p. 1201.

187 Miot de Melito, *Mémoires*, II, pp. 174-5.

188 Carron de Nisas, *Mémoires*, I, p. 78.

189 Abrantes, *Mémoires*, p. 66.

190 Bourrienne, *Mémoires*, I, p. 45.

191 24 abril, Napoleão a Josefina, Bonazzi, *Lettres d'amour*, p. 70.

192 Masson, *Napoleon Inconnu*: *Papiers Inédités*, p. 203.

193 Rémusat, *Mémoires*, I, p. 131.

194 Bourrienne, *Mémoires*, I, p. 150.

195 Hortense, *Mémoires*, p. 65.

196 De Staël, *Des Circonstances actuelles qui peuvent terminer la Révolution et des principles qui doivent fonder la République en France*, p. 122. Emmanuel de Las Cases, *Mémorial de Sainte Hélène, 1823-1824*, II p. 195.

197 Michel Poniatowski, *Talleyrand et La Directory*, p. 89.

198 Bertrand, *Cahiers*, Janvier-Mai, 1829, p. 98.

9

"FICO TÃO AFLITA QUANDO ESTOU LONGE DELE"

Napoleão tinha certeza de que seria envenenado. Ele empregou uma pessoa que provava sua comida em todos os eventos públicos, levava o próprio prato e o copo para os jantares e mantinha um cavalo selado e a postos nos fundos do número 6 da rue de la Victoire. Seu amigo, Bourrienne, declarou ter recebido uma carta de uma mulher informando Napoleão de que ele seria morto. Mais tarde ela foi encontrada com a garganta aberta e o corpo mutilado. 199 Napoleão parecia acreditar que as ameaças à sua vida provinham de membros do Diretório. Apesar de toda a pompa e glória do baile que organizaram em sua homenagem, tinha receio deles.

“Minha saúde está arruinada”, queixou-se ao irmão. “Mal consigo me aguentar na sela e preciso de dois anos de repouso.” Exagerava, é claro. Vivia sossegadamente na tentativa de conquistar os cinco membros do Diretório, que vacilavam diante de um precipício político e podiam a qualquer momento voltar-se contra ele. Quando se gabara a Barras de que os italianos haviam pretendido fazer dele seu rei, recebera uma resposta abrupta: “Estais certo em não sonhar com tal coisa na França, pois se o Diretório vos fosse mandar encerrar no Templo já amanhã, não seríeis capaz de encontrar quatro pessoas que a isso se opusessem.” 200 Barras não teve pudor em ameaçar o protegido quando achou que ele se excedia.

O Diretório não era bem-visto. A in lação aumentava e os diretores eram considerados ricos, corruptos e ladrões do povo. Napoleão desprezava-os por considerá-los fracos, “perturbados pelas paixões das mulheres, dos ilhos e dos criados”, mas teve de ingir ser subserviente.201 Não conseguia encontrar glória em seu sucesso, como havia feito na Itália. Recusou convites, sentou-se na penumbra dos teatros e declinou tributos, apresentou-se como um acadêmico, frequentou o Institut National des Sciences et des Arts. “Encerrar-me-ei

num retiro”, declarou. Talleyrand pressionou o Instituto para que ele fosse aceito como membro, e Napoleão icou deliciado ao ser reconhecido como intelectual e não somente como um militar abrutalhado. Fez constar que ele e Jose ina se tinham convertido em acadêmicos aposentados. Napoleão estava apenas à espera de sua oportunidade. Como disse a Bourrienne, “Devia derrubá-los e fazer-me coroar rei, mas ainda não é hora disso. ”202

Jose ina animava o salão de Bonaparte e convidava poetas, escritores e cientistas para a rue de la Victoire, a im de dar credibilidade a sua suposta aposentadoria. Em público, ela assumia o papel de consorte tão e icazmente que todos se deixavam levar pelo marido. Ele “rejeita tudo o que possa chamar a atenção sobre si mesmo”, observou um jornal. Entretanto, a mente de Napoleão fervilhava obsessivamente com a conquista seguinte. “Esta pequena Europa não passa de uma cabeça de al inete”, escreveu ele. “Tenho de ir para o Oriente; todas as grandes reputações se fizeram por lá. ”203

Em Brienne, com a tenra idade de 11 anos, Napoleão lera acerca das campanhas de Alexandre, *o Grande*, que partira para o Oriente com apenas 20 anos. Em 1789, Bonaparte icou encantado pela *Viagem ao Egito* de Constantin de Volney, um jovem francês que passou três anos perambulando pelo país em trajes nativos − e quando conheceu Volney

na Córsega, em 1792, lhe fez muitas perguntas. Em Mombello, na Itália, inspirado depois de jantar com o embaixador francês em Constantinopla, Napoleão enviou uma carta ao Diretório, na qual declarava ser o momento de tomar o Egito. Não obteve resposta, mas isso não o desencorajou.

Em julho de 1797, Talleyrand discursou no Instituto, propondo a invasão do Egito. Quinze dias depois foi nomeado para o cargo de ministro das Relações Exteriores. Ignorando que Talleyrand abordara o Egito em sua palestra, Napoleão escreveu-lhe. “Temos de conquistar o Egito”, propôs. “Este país nunca pertenceu a qualquer nação europeia.” Pediu 25 mil homens e oito ou dez navios de linha.

A França tinha necessidade de um conquistador de calibre internacional. O império que ganhara ao longo do século XVII vinha sendo gradualmente perdido para os britânicos. Pondicherry e alguns entrepostos comerciais na costa oriental da Índia foram perdidos em 1761, a Louisiana tinha sido conquistada pelos espanhóis e a Grã-Bretanha tomara as colônias canadenses em 1763. Grã-Bretanha e França lutaram pela posse das Índias Ocidentais. A Grã-Bretanha quase conquistou a Martinica antes mesmo do nascimento de Jose ina, e houve uma amarga luta pelo controle das demais possessões francesas nas Índias Ocidentais, Guadalupe e São Domingos. A França desejava um

império − e o Egito era um enorme prêmio. Napoleão planejou continuar do Egito rumo à Índia, seguindo as pegadas de Alexandre. Levaria consigo cientistas e ilósofos, e conduziria uma jornada de descoberta e enriquecimento cultural, além de aumentar o poderio imperial francês. Napoleão elaborou planos cuidadosos, exigindo 30 mil homens e 3 mil cavalos. O Diretório considerou a campanha impossível – eram necessários soldados para defender os interesses franceses na Itália. Fora Talleyrand, as eminências apáticas do Diretório consideravam o Egito um delírio romântico. O guerreiro recrutou Jose ina para vencer a batalha. Ela enviou cartas, entreteve-os, apreendeu cada palavra deles − e voltou toda a força de sua personalidade sedutora para Barras. “Aguardo, na esperança de que nossa amizade vos faça sacri icar um quarto de hora para me virdes ver, e então me achareis absolutamente só. Espero, meu caro Barras, que não recuseis esta mostra de interesse da parte de uma mulher de quem cuidais.” 204 Jose ina sorriu, acariciou e piscou os olhos, submissa, depois acendeu velas para ceias íntimas, mas os homens do Diretório ainda não estavam convencidos. Determinados a invadir a Grã-Bretanha, em fevereiro enviaram Napoleão para inspecionar os portos no Norte da França e na Bélgica, deixando Jose ina novamente por sua própria conta. Ela jantou com Barras, encontrou-se com Hippolyte e com Bodin, recebendo dinheiro com as práticas

obscuras.

Napoleão voltou em 21 de fevereiro, mais cedo do que ela esperava. Escreveu ao secretário de Barras: “Bonaparte retornou esta noite. Queira, meu caro Bottot, transmitir a Barras o quanto lamento não poder cear com ele esta noite. Diga-lhe para não me esquecer. Sabeis melhor do que ninguém como estou posicionada. Adeus, com minha mais sincera amizade. ”205

Josefina saudou o marido e tudo redundou em reconciliação romântica. Infelizmente, a neblina da paixão não tardaria a se levantar. Em março, os jornais irromperam com fúria contra Bodin, seus cavalos baratos e suas armas de péssima qualidade, o exército explorado e o povo francês que fora desiludido pelo negociante ganancioso. A Companhia Bodin passou a ser abominada pelo povo francês. Napoleão, como a maior parte dos soldados, odiava os que lucravam com o exército, “a escória e lepra do serviço”. 206 Ficou espantado pela sugestão de que sua mulher estivera ligada a uma organização que se revelou tão corrupta. Infelizmente, a criada despedida, Louise Compoint, escolheu esse momento para se vingar, dando com a língua nos dentes a respeito da relação de Jose ina com Hippolyte. Em situações normais, Napoleão não teria dado atenção a uma criada rancorosa, mas suas palavras eram agora mais uma prova de descrédito para Josefina.

José agiu sem demora. Encontrou-se com Napoleão e contou-lhe que sua mulher tinha trabalhado com Bodin, por meio de Hippolyte Charles. Os dois irmãos confrontaram-na, com José apreciando cada instante. Exigiram saber se ela conhecia o cidadão Bodin e se o ajudara a ganhar contratos com o Exército da Itália. Jose ina negou, e eles prosseguiram para questões mais sérias. Napoleão encurralou a mulher e perguntou se o capitão Carlos morava com Bodin no número 100 do Faubourg Saint-Honoré, e se Josefina ia para lá todos os dias.

Ela recorreu a uma resposta tipicamente dramática. Chorou, gemeu e gritou que se ele quisesse o divórcio, tinha apenas de dizer. Lamentou seu destino e queixou-se de que ele a perturbava, fingiu desmaiar e disse que estava se esquivando de seus golpes. Escreveu em pânico a Hippolyte, descrevendo o interrogatório impiedoso.

“Disse-lhe que aquilo de que ele estava a falar não tinha para mim qualquer signi icado; se pretendesse um divórcio só teria de dizê-lo; não tinha necessidade de recorrer a tais meios; e eu era a mais infeliz das mulheres, e a mais miserável.”

Napoleão foi conquistado, deliciado, como de costume, pela dramaticidade dela e pela visão de suas lágrimas, o pó de arroz escorrendo por seu rosto. 207 Contudo, não perdoara Jose ina completamente. Deixou bem claro que ela não teria autorização para sair de casa e jamais poderia voltar a ver Hippolyte.

Jose ina verteu novas lágrimas e agradeceu ao marido. Claro que, por

trás das lágrimas, estava ainda desesperadamente apaixonada por

Hippolyte.

“Sim, meu Hippolyte, eles têm meu ódio ilimitado; só vós tendes meu carinho e meu amor; eles terão de ver agora, como consequência do terrível estado em que me encontro há dias, o quanto os abomino; eles podem ver a minha tristeza − meu desespero por não mais ser capaz de vos ver tanto quanto gostaria. Hippolyte, matar-me-ei − sim, pretendo pôr termo à vida que doravante seria desesperada ao não poder ser-vos dedicada. *Hélas*! Que iz eu a estes monstros? Mas eles agem em vão, jamais cederei ao seu desgraçado comportamento!” 208

Josefina também estava pensando cuidadosamente.

“Dizei a Bodin, imploro-vos, para negar que me conhece; que não foi por meu intermédio que obteve os contratos para o Exército da Itália; deixai-o dizer ao porteiro do número 100 que quando lhe perguntarem se Bodin aí reside, ele deverá responder que não o conhece. Dizei a Bodin que não use as cartas que lhe dei para a Itália até algum tempo depois da sua chegada, quando delas precisar [. .] Ah, eles atormentam-me em vão! Jamais me separarão do meu Hippolyte!” 209

Estas escassas e incríveis cartas, encontradas entre os papéis de

Hippolyte Charles, expõem Jose ina sob uma terrível perspectiva.

Imprudente e desesperada para estar com o amante, a irmou que iria

clandestinamente encontrar-se com Bodin.

“Farei tudo ao meu alcance para vos poder ver hoje. Se não puder, passarei a noite em casa de Bodin e amanhã envio Blondin [um criado] para vos dizer a hora a que me poderei encontrar convosco no jardim de Mousseaux. Adeus, meu Hippolyte, mil beijos, tão ardentes como meu coração, e tão devotos.210

Irei, meu caro Hippolyte, para o campo. Estarei de volta entre as cinco e meia e as seis, para vos ver em casa de Bodin. Sim, meu Hippolyte, a vida é uma tortura contínua. Somente vós podeis fazer-me feliz. Dizei que me amais, e só a mim. Serei a mais feliz das mulheres.

Enviai-me, por Blondin, 50 mil libras das notas em vossa posse. Callot está a exigi-las. Ficai bem, mando-vos mil ternos beijos. *Tout à toi*.” 211

A ixação de Jose ina por Hippolyte era perigo em estado puro. Por baixo de todos os gentis sorrisos para os generais de Napoleão e para os amigos políticos, ela ansiava por aventura e rebelião secreta. O fingimento, os encontros furtivos e os segredos eram inebriantes.

As lágrimas e os gritos de divórcio de Jose ina tinham dado a volta em Napoleão, que acreditou nela, para grande irritação de José, e comprou a casa na rue de la Victoire, em 26 de março, por pouco mais de 50 mil francos. Teria sido tolice não fazê-lo, uma vez que Jose ina gastara 300 mil na decoração. Ela também teve sorte. O Diretório abandonou os planos para invadir a Grã-Bretanha. Foi dito a Napoleão que poderia avançar para o Egito, e todas as suas energias estavam agora dedicadas à nova campanha.

O Diretório impôs condições irmes ao seu corajoso jovem general. Poderia comandar apenas 25 mil homens, teria de angariar o inanciamento para a expedição e estava proibido de marchar sobre a Índia. Talleyrand asseguraria às autoridades em Constantinopla que Napoleão não tinha de modo algum como objetivo atacar o Império Otomano e desejava simplesmente derrubar os mamelucos do Egito, permitindo aos franceses fazer comércio em paz.

A decisão do Diretório lançou Napoleão num frenesi de atividade, trabalhando noite e dia no planejamento da campanha. Seu método de angariar o dinheiro era simples: ele o roubaria dos países que tinha "libertado" da tirania. Berthier, seu chefe de gabinete, viajou para Roma a im de coagir o Vaticano, o general Joubert fez o mesmo na Holanda, e o general Brune roubou 3 milhões de francos dos suíços − o tesouro completo.

Convidaram-se as mentes mais brilhantes de Paris, incluindo arquitetos, artistas, compositores, astrônomos, botânicos, cirurgiões, letrados, tipógrafos, cartógrafos e zoólogos. Os navios estariam entulhados com tudo, desde telescópios a conjuntos de química. Napoleão chegou a requisitar um dos novíssimos balões de Montgol ier − não para observar as posições das tropas inimigas, mas na esperança de instilar medo nos egípcios.

A versão o icial era a de que estava preparando a invasão da Grã-Bretanha. Apenas Jose ina e o círculo próximo de generais conheciam a verdade. Até o ministro da Guerra foi mantido às escuras. De fato, alguns acadêmicos recusaram o convite de Napoleão, pois consideravam a Grã-Bretanha muito fria e carente de potencial cientí ico. Jose ina teve de manter a boca fechada, e sequer a Hippolyte revelou os planos. Hippolyte podia ser seu amante, mas ela não estava preparada para trair

militarmente o marido − ainda que pudesse ter saído ganhando por partilhar uma informação de tamanha importância.

Roubar dinheiro, discutir ideias e arquitetar estratégias ocuparam completamente Napoleão, ainda que procurasse agradar aos ilhos de Jose ina, conseguindo inalmente conquistar Hortense e oferecendo-se para levar Eugéne consigo como ajudante de campo. Jose ina implorou que a deixasse ir também, argumentando que a infância na Martinica a teria preparado para o calor. O Diretório ordenara-lhe que retornasse em seis meses, mas ela sabia que Napoleão havia dado a entender que poderia icar seis anos, dependendo do curso dos acontecimentos.

“Colonizarei o país”, a irmou. “Temos apenas 29 anos, por essa altura teremos 35.” 212 Bourrienne, que vinha tentando tornar-se útil a Napoleão desde os seus dias de escola em Brienne, obteve sua recompensa.

Napoleão nomeou-o secretário particular e levou-o consigo para o Egito. Jose ina icaria numa posição vulnerável caso Napoleão se ausentasse por mais de seis meses. Começou por sentir ciúmes, pois desde as vitórias na Itália ele se tornava gradualmente mais atraente para as outras mulheres. O crédito que lhe era concedido por lojistas e banqueiros baseava-se na promessa de que ele se apresentaria para pagar as dívidas. Enquanto estivesse ausente no Oriente, os credores poderiam muito bem decidir-se pela cobrança. Como garantia, suplicou a

Napoleão que adquirisse a propriedade campestre de Malmaison, a bonita residência que admirara de sua janela, no tempo em que vivera em Croissy com Madame Hosten. Napoleão compreendia o apelo de uma casa de campo, e concordou em vê-la. Os proprietários, os Couteulx du Molay, tinham comprado a propriedade em 1771 e organizado festas suntuosas em que recebiam membros da mais alta sociedade e artistas, como a grande pintora do retrato de Maria Antonieta, Elisabeth Vigée Le Brun. No entanto, uma vez que as fortunas aristocráticas tinham decaído depois da Revolução, eles tiveram de vender o imóvel. Jose ina adorou a propriedade, mas o herói da França icou escandalizado com o preço e disse à mulher que abandonasse os planos.

A casa no número 6 da rue de la Victoire icou sobrecarregada com os preparativos para a partida. Generais, mensageiros, acadêmicos e artistas estavam constantemente à porta de Napoleão, ao mesmo tempo que sua mente brilhante supervisionava o embarque de milhares de homens, cavalos e civis, além de todo o equipamento, em navios ancorados em seis portos distintos. O tempo era fundamental: tinha de chegar ao Egito antes de a inundação anual do rio Nilo impossibilitar as manobras militares. Na tarde de 4 de maio, os Bonaparte jantaram com Barras e assistiram a *Macbeth* no teatro. Depois, abandonaram Paris às 4 da madrugada, cedo demais para que os espiões britânicos dessem por

sua partida. Napoleão e Jose ina apressaram-se rumo a Toulon, chegando em 9 de maio. Ali, ela viu pela primeira vez a frota francesa preparada para a aventura. Cento e oitenta navios espraiavam-se ao longo de quilômetros, com os mastros oscilantes na brisa.

A joia da coroa, o *L'Orient*, era a nau capitânia de Napoleão, e o mais poderoso navio de guerra do mundo. Feito a partir de 6 mil carvalhos, tinha 65 metros de comprimento e 120 canhões, e embarcava 2 mil homens. 213 Os re inados aposentos de Napoleão albergavam uma biblioteca de mais de 300 volumes, cuidadosamente escolhidos pelo poeta Arnault. Tinha o Corão, os Vedas hindus e a *Voyage* de Volney. Dispunha igualmente de uma prensa tipográ ica, para fazer pan letos que declarassem a sua excelência ao povo do Egito.

Assumiu sua posição no escaler do almirante e embarcou em todos os navios para inspecioná-los. Depois de meses ingindo afastamento, Napoleão teve a recompensa de glória e grandeza diante de milhares. Seus soldados aclamaram-no, juntamente com os acadêmicos e seus instrumentos (começavam a interrogar-se se iriam mesmo para a Grã-Bretanha). Escondidas nos navios estavam também mais de 300 mulheres. Além das lavadeiras e costureiras, que acompanhavam oficialmente o exército, havia as mulheres dos oficiais, enfiadas em fardas masculinas para embarcarem escondidas em camarotes. Napoleão mostrou a Jose ina os seus aposentos no *L'Orient* (incluindo uma cama especial

sobre rolamentos para superar o enjoo e 800 garrafas de vinho).

Bonaparte ainda não tinha 30 anos e a missão ao Egito seria a primeira grande invasão por via marítima do mundo moderno. No dia seguinte, inspecionou as tropas e disse-lhes que o ideal de liberdade da Revolução signi icava que a França deveria conquistar terras longínquas. Se fossem bem-sucedidos, prometeu que cada um deles receberia mais de 2 hectares de terra.

Enquanto aguardava que passasse uma tempestade no mar, Jose ina ainda alimentava esperanças de que ele lhe permitisse acompanhá-lo. Napoleão concordou que ela se juntasse a ele mais tarde, em Nápoles, assim que tivesse passado a esquadra britânica comandada por Nelson, que sabia estar a caminho do Mediterrâneo. Por im, em 19 de maio, a frota francesa zarpou. Jose ina observou a partir de uma varanda e chorou quando o marido partiu, no meio de salvas de canhão, gritos do povo e fanfarras.

Napoleão rumou ao Egito, o herói conquistador à frente da frota que inanciara ao roubar metade da Europa. Para ele, era uma ocasião de esperança e oportunidade quase irrestrita. Durante a jornada, lançou conversas sobre assuntos como a idade do mundo ou se outros planetas seriam habitados. Até mesmo o domínio das viagens espaciais lhe parecia

aberto.

Enquanto Napoleão ponderava formas de vida extraterrestre, Jose ina seguiu suas ordens e aguardou durante duas semanas em Toulon por notícias de que a frota ultrapassara a Sicília em segurança. Partiu então para a vila termal de Plombières, para tomar banhos antes de viajar para Nápoles. A caminho de Lyon, escreveu a Barras para contar que o general Brune, o comandante francês na Suíça, estava tentando quebrar os contratos governamentais outorgados à Companhia Bodin. “Escrevei em nome deles ao general Brune, rogo-lhe”, instou ela. “Tanto eu como vós lhes devemos tudo.” 214 Contava ainda que Barras a protegesse − e tentava ajudar Hippolyte.

Plombières era uma vila pacata nas exuberantes lorestas de pinheiro das montanhas Vosges, na Lorena, formada por casas pequenas com varandas. Datando dos tempos romanos, as termas tinham sido restauradas no início do século XVII. Desde então, centenas de inválidos endinheirados acorriam a Plombières: velhas reumáticas e homens acometidos pela gota, além de dezenas de mulheres estéreis e desesperadas.215 O médico local, Johannes Martinet, geria um negócio em expansão e, em 1791, publicou um livro promovendo as águas e seus efeitos maravilhosos – *Observations sur quelques maladies chroniques et sur les effets des eaux de Plombières dans ces maladies* [Observações sobre algumas enfermidades crônicas e sobre os efeitos das águas de

Plombières nessas enfermidades]. Era um gênio publicitário que detinha a promessa da eterna juventude. Jose ina icou alojada na Pension Martinet, com as criadas e o vastíssimo guarda-roupa, tomou banhos e fez passeios pela vila. Plombières era um bom lugar para demonstrar a sua virtude ao marido. Um visitante foi a um baile e relatou que havia 16 mulheres para 12 homens, e apenas quatro deles estavam em condições de dançar.

Tendo aprendido com os erros anteriores, Jose ina escreveu com entusiasmo a Bonaparte, enviando as cartas por correio a Barras para que este as despachasse. “Fico tão a lita quando estou longe dele que não consigo ultrapassar a minha tristeza”, contou-lhe. “Seu irmão, com quem ele mantém tão acesa correspondência, é tão horrível para comigo que ico sempre preocupada quando estou longe de Bonaparte.” 216 Ela abominava José. “Ele é uma pessoa vil e abominável”, escreveu animadamente, “um dia sabereis como ele é”. 217 Ela ainda se mantinha seduzindo o antigo amante. “Gostaria que as águas de Plombières vos pudessem ser receitadas”, sugeriu a Barras com malícia, “para que vos pudésseis decidir vir para cá e tomá-las. Seria muito gentil da vossa parte ter uma maleita a im de me provocardes prazer. Sou-vos muito dedicada.” 218

A mulher que um dia enfureceu Bonaparte com a negligência em lhe escrever agora o fazia diariamente. “Conhecei-lo e sabeis o quanto

detestaria não ter notícias minhas com regularidade", escreveu a Barras. "Ele diz que me deverei juntar a ele assim que possível e por conseguinte apresso-me a terminar a cura." 219

O iasco com a Companhia Bodin havia deixado Jose ina nervosa ao ver o marido viajar sem ela, que desejava genuinamente ir ao Egito, pelo menos por um breve período. Contudo, depois de seu tratamento, Jose ina planejou retornar a Paris por alguns dias, antes de seguir viagem para a Itália a im de embarcar − teria sido di ícil resistir encontrar-se com Hippolyte.

De qualquer forma, ela não teve a chance de provar a recém-descoberta devoção. Em 20 de junho, dois dias depois da sua carta para Barras, uma das criadas chamou Jose ina e seus visitantes à varanda para ver um pequeno cachorro na rua. Todos correram para a varanda e ela cedeu com o peso. O grupo caiu 6 metros. Um de seus companheiros partiu a perna e a própria Jose ina icou bastante machucada, pois estava na frente e as visitas caíram em cima dela. Os ferimentos eram graves − suspeitava-se de que tivesse fraturado a bacia, e tinha a coluna tão contundida que não conseguia se mexer.

O médico Martinet, homem mais habituado a tratar burgueses provincianos do que a mulher do conquistador da Itália, envolveu-a prontamente na pele ensanguentada de uma ovelha recém-abatida,

sangrou-a, administrou-lhe um enema e mergulhou-a num banho quente. Martinet enviou relatórios diários a Barras, empenhado em assegurar a saúde de tão inestimável paciente. A pobre Jose ina foi atormentada com duchas, banhos quentes, mais enemas, emplastros, gessos, sanguessugas, cânfora e compressas de conhaque e batatas cozidas. Determinado a se tornar famoso às custas da esposa de Napoleão Bonaparte, Martinet registrou os tratamentos e chegou a publicá-los em seu *Journal physico-médical des eaux de Plombières* [Diário Físico-médico das Águas de Plombières]. Martinet informou-a de que ela teria de icar lá por dois meses, demolhando-se nas águas e submetendo-se aos seus tratamentos. Hortense foi tirada da escola em Paris para icar com a mãe inválida e incapaz de se alimentar. A situação piorava pelas cartas de Napoleão, nas quais a irmava não poder viver sem ela e reiterava suas instruções para embarque em Nápoles. “Gostaria que minha saúde me permitisse embarcar agora, mas não vejo im para meu tratamento”, escreveu ela a Barras em julho. “Não me consigo aguentar de pé mais de dez minutos sem dores terríveis no fundo das costas. Não faço senão chorar. Os médicos dizem que num mês estarei curada”. Disse-lhe também que sua carta tinha “esfregado bálsamo nas minhas feridas” .220

No entanto, as cartas a Barras e os banhos e poções do entusiástico Martinet tiveram sucesso − ou pelo menos não atrapalharam uma

melhora natural. Em agosto, Jose ina se recuperara e concordara em ser madrinha, junto com Barras, da ilha recém-nascida de Martinet. Em 15 de agosto, ela e Hortense regressaram a Paris. Viam-se imagens de Napoleão penduradas por toda a cidade. Ela ainda alimentava esperanças de se juntar a ele no Egito, caso encontrasse um navio. Chegou então uma notícia chocante. Escreveu imediatamente a Barras. “Estou tão preocupada acerca das notícias que acabam de chegar via Malta que tenho de vos pedir para vos ver a sós esta noite, às nove. Dai ordens para que mais ninguém entre. ”221

Em 1º de agosto, ao largo da costa de Alexandria, em Aboukir, Nelson atacou a frota francesa e os navios de Napoleão foram afundados, com exceção de quatro.

Quando os espiões britânicos viram os navios reunindo-se nos portos franceses, começaram a discutir qual o destino de Napoleão. O ministro da Guerra e o cônsul britânico em Livorno aventaram o Egito. O conde Spencer, primeiro lorde do Almirantado, ordenou o envio de Horatio Nelson, então contra-almirante dos casacas azuis, para o Mediterrâneo a im de descobrir o destino de Napoleão. Aos 39 anos e um gênio para estratégia e propaganda, Nelson zarpou, sem um braço, ferido num olho e munido de um ódio patológico aos franceses. Ele tinha muito em comum com Napoleão, pois era também um pária social que se impacientava com

a etiqueta. Vivera com a mulher numa aposentadoria miserável, construindo modelos de navios e lendo *The Times*, sedento por voltar ao mar à caça de sua presa.

Napoleão estava ciente de que os britânicos tinham sido enviados em seu encalço, mas estava também muito convencido do próprio brilhantismo para que isso o preocupasse. Evitou Nelson com facilidade e, em 11 de junho conquistou Malta e pilhou os cofres da ilha. Os Cavaleiros de Malta, detentores da ilha, estavam envelhecidos, e os 10 mil homens que compunham a guarnição da ilha não eram leais e di icilmente arriscariam a vida para defender seus senhores. Napoleão baniu os Cavaleiros e tratou de converter a ilha num estado moderno. Proclamou despachos, aboliu privilégios feudais e libertou 2 mil escravos. Enquanto isso, seus homens varreram mosteiros, igrejas e propriedades dos Cavaleiros em busca de tesouros. Em 19 de junho, zarparam mais uma vez, com os cofres cheios de ouro.

A bordo, Napoleão debruçou-se sobre história islâmica e tagarelou sobre a mulher. “Jose ina formou quase sempre o assunto das nossas conversas privadas”, a irmou Bourrienne. “Seu amor por ela beirava a idolatria. ”222 Pensar em Jose ina era uma distração das horríveis condições a bordo, pois a provisão de alimentos meticulosamente planejada tinha estragado e os homens viviam agora à base de biscoitos

secos e cheios de bichos. Quando a frota desembarcou em Aboukir, Napoleão receava que Nelson pudesse não estar muito para trás. Exigiu que os homens desembarcassem rapidamente, mas o mar estava agitado e muitos barcos acabaram por se virar. Já exaustos e abatidos, os soldados começaram a marchar sobre Alexandria, estimulados pelo pensamento de encontrar água potável. Alexandria rendeu-se sem demora e os homens de Napoleão obtiveram mais uma vitória sobre as tropas mamelucas em Shubra Khit, uma aldeia no Nilo. Ele ordenou aos homens que prosseguissem ao Cairo.

Se no navio sentira a falta de Jose ina, ao chegar ao Egito desejava-a em absoluto. Na calma depois da vitória sobre os mamelucos, gabara-se da excelência da mulher. O general Junot tinha visto os homens rindo disfarçadamente e sentiu que alguém deveria dizer a verdade a Napoleão. Mulherengo cínico, Junot pouco acreditava no amor. Acima de tudo odiava Jose ina por ter afastado Louise devido ao seu caso amoroso, e pretendia vingança.

Ao acompanhar Napoleão por um oásis, Junot aproveitou o momento. Contou-lhe que Jose ina dera continuidade ao caso com Hippolyte e que toda a Paris o sabia. Depois lhe entregou uma carta que constituía prova. Reiterou que Louise viajara com Jose ina a caminho da Itália e que assistira a tudo. Napoleão icou em estado de choque: seu rosto

empalideceu e os membros começaram a tremer. Bateu na cabeça com

os punhos. “Não tenho qualquer intenção de me tornar alvo de chacota

[. .] me divorciarei dela.” Gritou, “Divórcio − quero um divórcio público e

sensacional”.

Procurou Bourrienne e exigiu a verdade.

“Jose ina! – e eu a seiscentas léguas dela − deveríeis ter-mo contado. Que ela me pudesse ter enganado deste modo! − Malditos sejam! − Exterminarei toda a raça de almofadinhas e cachorros! Quanto a ela − divórcio! Sim, divórcio! Um divórcio público e notório.” 223

Napoleão a irmou que escreveria ao irmão José requerendo o divórcio.

“Não serei alvo da chacota de todos os idiotas de Paris.” Bourrienne

procurou acalmá-lo, argumentando que seria irracional con iar

unicamente em boatos àquela distância. Disse-lhe que era injusto acusar

uma mulher que não estava presente para se defender. No tocante ao

divórcio, “teria doravante tempo para pensar nisso”. 224 Napoleão acabou concordando em abster-se de uma ação imediata. A raiva estava

diminuindo. “Teria dado tudo para que o que me contou Junot tivesse

sido mentira, de tanto que a amo.” 225 Mas era claramente apenas uma questão de tempo até ele abandonar a mulher. Noite após noite,

Napoleão convidou o enteado para a sua tenda a im de lamentar o

comportamento de Jose ina. Eugène mostrava-se impotente diante de sua

emoção. Josefina estava arruinada.

Napoleão voltou então as atenções para a batalha. Em Embabeh,

enfrentaram novamente os mamelucos, e ele mandou para a França notícias da sua grande vitória na Batalha das Pirâmides. Em 24 de julho, entrou no Cairo. Em lugar da opulência que esperavam, os homens depararam-se com “casas sombrias muitas vezes em ruínas, até os edi ícios públicos se assemelham a masmorras, as lojas não são melhores do que estábulos”. Impiedosamente queixaram-se de que todas as crianças eram esqueléticas e cobertas de moscas.[226]

Napoleão requisitou o palácio de El i Bey, nos limites da cidade. Recém-reformada, a residência era uma confusão de mármore, espelhos, cortinas de damasco e tapetes persas, tecidos em seda, com banheiras embutidas em ambos os pisos. Ali se instalou e enviou ao Diretório os requisitos para a criação de uma comunidade devidamente francesa no Cairo.

“1º, uma companhia de atores; 2º, uma companhia de bailado; 3º, alguns negociantes em marionetes, pelo menos três ou quatro; 4º, cem mulheres francesas; 5º, as esposas de todos os homens da unidade; 6º, vinte cirurgiões, trinta farmacêuticos e dez médicos; 7º, alguns fundidores; 8º, alguns destiladores e negociantes de álcool; 9º, quinze jardineiros com suas famílias, e as sementes de todo tipo de vegetais; 10º, cada grupo deve trazer consigo: 100 mil litros de conhaque; 11º, 35 mil metros de tecidos azuis e escarlates; 12º, um abastecimento de sabão e óleo.” [227]

Quase imediatamente, o conquistador ordenou a construção de hospitais e padarias, tornou obrigatória a iluminação com tochas no exterior das casas e proibiu o enterro de cadáveres no interior das

muralhas da cidade. Declarando-se o libertador do povo egípcio, fundou jornais, organizou bailes e recepções e inaugurou o Instituto do Egito para os acadêmicos que levara. As esposas que tinham se ocultado com as fardas apareciam agora abertamente, ao passo que os soldados e acadêmicos começavam a se entender com as mulheres egípcias, ainda que icassem bastante chocados diante de seu tamanho (para elogiar uma dama egípcia, descobriram, dever-se-ia dizer que “ela é tão bonita que não consegue passar pela porta”). Os egípcios queixaram-se de que os franceses estavam dando às mulheres ideias sobre domínio − uma vez que lhes ofereciam presentes e “se orgulham da sua submissão às mulheres”.

Napoleão permanecia atormentado pelas revelações de Junot. Em 25 de julho, enviou a José uma carta plena de desespero. “Tenho muitos problemas domésticos e o véu está completamente rasgado. És a única pessoa que me resta neste mundo”, lamentou-se. “É um triste estado de coisas quando todo o afeto de alguém se concentra numa só pessoa. Sabes a que me re iro.” Em palavras que não diferiam muito das usadas no seu romance *Clisson et Eugénie*, proclamou que desejava não voltar a ver Jose ina. “Fartei-me das pessoas. Preciso de solidão e isolamento. A grandeza já não me interessa. Todo o sentimento murchou em mim. Aos 29 anos, tudo está terminado. ”228

Eugène escreveu prontamente à mãe.

“Minha querida mamãe, tenho tanto para vos dizer que não sei como começar. Bonaparte tem se sentido miserável há cinco dias, como consequência de uma conversa tida com Julien, Junot e Berthier. As palavras deles afetaram-no mais do que eu poderia acreditar. Tudo o que sei resume-se a isto: que Carlos viajou na vossa carruagem até faltarem apenas três postos de muda antes de Paris; que vos encontrastes com ele em Paris; que com ele estiveste no Teatro dos Italianos, em camarotes privados; que ele vos ofereceu o vosso cachorrinho; que ainda agora estais com ele. Isso é o que ouvi, em frases soltas. Sabeis, mamãe, que não acredito numa só palavra; mas o que é certo é que o general está muito incomodado. Todavia, ele redobrou as gentilezas para comigo. Ele parece dizer, com seus atos, que os ilhos não são responsáveis pelas falhas da mãe. Vosso ilho escolhe porém acreditar que todos estes mexericos foram fabricados pelos vossos inimigos. Vosso ilho ama-vos tanto como sempre e está também como sempre ansioso para vos saudar. Espero que quando chegueis tudo isto seja esquecido.” 229

Sem Jose ina presente para se jogar a seus pés num pranto, Napoleão concentrou-se nas falhas dela. O pensamento de que todos sabiam que ele havia sido desonrado era profundamente doloroso.

Em 13 de agosto, muitos da tripulação de Napoleão estavam em terra quando Nelson chegou a Alexandria, e a maior parte dos navios estava com baixo contigente. Às 3 da tarde, Nelson jantou e ordenou uma ação rápida. Às 10, o *L’Orient* explodiu em chamas, matando centenas de homens. Com eles afundaram-se 600 mil *livres* em ouro e diamantes roubados de Malta. Onze navios de guerra foram capturados ou perdidos e pelo menos 1.200 homens estavam mortos, com milhares de outros tendo sido feitos prisioneiros.

Quando as notícias do ataque à frota chegaram a Napoleão, ele as recebeu “sem que uma amostra de emoção perpassasse pelo rosto”. 230 Abrigado no belo palácio de mármore no Cairo, disse aos homens que a Grã-Bretanha poderia controlar o mar, mas a França mantinha ainda em terra um império, no local em que se juntavam três continentes. “Fomos incumbidos de fundar um grande império, e iremos fundá-lo”, anunciou. “O mar, de que não somos senhores, separa-nos da nossa pátria; mas mar algum nos separa quer da África quer da Ásia.” 231 “Tudo aqui está perfeitamente bem”, escreveu despreocupadamente ao Diretório. Dedicou-se a questões de impostos e leis fundiárias e fez planos para conquistas subsequentes.

A Batalha do Nilo, como veio a ser conhecida, foi uma incrível vitória para a Grã-Bretanha. No inal de 1798, todos na Grã-Bretanha e a maior parte dos povos da Europa tinham uma espécie de imagem comemorativa de Nelson, desde estampas baratas ou seu rosto numa caneca a retratos dispendiosos. Mulheres por todo o lado envolviam-se em acessórios alusivos, envergando com orgulho colares com âncoras, broches com “N”, lenços e xales inspirados pelo Nilo. Uma estampa popular de autoria do escabroso James Gillray mostrava um Nelson maneta junto das pirâmides e batendo em crocodilos vermelhos, brancos e azuis com o porrete feito de “carvalho britânico”. O rei e a rainha de Nápoles, por intermédio da glamorosa esposa do legado britânico, Emma,

lady Hamilton, imploraram ao herói do Nilo que se deslocasse a Nápoles para protegê-los. Lady Hamilton disse-lhe: “Caminho e pairo no ar com orgulho por pensar que nasci na mesma terra de Nelson e do seu galante bando. ”232 Nelson correu para ela − e para longe do caminho de Napoleão.

Em Paris, Jose ina continuou a vida ignorando que Napoleão estava ciente da sua in idelidade. Visitava os amigos de que o marido não gostava. Barras, Thérésa Tallien e Juliette Récamier estavam habitualmente em seus salões, além da nata da sociedade. Músicos e compositores, incluindo Méhul e Cherubini, artistas como Gérard e Girodet, e Bernardin de Saint-Pierre, autor do *Paulo e Virgínia*, tão estimado por Napoleão, todos eles foram às suas recepções. Também convidou zelosamente as cunhadas. O poeta Arnault abandonou a companhia de Napoleão em Malta e regressou a Paris. Considerou a delicada companhia de Jose ina muito mais agradável do que os biscoitos apodrecidos de seu marido. Ela se encontrou também com Hippolyte Charles, flertou com homens bonitos e deixou de escrever a Napoleão.

Em outubro de 1798, um jornal parisiense revelou que um navio-correio fora capturado e as cartas escritas por Napoleão tinham caído nas mãos dos britânicos. No meio de listas exaustivas de instruções e cartas a respeito de assuntos domésticos dos outros o iciais, estava a carta de Napoleão datada de 25 de julho, queixando-se a José de que “O véu está rasgado”, e a carta de Eugène à sua mãe relatando que Junot revelara seus segredos. Depois do sucesso na batalha do Nilo, as cartas foram um presente para os britânicos, mais uma indicação de fraqueza na armadura de Napoleão. James Perry, editor do *Morning Chronicle*, aproveitou o furo e publicou excertos das cartas em 24 de novembro de 1798. Os leitores deliciaram-se com Napoleão chorando pela esposa. Não foram lidos apenas às mesas de café da manhã de Londres e Manchester: infelizmente para Jose ina, o *Morning Chronicle* era distribuído em Paris. Em pouco tempo, todos souberam do tormento de Napoleão − e da terrível desgraça de Josefina.233

199 Bourrienne, *Mémoires*, I, 565.

200 Lucien Bonaparte, *Mémoires*, II, p. 342.

201 McLynn, p. 153.

202 Bourrienne, *Mémoires*, I, p. 343.

203 Bourrienne, *Mémoires*, I, p. 87.

204 Impératrice Joséphine, *Correspondance*, p. 87.

205 Masson, Josephine, p. 124.

206 Bertrand, *Cahiers*, p. 67.

207 Mme. de Rémusat, *Memoirs de Madame de Rémusat 1802-1818*, I, p. 247.

208 L. Hastier, *Le Grand amour de Joséphine*, Paris, 1955, pp. 152-4.

209 L. Hastier, *Le Grand amour de Joséphine*, Paris, 1955, p. 153.

210 17 março 1798, Josefina a Hippolyte Charles, Josefina, *Correspondance*, p. 60.

211 Josefina a Hippolyte Charles, Josefina, *Correspondance*, p. 60.

212 Bourrienne, *Mémoires*, II, p. 67.

213 *L'Orient* deveria transportar mil homens, mas estava abarrotado – o que garantia condições miseráveis.

214 Masson, *Josephine*, p. 128.

215 Adrien Grosjean, *Nouvel essai sur les eaux minérales de Plombières*, Paris, 1803, p. 7.

216 Josefina, *Correspondance*, pp. 66-7.

217 Masson, *Josephine*, p. 131.

218 Masson, *Josephine*, p. 130.

219 Josefina, *Correspondance*, pp. 70-1.

220 Masson, *Josephine*, pp. 137-8.

221 Masson, *Josephine*, pp. 142-3.

222 Bourrienne, *Mémoires*, I, p. 241.

223 Bourrienne, *Mémoires*, I, p. 322.

224 Bourrienne embelezou suas memórias depois do acontecimento e, como a maior parte dos autores, acrescentou mais, por isso há a possibilidade de não ter estado presente. Mas a imagem que descreve de Napoleão é correta: ele ficou devastado.

225 Bourrienne, *Mémoires*, I, p. 322.

226 Morand, *Lettres sur l'expedition de Egypte*, 19 setembro 1798, pp. 171-2.

227 Bourrienne, *Mémoires*, I, p. 200.

228 British Museum, Add MSS, 23003. Ver ainda *Mémoires et Correspondance du Roi Joseph*, org. Du Casse, I, p. 189.

229 Masson, pp. 139-40.

230 Desvernois, *Mémoires*, p. 134.

231 Napoleão, *Correspondance*, XXIX, p. 457.

232 Williams, *England's Mistress*, p. 232.

233 *Morning Chronicle*, 24 novembro 1798.

10

"TUDO O QUE EU SOFRI"

Paul de Barras pressionou os jornais franceses para não voltarem a imprimir notícias sobre Madame Bonaparte, mas os exemplares do *Chronicle* passaram de mão em mão e os rumores sobre o casamento dos Bonaparte e o comportamento de Jose ina espalharam-se. Ela sabia que havia sido descoberta e icou desesperada e aterrorizada com o poder da família de Napoleão para destruí-la.

José icou profundamente satisfeito que a carta que o irmão lhe enviou tenha sido publicada. Recusou-se a dar dinheiro a Jose ina e riu diante dela. Quando Luís Bonaparte voltou do Egito, também se recusou a visitá-la. Em Paris, Jose ina encontrava-se rejeitada, ridicularizada e ignorada. Os franceses nunca receberam a carta. Ainda está no Museu Britânico, escrita na reconhecida letra pontiaguda de Nelson, “encontrada no corpo do mensageiro” .234

Agora que todos sabiam de sua in idelidade, os credores começaram a querer saldar as dívidas. Josefina não tinha como pagar nem a menor das faturas.235 Tentou seduzir e in luenciar o Diretório e outros homens de poder, mas isto apenas serviu para dar aos inimigos mais munições contra ela.

Na carta para José, Napoleão sugerira manter o número 6 da rue de la Victoire. Jose ina sabia que era sua última oportunidade para angariar o dinheiro de que precisava para comprar uma propriedade no campo. Malmaison, a casa que Napoleão recusara, transformou-se, em sua mente, na segurança de que precisava e da possibilidade de criar um retiro rural de felicidade, onde Napoleão podia voltar a se apaixonar por ela. Ele voltaria, o grande herói conquistador, ela atirar-se-ia a seus pés e depois pagaria as contas. Jose ina tinha as próprias munições: José adquirira o Castelo de Mortefontaine por 285 mil francos, e ela sabia que

Napoleão não se deixaria superar.

Jose ina visitou outra vez Malmaison com Hortense. Estava especialmente encantada com a bela localização entre viçosos gramados verdes, bosque e vinhas. Sempre sentira a falta da folhagem e das lores da Martinica, e Malmaison, pelo menos assim esperava, seria sua oportunidade de criar jardins cheios de plantas exóticas. Em outubro de 1798, pediu ao velho amigo Jean Chanorier, presidente da Câmara de Croissy, para sondar os Molay quanto à compra da propriedade. Ao longo de todo o miserável inverno de 1798-99, Jose ina inquietou-se e preocupou-se com dinheiro, pediu a Barras que afastasse os cobradores de dívidas, pediu dinheiro emprestado e regateou por intermédio de Chanorier.

Malmaison aparece pela primeira vez nos registros em 1244, como um mero celeiro. No século XIV, o local transformara-se numa notável mansão senhorial e pertenceria à mesma família até 1763. Para Jose ina, um exemplo típico de enriquecimento individual graças ao Diretório, comprá-la era reclamar a História. Monsieur du Molay adorava a casa e não conseguia envolver-se em sua venda (especialmente a uma esposa *nouveau riche* como Jose ina).[236] Sua mulher tomou as rédeas das negociações. A extenuante correspondência entre elas, com Chanorier como intermediário, é um testemunho da destreza, determinação e

sagacidade femininas. Nenhuma das partes estava preparada para ceder facilmente.

Numa carta datada de 1º de março de 1799, Chanorier declarou que Malmaison não só era "a mais bela propriedade que conheço", como também, enquanto quinta em funcionamento, extremamente "útil" em termos financeiros.237 Informou Jose ina de que Madame du Molay pedia 300 mil francos e a irmava que Bonaparte con irmara este valor com um familiar Molay "preparado para testemunhar que assim era".

Respondeu-lhe irmemente. "Disse-lhe que o general nunca tinha falado em mais de 250 mil francos; mas mesmo que tivesse, a terra teria desvalorizado desde então." 238

Jose ina respondeu inequivocamente. "O preço pedido por Mme. du Molay é demasiado elevado", informou Chanorier. "Independentemente do desejo que possa ter tido de chegar a acordo sobre Malmaison, sinto-me obrigada a retirar meu interesse. Minha última oferta é 100 mil *ecus* [250 mil francos], para ocupação imediata. "239

Então, no dia de 17 de março, cedeu:

"A minha oferta inal, considerando a sua opinião e a informação que me deu, é de 310 mil francos, incluindo tudo e ocupação imediata. Acredito piamente que não devo pagar mais do que isto e estou decidida a resolver o assunto de uma maneira ou de outra." 240

Madame du Molay acabou por considerar a oferta de Jose ina aceitável, mas não se deixaria mudar tão facilmente. "A pobre Mme. du

Molay estremeceu", escreveu Chanorier, "quando lhe disse que, estando farta de Paris, se comprasse a propriedade, era bem possível que quisesse ir para lá residir no espaço de uma quinzena". Os Molay pediram para icar num dos anexos na quinta até meados de julho. "Deste modo, pode mudar-se no dia seguinte à compra." 241

Apesar de todas as palavras irmes, Jose ina fora levada pelo coração. Mais tarde, admitiu que o preço inal que tinha sido pedido chegava bem acima dos 325 mil francos. José comprara seu enorme castelo com 285 acres de terra por muito menos. Uma carta não datada de Jose ina para Barras, publicada em 1820 e registrada como sendo "para Malmaison", sugere que ele a ajudou a angariar as verbas para a compra da casa.

"Tinha a certeza que isto lhe interessaria; e estava não menos certa de que venceria. Tenho agora a certeza de possuir um refúgio e, graças a esta simpatia, que só se torna ainda mais doce pela graciosidade com que é oferecida, este refúgio cumpre todos os meus requisitos e posso deixar minhas paixões lorescerem nele. Estes são gostos pací icos e puros que, em tempos mais adequados, cultivei caprichosamente, mas que hoje abraço de todo o coração." 242

Com a mobília incluída no preço, Jose ina podia mudar-se imediatamente. Não perdeu um só momento. Mudou-se em abril e logo começou a planejar a festa de inauguração da casa.

Apesar das modi icações efetuadas pelos Molay, o solar precisava de um embelezamento e exigia uma ampliação. Os terrenos, no entanto, eram magní icos e a quinta produzia uma boa colheita de vinho, uma

saudável safra de trigo e variedade de gado. Jose ina estava encantada por poder “respirar livremente o ar do campo” 243. Nos anos seguintes, a Île de Chatou, no limiar da propriedade, seria retratada repetidamente pelos impressionistas. A casa era um santuário de Paris e, contudo, icava apenas a 16 quilômetros de distância. Se a solidão se tornasse muito monótona, Jose ina poderia chegar à capital em menos de uma hora de carruagem.

Acreditava que Malmaison era o sítio perfeito para se esconder dos olhares curiosos. Convidou Hippolyte Charles para visitá-la, primeiro em segredo, para que ninguém o visse chegar. Aos poucos, à medida que suas visitas se tornavam mais frequentes e a rotina começava a estabelecer-se, o casal tornou-se complacente. Ele tinha até o próprio quarto ao lado do de Jose ina. Passava semanas inteiras na propriedade, apesar de partir sempre que convidados estivessem para chegar.

Os rumores diziam que um vizinho do campo vira Jose ina e dissera: “Pode-se ver a pobre Mme. Bonaparte a passear no jardim ao entardecer, apoiada no braço de um jovem, provavelmente o ilho”.

Jose ina limitava-se a considerar divertido que os habitantes locais pensassem que Hippolyte era seu ilho. Ele levava uma existência muito precária, envolvendo-se em ocasionais negócios escusos e ainda trabalhando com Bodin. Jose ina também tinha contratempos com os

especuladores. Numa época em que os inimigos recolhiam provas contra ela e a família Bonaparte se mostrava ansiosa pelo seu derradeiro triunfo, a obsessão com Hippolyte era bastante imprudente.

O jovem mostrava-se sempre interessado em outras mulheres, e Josefina desconfiava que já tivesse outra amante. Em fevereiro, escrevera que desejava vê-lo. “Fica descansado, pois após este encontro, que será o último, não serás mais atormentado pelas minhas cartas ou pela minha presença. A mulher respeitável que foi enganada retira-se e não diz nada.” 244 Ainda assim, pareceram se reconciliar e Jose ina continuou a se comportar de forma chocantemente arriscada. A esposa de um general devia ter evitado esse potencial escândalo, mas ela amava a leveza de coração e a energia de Hippolyte, e não conseguia abdicar dele.

O Diretório começava a se desmoronar. Em junho de 1799, o implacável intelectual e ex-sacerdote Emmanuel Sieyès aliara-se a Barras para expulsar os diretores nos quais não con iava e levou para o seu lugar Louis-Jérôme Gohier, de 53 anos, e dois outros.

Jose ina serviu-se da sua beleza e do salão redecorado da rue de la Victoire para conquistar os homens que viriam a controlar a carreira de Napoleão, atraindo o marido de volta para si. Sieyès não lhe prestava atenção, mas Gohier icava ansioso por jantar com ela e estava sexualmente fascinado, apesar de Jose ina se dar bem com sua esposa.

Uma estrela em ascensão era Joseph Fouché, um ex-clérigo de olhos e face pálidos e completamente amoral; ele também negociara com suprimentos de guerra. Em julho de 1799 tornou-se ministro da Polícia, encarregado de esmagar todas as críticas contra o governo.

Gohier alertou Jose ina para o fato de que sua relação com Hippolyte a comprometia aos olhos do mundo e que ela devia abdicar do jovem ou se divorciar de Napoleão e voltar a se casar. Garantiu a Gohier que eram apenas amigos. Não tinha qualquer desejo de ser esposa de Hippolyte e, de qualquer forma, ele nunca se casaria com ela.

O Ministério da Guerra instaurou um inquérito na empresa de Bodin e descobriu os cavalos fracos, os subornos e os suprimentos não pagos.

Jose ina estava determinada a salvar Hippolyte, agora codiretor, da desgraça. “Um relatório da empresa de Bodin deve ser hoje comunicado ao Diretório e peço-lhe que intervenha por eles”, escreveu a Barras. “A irma está em tão mau estado que precisa de um patrocínio forte.” 245 Ao mesmo tempo em que conseguia ganhar a simpatia do ex-amante com sua vulnerabilidade, também o levava à exasperação com seus apelos a favor dos negócios duvidosos de Bodin. Ele estava icando cansado das súplicas. Certa noite, ao jantar no Luxemburgo, Barras virou-lhe as costas e só falou com Thérésa Tallien. Jose ina saiu em lágrimas, convencida de que ele acreditava que Napoleão se divorciaria dela assim que voltasse

do Egito.

Bonaparte rapidamente teve conhecimento da sua humilhação por meio da imprensa britânica e estava decidido a se vingar. Depois de tentar se divertir com dançarinas, centrou a atenção na bonita Pauline Fourès durante um lançamento de balão público nos Jardins Ezbekiya. Esposa de um tenente, Pauline, com 20 anos, era uma alma alegre e acolhedora, que tinha a igura elegante de que Napoleão gostava e icava muito bem no disfarce da farda do regimento do marido. Ostentava longos cabelos dourados, uma compleição de pétala de rosa, um temperamento animado e uma ânsia por aventura. O tenente Fourès conhecera-a quando ela trabalhava na loja de uma modista em Carcassonne e casara-se com ela logo antes de partir em campanha.

Napoleão ignorou o balão e itou despudoradamente Pauline – uma tática que muitas das suas amantes achavam perturbadora. Junot foi enviado para lhe fazer uma proposta. Mas, infelizmente, a fez de forma grosseira, numa linguagem objetiva, e ela icou abalada. O general Duroc foi enviado para fazer nova tentativa, levando uma bonita pulseira de ouro como presente. A donzela mostrou-se muito mais receptiva.

Em 17 de dezembro, o tenente Fourès foi encarregado de levar uma carta ao almirante Villeneuve, em Malta, e cartas para o Diretório em Paris, uma viagem que Napoleão esperava que demorasse mais ou

menos três meses. Foi recusada a Fourès a permissão para levar Pauline com ele. Assim que o marido virou as costas, Napoleão convidou ela e outras esposas de o iciais para um jantar no palácio. Depois da sobremesa, um o icial entornou café no vestido dela. Napoleão saltou em sua salvação, empurrou-a escadas acima para ir trocar de roupa e nenhum dos dois voltou ao jantar. Em pouco tempo estava vivendo numa *villa* nas terras do palácio e foi apelidada de "Cleópatra" de Napoleão. Ele tratou a aprendiz de modista como uma verdadeira companheira. Admirava a sua convicta determinação de viajar para o Egito com o marido e icava satisfeito com a personalidade curiosa. Exibia-a, com esperança de que as notícias chegassem a Paris. Ela presidia às festas dele e acompanhava-o para todo o lado em sua carruagem. Napoleão obrigou Eugène, com 17 anos, a escoltar ele e a nova amante pelo Egito, até o pobre rapaz implorar que o liberasse.

Em 24 de dezembro de 1798, uma semana depois de conquistar Pauline, Napoleão partiu para o Suez. Após uma comovente despedida, disse a ela que izesse um ilho enquanto ele estava fora. Ela teve pouco tempo para se entregar a tal tarefa. Napoleão retornou do Suez por um breve período e logo voltou a partir, em fevereiro, numa expedição grandiosa à Síria. Pretendia derrubar os turcos, que tinham declarado guerra à França.

O marido de Pauline foi capturado logo na saída de Alexandria e foi prontamente devolvido ao Cairo para constranger Napoleão. Fourès icou indignado com a traição da mulher, mas não pôde fazer nada. Napoleão decretou o divórcio dos Fourès, icando livre para usufruir de Pauline. Sua única falha era o fato de não engravidar. “O que é que se há de fazer”, disse o grande herói, “a pobrezinha [. .] não consegue”. Pauline defendeu-se veementemente. “Meu Deus!”, gritou. “Não é culpa minha. ”246 Presumivelmente referia-se ao fato de a técnica apressada de Napoleão tornar a concepção pouco provável.

Sempre aventureiro, Napoleão partiu novamente. “Vi-me a caminho da Ásia, cavalgando num elefante, com um turbante, atacando os ingleses na Índia. ”247 A realidade da campanha não era assim tão romântica. Os homens odiavam as condições do deserto e sofriam com o calor. Em Jafa, na Palestina (agora parte de Tel Aviv), os homens de Napoleão eram carregados de álcool para lhes dar coragem e depois eram enviados para massacrar a guarnição, incluindo mulheres e crianças. De manhã, Napoleão despachou Eugène e outro jovem ajudante, Crosier, para estabelecer tréguas. Os soldados turcos refugiados na cidadela disseram a Crosier que desceriam se suas vidas fossem poupadas. Ele levou os 4 mil como prisioneiros.

Napoleão icou furioso com Crosier e Eugène. “E eu tenho provisões para alimentá-los?”, repreendeu-os. “Mas que diabo vou fazer com todos

eles? ”248 Era impossível esperar que se tornassem leais membros do Exército francês, e não havia tropas su icientes para escoltá-los de volta.

Napoleão ordenou que os homens fossem fuzilados. Durante três dias, os soldados desmoralizados foram obrigados a perseguir homens em fuga para o mar e a disparar sobre eles. As crianças choravam agarradas aos pescoços dos pais, enquanto também iam sendo mortas e o mar avermelhava-se de sangue.

No dia seguinte, o exército foi atingido pela peste bubônica. Napoleão recusou-se a desistir, declarando que qualquer homem que tivesse medo da peste a apanharia imediatamente. Para provar a ideia, visitou um hospital e tocou em alguns dos doentes e ajudou a levantar outros. Acreditava que se tivesse controle sobre a mente, nada lhe aconteceria. O exército avançou para Acre, na costa da Síria, mas não conseguiu tomar a guarnição, protegida pelos britânicos. Napoleão disse aos homens que voltassem para o Cairo, depois de escrever ao Diretório que não valia a pena conquistar Acre. Deixou para trás 2 mil soldados feridos e a ligidos pela peste. Os britânicos ofereceram-se para levá-los nos seus barcos, mas Napoleão recusou e os homens foram decapitados pelos turcos logo que os franceses se retiraram.

Ele escreveu cartas de elogio aos franceses pelas suas incríveis vitórias e mal mencionou a peste. “Aqui não precisamos de nada”,

exclamou ao Diretório, “estamos pujantes de força, boa saúde e moral elevado”. Foi ordenado que os homens fossem bem recebidos no Cairo como heróis conquistadores, com grande cerimônia e bandas tocando. Napoleão era bom em vestir o manto do vencedor, mesmo que não o merecesse, e esperava que as notícias da celebração chegassem a Paris. “Somos senhores de todo o deserto oriental”, escreveu. “Se nos pudessem enviar um reforço de 15 mil homens, chegaríamos a qualquer lado”. Apressou-se em voltar para os braços de Pauline Fourès e icou desiludido ao descobrir que ela não estava grávida. Planejou mais vitórias, mas então os britânicos, astuciosamente, enviaram um conjunto de jornais recentes. 249 Napoleão icou chocado com as notícias. A França estava debaixo de fogo. A Áustria, a Grã-Bretanha e a Rússia se aliaram, os austríacos empurraram os franceses sobre o Reno e estes foram obrigados a se retirar da Suíça. Malta estava bloqueada, e as forças francesas eram empurradas de volta para a Itália. A maior parte do território que Napoleão conquistou durante a campanha italiana estava perdida.

Esquadrinhou os jornais, lendo febrilmente sobre as derrotas do seu país. “A Itália está perdida!!!”, gritou. “Todos os frutos das nossas vitórias desapareceram! Tenho de partir.” A França precisava de um salvador – e ele era o homem certo. Em 11 de agosto, Napoleão se preparava para

partir, abandonando seu Exército do Oriente devastado pela peste sob o comando de Kléber, dizendo a todos, exceto a Bourrienne e ao chefe do Estado-maior, que se tratava de mais uma expedição. Levou Eugène consigo, mas deixou Junot, ainda incapaz de perdoá-lo por ter-lhe contado a verdade sobre Jose ina. Recusou-se a deixar Pauline Fourès acompanhá-lo, devido ao risco de os britânicos tomarem o navio. “Tens de pensar na minha reputação; o que diriam se se deparassem com uma mulher a bordo? ”250

Assim que Napoleão deixou o Egito, icou ansioso por chegar à França. Na Córsega, os barcos icaram nos estaleiros em virtude da falta de vento. Ele permaneceu na casa de infância, visitou familiares e a ama de leite e insurgiu-se contra o clima. “Vou chegar tarde demais”, queixou-se. Em 10 de outubro de 1799, desembarcou na França, sendo recebido por multidões encantadas. Os canhões ribombaram em Paris para dar a boa-nova. O povo chorou de alegria e os teatros tiveram de interromper as peças para o público poder cantar canções patrióticas. No Cairo, governando a partir do seu palácio, publicando decretos que tinham de ser obedecidos por um povo subjugado, descobrira o gosto pela tirania e pelo império. Em vez de se tornar imperador da África, mudara de aspirações. Em vez de Alexandre, seu novo modelo era Júlio César, conquistador da Europa.

Ao longo de 1799, Jose ina icou cada vez mais nervosa e infeliz. Exposta e acusada, receava o retorno de Napoleão. “Vim para Paris, meu querido Barras, com intenção de vê-lo, mas quando lá cheguei disseram-me que hoje tinha uma grande festa”, escreveu. A mulher que lorescera com a admiração queria agora ser discreta. “Desde que me mudei para o campo, tornei-me uma reclusa tal que os eventos sociais me assustam”, confessou a um ex-amante. “Além disso, sinto-me tão miserável que não quero ser objeto da pena dos outros.” 251

“A mamãe comprou Malmaison”, escreveu Hortense ao irmão em outubro de 1799. “Lá se instalou, com uma vida de reclusa.” 252 Queria que a carta fosse lida a Napoleão e desejava que ele compreendesse a forma recatada como a esposa se comportava.

“Só tinha dado dois grandes jantares desde que ambos partiram. Os diretores e toda a família Buonoparte tinham sido convidados, mas estes recusaram-se a ir [. .] A mamãe está, asseguro-te, muito perturbada por a família não viver em termos amigáveis com ela, o que deve envergonhar o marido, a quem ama muito. Estou certa de que a mamãe, se tivesse a certeza de poder chegar até ele, teria há muito partido, mas sabes como isso seria impossível.”

A própria Jose ina, depois de presumivelmente ter visto a carta, escreveu que desejava que Eugène e Napoleão retornassem, “especialmente se encontrar Bonaparte igual a quando me deixou; então poderei perdoar tudo o que sofri em virtude da tua ausência e da dele” 253. Passara ao contra-ataque: acusava o marido de negligência e ausência. Felizmente para ela, Napoleão não viu a carta. Ele e Eugène já

estavam a caminho de casa.

234 British Museum, Add MSS, 23003.

235 Rémusat, *Mémoires*, I, p. 65.

236 Hubert, *Malmaison*, p. 14.

237 Hubert, *Malmaison*, p. 14.

238 Hubert, *Malmaison*, p. 14.

239 Impératrice Joséphine, *Correspondance*, *1782-1814*, org. Bernard Chevallier, Maurice Catinat e Christophe Pincemaille, Paris, Payot, 1996, carta 115, 2 março 1799, p. 82.

240 Impératrice Joséphine, *Correspondance*, carta 116, 17 março 1799, p. 82.

241 Hubert, *Malmaison*, p. 14.

242 Impératrice Joséphine, *Mémoires et correspondance de l'Impératrice Joséphine*, Paris, 1820, pp.

154-5.

243 Impératrice Joséphine, *Correspondance*, carta 126, 24 junho 1799, p. 87.

244 Fevereiro 1799, Impératrice Josephine, *Correspondance*, p. 81.

245 Gavoty, *Les Amoureux*, 23 junho, p. 279.

246 Bourrienne, *Mémoires*, II, p. 296.

247 Bertrand, *Cahiers*, I, p. 234.

248 Bourrienne, *Mémoires*, I, p. 300.

249 As mais recentes que tinham eram de junho.

250 Quando descobriu a verdade, ela tomou Junot como amante e depois o general Kleber, que ficou furioso por ter sido deixado no comando do Exército

do Oriente por um comandante que nem sequer o consultara.

251 Impératrice Joséphine, *Correspondance*, carta 131, 30 setembro 1799, p. 89.

252 *Les Beauharnais et L'Empereur. Lettres de l'Impératrice Joséphine et de la Reine Hortense au Prince Eugène*, Paris, 1936, pp. 125-6.

253 Impératrice Joséphine, *Correspondance*, p. 56.

11

"ELE ME DEVE TUDO"

Na noite de 10 de outubro, Jose ina jantava com Gohier e a esposa, discutindo política e os rumores de Paris. Os talheres e os copos tilintavam, as velas emanavam uma luz suave, ela sorria com as piadas de Gohier e falava de vestidos com sua esposa. Chegou então uma mensagem urgente de Eugène, indicando que desembarcara em Fréjus com Napoleão. Jose ina saltou da cadeira. "Tenho de ir ter com ele antes de os irmãos lhe falarem", gritou. Despediu-se apressadamente, correu para a carruagem, foi buscar Hortense e pediu ao cocheiro que acelerasse para sul, na esperança de apanhar Napoleão em Lyon.

Jose ina saiu rapidamente de Paris, implorando ao cocheiro que os cavalos cavalgassem o mais depressa possível. Não sabia qual o trajeto que Napoleão seguiria e optou pelo percurso via Châlons. Enquanto acelerava em direção ao sul, viu que todas as povoações e entrepostos de carruagens tinham sido decorados às pressas para o retorno do herói,

com arcadas triunfais erigidas sobre as estradas e iluminações penduradas nas casas. Cada vez que paravam para trocar os cavalos, as pessoas apinhavam-se em volta da carruagem, implorando que Jose ina lhes contasse “se era mesmo verdade que o salvador (pois esse era o nome que toda a França lhe tinha dado) retornara”, tal como recordou Hortense.254 Por im, alcançaram Lyon, onde lhes foi dito que o general já tinha partido e viajava para Paris por um percurso diferente. Napoleão permanecera em Lyon algum tempo e a cidade logo produzira uma nova peça, *Bonaparte em Lyon*. Josefina perdeu-o por pouco.

Chocadas, mãe e ilha deram meia-volta com os cavalos e viajaram velozmente noite dentro. O caminho de retorno foi uma “sucessão de ovações” a Napoleão, e cada uma delas foi um espinho amargo para a pobre Josefina.

Seus receios se concretizaram. Lucien e José tinham viajado ao encontro de Napoleão em Lyon. Durante todo o caminho até Paris, os irmãos lhe falaram da in idelidade de Jose ina e do seu relacionamento com os exploradores do exército.

Napoleão entrou em Paris sob delirante aclamação. A cidade cintilava de luz, bandas tocavam e homens e mulheres desmaiavam. Mas ele só queria ver Jose ina. Apesar de estar zangado com ela, tinha saudades do seu abraço doce e do seu corpo perfumado, de ouvir sua gentil voz e de

estar deitado em sua cama. Estava preparado para ouvir o que ela tinha a dizer em sua defesa. Esperava uma torrente de lágrimas e então, quando achasse adequado, uma apaixonada reconciliação.

Contudo, chegou a casa às 6 da manhã e descobriu que ela não estava. Furioso e infeliz, Napoleão abandonou-se à melancolia em sua casa solitária. Acreditava que ela estava com Hippolyte Charles, como todos tinham dito.

Assim que foi capaz, Napoleão chamou Paul de Barras e declarou que se divorciaria de Josefina. Barras aconselhou-o a ter paciência e sugeriu que aguardasse. O Diretório apenas icaria ainda mais desacreditado se o general preferido embarcasse pela constrangedora via do divórcio.

Gohier, um desesperado defensor de Jose ina, disse-lhe então que o divórcio seria uma “mancha negra no registro de um homem na vida pública”. Veementemente contou a Napoleão como Jose ina saíra correndo de casa para se encontrar com ele e disse-lhe que seria mais provável que o público con iasse num homem casado. 255 Napoleão, confuso, virou-se para a família. Como abutres, cercaram-no para dizer que ela estava ausente seduzindo o amante e que ele devia se divorciar imediatamente.

No dia seguinte, Jean-Pierre Collot, um banqueiro, visitou a rue de la Victoire e suplicou a Napoleão que perdoasse Jose ina, pelo menos

naquele momento. “Pense na França!”, gritou. “Nunca vou perdoá-la!”, resmungou Napoleão. “Como me conheces mal!” Collot, assim como Barras, indicou que uma separação pública o exporia ao ridículo − “vão rir de você como de um dos maridos de Molière” – e alertou-o para não tomar nenhuma decisão apressada. 256 “Toda esta violência prova que ainda a ama”, argumentou. “Pelo menos encontre-se com ela, ela explicará tudo.” 257

Napoleão não queria ouvir, confessando que as pessoas icariam cansadas com tantos rumores sobre ele e a mulher. “Estou determinado”, garantiu, “ela nunca mais entrará na minha casa” .258 Eugène, que acabara de chegar a Paris, tentou falar com ele, mas Napoleão estava inflexível.

Visitou Fortunée Hamelin e ela também aconselhou prudência.

Nenhum homem visto como “salvador” se divorciaria sem se tornar muito menos apelativo ao público. Contudo, Napoleão era um urso ferido; entrou tempestuosamente em casa e ordenou às criadas que empacotassem os enormes guarda-roupas de Josefina.

Jose ina chegou às 11 da noite, exausta da viagem e coberta de pó e sujeira do caminho. O porteiro lhe disse que Napoleão não queria vê-la e apontou para as caixas com seus pertences, empacotados e prontos para levar. Jose ina e Hortense abriram caminho à força e entraram em casa.

Os criados não se atreveram a detê-las. Uma criada disse a elas que Napoleão estava no vestiário e não sairia de lá. Jose ina chorou e

implorou à porta, mas só lhe disseram que ele não a receberia e que nunca mais lhe abriria a porta. Ela se agachou no último lance de uma escada estreita, chorando ruidosamente e implorando-lhe que a recebesse. Chorou e rogou durante horas, os soluços ecoavam pela casa. Pela primeira vez, Napoleão resistiu às lágrimas.

Perto das 5 da manhã, ainda chorando, Jose ina se levantou, incapaz de aceitar que as lágrimas não surtiam efeito. Numa última tentativa desesperada, foi procurar Hortense e Eugène, implorando-lhes que a ajudassem. Os filhos subiram as escadas nos trajes de dormir e choraram do lado de fora do quarto de Napoleão, apelando à misericórdia. Ele abriu de rompante a porta e a imagem da esposa em lágrimas com os dois ilhos, os três suplicando por sua ajuda, foi demais para ele. Eugène e Hortense imploraram-lhe que não despedaçasse o coração da mãe:

“Terá a injustiça de nos tirar, pobres órfãos, a quem o cadafalso já nos privou do protetor natural, o apoio daquele que a Providência enviou em lugar dele! ”259 Napoleão reconsiderou.

“Não aguentei os soluços daquelas duas crianças”, declarou mais tarde. “Interrogo-me, terão eles de ser vítimas dos erros da mãe?” 260 Acabara por considerar Eugène um “filho adotivo” e Hortense estava prestes a ser apresentada à sociedade. Sua desculpa para perdoar Jose ina foi que não conseguia aguentar abandonar o filho e a filha.

Napoleão levou Jose ina para a cama do casal e a reconciliação

completou-se. Na manhã seguinte, Lucien chegou, esperando ouvir queixas satisfatórias sobre Jose ina e discussão sobre o divórcio. Para seu horror, encontrou os dois juntos na cama, a cunhada reinstalada como governanta do coração de Napoleão.

Jose ina fora perdoada, mas o equilíbrio do casamento tinha se alterado. Napoleão tinha agora a certeza de que ela lhe tinha sido in iel. O sucesso no Egito e o caso com Pauline tinham-no tornado mais vanglorioso e menos dependente de Jose ina. Nunca mais a idolatrou em seu santuário; ela nunca mais o trataria com desprezo. Sem ilhos, ela sabia que era fraca, e sua exposição como adúltera levara-a a perceber que os homens de poder, bem como seus amigos, lhe virariam as costas se notassem que a in luência que tinha sobre ele se dissipava. Quando se casaram, ela havia sido a mulher que era procurada, e poucos tinham compreendido por que ela aceitara a proposta de Napoleão. Agora, ele era visto como salvador da França, e ela não passava de uma mera esposa – sua posição podia ser tomada a qualquer momento.

A família Bonaparte icou furiosa com a reconciliação. A cunhada Pauline e os irmãos ficaram “em guerra aberta contra Josefina” .261 Fariam qualquer coisa para destruí-la.

Napoleão a irmava que perdoara Jose ina por causa das crianças, pois gostava muito delas. Na Itália, pouco depois do casamento, escrevera-lhe,

“Não te esqueças de lhes dizer que os amo como se fossem meus. O que é teu ou meu mistura-se no meu coração e aí não existe nenhuma diferença. ”262 Disse que achava Hortense “absolutamente adorável”. 263 Era di ícil não admirá-los: Eugène era zeloso e leal e o serviu bem no Egito; a graciosa Hortense de cabelos dourados era a joia da escola de Madame Campan, com um conjunto de competências digno de Versalhes. Ela também tinha bastante medo de Napoleão e tremia quando tinha de falar com ele, pedindo aos outros que transmitissem os pedidos em seu nome. 264 Tal demonstração de medo di icilmente faria com que não gostasse dela.

Contudo, Napoleão era movido por mais do que misericórdia. Estava igualmente determinado a ter poder político e precisava da mulher. Ter uma esposa e enteados lhe dava um ar de con iança e também precisava das discretas competências da esposa para in luenciar os outros, de sua capacidade para agradar e lisonjear, de seus talentos como an itriã e de sua in luência sobre Barras, Gohier, Talleyrand e outros. Acima de tudo, como sobrevivente da prisão, ela legitimava sua declaração de protetor da República, ao passo que o título aristocrático persuadia os monarquistas a acreditar que o marido apoiaria sua causa. Assim como dito por Barras, ela o fazia parecer francês.

Mesmo nos dias tempestuosos após sua chegada, Napoleão viu que as

notícias escritas por seus informantes enquanto esteve no Egito estavam certas: o Diretório estava sucumbindo. O populacho da França, assoberbado com o declínio econômico e perturbado com as derrotas do exército na Europa, perdera a fé no governo. O Diretório estava desfeito com rivalidades e ódios. Ninguém con iava em ninguém e cada um tentava a todo o custo assegurar a posição depondo os rivais. A porta estava completamente aberta para Napoleão, adorado pelo povo e, enquanto general, aparentemente não corrompido pela política. Tal como explicou Hortense: “Com a Itália perdida, as inanças esgotadas, o Diretório sem energia e autoridade, o retorno do general era visto como uma bênção dos céus.” 265

O irascível Emmanuel Sieyès vinha preparando um *coup d’état* secreto para obter o poder, expulsando os colegas diretores – Barras, Gohier e Jean-François Moulin. O quarto, Roger Ducos, era considerado por ele su icientemente inofensivo para segui-lo. Ganhou a con iança de Talleyrand, Joseph Fouché e Lucien Bonaparte. Precisava apenas de um general para a grandeza militar. O general Bernadotte, ministro da Guerra, recusou. O general Joubert foi morto na Itália e tanto o general Macdonald como o general Moreau estavam relutantes em se envolver numa trama política.

Em 14 de outubro, Sieyès esperava Moreau em seu gabinete no

Palácio de Luxemburgo. Moreau chegou no mesmo momento em que um mensageiro entregava a emocionante notícia de que Bonaparte havia retornado e estava quase em Paris. “Aí está o seu homem”, declarou Moreau, partindo imediatamente.

Napoleão queria mais do que ser o líder dos desejos políticos de outros. Ouviu Sieyès, assentiu e depois traçou os próprios planos para lançar um golpe. Recorreu a Josefina para seduzir homens influentes e os persuadir a apoiar a causa – e a convencer Barras de que ainda lhe era leal. Ela obedeceu alegremente, disposta a agradar, e planejou jantares, recepções e encontros íntimos. O número 6 da rue de la Victoire era uma “porta giratória” para políticos, ministros e generais, todos ansiosos por desfrutar as sobremesas delicadas de Jose ina, ouvindo seus sussurros nos ouvidos. Jose ina lisonjeou Barras e Gohier e ludibriou todos com uma falsa sensação de segurança quanto a Bonaparte e seus planos. Enquanto isso, o Diretório dava o último suspiro.

Napoleão perguntou a Barras o que faria se houvesse um golpe para anular o Diretório. Este se recusou a ouvir sequer a ideia. Gohier deixou claro a Napoleão que o achava muito jovem para se envolver no governo. Não deixaram outra escolha a Napoleão, a não ser recorrer ao conluio com Sieyès, apesar de desprezá-lo.

Em 9 de novembro, Napoleão levantou-se às 5 da manhã e enviou

cartas a membros favoráveis do Conselho dos Anciãos, pedindo sua presença nas Tulherias às 7 horas (os outros receberiam as cartas tarde demais, muito depois de a votação ter acabado). Quatrocentos dragões já estavam mobilizados. Em seguida, encurralou os outros diretores. “Meu querido Gohier, gostaria que você e sua esposa tomassem café da manhã comigo, às oito da manhã”, escrevera Jose ina ao amigo na noite anterior. “Não faltem: tenho de falar convosco sobre assuntos interessantes.” 266 Gohier achou que às 8 era uma hora muito suspeita para Jose ina, por ser tão cedo, e enviou apenas a esposa, que, ao chegar, encontrou a casa de Josefina repleta de soldados, prontos para prender o marido e forçá-lo a renunciar.

Explorando a ideia de uma emergência e de uma rebelião, Napoleão chegou às Tulherias às 8h30, rodeado pelos seus generais. Falou com as tropas, dizendo-lhes que o Diretório os traíra. Os Anciãos estavam essencialmente sendo enganados para declararem que os dois corpos legislativos – eles próprios e a casa baixa, o Conselho dos Quinhentos – deviam mudar para Saint-Cloud. Napoleão achou que seria mais fácil fazer passar uma nova constituição longe do centro de Paris. Mandou prender Gohier e outro diretor, Jean Moulin. Talleyrand foi à casa de Barras e disse a ele que os outros se demitiram e que não teve outra escolha senão fazer o mesmo. Napoleão lhe deu 2 milhões de francos

para subornar Barras. Quando Barras cedeu sem luta, Talleyrand icou com o dinheiro para ele. Em Saint-Cloud, Napoleão foi criticado pelos Anciãos, mas a verdadeira violência ocorreu quando tentou se dirigir ao Conselho dos Quinhentos, que furiosamente questionavam suas ações. Viu-se obrigado a fugir para salvar a vida, mas depois enviou as tropas, lideradas pelo general Murat, para expulsar o Conselho da Orangerie. O Conselho foi obrigado a se submeter aos soldados e, consequentemente, entregou de fato os seus poderes a Bonaparte. “Não correu assim muito mal”, desdenhou ele. 267 Nessa noite, ele e Jose ina dormiram com revólveres carregados sob os travesseiros.

Em 10 de novembro, Napoleão a irmou mais uma vez que a República estava em perigo e que ele era o homem que a salvaria. Assegurou-se de que fosse nomeado cônsul, junto com Emmanuel Sieyès e Roger Ducos, os quais Napoleão em segredo planejou expulsar em breve. Quase inacreditavelmente, graças ao seu poder, ao seu engenhoso planejamento e à ajuda da esposa, Napoleão passou de general aplaudido a homem mais poderoso da França. Barras aguardou ansiosamente em sua residência campestre de Grosbois. “Vejo que Bonaparte me enganou”, lamentou-se. “E, no entanto, ele me deve tudo.” O mesmo era verdade em relação a Jose ina. Barras cuidara dela, protegera-a e emprestara-lhe dinheiro, tendo o exílio como sua recompensa.

“Vejo que reina a divisão no seio de todas as autoridades”, declarou Napoleão, ao descrever o retorno à França. “Só concordavam num único ponto, que a Constituição estava meio destruída e não conseguia proteger a liberdade!” Anunciou que o Conselho dos Anciãos lhe suplicara ajuda, uma vez que os “homens a quem a nação tinha habituado encarar como defensores da liberdade, igualdade e fraternidade”, ou seja, os diretores, tinham planejado restaurar o rei. “Senti-me obrigado a aceitar o comando, pelo dever para com meus concidadãos, para com os soldados que faleceram nos nossos exércitos e para com a glória nacional, conseguida à custa de tanto sangue.”

Eram mentiras, mas críveis. Os homens e mulheres que lutavam pela queda de Luís XVI esperavam um governo representativo. Em 1799, receberam a tirania. Não haveria eleições, mas três cônsules e quatro Assembleias: os membros do Senado e do Conselho de Estado seriam nomeados pelo primeiro-cônsul, os membros do Tribunal seriam nomeados pelo Senado, ao passo que o cônsul também in luenciava a Assembleia Legislativa. Bonaparte declarou seu plano: o primeiro-cônsul seria nomeado por dez anos e escolheria os outros cônsules. Todo o país seria basicamente governado por um homem.

Às 3 da manhã, Napoleão retornou para casa e encontrou Jose ina na cama. Ele se queixava a Bourrienne que dissera as coisas erradas. “Gosto

mais de falar para soldados do que para advogados. Esses senhores me desconcertam. Não fui habituado a assembleias públicas; mas isso virá com o tempo.” 268 Jose ina lhe implorou que ajudasse Gohier. “O que sugeres, minha querida?”, respondeu. “Ele é respeitável, mas simplório. Não me compreende! Devia, talvez, mudá-lo de lugar. ”269

Bonaparte, esperto como sempre, levou Sieyès a pensar que seria o primeiro-cônsul. O sorriso deferente de Jose ina apoiou o plano. “A Revolução está terminada”, anunciou no último dia do ano. Napoleão manobrou até alcançar a posição de primeiro-cônsul, com dois bodes expiatórios, Jean Jacques Regis de Cambacérès e Charles-François Lebrun, como comparsas. Sieyès foi enviado para o campo com uma pensão.

O general era agora um pequeno rei. Josefina, a viúva da Martinica, era consulesa. Tudo acontecera num abrir e fechar de olhos. Napoleão alcançou a chocante inversão de tudo aquilo pelo qual os franceses lutaram, algo que lhe fora permitido porque oferecera paz. Com bandos de monarquistas e jacobinos rondando as ruas e contrabandistas do mercado negro fazendo fortunas, o povo estava desesperado por ordem. Mas a liberdade de movimentação nas ruas era improvável com Talleyrand como ministro das Relações Exteriores e Fouché, o brutal organizador de assassinatos em Lyon durante o Terror, como ministro da

Polícia. Lucien Bonaparte foi nomeado ministro do Interior. Napoleão, o ditador de toda a França, atribuiu alegremente a si mesmo um salário de 500 mil francos.

Os republicanos temiam a restauração monárquica e acreditavam que Napoleão era o homem para salvá-los. Os monarquistas enganaram-se, acreditando que ele simplesmente garantia a segurança do país para não entregá-lo ao exilado Luís XVIII. Ele ofereceu mais poder aos homens in luentes e, decidindo que a forma de agradar ao povo era usar a ostentação e grandeza da realeza, exigiu carruagens, sedes palacianas e anunciou o icialmente que as formas de cumprimento já não seriam *citoyen* e *citoyenne*, mas *monsieur* e *madame*. Acreditava que o povo se satisfaria facilmente com pompa e promessas e desistiria da esperança de representação em nome de um homem que oferecia paz e prosperidade.

Napoleão decidiu que a casa da rue de la Victoire era muito humilde para um cônsul e ordenou a Jose ina e às criadas que izessem as malas. Mudariam para o Palácio de Luxemburgo, onde Jose ina visitara frequentemente Gohier e Barras. Seu primeiro encontro com Napoleão ocorreu numa recepção do palácio. Ainda assim, ela receava a mudança para aquela opulência fria. Construído por ordem de Catarina de Médici, era um local de reputações brevemente ganhas e perdidas, e Jose ina

estava cada vez mais nervosa quanto à ambição selvagem do marido.

Para se consolar, gastava excessivamente em vestidos, joias e mobília, e esbanjou milhares de francos com Malmaison – continuando a alimentar o "amor pelo luxo su icientemente grandioso para engolir todas as receitas de dez províncias". 270 Também começara recentemente a se preocupar com a reputação: informou os agentes de que não negociaria mais com empresas que vendessem suprimentos de guerra.

Napoleão estava encantado consigo mesmo. Apesar das privações, engordara um pouco e ultrapassara a magreza extrema da juventude. Nos primeiros tempos, suas mãos tinham sido marcadas pela sarna e pela sujeira, mas agora eram bastante bonitas e, quando conversava, "olhava frequentemente para elas com ar de autocomplacência". 271

Jose ina havia melhorado o vestuário do marido e seu sotaque suavizara. Ele rodeou-se de servos em uniformes bordados a ouro.

Em fevereiro, Napoleão decidiu que era tão invencível que ele e a mulher deviam ocupar o palácio das Tulherias, no centro de Paris. Com três pavilhões, quase 400 quartos e uma grande galeria construída por Henrique IV que ligava ao Louvre, o palácio era grandioso, mas estava em decadência. Prostitutas baratas de rua abrigavam-se com os clientes debaixo de sebes meio desfeitas do lado de fora. Depois de Luís XVI e Maria Antonieta terem sido levados, em 1792, o palácio tinha caído em

um terrível abandono, pilhado e destruído para que fossem levadas a mobília e até a madeira dos caixilhos das janelas. As escadas ainda tinham manchas de sangue seco da época em que a Guarda Suíça e os cortesãos lutaram contra o golpe. O temido Comitê de Salvação Pública se reunira nos aposentos da rainha. O portão principal estava gravado com um aviso: “Em 10 de agosto de 1792 foi abolida a realeza na França e nunca voltará.” Os jardins tinham sido tomados por vendedores de limonada e de tortas quentes que alimentavam os turistas perplexos e os suplicantes que esperavam para fazer seu apelo aos funcionários públicos. Residência de todos os monarcas desde o século XVII, era para o povo um símbolo do privilégio Bourbon e da opressão. Mas Napoleão não se importava. Ele queria ser rei.

Hoje as Tulherias já não existem devido a um gigantesco incêndio em 1870, mas permanecem os fantasmas nos edi ícios do Louvre e nos jardins da Place de la Concorde. Napoleão e a esposa ocuparam os aposentos onde anteriormente tinham vivido os Gohiers. Jose ina sentou-se nas cadeiras que pertenciam aos velhos amigos e jantou em suas mesas. Passeou pelos quartos antes ocupados por Barras. Estava vivendo num aquário dourado: os recém recuperados jardins, com uma paisagem muito moderna, tinham sido abertos ao público e se tornado rapidamente um local popular para os parisienses fazerem caminhadas durante a

tarde. Estes espreitavam pelas janelas e batiam às portas. Sempre que saía, usava vestidos suntuosos, adequados ao seu novo estatuto, era transportada numa carruagem puxada por seis cavalos e acompanhada por uma escolta de cavalaria. As formalidades deixavam-na desconfortável e tinha saudades da rue de la Victoire. Mas, ainda assim, vencera – todos aqueles que tentaram derrubá-la, os Bonaparte e também o marido.

Quatro anos antes, Napoleão havia ascendido ao Departamento Topográ ico do Comitê de Salvação Pública, uma posição que obteve graças a Paul de Barras. A Revolução ainda nem tinha 10 anos, mas para Napoleão pertencia a uma era diferente. Um de seus primeiros atos foi mandar pintar todos os símbolos revolucionários na fachada do palácio. "Não gosto de ver esse lixo", disse.272

Ignorou os quartos desmoronados e as manchas de umidade. Na primeira noite nas Tulherias, arrebatou Jose ina nos braços, gritando: "Anda pequena crioula, mete-te na cama dos teus senhores."

Napoleão instalou-se o icialmente nas Tulherias em 19 de fevereiro. As carruagens deixaram o Luxemburgo à 1 da tarde, ao som agitado de música militar e do rufar de tambores. Mais de 3 mil soldados estavam alinhados nas ruas enquanto Napoleão e o séquito passavam, e as multidões aplaudiam. Jose ina, em seu habitual vestido esvoaçante,

deixara o Luxemburgo um pouco antes, acompanhada por Hortense. O povo olhava de boca aberta para a *Merveilleuse*, que era agora a esposa do homem que esperavam que lhes trouxesse a paz. Depois deles veio o Conselho de Estado, obrigado a recorrer a cabriolés porque havia poucas carruagens disponíveis – depois de terem sido requisitadas para carregar os cães abatidos cinco anos antes. Os números de registro nos cabriolés foram rudemente disfarçados com pedaços de papel.

Parecia que toda a Paris saíra para ver a grandiosidade do des ile de Napoleão, juntamente com multidões de turistas. Jose ina foi entusiasticamente ovacionada, mas sua posição inferior foi claramente marcada, pois não pôde participar dos rituais, sendo obrigada a permanecer numa varanda para asssistir a Napoleão realizar a cerimônia o icial e fazer a revista às tropas. Acompanhada por Hortense, pela irmã de Napoleão, Carolina, e por outras senhoras, observou lá de cima enquanto os regimentos lhe faziam continência, seguidos pela cavalaria, num grande espetáculo de poder marcial. Por entre as plumas e a pompa, ele era uma figura minúscula.

Napoleão apontou e acenou alegremente para a esposa. Jose ina respondeu-lhe adequadamente, com o lenço apertado nas mãos. Depois da revista, ele subiu as escadas para tomar posse dos aposentos de Luís XVI, no primeiro andar. “Vi o cerco das Tulherias dali, bem como a

captura desse bom Luís XVI", disse ele, apontando de uma janela para a casa do irmão de Bourrienne. "Mas *eu* vou permanecer aqui." Esse "bom Luís XVI" era agora seu novo modelo de grandeza, se não de governança. Estava absolutamente convencido do seu direito de habitar no Palácio. Napoleão decretou que Jose ina devia icar com os aposentos de Maria Antonieta, no piso térreo. Tinham sido usados para administração civil, e o Comitê de Salvação Pública também se reunira ali. O novo primeiro-cônsul desejava que os quartos voltassem a ter o antigo resplendor. Decoradores e arquitetos cobriram o quarto de seda azul e branca com adornos dourados. Jose ina decorou o salão com tafetá violeta, jarras Sèvres trabalhadas nas mesas, e exibiu bronzes, pendurou pinturas e contratou restauradores de madeira para embelezar a enorme cama de mogno da rainha.

Napoleão dormiu na cama da rainha com Jose ina, indo raramente ao próprio quarto. Todo o palácio irradiava esplendor, mas era escuro, frio e opressivamente formal. Napoleão adornou-o com estátuas de Aníbal, Demóstenes, Alexandre e outros grandes homens. Jose ina era infeliz, adoecia com facilidade e sentia saudades da informalidade de Malmaison. "Não fui feita para tanta grandeza", con idenciou a Hortense. "Nunca serei feliz aqui. Sinto o fantasma da rainha me perguntando o que estou fazendo em sua cama." 273 Napoleão não tinha paciência para a infelicidade da

esposa. Queria que caísse a seus pés, proclamando sua excelência, que lhe oferecesse prazeres sensuais. E depois do iasco que fora o retorno do Egito, Jose ina, pisando em ovos, tinha de manter as objeções para si mesma.

Era agora rainha não o icial da França. Napoleão tinha regras rígidas sobre a forma como ela se podia comportar. Thérésa Tallien, Fortunée Hamelin e todas as outras foram banidas. O primeiro-cônsul odiava os encantos sedutores de Thérésa e não con iava nela nem no marido, mantendo-os sob vigilância permanente. Cedeu no caso de Madame Récamier – o marido banqueiro era muito rico para ser afastado. Instruiu a esposa a passar tempo com os que eram de origem aristocrática, como os Ségurs, os Caulaincourts e Madame de Rémusat.274 Sob pretexto algum podia receber homens em seus aposentos, tinha de se vestir de forma muito mais modesta e, acima de tudo, devia abster-se de qualquer assunto político. Para Jose ina, que era "a inimiga declarada de todas as formas de etiqueta", a vida dali em diante se tornou repleta de tensão.275

Napoleão estava decidido: as mulheres tinham obtido poder demais. "Não há elementos femininos na função do cônsul", disse. "Precisamos da noção de obediência, especialmente em Paris, onde as mulheres pensam que têm o direito de fazer aquilo que querem." Enquanto jovem em Paris depois do Terror, tinha icado atordoado com a concupiscência das

mulheres, a in luência e as conversas. Vingava-se de todas pelo desprezo que o devotaram.

Mas a ambição de governar num mundo sem mulheres não durou muito. Dependia demais da esposa. Não conseguia sair-se bem nas ocasiões sociais sem a mulher ao lado e precisava de suas habilidades diplomáticas e da capacidade para manipular os outros, levando-os a fazer o que ele queria. Quando não estava no gabinete ou em comitês, consolidando sua posição e criando leis, desejava estar com Josefina.

Ela era constantemente vigiada e estava sempre em exposição. Como contou um cortesão, “Víramos os seus olhares para o Sol nascente, Mme. Bonaparte, que foi instalado nas Tulherias, onde os aposentos foram inteiramente remobiliados como por fadas.” Ela “já se dava ares de rainha”, porém simpática e gentil. 276 Cada minuto do seu dia era planejado. Estavam sempre juntos e, quando não estava com ela,

Napoleão esperava que Jose ina se arrumasse para o caso de ele chegar.

Nos velhos tempos ela fora livre. Agora, a vida era muito parecida com a que teve em Mombello – sempre igual.

Napoleão dormia com ela, saindo às 8 para o próprio quarto, onde tomava banho, enquanto Bourrienne lia para ele as cartas e os telegramas. Gostava do banho com água escaldante e exigia frequentemente mais água quente aos criados. Às vezes, Bourrienne

tinha de abrir a porta para deixar entrar ar fresco, porque não conseguia ver através de todo o vapor. Enquanto barbeavam Napoleão, Bourrienne lia para ele os jornais, prestando atenção às notícias dos jornais alemães e britânicos, mas ignorando os franceses. “Passa por cima disso tudo”, dizia Napoleão. “Já sei disso.” 277 Tomavam um café da manhã simples, com frango e cebolas, antes de voltar aos papéis de desenho.

A presença do cônsul junto de Jose ina para um almoço rápido de cerca de 20 minutos era frequente – devorando a comida tão depressa que ela mal tinha começado o primeiro prato quando ele já estava terminando a refeição. Dedicava mais tempo ao jantar, mas geralmente não comia até a maior parte do trabalho estar terminada, o que signi icava que Jose ina por vezes esperava até depois da meia-noite pela sua presença.

Napoleão nunca comia muito. “Não consigo deixar de pensar que aos quarenta me tornarei um grande comilão e icarei muito gordo”, preocupava-se.278 Pensava excessivamente no peso e, por essa razão, evitava com frequência a comida. E nunca parou de se exercitar.

Enquanto ditava, às vezes andava para trás e para a frente durante 5 horas, mal percebendo o tempo passar. Ao andar, inclinava-se e cruzava as mãos atrás das costas. Quando estava imerso em pensamentos, muitas vezes dava rapidamente de ombros, e sua boca se contorcia da esquerda para a direita ao ter uma nova ideia.

Enquanto Napoleão trabalhava, Jose ina cuidava da correspondência e encontrava-se com cabeleireiros, modistas, retratistas e comerciantes. À tarde, sentava-se com as damas de companhia e jogavam cartas ou ouviam um pouco de música. Poucos imaginavam quão monótona era sua nova vida. Seu semblante era sempre alegre e satisfeito com o que via, ansioso por cumprimentar as pessoas nas Tulherias e organizar jantares intermináveis para mais de 150 convidados. Conheceu milhares de pessoas dentro e fora de casa, todas elas esperando uma palavra especial de reconhecimento.

Jose ina tinha simplesmente de esperar, beati icamente vestida e perfumada, pelo momento em que Napoleão entrasse porta adentro sem avisar e exigisse chá.279 Vinha sempre às 5 da tarde vê-la trocar de roupa e, se tinha tempo livre, descia as escadas para ver a “pequena crioula”.

Às vezes sentava-se tranquilamente, contemplando um problema militar, enquanto ela lhe fazia companhia (em silêncio, até ele querer falar). Outras vezes pregava-lhe as peças de costume, brincando e rindo, virando ao contrário as embalagens de maquiagem, despenteando-a e beliscando-a. “Para com isso, Bonaparte”, diria ela, pois ele desejava ser tratado como uma criança travessa. Esforçou-se por ser a companheira perfeita, sempre pronta a ouvir, a ler, a sair para passeios e a assumir a aparência tranquilizadora que tanto lhe agradava. “Jose ina possui o

conhecimento preciso das complexidades do meu caráter", explicou ele. 280 Ela era a única autorizada a tratá-lo por "*tu*" ou Bonaparte281.

Não lhe era permitido estar cansada nos jantares à meia-noite, nem almoçar antes de ele aparecer. Napoleão esperava que ela estivesse completamente maquiada e penteada, sem qualquer indício de fadiga ou indisposição, e perfeitamente vestida com roupas francesas requintadas que não revelassem muito. Passava todas as noites com ela no quarto superaquecido com a janela fechada – também não gostava do frio. "Somos um casal muito burguês", escreveu, "partilhando um quarto e uma cama", assegurando "a in luência da esposa e a dependência do marido". Jose ina, com sabedoria, o convencera de que ocuparem o mesmo quarto lhe garantiria segurança. "Disse-lhe", contou ela, "que tinha um sono muito leve; se houvesse alguma tentativa noturna contra ele, eu estaria ali para gritar por ajuda num instante". 282 Graças a isto: "Nenhum gesto meu escapa a Jose ina", disse ele. "Ela adivinhava, sabia tudo, o que às vezes era inconveniente para mim." 283

Ela participava animadamente do esforço para celebrar Napoleão e estabelecer sua imagem como governante de um novo mundo. Travara amizade com o pintor Jean-Baptiste Isabey, antigo artista de Versalhes, quando fora professor da escola de Madame Campan. Josefina gostava do estilo estudado de Isabey e apresentou-o a Napoleão, que não viu

qualquer ironia no fato de o antigo artista de Maria Antonieta se tornar o seu artista contratado. Isabey tornou-se maquiador de Jose ina e o principal igurinista dos cerimoniais de Napoleão, bem como das vestes que mostravam sua grandiosidade. Em 1797, Isabey criara um dos primeiros retratos de Jose ina, um esboço dela de vestido branco e lenço na cabeça, o ideal da heroína republicana.

Na vida pública, Napoleão servia-se das habilidades diplomáticas de Jose ina, recorrendo a ela para atrair aristocratas, banqueiros ríspidos e militares. Estava a seu lado nos jantares, bailes e recepções e organizava os próprios eventos grandiosos. Fornecia a dignidade, graciosidade e elegância que lhe faltava. Napoleão era “carente de educação e maneiras”, explicaria Madame de Rémusat, e não fazia ideia de como entrar e sair de uma sala, fazer uma reverência ou até de como se levantar de maneira apropriada. 284 Jose ina era incrivelmente sensível à etiqueta social. Porém, mais importante do que isso era o fato de ela ser tranquila e interessante, ao passo que ele era grosseiro. Sua forma de mostrar amizade era beliscar a orelha ou apertar o braço ou chamar alguém de tolo. Jose ina era bondosa e seu charme atraía “muitas pessoas à corte, que a rudeza natural dele afastaria”. 285 Seus tons melados ganhavam poder e in luência quando os gritos dele falhavam.

Quando Bonaparte chegava ao salão, todos os olhos se viravam para ele, tentando adivinhar seu humor. Se Jose ina estivesse sozinha como

anfitriã, tudo corria com “alegria e facilidade” .286

Nada na formação de Jose ina a preparou para aquele tipo de vida, mas ela rapidamente se tornou a consorte ideal. Tinha facilidade em se lembrar das pessoas, o tempo como amante lhe ensinara a importância de mostrar interesse e dar atenção a quem a aborrecia, e até sabia dizer as palavras certas para deixar todos à vontade. Jose ina era uma vitrine humana do poder de Napoleão: seus vestidos, seu comportamento, suas posses e sua arte provavam o brilhantismo e a riqueza dele.

Mesmo que Napoleão tivesse mantido o plano original de afastar a esposa do poder, ela recebia tantas cartas solicitando-lhe ajuda que era impossível excluí-la. Sua correspondência nos meses seguintes ao *coup d’état* [golpe de Estado] estava repleta de cartas de iguras in luentes pedindo favores e promoções. Acima de tudo, tentava ajudar os emigrantes – despojados das riquezas durante a Revolução – a restaurarem a sua posição e limparem seus nomes da lista de inimigos da República.

Napoleão viu a correspondência de Jose ina e percebeu de que outra forma ela podia ser útil. Precisava do apoio dos monarquistas e dos emigrantes, pois tinham poder, dinheiro e, diziam-lhe os espiões, o apoio da Grã-Bretanha. Um dos primeiros atos como cônsul foi abolir a lei que permitia que qualquer emigrante repatriado pudesse ser condenado à

morte. No entanto, permitir-lhes o retorno podia ser visto como um enfraquecimento dos princípios da Revolução. Jose ina era o dispositivo que usava para disfarçar suas ações. Ela geria as políticas, recebia os pedidos dos aristocratas exilados e comunicava aos ministros os nomes que deviam ser removidos da lista dos inimigos da França. Se os republicanos exigissem uma explicação, se limitaria a dizer que a esposa tinha um coração bondoso.

Jose ina icava encantada por receber pedidos das grandes famílias da França e entretê-las em seu salão. Anteriormente tão indolente, lia pedidos de manhã até a noite. Napoleão chegou a ordenar a Fouché, ministro da Polícia, que a vigiasse, de modo a garantir que não fosse longe demais. Ela escrevia carta após carta. “Agradeceria, cidadão-ministro, se correspondesse ao meu pedido de acelerar o processo do cidadão Michon de Vougy com a comissão dos que estão inscritos na lista de emigrantes”, escreveu ao ministro da Justiça.287 Também pedia favores – implorando a Fouché que “recebesse favoravelmente Mme. Pasquier, uma das minhas amigas mais antigas” .288

Jose ina ajudou milhares de emigrantes a retornar para a França. Chamavam-lhe a encarnação da “graça e bondade”, era respeitada e amada em igual medida pela sua “incansável caridade”. 289 Só no primeiro dia, mais de 40 mil famílias voltaram a se reunir. Os repatriados sentiam-se leais ao seu marido, e assim era menos provável que se aliassem para

restaurar o rei. Era particularmente generosa com os parentes do primeiro marido, incluindo o cunhado, François, que fora membro do Exército de Príncipes em Koblenz, um grupo de jovens aristocratas que tinham planejado invadir a França em 1792. Bonaparte deixava-se in luenciar tanto por Jose ina que chegou a nomear François para um cargo diplomático. Por volta de 1802, foi permitido o retorno a quase todos os exilados, exceto aos homens que tinham lutado contra os franceses em exércitos estrangeiros (a menos, claro, que fosse François). Não lhes era permitido recuperar qualquer propriedade que tivesse sido expropriada pelo governo ou pelo exército, mas, tirando isso, eram livres para se movimentar pelo país. Ainda assim, poucos gostavam do novo regime social moralista e repressivo que Napoleão liderava. Não poderia haver, como dizia um emigrante repatriado, “ lertes, sentimentalismo, ausência de Deus, sagacidade efervescente, relacionamentos fáceis, alegria”.

Com a chegada dos emigrantes, Jose ina tinha esperança de que Napoleão se sentisse mais clemente com o exilado Luís XVIII, ilho do del im e de Maria Josefa da Saxônia. O irmão mais novo de Luís XVI, com 45 anos, vivia no exílio em Courland (atual Letônia), num palácio cujo proprietário era Paulo I da Rússia. Lá escrevera a biogra ia de Maria Antonieta e tentara criar uma corte opulenta como a de Versalhes.

Pouco depois da investidura de Napoleão, Luís escreveu a Jose ina, dizendo-lhe que tinha esperança de que ela usasse de sua in luência para trazê-lo de volta como monarca. Com o marido foi ainda mais entusiástico e otimista, sugerindo que Napoleão utilizasse o poderio militar para restabelecê-lo no trono. “Desejo que seja mais rápido a agir. Você e eu podemos garantir a magni icência da França”, escreveu melancolicamente Luís ao primeiro-cônsul. “Teria de passar por cima de 100 mil cadáveres primeiro”, respondeu Napoleão. Oferecia um fraco consolo: “Alegremente farei o que puder para assegurar que sua aposentadoria seja agradável e tranquila.” 290 Napoleão enviou a resposta à imprensa para ser publicada, para grande prazer dos republicanos.

Jose ina implorou ao marido que reconsiderasse. Após anos de insegurança, acreditava que um monarca era a única maneira de manter à distância a maré de sangue da Revolução. Levou Hortense para implorar com ela. “Suplico-te, Bonaparte, não te transformes num rei.” O cônsul limpou suas lágrimas. “Vês fantasmas onde não há, minha querida Jose ina. Deixaste-te levar pelo Faubourg Saint-Germain”, disse ele, ordenando-lhe que não voltasse a falar no assunto. 291 “Deviam voltar à costura e deixar-me em paz. Mas não as censuro por isso”, disse a Bourrienne.292 Extremamente esnobe, Napoleão adorava as ligações de Jose ina com a aristocracia e sua paixão pela realeza. Mas sabia que as pessoas ainda o viam como protetor da República, um curador até ser

instalado um governo adequado, e estava disposto a mostrar-lhes que estavam errados. “Estar nas Tulherias não é su iciente”, reconheceu a Bourrienne. “Tenho de me certi icar que icarei.” 293 Não seria capaz de fazê-lo sem Josefina.

Graças à sua perspicácia e elegância, ela ganhou. Napoleão sabia que precisava dela. A ascensão da garota da Martinica, ridicularizada pela alta sociedade pelo sotaque rude e pela igura corpulenta, parecia completa. Apesar dos hábitos perdulários e de não conseguir icar grávida de um herdeiro, era agora a mulher ideal de Napoleão, em grande medida por questões publicitárias: o tempo que passara na prisão e as ligações com a aristocracia brilhavam como diamantes.

Os britânicos, que riram das cartas de amor não correspondido de Napoleão, balançavam a cabeça em reprovação à in luência dela. Numa caricatura de um artista britânico anônimo, chamada “Johnny Bull em alerta ou – Bonaparte visto perfurando a costela na peça do rei e da rainha da Inglaterra – Cena St. Cloud” (1803), os papéis de poder do casal estão ironicamente subvertidos. 294 Supõe-se que Johnny Bull represente a Inglaterra, enquanto Napoleão e Jose ina estão sentados em cadeiras que se parecem com tronos. Jose ina é maior e mais alta do que Napoleão e é ela quem segura a orbe e o cetro e usa a coroa. Sua pose é dominante, masculina, de comando.

Jose ina estava ganhando a batalha por jogar melhor do que Napoleão,

mas gastava enormes quantias de dinheiro para consegui-lo. Ele queria vê-la em apartamentos luxuosamente decorados e desejava que se distinguisse das outras mulheres, sempre grandiosamente vestida e coberta de joias. Queria que fosse seguida pelas revistas de alta-costura. Periódicos como o *Journal des Dames* e o *Costume Parisien* faziam circular imagens do que as elegantes damas parisienses vestiam e muitas vezes relatavam os estilos de Madame Bonaparte. Tempos antes, as cortes europeias tinham olhado para a França como líder da moda. Napoleão desejava que esses dias voltassem.

Depois da simplicidade do vestido pós-revolucionário, Napoleão sonhava com a esposa como um exemplo da moda do *Ancien Régime*. Mas, ainda assim, proibiu vestidos brilhantemente coloridos, declarando que faziam doer sua cabeça. Também detestava vestidos pretos – desejava ver uma mulher graciosa e elegante de branco. Ameaçou colocar fogo em seus xales de caxemira, que eram de um luxo incrível, e obrigou-a a vestir-se completamente em lã feita a partir de ovelhas devidamente francesas. E tinha de manter o peso baixo, pois ele tinha um "ódio profundo por mulheres gordas" .295

Com a desculpa de impulsionar a indústria francesa da seda em Lyon, o cônsul baniu a importação da amada musselina indiana de Jose ina.296

Sempre que Hortense e Jose ina lhe apareciam à frente, perguntava

imediatamente: “Isso que trazem vestido é musselina?” Elas mentiam, dizendo que era linho de St. Quentin, mas não conseguiam deixar de sorrir, e ele imediatamente rasgava os vestidos em pedaços com as mãos. 297 Napoleão desejava que Jose ina usasse decotes modestos e exigiu que sua roupa fosse fabricada com materiais mais ostentosos, como cetim, veludo e tafetá. O que ela vestia ditava a moda: as mulheres começaram a usar roupas mais pesadas com saias retas e corpetes rígidos, subiram os decotes e aumentaram as mangas. 298 Quando vislumbrou Madame de Staël num baile com um vestido curto, ele berrou: “Você mesma deve ter amamentado todos os seus ilhos, Madame? ”299 O vestido de cintura alta favorito de Jose ina era uma forma de ela mostrar sua forma ainda impressionante, sem revelar muita pele.

O corpete mais curto do vestido “imperial” era muito mais fechado no pescoço e cobria toda a silhueta. Também os homens evitavam o estilo mais romântico. Usavam tecidos mais escuros e grossos, com casaca comprida, casaco com aba e colete reto, muito semelhantes a fardas militares. Não obstante, Jose ina ainda sentia falta das modas da juventude, a liberdade dos vestidos esvoaçantes e dos penteados naturais. Seus anos de maior beleza tinham sido em meados dos 20, e passou o resto da vida tentando se vestir de maneira semelhante, mesmo quando já estava muito fora de moda.

O espectro do dinheiro voltou a aparecer. Quando retornou do Egito,

Napoleão pediu a Bourrienne que investigasse as dívidas da esposa. Bourrienne procurou Josefina, mas percebeu que ela estava relutante em dizer a verdade. Finalmente, depois de se tornar consulesa, admitiu que devia 1,2 milhões de francos (cerca de 12 milhões de libras em termos atuais). Bourrienne icou escandalizado e aterrorizado por ter de dar ao seu senhor esta terrível notícia.

Jose ina implorou a Bourrienne que a ajudasse, e ele disse a Napoleão que as dívidas chegavam apenas aos 600 mil francos. Até mesmo essa quantia era chocante para o primeiro-cônsul. Foi buscar as faturas dela e grunhiu furioso. Por que, espumou Napoleão, ela tinha necessidade de 38 novos chapéus de verão, todos comprados no espaço de um mês, quando estava afastada em Malmaison? Havia uma fatura de 180 francos em penas e 800 em perfume. Era uma quantia exorbitante, considerando que o trabalhador médio parisiense sustentava uma família com 600 francos por ano. Só num ano, ela comprou 900 vestidos, quase cinco vezes mais do que Maria Antonieta. Jose ina gastava centenas de milhares de francos por ano. Napoleão já pagara a expressiva dívida de 300 mil francos de Malmaison, bem como inanciara a redecoração da antiga casa da rue de la Victoire, e a esposa gastara duas vezes esse valor em frivolidades.

Napoleão gritou, Jose ina chorou e implorou e atirou-se aos seus pés.

Por im, ele declarou que pagaria as dívidas. De certa forma, ele a compreendia, pois era óbvio para qualquer pessoa que muitas das faturas estavam erradas – tinham-lhe cobrado valores muito altos por certos artigos, mas ela não tinha mostrado qualquer interesse em verificá-los.

Bourrienne teve de fazer algumas manobras di íceis: disse aos cabeleireiros, modistas, criadores de penas, perfumistas e a todos os outros que deviam retirar metade do que tinham cobrado, dizendo-lhes que se processassem juridicamente, Napoleão podia ser obrigado a abandonar o cargo, e então não receberiam nada. Resmungando, os donos das melhores lojas de Paris concordaram. Mas não conseguiam resistir ao apelo irresistível da carteira de Jose ina e em breve lhe apresentavam mais delícias tentadoras, como joias, xales, tecidos e acessórios. Ela comprava tudo sem perguntar o preço e esquecia logo em seguida o que tinha comprado.[300]

Napoleão conseguia levar "o caráter mais rígido, o mais indomável dos homens" a fazer o que ele queria.[301] Contudo, não tinha poder para travar os gastos astronômicos de Jose ina. Só em um ano as faturas mostram que ela comprou 520 pares de sapatos. [302] As dívidas não se limitavam a negociantes; também tinha pedido dinheiro emprestado a amigos. "Não me esqueci dos teus 50 *louis*", escreveu a uma amiga e concidadã crioula, Madame de Krény, em 1800, "vais recebê-los depois

de amanhã”. 303 Como dizia Bourrienne, sua necessidade desesperada de gastar dinheiro “era quase a única razão da sua miséria” .304

Napoleão adorava que as pessoas lhe devessem, pois era a maneira de mantê-las num estado de dependência, mas Jose ina ia longe demais: estava viciada em compras. Tendo perdido tanto no Terror, estava sempre com medo de voltar a passar por um período de necessidade. Também procurava controle e segurança e uma forma de fabricar uma identidade separada das exigências de Napoleão. Não podia parar de comprar coisas de que não precisava.

Mesmo depois de ele ter saldado os pagamentos em atraso, Jose ina lançou-se quase imediatamente em novas dívidas. Recorria a métodos muito infelizes para fazer dinheiro, como partilhando informações políticas com homens como Talleyrand e Fouché e envolvendo-se no mercado negro de suprimentos para o exército. 305 Até renovou o insenstato contato com Hippolyte Charles, depois de tentar recomendar sua empresa para um contrato com o exército. “Tenho muita pena de não ter conseguido”, adiantou “já que icaria muito satisfeita de te provar que nada mudará nos meus sentimentos da mais terna e duradora amizade por ti”.

Ao ver Hippolyte, Jose ina corria um enorme risco. Era motivada pela mais pura nostalgia, tendo saudades dos dias em que era mais jovem, mais esperançosa e não estava con inada ao papel de esposa do

primeiro-cônsul. É quase impossível este contato ter passado despercebido, mas o mestre de espionagem de Napoleão, Fouché, protegeu-a, como era seu hábito. Ela estava perdendo tempo tentando provar sua “mais antiga amizade”. Tal como confessou a Madame de Krény, Hippolyte era cruel com ela numa tentativa de inalmente acabar tudo.306 Ela já não conseguia cativá-lo. O relacionamento estava acabado. No leito de morte, em 1837, Hippolyte pediu que as cartas que Jose ina lhe escrevera fossem queimadas. Cinco foram salvas, e nelas reside a narrativa da única mulher que se atreveu a trair Napoleão.

Além de gastar o dinheiro do marido, dedicava cada momento a ser a esposa perfeita. Ornamentava os aposentos com tributos à glória de Napoleão, elogiava-o excessivamente e declarava-se perturbada quando ele abandonava seus aposentos. Napoleão delegou a ela a tarefa de entreter os estadistas visitantes e de manter satisfeitos os aliados, especialmente os de origem nobre. Muitos anos depois, Napoleão admitiria que o casamento “me trouxe mais perto de um grupo, do qual eu precisava para meu plano de integração, que era um dos princípios mais vitais do meu governo”. Segundo relatou, “Não fosse pela minha esposa, não teria tido nenhuma forma fácil de me aproximar dele.” 307

Apesar de se desesperar com a chocante carteira sempre aberta de Jose ina, amava-a e não podia viver sem ela. Ela era popular para as

elites da França e o povo em geral, e ele sabia que ela legitimava seu domínio. Conforme foi obrigado a admitir, sua vida mudou para além de qualquer expetativa desde que a conheceu. “Para mim, a sorte é uma mulher”, disse, e essa mulher era Jose ina. “Ele habituou-se a associar a ideia da in luência dela a todas as coisas boas que a sorte lhe reservava”, maravilhava-se a amiga dela, Madame de Rémusat.308 Do ponto de vista dele, tinha conquistado a majestade com ela e, para que o sucesso se mantivesse, tinha de mantê-la a seu lado. “Eu ganho batalhas”, declarou, “mas Josefina ganha corações”.

254 D’Abrantès, *Mémoires*, 1, p. 265.

255 Maurice Lescure, *Madame Hamelin*, p. 54.

256 Bourrienne, *Mémoires*, II, p. 5.

257 Bourrienne, *Mémoires*, II, p. 7.

258 Bourrienne, *Mémoires*, II, p. 120.

259 Bourrienne, *Mémoires*, I, p. 344. As palavras de Bourrienne talvez fossem exageradas, mas era este o tipo de melodrama de que Napoleão gostava.

260 Bourrienne, II, p. 10.

261 D’Abrantes, *Mémoires*, II, p. 92.

262 18 julho, Napoleão a Josefina, Bonazzi, *Lettres d’amour*, p. 105.

263 24 abril, Napoleão a Josefina, Bonazzi, *Lettres d’amour*, p. 166.

264 Bourrienne, II, p. 102.

265 D’Abrantès, *Mémoires*, 1, p. 265.

266 Gohier, *Mémoires*, II, p. 2.

267 Bourrienne, I, p. 199.

268 Bourrienne, *Mémoires*, I, p. 250.

269 Bourrienne, *Mémoires*, I, p. 252.

270 Lever, *de Sade*, p. 514.

271 Bourrienne, *Mémoires*, I, p. 155.

272 Bourrienne, *Mémoires*, I, p. 355.

273 Hortense, *Mémoires*, p. 187.

274 Jules Bertaut, p. 135.

275 Ducrest, p. 33.

276 Memoirs de Mme. de la Tour du Pin, p. 85.

277 Bourrienne, *Mémoires*, I, p. 352.

278 Bourrienne, *Mémoires*, I, p. 354.

279 Tal como a aia disse, “a ociosidade da vida na corte faz o dia parecer ter cem horas” (Rem, p.

131).

280 Bertrand, *Cahiers*, p. 345.

281 As mulheres da classe de Josefina tratavam habitualmente os maridos pelo sobrenome. Outros membros da família faziam o mesmo, mas Napoleão só permitia que a mulher o chamasse

Bonaparte. (N.A.)

282 Rémusat, 1, p. 61.

283 Bertrand, *Cahiers*, p. 365.

284 Rémusat, 1, p. 5.

285 Ducrest, 1, p. 33. Mme. de Rémusat, 1, p. 29.

286 Bourrienne, *Mémoires*, I, p. 450.

287 Impératrice Joséphine, *Correspondance*, carta 152, p. 99.

288 Impératrice Joséphine, *Correspondance*, carta 153, p. 99.

289 Ducrest, 1, p. 33.

290 Bourrienne, *Mémoires*, I, p. 420.

291 Bourrienne, *Mémoires*, I, p. 430.

292 Bourrienne, *Mémoires*, I, p. 463.

293 Bourrienne, *Mémoires*, I, p. 460.

294 Ver Kiefer, *Empress Josephine*, p. 29.

295 Bourrienne, *Mémoires*, I, p. 345.

296 Kybalová et al., p. 243.

297 Hortense, *Mémoires*, citada *in* Hamilton, p. 120.

298 Kybalová et al., p. 243.

299 Christopher Herold, *Mistress to an Age*, p. 104.

300 Rémusat, *Mémoires*, II, p. 300.

301 Ducrest, 1, p. 12.

302 Alexandra Gerstein, “Josephine at Malmaison”, *in France in Russia*, p. 12.

303 Impératrice Joséphine, *Correspondance, 1782-1814*, org. por Bernard

Chevallier, Maurice Catinat e Christophe Pincemaille, Paris, Payot, 1996, carta 166, 1800, p. 106.

304 Bourrienne, *Mémoires*, I, p. 200.

305 Bertaut, p. 132.

306 *c*. Oct–Nov 1799, Josephine, *Correspondance*, p. 93.

307 *Le Mémorial de Sainte-Hélène*, in Kiefer, p. 26.

308 Rémusat, 1, p. 13.

12

“A COISA MAIS BONITA DO MUNDO”

Enquanto consulesa, Jose ina escrevia cartas, encantava políticos e conformava-se para acomodar os humores de Napoleão. O coração estava por vezes a quilômetros dali, em Malmaison. Enquanto o primeiro-cônsul recon igurava os próprios alicerces em que o país estava assentado, a esposa deu início a uma importante reestruturação e renovação da sua propriedade no campo. Em janeiro de 1800, os dois jovens arquitetos Charles Percier e Pierre-François-Léonard Fontaine foram chamados para “restaurar uma casa mal construída que vai caindo em ruínas, e que apenas foi edi icada para uma pessoa bastante comum”. 309

Percier e Fontaine mantiveram apontamentos detalhados em que registraram as modi icações. Este documento valioso dá uma ideia da

escala das renovações. Seções inteiras da casa foram demolidas e reconstruídas. Napoleão reclamou que a esposa estava gastando dinheiro demais. A tentativa de Jose ina de evocar um ambiente de acampamento militar no edi ício redundou em fracasso. Ele classi icou um vestíbulo em forma de tenda que se destinava a albergar a criadagem como “tenda de feira, boa apenas para exibir animais” .310

Malmaison era uma casa para receber convidados, um lugar em que tudo era sacri icado a esses espaços. Jose ina gastou uma fortuna no salão, na sala de jantar, na galeria e na sala de bilhar no piso térreo. Os arquitetos remodelaram essas divisões com linhas clássicas, usando colunas de estuque e painéis decorativos, o melhor mostruário das estátuas roubadas da Itália. Criaram uma sala de música, que Jose ina decorou com sua incrível coleção de arte. Renovaram a sala de jantar, substituindo o teto e instalando um engenhoso sistema de aquecimento debaixo do assoalho. Louis La itte decorou-a ao estilo de Pompeia. Em julho, Percier e Fontaine observaram com orgulho que “a sala de jantar, a sala de bilhar e o vestíbulo estão praticamente terminados. O primeiro-cônsul, que está de volta, ficou satisfeito com as alterações” .311

Junto à sala de jantar havia mais uma sala de reuniões com jeito de tenda. Depois dela situava-se o gabinete de Napoleão. Enquadrado por pilares imponentes (e por uma chaminé de cozinha saliente que irritava

os arquitetos), o teto estava decorado com um afresco representando Minerva e Apolo e retratos do herói. “Madame Bonaparte desejou ter pinturas que representassem episódios da vida do general”, observou Fontaine. 312 Napoleão gostou das pinturas de Girodet e de Gérard, especialmente porque tinham sido inspirados por Ossian, o grande bardo gaélico − que tomara a Europa de assalto depois de o poeta escocês James Macpherson ter publicado poemas que a irmou serem de Ossian (na realidade, eram do próprio Macpherson). Napoleão gostou menos de sua imagem em painéis de Bidaut, Taunay, Dunouy e Thibault, e exigiu a remoção imediata. Todo aquele lugar era um tributo a Napoleão, coberto por decorações gregas e romanas e ornamentado com bugigangas egípcias. Jose ina recheara-o de pesado mogno e mobília banhada a ouro de autoria da favorita de Napoleão, a Maison Jacob. Tudo se destinava a exibir grandeza e riqueza, e sublinhava a mensagem de Napoleão de que ele era definitivamente uma força nova, com ligação às tradições antigas. Tal como com Percier e Fontaine, o mecenato de Napoleão mudou a vida dos irmãos Jacob. As criações requintadas do seu pai, Georges Jacob, tinham ornamentado os palácios reais, e a aristocracia se digladiou para adquirir seus trabalhos. Depois da Revolução, no entanto, sua o icina tinha estagnado. Sob o regime do Termidor, a procura estava novamente em alta e o ilho mais novo, François, assumiu o negócio, logo captando a

atenção de Barras e dos diretores. Jose ina encheu a casa com suas mobílias e, quando Napoleão chegou a primeiro-cônsul, François Jacob teve de incitar o pai de volta ao trabalho para dar vazão às exigências que Napoleão fazia por cadeiras de mogno, folha dourada e bronze, mesas gravadas com seu monograma, e baús e armários tão pesados com ouro que cansavam o olhar. Jose ina gastou milhões no trabalho da Maison Jacob − incluindo o mais dispendioso artigo por eles alguma vez fabricado, seu guarda-joias, que foi entregue em 1809.

Apesar da obsessão de Napoleão por Versalhes, onde os quartos de dormir eram espaços públicos tão esplêndidos como salões de recepção, a casa em Malmaison seguiu um padrão burguês: as salas públicas eram resplandecentes, e os quartos privados, simples. Laure Junot, uma convidada habitual no palácio, não icou impressionada, “nossos aposentos consistiam de um quarto, um armário e um quarto para nossa criada”, escreveu. “A mobília era bastante simples.” 313 Até inal do consulado, Napoleão e Jose ina partilharam uma cama sob um afresco de nuvens num céu azul, num quarto escassamente mobilado.314

Em 1802, os agora esgotados Percier e Fontaine tinham concluído o trabalho e Malmaison fora radicalmente transformada. Jose ina dirigiu a atenção para o crescimento do terreno da nova casa e deu início à compra de terra. Adquirira o terreno de meros 60 hectares, mas até o

inal da sua vida a área foi ampliada mais de dez vezes, com jardins que se estendiam até as margens do Sena. Percier e Fontaine criaram uma área para esportes e reconstruíram os estábulos e anexos. Ergueram edi ícios adicionais para a criadagem e bangalôs para os convidados. Jose ina tinha grandes planos: requisitou um pavilhão e uma rotunda para possibilitar a dezenas de carruagens chegarem ao mesmo tempo. Em 1801, depois de um atentado à vida de Napoleão, ela acrescentou guaritas.

Jose ina ansiava reproduzir a paisagem exuberante da Martinica em casa e comprou livros sobre horticultura, bem como milhares de plantas. "Ela pretende que trabalhemos nos jardins, na água, nas estufas", observou Fontaine em 1800. 315 Ele protestou que os requerimentos dela eram "desmedidos e sem limites". 316 Jose ina, transportada por desejos românticos de colinas ondulantes e canteiros por todo o lado, entrou em disputa com Fontaine, que preferia disposições mais clássicas. Ficou furioso quando ela contratou o jardineiro britânico Howatson e depois Jean-Marie Morel, ambos especialistas em *jardins à l'anglaise*, uma vez que ela preferia um aspecto mais selvagem para o jardim do que em Versalhes.

Em 2 de outubro, Napoleão nomeou um novo superintendente para os jardins numa tentativa de conter as despesas. Foi um iasco. Jose ina tornara-se uma mulher obcecada por plantas. Numa carta à mãe, pediu

“árvores e sementes de tantas espécies quanto for possível”. Encheu os jardins com orquídeas e magnólias exóticas vindas de Santa Lúcia, e também tirou partido do império do marido, ao colecionar sementes enviadas por representantes de todo o mundo, incluindo África, América do Sul e Oriente Médio.

Jose ina estabeleceu ligações com iguras in luentes por todo o globo, escrevendo cartas que transpiravam conhecimento botânico e atenção meticulosa aos detalhes. No ano em que se mudou para Malmaison, escreveu ao general Lefevre que “ icaria por conseguinte deliciada ao receber algumas das magnólias e arbustos que possuís em grande quantidade. Mas imponho uma condição: que vos sirvais de mim com a mesma liberdade e que me peçais sem reservas qualquer das plantas que eu possuo e vós desejeis”. 317 Escreveu a Monsieur Cazeaux em novembro de 1803, apelando ao seu “fervor patriótico” e pedindo-lhe algumas plantas e “sementes da América”.

“Pretendo multiplicar a produção de plantas desse continente na França, já que a temperatura é semelhante à nossa. Para conseguir alcançar esse objetivo, do qual não duvido que ireis compreender o valor, estou dedicando uma seção do terreno anexo a Malmaison para a construção de um viveiro. Árvores exóticas e arbustos que prosperam em nosso clima são aqui cultivados. O primeiro-cônsul está acompanhando o desenvolvimento deste estabelecimento com entusiasmo. É uma nova fonte de prosperidade para França.” 318

Jose ina apresentava o jardim como a glória da França. Numa carta ao prefeito Thibaudeau, agradeceu a “maravilhosa coleção” de sementes

que ele enviara.

“Dá-me uma alegria sem palavras a visão destas plantas estrangeiras multiplicando-se nos meus jardins. Espero que Malmaison venha em breve a oferecer um modelo de boa cultura e que venha a se tornar uma fonte de riquezas para os departamentos. É para esse im que cultivo uma grande quantidade de árvores e arbustos dos territórios australiano e americano.

Dentro de 10 anos, pretendo que cada departamento possua uma coleção de plantas preciosas provenientes dos meus viveiros.” 319

Jose ina trocava sementes, ideias e enxertos, pressionando os

proprietários de bonitos jardins a lhe darem as plantas que desejava.320

Malmaison era seu império. Tal como escreveu o botânico Étienne-

Pierre Ventenat no prefácio de *Le jardin de la Malmaison*, em 1803, Jose ina criou “um impressionante lembrete das conquistas do vosso

ilustre marido”. 321 Reunira “as plantas mais raras que cresciam em solo francês”, as quais nunca antes disso tinham saído “dos desertos da

Arábia ou dos desertos escaldantes do Egito”. 322 Vieram espécimes do Egito e de outros países em que Napoleão tinha estado em campanhas

militares. Chegou mesmo a comprá-las do inimigo, gastando o ouro do

marido no viveiro Lee & Kennedy, em Hammersmith. “Algumas plantas

chegaram de Londres para vós”, escreveu-lhe Napoleão em 1801. 323 Ela implorou ao embaixador na Grã-Bretanha que procurasse saber se o rei

lhe venderia algumas de suas plantas. Até mesmo em tempos de guerra

com a Grã-Bretanha, quando o resto da Europa estava impedido de

negociar com esse país, Jose ina ainda comprava plantas. Napoleão

chegou a permitir que um jardineiro gozasse de salvo-conduto para

poder levar uma árvore particularmente delicada.[324]

Em 1800, autorizou o explorador Nicolas Baudin a realizar uma expedição à Austrália, instruindo-o a trazer consigo plantas e animais. Retornou com milhares de tesouros para a consulesa, incluindo hibiscos, mimosas e outras lores de Nova Gales do Sul e da Tasmânia, bem como eucaliptos. Jose ina procurou um perito em horticultura australiana e nomeou Felix Delahaye, que havia recuperado os jardins de Maria Antonieta em Versalhes e viajado para o sudoeste australiano, em 1791, com uma expedição que recolheu 200 plantas. [325] Malmaison tornou-se uma pequena Austrália. Todos os capitães de navio recebiam ordem para trazer amostras de vegetais para Jose ina. Em 1809, Napoleão mandou-lhe mais de 800 plantas e sementes de Schönbrunn, na Áustria.

“Meu jardim é a coisa mais bonita do mundo”, a irmou Jose ina em 1813. [326] Malmaison era um feudo de plantas raras e exóticas do mundo inteiro. Cultivaram-se muitas espécies pela primeira vez na Europa, algumas das quais agora são comuns, incluindo cactos, rododendros, tulipas, dálias e jacintos duplos. “Há tantas plantas raras de todas as partes do mundo que uma pessoa poderia convencer-se de estar nos trópicos”, pronunciou a condessa Potocka. [327] A partir de 1804, ela cultivou rosas, e viria a produzir 50 variedades. Gastou milhares de francos em espécimes e cultivou alguns ela mesma, usando nomes que evocavam beleza e sensualidade, incluindo *cuisse de nymphe émue*. Numa

ocasião gastou 3 mil francos num único bulbo. Tinha uma excepcional coleção de urze e cultivava jasmim de sua Martinica natal. Em 1813, pôde informar orgulhosamente Eugène de que o jardim era “mais visitado pelos parisienses do que meu salão, já que, neste exato momento em que escrevo, me a irmam haver pelo menos 30 pessoas passeando no jardim” .328

Malmaison tinha certa aura de parque de diversões ou parque temático. Em 1802, Jose ina construiu uma estufa cheia de abacaxis e outros frutos, que depois servia à mesa. No ano seguinte adquiriu uma manada de belas vacas e abriu uma leiteria, formada por um vaqueiro trazido da Suíça e uma equipe de leiteiras em trajes suíços. O Petit Trianon de Maria Antonieta tinha sido ridicularizado, e agora Jose ina fazia um que era ainda maior e mais *kitsch*, levando os baixos-relevos de Pierre Julien, juntamente com a mobília de mármore e porcelana do Petit Trianon, para mobilar a criação. Morel construiu um chalé suíço e três edi ícios semelhantes nos limites do lago de Saint-Cucufa para servir de estábulos e casa para os pastores. Jose ina servia manteiga, leite e queijo. Em 1808, o rei da Espanha doou 2 mil ovelhas merino, as quais eram deixadas soltas pelos jardins. A alta sociedade parisiense adorava brincar de fazenda, tal como tinha feito com Maria Antonieta.

Em 1805, Jose ina abriu a estufa, projetada por Jean-Thomas Thibault

e Barthélemy Vignon. “Vasta e magní ica”, nas palavras de um visitante, era um paraíso tropical de 50 metros de comprimento, cheio de plantas de todo o mundo.329 Árvores enormes com mais de 5 metros tocavam nos vidros do teto, e as dálias, amarílis e árvores frutíferas enchiam o ar de perfume. No meio de tudo isso estava um busto de Jean-Jacques Rousseau, modelo de jardinagem para Jose ina. Suas noções de liberdade, emoção e sentimento, o paraíso do amor e o lar estavam em absoluto contraste com a rigidez do cônsul e a formalidade afetada que Napoleão desejava − mas em sua estufa e em seus jardins ela podia ser tão romântica quanto quisesse. Numa carta a um dos jardineiros, escreveu para dizer que gostaria que o busto de Rousseau fosse exibido de modo que as gavinhas das plantas ao seu redor lhe emoldurassem a cabeça.330 Rousseau, ornamentado com folhagens, era o rei do seu domínio.

A maior atração de todas era seu zoológico. Os animais vagueavam livremente pelos jardins de Malmaison, a mais exótica *menagerie* da Europa. Poucos navios aportavam na França, vindos de climas longínquos, sem que trouxessem um animal para Jose ina. Cangurus saltitavam pelos jardins verdejantes e emas fuçavam o chão, enquanto os vizinhos camponeses se embasbacavam com lhamas peruanos. Foi de Jose ina a primeira zebra a ser levada para a Europa, bem como um gnu, uma camurça e faisões dourados da China. Havia gazelas trotando pelo terreno e vindo comer à mão dos convidados, e esquilos voadores

saltavam por entre as árvores. Talleyrand deu-lhe um macaco que gostava de selar cartas com cera.

Depois de sobreviver a longas viagens marítimas, os animais prosperavam em Malmaison, a menos que Napoleão se sentisse inclinado a usá-los para praticar tiro ao alvo (felizmente, não tinha boa mira). Os canteiros eram acossados por pavões enquanto os estimados cisnes negros australianos nadavam no lago e no canal de Malmaison. Eram os primeiros da espécie a ser vistos na Europa, e Jose ina estava incrivelmente orgulhosa deles. Tais eram os despojos que tinham vindo com a expedição australiana que o Museu de História Natural exigiu seu quinhão, mas o ministro do Interior disse-lhes que Jose ina estava à sua frente.

Seu animal preferido era um orangotango fêmea de temperamento particularmente dócil. A pequena saltitava pela casa completamente vestida e quando alguém se aproximava, cobria as patas com o casaco e "assumia uma postura modesta e decente perante o visitante". Comia sempre à mesa, usando faca e garfo, e gostava especialmente de mordiscar nabos. No im do jantar, gostava de cobrir a cabeça com um guardanapo e depois fazer caretas. Quando adoeceu e foi posta na cama:

"Deitou-se com a colcha puxada até o queixo e os braços de fora, totalmente ocultos pelas mangas do robe. Se alguém conhecido viesse ao quarto, ela o saudava com um olhar apelativo, abanando suavemente a cabeça e apertando a sua mão afetuosamente." [331]

Em nenhum outro lugar da França, ou mesmo da Europa, se podia encontrar um lhama pastando ou um orangotango comendo nabos. Os visitantes icavam deliciados com as grandes lorestas, relvados, belos canais e com o longo curso repleto de barcos e cisnes negros. Todo o lugar era um museu de curiosidades. Jose ina também colecionava animais e aves empalhados e colocava-os depois em vitrines por toda a Malmaison.

Grupos de jardineiros, paisagistas, projetistas, botânicos e especialistas em horticultura seguiram os passos de Percier e de Fontaine, levando as mãos à cabeça em desespero diante dos pedidos da consulesa. Louis-Martin Berthault, que começou a trabalhar no local em 1807, compreendia os gostos de Jose ina melhor do que ninguém. Ele criou um templo do amor, um monumento à melancolia, uma gruta feita de rochas de Fontainebleau e um lago ornamental com uma estátua de Napoleão no centro. Berthault colocou esculturas clássicas e renascentistas por todo o parque (o que era perfeito para os convidados brincarem de esconde-esconde). Alargou o rio para criar mais um lago e acrescentou um salão ao lado da gigantesca estufa que abrigava as plantas tropicais de Josefina.

Decorado no estilo clássico, adornado com vasos e aquecido por fogões a lenha, o salão “estufa” era um ambiente íntimo para conversar com os

convidados. A peça central tinha duas “bonitas colunas de mármore

brèche violette com quatro metros de altura, capitéis e bases dourados”, encomendadas pelo fundador do Musée des Monuments Français.[332]

Em pouco tempo, Jose ina tornara-se inseparável do seu jardim. Os

botânicos chegaram mesmo a dar seu nome a plantas como *Lapageria*

rosea, *Josephinia Imperatricis* e *Amaryllis Josephinae*. Explorando a ideia do jardim como re lexo das batalhas do marido, ela a irmou que três das

plantas que cresciam – lírio-do-nilo, violeta-de-parma e rosas de Damieta

− recordavam as conquistas de Napoleão. [333] Plantou também um cedro na propriedade, a fim de comemorar a batalha de Marengo.

O estabelecimento de um belo jardim era muitas vezes encarado como

o papel da consorte. Maria Carolina, rainha de Nápoles, tinha causado ao

seu embaixador britânico, Sir Wiliam Hamilton, inúmeras dores de

cabeça em sua demanda por um genuíno jardim inglês para o palácio.

Mas Josefina orgulhava-se de saber mais sobre horticultura do que Maria

Antonieta ou Catarina, *a Grande*, e usou retratos para propalar seu

conhecimento. Na aquarela do barão François-Pascal-Simon Gérard, *Uma*

alegoria da imperatriz Jose ina como patrona dos jardins em Malmaison (c.

1805-1807), ela encontra-se diante da famosa estufa de Malmaison. De

modo semelhante, o quadro *A imperatriz Jose ina em Malmaison* (1805-

1809), de Pierre-Paul Prud’hon, mostra-a com aparência relaxada e

etérea nos jardins, e chega mesmo a representar a *Josephinia*

Imperatricis no canto inferior direito. Ansiosa por exibir sua excelência como botânica, ela adotou como símbolo a cornucópia, o sinônimo clássico

da abundância, prosperidade, boa sorte, paz e boa governança, e gravou-

o em muitas das suas posses.334 Os britânicos caricaturaram-na como uma botânica amadora. George Cruikshank produziu *The Imperial*

Botany, mostrando uma Jose ina voluptuosa que exibe seus girassóis ao *beau monde* − todos têm rostos famosos e a lor de Napoleão é muito menos saudável do que a de Wellington. Os franceses trataram de

retratá-la ao pé de suas plantas e compraram cornucópias de bugiganga.

Jose ina procurou divulgar e gravar os jardins para a posteridade. 335

Pediu a Pierre-Joseph Redouté, anteriormente pintor de lores e mestre

de desenho de Maria Antonieta, que produzisse 120 estampas numa

obra em dois volumes intitulada *O Jardim de Malmaison* (1803-1805),

bem como 8 volumes de *Plantas Liliáceas* (1802-1816), da autoria do

botânico Étienne-Pierre Ventenat. Ofereceu livros numa tentativa de

promover os jardins e encorajou Redouté a publicar um levantamento

das rosas em Malmaison. Seu *Rosas* (1817-1824) viria a tornar os jardins

famosos depois da sua morte. Cobriu as paredes do quarto com imagens

de lores de Redouté e usou-as para decorar uma gigantesca cama que

adquiriu em 1812.

Os jardins eram uma forma elaborada de propaganda imperial e um

consolo, bem como uma tentativa de alcançar a imortalidade e um re lexo

da demanda de poder que o marido conduziu com Jose ina ao lado. As

plantas eram também para os convidados admirarem enquanto passeavam pelo jardim, discutiam política e planejavam casos amorosos. Jose ina tomou para si a posição de consorte de apoio, e assumiu o papel da mulher sem intelecto nem consciência política. Era uma encenação: poucos poderiam ter criado uma casa tão única e imaginativa. Informal, bonita, acolhedora, e tudo era facilidade e graciosidade à super ície:

Malmaison *era* Jose ina. Como observou Napoleão: “Sem vós, Malmaison é um lugar muito triste” .336

Nos primeiros dias do consulado, Malmaison era praticamente a sede do governo. Ela e Napoleão rumavam ao seu retiro campestre sempre que podiam, e estavam lá todo sábado à noite, domingo e parte da segunda-feira. Depois de reuniões para tomar decisões acerca do Código Civil e de política externa, Jose ina organizava grandiosas recepções e jantares fabulosos. Como an itriã, queria, acima de tudo, que os convidados se divertissem. “Escolhemos a nossa hora de acordar”, recordou Madame Junot.337 O café da manhã era informal, começando por volta das 11, e as tardes eram para ser usufruídas ao gosto de cada um, com música, leitura, jogos ou simplesmente passeios pelo jardim enquanto o som da harpa e do piano pairavam sobre a relva. A companhia poderia itar as pinturas e admirar os incríveis quadros de mosaicos de Florença, os bronzes e vasos de Sèvres nos salões de recepção. Para o jantar, Josefina providenciava um suntuoso repasto, com seus próprios ingredientes – manteiga, leite, frutas e carne –, a mesa inamente decorada com lores e velas reluzindo por cima dos jovens rostos da corte de Napoleão.

Pela tarde, Napoleão e Jose ina passeavam de carruagem. “Quando estou lá fora, ao ar fresco, minhas ideias tomam um rumo mais elevado”,

a irmou Napoleão. “Não compreendo como podem alguns homens

trabalhar com sucesso se estão sempre dentro de portas, ao pé da

lareira, sem comunicação com o céu.” 338 Os visitantes de Malmaison o viram várias vezes trabalhando ao ar livre, com documentos no colo. Uma

vez Talleyrand chegou e descobriu que Napoleão tinha “montado o

gabinete num dos gramados para boliche”.

“Todos estavam sentados na relva, coisa que Napoleão não lamentava nem um pouco, já que envergava botas de couro e calções curtos − e ele está habituado a acampar. Mas para mim, em meias e calções de seda − podem imaginar-me sentado no relvado! Estou cheio de reumatismo! Que homem! Foi como se ele estivesse num acampamento!” 339

Em tardes quentes de verão, Jose ina dava ordens para servir o jantar

ao ar livre, por vezes em tendas para comemorar as vitórias de

Napoleão. 340 Havia caçadas e, como observou Laure Permond, a essa altura casada com Junot, quando Bonaparte “se sentia com vontade”

dedicava-se a jogos como *barre*, “de que ele gostava bastante, tirando o casaco e correndo como uma lebre”. O cônsul provocava os animais,

alimentando a gazela domesticada com tabaco da sua bolsa e

“encorajando-a a correr ao nosso encontro, e o horrível animal por vezes

rasgava os nossos vestidos e mesmo as nossas pernas”. 341 Mas seu maior prazer consistia em ver as senhoras mais jovens “correrem debaixo das

copas frondosas das árvores, todas vestidas de branco”. Nada o tocava

tanto como a visão de uma mulher graciosa vestida de branco.342

Aos domingos, nos meses de verão, havia bailes nos salões, e os

convidados, envergando os melhores trajes, espalhavam-se pelos

in indáveis gramados da propriedade. Havia concertos e jogos de cabra-cega, xadrez, gamão, cartas, bilhar e charadas, que Napoleão detestava perder. A companhia era jovem, gostava de se divertir, tinha dinheiro, e a vida parecia cheia de possibilidades. As relações amorosas faziam-se sob as árvores, continuavam atrás das estátuas gregas e eram quebradas ao pé do lago dos cisnes negros.

“Não era di ícil estar entretido”, recordou Hortense. [343] Às quartas-feiras, quarenta ou cinquenta pessoas eram convidadas para jantar, e

150 apareciam para uma apresentação teatral supervisionada pelo cônsul. Ele fazia as pessoas mais próximas ensaiarem durante semanas, supervisionava a escolha de atores e gastava milhares de francos em guarda-roupa e adereços. O encarregado do teatro vinha do Théâtre-Français e os preparadores de elenco eram contratados na forma dos renomados atores Talma, Michot, Fleury e Mademoiselle Mars. Tal como nas cortes reais ao longo da História, os membros da família assumiam papéis importantes e os cortesãos tinham de aplaudi-los, não importando quão ruins fossem. Por sorte, Hortense, que habitualmente icava com os papéis principais femininos, tinha uma voz doce e facilidade para a representação, ao contrário dos outros. Bourrienne recebia os papéis mais extensos em virtude de sua prodigiosa memória, Junot assumia o papel de bêbado com frequência, e o impassível Eugène icava com os

papéis de criado. Lucien declarou que eram todos fracos, mas Bonaparte icava deliciado com seus desempenhos. Como escreveu com satisfação a Jose ina enquanto ela estava em Plombières, Hortense estava representando Rosina em *O Barbeiro de Sevilha*.344

Napoleão ordenou inicialmente a Fontaine que criasse “uma espécie de teatro portátil, que possa ser montado na galeria de Malmaison, perto da sala de estar”. 345 Depois ordenou que, “tão economicamente quanto possível, se faça uma pequena câmara, completamente isolada, na direção da quinta”. Não era um *design* econômico. Fontaine esboçou um plano e um orçamento, entregou-o a Bourrienne para conhecer a visão de um ator, e se decidiu por um formato circular, os lugares divididos por seções, com um fosso, uma fila de camarotes, uma galeria, uma orquestra, duas pequenas antecâmaras e “um teatro menor sem maquinaria para peças intimistas” .346 Em 12 de maio de 1802, o arquiteto registrou no seu diário, “o teatro de Malmaison foi usado pela primeira vez” .347

Os atores representaram diante de cônsules, ministros, senadores e generais − e Napoleão. “Ele estava por lá no seu camarote, bem perto de nós, e seguia-nos com o olhar e ao mesmo tempo com um sorriso mais ou menos debochado, que nos aterrorizava a todos”, recordou Laure Junot. 348 “Findo o espetáculo juntava-se uma multidão nas divisões do piso térreo para esplêndidos refrescos.” 349 As noites terminavam cerca da meia-noite e os convidados acotovelavam-se nas carruagens de volta a Paris.

Malmaison era a coroa de Jose ina, e Hortense, recém-chegada de

Madame Campan, era a sua joia. Como Napoleão escreveu à mulher em

Plombières, “vossa encantadora ilha faz as honras da casa com

perfeição”. 350 Herdara a graciosidade e elegância da mãe, além da aparência magní ica do pai. Ao contrário da mãe, ela lia bastante,

escrevia poesia e também tocava bem piano, particularmente suas

sonatas favoritas de Haydn e Mozart, e peças de Gluck e Dalayrac. Tão

completas eram as suas composições musicais − que incluíam *Le Bon*

Chevalier − que foram tocadas e apreciadas em outros salões. 351 Uma delas, *Va t’en Guerrier*, foi mesmo transformada em marcha militar a

pedido de Napoleão.352

Jose ina tinha sido preguiçosa com a música e Napoleão não sabia

tocar mesmo que sua vida dependesse disso, mas encorajaram Hortense

e Eugène. Ela cantava muito bem, transmitindo grande expressão às

palavras, e sua voz desabrochou sob os ensinamentos do instrutor de

canto, o italiano Bonesi.353 Napoleão estava sempre atento às formas de melhorar a enteada. Numa ocasião, interrompeu-lhe uma leitura e

corrigiu-a em voz alta.354 Mas ela não precisava de grande treino. Era também uma artista talentosa, e se bene iciou enormemente da formação

dada por Isabey. Numa ocasião em Malmaison, Hortense não compareceu

a um jantar. Quando Jose ina foi ao quarto da ilha e a encontrou

desenhando, perguntou-lhe se esperava ganhar a vida com o

passatempo. Astuta para a idade, Hortense respondeu: “Mamãe, no

século em que vivemos, quem pode a irmar que isso não irá

acontecer? ”355

Todos julgavam que Hortense estaria destinada a um casamento

auspicioso. Tal como Jose ina, ela era muito afetuosa e ligada à mãe e ao

irmão. “Ela é realmente angelical por temperamento”, pensava Madame

de Rémusat.356 Herdara também o talento da mãe para lertar. Madame Campan preocupou-se quando ela embarcou na nova vida social como

enteada de Napoleão. Avisou que seria um “perigoso furacão”, já que

muitas pessoas desejavam sua amizade apenas “para o próprio

bene ício”, porque ela era “a pessoa do momento, com um título

inspirador de respeito”. 357 Madame Campan estava certa: Hortense foi rapidamente rodeada por soldados, ministros e diplomatas ávidos por

sua atenção. Apaixonou-se pelo antigo ajudante de campo de Napoleão, o

general Duroc. Desabrochou um romance, mas Josefina tinha planos mais

ambiciosos para a ilha. Napoleão declarou que poderiam casar-se, com

um dote de 500 mil francos, mas ela e Duroc teriam de partir

imediatamente para Toulon após o casamento − “não quero nenhum

genro na minha casa”, disse Napoleão. 358 Duroc mudou de ideia, e Jose ina enviou a ilha desolada novamente para o circuito de danças e

bailes.

Quando não estavam organizando recepções, a rotina de Jose ina em

Malmaison variava pouco; ela passava o dia correspondendo-se acerca

de plantas, inspecionando a casa e o terreno, recebendo visitas e jantando a sós com Napoleão. Ele negligenciava o trabalho para caminhar pela propriedade e supervisionar as melhorias, e divertia-se calculando a receita gerada pelas terras − incluindo até os legumes da horta. “Não está mal”, disse, olhando para o lucro de 8 mil francos, “mas é preciso obter um rendimento anual de 30 mil francos para se viver aqui” .359

“Napoleão gostava de Malmaison com uma paixão!” a irmou um visitante. 360 “Em parte alguma, a não ser no campo de batalha, vi Bonaparte mais feliz do que nos jardins de Malmaison”, escreveu Bourrienne.361 O cônsul ansiava pelos ins de semana do mesmo modo “que um rapazinho anseia pelas férias”. 362 Num mundo em que temia permanentemente motins ou revoltas sedentas do seu sangue, o cônsul sentia-se seguro no palácio de Jose ina. Até mesmo em anos posteriores, ele ainda pensava em Malmaison. Em agosto de 1809, quando estava na Áustria, escreveu “os prazeres de Malmaison, as belas estufas, os bonitos jardins fazem com que os ausentes sejam esquecidos” .363

Se os jardins eram o mostruário de plantas para Jose ina, a casa era a moldura para as obras de arte que colecionava pagando milhões. Os convidados maravilhavam-se perante os quadros, estátuas e mosaicos tão belos, e não era de se admirar que muitos tivessem icado trancados no armário secreto do papa. Até mesmo durante o Diretório ela foi uma mecenas in luente. A partir de 1799, reuniu mais de 450 quadros,

desenhos e miniaturas. Quando morreu, havia mais de 3 mil objetos de arte em Malmaison (incluindo obras dos mestres antigos e de artistas contemporâneos, esculturas, mobiliário e outros objetos decorativos). Jose ina tornou-se uma das mais importantes colecionadoras do seu tempo.

A título pessoal, adorava a caça ligada ao colecionismo e gastava dinheiro porque isso a fazia vibrar. Como o jardim, um museu das conquistas de Napoleão, sua galeria possuía as mais re inadas pinturas da Europa, obtidas graças à força bruta do marido. “Eu teria respeitado mais a Madame Bonaparte se tivesse simplesmente dito que todas aquelas obras de arte tinham sido tomadas à força na ponta da espada”, afirmou Madame de la Tour du Pin.364

Catarina, *a Grande*, tinha reunido arte como parte de uma estratégia agressiva, criando uma coleção que saudava o poder e a riqueza da Rússia. Com cada pintura que ela tirou de um estado vassalo, um inimigo ou um rival, ela demonstrava a magnitude do seu país. As consortes francesas tinham anteriormente patrocinado artistas franceses, desde os querubins gorduchos de Madame du Pompadour aos vasos de Sèvres de Maria Antonieta. Jose ina via-se como patrona de um império. Como mulher de Napoleão, sabia fazer parte do seu papel a criação de uma fabulosa coleção de arte que simbolizasse seu poder. Era também

testemunho da sua independência, dedicação e capacidade de negociação.

Manteve-se a par das tendências no mundo artístico e assinou um leque de periódicos. Recorreu aos mais reputados conselheiros na França, como Dominique Vivant de Denon, diretor do Musée Napoléon, o arqueólogo Alexandre Lenoir, o curador e restaurador Guillaume Constantin, e os artistas Pierre-Paul Prud'hon, Jean-Baptiste Isabey e Lancelot Turpin de Crissé, que se tornou seu camareiro. Lançou as carreiras de muitos artistas. "Quantos ela ajudou! Quantos receberam seu apoio!" disse sua criada, Mademoiselle Avrillon. 365 Uma vez que ela tivesse adquirido um trabalho, seguiam-se frequentes encomendas do próprio Napoleão, e toda a corte logo desejava usar os mesmos pintores de Jose ina.366 A consulesa nem sempre saldava as dívidas. Pediu a Antoine Hamelin, que estava em Roma, que gastasse 100 mil francos em arte para ela, sugerindo que poderia gastar mais se visse artigos de que gostasse. Dois anos mais tarde, ele ainda suplicava o dinheiro de volta.

Jose ina possuía obras-primas trazidas da Itália pelo marido, muitas obras francesas, um lote razoável de telas holandesas e lamengas e alguma coisa de pintores espanhóis e alemães. Tinha obras de Rembrandt, Rubens, Gérard Douw, Metsu, Van Dyck, Ruysdael, Poussin, Lorrain, Bellini, Correggio, Rafael, da Vinci, Ticiano, Veronese, e uma quantidade grande de mármores, bronzes, mosaicos e vasos antigos

trazidos do Egito. Tinha retratos de família, temas históricos, obras inspiradas pelas conquistas militares de Napoleão, cenas da vida cotidiana e da mitologia, naturezas-mortas e pinturas de animais. Um dos mais signi icativos acréscimos à sua coleção veio na forma de obras con iscadas pelas tropas francesas da coleção da família Hesse-Cassel, em seguida à batalha de Iena em 1806 (os proprietários tinham tentado escondê-las num barracão, mas os soldados de Napoleão conseguiram ir ao seu encalço). A ausência gritante na sua galeria eram os quadros britânicos. Napoleão simplesmente recusava-se a permitir tais obras − já bastavam as plantas vindas de Londres.

Jose ina tinha inicialmente planejado pendurar as pinturas no *salon de musique* (por vezes designado *galerie française*). Não demorou muito até acabar o espaço disponível. Em 1806, Berthault projetou uma galeria com pelo menos 22 metros de comprimento, e a construção icou pronta em 1808. Ela organizou um baile para festejar a abertura da sala mais magní ica em Malmaison. Foi, no dizer de um visitante, “tão bem construída, tão bem pintada e com tanto gosto, tão perfeitamente iluminada por cima, tão bem proporcionada, que não se podia ter esperança de encontrar uma sala mais bonita”. 367 Duas portas envidraçadas conduziam a uma gigantesca arcada dupla, e as obras forravam as paredes, com vasos e bronzes apertados nas mesas, junto de bustos de Napoleão e dela mesma.368

Jose ina era uma colecionadora impiedosa, e, contudo, as obras que mais a atraíam, tal como no seu jardim, eram frequentemente românticas ou sentimentais e acerca da vida rústica ou da natureza, e não tanto as laudatórias de Napoleão. Tinha quadros emocionantes pintados por artistas femininas populares e mais de 30 pinturas de trovadores − pequenos e altamente elaborados retratos de amor cortês, tais como *Valentina de Milão chorando a morte do seu marido, o duque de Orléans* (1802), da autoria de François Fleury-Richard. Exibido no Salão de Paris de 1802, re letia uma loucura pelo estilo medieval. Um crítico chamou-lhe "um triunfo do amor matrimonial" e, de modo bastante irônico, Jose ina adquiriu-o. 369

Adorava todas as coisas medievais, e tomou aquele visual de empréstimo para o seu traje, recolhendo volumes sobre cultura medieval e assinando o *Journal des Troubadours*.370 Ela, que tinha vendido favores em troca de segurança, passava agora horas olhando para retratos de trovador, envoltos na sua noção de tributo cortês e de homens e mulheres que se sacrificavam por amor.

Muitos artistas produziram bustos de Jose ina, e ela adorou o trabalho de Antonio Canova, um dos mais talentosos − ainda que artisticamente conservador − daquele tempo.371 Ela se tornou sua principal mecenas francesa e encomendou cinco obras entre 1802 e 1814. 372 Em 1804, a incorrigível Paulina Bonaparte tentou chamar a atenção de Canova ao aparecer em Roma e sugerir que ele a esculpisse como uma Vênus

desnuda − “havia um calor perfeitamente bom no estúdio”, disse ela, esperando ver um dia a sua estátua famosa por toda a Europa. Em retaliação, Josefina planejou esculturas cada vez mais bonitas.

Em 1803, Jose ina recebeu um carregamento de objetos preciosos retirados das recentes escavações em Herculano e Pompeia, um presente do rei Fernando das Duas Sicílias. Em 1809, Napoleão ajudou a engordar ainda mais a coleção ao enviar-lhe 180 vasos gregos depois de a irmã e seu marido, Murat, terem sido feitos rei e rainha de Nápoles. Jose ina encheu as salas com vasos antigos, colocou ânforas nos pátios externos e estátuas no teatro.

Os primeiros anos do consulado em Malmaison foram uma época dourada para Jose ina. Ela tinha algo que era verdadeiramente seu e rodeou-se das coisas que amava: plantas, animais e arte. A casa era um escape da etiqueta rígida das Tulherias, e dos abutres que pairavam ao seu redor querendo destruí-la. Ela era uma líder no estilo, uma mulher emulada e debatida, e todos os seus movimentos eram seguidos. Sua coleção tornou-a árbitro do gosto cultural. Os homens achavam-na fascinante, as mulheres invejavam-na. E, no entanto, havia um homem que a achava cada vez mais resistível. O primeiro-cônsul havia começado a ter amantes.

309 Hubert, *Malmaison*, p. 17.

310 Hubert, *Malmaison*, p. 17.

311 Hubert, *Malmaison*, p. 18.

312 Hubert, *Malmaison*, p. 17.

313 Hubert, *Malmaison*, p. 20.

314 “Le décor intérieur”, *Musée National du château de Malmaison*, p. 85.

315 Gerstein, “Josephine at Malmaison”, p. 15.

316 Gerstein, p. 15.

317 Impératrice Joséphine, *Correspondance*, carta 140, 1799, p. 94.

318 Impératrice Joséphine, *Correspondance*, carta 209, 23 novembro 1803, p. 137.

319 Impératrice Joséphine, *Correspondance*, carta 213, 19 março 1804, pp. 142-3.

320 Impératrice Joséphine, *Correspondance*, carta 213, 19 março 1804, pp. 142-3.

321 Ventenat, *Le Jardin de Malmaison*, p. 88.

322 Ventenat, *Le Jardin de Malmaison*, p. 89.

323 Para Josefina em Plombières, Bonazzi, *Lettres d’amour*, p. 161.

324 Napoleão empossou o antigo diretor de Brienne como chefe da biblioteca.

325 Jill, Duchess of Hamilton, *Napoleon, the Empress & the Artist*, p. 114.

326 Impératrice Joséphine, *Correspondance*, carta 485, 14 junho 1813, pp. 348-9.

327 Hubert, *Malmaison*, p. 32.

328 Impératrice Joséphine, *Correspondance*, carta 485, 14 junho 1813, pp. 348–

9.

329 Fontaine, 1 julho 1802, citado *in* Gerstein, p. 16.

330 *Lettres Intimes*, carta X, p. 179.

331 Hubert, 1989, pp. 34-5.

332 Fontaine, 1 julho 1802, citado *in* Gerstein, p. 16.

333 Evangeline Bruce, p. 306.

334 Kiefer, pp. 12-16.

335 Em 1805, ela abriu a propriedade a membros do Institut de France e a administradores do Musée National d'Histoire Naturelle, publicando um convite na *Maison Encyclopédique*.

336 *Lettres de Napoléon à Joséphine*, reunidas e prefaciadas por Dr. Léon Cerf, Paris, 1928, p. 57.

337 Laura Junot, duquesa de Abrantès, *Autobiography and Recollections of Laura Duchess of Abrantès (widow of General Junot*), Bentley, 1893, p. 407.

338 Hamilton, p. 118.

339 Hamilton, p. 118.

340 Foi registado no diário de Fontaine em 2 de julho de 1800. Citado *in* Bernard Chevallier, *Le Château de Malmaison, des origines à 1904*, Paris, Réunions des Musées Nationaux, 1989, p. 279.

341 Hamilton, p. 119.

342 Bourrienne, *Mémoires*, I, p. 525.

343 Stuart, p. 285.

344 Napoleão a Josefina, 1 julho 1802, Bonazzi, pp. 118-202.

345 Hubert, *Malmaison*, p. 23.

346 Hubert, *Malmaison*, p. 22.

347 Hubert, *Malmaison*, p. 22.

348 Hubert, *Malmaison*, p. 23.

349 Mme. Junot, citada *in* Hubert, 1989, p. 23.

350 Napoleão a Josefina, 19 junho 1802, Bonazzi, p. 25.

351 François Jarry, *Hortense de Beauharnais*, Paris, Giovanangeli, 2009, p. 66.

352 *Memoirs de Queen Hortense*, 1, p. 2.

353 Jarry, 2009, p. 59.

354 Sobre isto, ver Hubert, 1989, pp. 24-5.

355 Jarry, 2009, p. 66.

356 Mme. de Rémusat, *Memoirs of Mme. de Rémusat*, trad. Mrs Cashel Hoey e John Lillie, Londres, 1880, II, p. 323.

357 Mme. Campan, carta a Hortense, citada *in* Jarry, 2009, p. 62.

358 Bertaut, p. 140.

359 Bourrienne, *Mémoires*, I, p. 213.

360 Bourrienne, *Mémoires*, I, p. 525.

361 Bourrienne I, p. 200, de Hamilton, p. 115.

362 Bourrienne, *Mémoires*, I, p. 200.

363 31 agosto 1809.

364 Marquise de La Tour du Pin, *Journal d'une femme de cinquante ans (1778-1815)*, Paris, M. Imhaus

& R. Chapelot, 1914, II, pp. 219-20, citado *in* Pougetoux, p. 93. Os estudiosos

sugerem agora que grande parte da coleção de Josefina foi adquirida de forma legítima, mas não há como negar que tinha mais poder de compra, mais acesso a obras e as pessoas vendiam-lhe por recearem o marido (Pougetoux, pp. 93-4). O Louvre queria seus quadros, mas tiveram de se contentar com cópias.

365 Carol Solomon Kiefer, *The Empress Josephine: Art & Royal Identity*, catálogo de exposição (Mead Art Museum, Amherst College, Amherst, Massachusetts, 2005), p. 34.

366 Kiefer, p. 33.

367 Hubert, 1989, p. 33.

368 Sobre a galeria, ver Gerstein, p. 17.

369 *L'Observateur au muséum ou la critique des tableaux en vaudeville*, Paris, 1802, p. 17.

370 Kiefer, p. 41.

371 Também colecionou trabalhos de Pierre Cartellier.

372 Gerstein, p. 22.

13

CONFLITOS COM BONAPARTE

"Estou tão infeliz", escreveu Jose ina à velha amiga Madame de Krény,

"todos os dias há discussões com Bonaparte, por razão nenhuma.

Isto não é viver". Jose ina descobrira o motivo para a crueldade de

Napoleão. "Então, há oito dias, descobri que La Grassini estava em Paris.

Parece que ela é a causa de toda a dor que estou sentindo."

Giuseppina Grassini, a estrela contralto de ópera com 27 anos, tinha

chamado a atenção de Napoleão em Mombello. Em Milão, mesmo antes

da batalha de Marengo, ele a viu cantar no La Scala, e decidiu que tinha de tê-la.

Pouco depois, La Grassini estava estabelecida em Paris, numa casa a pouca distância das Tulherias. Jose ina estava atormentada. Implorou a Madame de Krény que descobrisse se Napoleão a visitava ou se La Grassini entrava às escondidas nas Tulherias. “Asseguro-te, minha querida, que se eu estivesse enganada te diria [. .] Tenta descobrir onde é que esta mulher vive.” 373

Os detalhes sobre onde vivia La Grassini ou como Napoleão a visitava apenas causariam perturbação a Jose ina, mas ela estava desesperada por saber. Ainda assim, tinha de se submeter – e ver a rival atuar em Malmaison.

“Não sou como os outros homens, e as leis gerais da moralidade e as regras da propriedade não se aplicam a mim”, apregoava Napoleão. Como todos os tiranos ao longo da história, impunha a moralidade aos outros enquanto se escudava na sua posição para satisfazer seus desejos sexuais. Ainda precisava de Jose ina, mas depois do Egito sabia que podia ter satisfação sexual em outros lugares. Quando Pauline Fourès voltou do Egito, enviou-lhe dinheiro e arranjou-lhe um casamento, mas recusou-se a vê-la. Agora era primeiro-cônsul, as mulheres famosas e aristocráticas atiravam-se a ele e não tinha qualquer necessidade de uma garota

modista.

Napoleão tinha casos com atrizes e aristocratas abertamente, e todos sabiam a razão: a obsessão sexual com a esposa chegara ao im. Jose ina icou perturbada ao saber que os Bonaparte empurravam mulheres ao caminho do marido e chorou amargamente, lamentando-se às damas de companhia por causa da forma doentia como ele a tratava. Mas havia pouco que pudesse fazer. O poder que tinha sobre ele vinha da gentileza e da tranquilidade que ele obtinha em seus aposentos, mas sempre que ela o desa iava, perdia um pouco do seu afeto. Tinha de perceber que o preço do amor de Napoleão era a permissão para ele ter estes casos.

Os ciúmes de Jose ina causavam-na muito sofrimento. Mas as noites de Napoleão com suas conquistas não se comparavam em nada com as que passava com ela. Tinha estado tão loucamente obcecado com o ninho do casal que não conseguia pensar em mais nada. Cobria-a de beijos, desejava-a durante horas e nunca se cansava dela. Com as novas amantes era prático. O cônsul deixava instruções para a senhora estar deitada na cama, já despida, para ele não ter de se aborrecer vendo-a despir-se. O ato amoroso durava geralmente alguns minutos. Ele possuía outras mulheres para alimentar o desejo de poder, não para se apaixonar.

É possível que tenha existido uma exceção. A duquesa d’Abrantès

descrevia Hortense como “verdadeiramente atraente nesta altura, com o peito elegante, o bonito cabelo louro, os enormes e gentis olhos azuis e a graciosidade, absolutamente crioula, absolutamente francesa ao mesmo tempo” .374 A in luência de Hortense sobre Napoleão não passava despercebida. Começaram rumores cruéis de que ela tinha um caso com o padrasto. A imprensa sensacionalista britânica agarrou-se à história, mas também era impossível resistirem: Napoleão seduzia mulheres, e ela era linda e estava muito perto dele. Bourrienne declarou que nunca vira nada, em todo o tempo que passou com Napoleão, que sugerisse “uma ligação da natureza de que era acusado”, que “não estava de acordo com sua moral nem com seus gostos” .375

Napoleão era ameaçado tanto pelos monarquistas como pelos jacobinos, mas receava mais os primeiros. “Meu poder depende da minha glória, e minha glória das minhas vitórias”, a irmou. Apesar de tudo o que conseguira, sua posição não estava de forma alguma segura e ele precisava de outra vitória militar. “A conquista basta para me manter.” 376

No início de maio de 1800, Napoleão apressou-se em sair do Palácio, despedindo-se de Jose ina e pedindo-lhe que mantivesse seu destino final em segredo. Seu objetivo era derrotar o Exército austríaco.

Viajou pela Europa, escrevendo a Jose ina pelo caminho. “Não recebi nenhuma carta tua”, escreveu, “um milhão de pensamentos carinhosos,

meu pequeno doce". 377 Ficava aborrecido por ela não responder, mas já não queria que ela se juntasse a ele. "Aqui está um exemplo a seguir", disse às outras esposas e acompanhantes no acampamento. "*Citoyenne* Bonaparte permaneceu em Paris." O cônsul e os homens viajaram pelo estreito de St. Bernard e desceram por trás das linhas austríacas. Em 14 de junho, em Marengo, os austríacos defenderam-se e, às 2 da tarde, o Exército francês tinha sido completamente vencido.

Em 20 de junho, Jose ina estava prestes a começar a receber dignitários e membros do governo, quando um mensageiro entrou correndo na sala e lhe disse que Bonaparte tinha sido morto e o exército derrotado. Ela recusou-se a ouvir e continuou a presidir às celebrações. Quando os dignatários estavam quase indo embora e se espalhava a notícia da queda de Bonaparte, entrou outro mensageiro na sala e depositou duas bandeiras austríacas aos pés dela, ambas rasgadas por balas. Anunciou que os franceses tinham vencido e que Napoleão alcançara uma grande vitória sobre o inimigo.

Jose ina descobriu mais tarde que o general Desaix tinha chegado em cima da hora com reforços e o Exército Austríaco bateu em retirada. O povo lançou-se às ruas, os canhões dispararam, penduraram-se bandeiras e iluminações nas janelas. Napoleão voltou a Paris, acompanhado pelos seus homens manchados de sangue, no aniversário

da queda da Bastilha. Anunciou as “aclamações tão doces aos meus ouvidos como o som da voz de Jose ina”. 378 Nem todos o apoiavam. Madame de la Tour du Pin declarou que as pessoas eram verdadeiramente infelizes. 379 “Tive esperança que Bonaparte fosse derrotado, porque essa era a única maneira de acabar com sua tirania, mas ainda não me atrevia a expressar este desejo”, disse Madame de Staël, não mais uma admiradora apaixonada. 380 Ainda assim, para Napoleão e seu círculo, Marengo fez dele um herói, o supremo governador da Europa e o homem que não poderia nunca ser destronado.

Graças ao general Desaix, Napoleão mantinha o punho irme na imaginação do público. O retorno esfarrapado do mui dizimado Exército da Itália no outuno de 1801 mal tinha ferido sua popularidade. O aspirante a Luís XVIII, envelhecido e corpulento em Courland, e di icilmente tão apelativo como um grande general, era o único homem que parecia capaz de desa iar o desejo britânico do território. Napoleão convencia os subalternos a celebrar suas vitórias em peças, tributos e arte, tendo a mais signi icativa sido a de Jacques-Louis David, antigo aliado de Robespierre. Sua obra carregada de emoção e inalizada às pressas, *Napoleão Atravessando os Alpes* (c . 1800), descreve o herói sentado em seu cavalo empinado. “Comemorem-me!” gritava o cônsul aos artistas, músicos e escritores. “Celebrem-me!” Sua censura feroz e a rede

de espiões de Fouché di icilmente impulsionavam um clima de literatura ou arte criativa. François-René Chateaubriand e Madame de Staël eram os únicos escritores dignos de nota e ambos foram enviados para o exílio. Como disse o próprio Napoleão, “os trabalhos menores de literatura estão a meu favor e os grandes estão contra mim”. Os leitores do império bebiam secretamente a icção britânica traduzida, especialmente os contos góticos de Ann Radcliffe e os romances da oposição.

Em 1802, Madame de Staël publicou *Delphine* no exílio e teve mais in luência na cidade do que se tivesse organizado uma centena de festas. “Toda a Paris estava lendo o novo romance de Madame de Staël à porta fechada”, disse o senador Pierre Louis Roederer. 381 Madame de Staël não estava ingindo quando a irmou que “não há uma única palavra política nele” .382 Passada em 1790-92, o romance reportava-se ao idealismo da Revolução. Como a irma uma das personagens: “A liberdade é a maior das felicidades, a única glória de uma ordem social.” Uma mulher cruel e sem escrúpulos era retratada como uma versão de Talleyrand. “Ouvi dizer que, em seu romance, Madame de Staël nos descreveu como mulheres”, desdenhou Talleyrand.383 Bonaparte ficou furioso por a polícia não ter suprimido o livro. Disse a autora para nunca mais voltar a Paris.

O ilho dela implorou que lhe fosse permitido retornar e seu pedido foi irmemente negado. “As mulheres deviam limitar-se à costura”, declarou Napoleão. 384

Jose ina detestava icar sozinha nas Tulherias, uma vez que a família de Napoleão tinha agora verdadeiramente colocado as garras de fora. Em vez de icarem agradecidos por ele os ter retirado praticamente da pobreza para uma riqueza incrível, os Bonaparte queixavam-se de que ele os tratava de forma injusta – e continuaram a criticar os gastos de Jose ina. “Ao ouvir meus irmãos e a audácia com que diariamente me exigem novas quantias, pode-se pensar que eu lhes esbanjei o patrimônio”, lamentava-se ele.385

Jérôme foi para o mar e desobedeceu ao irmão ao se casar com a ilha do dono de um barco norte-americano, Betsy Patterson. Quando Napoleão declarou que não autorizaria que ela pisasse em solo francês, Jérôme permitiu que o casamento fosse anulado pela promessa de um reino, e Betsy fugiu para a Grã-Bretanha, onde se transformou num troféu que ia a todo lado contar os demoníacos horrores de viver com os insanos Bonaparte.

Lucien não era melhor: disse a todos que era ele o responsável pelo golpe que tornara o irmão cônsul. Napoleão acreditava que ele publicara um pan leto anônimo – *Um Paralelo entre César, Cromwell e Bonaparte* – e enviou-o imediatamente para o exterior como embaixador na Espanha. Napoleão estava furioso com o fato de os irmãos não se casarem como ele queria. Lucien recusou um casamento dinástico com a rainha de Parma,

casando-se com Alexandrine Jouberthon, viúva de um especulador falido. Quando Napoleão repreendeu o irmão por ter “casado com uma puta”, Lucien disparou em resposta “pelo menos *minha* puta é jovem e bonita” .386 Depois de partir com um terrível mau humor, Napoleão abraçou Jose ina. “É doloroso encontrar na própria família uma oposição tão obstinada a interesses de tamanha magnitude. Devo então separar-me de todos? Devo depender apenas de mim mesmo, sozinho? En im! Sou suficiente para mim mesmo e tu, Josefina – tu és meu conforto. ”387

Com 30 anos, o homem que governava toda a França não conseguia controlar a família. Até a mais nova, Carolina, não fazia aquilo que ele queria. Aos 17 anos, loura e recém-saída da escola de Madame Campan, apaixonara-se loucamente por Joaquim Murat, um homem bonito, vigarista e vulgar com um forte sotaque gascão. Napoleão olhava com desdém para ele, porque era ilho de um estalajadeiro e o achava estúpido, ao mesmo tempo que o odiava por se vangloriar (falsamente) de ter seduzido Madame Bonaparte. Contudo, Murat, de 32 anos e escorrendo masculinidade e ambição, estava determinado a se casar com Carolina. Napoleão recusou e Jose ina tentou apoiar a causa da cunhada. Ela sempre se esforçou muito com Carolina, enviando-lhe presentes e cartas carinhosas quando estava na escola com Hortense, e agora via a sua oportunidade de ser útil.388 Além disso, ela sabia que Murat não gostava dela e queria conquistá-lo para o seu lado. Em 20 de janeiro de

1800, o plano de Jose ina deu frutos: Carolina casou-se com Murat numa cerimônia civil íntima em Mortefontaine, patrimônio de José Bonaparte. Carolina estava em êxtase. “A beleza dela era notável”, escreveu a duquesa d’Abrantès. “Era fresca como uma rosa.” Sua cabeça era um pouco grande demais para o corpo, mas a “pele parecia macia e rosada como seda”. Também tinha dentes “atraentes” – ao contrário de Josefina. 389 Ao encorajar o casamento, Josefina cometera um enorme erro: juntos, o casal não estava agradecido, ambos nutriam o desejo de tirarem-na de sua posição.

Napoleão, aborrecido por o terem contrariado, vingou-se da esposa. Deu à irmã um minúsculo dote de 30 mil francos, suplementado com um colar de diamantes tirado da caixa de joias de Jose ina. 390 Ela icou furiosa. Para não se dar por derrotada, procurou uma afronta ainda mais cara. Decidiu-se por um conjunto de pérolas que valia 250 mil francos, criadas pelo joalheiro da moda Foncier, e que tinham anteriormente pertencido a Maria Antonieta. Depois de identi icar o prêmio, Jose ina encontrou dinheiro para pagá-lo, pedindo-o ao general Berthier, ministro da Guerra. Era um passo selvagem. Berthier estava ansioso por continuar em suas boas graças, uma vez que esperava que a amante italiana, Madame Visconti, fosse aceita nas *soirées* no Luxemburgo. 391 Jose ina ouvia sempre pacientemente quando Berthier precisava desabafar seus problemas emocionais, e ele estava empenhado em

mostrar-lhe gratidão. Imediatamente ofereceu o pagamento de alguns fornecedores do exército para um serviço de hospital na Itália – se lhe dessem compensações. O dinheiro jorrou e Jose ina conseguiu as belas pérolas. Era uma reminiscência do Caso do colar de diamantes.

Jose ina teve então de enganar Napoleão. Ele tinha uma peculiar capacidade para se lembrar de cada uma das peças de joalheria de sua coleção. O colar teve de icar guardado sem ser usado na caixa de joias de Jose ina, cintilando dolorosamente para ela quando abria a tampa. Virou-se para Bourrienne e implorou-lhe que a ajudasse, incapaz de enfrentar a iminente festa sem as novas pérolas. Pediu-lhe que icasse do lado dela quando dissesse a Napoleão que as joias já há muito estavam em sua posse.

"Que requintada estás hoje!", exclamou Bonaparte na festa. "Onde foste buscar essas pérolas? Acho que nunca as vi antes." "Oh! *Mon Dieu!* " respondeu ela. "Já as viste dezenas de vezes! É o colar que a República Cisalpina me deu e que agora uso no cabelo." Bourrienne con irmou a mentira e Napoleão desinteressou-se, satisfeito.392

Madame de Rémusat não achava exagero nenhum declarar que Napoleão "desprezava as mulheres", pois "via suas fraquezas como prova inequívoca de inferioridade". 393 Seus pontos de vista eram mais nítidos em termos públicos na forma do Código Civil, também conhecido como

Código de Napoleão.394 Antes do Consulado, não havia nenhum conjunto especí ico de leis; em vez disso as pessoas eram regidas pelo poder consuetudinário, como nos tempos feudais. Ele desejava ter um código legal que de inisse as vidas do povo. O Código era o monumento de Napoleão, a tentativa de mostrar que podia ser não apenas um grande general, mas também um legislador e de dar "uma direção ao espírito público". 395

"Minha maior vitória foi meu governo civil", diria mais tarde, na ilha de Santa Helena. 396 Apesar de ocupar o papel de monarca – com ainda mais poderes do que aqueles de que Luís XVI tinha usufruído, graças ao seu controle direto sobre o exército –, Napoleão alimentou a impressão de que os súditos viviam num mundo de igualdade pós-revolucionária.

O Código Civil era, aparentemente, fundado nos princípios que tinham guiado a Revolução de 1789: igualdade perante a lei e secularização do Estado. Acabava com os privilégios de nascimento e preconizava uma meritocracia: os empregos no governo deviam ir para os mais quali icados. Desse modo, a sempre crescente classe média na França era paci icada e convencida de que os sacri ícios da era revolucionária não tinham sido em vão. O Código pretendia manter os principais partidários de Napoleão satisfeitos, abolindo o feudalismo e a hierarquia aristocrática, mas fazendo tudo para preservar os direitos dos homens ricos à propriedade, implicitamente garantindo que icariam ainda mais

ricos. Os direitos dos trabalhadores eram irrelevantes.

Quem mais perdia com o Código Civil eram as mulheres. Napoleão, incapaz de controlar a esposa, as irmãs ou a mãe, instituiu limites rigorosos aos direitos das mulheres. Os direitos de posse de propriedade e dinheiro que antes tinham possuído foram abolidos e substituídos com a ênfase no dever de serem obedientes aos maridos e pais e foi-lhes atribuído o estatuto legal de menores. “Uma mulher tem de prometer obediência e idelidade no casamento”, apontava um dos artigos. Obter autorização de divórcio era um processo relativamente mundano para os homens, mas uma mulher só podia fazê-lo se a amante tivesse sido levada para o lar. Uma esposa adúltera podia ser presa por dois anos e só seria libertada se o marido a aceitasse de volta. Um marido in iel pagava apenas uma multa. Até os casamentos felizes tinham restrições: o direito de uma esposa para lidar com dinheiro era muito mais reduzido, a menos que fosse uma comerciante registrada.

No Cairo, Napoleão vira os habitantes locais icarem chocados por aquilo que viam como humilhação dos homens franceses. “Hoje em dia as mulheres precisam ser refreadas”, declarou. “Vão onde querem, fazem o que querem. Não é nada francês deixar as mulheres estarem com as rédeas. ”397 Para Napoleão, a família devia ser tratada da mesma maneira que a França. O país, argumentava, “deve submeter-se ao despotismo

antes da necessidade de a liberdade renascer”. O Código promovia a família como unidade inanceira e social básica – e a maneira de manter a família unida era por meio da submissão da mulher.

O Código re lete o desejo político de Napoleão de vincular a si a burguesia, bem como a sua descon iança pelo poder feminino. Por volta de 1804, seu domínio sobre a França era absoluto, com o apoio dos militares, das classes detentoras de propriedade e do campesinato. Os camponeses apoiavam-no porque tinham comprado as terras con iscadas, a economia crescente criava mais postos de trabalho e fazia descer o preço do pão. Os novos ricos, proprietários e homens de negócios, especuladores, comerciantes e banqueiros estavam encantados com o novo protetor. Os escalões mais elevados do exército encheram os bolsos com o saque que tinham obtido.

É possível ver o comportamento duvidoso de Jose ina como parcialmente responsável pelo isolamento feminino nas leis desiguais? Certamente, Napoleão via-se rodeado de mulheres que tinham poder excessivo, mas não se ressentia apenas da esposa. Em sua opinião, as mulheres em campanha apenas tinham obstruído as operações, e as mulheres intelectuais dos salões, como Madame de Staël, enfureciam-no com o interesse na igualdade das mulheres. Acima de tudo, seus planos para o domínio mundial francês precisavam de um fornecimento

constante de homens jovens e quali icados para serem sacri icados aos seus objetivos, e as mulheres que esperavam obter a independência ou uma vida de empreendimento intelectual ou inanceiro eram uma ameaça a tudo isto. Na época, espalhava-se pela Europa o receio de que os homens e as mulheres, especialmente das elites e da aristocracia, estivessem icando muito nervosos e frívolos para terem ilhos, e Napoleão viu como solução para isso a restauração dos papéis tradicionais apropriados de gênero. Paradoxalmente, não aguentava sequer ver uma mulher grávida, as quais, inclusive, não eram bem-vindas em seus encontros. 398 No entanto, Napoleão proclamou incessantemente que era um dever das mulheres serem mães. Como tinha dito a Madame de Staël, a mulher que ele mais admirava na História era aquela que "tivesse tido mais filhos".

Napoleão sempre tentava impor os papéis de gênero aos cortesãos. Em certa ocasião, dirigiu-se a Madame de Condorcet, a bonita an itriã de salões. "Madame, não gosto de mulheres que se intrometem na política", anunciou. "General, tem toda a razão", retorquiu ela, "mas num país em que são cortadas cabeças, é natural que as mulheres queiram saber a razão, o porquê". 399 "Ainda gosta dos homens tanto como antes, Madame?", quis saber de uma velha amiga de Jose ina, Aimée de Coigny.

"Sim, senhor", respondeu ela, "quando são educados". Poucas outras pessoas tiveram oportunidade de lhe dar resposta. "O terror que ele

inspira é inconcebível", a irmou Madame de Staël. "Fica-se com a impressão de um vento imperial fustigando-nos os ouvidos quando estamos perto desse homem."

Ao mesmo tempo em que trouxe a reforma civil e relembrava a todos suas grandes vitórias militares, Napoleão anunciou a retomada da Igreja Católica – mas dessa vez subordinada ao primeiro-cônsul. "A sociedade não pode existir sem desigualdade de riqueza e a desigualdade de riqueza não pode existir sem religião", disse a Roederer. "A religião é uma espécie de inoculação [. .] As pessoas têm de ter religião e essa religião tem de estar nas mãos do governo." 400 Só a Igreja pode fazer com que a desigualdade seja natural e com que as mortes na guerra tenham mais sentido. "Não somos nós, os nobres, que precisamos de religião", disse Napoleão arrogantemente, "mas ela é necessária para as massas e eu devo instaurá-la".

Aqueles que tinham lutado pela Revolução icaram furiosos com a ideia da restauração da religião, mas o povo ansiava pelos costumes antigos e as mulheres, acima de tudo, praticavam sua crença em segredo. Até as mais cínicas viam os bene ícios de descansar no sétimo dia, em vez de no décimo.

Na Páscoa de 1801, o povo ouviu os sinos de Paris soando pela primeira vez em 10 anos. À maioria das igrejas faltavam sacerdotes, pois

Napoleão tinha-os requisitado para o esforço de guerra. Às 7 da manhã, em sua carruagem escoltada por dragões, hussardos, granadeiros e mamelucos, ele continuava a dissertar. Jose ina seguia atrás dele e sentou-se atrás do marido na ila da frente da Notre-Dame. À cerimônia propriamente dita faltou dignidade. Tanto Jose ina como Napoleão se esqueceram dos rituais de culto e, de fato, os únicos membros da congregação que pareciam se lembrar eram o ex-bispo Talleyrand e o ex-padre Fouché. Todos os outros tropeçaram, ajoelharam-se nos momentos errados e levantaram-se de boca aberta durante as orações. Ainda assim, o objetivo tinha sido cumprido. Camponeses do Loire, proprietários de bancadas no mercado de Lyon, agricultores de Breton e donas de casa de Dijon inundaram as igrejas. Como nos tempos antigos, a igreja se tornou o local onde os ricos ostentavam a riqueza. Aos domingos, em algumas igrejas nas áreas mais elegantes de Paris, mal havia lugares livres. Depois de uma grande cerimônia para celebrar o retorno do catolicismo, Napoleão virou-se para o general Bernadotte, agora casado com a noiva que rejeitara, Désirée Clary. “Bem, agora está tudo como era antes”, a irmou. “Sim”, respondeu o general Bernadotte, “exceto os 2 milhões de homens que morreram pela liberdade e não existem mais” .401

De inhando no luxuoso Castelo de Grosbois em Val-de-Marne, com 45

anos e já exilado, Barras escreveu cartas a Napoleão e Jose ina. “É esta a recompensa por aquilo que designa como meus grandes serviços e pelos quais jurou eterna gratidão?”, exigia a Napoleão. “Quando estava enterrado na Itália e seus inimigos atacaram a glória republicana, defendi-o [. .], e quando seus irmãos foram ameaçados, vieram a mim para pedir ajuda. ”402 O cônsul não respondeu.

Jose ina tinha sido companheira de Barras e ele tinha encoberto seus casos amorosos, tinha-lhe emprestado dinheiro e mantido as cartas sobre seu adultério longe dos jornais. Ela também não respondeu às suas cartas. Um ano após Napoleão ter se tornado cônsul, Barras foi preso em Grosbois e deportado para Bruxelas. Documentos e cartas à família Bonaparte foram con iscados, negando-lhe a oportunidade de provar o serviço que prestara.

Do círculo anterior de Jose ina, apenas Juliette Récamier ainda era recebida na sociedade, em grande parte graças à posição do marido banqueiro. Estrangeiros, dignitários e até os irmãos de Bonaparte visitavam seus salões, onde ela desempenhava as “Posições”, imitando as poses dos mitos gregos, retiradas das atuações de Emma, Lady Hamilton, esposa do emissário de Nápoles – e, por volta de 1801, resplandecente amante de Horatio Nelson e mãe de sua ilha. Um livro de Friedrich Rehberg com orientações para alcançar as posições de Emma vendeu

como pão quente por toda a Europa. Juliette desempenhava as poses que foram usadas por Emma para cativar Nelson, o mais terrível inimigo da França, mas fê-lo para se promover como heroína do Consulado.

Napoleão se tornava cada vez mais impopular à medida que os inimigos percebiam que ele não estava prestes a abdicar para um novo governo ou rei. “Espiam todos, menos a mim”, disse a Fouché. O ministro mandou os agentes da polícia seguirem as pessoas que antes tinham sido amigas de Napoleão, ordenando-lhes que abrissem as cartas de metade da população de Paris e subornando os vizinhos para receber informações de todos eles. Mesmo assim, estavam sempre um passo atrás das células de dissidentes que floresciam pela cidade.

Na véspera de Natal de 1800, Jose ina preparava-se para assistir à estreia da *Criação*, de Haydn, na Ópera. Era o evento da época e os artistas tinham pedido que Napoleão estivesse presente. Fouché tinha transmitido ao cônsul um rumor de que haveria uma tentativa de assassinato contra ele, mas Napoleão ignorou-o. Disse a Jose ina que devia estar o mais bela possível e deslumbrar a elite mais elegante de Paris. Depois do jantar, às 8 da noite, o casal encaminhou-se para as carruagens. Napoleão viajaria numa carruagem, ao passo que Jose ina, acompanhada por Hortense, Carolina (grávida de 8 meses) e o ajudante de campo de Napoleão, o general Rapp, seguiriam numa segunda. No

último instante, Napoleão olhou ixamente para o traje da esposa e decidiu que não estava bem. Declarou que o xale de Constantinopla não condizia com o vestido e exortou-a a ir trocá-lo. Todo o grupo teve de esperar, enquanto ela se apressava para chegar aos seus aposentos e encontrar outro xale. Quando retornou, Napoleão já tinha partido. Ela e os companheiros apressaram-se em tomar seus lugares na carruagem e seguiram para o espetáculo.

Quando a carruagem de Napoleão entrou na rue Saint-Niçaise, o cocheiro icou perplexo com uma carroça que bloqueava o caminho. Ao virar para a rua do lado deu-se uma explosão horrenda. Napoleão disse mais tarde que parecia que a carruagem inteira tinha sido atingida por um mar e era arrastada pelas ondas. 403 Vindo atrás, Jose ina e as outras mulheres foram atiradas para o chão do carro e os vidros partiram-se. Jose ina desmaiou com o choque, mas, felizmente, a grávida Carolina assumiu o controle e permaneceu calma. Os telhados das casas vizinhas desabaram, os vidros estilhaçaram-se e alguns cavalos saíram em disparada.404 Relatos descreveram que 12 civis tinham sido mortos e 30 pessoas tinham icado feridas.405 Um ilustrador contemporâneo mostrou uma criança pequena sendo catapultada pelo ar e os estilhaços atirados a muitos metros de altura. Na segunda carruagem, apenas um pouco atrás da primeira, havia vidros por todo o lado, e o vestido de Hortense manchou de sangue devido a um corte na mão provocado pelos

destroços. Josefina estava desfeita em lágrimas.

O primeiro-cônsul era o alvo da bomba – se ele e a esposa tivessem saído no horário programado, teriam sido mortos. Jose ina, Napoleão, Hortense, Carolina e o general Rapp foram salvos por um xale que não condizia com o resto da vestimenta.

Napoleão continuou em direção à Ópera e, depois de saber que Jose ina estava a salvo, ocupou calmamente o lugar no camarote. “Os canalhas queriam acabar comigo”, desdenhou. 406 As mulheres chegaram, pálidas e com os olhos vermelhos, tentando não tremer, enquanto a audiência os saudava com ovações e aplausos. Napoleão manteve a postura intocada só até o grupo retornar às Tulherias. Exigiu furiosamente que Fouché caçasse os jacobinos responsáveis e ordenou que determinado número de ex-membros fosse deportado. Os esforços do ministro para explicar que as informações que tinha indicavam que haviam sido os monarquistas a coordenar o ataque caíram em ouvidos moucos. 407

Jose ina teve de esconder sua perturbação, pois Napoleão não gostava de covardes. Estava deliciado com a forma com que a bomba aumentara sua popularidade e dera origem à “extrema indignação na população”. 408 Proclamou que tinha escapado heroicamente.

Jose ina era a consulesa, rica, celebrada, procurada e bela. Ainda assim,

preocupava-se com o futuro. Era o amor de Napoleão, o talismã ao qual atribuía os sucessos militares e, como dizia uma de suas amigas, ela era a "mulher que a descon iança popular encarava como seu anjo bom". 409
Mas o "anjo bom" precisava de um ilho. Com 37 anos, não era muito velha. Letizia tinha dado à luz Jérôme com 34 anos e só a morte do marido no ano seguinte tinha impedido que ela tivesse outros. Thérésa Tallien teria o décimo bebê com 42 anos. Mas o corpo de Jose ina tinha sido muito enfraquecido pelo período de cárcere durante o Terror e sua queda em Plombières deixara-a com uma lesão pélvica. Os tratamentos químicos de que lançou mão para prevenir a gravidez enquanto era amante também reduziam, a longo prazo, sua fertilidade. Sempre mentia para o marido sobre a frequência de seu ciclo menstrual.
A família de Napoleão explorava a incapacidade de Jose ina para ter um ilho. Num momento diziam-lhe que se livrasse dela porque era estéril, no outro gozavam-no por ser ele o infértil. Pauline Fourès não tinha, notoriamente, engravidado e culpava Napoleão. Se alguma amante atriz ou cortesã dissesse que estava grávida, os irmãos diziam que a tinham seduzido. Jose ina não se coibia de sugerir que ele era o responsável pela falta de ilhos. Napoleão lhe disse que suas menstruações eram irregulares e pouco saudáveis, ao que ela, sem qualquer ingenuidade, respondeu que não fazia qualquer diferença.

Napoleão sabia que seria motivo de chacota caso se livrasse de Jose ina e depois não conseguisse engravidar uma segunda mulher. Na época, a infertilidade era geralmente vista como culpa da mulher, mas havia uma teoria muito arraigada de que quanto mais vigoroso o homem parecesse, mais capacidade teria para engravidar as mulheres. Napoleão era pequeno, pálido e enfezado. Sofria de ataques, devido a um excesso de energia nervosa, e inquietava-se e coçava-se. Devastado por di iculdades digestivas e sofrendo de enxaquecas, di icilmente seria uma figura inspiradora da masculinidade francesa, mesmo com 42 anos.

"É o tormento da minha vida, não ter um ilho", disse Napoleão a Bourrienne. "Percebo claramente que meu poder nunca estará firmemente estabelecido até que eu tenha um." 410 A maioria da população amava Napoleão e queria vê-lo com um ilho. Há muito tempo corriam rumores perturbadores de que ele tinha um caso com Hortense. Agora, diziam os rumores, era possível que ele quisesse ter um ilho com ela. Hortense chorou amargamente, mas Napoleão icou bastante vaidoso com a ideia, dizendo que os rumores apenas re letiam o "desejo do público de que eu tenha um ilho", o que só fazia com que Jose ina se sentisse mais insegura.411

Ela icava perturbada com os rumores e odiava os constantes casos amorosos de Napoleão. Em desespero, voltou-se para os remédios dos

charlatões. Napoleão decidiu que ela devia viajar para Plombières para tentar renovar a fertilidade nas águas, as quais ele acreditava piamente terem poderes mágicos. Existiam provas concretas dos seus efeitos: a esposa de José, Julie, não conseguira engravidar durante 4 anos, mas tinha sido bem-sucedida no inal de 1800, depois de uma viagem a Plombières.

Um pouco antes de Jose ina partir, Lucien Bonaparte chamou-a para uma conversa em particular. “Vá para as águas”, disse. “Tem de arranjar uma criança por meio de outra pessoa, uma vez que não consegue com ele.” Ela

icou completamente chocada. “Bem”, continuou ele

amargamente, “se não quiser fazer isso ou não conseguir, Bonaparte tem de arranjar um ilho por meio de outra mulher e você terá de adotá-lo, pois é necessário assegurar um sucessor hereditário. É no seu interesse; tem de saber isso.” “O quê, senhor!” foi a resposta dela. “Imaginais que a nação vai permitir que um bastardo a governe? Lucien! Lucien! Vai arruinar o vosso irmão! Isto é horrível! Que desgraçada seria se alguém me imaginasse capaz de ouvir, sem horror, vossa infame proposta! Vossas ideias são venenosas; vossa linguagem é horrorosa!” “Bem, Madame”, retorquiu ele, “a única coisa que posso dizer quanto a isso é que realmente sinto muito”! 412

Jose ina partiu para Plombières muito ansiosa, escoltada por um grande séquito de cavalaria e ajudantes. O general Rapp, Hortense, Madame de Lavalette e, menos confortável para Jose ina, a mãe de Napoleão acompanharam-na. Jose ina chorou, e logo todos sofriam ou de enxaquecas ou de enjoos. Nada correu bem. As estalagens eram horríveis e o jantar em uma das noites foi “espinafres regados com azeite de lamparina e aspargos vermelhos fritos em leite coalhado” .413

Felizmente, as coisas melhoraram à chegada. A cidade estava iluminada, todos os dignitários estavam reunidos e os canhões ribombaram à sua passagem. Plombières já não era um deserto social. A visita de Jose ina em 1798 deixara-a na moda e era agora frequentada por muitos, e Napoleão incentivou-a a organizar bailes e recepções e a continuar sustentando as relações sociais. Não admira que o médico local, o doutor Grosjean, que publicou um estudo sobre as propriedades medicinais dos banhos em 1803, elogiasse as “salutares águas que a Providência concedeu à nossa comunidade” – todos estavam enriquecendo em Plombières.414

Napoleão icou eufórico com seu retorno. “As menstruações da minha mulher recomeçaram”, rejubilou. Mas a euforia durou pouco tempo. Ela não conseguiu engravidar. Quando a irmã de Napoleão, Elisa, deu a entender sutilmente que a culpa era de Jose ina, a consulesa relembrou-

a que já tinha dois ilhos, Hortense e Eugène. “Mas, irmã, nessa época era mais nova”, respondeu Elisa. Napoleão entrou no quarto no momento em que a esposa começou a chorar. “Há algumas verdades que é melhor não dizer”, comentou.

Os muitos inimigos de Jose ina conspiravam constantemente para derrubá-la – e sussurravam a Napoleão que ele devia se divorciar. Ela, então, embarcou no ato mais implacável que alguma vez cometera. Numa tentativa desesperada de manter o marido para si, decidiu sacri icar a filha.

373 Impératrice Joséphine, *Correspondance*, carta 156, 9 julho 1800, p. 101.

374 Duchesse d’Abrantès, citada *in* Bertaut, p. 134.

375 Bourrienne, *Mémoires*, II, p. 102.

376 Bourrienne, *Mémoires*, I, p. 450.

377 Bonazzi, *Lettres d’amour*, p. 201.

378 Bourrienne, *Mémoires*.

379 Madame de La Tour du Pin, *Mémoires*, p. 346.

380 De Staël, *Dix années d’exil*, p. 94.

381 Pierre Roederer, *Ouevres*, V.

382 De Staël, *Correspondances Générale*, IV, p. 306.

383 Paul Gautier, *Madame de Staël et Napoléon*, p. 103.

384 Bourrienne, *Mémoires*, VIII, p. 101.

385 Rainha Hortense, *Mémoires*, p. 69.

386 Jean Savant, *Tel fut Napoléon*.

387 Rémusat, I, p. 219.

388 Jules Bertaut, *Impératrice Joséphine*, Paris, Le Club du Livre d'Histoire, 1956, pp. 130-2.

389 Duchesse d'Abrantès, citada *in* Bertaut, p. 130.

390 Bourrienne, *Mémoires*, I, p. 464.

391 Bertaut, pp. 130-1.

392 Bourrienne, *Mémoires*, I, p. 500.

393 De Rémusat, *Memoires*, 1, p. 11.

394 Sobre o Código Civil, ver Patricia Mainardi, *Husbands, Wives, and Lovers: Marriage and its Discontents in Nineteenth-Century France*, New Haven e Londres, Yale University Press, 2003, pp. 12-18.

395 Bertrand, *Cahiers*, p. 177.

396 Bertrand, *Cahiers*, p. 169.

397 McLynn, *Napoleon*, p. 256.

398 Bourrienne, *Mémoires*, I, p. 384.

399 De Staël, *Considérations*, p. 339.

400 De Staël, *Dix Années d'exil*, p. 105. Ver também Bourrienne, *Mémoires*, II, p. 30.

401 Madame de Staël, *Dix années d'exil*, p. 130.

402 Savant, *Tel fut Napoléon*. Barras, *Mémoires*, II, p. 65.

403 *Documens particuliers (en forme de lettres) sur Napoleon Bonaparte, sur*

plusieurs de ses actes jusqu'ici inconnus ou mal interprétés, Paris, 1819, p. 103.

404 Louis Lumet, *Napoléon 1er, Empereur des Français*, Paris, 1908, p. 67.

405 *Documens particuliers (en forme de lettres) sur Napoleon Bonaparte, sur plusieurs de ses actes jusqu'ici inconnus ou mal interprétés*, Paris, 1819, p. 104.

406 Memórias do General Conde Rapp, p. 19.

407 *Documens particuliers (en forme de lettres) sur Napoleon Bonaparte, sur plusieurs de ses actes jusqu'ici inconnus ou mal interprétés*, Paris, 1819, p. 104.

408 *Documens particuliers (en forme de lettres) sur Napoleon Bonaparte, sur plusieurs de ses actes jusqu'ici inconnus ou mal interprétés*, Paris, 1819, p. 104.

409 Rémusat, *Mémoires*, I, p. 56.

410 Bourrienne, *Mémoires*, II, p. 130.

411 Bourrienne, *Mémoires*, II, p. 65.

412 Bourrienne, *Mémoires*, II, p. 54.

413 Bourrienne, *Mémoires*, II, p. 55.

414 Grosjean, p. 4.

14

"MEU PADRASTO É UM COMETA"

"Sou a sua superstição e não o seu amor", disse Jose ina a uma amiga.

"Ele considera-me um dos raios da sua estrela." 415 Mas as esposas tinham de conceber. Traçou um plano. Se Hortense, com 18 anos, se

casasse com Luís Bonaparte, podiam ter um ilho e essa criança seria o

herdeiro de Napoleão e Josefina, partilhando o sangue de ambos.

Contou a Napoleão, que icou encantado com a ideia. Mandaram

Bourrienne dar as notícias a Hortense. “Sabe que a maior tristeza dela é já não poder ter um ilho”, disse à adolescente. “Garanto-lhe que estão sempre aparecendo intrigas para persuadir o primeiro-cônsul a obter o divórcio. Só o seu casamento pode fortalecer os laços nos quais assenta a felicidade da sua mãe.” 416 Elogiou Luís, disse-lhe que de outro modo teria de casar com um “príncipe estrangeiro” e falou da dívida que ela tinha para com a mãe.

Hortense icou chocada. Assim como a maioria das garotas de sua idade e estatuto, esperava que os pais lhe arranjassem um casamento, mas acreditava que lhe permitiriam opinar sobre o assunto, apesar de terem impedido o casamento com Duroc. Sabia que Napoleão a tinha em grande estima e não conseguia imaginar que alguma vez a oferecesse a Luís. Aos 23 anos era feio, propenso a uma feroz paranoia e já estava atormentado pela gonorreia. Sofria cruelmente de uma curvatura na coluna, gaguejava e estava muitas vezes doente. Quando estava bem, era ocioso, violento e neurótico.

Tudo isto poderia ter sido atenuado se ele estivesse tão fascinado por Hortense como qualquer outro homem, mas ele mal a via e ela acreditava que ele a odiava por desprezar a mãe. Ele se interessava por livros e era bom com o dinheiro, mas era um fraco consolo.

Hortense implorou à mãe e ao padrasto, mas não valeu de nada.

“Sacri icaria minhas fantasias românticas pela felicidade da minha mãe”, disse.417 Quando criança, enquanto brincava com as joias de Madame de Rémusat, declarou que um dia queria ser dona de centenas de diamantes. Agora seria rica, uma princesa, até rainha – mas seu coração estava despedaçado.

Jose ina agiu depressa. Tinha de casar Hortense com Luís antes de os Bonaparte começarem a levantar as objeções de costume. A família tinha de admitir que Hortense era educada, bonita e bem-sucedida, mas não tinham qualquer desejo de estarem ainda mais ligados a Josefina.

Em poucos meses, em 4 de janeiro de 1802, todo o clã estava no salão de visitas das Tulherias, vendo uma Hortense pálida e enojada dizer os votos a Luís num altar improvisado. Jose ina oferecera à ilha um esplêndido vestido bordado e um conjunto de colar e tiara de diamantes. Não olhou para o noivo e evitou falar com ele. Pálida e solene, recebeu a bênção religiosa com o novo marido. Carolina e Joaquim Murat, que se casaram dois anos antes, também foram abençoados.

A noite de núpcias foi sombria. Lucien dissera a Luís que o casamento tinha sido apressado porque Hortense já estava grávida de Napoleão. Nessa noite, Luís atormentou Hortense recitando a lista dos amantes da mãe e criticando o comportamento de Josefina. Então disse-lhe que, se ela desse à luz uma criança antes dos 9 meses habituais, a baniria e nunca

mais a veria. Hortense teve de aguentar. “Meu padrasto é um cometa e não somos mais do que a cauda”, a irmou. “Temos de segui-lo para todo lado sem saber para onde nos leva – para nossa felicidade ou para nosso sofrimento.” Mais tarde recebeu um bonito relógio de ouro e esmalte de Josefina como presente de agradecimento. Era um conforto miserável.

Jose ina sacri icara a ilha à ambição. Os Bonaparte estavam furiosos, mas, mesmo assim, sua posição não estava garantida. Ela disse a Napoleão que seu maior desejo era ver a sua união abençoada, ao mesmo tempo que a de Hortense e Luís, e Carolina e Murat. Uma bênção, claro, faria com que fosse muito mais di ícil ele se divorciar. Napoleão recusou categoricamente.

Hortense rapidamente icou grávida. Claro que essa não foi uma causa de alegria, pois sabia que, às suas costas, as pessoas a acusavam de já ter ido grávida para o altar. A imprensa britânica ridicularizava o casamento e sugeria que Napoleão mantinha a enteada perto dele para poder continuar com o caso amoroso. Em agosto, sugeriram que a criança já tinha nascido ou estava prestes a nascer, implicitamente a irmando que concebera fora do casamento. Implacável na decisão de acabar com esses “rumores escandalosos”, Napoleão forçou-a a dançar uma enérgica quadrilha com ele em público num baile de agosto.[418] Para um homem que detestava a imagem de uma mulher grávida e achava aquele

espetáculo de dança uma das coisas mais horrorosas do mundo, foi um gesto e tanto. Mesmo assim, não pararam os rumores.

Para alegria de Jose ina, em 10 de outubro Hortense deu à luz um ilho, Napoleão Carlos, apenas alguns dias após os 9 meses. Napoleão declarou que o rapaz era seu herdeiro – apesar de não lhe ter dado esse estatuto oficial. Josefina sentiu-se momentaneamente segura.

Era ilho de Napoleão? Alguns pensavam que sim, os britânicos perpetuaram o boato de que era e Napoleão certamente gostava muito mais dele do que do segundo ilho de Hortense, Luís Napoleão. Há muito tempo o cônsul tinha desistido de ser iel à esposa, mas considerando o quanto gostava da enteada, engravidá-la parecia demais, até para ele.

Jose ina podia estar desesperada, mas não teria posto a ilha na cama do marido para manter a posição. E, se o ilho fosse de Napoleão, seria muito menos provável que considerasse o divórcio, e que recusasse a Jose ina a bênção religiosa.

Em março de 1802, Napoleão assinou um tratado de paz com a Grã-Bretanha em Amiens. A economia britânica estava enfraquecida devido ao con lito, o governo de Pitt tinha caído e o rei sofria desilusões. Cansados da guerra, os ministros fizeram grandes concessões.

O Tratado de Amiens fez com que a Martinica e Guadalupe voltassem para a França e devolveu territórios à Holanda e à Espanha. O tratado foi

uma vitória para França e a popularidade de Napoleão disparou. Cidades e vilas por toda a França tinham sofrido bastante ao perder os jovens para a luta. As pessoas estavam cansadas de guerra, esperavam ansiosamente que o mundo pudesse ser dominado pelo poder e não pela batalha sangrenta.

Em menos de dois anos e meio, graças ao ouro saqueado e às campanhas de terror na Itália e na Europa, a França tinha afastado a miséria dos tempos do Diretório. Napoleão despejou rios de dinheiro na reconstrução de Paris, melhorando os jardins e construindo pontes e estradas. Em 1803, um escritor aproveitou uma das visitas de Napoleão para ver as construções do novo canal a im de encorajar o público parisiense a seguir seu exemplo. Ora essa, insistia o autor, "o próprio primeiro-cônsul" visitou as obras e "sua presença foi um grande encorajamento para os trabalhadores". 419 Como disse mais tarde Napoleão: "Queria que Paris se tornasse uma cidade de dois, três, quatro milhões de habitantes, algo fabuloso, colossal, desconhecido do nosso tempo. "420 Os turistas maravilhavam-se com os palácios, experimentavam os restaurantes e enchiam as bagagens de recordações. Depois de o rei ser preso, a coleção real tornara-se propriedade pública (à exceção das pinturas retiradas por Napoleão e Jose ina) e, em 1793, o Louvre foi aberto, com uma exposição de 537 quadros. O público se aglomerou para ver as imagens que haviam pertencido ao rei, bem como as da Igreja e da

nobreza, e a República decretou que deviam ser postos de lado 100 mil *livres* por ano para aumentar as coleções. Não tinham contado com Napoleão e sua avareza pela arte. O Louvre fechou para renovações de 1796 a 1801 e, quando reabriu, Napoleão recheou-o com seu saque de obras roubadas. Em 1803, foi renomeado Musée Napoléon.

Os britânicos tinham sido banidos da França desde 1792 e, depois do Tratado de Amiens, chegaram aos bandos. Quando o político britânico Charles James Fox fez uma visita em julho, declarou que qualquer um sentia "uma expectativa quase arrebatadora por ver uma cidade tão celebrada". 421 Os mais afortunados eram apresentados a Jose ina numa de suas recepções ou podiam ir ver a arte em Malmaison. Lá icavam muitas vezes bastante surpresos. Homens como o leumático dramaturgo Edmund Eyre icavam hipnotizados pelas senhoras parisienses e pelo seu "estado de nudez verdadeiramente imodesto" .422

Jose ina era profundamente atraente para os britânicos. Ao passo que a maioria das rainhas eram de uma virtuosidade impassível, ela já fora amante, quase se tornara cortesã e tinha sido in iel ao marido. Um visitante britânico disse que mal tinha chegado ao Palais de'Egalité, o tradicional centro de prostituição da cidade, quando um homem lhe saltou ao caminho. Gostaria de comprar *A Vida Licenciosa de Madame Bonaparte*? 423 Estavam todos fascinados pela mulher que tinha o poderoso Bonaparte como submisso.

A Martinica pagou pela grandiosidade de Jose ina. Os países europeus conquistados sofriam pesados impostos, mas talvez o maior fardo pesasse sobre as recém-adquiridas ilhas do Caribe. Em 1799, a República tinha acabado com a escravatura em São Domingos (atual Haiti), mas em 1802 Napoleão voltava a introduzi-la, permitindo que fossem levados mais escravos africanos para as ilhas. Politicamente, sabia que não podia pressionar mais os franceses – era muito mais fácil oprimir as colônias fora do território. Queria mais dinheiro para seus cofres e não lhe interessava de onde vinha. “Bonaparte está muito ligado à Martinica e conta com o apoio dos plantadores dessa colônia; usará todos os meios necessários para preservar a posição”, escreveu Jose ina à mãe em 1803.1424 Enviou-lhe presentes, na esperança de que fosse a Paris. “Vai gostar muito de Bonaparte”, assegurou à mãe monarquista. “Ele faz vossa filha muito feliz.” 425

Em agosto de 1802, Napoleão foi eleito “Cônsul Vitalício” por uma esmagadora maioria. Cerca de apenas 9 mil dos 3,5 milhões de homens eleitores não tinham votado a seu favor. Tinha-se tornado um rei, ainda com maior poder do que aquele de que os Bourbon usufruíram, graças ao controle direto do exército. Manobrou o caminho entre republicanos e monarquistas, oferecendo concessões, prometendo favores e bajulando todos. Como ele mesmo disse: “Não havia nenhum partido em Paris que

não construísse uma esperança especial com base no meu sucesso.” 426
Para ele, as pessoas eram como crianças que podiam sempre ser acalmadas com a promessa de presentes. E elas o recompensavam, colocando fé no cônsul como se ele fosse um milagreiro. Estava tão convencido da sua posição que declarou o dia do seu aniversário, 15 de agosto – uma data em que, nos países católicos, se festeja a Assunção de Nossa Senhora –, dia de São Napoleão, feriado público anual. Poucos meses depois, a casa da moeda cunhava moedas de ouro com “Napoleão Bonaparte: primeiro-cônsul”.

Decretou que Malmaison não era su iciente. Ouvira sugestões danosas de que era maltrapilha e pequena. Um visitante britânico considerou-a “uma pobre e antiga quinta, amarelada e com boa área de bosque e plantações sem qualquer gosto”. Bonaparte rejeitou Versalhes como “monstruoso” e em vez dele escolheu o Castelo de Saint-Cloud, apenas a 15 minutos de carruagem das Tulherias, um espetacular castelo com enormes extensões de terreno com vista para o Sena.

Maria Antonieta comprara-o do duque d’Orléans, pois achava que o ar fresco seria bom para as crianças e desejava ter uma propriedade para lhes deixar depois de morrer. Tomou o que fora o lar da família Orléans e transformou-o na sua pintura em tons de pastel, uma visão feminina de belos interiores, com paredes azuis claras e verdes, cortinados de

musselina branca e es inges douradas nos aposentos privados, mobília dourada e decorações de bronze. Na época, a ideia de a rainha ter o próprio palácio fora um choque terrível para o povo e houve rumores de que o ofereceria à família real austríaca. Muito decorado, colorido e coberto de ouro, Saint-Cloud tornou-se para o povo francês o símbolo da corrupta e esbanjadora monarquia Bourbon.

O interior de Saint-Cloud fora vendido depois da Revolução. Agora, Napoleão recuperava-o para a nação, cobriu todos os tons pastel com painéis de madeira pesadamente dourados e cores imperiais, e encheu o palácio com a formalidade a que Maria Antonieta procurara escapar. Encheu as divisões com mobília Maison Jacob, ornamentos dourados e espelhos decorados. Os olhos de Napoleão não aguentavam luzes brilhantes ou cores berrantes, por isso mandou revestir os espelhos em material mais suave e proteger as luzes com gaze. Jose ina mandara decorar Malmaison para lhe prestar tributo, com iguras egípcias e estátuas de inspiração grega romana. Saint-Cloud foi, de forma semelhante, enfeitada com es inges, estátuas de Napoleão como herói romano e “N” gigantes nas maçanetas e nos pratos. Napoleão pediu aos amados Percier e Fontaine para planejarem. Gastou 6 milhões de francos no edi ício e grandes quantias no cenário dos jardins, adicionando fontes e cascatas que rivalizavam com as de Versalhes.

Jose ina icou deprimida com a mudança para Saint-Cloud. Adorava Malmaison e considerava o novo palácio proibitivo e sombrio, mas, para Napoleão, preconizava glória intimidante. A informalidade e as tardes indolentes de verão em Malmaison estavam prestes a se tornar cenas do passado. Para Jose ina, a vida como esposa de Napoleão em breve se tornou nada mais do que ritual e mobília dourada.

Napoleão não via qualquer ironia em ocupar um capricho de Maria Antonieta, que em tempos incensara o povo francês a instintos assassinos. Em vez disso, começou a planejar uma corte que rivalizava com a de Luís XVI por esplendor. Os monarcas por toda a Europa orgulhavam-se da sua simplicidade e ausência de pompa. Na Grã-Bretanha, o rei Jorge III foi apelidado de “Fazendeiro Jorge”, pelo seu interesse humilde em plantas e sua corte simples no Castelo de Windsor. Napoleão, pelo contrário, acreditava que as lições do destino de Maria Antonieta eram irrelevantes e defendia que seria mais provável que o povo prestasse tributo ao homem que lhes aparecia à frente adornado em ouro. Em vez da simplicidade pós-revolucionária dos primeiros tempos, começou a envergar uma farda de casaco de veludo vermelho bordado a ouro e uma espada incrustada com algumas joias da Coroa. Para ele, o povo seria facilmente conquistado com a pobre dádiva do vestuário. Nem os antigos jacobinos da sua equipe se queixaram quando

sugeriu que vestissem casacas vermelhas de veludo com uma faixa azul. “Tenho apenas de dourar as roupas da corte dos meus virtuosos republicanos para que me pertençam”, declarou.

Napoleão sentiu que os franceses nostálgicos receberiam de braços abertos uma nova corte e que isso encorajaria os monarquistas e os aristocratas a icarem do seu lado. Infelizmente, tinha pouco interesse nos detalhes da vida na corte. Virava-se para Jose ina, que consultava a antiga reitora de Hortense, Madame Campan. Jeanne-Louise Campan tinha sido camareira-mor de Maria Antonieta de 1786 até o ataque às Tulherias em 1792 e, consequentemente, era especialista em etiqueta. Reverências, vestuário de corte e precedência tornaram-se os temas quentes de conversa. Napoleão nomeou quatro chefes de departamento e Jose ina teve de nomear quatro damas de companhia com linhagem aristocrática. Escolheu Madame de Luçay e Madame Lauriston, cujos maridos trabalhavam para Napoleão, e Madame de Talhouët, que provavelmente passava informações aos monarquistas. A quarta mulher, Claire de Rémusat, com 22 anos e velha amiga de Hortense, viria a mostrar-se a mais leal de todas – apesar de ter escrito as memórias da corte, mais tarde publicadas pelo ilho em 1880, nas quais expunha as falhas de Josefina.

Os visitantes icavam adequadamente maravilhados com os dourados,

o excesso e os requintados trajes dos criados. “O lar do primeiro-cônsul está cada vez mais assumindo a aparência de corte”, disse o embaixador prussiano. O conde sueco Armfelt decidiu que o “esplendor público grandioso” di icilmente icava atrás do de Versalhes. Por vezes, Napoleão estava tão con iante que se limitava a vestir a casaca da farda, espada, calções, meias e botas. Parecia ridículo no meio de todo aquele vestuário lustroso e rico, mas ninguém se atrevia a rir.

Ourives e joalheiros trabalhavam dia e noite para conseguir cumprir ordens. As agulhas dos costureiros requintados e os pincéis para dourar as carruagens trabalhavam horas a io. No inverno de 1801, mais de um milhão de metros de cetim e tule foram comprados para vestidos de baile e recepções. Napoleão encorajava danças e bailes de máscaras e restaurou a tradição dos bailes na Ópera. Era bom para o negócio, pois, como ele dizia, enquanto as pessoas dançavam não “metiam o nariz na política” .427

Apesar dos casos amorosos, Napoleão continuava fascinado pela esposa. “A superstição de Bonaparte com a mulher é extraordinária”, comentou um visitante britânico. “Quando veio de Saint-Cloud, apesar de estar muito doente, Jose ina veio com ele para lhe satisfazer os desejos, indo para a cama assim que chegaram às Tulherias”. 428 Ele dependia dela, mas em Saint-Cloud suas manias icavam cada vez mais severas.

Gritava com ela em público com a mesma liberdade com que antes a acariciara. Numa terrível ocasião, levou-a a inspecionar a propriedade que comprara. No caminho, Jose ina viu uma grande vala adiante. Já sofrendo de enxaquecas, implorou-lhe que a deixasse descer e atravessar a vala a pé. Napoleão vociferou para que não fosse tão infantil e chicoteou os cavalos para saltarem a vala o mais depressa possível. Os cavalos assim izeram, mas a carruagem estremeceu e quase se partiu ao meio. Jose ina começou a chorar histericamente, enquanto Napoleão a repreendia com violência por não confiar nele. Esses rompantes violentos tornavam-se cada vez mais comuns – mas eram sempre seguidos de uma ardente reconciliação sexual. Jose ina, muitas vezes, ainda estava zangada com a fúria dele, mas sabia que não podia rejeitá-lo.

Em Saint-Cloud, Napoleão e Jose ina dormiam juntos todas as noites, como era costume, permitindo-lhe ter poder para adivinhar suas ações e pensamentos. Depois fazia uma cena de ciúmes por causa da amante e Napoleão perdia a cabeça. “Estava decidido a não voltar à minha subjugação”, relembrou ele. 429 Instalou-se num quarto do outro lado do corredor, apesar de passar muitas noites na cama dela.

Embora Jose ina ainda não tivesse o título o icial, era a rainha de Saint-Cloud. Ela esperava presidir toda a vida social do palácio. Como disse uma de suas damas de companhia, “os eventos sociais são a tela onde ela

borda, os quais organiza e que lhe dão assunto de conversa” .430 Napoleão, que habitualmente mal conseguia aguentar conversas mundanas e intermináveis refeições nos banquetes e recepções, por vezes ausentava-se com a desculpa dos afazeres, deixando-a entretendo os convidados. Decidiu que todas as jovens da corte tinham de fazer a “Mesura de Versalhes”, curvando-se ligeiramente, e que tinham de fazê-la quando ele e Jose ina entrassem na sala em recepções formais. Em outras ocasiões, as damas teriam de se levantar quando Jose ina entrasse na sala e novamente quando ela saísse. Paulina e Carolina Bonaparte espumaram de raiva por terem de se levantar diante de Jose ina – que por vezes lhes lançava um sorriso enquanto lutuava sala dentro. A heroína revolucionária avançava para a posição de Maria Antonieta.

A própria Jose ina sentia-se bastante angustiada com a nova posição. Quando os embaixadores lhe foram apresentados, Napoleão ordenou-lhe que permanecesse sentada, à maneira das antigas rainhas da França. Jose ina não conseguiu: levantou-se para conhecê-los, estendendo a mão. “Sinto que não nasci, minha ilha, para tamanha grandeza e estaria mais feliz em retiro, rodeada daqueles que amo”, escreveu a Hortense. Sempre se sentira inquieta com a ambição desmesurada de Napoleão; agora estava verdadeiramente assustada. Em certa ocasião, testemunhada por

Bourrienne, ela surgiu com seu “jeito delicado e cativante” e sentou-se no joelho do marido, “acariciou-o e passou as pontas dos dedos suavemente pelo queixo dele e pelo cabelo”. Suas palavras saíram numa torrente carinhosa. “Bonaparte, imploro-te, não faças de ti mesmo rei. É aquele horroroso Lucien que mete estas ideias na sua cabeça. Por favor, oh, por favor, não o ouça.” Bonaparte riu das suas preces. “Não deves estar boa da cabeça, Josefina”, sorriu.

O convite mais prestigiado de todos era para um dos jantares semanais de Jose ina nos seus aposentos. Os convidados eram recebidos pelo primeiro-cônsul e a esposa, sentados em tronos. Jose ina não impressionou a todos – especialmente os britânicos. A escritora Mary Berry achou-a “com aparência distinta”, mas muito mais velha do que nos retratos. Outra pensava que ela era bastante vulgar. “Se a sorte não a tivesse elevado a um pináculo, não se repararia mais de um minuto nela. ”431 Seus dentes estavam – o que lhe dava grande desgosto – certamente num estado deplorável. Todos concordavam, no entanto, que o tato e a graça de Jose ina faziam maravilhas para amenizar a beleza que se desvanecia e o passado bastante humilde. “Sua noção de ter a palavra certa e a ação correta e sua irresistível atração convenciam-nos a todos de que ela tinha nascido para o papel que o destino lhe dera.” 432

O traje ocupava cada vez mais tempo do seu dia. Napoleão, agora certo

de que a forma de dominar era deslumbrando o povo com esplendor, disse-lhe que ela tinha de ser mais fantástica do que qualquer outra mulher presente. “Madame Bonaparte, que compreendia em alto nível a arte de bem vestir, dava o exemplo de grande elegância”, observou Laure d’Abrantès. 433 Comprou indumentárias espetaculares. Um vestido crepe cor-de-rosa muito celebrado estava inteiramente coberto com pétalas de rosa. Tributo ao seu amor por rosas, era divino, mas ela não podia sentar e mal conseguia se mexer. Outro delicado vestido era feito de penas de tucano, cada uma enfeitada com uma pérola. Ela adorava luvas luxuosas e comprava mais de mil pares por ano. 434 Quando queria um par novo, era-lhe trazido num tabuleiro de prata.

Napoleão desejava que a esposa aparentasse opulência, mas nem sempre compreendia o custo. Certa vez, Claire de Rémusat viu-o dar um sermão em Jose ina para que ela se apresentasse “deslumbrante, com as melhores joias e vestido”. Quando ela não respondeu, ele disparou: “Ouviste-me, Josefina?” “Sim”, respondeu ela docemente, “mas depois vais repreender-me ou mesmo fazer uma birra e recusas-te a pagar aquilo que compro.” Lançou-lhe um sorriso sedutor tão gentil, “o desejo de lhe agradar tão óbvio nos olhos brilhantes, que ele teria de ter um coração de pedra para resistir”. 435 Ela temia os momentos em que tinha de lhe apresentar as faturas. Ele resmungava que ela gastara excessivamente, que dava presentes demais e que não compreendia o valor do dinheiro.

Usava os gastos para atormentá-la, depois incentivava-a a gastar mais. Napoleão tentava passar a imagem de uma corte de virtude imaculada, mas nunca criticava Jose ina pelo seu passado. Quando descobriu que Talleyrand tinha uma amante, Catherine Grand, uma divorciada e anterior *demi-mondaine*, obrigou-o a casar-se com ela imediatamente, declarando que os corpos diplomáticos protestariam contra seu comportamento. Nas Tulherias, Napoleão criticou severamente Catherine diante de todos, dizendo que ela tinha de expiar a imoralidade comportando-se com dignidade. “A este respeito, como em todas as outras coisas, não posso fazer melhor do que seguir o modelo de Madame Bonaparte”, respondeu ela. Talleyrand icou ressentido por ter de se casar com ela: achava-a irritante, ela estava perdendo a beleza e sua família tinha uma opinião ruim sobre ela. Bonaparte, segundo pensava Madame de Rémusat, “teve um prazer maligno ao obrigar Talleyrand a se casar”. 436 Desse momento em diante, Talleyrand tornou-se um inimigo.

Os britânicos gostavam particularmente dos rumores excitantes e o escabroso caricaturista James Gillray adorava relembrar o passado dúbio de Jose ina. Desenhou-a dançando com Madame Tallien, nuas atrás de uma cortina vaporosa, com Barras apreciando o espetáculo enquanto bebia vinho e um minúsculo Napoleão espiando por trás. Barras, disse

Gillray, ofereceu a Napoleão a promoção se lhe tirasse Jose ina das mãos, apesar de ela ser “pequena e magrinha, com dentes ruins, como dentes de alho”. 437 O *progresso da imperatriz Jose ina* mostrava suas diferentes encarnações: prisioneira, imperatriz, amante de Barras e “peixe à solta” – ou senhora de moral inferior. 438 Mas poucos prestaram atenção. Só um visitante, lorde Morpeth, recusou que a esposa lhe fosse apresentada.

Napoleão, no entano, não via Jose ina como seu calcanhar de Aquiles; para ele, ela era apenas graciosidade e excelência, e esses tempos já tinham passado havia muito.

“O amor é uma paixão singular, que transforma os homens em bestas”, disse Napoleão. “Fico no cio como um cão.” 439 Apesar de estar icando gordo e de ter modos terríveis, assim que foi eleito cônsul vitalício descobriu que isso lhe dava mais oportunidades sexuais do que alguma vez imaginara. No outono de 1802, despediu Bourrienne, declarando-o culpado de corrupção inanceira. Tirou as chaves do antigo quarto do secretário e mandou encherem com lores frescas todos os dias. Atrizes, dançarinas e *demi-mondaines* esgueiravam-se para ser suas amantes. Sua capacidade de sedução ainda não tinha melhorado, pois sentava-se e olhava ixamente para quem queria até que corassem e cedessem, impressionadas com suas riquezas e seu poder. Mademoiselle Duchesnois, uma atriz da Comédie-Française, foi certa vez levada ao antigo quarto de Bourrienne pelo iel pajem de Napoleão, Constant. O

cônsul estava trabalhando até mais tarde no gabinete e quando Constant bateu à porta gritou: “Diz-lhe que espere!” Uma hora mais tarde, Constant voltou a bater e ele respondeu: “Diz-lhe que se dispa.” A atriz fez o que lhe mandaram e esperou despida. Constant bateu outra vez e Napoleão berrou: “Diz-lhe que vá para casa!” 440

Josefina sentia ciúmes profundos das muitas mulheres do marido. Seus inquéritos lacrimejantes só o deixavam mais zangado. “Assim que arranjava uma amante nova”, escreveu Claire de Rémusat, “Bonaparte icava rígido, violento, impiedoso com a esposa”. Contava-lhe os detalhes e gostava de mostrar uma “surpresa quase selvagem por ela não lhe dar os parabéns”. 441 Se ela chorasse e se queixasse, virava-se contra ela ferozmente.

Napoleão não conseguia compreender porque é que a mulher se preocupava tanto com os casos amorosos. “Está sempre com medo que eu me apaixone seriamente”, disse a Rémusat. “Então ela não sabe que não fui feito para o amor? Não está na minha natureza render-me a um sentimento tão avassalador. Por que é que se preocupa com estes namoros que não envolvem o meu afeto?” 442 Estava muito ocupado para se apaixonar, mas tinha tempo de sobra para seduções rápidas. A inal de contas, como disse com orgulho a uma amante, frequentemente conseguia resolver o assunto em três ou quatro minutos. Mas Jose ina, incapaz de lhe conceber um ilho e odiada pela família Bonaparte,

lembrava-se da intensa paixão por ela nos primeiros tempos e temia que ele se virasse para outra mulher. Napoleão salientava que seu comportamento no passado não lhe dava o direito de se queixar, mas ela continuava com ciúmes, censurando-o e chorando e pagando a espiões para lhe relatarem os casos dele.

Mademoiselle Duchesnois, como todas as outras, não durou muito tempo. Logo Napoleão icou extasiado pela sua arquirrival nos palcos de Paris, Marguerite-Josephine Weimar, ou Mademoiselle Georges, de 15 anos. A grande batalha entre as divas cativou Paris. Duchesnois era geralmente considerada melhor atriz, apesar de bastante básica. Georges não era muito boa na tragédia, mas linda. Para tentar bater a rival, ela arregaçou as mangas para conquistar o primeiro-cônsul. Um caso com Napoleão iria catapultá-la para o estrelato.

Mademoiselle Georges conheceu Jose ina e observou-a cuidadosamente, dizendo, “Era impossível não sucumbir perante aquele charme tão suave e misterioso”. 443 Percebendo sagazmente que a melhor maneira de capturar Napoleão era ser tão gentil como sua esposa, ingiu

um aspecto de inocência. Depois de cumprir a convocatória a Saint-Cloud, os lacaios a levaram para o piso de cima e a deixaram num quarto “com uma cama enorme e pesados cortinados de seda”. Napoleão chegou e ela desempenhou o papel de donzela virtuosa durante cerca de uma hora, antes de afirmar que não conseguia resistir ao charme dele.

Napoleão icou encantado com a amante adolescente. “Gosto muito do nome Jose ina, mas vou chamar-te Georgina, se me permitires.” 444 Com ela, Napoleão soltou sua criança interior, divertindo-se nas escadas e brincando de esconde-esconde atrás das cortinas. Paris inteira soube do caso. Quando Napoleão a visitou no teatro, Jose ina sentiu-se humilhada e desesperada. Certa noite, foram ver Mademoiselle Georges desempenhar o papel principal de Emilie em *Cinna*, uma peça escrita em 1639, uma das favoritas de Napoleão, pois exaltava o poder absoluto. O imperador romano Augusto tinha ordenado a morte do pai de Emilie. Ela implora a Cinna, que está apaixonado por ela, para matar Augusto. No ato inal, Augusto desa ia Cinna e Emilie tenta libertá-lo, dizendo que foi seduzido para que o fizesse.

Georgina estava pronta para o estrelato. No dramático ponto alto da peça, ela fez uma pausa e disse a frase: “Seduzi Cinna, seduzirei muitos mais”. O público ovacionou com deleite, saltou e virou-se para aplaudir Napoleão em seu camarote. Ele sorriu e in lou o peito. A humilhação de

Josefina foi terrível.

Certa noite, ela estava no Salão Amarelo com Claire de Rémusat, atormentando-se por saber que Napoleão estava no quarto de Bourrienne com Georgina. “Não aguento mais, Mademoiselle George deve estar lá em cima. Vou surpreendê-los.” Marchou escada acima com Claire seguindo-a. Elas quase chegaram lá – mas então pensaram ouvir a aterrorizadora guarda de Napoleão vindo em direção a elas. “Ele nos matará”, gritou Jose ina. Claire fugiu apavorada e Jose ina correu atrás dela. Quando chegaram à parte inferior das escadas, começaram a rir, e Jose ina percebeu que estava enganada achando que podia entrar no quarto em um rompante.445

Uma noite, algum tempo depois, Jose ina ouviu Georgina gritar de medo. Correu para o quarto de Bourrienne, juntamente com pajens e guardas, e se deparou com Napoleão tendo um ataque e Georgina tentando sair despida. Ela tremia de medo de que o cônsul tivesse morrido e que a culpassem. Jose ina icou parada, e viu com os próprios olhos as provas nos lençóis amarrotados: o marido conseguia ter paixão sexual com outras mulheres além dela.

Napoleão en iou 40 mil francos no vestido de Georgina e partiu em busca de uma substituta. Tentava as seduções irremediavelmente grosseiras com todas as jovens que via. Os homens achavam-no

naturalmente carismático e fascinante, mas ele deixava as mulheres frias. Mademoiselle George tinha usado a atenção que lhe dispensara para proveito próprio, mas muitas mulheres tinham de se submeter porque não tinham protetores. Napoleão usava-as para ter prazer.

Quando o general Junot e sua jovem esposa Laure icaram em Malmaison, Napoleão imediatamente mandou Junot embora. Conhecia a jovem de 18 anos desde que era criança e tinha se declarado à mãe, Madame Permond, antes de conhecer Josefina. No entanto, essas relações familiares não diminuíam seu vigor. Às 5 da manhã, entrou no quarto de Laure, sentou-se na cama e leu a correspondência matutina. Deu-lhe um beliscão e ela ingiu dormir. Ele saiu do quarto, e Laure implorou ao marido que desobedecesse às ordens, que permanecesse com ela naquela noite. No dia seguinte, ela trancou a porta e ouviu Napoleão tentando abri-la. Não se deixando dissuadir, ele partiu à procura de uma chave secreta. Entrou de rompante no quarto, preparado para o amor, mas encontrou Junot na cama com a mulher e explodiu de fúria.

Mesmo quando uma mulher era rejeitada, Jose ina sabia que não estava segura. Outra amante bonita, adorável e mais jovem substituiria a anterior. Sabia que Napoleão adorava a forma como ela presidia sobre a corte com graciosidade e diplomacia, e que sua presença apaziguava monarquistas e aristocratas. Mas deixaria de ser o talismã da sorte se

uma das amantes engravidasse.

“A ambição nunca está satisfeita, mesmo no auge da grandeza”, declarou Napoleão. A harmonia com a Grã-Bretanha era frágil. Napoleão enviara tropas francesas para a Holanda, o que violava o tratado com os britânicos. De sua parte, estava cada vez mais furioso devido aos desejos expansionistas dos britânicos e a seus jornais irreverentes. Dia após dia, encarava as caricaturas de Jose ina nua, as piadas de que Hortense era sua amante e as imagens de si mesmo como pigmeu com um nariz gigante. Lorde Whitworth, o embaixador britânico, explicou calmamente a Napoleão que a imprensa britânica ridicularizava todas as pessoas, mas que a constituição não permitia que fossem silenciados – o que não era inteiramente verdade, uma vez que os jornais eram impedidos de expressar opiniões pró-francesas.

Napoleão detestava Whitworth e icava intimamente aborrecido com sua impressionante altura de um 1,83 metro. Exigiu que os britânicos desistissem de Malta, e Whitworth respondeu que o governo esperava que o cônsul desistisse das políticas agressivas de invasão. Em março de 1803, Napoleão perdeu a cabeça e se enfureceu com o embaixador em público, com insultos tão terríveis que Whitworth se recusou a repeti-los nas cartas. “A Inglaterra quer guerra”, rugiu o cônsul para os embaixadores da Rússia e da Espanha. Em dois meses, Whitworth tinha

partido, com os turistas fugindo em seguida. Os britânicos tomaram todos os navios mercantes franceses e holandeses próximos de sua costa. Em 18 de maio, a Grã-Bretanha declarou mais uma vez guerra à França, com a desculpa de que o país se intrometera nas políticas internas da Suíça e enviara tropas ao país. Quatro dias depois, Napoleão declarou que todos os homens britânicos na França com idades entre 18 e 60 anos deviam "ser considerados imediatamente prisioneiros de guerra", um ato de prisão de civis que ultrajou a opinião internacional.446

O que se passava era simples: Napoleão queria estar outra vez em guerra com a Grã-Bretanha. Talleyrand icou furioso com a quebra da Paz de Amiens, con irmando as suspeitas de que Napoleão só estava feliz quando mandava os súditos para a guerra. Como disse Madame de Staël, "a inquietude natural do seu caráter, independentemente da necessidade de dominar, é tal que ele não se contenta com meros 30 milhões de almas para governar e fazer felizes" .447

Havia um barril de pólvora, e Napoleão o incendiou. "Dentro de três dias, se tivermos circunstâncias favoráveis e tempo enevoado, posso ser senhor de Londres, do Parlamento e do banco", vangloriou-se. A paz não combinava com ele; havia um limite de tempo para aguentar ver senhoras fazendo reverências. Em junho, estava exultante, atarefado às voltas com os recém-criados acampamentos para as suas forças e falando

de apontar nas costas britânicas. Tinha visto os jornais debocharem de Lorde Nelson por seu fascínio com Emma Hamilton e pensava que o velho inimigo perdera o desejo de sangue. “Vou levar-te a Londres”, gabou-se para Jose ina. “Quero que a esposa do César moderno seja coroada em Westminster.”

Enquanto inspecionava os barcos, Jose ina escreveu-lhe uma carta emocionada.

“Toda a minha tristeza desapareceu ao ler tua sentida carta e as expressões dos teus sentimentos por mim. Estou muito grata por teres tirado tempo para escrever à tua Jose ina.

Não podes imaginar a alegria que deste à mulher que te ama [. .] Manterei sempre a tua carta junto do coração. Vai consolar-me na tua ausência e guiar-me quando estiver perto de ti, pois quero estar sempre aos teus olhos como tu queres que eu seja, a tua doce e terna Jose ina, a minha vida devota só à tua felicidade.

Quando estás feliz, ou triste por um momento, que recaia sobre o meu peito a alegria ou a tristeza que emanas; que não tenhas nenhum sentimento que eu não partilhe. Todos os meus desejos se resumem a agradar-te e a fazer-te feliz [. .] *Adieu*, Bonaparte, nunca vou esquecer a última frase da tua carta. Tenho-a encerrada no meu coração. Quão profundamente lá está enraizada e com que êxtase o meu próprio lhe responde! Sim, oh, sim, esse também é o meu desejo – agradar-te e amar-te – ou melhor, adorar-te.” [448]

Jose ina temia as aventuras de Napoleão no exterior. Se morresse, icaria completamente desprotegida, pois já não havia Barras para pedir ajuda. Felizmente para ela, Napoleão mudou de ideia sobre a invasão quando as informações recolhidas sugeriram que precisaria dos seus exércitos para esmagar a rebelião no seu império e lutar contra a

Áustria. Além disso, mesmo que não o admitisse, sua capacidade naval não se equiparava à dos britânicos. A situação de guerra tinha-se alterado para um jogo de espera e estagnação.

Em 14 de junho, Jose ina partiu com Napoleão para uma excursão real de um mês, viajando pelo noroeste da França e dos Países Baixos. Foi exaltada por multidões extasiadas, que tinham saído à rua para vê-los. Durante um mês, Jose ina organizou recepções e, pela primeira vez, usava as joias da Coroa francesa. Tinham dado a Napoleão um par de cisnes em Picardy, um presente que há muito tempo era atribuído apenas aos reis. Enviou-os de volta a Paris e deixou-os nadar no lago das Tulherias.

Contudo, Napoleão icava cada vez mais paranoico. Em 1804, um líder rebelde de Vendeia foi preso e confessou aos captores que ele e os coconspiradores tramavam o homicídio do primeiro-cônsul e só estavam à espera de um príncipe de sangue real que os liderasse. O governo precisava de um bode expiatório e decidiu-se pelo duque d'Enghien, de 32 anos, sobrinho de Luís XVI e comandante do Exército do príncipe de Condé, que tentara apoiar a invasão do duque de Brunswick à França. Enghien residia no imparcial grão-ducado de Baden. Napoleão mandou os dragões atravessarem o Reno e detê-lo em casa. Foi encarcerado no Castelo de Vincennes, perto de Paris – os criados já cavavam sua

sepultura perto da masmorra.

As notícias se espalharam rapidamente pela corte e Jose ina icou horrorizada. Ela e o marido estavam em Malmaison na época. Ela correu escadas abaixo e encontrou-o serenamente jogando xadrez. Com sua comiseração monarquista evidente, ajoelhou-se ao pé de Napoleão e implorou-lhe que não executasse o homem. Os apelos foram em vão. “Repeliu as minhas súplicas tão rudemente!”, lembrou. “Agarrei-me a ele! Atirei-me aos seus pés!” “Mete-te nos assuntos que te dizem respeito!”, exclamou ele, furioso. “Isto não é assunto de mulheres! Deixa-me!” Empurrou-a com uma violência que ela não via desde o tempo em que a acusara de ter um caso com Hippolyte, ao retornar do Egito. 449 Mais tarde, ela tentou novamente, e ele foi ainda mais duro. “Vai-te embora, não passas de uma criança, não sabes nada de política.” Nessa noite, Jose ina não conseguiu ingir que estava alegre e Madame de Rémusat, sua dama de companhia, estava pálida. Napoleão exigiu saber por que ela não tinha *rouge* e ela respondeu que não o tinha posto. “Isso não pode acontecer à minha Jose ina”, pronunciou publicamente. “Ela sabe que não há nada que ique melhor a uma mulher do que *rouge* – e lágrimas.” 450 Mais tarde, começou brutalmente a acariciar Jose ina. Perturbada, mas sabendo que não podia resistir, permitiu que ele passasse a noite em seu quarto.

Naquele momento, a Napoleão pouco importava se o impassível duque era culpado ou não. Estava convencido de que não havia nada como uma tentativa de assassinato para fechar ainda mais irmemente o punho sobre o povo e reunir mais poder.

O cônsul foi implacável. O duque foi condenado à morte, sem qualquer julgamento apropriado. Menos de uma semana depois de ter sido detido, em 21 de março às 2 e meia da manhã, Enghien foi levado para o pátio e executado. Ficou no escuro, com o iel cão ainda ao seu lado. Segurando uma lanterna perto do coração para guiar os disparos, não gritou. Recusou o lenço para cobrir os olhos, dizendo: “São franceses, pelo menos vão me fazer o favor de não falhar a pontaria”. Sua dignidade e coragem maravilharam os fuzileiros. Foi-lhe dito que podiam icar com as

roupas e o dinheiro dele, mas recusaram.

As notícias pela Europa espalharam-se como um incêndio fora de controle. Napoleão tinha entrado num Estado neutro e executado um homem sem um julgamento legal. O assassinato gratuito de um membro da realeza não só era uma terrível lembrança da sangrenta Revolução e do Terror, como muitos ainda acreditavam que os membros da realeza tinham sido especialmente tocados por Deus. Jose ina chorou quando soube e se esforçou para controlar os sentimentos. “Sou uma mulher, sabem, e confesso que posso chorar”, repetia inúmeras vezes. Consolou a si mesma a irmando que o marido não era “naturalmente cruel, são os conselheiros dele e os bajuladores que o levaram a cometer tantas ações vis” .451

Napoleão, deliciado com o sucesso, ordenou a Talleyrand que organizasse um baile para celebrar. “O duque d’Enghien era um conspirador como qualquer outro e teve de ser tratado como tal”, declarou. “Estas pessoas querem lançar a França na confusão e destruir a Revolução, destruindo-me.” Aliar-se à Revolução era absurdo, mas ele continuou. “Eu sou o homem do Estado. Eu sou a Revolução Francesa. Digo-o e farei com que assim seja.” 452

Os cortesãos esforçaram-se por celebrar, e os visitantes estrangeiros,

educados, olharam-no pasmos e balançaram as cabeças diante daquele horror. 453 Apenas uma semana depois da morte do duque, Napoleão foi ao teatro. O normal era ir rapidamente para o camarote antes de a carruagem de Jose ina chegar. Desta vez, precisava de sua popularidade. Pálido e ansioso, entrou com ela, que olhava à frente, sorrindo como se nada se tivesse acontecido. Teve sorte – desta vez. As pessoas no teatro soltaram gritos e saudações.

Para os parisienses, que tinham lido os falsos relatos dos jornais que pintavam Enghien como conspirador, Napoleão tinha provado excelência e força uma vez mais. 454 “Silenciei para sempre tanto os monarquistas como os jacobinos”, gabou-se.

Os jacobinos icaram maravilhados; estavam agora convencidos de que ele nunca colocaria um Bourbon no trono. Os monarquistas, chocados com suas ações, perceberam que o tinham subestimado. Mas era tarde demais. Três semanas após aquela terrível noite em que as balas tinham atingido Enghien, o Senado se reuniu e declarou devidamente que o cônsul vitalício era agora o imperador. Jose ina era, de fato, como tinha sugerido a vidente da Martinica, “maior do que uma rainha”.

415 Bruce, *Napoleon and Josephine*, p. 64.

416 Hortense, *Mémoires*, 1, p. 55.

417 Hortense, *Mémoires*, 1, p. 73.

418 Bourrienne, *Mémoires*, II, p. 145.

419 Anonymous, *Paris et ses modes ou les soirées parisiennes*, Paris, 1803, p. 19.

420 Bertrand, *Cahiers*, p. 45.

421 Charles James Fox, *Memoirs of the Latter Years of the Right Honourable Charles James Fox*, pp.

188-285.

422 Edmund Eyre, *Observations Made at Paris during the Peace*, Londres, 1803, p. 54.

423 Yorke, *Letters from France*.

424 Josefina, *Correspondance*, p. 138.

425 Josefina a Mme. La Pagerie, 1803, BN, 9324, Arquivo Nacional, Paris.

426 Rémusat, *Mémoires*, I, p. 50.

427 Bourrienne, *Mémoires*, I, p. 630.

428 Bertie Greatheed, *An Englishman in Paris*.

429 Bertrand, *Cahiers*, IV, p. 65.

430 Fojambe, p. 209.

431 Bruce, *Napoleon and Josephine*, p. 335.

432 Ducrest, I, p. 277.

433 Duchesse d'Abrantès, citada *in* Ludmila Kybalová, Olga Herbenová e Milena Lamarová, *The Pictorial Encyclopaedia of Fashion*, trad. Claudia Rosoux, Londres, Paul Hamlyn, 1968, p. 227.

434 Du Bled, p. 272.

435 Rémusat, *Mémoires*, I, p. 344.

436 Rémusat, *Mémoires*, I, p. 137.

437 James Gillray, *Ci-Devant Occupations*, 1805.

438 Thomas Rowlandson, *The Progress of the Empress Josephine*, 1808.

439 Bertrand, *Cahiers*, p. 65.

440 Constant, *Mémoires*.

441 Rémusat, *Mémoires*, II, p. 231.

442 Rémusat, *Mémoires*, I, p. 142.

443 Marguerite Joséphine Weimer, chamada Mlle. George, *Mémoires inédits de Mademoiselle George*, p. 29

444 Edith Saunders, *Napoleon and Mademoiselle George*, p. 55.

445 Rémusat, *Mémoires*, II, p. 321.

446 Alguns destes prisioneiros ficaram em cativeiro até Napoleão abdicar, em 1814.

447 Madame de Staël, *Dix Années d'exil*, p. 94.

448 Masson, *Madame Bonaparte*, p. 65.

449 Bourrienne, *Mémoires*, II, p. 145.

450 Rémusat, *Mémoires*, I, p. 191.

451 Bourrienne, *Mémoires*, II, p. 150.

452 Rémusat, *Mémoires*, I, 2087.

453 Ducrest, *Mémoires*, 1, p. 59.

454 Ver *Documens particuliers (en forme de lettres) sur Napoléon Bonaparte, sur plusieurs de ses actes jusqu ici inconnus ou mal interprétés*, Paris, 1819, p. 106.

15

“VOSSA MAJESTADE IMPERIAL”

OImpério de Napoleão foi proclamado em 18 de maio de 1804, ao som de uma salva de 21 tiros de canhão. Ele era a única pessoa à vontade ao receber os senadores, ao passo que estes hesitavam entre “cidadão cônsul” e “cidadão imperador”. Jose ina tremeu visivelmente quando foi proclamada “Vossa Majestade Imperial”. Era agora a imperatriz da França. Certamente já não poderia ser derrubada por uma atriz qualquer.

Madame de Staël icou chocada. “Como um homem que se destacou acima de qualquer trono, desceu voluntariamente e tomou seu lugar entre os reis!” Os defensores de Napoleão, especialmente os trabalhadores que aclamavam suas vitórias militares, achavam que ele era incapaz de cometer erros. Os liberais, que tinham ilusões de ele ser um herdeiro da Revolução, icaram escandalizados. Mas a maioria dos franceses estava cansada de derramamento de sangue, com medo da ameaça britânica e desesperada por segurança. Napoleão, um governante forte que não admitiria qualquer oposição, parecia ser a única opção.

Ele escolheu imperador como título. Rei era impossível, mas imperador, sentiu ele, recordaria os franceses da grandeza de Carlos

Magno, sacro-imperador romano. Contudo, ao contrário de Carlos Magno, ele não viajaria para Roma para ser coroado. O papa Pio VII teria de se deslocar a Paris. Napoleão recusou escutar os protestos de repugnância do seu Conselho de Estado, cujos membros eram em grande parte anticlericais, a propósito do âmbito religioso da cerimônia de coroação. O novo imperador assegurou-lhes de que suas motivações não por vaidade, mas para assegurar a grandeza da França ao instilar orgulho nas pessoas e ao se colocar em pé de igualdade com todos os monarcas da Europa.

O papa Pio VII, de 62 anos, estava relutante em se deslocar, pois tinha icado bastante incomodado com o tratamento dispensado por Napoleão ao duque d'Enghien. O cardeal Joseph Fesch foi enviado para persuadi-lo. Fesch argumentou, lisonjeou, ofereceu presentes − e deu um vigoroso lembrete da força militar de Napoleão. Pio VII cedeu e concordou ir a Paris. Como agradecimento, Napoleão deu a Fesch um lugar no Senado francês, a posição de grande capelão do império e o grande cordão da Legião de Honra.

Napoleão era o governante do império, mas sua família se mostrava tão indisciplinada como antes. Na mesma tarde em que foi proclamado imperador, jantou com eles, que não izeram mais do que atacá-lo por não tratá-los bem. Ele decretou que seu herdeiro seria José, seguido

pelos descendentes masculinos, e depois Luís, seguido pelos descendentes. Jérôme e Lucien, decretou, deveriam ser excluídos da sucessão, uma vez que desaprovava seus casamentos. A mulher de Lucien, a irmã analfabeta de um estalajadeiro, di icilmente era mulher para ser alçada à magní ica sucessão de Napoleão. José e Luís receberam cada um o título de príncipe do Império, um milhão de francos por ano, e mais um terço de milhão de francos por ano para cobrir despesas. As mulheres seriam princesas − mas isto foi demais para Elisa e Carolina, que icariam sem títulos. As irmãs gritaram e resmungaram enquanto acusavam o irmão de condená-las à "obscuridade e [ao] desprezo". 455 Napoleão gabou-se de ser imperador e poder atribuir honras como bem entendesse. Letizia
icou incandescente porque seu título seria
simplesmente "Senhora Mãe de Sua Majestade o Imperador", e não "A Mãe Imperial", e declarou que não apareceria na coroação.
Napoleão cedeu e permitiu que as irmãs usassem o título de Alteza Imperial. Elas seriam princesas, ainda que os maridos se mantivessem plebeus. Paulina tinha os mesmos privilégios, mas icou desdenhosa. Como assinalou, ela era já uma princesa real, dado que era casada com o príncipe Borghese. Lucien icou tão furioso por ser excluído da linha sucessória que saiu abruptamente para Roma. A família Bonaparte

estava unida num ponto: desejavam que Jose ina não se tornasse imperatriz. A simples ideia de que teriam de fazer reverências e cortesias à vadia da Martinica era insuportável. O ódio da família mergulhou Hortense em ainda mais sofrimento; seu marido e a família dele nunca se refrearam de lhe atacar a mãe e listar os pecados dela. Napoleão esperava de Jose ina que assumisse o papel da mais esplêndida imperatriz. Os velhos tempos de reuniões informais e conversas com o público tinham terminado. “Ela é uma boa mulher, simpática”, disse Napoleão ao ministro do Interior. “Seu progresso e sua conduta terão de lhe ser ditados.” Ela tinha então 14 damas de companhia, joias em abundância e uma casa gigantesca. A maior parte das damas provinham da antiga aristocracia e, quando viravam as costas, queixavam-se por servir a “Madame Bonaparte”. Uma das novas damas era Elisabeth de Vaudey, uma bonita loura de 31 anos com uma bela voz de cantora e uma paixão pela intriga. Gostava de Jose ina, mas julgava desdenhosamente que “a necessidade de abrir o coração, de repetir tudo o que se passa entre si mesma e o imperador, lhe retira muita da con iança de Napoleão”. “Jose ina é como uma criança de dez anos na generosidade, na frivolidade e nas emoções voláteis, ela pode chorar e ser confortada em minutos.” Elisabeth pensava que ela era “ignorante como a maior parte dos crioulos”, mas que tinha adquirido “modos

graciosos” e sagacidade, ainda que admitisse que ela era “perfeitamente gentil e amável; é impossível não se gostar dela”. 456 Jose ina cometeu um erro ao contar seus segredos a Elisabeth, pois tudo o que dizia acabava por chegar aos ouvidos do imperador.

Em julho, esperava-se que Napoleão viajasse para a costa a im de inspecionar as bases navais para outra invasão da Grã-Bretanha.

Jose ina, talvez numa tentativa de última hora de engravidar, viajou para banhar-se nas águas termais de Aix-la-Chapelle, lugar do enterro de Carlos Magno. As viagens para Plombières, comendo espinafres embebidos em azeite para lamparinas durante o caminho, faziam parte do passado. Napoleão ditou aos ministros que estabelecessem uma diretiva de 24 páginas sobre o progresso triunfal da imperatriz, a natureza do seu séquito e que presentes ela deveria oferecer.

Enquanto Madame de La Rochefoucauld e Jose ina instruíam o empacotamento de seus vestidos, todos os presidentes de câmara e lojistas ao longo do caminho preparavam salvas de tiros, ensaiando bandas para tocar fanfarras à sua chegada, e penduravam iluminações nas ruas de suas cidades. Jose ina chegava em toda a magni icência imperial (se bem que nem sempre pontualmente). Levou quatro das damas, duas criadas de quarto, duas camareiras, um guarda-livros, um mestre de equitação, dois porteiros, dez lacaios, cocheiros e uma equipe

de cozinheiros. Pelo menos 70 cavalos acompanhavam sua carruagem. Era grandeza em todo o caminho, e ela era saudada com “entusiasmo que irrompia com a visão da imperatriz nas cidades por onde ela passava”, nas palavras de Mademoiselle Avrillon.[457]

Enquanto inspecionava as tropas, Napoleão icou muito contente por receber excelentes notícias de Jose ina. No túmulo de Carlos Magno, ela foi presenteada com uma relíquia de osso enegrecido que se dizia ser do próprio sacro-imperador romano. Ela recusou-a educadamente, a irmando ter “para o próprio apoio um braço tão forte como o de Carlos Magno”. “Ainda sois essencial à minha felicidade”, escreveu-lhe Napoleão. Para alegria de Josefina, anunciou em seguida que a encontraria em Aix e a acompanharia numa visita ao longo do Reno. “Mal posso esperar para vos ver e cobrir com beijos. A vida de solteiro é uma vida horrível e sinto falta da minha boa, terna e bonita mulher.” [458] Quis também ver Elisabeth de Vaudey. À medida que o grupo avançava pelas cidades do Reno, Napoleão e Elisabeth iniciaram um romance. Como sempre, um novo romance signi icava que ele icava ainda mais irritado com a esposa. Certa ocasião, arrastou-a da cama no meio da noite, exigindo que se vestisse e fosse imediatamente icar com ele, como se dormir fosse um ato de negligência.

Tal como rainhas e princesas ao longo da História, Jose ina escolheu

damas de companhia bonitas, graciosas e bem-sucedidas, apenas para se deparar com o marido tentando seduzi-las. “Todas as liberdades que ele toma o deixam feliz como uma vitória”, observou Madame de Rémusat. 459 Infelizmente para a imperatriz, a amiga de longa data Juliette Récamier, que durante muito tempo tinha sido capaz de resistir às investidas de Napoleão, recusou o papel de dama de companhia (Napoleão veio mais tarde a exilá-la). Outra que Napoleão escolheu foi a loura de 20 anos, Anna Roche de La Coste, cuja principal obrigação era ler para Jose ina no seu quarto. Ela cedeu a Napoleão, mas recusou abandonar o amante, seu camareiro, Theodore de Thiard. O imperador lagrou-os juntos na cama (sem dúvida avisado por Fouché) e despachou Thiard para o Vaticano. Sua consideração foi ferida pelo desinteresse de Anna e, diante de toda a corte, ofereceu-lhe um dispendioso anel, além de ter exigido que Jose ina a levasse consigo a uma recepção o icial. Por sorte, Anna logo deixou de estar nas boas graças de Napoleão, e ele divertiu-se atormentando Thiard, mandando-o em missões cada vez mais impossíveis.

Quando Napoleão e Jose ina retornaram a Paris, ele começou a se encontrar com Adèle Duchâtel, uma bela cortesã de cabelos dourados na posse de um marido mais velho e complacente. Jose ina foi levada ao auge do desespero perante essa relação. Um dia, em Saint-Cloud, viu Adèle abandonar a sala sorrateiramente e convenceu-se de que a rival se

encontraria com Napoleão. Madame de Rémusat procurou dissuadi-la, mas Jose ina estava determinada a descobrir o que se passava. Disparou escada acima para o quarto de Napoleão, escutou à porta e ouviu as vozes de Adèle e do próprio marido. Bateu e implorou que a deixassem entrar. Depois entrou em um rompante, correu para a cama e começou a reprimir o marido. Adèle começou a chorar e Napoleão se in lamou de fúria, conforme ela contou à Madame de Rémusat, “Bonaparte caiu numa paixão tão violenta que quase não tive tempo para esgueirar-me e escapar de sua raiva. Ainda tremo ao pensar nisso.” 460 Adèle fugiu e Jose ina correu para seus aposentos, mas ele foi atrás, gritando tão alto que todo o palácio pôde ouvir. Insultou-a de todas as maneiras e partiu-lhe a mobília. Gritando que ela agora estava além da redenção e que se cansara, ordenou-lhe que abandonasse imediatamente o palácio. Rugiu que estava cansado de sua espionagem e que era tempo de pensar em seu legado, “que exige de mim que eu tome uma mulher capaz de gerar filhos” .461

Finalmente confrontada com o divórcio, Jose ina implorou a Hortense que tentasse persuadir Napoleão, mas ela se negou. “Não posso. Luís proibiu que o izesse. Minha mãe apenas perderá uma coroa e há mulheres bem mais infelizes do que ela.” 462 A pobre Hortense sabia por experiência que o imperador era in lexível. “Além disso, a única esperança repousa na in luência que ela exerce sobre Napoleão por

força de sua natureza doce e gentil e de suas lágrimas.” Nessa noite, ele mandou chamar Eugène e disse-lhe que se divorciaria da sua mãe.

Eugène ouviu as notícias com dignidade. Em vez de implorar ao padrasto que mudasse de ideia, disse a ele que era seu dever acompanhar a mãe, mesmo que ela desejasse voltar à Martinica.

Jose ina chorou e pediu perdão a Napoleão. Finalmente, ele cedeu e levou-a de volta à cama − em parte por estar muito irritado com o fato de a família se deliciar com as notícias da discussão. Mas ele ainda pensava no divórcio. Como um covarde, esperava que ela decidisse ir embora. Como lhe disse, “Sinto que jamais terei a força necessária para vos fazer abandonar-me. Digo-vos abertamente, contudo, que é meu vivo desejo que vos resigneis aos interesses da minha política e vós mesma me poupeis a todas as di iculdades desta dolorosa separação.” 463 Josefina, con iando apenas em suas capacidades, planejou uma estratégia brilhante: abaixou a cabeça em submissão e disse que iria embora no instante em que recebesse uma “ordem direta de Napoleão para descer do trono”. 464 Ele não podia suportar ter de pedir-lhe e, por conseguinte, a questão permaneceu sem solução.

Jose ina, que tinha aprendido a lição da sua fúria e ciúme, assumia agora o papel da mais dócil e obediente das esposas. Claire de Rémusat observou como a “completa submissão e a atitude de vítima indefesa” lançaram Napoleão numa incerteza nervosa. Sua mulher tinha ciúmes,

era muito velha para ter ilhos e tinha-lhe sido in iel. Mas tinha permanecido ao seu lado, se casado com ele quando poucas mulheres sequer lhe dirigiriam a palavra e, talvez o mais importante, preocupava-se com ele mais do que com seu poder. Depois do Egito, ele declarou ter lhe perdoado devido ao amor por Eugène e Hortense. Da mesma forma, em 1804, confessou gostar muito dos enteados (os quais, disse ele, nunca lhe pediram nada) e julgava dever a Jose ina amabilidade pelo bem deles. “Minha esposa é uma boa mulher que nunca faz mal a ninguém”, suspirou. Dependia dela e duvidava de que qualquer princesa estrangeira o pudesse deixar tão contente. Quando o ministro Pierre Louis Roederer lhe perguntou o que planejava fazer, Napoleão icou confuso. “É justo que ela seja imperatriz. Se eu tivesse sido jogado na prisão em vez de subir a um trono, ela teria partilhado meu infortúnio. Ela deve também partilhar da minha grandeza”, a irmou. “Ela será coroada nem que isso me custe 200 mil homens!” 465 Mas ele não se comprometeu com qualquer decisão permanente.

Enquanto Jose ina esperava e se controlava para não perder a cabeça, os planos para a coroação avançavam. Napoleão supervisionava todos os aspectos da cerimônia em Notre-Dame. Para dar livre acesso à sua procissão até a catedral, ordenou a demolição de algumas casas circundantes. Instruiu Percier e Fontaine, além de Jacques-Louis David,

que cobrissem o exterior de Notre-Dame com tábuas a im de esconder o desagradável estilo gótico. O interior se assemelharia menos a uma catedral e mais a um baile temático nas Tulherias. Operários ergueram gigantescas tábuas pintadas, penduraram lustres no teto, decoraram o chão com tapeçarias e carpetes, e envolveram as paredes em veludo. David e Isabey receberam instruções para desenhar os trajes dos homens, e escolheram o estilo renascentista de Francisco I da França. Pretendiam evocar uma era mais heroica, mas as golas e os babados não favoreciam o atarracado Napoleão, nem muito de sua corpulenta corte.

A grande questão era se Jose ina seria coroada. José disse repetidamente a Napoleão que seria melhor para todos os envolvidos se ela tomasse lugar nos bancos e simplesmente observasse a cerimônia. Nas Tulherias havia uma maquete de Notre-Dame, ocupada por várias centenas de bonecos de papel que representavam todos os dignitários que participariam da cerimônia. Isabey tinha criado a maquete, em vez de desenhar a série de acontecimentos. O boneco do imperador era púrpura e ocupava o lugar central. Mas a boneca de Jose ina não tinha assento o icial − era movida por todo o lado e por vezes deixada ao lado da maquete da catedral.

Napoleão decidiu que o ícone do seu reinado seria a águia dos césares, a ave do poder e da vitória. Buscando algo mais memorável que

superasse a lor-de-lis, escolheu a abelha para evocar Childerico, o rei dos francos do século V. Quando o túmulo de Childerico fora encontrado por um pedreiro em 1653, estava cheio de objetos preciosos e mais de 300 abelhas douradas. Napoleão sentiu que a abelha − símbolo da ressurreição, da imortalidade e da autoridade régia − era outro ícone ideal para seu reinado. Os fabricantes de tecidos e carpetes começaram imediatamente a bordar abelhas em todas as peças que conseguiram. Ele encomendou a Fontaine o desenho de uma carruagem imperial coberta de estrelas, folhas de louro e abelhas, e portando uma águia e a coroa de Carlos Magno no topo. As abelhas pairavam em cortinados, tapetes, objetos nas paredes, livros e mobílias nas Tulherias, nas o icinas dos costureiros e joalheiros, e por todo o lado nos apartamentos da sempre leal Jose ina. Ela escolheu o símbolo do cisne, gracioso à super ície, mas lutando debaixo da água.

Os rumores indicavam que Jose ina não precisaria de um vestido especialmente bonito para a coroação. A celebração estava a apenas algumas semanas de distância e sua posição ainda não tinha sido decidida. Sua boneca de papel não tinha lugar na maquete de Notre-Dame. À medida que as semanas avançavam e Napoleão namorava suas amantes, os cortesãos começaram a ser abertamente malcriados com Jose ina. Todos ainda riam pelas costas da humilhação de Jose ina por

causa de Adèle Duchâtel. Os Bonaparte a ignoraram e se recusaram a levantar quando ela entrava na sala. Foram imprudentes. Numa noite, em novembro, frustrado com a família exigente e seu prazer com a queda de Jose ina, Napoleão inalmente se decidiu. Enquanto a via murchar diante de suas crueldades, saltou diante de todos e dirigiu-se à esposa, tomou-a nos braços e afagou-a como a uma criança. “O papa estará aqui no inal do mês”, disse. “Irá coroar-nos aos dois. Começai a preparar-vos para a cerimônia.” Josefina lançou-se aos pés de Napoleão. Agora ela teria de implorar um favor ao costureiro. Napoleão sabia exatamente como queria que ela aparecesse e ela tinha menos de cinco semanas para aperfeiçoar o traje. Envergaria um vestido branco envolto em tule dourado e bordado com abelhas douradas, e haveria uma cauda de quase 25 metros de veludo vermelho, adornada com ainda mais abelhas e bordada em arminho. Os aposentos de Jose ina tornaram-se um turbilhão de grandes artistas, todos consultando-a sobre o desenho para seu traje e para os de suas damas. Especulou-se sobre ressuscitar o velho aro de Maria Antonieta, mas Jose ina recusou, sugerindo uma gola de tule − o que correspondia perfeitamente ao desejo de Napoleão de um ar renascentista na coroação (ainda que alguns se preocupassem por evocar a terrível Catarina de Médici).

Todos os costureiros de Paris trabalharam noite e dia, o io de ouro

escasseava e os bordadores mais requintados − que tinham saído de moda com a República − podiam fazer o preço que quisessem. “Parece quase um sonho ou uma história d’ *As Mil e Uma Noites* quando recordo o luxo que foi exibido nesse período”, lembrou Madame de Rémusat. 466 A população da cidade pareceu dobrar, as pessoas pintavam as casas, os bailarinos na Ópera aprendiam novas coreogra ias e os garotos de entrega corriam por toda a cidade com comida e bebida para recepções. Notre-Dame era uma colmeia de atividade, tão recoberta de brocados que um visitante julgou que o próprio Deus lá se perderia. Carretas de mobílias, panos, joias, cristais e porcelanas re inadas chegavam todos os dias. A “alegria, antecipação e celebração em Paris era nessa altura inimaginável”, notou Jose ina. 467 Os agiotas izeram os melhores negócios. Cada dama de companhia recebeu 10 mil francos para compensar as despesas e vestidos, mas todas gastaram muito mais, até 4 vezes esse valor − uma gigantesca soma quando o salário médio era de cerca de 700 francos por ano.

Nem todos se deixaram arrebatar. A família Bonaparte começou imediatamente o contra-ataque. A última rainha da França a ser coroada tinha sido Maria de Médici, em 1610 − e o marido tinha sido assassinado no dia seguinte. Será que Napoleão queria que lhe acontecesse o mesmo? Ele tentou ignorar as insinuações. Carolina, Elisa e Paulina ouviram-no a irmar taxativamente que esperava que carregassem a maravilhosa

cauda de arminho e veludo de Jose ina, junto com Hortense e Julie, esposa de José. As irmãs praticamente desmaiaram e José vociferou que a esposa, como mulher virtuosa, não poderia carregar a cauda de Jose ina. Queixou-se que até quando Maria de Médici tinha sido coroada, uma parente afastada tinha carregado sua cauda, “não a própria irmã do rei”. Carolina encabeçou uma histérica crise de choro, tentando assediar Napoleão com pedidos até ele mudar de ideia. Por fim, depois de seis dias de queixas constantes, ele cedeu e disse às irmãs que teriam simplesmente de segurar o manto durante a cerimônia. Cada uma teria um camareiro para segurar a própria cauda. “Só minha família consegue ter em mim tal in luência”, desabafou Napoleão, o aterrorizador governante do Império Francês derrubado pelas irmãs contrariadas, “perdi o sono por causa disto” 468. Mas ainda que as irmãs tivessem escapado à humilhação pública de desempenhar o papel de damas de honra de Jose ina, tinham perdido a batalha principal. Odiavam “a Beauharnais”, e a detestada *la vieille* seria coroada imperatriz aos olhos do mundo.

O comportamento dócil e amável de Jose ina tinha, como previra Hortense, conquistado Napoleão. Mas ela não icou satisfeita. Pretendia a bênção religiosa que Napoleão lhe negara.

Depois da exaustiva viagem de Roma, o papa Pio VII, idoso e doente, chegou e foi saudado por parisienses jubilantes. Depois das celebrações

de boas-vindas em Fontainebleau, Pio e os acompanhantes instalaram-se em 56 quartos nas Tulherias e, tendo esperado uma nação de ateus, icaram bastante espantados com o fervor religioso. Todo o povo, de generais revolucionários a jacobinos, acorria aos seus aposentos, suplicando que lhes abençoasse os pertences. Uma vez que não havia rosários à venda na França, Pio foi confrontado com relógios, canetas, tesouras, bolsas e tinteiros − e teve de abençoá-los a todos. Foi seguido por todo lado, gigantescas multidões apareciam no exterior da sua varanda nas Tulherias todas as manhãs, pedindo ruidosamente sua bênção.

Foi um fraco consolo perante algumas das exigências chocantes que izera Napoleão. O novo imperador tinha informado o papa de que o serviço teria de ser radicalmente alterado e que ele teria de entrar a pé na catedral em vez de ser carregado numa liteira − uma exigência injusta ao papa velho e doente por parte de um Napoleão vaidoso.

Em 1º de dezembro, véspera da coroação, Jose ina fez sua jogada. Deixara tudo para a última hora a im de minimizar qualquer possível discussão. Suplicou uma audiência privada ao papa e, então, disse-lhe, entre lágrimas, que seu casamento não passava de um contrato civil. O pobre Pio icou chocado ao descobrir que estava prestes a ungir a concubina do imperador com óleo sagrado. A ideia de que o casal

imperial vivia em pecado era quase inacreditável, e ele se manteve irme. Jose ina tinha agendado o ataque de forma soberba. Pio icou irritado pelas humilhações constantes de que tinha sido alvo por parte de Napoleão e por im perdeu a paciência. Havia aceitado entrar a pé na catedral, cedido à cerimônia encurtada, mas não coroaria um casal de pecadores em concubinato como imperador e imperatriz. Se Napoleão e Jose ina não fossem casados em uma adequada cerimônia religiosa, não presidiria à coroação.

Napoleão não teve alternativa. Não podia adiar a coroação e Pio não recuaria. O cardeal Fesch foi encarregado de organizar um casamento imediato. Nessa noite, sem tempo para preparativos, num altar improvisado erguido às pressas no gabinete de Napoleão, o imperador e a imperatriz foram casados por Fesch numa cerimônia rápida à meia-noite.

O pároco não estava presente, como era exigido, e a presença de testemunhas era discutível − Jose ina alegou a presença de dois ajudantes de campo, mas Napoleão negou mais tarde a presença deles. 469 Foi, portanto, no limite da legalidade − e talvez por isso Napoleão o tenha aceitado sem ressentimentos. Jose ina pediu a Fesch que lhe desse uma certidão escrita do casamento. Ela considerou-a sua proteção infalível contra o divórcio.

455 Rémusat, *Mémoires*, I, p. 255.

456 Fojambe, p. 209.

457 Avrillon, *Mémoires de Mlle Avrillon, première femme de chamber de l'impératrice, sur la vie privée de Joséphine, sa famille et sa cour*, p. 69.

458 Savant, *Napoleon et Joséphine*.

459 Rémusat, *Mémoires*, I, p. 5.

460 Rémusat, *Mémoires*, I, p. 306.

461 Rémusat, *Mémoires*, I, p. 305.

462 Rémusat, *Mémoires*, I, p. 309.

463 Rémusat, *Mémoires*, I, p. 309.

464 Rémusat, *Mémoires*, I, p. 313.

465 Roederer, *Oeuvres*, I, p. 214.

466 Rémusat, *Mémoires*, I, p. 315.

467 D'Abrantès, *Mémoires*, I, p. 215.

468 D'Abrantès, *Mémoires*, I, p. 216.

469 Rémusat, *Mémoires*, I, p. 247.

16

"O REI DE OUROS"

Osegundo dia de dezembro de 1804 foi o mais frio do ano. À neve congelante seguiu-se chuva torrencial, mas o povo continuava a assumir posições nas ruas a caminho de Notre-Dame. Nas Tulherias,

todos os instantes eram dedicados às celebrações iminentes. Os cabeleireiros eram tão procurados que muitas damas tinham sido arrumadas na véspera, sendo obrigadas a dormir sentadas para manter os penteados. Alguns dos cortesãos sequer tiveram tempo de ir para a cama. Jose ina conseguiu descansar algumas horas, sendo acordada antes das 6 para que Isabey lhe pintasse as faces com o *rouge* de que Napoleão tanto gostava. O cabeleireiro penteou-lhe o cabelo em cachos em torno de um diadema de pérolas e diamantes. As damas vestiram-lhe a túnica de cetim branco, bordada a ouro, com decote baixo e o rufo servindo de gola. A cintura estava envolvida com um cinto de diamantes.

Depois, Jose ina foi obrigada a esperar. Os preparativos elaborados de Napoleão demoraram uma hora a mais do que o previsto. Usava tantas joias que mais parecia um espelho ambulante, e retirara o enorme diamante “Regent” da espada, prendendo-o ao chapéu. Estava encantado com sua aparência, mas, como esperado, as vestes renascentistas de casaca curta sobre calções bufantes não eram muito lisonjeiras para a sua igura em forma de maçã. “Mesmo parecendo bem nos desenhos”, comentou uma mulher, “não icava bem no imperador, que é baixo, gordo e desajeitado”. Lembrando mais uma criança excessivamente enfeitada do que um governante imponente, ela dizia que ele parecia “o rei de ouros”.

Bem-disposto, o rei de ouros desceu as escadas e às 10 da manhã, quase duas horas atrasado, saiu das Tulherias na carruagem imperial. Jose ina estava a seu lado, José e Luís de frente, ambos constrangidos em seus rufos e trajes rígidos que se assemelhavam a máscaras. Oito cavalos baios puxavam a carruagem desenhada por Fontaine com ouro, abelhas e diamantes, com oito enormes janelas de vidro através das quais se viam claramente Napoleão e Jose ina. Os espectadores estavam mais curiosos do que empolgados. “Reparei que não havia entusiasmo real em parte alguma”, frisou Napoleão, embora, pelo menos, tenha admitido que não se veri icavam manifestações ativas. As carruagens estatais ribombaram pelas ruas estreitas, com os ministros, o camareiro-mor, as princesas Bonaparte e o corpo diplomático ingindo dignidade diante da multidão. O povo aquecia as mãos com tortas quentes e admirava os cavalos.

Quando o casal imperial chegou à Notre-Dame, o sol brilhou entre as nuvens e, por entre o retumbar de canhões, Napoleão e Jose ina saíram da carruagem. Jose ina teve a felicidade de o marido não tê-la obrigado a usar armações e anquinhas. A túnica justa e a decoração dourada foram um êxito imediato. No entanto, nem todo o ouro do mundo seria capaz de lhe ocultar as origens – “Que beleza!”, recordou alguém. “Mas para mim, ela será sempre a amante de Barras.” Barras, então exilado, foi quem os

criou, mas nem Napoleão nem Josefina pensavam nele.

No interior da catedral, os espectadores aguardavam desde manhã cedo, comendo discretamente salsichas para se manterem quentes. O papa idoso icou horas sentado no trono gelado, rezando e suplicando misericórdia a Deus por aquilo que estava prestes a fazer. Napoleão informara-o de que ele e Jose ina não fariam a comunhão da coroação. Mais uma vez, o pobre Pio voltava a ser humilhado pela natureza ímpia do homem que estava ali para coroar.

Ao chegar a Notre-Dame, o casal dirigiu-se a uma sala para envergar os mantos imperiais. Napoleão usou as vestes de um imperador romano, com uma comprida túnica de cetim e um manto púrpura, bordado com abelhas e preso ao ombro e à cintura. Usava uma coroa de louros e segurava um cetro. Jose ina envergava uma tiara com mais de mil diamantes encravados em platina. Depois de uma hora na sala, a procissão teve início com os o iciais de armas, os pajens, o mestre de cerimônias e os estribeiros e camareiros de Jose ina. O general Murat levava a coroa de Jose ina sobre uma almofada e outro levava seu anel. A imperatriz foi a primeira a surgir, avançando lentamente sob um dossel. O manto enorme era carregado pelas cinco princesas Bonaparte. Apesar do triunfo de terem alguém que carregasse as suas caudas, continuavam ressentidas por seguirem atrás de *la vieille*, e não receavam demonstrá-

lo. Mal erguiam o manto, deixando-o arrastar pelo chão, para que Josefina tivesse dificuldade para andar.

Apareceu o imperador, de coroa, espada, colar e globo levados pelos marechais. Sempre impaciente, estava ansioso por chegar ao altar e serviu-se do cetro para cutucar o cardeal Fesch e obrigá-lo a apressar-se. Embora a procissão tivesse sido de uma magni icência excessiva, o serviço propriamente dito foi breve, tendo decorrido de tal forma que apenas os que estavam mais perto conseguiram ver. Tradicionalmente, os reis franceses deitavam-se de barriga para baixo à frente do altar, mas Napoleão sabia que fazê-lo seria um convite ao ridículo. Mostrou-se prudente: Jose ina prostrada no chão teria inspirado dezenas de cartuns cruéis. Em vez disso, após o papa celebrar a missa solene, Napoleão e Jose ina ajoelharam-se junto ao altar para a unção de água benta em suas cabeças e mãos.

O papa abençoou as duas coroas e depositou-as sobre o altar. Depois, rápido como um raio, Napoleão pegou na maior das coroas e colocou-a na cabeça. Foi um gesto de chocante afronta, algo típico do imperador. O grande artista já o planejara, inspirando-se no czar russo, que coroou a si mesmo, mas a plateia julgou que tudo era espontâneo. Apagando por completo o papa, pegou então na coroa de Jose ina e estendeu-a, como sinal para que ela se aproximasse. Tal como descrito por Claire de

Rémusat, ela ajoelhou-se com “tão simples elegância, que todos os olhos se deleitaram com a imagem representada”. 470 Napoleão começou por colocar a coroa na própria cabeça e depois na dela, por cima do diadema que ela usava. Josefina se desfez em lágrimas.

Assim como narrado pela aia de Jose ina, Napoleão quase parecia brincar: “Colocou-a, tirou-a e inalmente voltou a colocá-la, como se lhe garantisse que ela deveria usá-la com graciosidade e leveza.” 471 O porte de Jose ina era tão majestoso que alguns dos observadores se deixaram arrebatar. “Tive a honra de ser apresentado a muitas princesas reais”, gabou-se Laure Junot, “mas nunca vi nenhuma que apresentasse uma tão perfeita imagem de elegância e majestade” .472

Essa elegância e majestade não foram fáceis de conseguir. No momento crucial, as irmãs Bonaparte vingaram-se. Quando Jose ina se aproximou para receber a bênção, as irmãs afrouxaram o manto, ameaçando largá-lo. Jose ina cambaleou para trás. Napoleão percebeu e deu meia-volta, dando uma dura reprimenda às irmãs. Envergonhadas, retomaram suas posições e Jose ina seguiu em frente. Depois de abençoar os novos governantes e de terminar a missa no altar, o papa retirou-se para a sacristia – preferindo não assistir ao juramento civil de Napoleão para com a República. Dirigindo-se aos chefes dos corpos legislativos num tom retumbante, Napoleão declarou que “manteria a integridade e o território da República, protegeria as liberdades políticas,

civis e religiosas, e a irrevogabilidade da propriedade nacional". Ainda durante a cerimônia ele fazia planos que iriam contra praticamente todos os juramentos.

Às 3 da tarde, os recém-coroados imperador e imperatriz deixaram Notre-Dame, percorrendo um caminho mais longo para que ainda mais parisienses observassem sua grandiosidade. A carruagem era iluminada por 500 pajens com archotes, para garantir que todos os vissem bem ao lusco-fusco de inverno. Todos os edi ícios estavam iluminados, e "N" gigantes feitos de folhas de louro tinham sido pendurados nas varandas. Na Place de la Concorde, uma estrela enorme marcava o ponto onde Luís XVI fora executado. "Nunca vi tal expressão de alegria, de satisfação, de boa fortuna, como a que animava a igura da imperatriz", recordou Mademoiselle Avrillon. Os monarquistas debochavam das irmãs de Napoleão, "que tinham deixado para trás a roupa suja e surgiam agora com belos trajes e diamantes carregando a cauda do vestido da antiga amante de Barras". Tanto os monarquistas quanto os revolucionários estavam escandalizados com a elevação do "burguês e das burguesas de Ajaccio" (terra natal de Napoleão), como disse Madame de Staël. 473 Não havia volta.

Em vez de um jantar cerimonial, o imperador decretou que haveria um jantar privado com a imperatriz. A família Bonaparte icou furiosa, mas

nada pôde fazer. Napoleão levou Jose ina para o salão privado, onde lhe pediu que usasse a coroa durante a refeição, “porque ninguém usaria uma coroa com tamanha graciosidade”. 474 Jose ina vencera. Observou, repleta de orgulho, como, com amarga ironia, os cortesãos que a desprezaram se esforçavam para agradá-la. Con iante na sua posição, agora suportava melhor as irmãs Bonaparte e os outros membros do séquito do marido. Aguentava com paciência os insultos, o que só servia para aumentar a estima que Napoleão nutria por ela.

O gesto impróprio da coroação tornou-se fofoca em toda a Europa, sendo discutido com horror por monarquistas escandalizados e por todos que tinham sido exilados. A ambição de Napoleão não conhecia limites. Também se revelou uma dor de cabeça logística para Jacques-Louis David, o antigo revolucionário elevado a pintor o icial da corte. Tinha sido incumbido da criação do retrato o icial da coroação. David passou meses tentando representar Napoleão coroando-se sem que a imagem parecesse ridícula. Depois de observar o mestre em profundo tormento, um aprendiz sugeriu que pintasse Napoleão coroando Jose ina – e o problema foi resolvido. Napoleão aprovou a ideia. Quatro anos depois, Napoleão e Jose ina visitaram o estúdio de David e o imperador passou mais de uma hora observando cada detalhe do quadro. Havia muito tempo que tinha sido alterado: Jose ina e Napoleão tinham sido pintados

para parecerem mais jovens e esculturais; Madame Mère, que deixara Paris num acesso de raiva, foi incluída na congregação; e as irmãs Bonaparte, talvez como castigo por parte de Napoleão, foram retratadas de pé, mais afastadas, em vez de segurando o manto. Graças à alquimia de David, o que fora um insulto ao papa, e à usurpação do seu papel, icou representado como um gesto de amor e de dedicação por parte do imperador para com a imperatriz. Mais tarde, Napoleão reclamaria que Jose ina incitara "pequenas intrigas" para surgir no centro do quadro, mas, à época da apresentação da pintura, Napoleão icou muito satisfeito. Garantiu a David que se sentia grato por ele ter "registrado para a posteridade a prova do afeto que sentia pela mulher que comigo partilha o fardo do poder". 475 Nem mesmo Napoleão era tão vaidoso a ponto de querer que o retrato oficial o mostrasse coroando a si mesmo.

Assim que foi empossado como imperador, a sede de poder absoluto de Napoleão crescia diariamente. O Tribunado, o Senado e o Corpo Legislativo ainda existiam, mas não passavam de débeis ilusões para convencer os franceses de que continuavam a viver numa República. O imperador criou um catecismo para os estudantes. Quando lhes perguntassem, "O que pensar de quem não cumpre o dever para com nosso imperador?", deveriam responder "Segundo Apóstolo São Paulo, estão a contrariar a ordem estabelecida por Deus Nosso Senhor,

merecendo a condenação eterna.” Napoleão gostava da religião sempre que lhe convinha. No início de janeiro aboliu inalmente os derradeiros vestígios da República: o calendário revolucionário.

Era o novo imperador quem decretava tudo, desde a política de Estado à moda feminina. Pretendia que a nova corte nas Tulherias se sobrepusesse a todas as outras cortes europeias em luxo e magnificência, chegando mesmo a superar a dos reis de Bourbon. Para ele, a corte era útil para mostrar a crença de que ele se tratava do mais terrível governante da História. Basicamente, a estética combinava o estilo da Roma antiga com o brilho e os excessos de Luís XIV, o Rei Sol, e de Luís XVI.

“Pretendo, acima de tudo, a grandeza”, dizia, “o que é grandioso é belo”. Napoleão con iou a transformação das Tulherias à sua equipe de arquitetos preferida, Percier e Fontaine. Para ele, o palácio era muito “despido e simples” (mesmo já tendo sido redecorado após sua chegada), e pretendia apagar todas as recordações dos comitês do velho e sombrio Diretório. Ordenou a Percier e Fontaine que criassem um novo salão de banquetes, uma galeria e uma escadaria central imponente, que pendurassem grossos brocados de seda de Lyon e que enchessem o palácio de painéis decorados. Abelhas douradas e a águia imperial enchiam os cortinados e decoravam o mobiliário de mogno – estando algumas peças bastante dani icadas graças ao hábito de Napoleão de

espetá-las com um canivete. Fez planos para um teatro e uma capela. Os olhos das visitas icavam ofuscados com o dourado, as joias e a prata espalhados por todo o lado. Os estábulos albergavam 1.200 cavalos elegantes, além de dezenas de carruagens, todas pintadas de verde. O orçamento anual para as sucessivas decorações dos aposentos imperiais e para a manutenção dos palácios chegou aos 6 milhões de francos.

Napoleão não tinha tempo para teorias que diziam que sua corte deveria re letir a cultura estética de Roma, entendida como contida. A época dos símbolos revolucionários na fachada das Tulherias, os interiores austeros e o Comitê de Salvação Pública passara havia muito tempo. O brilho e o *glamour* serviam para "jogar areia nos olhos do povo" .476

Napoleão impôs regras de etiqueta e precedência detalhadas aos cortesãos, a maioria dos quais na casa dos 20 e dos 30 anos, jovens demais para se lembrarem do *Ancien Régime*. Os regulamentos de Luís XIV e seus sucessores foram tirados das prateleiras das bibliotecas.

Madame Campan foi interrogada minuciosamente e todos os que tinham estado em Versalhes deveriam vasculhar as memórias sobre a antiga vida na corte. Uma equipe liderada pelo conde de Ségur desenvolveu um volume detalhado, *Etiquette du Palais Impérial*, que apresentava regras precisas acerca de tudo, desde o lugar onde cada um deveria estar de pé à forma como deveriam sentar ao jantar. Napoleão criou um séquito enorme de assessores, maior do que o de Luís XVI, com esmoler, um

chefe de protocolo, um estribeiro, um caçador e um chefe de cerimônias. Jose ina dispunha de uma equipe igualmente vasta com mais de cem elementos, incluindo 20 damas de companhia, quatro a mais que Maria Antonieta. Tinha ainda 17 aias, incluindo camareiras. Eram todas supervisionadas pela *dame d'honneur*, a duquesa Alexandre de La Rochefoucauld, parente do primeiro marido de Jose ina. Esta herdeira de São Domingos e monarquista assumida do *Ancien Régime* de quase 40 anos gostava de deixar bem claro que via sua presença na corte como um favor que prestava – chegou mesmo a silenciar o imperador em certas ocasiões. Extremamente e iciente, mantinha a casa de Jose ina funcionando com perfeição, gerindo as necessidades diárias, as visitas, o trabalho dos criados e decidindo as apresentações e os convites.

Era grande a concorrência para servir Jose ina, especialmente porque Napoleão, muitas vezes, recrutava suas amantes entre as criadas da mulher. Ela também dispunha de um esmoler, de um camareiro, de um estribeiro, de um cavalariço gerindo os estábulos, de criados, um o icial de diligências, lacaios e pajens. Não havia grande necessidade de uma equipe tão grande, e a maior parte das damas e dos cavalheiros pouco tinha o que fazer além de passar o dia sentada, queixando-se e ajustando as vestes. Era uma grande máquina egoísta: Jose ina mudava de roupa três vezes por dia para mantê-los ocupados, e organizavam-se

acontecimentos para que tivessem algo por que esperar. O objetivo era denotar uma aparência de majestade e garantir um vasto e agradável espelho para Napoleão.

O imperador era profundamente formal. Todos os homens da criadagem de Jose ina tinham de permanecer nos aposentos exteriores, e se algum precisasse vê-la para receber ordens, deveria arranhar a porta do quarto, onde havia sempre uma dama “a postos, e pedir autorização para ser levado à sua presença”. A in luência de Versalhes icava completa com a etiqueta do “arranhão” – os cortesãos tinham ordens precisas de arranhar em vez de bater às portas. Desapareceu a igualdade republicana; em vez disso, os presentes na corte de Napoleão comportavam-se com a subserviência de um cortesão para com um rei. “O imperador é demasiado grandioso para que alguém lhe diga a verdade”, escreveu Jose ina a Eugène, “todos os que o rodeiam passam o dia a lisonjeá-lo”. 477 Tal como recordou Madame de Rémusat, “A febre da vaidade parecia assolar-nos cada vez mais” .478

A obsessão de Napoleão em criar um mundo novo que o cercasse estendia-se agora à moda feminina. Apesar de adorar ver Jose ina com vestidos diáfanos e xales leves, exigia que as damas envergassem túnicas com relevo de io de ouro ou prata, brocados e cetim, com caudas obrigatórias de veludo, tudo pesadamente bordado a ouro. Tal como os

homens brilhavam com as medalhas, também as mulheres deveriam cintilar com joias, nunca usando a mesma roupa duas vezes. Laure Junot foi recordada com veemência desse seu dever durante um acontecimento da corte. “Madame, já usou esse vestido por várias vezes. Fica-lhe bem, mas já o vimos. ”479

Napoleão argumentava ter criado as diretrizes para a moda a im de apoiar os produtores franceses. O resultado se assemelhava em grande medida ao rígido esplendor da corte de Maria Antonieta, reproduzindo a repressão e as vestes pesadas das quais as mulheres tão avidamente se livraram após a Revolução. Por vezes, a imperatriz rebelava-se contra Napoleão, usando caudas de tule ou roupas mais leves, mas obedecia cegamente às instruções quanto às joias e usava sempre roupas novas. Sabia bem como fazer com que um vestido parecesse diferente com xales e acessórios, mas, basicamente, todas as roupas eram criadas para serem usadas uma única vez. Um inventário de 1809 encontrou 49 vestidos de corte, 676 túnicas, 60 xales de caxemira e quase 500 outros xales, 413 pares de luvas e mais de 200 pares de meias de seda.

O vestido Jose ina usou em sua coroação estabeleceu o padrão para todas as suas roupas da corte. Usava cinturas imperiais com golas bordadas altas e caudas presas às costas. Leroy, o costureiro, era quem estava por trás dos desenhos e logo se tornaria o designer mais

requisitado de Paris. *Le Journal des Dames et des Modes*, a bíblia da moda da época, enchia-se com imagens de Jose ina, a mulher mais elegante do país. Até as mulheres britânicas, apaixonadamente patrióticas, nutriam em segredo o desejo de um vestido francês *à la* imperatriz.

Na Grã-Bretanha, Lorde Nelson e a amante, Emma Hamilton, tinham se instalado em Merton Place, perto de Wimbledon. Transformaram uma casa relativamente arruinada num tributo às vitórias do almirante, com grandes "N" nas paredes, pedaços dos seus navios sobre a escadaria e inúmeras peças, desde faiança a vasos, decoradas com seu nome e imagem. Aquilo que Nelson fazia a nível doméstico, Napoleão sonhava ampliar por toda sua nação. Havia "N" e "J", águias e cisnes por toda a parte. Ele instalou o leão roubado da coluna da Piazza San Marco, em Veneza, no centro de Paris e dispôs cavalos de bronze pelos jardins das Tulherias.

Napoleão colocou Percier e Fontaine para trabalhar febrilmente, criando monumentos às suas grandiosas vitórias a im de lembrar a todos sua genialidade. Exigiu que se colocasse um elefante de 18 metros de altura, onde se gravariam as suas vitórias, na Champs-Élysées, virado para as Tulherias (o projeto para o elefante acabaria sendo substituído pelo Arco do Triunfo). Sentia igual prazer com a ideia de uma coluna feita com canhões austríacos fundidos que fosse erguida na Place Vendôme,

para comemorar o Grande Exército. Percier e Fontaine esboçaram projetos para torres, estátuas gigantes e mais colunas, todas num estilo descaradamente masculino, a serem erguidas como prova de que o imperador nunca poderia ser derrubado.

Agora que Napoleão era imperador, estava mais do que nunca determinado a ter um ilho. Pediu a Jose ina que ingisse uma gravidez e que depois simulasse o parto – ele forneceria um bebê, provavelmente de uma amante que estaria grávida à época. Ela concordou, mas o chefe dos médicos recusou-se a fazer parte da farsa. Certamente, tal feito seria quase impossível, tendo em conta a atenção de que Jose ina gozava e o número de espiões em seu séquito. Com o fracasso do plano, sua posição saiu enfraquecida. Sempre que Napoleão e Jose ina discutiam, geralmente depois de um interrogatório ciumento por parte dela, ele argumentava, dizendo que não estavam verdadeiramente casados.

Jose ina gritava que tinha a certidão de casamento. Ao consultar Fesch, este concordou e disse que o casamento era legal e fora validado. Aconselhou Josefina a manter a certidão sempre junto de si.

Como imperador, Napoleão tornara-se mais brutal e agressivo do que nunca. Era rude com os generais e os cortesãos, e muitas vezes agredia os criados. Certa vez agarrou Berthier e bateu com sua cabeça numa parede de pedra, e deu um chute no baixo-ventre de um ministro

quando este lhe apresentou estatísticas desagradáveis. De manhã, durante o ritual do vestir, às vezes, quando sentia que o magoavam ou quando o vestiam com algo de que não gostava, atirava tesouras de unhas, escovas ou caixas nos criados. Esbofeteava funcionários, beliscava damas da corte enquanto as insultava e puxava o cabelo, e adorava ofender qualquer um que conseguisse em público. Apesar de seu incrível poder, ainda se sentia entusiasmado ao fazer os subordinados tremerem de medo. Tinha acessos de raiva com frequência e chegava a chutar homens na barriga. Tirânico como um rei medieval, Napoleão gritava e berrava, queixava-se e exigia, e todos eram obrigados a obedecer. Josefina era a única que conseguia acalmá-lo com mãos suaves e palavras gentis.

Napoleão acordava muitas vezes com dores, sofrendo de espasmos no estômago ou de enxaquecas. Quando os criados tentavam massageá-lo com água de colônia e vesti-lo, ele arrancava as roupas, caso o incomodassem, e esbofeteava o valete quando este tentava vestir-lhe a casaca. Ao mesmo tempo, via boletins da polícia, jornais, contas e cartas. Uma vez vestido, borrifava-se ainda com mais água de colônia – esvaziava 60 frascos por mês –, recebia o lenço, a caixa de rapé e uma caixa de carapaça de tartaruga com alcaçuz picado. Às 9 conduzia uma recepção e audiências privadas com os o iciais, tomava o café da manhã

às 11 e depois dirigia-se ao estúdio, onde andava de um lado para o outro enquanto ditava cartas e ordens ao secretário, Claude de Méneval, que criara uma nova forma, mais rápida, de estenogra ia para não perder o io da meada. Concluía ditando alguns artigos para os jornais, e depois ia à procura de Jose ina. Após o almoço, voltava a conceder audiências, reunia-se com o Conselho de Estado ou ditava mais ordens. Depois do jantar, talvez passasse algum tempo no Salão Amarelo com Jose ina e os generais e suas esposas, jogando xadrez ou bilhar, antes de regressar à sua mesa e trabalhar noite adentro.

Quando se despia, muitas vezes atirava as roupas para o chão e batia no criado para liberar a frustração. Não surpreende que dormisse mal e por vezes se levantasse da cama, tomasse um banho quente e chamasse Méneval para anotar ainda mais ordens durante horas, até se sentir cansado. Quando era ele quem escrevia, redigia tão depressa e balançava a pena com tanta impaciência que o papel icava coberto de grandes manchas de tinta.

Napoleão sempre devorou a comida às pressas, mas, agora que era imperador, não suportava desperdiçar um momento que fosse comendo. Quando exigia uma refeição, esperava que os pratos e Jose ina surgissem imediatamente à sua frente. Apreciador de frango assado e de batatas fritas com cebola, comia à velocidade da luz, muitas vezes sem se dar ao

trabalho de usar os talheres. Preferia que Jose ina não comesse na sua presença, e ela mal tinha oportunidade de fazê-lo. Decidido que tudo ao seu redor estivesse carregado de energia, exigia que houvesse um fogo aceso todo o tempo, e muitas vezes os cortesãos e funcionários desmaiavam com o calor. Sua pele era quase amarela, a digestão era terrível, sofria com espasmos agudos e tossia sangue. Por vezes sentia-se tão mal depois de comer que os cortesãos o encontravam deitado e gemendo, com a cabeça no regaço de Jose ina. A mente fervilhava, mesmo quando tentava dormir, e descobriu que a única maneira de descansar era recitando inúmeras vezes registros do exército.

Napoleão era impaciente, transbordava de uma energia nervosa e só a atividade incessante lhe acalmava a mente inquieta. Mesmo quando mantinha uma pose tranquila em público, nunca parava de se remexer por baixo das vestes, fungava rapé ou en iava pastilhas de menta na boca. Sua poltrona tinha de ser substituída a cada três meses, pois ele a desfazia com o canivete. Por baixo da super ície imperial, era ainda o menino que desmontava cadeiras na escola. 480 Jose ina lhe garantia a paz e a tranquilidade que ele não conseguia obter por si mesmo. Quando posou para o retrato de comemoração da batalha de Arcola, Napoleão se mexia tanto que Jose ina teve de ser chamada ao gabinete para sentá-lo em seu colo e imobilizá-lo. Era a única que lhe podia servir café depois do

jantar e adicionar açúcar com uma colher dourada especial. Jose ina era seu refúgio, e Napoleão dependia de sua presença sempre que precisava. Como mais tarde ela escreveria a Carolina: “O orgulho das mulheres consiste na submissão, e não deveremos qualquer poder além daquele que uma personalidade afável nos confere” .481

Napoleão foi um gênio na criação do culto ao Império, algo que dependia profundamente das artes visuais. Tudo lhe servia: o revivalismo clássico pós-revolucionário que celebrava a austeridade e a virtude cívica tornou-se a marca de sua criatividade. Preferia artistas e artesãos que tivessem sido apreciados pelos Bourbon, como, por exemplo, Isabey e os irmãos Jacob. Jacques-Louis David, o homem que assinara a sentença de morte de Alexandre e que teria assinado a de Jose ina – e que se recusara a desenhar Luís XVI, já que não permitia que o lápis reproduzisse as feições de um tirano –, tornou-se um grande aliado de Bonaparte e elogiava-o constantemente com a tinta. Retratou-o cruzando a passagem de São Bernardo, transformando o herói num Aníbal em um cavalo empinado, e não em uma reles mula, como fora o caso. Seu *Napoleão no Gabinete* mostrara o primeiro-cônsul trabalhando às primeiras horas da manhã, e pintara o famoso retrato da coroação. Todavia, Napoleão nunca con iou completamente em David e preferia o trabalho de seus alunos, acima de tudo François Gérard, Antoine Gros e

Jean-Auguste Ingres. O trabalho deles era marcadamente excessivo e lisonjeador, como o *Napoleão na Batalha de Eylau*, de Gros, que o retratava cuidando dos moribundos, e o quase ridículo *Napoleão I no Trono Imperial*, de Ingres, que mostrava o pequeno imperador corpulento como um deus – parte Júpiter, parte César Augusto, parte Carlos Magno.

Napoleão gostava especialmente de Pierre-Paul Prud'hon, que criou retratos românticos e sensuais de sua esposa. O Império permitia que os pintores se tornassem famosos, mas só se concordassem em honrar o casal imperial. O ouro e o dinheiro enchiam-lhes as o icinas à medida que satisfaziam os desejos do imperador.

Jose ina ocupava-se das questões de poder que Napoleão não suportava. Ouvia petições, patrocinava artistas, planejava jantares, festas e celebrações e presidia recepções e tributos. Napoleão abominava os jantares e os bailes. "Não fui feito para o prazer", queixava-se.[482]

Os dias de Jose ina raramente variavam. Ela e Napoleão costumavam acordar juntos. Seu valete, Constant, dirigia-se aos aposentos de Jose ina entre às 7 e às 8 da manhã e por vezes encontrava o casal ainda adormecido. "Quando o imperador me pedia chá ou uma infusão de lores de laranjeira e começava a se levantar, a imperatriz sorria-lhe, dizendo 'Tens de te levantar já? Fica mais um pouco'. Sua Majestade

respondia, ‘Quer dizer que não estás a dormir?’, e enrolava-a no cobertor, dando-lhe suaves palmadinhas na face e nos ombros, rindo e beijando-a”. 483 Depois chegavam as quatro aias de Jose ina, que ocupavam-se para deixá-la com a aparência de uma imperatriz.

Enquanto Napoleão ditava os planos de conquista, Jose ina era banhada e seu o rosto coberto com a pesada maquiagem de que Napoleão gostava. Preferia uma imagem mais embelezada do que a de Versalhes e, para os britânicos, parecia a maquiagem das cortesãs. As assistentes espalhavam *rouge* na forma de grandes lágrimas nas belas faces. Depois, Jose ina envergava o roupão de renda, enquanto o cabeleireiro a penteava. Enquanto ele criava cachos e domava as madeixas rebeldes, as aias de Jose ina apresentavam-lhe pilhas de vestidos, xales e chapéus para que escolhesse a indumentária da manhã – apesar das queixas de Napoleão −, musselina e cambraia no verão, veludo e lã no inverno. Maria Antonieta escolhia a roupa de forma semelhante, salvo pelo fato de se servir de um catálogo de amostras para se manter a par de seu pesado guarda-roupa. Jose ina mudava cada peça de roupa três vezes por dia e nunca usava duas vezes o mesmo par de meias. O processo de escolha de roupa, retirá-la dos cestos e ver como icava junto ao seu corpo era demorado. Oito criadas cuidavam de Jose ina, enquanto a camareira-mor e a dama de honra a observavam de

longe.

A imperatriz recebia 600 mil francos anuais para se manter e também sua criadagem, além de outros 120 mil para caridade. Simplesmente não era o bastante. Depois de vestida, os aposentos eram invadidos por mercadores e lojistas, além de pintores, músicos e outros artistas. Ficava com diamantes, xales, joias e bugigangas, sem nunca perguntar o preço e praticamente sem lembrar do que comprara. Encomendava retratos e comprava livros e ornamentos, além de presentes no valor de milhares de francos. Em todas as lojas cotadas de Paris havia alguém que fazia qualquer coisa para a imperatriz. O mais discreto dos encontros servia de oportunidade para encomendar um vestido novo, e Jose ina usava rendas que se dizia valerem 100 mil francos (um sexto dos seus rendimentos anuais). Embora raramente estivesse em Malmaison, gastava milhares em mobílias e plantas para o local. Napoleão enfurecia-se com a "louca extravagância", mas ela não lhe dava ouvidos. "Todos os dias descubro novos casos e isso incomoda-me. Quando falo com ela sobre o assunto que me perturba, zango-me – ela chora. Perdoo-lhe, pago-lhe as contas – ela faz promessas justas; mas volta sempre a acontecer o mesmo." 484

Como uma viciada, a imperatriz precisava sempre de novidades, esquecendo-se do que se tornava velho. Por vezes pagava 12 mil francos

por um xale que depois usava como almofada ou cobertor para o cão. Usava um vestido extraordinariamente caro durante um dia e depois dava-o às damas ou às criadas, que logo o vendiam. Mademoiselle Avrillon recordou que, em Mainz, ela e as outras senhoras apresentavam os vestidos usados de Jose ina como pagamento pelos bens de luxo dos vendedores locais, que os vendiam rapidamente aos dignitários da região. “Lembro-me de um baile em que a imperatriz poderia ter visto todas as damas de uma dança usando suas vestes descartadas – cheguei mesmo a ver princesas alemãs usando-as.” 485 Todos os que rodeavam Josefina lucravam com ela.

Após a saída dos lojistas, Jose ina concedia audiências e dedicava-se à correspondência. Também analisava petições e recebia pedidos para caridade. Escrevia cartas intermináveis, solicitando ajuda para um sem-im de suplicantes. “As pessoas recebem-nas de minha parte por me atormentarem”, explicou ao ministro da Guerra quando este se queixou do número de recomendações enviadas por ela. Às 9h45 entrava no Salão Amarelo para tomar a refeição da manhã com as damas. Esse momento era muito mais apreciado do que o do marido, com sopa, entradas e assados dispostos sobre a mesa, seguidos por doces. No palácio não havia uma sala de jantar formal (algo visto como um costume britânico) e, portanto, estendia-se uma toalha branca sobre a mesa que

fosse indicada.

À tarde Jose ina recebia visitas, muitas delas *émigrés* que pediam favores, e depois talvez desse um breve passeio. Mais tarde, como não lia e pouco se interessava por costura, muitas vezes dedilhava a harpa, ao que parece, sempre com a mesma melodia. A espera era profundamente tediosa, algo que por vezes Jose ina tinha di iculdade em suportar. Certa vez queixou-se que era pouco mais do que uma “escrava ornamentada”. No inal da tarde regressava aos aposentos para vestir uma túnica bordada a ouro para a noite que a aguardava. Depois esperava que a chamassem para jantar, supostamente às 18 horas, mas por vezes com um atraso de três horas, por Napoleão ter icado trabalhando. Jantavam juntos quase todas as noites, durante os rápidos 20 minutos que ele demorava para engolir a comida e voltar ao trabalho. Aos domingos, os terríveis Bonaparte apareciam para jantar. Os banquetes o iciais e as celebrações sociais eram tão repletos de pratos complicados que podiam ocupar grande parte do dia. Ainda estava na moda o hábito de servir todos os pratos à mesa, ao contrário de comer cada prato em sequência, *à la Russe*. As mesas das Tulherias gemiam sob o peso dos candelabros de prata, das terrinas de sopa de mais de um palmo de altura e dos pratos de carne, peixe e aves, servidos em porcelana de Sèvres decorada com imagens das vitórias de Napoleão.

Depois do jantar, a imperatriz se retirava para o seu salão, onde passava o resto da noite com os cortesãos, conversando ou jogando cartas ou bilhar. Não apreciava xadrez, mas jogava *whist* e loto com as visitas, os ministros, os embaixadores e as damas. Napoleão proibia o jogo com apostas, mas quando se ausentava, Jose ina e seu círculo apostavam dinheiro, por vezes vultosas somas. Jose ina também adorava bilhar, o único jogo em que o imperador permitia que ela o vencesse.

Às 22 horas, Napoleão poderia chamá-la para que lesse para ele ou para conversarem – apreciava, especialmente, contar histórias de fantasmas. O salão de Jose ina estava ligado ao quarto de Napoleão por uma escadaria oculta, e muitas vezes ele ia à sua porta, batendo como sinal de que precisava dela. As damas tinham então de esperar pelo seu retorno ao salão. Estavam sempre adormecidas quando ela chegava, apoiadas nas mesas, pois não tinham autorização de se sentar. Se estivesse sozinha, Jose ina deitava-se por volta da meia-noite – permitindo-se, apenas por algumas horas, se libertar do *rouge*, soltar o cabelo e não ter nos ombros o peso de um vestido dourado.

Nos dias em que Napoleão não a chamava, Jose ina se encontrava com os mercadores e falava com as damas. Conforme comentado por uma pessoa amiga, ela conseguia "passar os dias sem fazer nada e, mesmo assim, nunca se cansava disso". 486 A "obsessão com os retratos" levava-a muitas vezes a posar para artistas ou planejar novas composições.

Oferecia quadros seus a qualquer um – amigos, conhecidos, cortesãos e até aos comerciantes. Nas centenas de retratos encomendados, estava sempre jovem, bela, elegante e graciosa, de lábios cerrados para ocultar os dentes enegrecidos. Quem desejava agradar-lhe adornava a casa com seu rosto delicado. Era tal a paixão que o público sentia que suas imagens eram rapidamente transferidas para porcelana, leques e cartas, para que o mais pobre operário pudesse ter a imperatriz sobre a lareira.

Os aposentos de Jose ina consistiam de uma antecâmara, um primeiro salão, um segundo salão e seu próprio salão. Na área privada tinha um quarto, um vestiário, um *boudoir* e uma casa de banho. A disposição era sempre a mesma em todos os palácios do imperador, e as divisões estavam decoradas no mesmo estilo imperial, com mobília jacobina, tapeçarias, dourados e cortinados. Como imperatriz, passava todo o dia em público. As aias e os criados ocupavam-se em seus aposentos e todos a fitavam quando ela saía.

Jose ina era informal por natureza e gostava de conversar e travar amizades durante as viagens. Isso teria de acabar, advertiu-a severamente Napoleão. Estaria sempre rodeada por “esplendor”, escoltada por infantaria e cavalaria, e seria recebida pelo soar dos sinos tocados pelo governador ou pelo prefeito da cidade. Quando retornasse a Paris, seria recebida pelo retumbar de canhões, e os cortesãos fariam ila

para lhe prestar homenagem. Já era hora de começar a se comportar como uma imperatriz. Tinha saudades de Malmaison, onde as plantas cresciam sem o seu acompanhamento e o orangotango vagueava sozinho pelos terrenos. Mesmo em sua ausência, Napoleão queria que ela mantivesse a aparência imperial, o que signi icava permanecer nos palácios grandiosos cheios de águias de mogno e de cortesãos obedientes, em vez de percorrer as redondezas de Malmaison.

Durante a maior parte do tempo, Jose ina não tinha como ir a lado algum. Tinha uma vida constantemente vigiada, com todos os pormenores relatados a Napoleão. Esperava, ornamentada e atraente, até que ele acabasse o trabalho da noite e fosse passar 10 minutos com ela. Dependia dela emocionalmente, mas também a via como sua parceira essencial. Dividiam o trabalho do êxito imperial. Ele representava a agressão, a estratégia, o triunfo militar e a tirania, enquanto ela assumia os papéis por ele desprezados: patrona das artes e da beleza, dos modos e da compreensão. O coração bondoso e as palavras gentis acalmavam sua fúria e levavam o povo a acreditar que Napoleão tinha um lado mais humano. “A natureza”, ele diria à esposa, “concedeu-me um caráter forte e decidido; a ti, fez-te de renda e gaze”. 487 O ar crepitava em torno de Napoleão; era um homem elétrico, intenso e temível. Jose ina criava um feitiço cativante de leveza e de prazer. A maior parte dos cidadãos e dos

cortesãos acreditava em sua aura de humanidade e harmonia.

Jose ina mostrava poucos sinais do desejo de independência de outros tempos. Investia a energia em se tornar a esposa elegante e perfeita de Napoleão, sempre pronta a satisfazer todas as suas necessidades.

“Jose ina nunca deixava de ser doce para o imperador”, recordou Mademoiselle Avrillon, “adaptando-se a cada estado de espírito, a cada capricho com tal deferência como nunca vi. Observando-lhe a mais ín ima alteração de tom ou expressão, ela oferecia-lhe as únicas coisas que ele agora lhe exigia”. 488 Podia ser a imperatriz casada e abençoada, mas Napoleão, como ela bem sabia, fazia o que queria, podendo inclusive chegar ao ponto de se divorciar dela, caso o considerasse necessário – especialmente se lhe dessem a oportunidade de ter um ilho. Ela tinha 41 anos e, como os médicos informaram Napoleão, as regras menstruais tinham cessado.

Não obstante, gostava mais dela agora do que nos tempos do Egito. Continuava a ser a única pessoa com autorização para tratá-lo por “tu”. Sentira uma satisfação profunda por tê-la coroado, retirando assim a autoridade tanto da República como do papa, e ela era a prova viva de que ele praticamente usurpara o papel de Deus. Laure Junot recordou como vira a imperatriz entrando numa sala em Saint-Cloud, envergando musselina branca justa, presa com medalhões no ombro. Napoleão,

mesmo declarando odiar musselina, dirigiu-se a ela, beijou-a no ombro e na testa e levou-a até um espelho, para poder observá-la de todos os ângulos. “Minha Jose ina, acho que devo icar com ciúmes, pois decerto tens uma conquista em mente. Por que estás tão bela esta noite?”, ao que ela respondeu, “Sei que adoras ver-me de branco, por isso vesti uma túnica branca, nada mais”. “Muito bem, se foi para me agradar, conseguiste-o. ”489 Imediatamente voltou a beijá-la.

Napoleão continuava absolutamente obcecado com as joias e os vestidos de Jose ina. Interferia regularmente naquilo que ela vestia, retirando os vestidos de decotes acentuados de seu guarda-roupa e arrancando seus xales, chegando mesmo a atirá-los no fogo caso os considerasse feios. Irrompia pelo quarto e exigia que Jose ina mudasse de roupa ou de joias, obrigando-a a experimentar vestido atrás de vestido, até que ficasse satisfeito. Josefina era uma das poucas capazes de acalmá-lo quando estava de mau humor. “Só gosto das pessoas que me são úteis, e só enquanto forem úteis”, disse ele em Santa Helena. 490 Amava Josefina, mas ela também lhe era benéfica.

O grande imperador continuava com ciúmes de Hippolyte Charles, e nem queria ouvir seu nome. Em determinada ocasião, caminhava com o general Duroc quando empalideceu e agarrou-lhe o braço. Este julgou que Napoleão estava prestes a desmaiar e ia chamar ajuda quando o

imperador o silenciou furiosamente. Napoleão vira Hippolyte Charles passando numa carruagem – era a primeira vez que via o janota desde a Itália.

Napoleão protegia e venerava a esposa, mas, como imperador, exigia um luxo constante de mulheres jovens e belas subindo as escadas até o quarto ao lado do seu. Recusava-se a permitir a entrada da esposa ou de seus espiões. Constant abria a porta, dizendo com irmeza que “Tenho ordens para não deixar ninguém entrar, nem mesmo sua majestade, a imperatriz”. Atrizes, cortesãs, damas de companhia, bailarinas e damas da moda, poucas eram as que recusavam o chamado de Napoleão, ainda que ato sexual fosse brusco e ele perdesse o interesse praticamente assim que as conquistava. Tinham ordens severas para não usar perfume e muitas vezes tinham de aguardar despidas, para que as coisas acontecessem rapidamente. Esperavam joias, in luência e dinheiro, tinham curiosidade acerca do grande homem e, claro, desejavam lhe provar que eram mais belas do que Josefina.

Embora Jose ina decidisse não ter ciúmes, não era fácil, pois Napoleão não só lidava com os romances com uma indiscrição extravagante, como também gostava de lhe dizer cada detalhe. Enquanto remexia seus frascos de maquiagem ou vandalizava os xales, falava sobre a mais recente paixonite, elogiando sua beleza e perguntando a Jose ina o que

sabia a respeito dela. No espaço de poucos dias contava-lhe sobre a conquista com “a mais indecente das aberturas”, segundo Madame de Rémusat. Descrevia então “as imperfeições ísicas e as peculiaridades anatômicas”, bem como suas ideias sobre o “desempenho” das damas – informações que também partilhava com os cortesãos. A maioria das mulheres tinha metade da idade de Jose ina, e não havia nada que a magoasse mais do que ouvi-lo falar sobre corpos irmes que ainda não tinham envelhecido, cabelos reluzentes enquanto o dela rareava e icava grisalho, e rostos que permaneciam brilhantes, mesmo pela manhã. Napoleão parecia não ter preferência especí ica por louras ou morenas. Qualquer jovem bonita servia.

Jose ina ainda tinha de observar o desenrolar dos romances do marido, já que muitas vezes ele frequentava o salão da esposa e jogava cartas ou conversava com a dama em questão, enquanto a imperatriz tentava não olhar do outro lado da sala. Fingia ter calma, mas quase não conseguia suportar os ciúmes. Gastava milhares de francos em espiões, para grande indignação do marido, que comentava o quanto “ela se humilha, tanto a ela como a mim, cercando-me de espiões”. 491 A imperatriz suplicava informações, mesmo que a magoassem. Exigia às damas de companhia que escrevessem cartas anônimas a Napoleão, censurando-o pelo seu comportamento (com sabedoria, as damas

queimavam discretamente as cartas após as redigirem). Atormentava-se quando sabia que ele se encontrava com uma das amantes, gemendo que estava destinada ao esquecimento e à desonra, à expulsão e ao divórcio. Quando começava a se cansar da conquista e dirigia a atenção a outra atriz ou aia que se mostrasse disponível, Napoleão pedia a Jose ina que o ajudasse a dispensar gentilmente a mulher e que lhe dissesse que já não era necessária – o modo de agir típico de um covarde. O preço a pagar pela presença continuada de Jose ina como imperatriz e consorte era sua disponibilidade para perdoar, e até permitir, os romances de Napoleão. O desejo dele por mulheres tornara-se tão conhecido que havia quem empurrasse jovens bonitas em sua direção, na esperança de conseguir vantagens, tal como antigamente se fazia com os velhos reis déspotas. Os cortesãos enviavam as esposas, esperando descobrir os planos do imperador. Napoleão começou a oferecer milhares de francos como presente a quem ele tomava para a noite, e os homens ofereciam-lhe as esposas, as amantes e até as ilhas em troca de favores. Certas mulheres tentavam seduzir os membros de seu séquito como forma de chegar a ele. No entanto, quem Napoleão realmente queria eram as mulheres que não o desejavam, mulheres que ele pudesse agredir, forçar ou humilhar para se tornarem suas amantes.

Napoleão dizia que elas nada signi icavam, embora algumas

ganhassem poder com o novo estatuto. Quando uma mulher recebia um favor especial de sua parte, tornava-se, naturalmente, centro das atenções dos cortesãos e dos ministros que procuravam apoio. Certa Madame de X era uma espiã monarquista, ansiosa por minar os jacobinos e disposta a “abusar da indulgência” do imperador para favorecer a causa do rei exilado. Como bem sabia, a forma de agradar o eternamente descon iado Napoleão era contar-lhe rumores acerca das tramas contra ele. Inventou histórias sobre certos cortesãos e “muitos icaram arruinados durante o período que duraram os seus favores”. 492 Josefina temia Madame de X e acreditava que ela se servira de sua in luência para tentar enviar Eugène numa missão impossível. No entanto, mais uma vez, quando Napoleão se cansou da língua reveladora da Madame, pediu a Jose ina que acabasse com a relação. A imperatriz o fez, dizendo à rival, diante de toda a corte, que o passado seria esquecido.

O papel de amante de Napoleão não era tão atraente, pois ele era frio demais para oferecer amor a uma mulher suscetível, e muito ambicioso e sexista para permitir que alguma tivesse a oportunidade de obter poder. As mais bene iciadas foram as atrizes que se serviram da ligação para ganhar publicidade. Isso porque, tal como Napoleão dizia: “As mulheres não terão qualquer in luência na minha corte; podem não gostar de mim, mas terei paz e sossego”. 493 Considerava as damas “bons ornamentos para as festas e nada mais”. 494 Nunca se esqueceu da condição de jovem excluído na

época pós-revolucionária, e agora não permitiria que as mulheres conquistassem qualquer poder. “As mulheres pertencem a quem faz a oferta mais alta”, dizia, com desprezo. “Só desejam poder [. .] tomo-as e depois esqueço-as.” 495 Mais parecia um libertino do *Ancien Régime* do que um imperador grandioso.

Os Bonaparte estavam sempre buscando maneiras de afastar Napoleão de *la vieille*. No inal de 1805, Carolina Murat apresentou o irmão a Eléonore Denuelle, uma jovem alta de olhos escuros com 18 anos, que também fora aluna de Madame Campan (fértil terreno de caça a amantes do imperador). O marido, com quem se casara havia poucos meses, estava na prisão. Napoleão sentiu-se atraído por ela e rapidamente os Murat apressaram o divórcio e empurraram-na para ser sua amante. Carolina instalou Eléonore em sua casa nos arredores de Paris para que Napoleão a visitasse sempre que quisesse. As fofocas do momento lamentavam o destino de Eléonore, autêntica prisioneira dos Murat, decidindo que se tratava de uma vítima de “conscrição da alcova”. Ela mesma abominava de tal forma as visitas do pálido e enfadonho imperador, sem nada de interessante para dizer, que adiantava meia hora o relógio do quarto quando sabia de sua chegada.

Carolina instalou Eléonore com o intuito de distrair Napoleão, mas também na esperança de que a jovem pudesse engravidar. Jose ina já fora coroada, e Napoleão respondia – sempre que a família se queixava –

que só voltaria a casar-se quando Jose ina morresse. Infelizmente para elas, Jose ina continuava saudável e bem longe da morte. A única maneira de afastar Napoleão do seu lado era provando que ele poderia engravidar outra mulher.

O ódio da família por Jose ina era tal que sequer viam a vantagem que possuíam. Se Napoleão se divorciasse da esposa e se casasse com outra mulher, qualquer potencial ilho seria seu herdeiro, o que afastaria os irmãos e seus respetivos ilhos da sucessão. Para defender seus interesses, deveriam ter mordido a língua e ingido estima por Jose ina. Simplesmente iludiam-se com o fato de Napoleão não conseguir engravidar Jose ina, prosseguindo na campanha contra a esposa e defendendo os interesses de todos, salvo os seus.

O péssimo estado do casamento de Hortense não ajudava a causa da mãe. O casal se entendia profundamente mal. Louis icava cada vez mais doente e, logo, mais irritável na vida cotidiana. Mesmo quando não discutiam abertamente, passavam muito tempo separados. Em Saint-Leu, a propriedade campestre, ela vivia, segundo descobriu uma visita, "solitária, doente e sempre receosa de deixar escapar alguma palavra que pudesse ofendê-lo". 496 Hortense adorava música e desenhar, e muitas vezes recebia as antigas colegas de escola em seu salão, mas nada a consolava. Segundo suas palavras, "Chorei muito, mas nunca provoquei

lágrimas aos outros” .497

Louis odiava Jose ina e disse à esposa que se alguma vez falasse abertamente com a mãe, ele a separaria do ilho e a encerraria num lugar remoto – e alertou-a de que nada deveria dizer a Napoleão. Ele a vigiava e a atacava. “És mulher e, logo, um ser composto de mal e de farsas”, dizia. “És ilha de uma mãe sem princípios; pertences a uma família que desprezo; não serão motivos su icientes para descon iar de ti? ”498

Quando Louis sofreu de uma doença de pele, obrigou-a a partilhar a cama, indo contra as advertências dos médicos. Chegou mesmo a aventar a hipótese de se deitar com a túnica horrivelmente imunda de um homem com uma infecção semelhante como cura, dizendo que Hortense teria de se juntar a ele. Napoleão pediu ao irmão que tratasse a esposa com mais gentileza e Louis se recusou, ameaçando deixar a França. Hortense e o marido de forma alguma tinham sido feitos um para o outro, e eram profundamente infelizes, algo que ultrapassava as sugestões simplistas de paciência e compreensão mútua adiantadas por Jose ina e por Napoleão. Jose ina enviou uma carta quase iludida em sua ingenuidade: “Por que mostrar tal repugnância por Louis? Em vez de piorares as coisas com as queixas, por que não tentar paciência e gentileza?” Ela conseguira superar a fúria de Napoleão com gentileza,

mas isso só acontecia porque ele a amara. Louis nunca sentira amor por Hortense. “Dizes que gostarias que ele se parecesse com o irmão, mas primeiro tem de possuir o temperamento do irmão.” À infeliz Hortense foi apresentada uma solução prática: “Se a digestão do coitado do Louis fosse melhor, ele seria muito mais afável” .499

“Tenho tantas notícias de Hortense como se ela estivesse no Congo”, suspirava Napoleão. O silêncio devia-se à sua infelicidade. 500 Subjacente à fúria estava o ressentimento por parte de Louis de ter sido obrigado pelo irmão a se casar com a ilha da bruxa Jose ina. Paranoico e humilhado com os boatos que diziam que a esposa fora amante do irmão, descarregava nela sua fúria. Napoleão esperava que o casamento pusesse im aos boatos, mas a imprensa britânica e os partidos antinapoleônicos, juntamente com alguns cortesãos, mantinham-nos vivos. A inal de contas, ele era um sedutor inescrupuloso e Jose ina fora uma amante renomada – por que Hortense seria diferente? Ficou tão perturbada com as acusações constantes que chegou a interrogar-se se a mãe acreditaria nelas. “Como podes sequer imaginar que eu partilhe certas opiniões absurdas, ou talvez interessadas?”, escreveu Jose ina. “Decerto não acreditas que te encare como rival?” 501 Ainda assim, Napoleão não se conteve de admirar a família de Jose ina. Perseguiu a jovem e bonita sobrinha loura, Stéphanie de Beauharnais, de 17 anos, outra aluna de Madame Campan. Isso, para Jose ina, era ir longe demais,

e ela começou a procurar um marido para Stéphanie, de preferência alguém que vivesse longe da França.

Jose ina ainda adorava Malmaison. Continuava a gastar milhares de francos em sementes e plantas, e comprou mais animais para criação. Todavia, quase nunca ia até lá, e quando Napoleão concordava em deixá-la visitar Malmaison, icava com ciúmes daquilo que ela amava. Por vezes, quando dominado pela fúria, disparava contra os cisnes, arrancava as plantas e matava os animais de estimação. Quando ela lhe suplicou que não abatesse os animais durante a época de acasalamento, ele mostrou-se mordaz. “Parece que tudo é prolífico em Malmaison, exceto Madame.”

Em valores atuais, os gastos de Jose ina com a criadagem, as joias, os ornamentos, as roupas e os presentes ultrapassariam um milhão de libras. Com efeito, surpreende que não tenha despendido ainda mais. O guarda-roupa era espetacularmente dispendioso, as joias absurdas e tinha os aposentos cheios de bugigangas caríssimas: caixas, estatuetas, livros ornamentais, jarras e peças em vidro. Agora que era imperatriz, via a criação de uma coleção de arte para o país como sendo uma de suas tarefas mais importantes, e gastava somas enormes em pinturas.

Apesar da paixão de Napoleão pela grandiosidade, no fundo ele continuava a ser um avarento e decretava com frequência que deveriam reduzir as despesas, como, por exemplo, ao ordenar que os lençóis nos

aposentos dos cortesãos só deveriam ser mudados mensalmente.

Jose ina nunca economizou e era muito bondosa – ou indolente – para regatear com os mercadores que lhe apresentavam seus artigos. Além dos presentes, da criadagem e das obras de caridade, ela sustentava a família. Enviava dinheiro à mãe na Martinica e insistia para que fosse para a corte, onde teria o elevado estatuto de mãe da imperatriz. Todavia, Rose-Claire icara perturbada com o gesto de Napoleão quando se coroara imperador, recusando-se a mudar. Permaneceu sozinha em La Pagerie, apenas com os criados.

Os outros familiares de Jose ina não mostravam tal apego aos princípios. O tio Tascher foi ao encontro dela e Jose ina pagou-lhe as dívidas, sustentando ele e os cinco ilhos na casa da rue de la Victoire, conseguindo-lhes, inclusive, posições nas embaixadas. Os primos maternos também aceitaram o convite e passaram a ser sustentados, e Jose ina oferecia presentes generosos à a ilhada, Jose ina Tallien.

Também sustentava Euphémie Lefèvre, sua criada e provavelmente meia-irmã, que a acompanhara na jornada para a França; em breve, Euphémie comprou uma grande propriedade perto de Malmaison.

Jose ina também dava dinheiro à família do antigo marido – à tia e sua ilha, à ama de leite de Alexandre, à ilha ilegítima e, acima de tudo, à antiga amante Laure de Longpré, que em tempos tramara cruelmente contra ela, junto com Alexandre. Com certeza sentia um prazer

redobrado por ajudar Laure. Conforme Jose ina escreveu na margem de uma carta, “esta senhora é muito fraca”.

Tornou-se conhecimento geral que qualquer um que precisasse só tinha de pedir ajuda a Jose ina. Deu dinheiro a monarquistas empobrecidos e a emigrantes aristocratas, bem como a todos os que a serviram ao longo da vida. As obras de caridade o iciais eram as que seriam de esperar de uma consorte: mães, órfãos, doentes e enfermos. Em 1805, os donativos anuais que fazia chegavam a 72 mil francos, e em 1809 esse valor saltou para 180 mil. Nesses valores não se incluíam os montantes pontuais entregues aos suplicantes que lhe enviavam mensagens nem as obras de caridade com que se deparava durante as viagens.

Madame de Rémusat comentou que Napoleão “encorajava as pessoas a se endividarem, pois isso as tornava dependentes”. 502 Para ele, a incapacidade de Jose ina de deixar de gastar era mais uma prova dos seus encantos femininos, embora continuasse a censurá-la pelos gastos. Em 1805, Napoleão declarou que todos os comerciantes deveriam passar primeiro pelo relator de Jose ina; ela, no entanto, encontrava formas de recebê-los em segredo. Quando o imperador encontrou a idosa modista de chapéus à espera no salão azul, chamou os guardas, que a arrastaram para a prisão. Rapidamente percebeu o erro cometido e deu ordens para

que a libertassem. Mas a terrível experiência da pobre mulher não dissuadiu outros comerciantes, que continuaram a procissão a caminho da maior bolsa da cidade.

As joias eram uma das maiores despesas de Jose ina. Maria Antonieta fora humilhada por um colar de diamantes, mas parecia que ninguém se queixava quando Jose ina aparecia coberta de pedras preciosas. Uma de suas damas de companhia a irmava que a coleção de joias da imperatriz poderia " igurar num conto d' *As Mil e Uma Noites*", e era a maior da Europa. [503] A caixa de joias de Maria Antonieta era muito pequena para conter as pedras da imperatriz. Um dos colares preferidos, com 27 diamantes enormes, foi objeto de cobiça do czar Alexandre, que o comprou após a morte de Jose ina. Na celebração do casamento da sobrinha com o príncipe herdeiro de Baden, Jose ina usou no cabelo pérolas no valor de um milhão de francos. Tinha as joias da Coroa francesa, bem como os presentes excessivos que Napoleão lhe dava: diademas, colares e pulseiras – e de todas as pedras preciosas que conseguia enviar das expedições, incluindo rubis orientais, pedras do Brasil e 10 colares de pérolas. Os irmãos Jacob izeram um armário de joias incrível, concebido por Percier e coberto por folha de ouro, placas de bronze e embutido a madrepérola. Atualmente no Louvre, é um verdadeiro monstro do excesso francês, com 30 gavetas (muitas delas com trincos secretos, úteis para impedir as investigações de Napoleão) e

as dimensões aproximadas de um pequeno guarda-roupa moderno. Foi o artigo mais caro que os irmãos alguma vez izeram – e, mesmo assim, não era o bastante para abrigar a coleção. Em 1811 fez-se um inventário das joias de Jose ina, que foram avaliadas em mais de 5 milhões de francos. A "mulher afável", ilha de um latifundiário da Martinica, tornara-se imperatriz, curvada sob o peso das pedras preciosas.504

470 Rémusat, *Mémoires*, II, p. 65.

471 Rémusat, *Mémoires*, II, p. 131.

472 Duchesse d'Abrantès, *Memoirs of Madame Junot, Duchesse d'Abrantès*, II, pp. 347-8.

473 Gautier, *Madame de Staël et Napoleon*, p. 168.

474 Rémusat, *Mémoires*, II, p. 65.

475 Bruce, *Napoleon and Josephine*, p. 373.

476 Rémusat, *Mémoires*, I, p. 263.

477 Josefina, *Correspondance*, p. 217.

478 Rémusat, *Mémoires*, I, p. 293

479

480 Madame de Staël, *Dix années d'exil*, p. 95.

481 Ducrest, I, p. 255.

482 Rémusat, I, p. 122.

483 Constant, *Mémoires*.

484 Bourrienne, *Mémoires*, II, p. 150.

485 Avrillon, *Mémoires*, p. 103.

486 Rémusat, *Mémoires*, I, p. 234.

487 Bourgeat, *Lettres*, p. 67.

488 Avrillon, *Mémoires*, p. 156.

489 Rémusat, *Mémoires*, II, p. 145.

490 Bertrand, *Cahiers*, p. 75.

491 Rémusat, *Mémoires*, I, p. 350.

492 Rémusat, *Mémoires*, I, p. 357.

493 Rémusat, *Mémoires*, I, p. 132

494 Remusat, *Mémoires*, II, p. 64.

495 Sutherland, *Walewska*, p. 40.

496 Rémusat, *Mémoires*, I, p. 402.

497 *Memoirs of Queen Hortense*, *Mémoires de la Reine Hortense*, p. 4.

498 Rémusat, *Mémoires*, I, p. 224.

499 Ducrest, I, p. 57.

500 Napoleão a Josefina, 14 agosto 1804.

501 Ducrest, I, p. 57.

502 Rémusat, *Mémoires*, II, p. 65.

503 Rémusat, *Mémoires*, I, p. 40.

504 Rémusat, *Mémoires*, I, p. 35. Bourrienne, *Mémoires*, II, p. 20.

17

“CUMPRI MEU DESTINO”

Em abril de 1805, Jose ina embarcava num plano para receber outra coroa. No início desse ano, uma delegação de Milão tinha chegado às Tulherias para solicitar a Napoleão que fosse seu rei. Ele pediu ao irmão José, que recusou, uma vez que não queria abdicar da sua pretensão ao trono francês. O imperador sugeriu então o pequeno Napoleão Carlos, mas o pai, Luís, recusou a honra, declarando que não queria ver o ilho acima de si mesmo. Napoleão teve de aceitar a coroa, e ele e Jose ina partiram para Milão. Ela seria “Sua Majestade a rainha da Itália”. Depois de uma semana de festas e cerimônias em Lyon, de uma sacolejante viagem pela passagem do monte Cenis e de uma parada para ver o papa em Turim, chegaram em Milão.

Jose ina participou da procissão, mas não foi coroada pelo marido, diferentemente do que havia ocorrido no ano anterior. Ela observou, acompanhada pela cunhada Elisa, quando Napoleão avançou com a coroa nas mãos e a colocou na própria cabeça. “Deus me deu”, rugiu ele, “e ai de quem mais lhe toque”. Exigira celebrações que izessem lembrar a Roma imperial, e houve um dia de corridas de bigas e de jogos ao estilo dos gladiadores. Então foi a vez de os italianos darem o próprio toque às celebrações: uma mulher subiu num balão e atirou lores sobre os novos rei e rainha. Os nobres gastaram a receita de um ano nos festejos.

Os irmãos e irmãs de Napoleão assistiram à coroação numa fúria silenciosa, observando a mais odiada rival tornar-se rainha. Ele os informou então que Eugène seria vice-rei da Itália e adotado por Napoleão como ilho da França. Carolina Murat adoeceu e o marido quebrou a espada no joelho. Jose ina era, ao que parecia, impossível de ser destituída.

Ela chorou ao pensar que o ilho estaria sempre distante, e Napoleão recriminou-a rispidamente. “Se a ausência do vosso ilho vos provoca tanta dor, imaginai o que devo sentir o tempo todo. O afeto que mostrais por eles faz-me sentir amargamente a infelicidade de não ter tido nenhum meu.” Enviou-a imediatamente para o lago de Como para que se banhasse e preparasse o corpo para ter uma criança.

Napoleão retornou da Itália para inspecionar o exército antes da sempre iminente invasão da Grã-Bretanha. Escreveu bem-disposto a Jose ina, mandando-lhe os habituais milhares de beijos. Jose ina se comportava, abstendo-se sabiamente de recriminá-lo por suas aventuras. Ela escreveu ao ilho: “Não há mais cenas de ciúmes, meu caro Eugène, posso agora afirmar, e portanto estamos os dois muito mais felizes” .505

Napoleão soube por intermédio de Talleyrand que a Áustria se preparava para se juntar à Grã-Bretanha e à Rússia contra a França. Os espiões do imperador lhe disseram que a Prússia também ponderava

uma aliança com a Grã-Bretanha. Ele tinha de agir imediatamente. Decidiu marchar sobre a Áustria, conquistá-la e depois regressar para invadir a Grã-Bretanha. Estava ávido por uma batalha, depois das tarefas femininas de planejar cerimônias e escolher trajes. Uma vitória magní ica sobre os austríacos era mesmo o que precisava para assegurar a posição. A inal, o caminho para a coroação não tinha exatamente sido feito por entre multidões jubilantes. “Tenho aqui um excelente exército e uma excelente frota, tudo aquilo de que preciso para passar agradavelmente o tempo”, escreveu à mulher, que viajara para Plombières, “só me faz falta a minha doce Jose ina, mas não devo admiti-lo, em matérias do coração as mulheres icam melhores se deixadas em suspense, incertas do seu poder” .506 Em setembro, exigiu 80 mil novos recrutas.

Ele desejava partir sozinho para a campanha, mas Jose ina voltou a Paris e pediu que lhe fosse permitido acompanhá-lo. Às 4 da madrugada, o casal imperial partiu para Estrasburgo na carruagem-cama do imperador. Viajariam durante 58 horas, parando apenas para trocar de cavalos. Napoleão estava de volta às campanhas, mas nunca se esquecia da importância da grandeza, bem como da estratégia. Ainda que fosse permanecer por um curto período, os apartamentos imperiais no antigo paço episcopal de Estrasburgo tinham sido decorados em honra ao imperador, e o incansável Fontaine tinha enviado mobília e talheres de

prata para que Napoleão pudesse jantar condignamente.

Após quatro dias de celebrações, tomou um longo banho e partiu novamente, em 1º de outubro, deixando para trás Jose ina. Ela seria sua representante em Estrasburgo, oferecendo jantares e recepções, recebendo os diplomatas e fazendo a ronda dos hospitais à medida que os soldados feridos fossem retornando do fronte. Ela presidiu até uma cerimônia de iniciação para uma loja maçônica de Estrasburgo, uma honra reservada à imperatriz. Entediada e sozinha, convencida de que Napoleão arranjaria amantes enquanto viajava, consolou-se com a compra de obras de arte, plantas, animais, vestidos e brinquedos. “Não vos inquieteis”, escreveu ele, “prometo-vos a mais breve e brilhante das campanhas”. 507 Não era com as campanhas que ela estava preocupada. Napoleão apressou-se, determinado a alcançar os austríacos antes da chegada dos russos para se aliarem contra ele. Partiu em sua carruagem com 52 outras no encalço. Estava acompanhado pelo general Berthier e pelas mais importantes ferramentas: um telescópio, conhaque, uma bússola, canetas, tinta e lacre. Os despachos eram escritos e atirados pela janela a um o icial que galopava ao lado da carruagem. Enviava uma carta por dia para Jose ina. Toda a operação avançava em tal ritmo que as refeições tinham de ser mantidas prontas para servir a qualquer momento, de modo que, quando Napoleão decretasse ser hora de comer,

descia da carruagem, sacavam-se os pratos e a comida era devorada, com a guarda imperial ao seu redor. Os soldados rasos obtinham a comida das pessoas com quem cruzavam, que pareciam, nas palavras de um soldado, “despensas ambulantes, carregadas de bacon” .508

O inverno estava prestes a chegar e a geada e a lama tornaram-se tão espessas que Napoleão abandonou a carruagem e viajou a cavalo. Mesmo sendo um imperador mimado, não deixava de ser o velho Bonaparte − imune às necessidades do corpo, cavalgando 10 horas sem parar, avançando por chuva torrencial sem se queixar. “Tenho uma ligeira constipação”, escreveu a Josefina, com alguma dose de menosprezo.

Napoleão e o exército apanharam os austríacos de surpresa. Eles julgavam que o imperador permanecia na costa francesa, arquitetando a invasão da Grã-Bretanha. Os soldados foram cercados e o general Mack e seus 50 mil homens renderam-se em Ulm, em 20 de outubro. Com 1.500 mortos, os franceses encararam as perdas como leves. Napoleão expediu uma carta em tom animado para Josefina. “Cumpri meu destino. Destruí o Exército austríaco”, gabou-se. “Esta será a mais breve, a mais bem-sucedida e a mais brilhante das campanhas que lutei.” Despediu-se, “Adeus minha Jose ina, mil beijos doces por todo o lado.” 509 A esposa não estava contente e, com ciúme, procurava por indícios de descuido, ainda infeliz com as amantes. “Deveríeis ter mais força e con iança”, desabafou

ele. “Tendes de estar alegre, diverti-vos.” 510

Entretanto, os planos para a invasão da Grã-Bretanha por mar seguiam com di iculdade. Desde a discussão com Lorde Whitworth, Napoleão alimentou planos para a invasão, mas a frota nunca estava pronta e ele nunca se sentia seguro da superioridade naval de que precisaria. Um dos problemas era a impossibilidade de fazer toda a lotilha sair para o mar numa única maré − levaria três marés, o que deixaria os navios vulneráveis enquanto aguardavam. Em agosto ele resmungou com o almirante Villeneuve, pois este havia recuado para Cádis em vez de entrar no Canal da Mancha. Napoleão decidiu substituí-lo. Na esperança de evitar a vergonha da substituição, Villeneuve tirou a frota de Cádis e caiu em cheio nas mãos de Nelson e de seus navios. A batalha de Trafalgar, em 21 de outubro, foi uma vitória trágica para os britânicos. Horatio Nelson morreu com um tiro no ombro, deixando Lady Hamilton à nação enquanto dava seus últimos suspiros. A morte do grande rival de Napoleão foi um pequeno consolo para os franceses. Os

britânicos celebraram a mais magní ica vitória naval que já haviam desfrutado. A população em peso comprou broches de Trafalgar e joias fúnebres de Nelson, os dignitários choraram em seu funeral na Catedral de St. Paul. Villeneuve foi feito prisioneiro. Quando foi libertado e retornou à França, esfaqueou-se até a morte.

As esperanças de Napoleão em invadir a Grã-Bretanha estavam inalmente terminadas. Como sempre, ele recusou a aceitar as notícias e disse à imprensa francesa que izesse apenas uma breve referência a Trafalgar. Não escreveu sobre o assunto a Jose ina e em vez disso se gabou de seus sucessos. A incrível rendição dos austríacos em Ulm captou toda a atenção da França.

Em 22 de outubro, Napoleão pediu a Jose ina que fosse a seu encontro em Munique, parando em Baden e Stuttgart pelo caminho. Acompanhada pelas damas de companhia, sua carruagem foi seguida pelas carruagens dos camareiros, da bagagem e do guarda-joias imperial. Ela acompanharia a marcha vitoriosa sobre Viena, parando nas cortes dos duques, dos príncipes-eleitores e de outros príncipes vassalos. Sempre que ela chegava a uma vila, era saudada por fanfarras, canhões e pelo repicar dos sinos. “Sede cortês com todos eles”, escreveu ele, “mas aceitai as homenagens como vos sendo devidas”.

Jose ina encantou as cortes conquistadas que visitou com os presentes e agradecimentos aparentemente sinceros pelas apresentações de canto ou de fogos de arti ício, arcos trinfais e odes em sua honra. Napoleão ficou grato por seu sucesso em suavizar suas vitórias abruptas. “Será que as grandes festas em Baden, Stuttgart e Munique vos izeram esquecer os pobres soldados que vivem cobertos de lama, chuva e sangue?”, lançou em tom de provocação.511

Napoleão e seu exército prosseguiram, mas os homens estavam exaustos e os mantimentos tornavam-se escassos. Sabia que os aliados os veriam como presas fáceis, longe de Estrasburgo e à frente de um exército desmoralizado e faminto. Traçou um plano ousado para ingir estar prestes a retirar os exércitos na esperança de que a surpresa lhe permitisse obter mais uma vitória. Em 1º de dezembro, véspera do primeiro aniversário do dia em que Napoleão tinha sido celebrado nas ruas de Paris, esperou em silêncio com seus homens na aldeia de Austerlitz, agachado no frio cortante. O mau tempo estava do seu lado. O nevoeiro abateu-se e as tropas francesas icaram escondidas dos olhares inimigos. Os russos chegaram e caíram na armadilha, julgando que os franceses tinham se retirado.

Quando o sol se mostrou às 8 da manhã, foi dada a ordem e os franceses investiram contra os austro-russos. Passadas três horas, o

exército inimigo estava em frangalhos. A guarda imperial austríaca foi esmagada e, ao cair da noite, os russos batiam em retirada por um lago gelado. Napoleão ordenou aos canhoneiros que disparassem contra o gelo e declarou terem sido mortos 20 mil homens. “Este é o dia mais feliz da minha vida”, a irmou a Méneval. Escreveu a Jose ina que tinha sido “a mais grandiosa de todas as batalhas que combati [. .] mais de 30 mil mortos, uma visão horrível”. Estava também cansado, “meus olhos estão muito mal”. 512 A arquiduquesa Maria Luísa, a ilha de 14 anos do imperador austríaco, irrompeu numa torrente de lágrimas quando soube a notícia e escreveu que o imperador francês era “a besta do Apocalipse”, que esperava que ele morresse naquele ano.

Os russos recuaram e Napoleão apressou-se sobre Viena, instalando-se no palácio de Schönbrunn, satisfeito por ocupar mais uma residência real. Em 5 de dezembro Jose ina alcançou Munique e soube das grandes vitórias do marido. Viu-se arrastada pelas celebrações e não lhe sobrou tempo para escrever cartas. “Poderosa imperatriz! Nem uma carta vossa”, queixou-se ele. “Dignai-vos do alto do vosso esplendor a preocupar-vos um pouco com vosso escravo.” 513 Ele ainda se apoiava nela. Um general quis saber se Napoleão poderia querer consolidar os sucessos casando-se com uma arquiduquesa austríaca, mas o herói recusou. “A memória de Maria Antonieta ainda está muito fresca.” 514

Contra os conselhos de Talleyrand, que recomendava uma aliança com a

Áustria a im de intimidar a Rússia, Napoleão esmagou a Áustria e seus protegidos − para benefício de suas relações.

Eugène, decidiu ele, se casaria quase imediatamente com Augusta, a ilha de 18 anos do príncipe-eleitor da Baviera, que era, em suas palavras, “mais bonita do que o retrato pintado na xícara que vos envio” .515 Informou o enteado da decisão, fez o anúncio aparecer nos jornais franceses e escreveu a Jose ina dizendo-lhe que organizasse as celebrações. Eugène obedeceu à ordem de “vir a toda velocidade” e galope a partir da Itália, levando consigo a xícara com a imagem da noiva.

Jose ina pediu para que lhe fosse permitido convidar Hortense para o casamento, mas Napoleão tinha muita pressa e não podia esperar por ela.

O príncipe-eleitor da Baviera icou muito infeliz com o casamento proposto. Queixando-se que Eugène era um plebeu e que a ilha já estava noiva do primo, o príncipe herdeiro de Baden, sugeriu que Napoleão se divorciasse de Jose ina e casasse ele mesmo com Augusta. A jovem segunda esposa do príncipe-eleitor um dia havia esperado se casar com o executado duque d’Enghien, e não se esforçou muito em ser educada com o imperador.

Napoleão passou por cima das objeções deles e ofereceu ao rejeitado príncipe de Baden a bonita sobrinha de Jose ina, Stéphanie Beauharnais.

Ele subornou o príncipe-eleitor a dar-lhe o título de rei da Baviera no inal de 1805, e decretou Eugène uma alteza imperial bem como vice-rei da Itália e seu ilho o icialmente adotado. O casamento ocorreu três dias depois da chegada apressada de Eugène em 14 de janeiro de 1806. Felizmente, Eugène, um homem amável e bem-disposto, icou satisfeito com a princesa, e os dois logo se amariam mutuamente. No casamento, Napoleão lertou com a jovem rainha da Baviera e icou convencido de que ela estava apaixonada por ele − um delírio particularmente intenso. Jose ina era muito esperta para se queixar de a decisão sobre o casamento do filho lhe ter sido retirada das mãos. Com Eugène como filho o icialmente adotado do imperador, havia uma chance de ele poder ser declarado herdeiro. Parecia impossível que Napoleão se pudesse divorciar dela depois de elevar tão magni icamente seu ilho. Ela passou as primeiras semanas de 1806 com ele, celebrando as vitórias e alimentando seu orgulho.

Napoleão voltou de Austerlitz em janeiro de 1806, vaidoso com a invencibilidade. Nem mesmo o fato de Paris estar na iminência de uma crise inanceira − depois do desaparecimento inexplicável de milhões de títulos do governo − podia minar sua autocon iança. Ele suspendeu o ministro do Tesouro e voltou a atenção para seu assunto favorito: a própria glória. Aos 36 anos ele transpôs nações e governou um império

de muitos milhões de pessoas. Estava em posse de quase toda a Europa, com exceção de alguns países que resistiam irritantemente − incluindo a Espanha, a Grã-Bretanha e a Suécia. 516 Estava inchado, exausto, era martirizado por dores de estômago e de cabeça, mas era o homem mais temido da Europa.

O rei de ouros estava cheio de ideias para tornar a corte ainda mais grandiosa depois de conhecer as da Áustria e de Munique. Decidiu que a corte deveria ensaiar imediatamente a cerimônia de apresentação. A própria Jose ina não tinha sido apresentada, e tinha agora de presidir a uma cerimônia de apresentação mais intrincadamente detalhada do que a de Luís XVI e Maria Antonieta. O imperador e a imperatriz instalaram-se nos tronos folheados a ouro, ladeados pela família Bonaparte sentada em bancos. Os o iciais da corte e as damas de companhia avançaram, fazendo reverências e cortesias. Uma dama que se apresentava fazia uma cortesia à porta, depois outra alguns passos adiante e uma terceira à frente de suas majestades imperiais − e tinha depois de sair caminhando de costas, fazendo mais três cortesias no processo. Pouco depois do início da cerimônia, Napoleão já dava mostras de grande impaciência, saltitando no trono com irritação e quase incapaz de se deixar icar até o im. A etiqueta, ele decidira, era muito melhor se cumprida por outra pessoa qualquer. Estava aborrecido e deixou

perpassar os sentimentos atirando insultos a qualquer pessoa que considerasse mal vestida.

Tudo eram as roupas novas do imperador: as cortes estrangeiras ridicularizavam a corte imperial pela ostentação dourada, o cúmulo do *nouveau riche*. Napoleão, um combatente brusco que se importava pouco com o povo francês, via-se quase como uma divindade. Assim como no tempo de Luís XVI e seus antecessores, convencionou-se que o imperador podia fazer brilhar o sol se assim entendesse, e por isso, nos dias de festa, mesmo nas profundezas do inverno, cortesãos tremendo de frio em trajes leves eram capazes de declarar que não estava frio nem chovendo, ainda que as roupas estivessem encharcadas da cabeça aos pés. Todos tinham de fazer de conta perto de Napoleão, o rei maravilhoso.

“A vida que levo aqui é tão fatigante quanto é possível ser, nunca gozo de um momento para mim mesmo”, escreveu Jose ina a Eugène. “Vou para a cama muito tarde e acordo cedo. O imperador, que é muito forte, aguenta bem esta vida agitada, mas minha saúde e minha alma estão sofrendo um pouco.” 517 A etiqueta era exigente, “uma escravidão diária”. 518 Napoleão era um indivíduo propenso à perfeição e qualquer pé mal colocado, movimento rápido demais ou elemento do traje fora do lugar podia gerar uma furiosa descompostura.

Jose ina a irmou mais tarde à dama de companhia, Madame Ducrest,

quanto “prazer” sentia quando algo interrompia “as correntes do cerimonial da corte”. 519 Napoleão exigia uma corte de ritual e procedimento pomposo, mas não tinha paciência para suportá-los até o im. Vestia descuidadamente os mantos, irrompia através de apresentações e remexia-se durante os bailes. Detestava assistir a peças nos novíssimos teatros dos palácios. Os melhores atores da França, os cenários mais bonitos, as comédias mais divertidas e a música mais harmoniosa eram apresentados para agradá-lo, mas ele assistia a cada apresentação encurvado, recusando-se a rir. Culpava, então, a peça por ser um fracasso e atacava os cortesãos por não terem descoberto algo que fosse realmente divertido.

“O prazer não habita em palácios”, escreveu Madame de Rémusat. A jovem corte de Napoleão debatia-se com os ditames do vestuário e do comportamento. Algumas das mulheres mais novas icavam tão confusas que quase não falavam com ninguém, e as garotas desmaiavam com medo só de pensar que seriam apresentadas ao imperador. O hábito de gritar com as mulheres ou de criticar suas vestimentas diante de todos era aterrorizador. A uma mulher sem pó de arroz perguntaria se “tinha acabado de sair do berço”, destacou os “cotovelos vermelhos” de outra e fez troça de uma terceira pela sua cara feia. 520 O imperador, tão poderoso, governante de milhões, ainda obtinha uma satisfação mesquinha com humilhações pueris às mulheres.

O homem que se debruçava em listas do exército durante a noite tinha escasso interesse pela sua corte. Di icilmente se lembrava do nome de quem quer que fosse e cambaleava até os cortesãos, inquirindo “E como é que *você* se chama?” 521 Jose ina acalmava as coisas depois. Recordava nomes, detalhes da saúde, da família e das casas das pessoas, e tinha sempre uma palavra amável − ela era o poder suave, a mulher que tornava possíveis os excessos do marido.

Tudo girava em torno das minúcias da etiqueta − “uma ita, uma ligeira diferença na roupa, permissão para passar por determinada porta”, como disse uma das damas de companhia de Jose ina.522 Aqueles que tinham estado em Versalhes ou em companhia de monarquistas estavam muito mais à vontade, e gargalhavam, sorriam e comportavam-se de modo natural. Os jacobinos e os republicanos icavam nervosos e rígidos, desacostumados à vida na corte e achando todo o ritual repulsivo. A vida era muito mais fácil para todos quando Napoleão partia a galope para mais uma vitória militar e Jose ina assumia o comando em seu lugar. Por certo, todos podiam começar logo a jogar cartas a dinheiro.

Jose ina sorria graciosamente à corte, mas icava cada vez mais inquieta. Achava que os rivais estavam sussurrando sobre ela pelas esquinas e planejando minar sua posição perante Napoleão. Também estava convencida de que sua vida corria perigo. Nunca se deixava icar sozinha e sempre que se sentia mal, com indigestão tinha certeza de ter

sido envenenada.523 “É de esperar que a imperatriz morra”, disse a Bourrienne, o temido Fouché. “Removeria muitas di iculdades.” 524

Jose ina, em forma e sentindo-se ainda muito distante da sua hora, preocupava-se com a comida sempre que comia. Napoleão fazia pouco caso de suas preocupações.

Jose ina encontrou consolo no casamento anunciado da sua sobrinha de 17 anos, Stéphanie − a paixão que Napoleão nutria por ela tinha dado muitas dores de cabeça à esposa. Stéphanie achou o corpulento e sonolento príncipe de Baden pouco apelativo e exigiu em seu lugar um rei. Napoleão icou deliciado com sua rebeldia e os dois eram frequentemente vistos juntos aos risos pela corte. Mas o príncipe não podia ser rejeitado, por isso Napoleão deu com relutância a Stéphanie o território de Breisgau, um colar no valor de um milhão e meio de francos e um enorme enxoval, além de lhe chamar “minha ilha”. O casamento foi um dos mais grandiosos que as Tulherias já viram. Um cortejo de 40 pessoas aproximou-se do altar − a noiva num vestido bordado a prata e decorado com rosas, ileiras de damas de companhia coroadas de diamantes e lores, e Bonaparte em traje espanhol. Jose ina estava resplandecente num vestido coberto por diferentes tons de bordados de ouro, com a coroa imperial e pérolas no valor de um milhão de francos. Nessa noite, enquanto os fogos de arti ício explodiam sobre o palácio,

Josefina congratulou-se por ter se livrado de mais uma rival.

Napoleão alegou que amava Eugène e Hortense porque nunca lhe pediam nada. O mesmo não se veri icava com sua família. Nada que lhes desse era su iciente. Cobriu de honrarias sua mãe, dando-lhe uma corte de 200 pessoas, com nove damas de companhia, um bispo e dois subcapelões como seus confessores e um antigo pajem de Luís XVI como seu cocheiro. Como casa de campo, dispunha de uma ala do Grand Trianon e mais tarde de um enorme palácio perto de Troyes. As irmãs de Napoleão procuraram superar Jose ina em seus gastos incríveis. Paulina e Carolina esbanjavam 15 mil francos em vestidos, os quais, depois, embelezavam com diamantes e pérolas. Quando Napoleão entrava na sala, lanqueado pelas irmãs reluzentes, a mãe em traje da corte e os irmãos em seus ricos uniformes, davam a aparência de uma frente unida. A realidade não podia ser mais distante. A família de Napoleão era um bando de incompetentes, conspiradores e bandidos. Comportavam-se como se a Europa fosse deles para retalhar.

Em 1806, José era rei de Nápoles e da Sicília, Carolina e Joaquim eram grão-duque e grã-duquesa de Berg, na Alemanha, e Elisa era grã-duquesa da Toscana. José desejava um reino maior e as irmãs pretendiam ser rainhas. Eles eram fracos governantes, ainda que qualquer regente de um estado vassalo de Napoleão estivesse numa

posição impossível, já que tinha de implementar medidas repressivas e impostos opressivos ditados por Paris. Como vice-rei, Eugène procurava defender a posição dos italianos e eles o estimavam por fazer o que podia por eles. Enterrou-se em papéis e reuniões. “Meu ilho, trabalhais demasiado; vossa vida é muito monótona”, escreveu-lhe Napoleão. “Tendes de ter um pouco mais de alegria em vosso lar; é necessário para a felicidade da vossa esposa e para vossa própria saúde. ”525

Ainda em 1806, fez Luís e Hortense rei e rainha da Holanda. O trono holandês foi um suborno. Luís recusou que Napoleão decretasse seu filho herdeiro do império porque não queria que este o suplantasse. Sendo presenteado com um reino, concordou. Hortense chorou amargamente quando lhe foi dito pelo padrasto que teria de abandonar Paris. Sua saúde não era boa e ela abominava viver com um marido cujo ódio por ela aumentava a cada dia. Ameaçou que se o sofrimento se tornasse muito grande ela se retiraria para um convento, pois não teria qualquer di iculdade em “abdicar de uma coroa da qual já podia sentir os espinhos” .526 Ela partiu para a Holanda como um cordeiro para o matadouro. E ela tinha razão para ter medo. Luís exigiu inicialmente que ela tivesse uma corte fabulosa. Depois, invejando sua popularidade, mudou de ideia e fê-la aceitar uma vida de isolamento, rodeando-a com espiões e insultando-a constantemente. Qualquer um que falasse com ela sobre

qualquer trivialidade era de imediato afastado do seu círculo. Luís era um rei tentando ser justo para o seu povo, e procurou opor-se aos ditames opressivos de Paris. Para Hortense, no entanto, era insuportavelmente cruel.

Hortense não tinha nada para consolá-la a não ser a pintura e a música, e a possibilidade de esbanjar afeto em seu ilho bebê. A ligação próxima com o pequeno Napoleão tornou as coisas piores: Luís tinha ciúmes e tentou afastá-lo dela, muito para o sofrimento da criança. Hortense afundou-se num estado depressivo e icou tão desesperada por escapar que teve esperança de que os britânicos invadissem e ela fosse feita prisioneira.

No verão de 1806, Napoleão conspirava mais uma vez. Depois de um longo período de indecisão, o rei da Prússia tinha assinado um acordo de aliança com o czar da Rússia. Ameaçaram então aliar-se à Grã-Bretanha se os franceses não se retirassem das posições que ocupavam no sul da Alemanha. Em agosto, os prussianos começaram a avançar em direção ao Exército francês. Napoleão decidiu mais uma vez recorrer à política do fingimento e fez surgir uma história segundo a qual ele não queria entrar em guerra porque estava muito confortável no palácio. Na realidade, preparava planos de conquista minuciosamente detalhados.

Jose ina decidiu novamente ir com ele. Quando recebeu a informação

de que ele estava prestes a partir, às 4 da madrugada de 24 de setembro, correu escada abaixo e atirou-se sobre ele, suplicando que lhe fosse permitido acompanhá-lo. Ele a colocou em sua carruagem e partiram. As damas de companhia de Jose ina encheram seis carruagens com roupas, equipamentos e joias e os seguiram horas mais tarde. Ela icaria em Mainz enquanto Napoleão partia novamente. Separou-se dela com relutância, lamentando-se, convulsionando-se e depois ameaçando vomitar. Parecia poderoso em seu uniforme − o marechal Massena a irmou que ele parecia meio metro mais alto quando punha o chapéu de general −, mas por dentro sofria com a vida de excessos que levava, e a perspectiva de marchar no frio era desencorajadora. Ainda assim, ele era o imperador e era melhor e mais forte do que aqueles reis fracos que enviavam generais para fazer seu trabalho.

“Não posso imaginar porque chorais, fazeis mal em icar doente”, escreveu ele impacientemente à esposa. 527 Deixada para trás, ela prosseguiu com os deveres de imperatriz. Organizou bailes e recepções, escutou suplicantes e recebeu delegações, visitou os feridos e entreteve príncipes alemães. Gastou perto de 55 mil francos em presentes para as pessoas que encontrou. Nada disso a fez sorrir. Napoleão enviou cartas frequentes, terminando com “amo-vos e desejo-vos” e “amo-vos e beijo-vos”. Mas Jose ina estava muito triste e passava todas as noites com as

cartas de tarô, tentando prever o futuro. Tinha motivos para estar preocupada. A jovem amante de Napoleão, Eléonore Denuelle, estava grávida de 6 meses. Jose ina não voltaria a ver o marido nos 10 meses seguintes.

Uma noite, ela disse às damas de companhia que as cartas de tarô tinham previsto uma grande vitória. Alguns minutos mais tarde, um pajem do imperador chegou com uma carta trazendo notícias de sucesso. "Nunca um exército foi tão completamente derrotado." 528 Ele conseguira uma vitória decisiva sobre os prussianos em Iena. O rei e a rainha refugiaram-se no leste da Prússia e Napoleão entrou esplendorosamente em Berlim, rodeado pelos marechais e pela guarda imperial. Ficou deliciado ao perambular pelo palácio e remexer os pertences do rei da Prússia. Sentou-se à mesa do rei e pegou na sua espada e no seu cinto, bem como num muito conveniente despertador de prata, que carregou consigo durante anos.

Napoleão culpou a rainha da Prússia por instigar o marido à agressão. "Quão infelizes são esses príncipes que permitem que as mulheres inter iram nos assuntos de Estado", escreveu ele, rispidamente. Jose ina respondeu, exprimindo mágoa. Ele respondeu: "Pareceis insatisfeita por eu falar mal de mulheres. É verdade que detesto mulheres conspiradoras. Estou acostumado às que são amáveis, doces e

persuasivas. É culpa vossa − haveis-me estragado.” 529 Mas Jose ina não conseguiu parar de chorar e de se preocupar. Ele se mostrou mais compreensivo do que o normal diante da fraqueza. “Talleyrand contou-me que estais sempre em lágrimas”, escreveu ele depois da chegada a Berlim do seu ministro das Relações Exteriores. “Deveis ser corajosa e recordar que sois uma imperatriz. ”530

Napoleão sabia que Eléonore estava grávida, mas tal informação não o abalou. Ele nunca se convencera de sua virtude e suspeitava (com razão) de que Joaquim Murat também seduzira a adolescente. No meio dos complicados planos militares, ele ainda nutria desejo por Jose ina. Em novembro, fechou os portos prussianos ao comércio britânico − um decreto que estenderia aos aliados da França e aos estados vassalos. Sua esperança era render a Grã-Bretanha pela fome. Como um plano, levaria a pobreza e as privações a uma Europa já enfraquecida, mas ele não se importava. Seria senhor do continente – portanto, do mundo.

Não se demorou em Berlim. Chegaram notícias de que os russos marchavam pela Polônia em sua direção. Ele decidiu partir para a Polônia e esmagar o Exército russo, um plano ousado considerando que seus homens estavam cansados e com saudades de casa, e não tinham sobretudos para o gélido clima polaco. Quando Jose ina soube que o marido estava novamente a caminho da batalha, mergulhou na

depressão. Enviou-lhe cartas sugerindo que poderia juntar-se a ele, e depois mudou de ideia. Em dezembro, ela implorava que a deixasse ir encontrá-lo. “Vejo que haveis perdido vossa pequena cabeça. Escrevi que poderíeis vir assim que nosso aquartelamento de inverno icasse determinado”, disse ele. “Quanto mais elevada é a nossa posição, menos podemos escolher e mais temos de depender dos acontecimentos e das circunstâncias.” 531 Jose ina estava icando desesperada. “Há apenas uma mulher para mim. Sabeis quem é? Poderia pintar para vós o seu retrato, mas far-vos-ia vaidosa”, escreveu ele. “As noites de inverno são longas, aqui sozinho.” 532 Ela respondeu, completamente a lita por ter sonhado que ele tinha encontrado uma mulher que pudesse amar. Napoleão respondeu com compreensão. “Dizeis que vosso sonho não vos causou ciúmes, penso por conseguinte que estais com ciúmes e ico contente. Em todo o caso estais equivocada. Nestas gélidas planícies polacas, perde-se pouco tempo com mulheres bonitas. ”533

Jose ina suplicou-lhe que a deixasse se encontrar com ele em Varsóvia. “Vossa carta fez-me rir”, escreveu ele na véspera do Ano Novo, viajando rapidamente rumo à capital. “Idealizais as mulheres da Polônia de um modo que elas não merecem.” 534 Mais tarde, nesse mesmo dia, Napoleão recebeu uma mensagem dizendo-lhe que Eléonore Denuelle tinha dado à luz um ilho, Carlos. Ainda convencido de que Joaquim também seduzira a garota, leu a nota e colocou-a de lado.

Ao contrário do resto da Europa, que via Napoleão como um opressor terrível, os poloneses viam-no como um potencial salvador que asseguraria a independência dos russos. As pessoas dançaram nas ruas com a notícia da chegada dos franceses, e as senhoras in luentes prepararam hospitais para os feridos franceses e palácios para os generais. No mesmo dia, quando se aproximava de Varsóvia, a carruagem de Napoleão foi rodeada por uma multidão aclamando os franceses. Uma garota jovem e bonita, com cabelo claro e olhos azuis, aproximou-se da carruagem pelo meio da turba, depois de pedir ajuda a Duroc. “Temos estado à espera que nos salveis”, sussurrou ela, num francês impecável. Tocado pela sua beleza e inocência, o imperador deu-lhe um buquê de lores da carruagem. Continuou a acenar para ela enquanto a carruagem se afastava.

505 Hanoteau, *Les Beauharnais et l’Empereur*.

506 Napoleão, *Lettres d’amour*, p. 174.

507 Rémusat, *Mémoires*, I, p. 437.

508 Alistair Horne, *Napoleon: Master of Europe*, p. 378.

509 Bourgeat, *Napoléon: Lettres à Josèphine*.

510 27 outubro 1805, Napoleão a Josefina, Bonazzi, *Lettres d’amour*.

511 10 dezembro 1805, Napoleão a Josefina, Bonazzi, *Lettres d’amour*, p. 175.

512 2 dezembro 1805, Bonazzi, *Lettres d’amour*, p. 123.

513 19 dezembro 1805, Napoleão a Josefina, Bonazzi.

514 André Castelot, *Napoléon*.

515 Napoleão, *Correspondance de Napoleon I*.

516 Em 1811 ele governava 44 milhões de pessoas.

517 Josefina, *Correspondance*, p. 185.

518 Rémusat, *Mémoires*, II, p. 55.

519 Ducrest, I, p. 193.

520 Hortense, *Mémoires*, I, p. 47.

521 Rémusat, *Mémoires*, I, p. 333.

522 Rémusat, *Mémoires*, I p. 294.

523 Ver *Mémoires* de Lucien.

524 Bourrienne, *Mémoires*, I, p. 345.

525 Napoleão a Eugène, *Correspondance*, XVII, p. 938.

526 Rémusat, *Mémoires*, I, p. 198.

527 5 outubro 1806, Napoleão a Josefina, Bonazzi, *Lettres d'amour*.

528 16 outubro 1806, Napoleão a Josefina, Bonazzi, *Lettres d'amour*.

529 Savant, *Napoleon et Josephine*, 6 novembro 1806, Napoleão a Josefina, *Bonazzi, Lettres d'amour*.

530 1 novembro 1806, Bonazzi, *Lettres d'amour*, p. 157.

531 3 dezembro 1806, Bonazzi, *Lettres d'amour*, p. 158.

532 2 dezembro 1806, Bonazzi, *Lettres d'amour*, p. 159.

533 3 dezembro 1806, Bonazzi, *Lettres d'amour*, p. 160.

534 31 dezembro 1806, Bonazzi, *Lettres d'amour*, p. 161.

18

"GOSTARIA QUE FOSSES MAIS SENSATA"

Napoleão escreveu uma carta a Jose ina. Já não queria mais sua presença. "Estou inclinado a pensar que deveis ir para Paris, onde sois necessária", disse-lhe. "As estradas estão ruins e não são seguras; não vos posso expor a tantas fadigas e perigos. Regressai a Paris para o inverno. "535 Sozinha em Mainz e chorosa, Jose ina alimentou pensamentos infelizes, mas Napoleão não queria saber. Quando não estava planejando batalhas, pensava obsessivamente na mulher que aceitara seu buquê.

Em casa com o ilho bebê, uma jovem condessa – Marie Walewska, bela e com quase 20 anos – foi visitada por um dignitário polonês. Este lhe disse que tinha ouvido falar no seu triunfo ao capturar a atenção de Napoleão e convidou-a para um baile em honra do imperador. O marido, um conde nacionalista 52 anos mais velho do que ela, convenceu-a a ir.

Na juventude da condessa Walewska, Napoleão encontrara alguém à sua altura. Apesar de o marido ter mais de 72 anos, ela acreditava na validade dos votos matrimoniais. Jovem e idealista, não tinha qualquer desejo de ser uma conquista sexual passageira do imperador tirano. Era inteligente e altamente educada – pelo tutor, Nicholas Chopin, pai do

futuro compositor –, falava luentemente francês e era talentosa em música, geografia e história.

O pai de Marie morrera quando ela tinha 8 anos num terrível massacre de lutadores pela independência dos russos. Com 16 anos e meio, voltou da escola para casa, e a mãe aceitou a proposta de Anastase Walewski, o proprietário de terras mais rico da área. Marie não tinha muita vontade de se casar com ele (seu neto mais novo era seis anos mais velho do que ela), mas tinha pouca escolha. Em junho de 1805 deu à luz um filho.

O conde Walewski icou encantado com a atenção que a esposa tinha recebido de Napoleão. Ela estava bastante amedrontada com a intensa resposta do imperador. No baile, trajou um vestido branco simples, parecendo mais uma camponesa do que uma condessa. Napoleão icou fascinado por ela e escolheu-a como parceira de dança, hipnotizado com sua beleza, entusiasmado com sua aparente virtude e estimulado pela falta de interesse óbvia em lertar com ele. Na manhã seguinte, acordou com a mente ocupada por Marie. Escreveu-lhe uma carta. “Não vi ninguém senão vós, só vos admirei a vós; não quero mais ninguém; rogo-vos que respondais imediatamente para acalmar o ardor e a impaciência de N.” Enviou a carta pelo general Duroc, juntamente com um enorme buquê de flores.

Marie olhou perplexa para Duroc, que estava à espera de uma resposta, e disse: “Não há resposta.” O imperador icou chocado por não recebê-la. Conforme registrou seu pajem: “simplesmente não conseguia perceber; considerava-se irresistível para as mulheres e realmente acredito que seu amor-próprio estava ferido” .536

Nessa noite, Duroc retornou com outra carta. Desta vez, Napoleão tentava uma abordagem mais suave e invocou as antigas palavras românticas que usara com Josefina.

“Desagradei-vos, Madame? Tinha esperança que se tratasse do contrário. Foi um sonho da minha parte? Vosso ardor esmoreceu, ao passo que o meu arde cada vez mais ferozmente.

Minha paz foi destruída! Oh, dai alguma alegria e felicidade ao coração que anseia por vos adorar!” 537

Para Napoleão, o cerco tinha começado. Confessou uma paixão ardente e implorou-lhe que jantasse com ele a sós. Enviou-lhe uma caixa de joias de couro vermelho, mas Marie atirou-a ao chão, enojada. “Deve achar que sou uma prostituta”, a irmou. 538 Napoleão não se deixava dissuadir. Quando as ofertas habituais de favores e dinheiro foram recusadas, tentou chantageá-la. Se cuidasse dele, olharia com simpatia para a Polônia. “Vosso país ser-me-á querido quando tiveres pena do meu pobre coração”, declarou. “Sempre que penso que uma coisa é impossível ou di ícil de conseguir é quando a desejo mais. Nada me desencoraja [. .]

Estou acostumado a ver satisfeitos os meus desejos. Vossa resistência subjuga-me. Quero forçar-vos, sim, forçar-vos a amar-me, Marie. Fiz renascer o nome do vosso país. Vou fazer muito mais!” 539

Os dignitários polacos disseram a Marie que ela era a única esperança de independência. Só o imperador podia proteger a independência polonesa dos prussianos, russos e austríacos. Todos tinham de tentar agradar-lhe – incluindo ela. Pobre Marie – sitiada por Napoleão e constantemente atacada pelo próprio marido e seus aliados políticos para abdicar da sua virtude –, estava numa posição impossível.

Relutantemente, concordou receber Napoleão em particular. Ela chegou, agitada e tremendo, com medo do destino. Mas Napoleão, ocupado trabalhando, disse para ela ir a um aposento no palácio, para jantar e descansar. Continuou a trabalhar até tarde. Então, quando ela estava quase adormecida, irrompeu pelo quarto. Imediatamente começou a exigir detalhes sobre os nobres poloneses nacionalistas, como se ela fosse uma informante. Depois agarrou-a e começou a forçar-se sobre ela (sua estratégia talvez fosse encontrá-la quase dormindo e, consequentemente, oferecendo menos resistência). Ela tentou lutar, mas ele foi impiedoso. “Lembra-te, se me empurrares muito, o nome da Polônia e todas as tuas esperanças serão desfeitos como este relógio.” 540

Atirou, então, um relógio para o chão e esmagou-o em pedacinhos com o

salto do sapato. Marie icou tão aterrorizada que desmaiou. Quando acordou percebeu que Napoleão a tinha possuído mesmo assim. Ele, no entanto, tinha uma versão diferente. “Ela não lutou muito”, disse.[541] Quando Marie recuperou os sentidos e começou a chorar, Napoleão tratou-a com bondade. “Podes ter a certeza, Marie, que vou cumprir a promessa que te iz.” Ela comunicou as palavras dele ao marido e aos dignitários. Tinha cumprido o dever pelo seu país, a um alto custo.

Napoleão escreveu-lhe novamente, desta vez tratando-a por “tu”.

“Marie, minha doce Marie! Meu primeiro pensamento és tu, meu primeiro desejo é ver-te uma vez mais. Virás novamente, não virás? Prometeste-me que o farás. Se não, então a águia voará até ti. Ver-te-ei ao jantar, diz-me um amigo. Então, digna-te a aceitar este buquê, deixa que ele se torne uma ligação misteriosa, que estabelecerá entre nós uma união secreta no seio da multidão que nos rodeia.” [542]

Marie tinha se tornado sua amante e não podia voltar atrás. Napoleão estava tão encantado por ela que a chamava constantemente e tentava o máximo possível ser gentil e bondoso. Gradualmente, ela se deixou conquistar por ele e acabou por con iar nele. Ele admirava sua inocência, seu patriotismo e sua virtude rígida e valorizava sua lealdade. Acima de tudo, era um homem vaidoso e via no interesse de Marie pelas suas investidas um lisonjeiro espelho de si mesmo. Pela primeira vez desde Josefina, apaixonou-se.

Quando partiu para a Prússia Oriental, Marie deixou para trás o

marido e o ilho pequeno e mudou-se para a propriedade da mãe, pronta para servir Napoleão sempre que ele a chamasse. Ele escreveu-lhe cartas românticas em todos os pontos da sua jornada, prometendo-lhe que obteria a garantia da independência da Polônia em relação ao czar. Escrevia regularmente a Marie – e também a Jose ina. Continuava a encorajá-la a retornar a Paris. “Acreditai em mim, às vezes é mais di ícil para mim do que para vós abdicar da felicidade do nosso encontro. Dizei para si mesma, é a prova do quanto eu sou preciosa para ele.” 543 Mas estava muito menos receptivo ao seu desânimo do que estivera antes de conhecer Marie. “Sê merecedora de mim, mostrai mais força de caráter, não gosto de covardes.” 544 Apesar da paixão por Marie, ainda queria Jose ina. “Beijo-vos em todo os lugares – todos os lugares –, mesmo nos priminhos.” 545

Jose ina sabia que tinha de lhe obedecer e regressar a Paris. Sentia-se tão deprimida que se esforçava por manter a grandiosidade e o estilo de uma imperatriz na viagem de volta. Retornou a uma cidade sombria. A proibição de comércio com a Grã-Bretanha e seu Império causava grandes dificuldades. Os camponeses não podiam exportar os excedentes das colheitas de 1808 e os preços caíram. A classe média não tinha café, açúcar, rum, chocolate, nem outros bens das Índias Ocidentais. Todos recorriam à especulação, ao mercado negro e a subornos.

O ambiente de desespero não fez bem nenhum à popularidade de

Napoleão – havia rumores de que o exército sofria excessivamente e que alguns homens suicidaram-se. As pessoas diziam que, se austríacos e prussianos se aliassem, Napoleão não seria capaz de derrubá-los. Com tantos maridos, ilhos e amantes longe de casa, a corte estava monótona e triste, com muitas mulheres juntas num mesmo espaço, todas desesperadamente à espera da notícia de que os amados tinham sobrevivido.

Jose ina achava que as Tulherias faziam mal ao espírito e mal conseguia presidir à ronda de entretenimentos da corte. Napoleão não tinha tempo para se queixar. “Se realmente me quereis agradar, deveis viver exatamente como quando estou em Paris”, disse-lhe. “Nessa altura, não era vosso hábito visitar os teatros de segunda categoria.” 546 Josefina perguntou a Napoleão se ela podia receber Thérésa, agora que era casada com o príncipe de Chimay e tinha, aos olhos dela, afastado a associação com Tallien (divorciaram-se em 1802). Napoleão enviou uma recusa furiosa. “Acho-a mais desprezível do que nunca.” 547 Josefina precisava do apoio da amizade. Tinha ouvido as notícias sobre sua “esposa polaca”. Apesar de ter poucos detalhes, percebia agora que ele a dissuadiu de se juntar a ele porque já tinha uma companheira. Seus receios sobre as belas mulheres polacas se concretizaram e não havia nada que ela pudesse fazer, a não ser comportar-se como Napoleão queria. Organizou recepções e jantares de Estado, foi a festas de gala na

Ópera e recebeu embaixadores. Mas o sorriso nos lábios era falso. Escreveu a Eugène que seu coração estava “muito triste com a longa ausência do imperador, apesar de suas cartas frequentes”. Na semana seguinte escreveu que, se sua ausência continuasse por muito tempo, “eu não sei se encontro coragem para aguentar” .548

Napoleão passava todos os momentos livres organizando equipamento e estadia, estudando mapas e enviando grupos de reconhecimento. Em 11 de fevereiro de 1807, atacou os russos em Eylau. Venceu, mas sem grande vantagem, e 20 mil soldados franceses perderam a vida. Quando a notícia desta perda chegou a Paris, a bolsa caiu. Apesar de os boletins exagerarem os números, chegaram até eles rumores de que havia homens morrendo em situações de congelamento, perdidos longe de casa. Os homens começaram a fugir de Paris só de pensarem em mais uma fase de recrutamento para o exército. Napoleão icou previsivelmente furioso com a falta de fé dos súditos. “Nunca a França esteve em melhor posição”, anunciou para Fouché. “Repito que o Boletim exagera as perdas [. .] a inal, o que são 20 mil mortos numa grande batalha? ”549

As cartas dele começaram a chegar mais lentamente. Escreveu a Jose ina desculpando-se por não manter o contato, “sabendo o quanto

vos preocupais". Não estava autorizada a se encontrar com ele. "Estou tão ansioso por vos ver como vós a mim e sim, sei fazer outras coisas além da guerra, mas o dever vem primeiro. Por toda a vida sacri iquei tudo ao meu destino – tranquilidade, prazer e felicidade." 550 Escreveu-lhe ordenando-lhe que estivesse contente e que desse banquetes. 551 Como disse, e Jose ina sabia muito bem, "Uma imperatriz não pode ir aonde um indivíduo pode." 552

Napoleão se submetia ao clima e decidiu esperar até o degelo para prosseguir. Alegremente disse à esposa que tinha mudado o quartel-general para um "castelo muito elegante" em Finckenstein. "Tenho várias lareiras, o que é um grande conforto para mim: tendo de me levantar frequentemente à noite, gosto de ver o fogo." 553 Tinha razões para se levantar depois de escurecer: Marie Walewska estava lá e ele queria visitar o quarto dela à noite.

Marie servia-o pacientemente, virando-se para os livros quando ele estava ocupado com os planos militares. O sultão da Turquia enviou a Napoleão 30 delicados xales de caxemira e, em vez de empacotá-los para Josefina, deu-os a Marie. Ela só aceitou um.

Jose ina soube pelos espiões que a "esposa polaca" estava em Finckenstein e escreveu a Napoleão, deixando implícita sua suspeita. "Não sei o que quereis dizer com donzelas com as quais dizeis que estou associado. Apenas amo a minha pequena Jose ina, boa, emburrada e

caprichosa, que sabe como discutir graciosamente como em tudo o resto que faz; pois ela é sempre doce, exceto quando está com ciúmes, então torna-se um demônio [. .] Mas voltando a essas senhoras, espero que as que tenhais em mente tenham bonitos botões rosadinhos. ”554 Jose ina não se deixou enganar. Napoleão estava revigorado com a nova vida com Marie. Conforme escreveu ao general Murat, sua “veia amorosa nunca esteve tão vigorosa” .555

Jose ina sabia que todos na corte tinham ouvido falar na “esposa polaca”. Os Bonaparte eram abertamente mais grosseiros com ela do que nunca e Letizia se recusou a jantar com a cunhada nas noites de domingo. Esfregando as mãos em conspiração sobre o ilho bebê de Eléonore Denuelle, os Bonaparte estavam certos de que conseguiriam o triunfo sobre a inimiga.

Na noite de 4 de maio, Napoleão Carlos, com 4 anos, vivendo com Hortense e Luís na Holanda, icou doente, do que se pensava ser crupe depois de um surto de sarampo (era provavelmente uma pneumonia ou encefalite aguda, consequências comuns do sarampo). Os médicos cobriram-no de sanguessugas e medicaram-no com pós, mas não conseguiram fazê-lo melhorar, e ele morreu nos braços da mãe. Hortense icou histérica e não conseguiram separá-la do corpo até ela desmaiar e a levarem para o quarto. Quando recuperou a consciência, gritou

aterrorizada pelo ilho e pediu para morrer. Após alguns dias, caiu num estupor. Incapaz de chorar, falar ou comer, ficou paralisada de dor.

Jose ina implorou a Napoleão que a deixasse visitar a ilha, mas ele recusou. Agora que afagava a gentil Marie, a esposa parecia fraca e uma chorona persistente. “Teve a felicidade de nunca ter perdido um ilho, mas é uma das dores e condições associada às nossas misérias na Terra. ”556 Ela era necessária para manter seu estatuto em Paris, e ele lhe disse que ela tinha de ter mais coragem. “Gostaria que fôsseis mais sensata”, escreveu, zangado. “Quereis aumentar minha infelicidade?” 557

Jose ina sempre tinha tentado tornar Napoleão o foco de todo seu acordar, mas agora estava muito atormentada pelo sofrimento para fazê-lo. Sabia que a morte de Napoleão Carlos tornava sua posição muito insegura. Napoleão tinha visto o ilho de Hortense como seu herdeiro não o icial. Com a criança morta, Jose ina suspeitava que estivesse mais inclinado ao divórcio.

Napoleão perdeu a paciência com ela – e também, pela primeira vez, com a amada Hortense. “Hortense não está sendo razoável, não merece nosso amor porque só amava o ilho”, repreendia. “Não torneis meu sofrimento ainda pior.” 558 Estava absolutamente fechado em si mesmo. Talleyrand sugeriu que ele evitasse o comportamento vanglorioso em frente a uma delegação que tinha ido lhe dar as condolências pela perda,

mas Napoleão estava impaciente, dizendo que “não tinha tempo a perder com sentimentos e luto, como os outros homens”. 559 Ainda assim, estabeleceu um prêmio de 12 mil francos – uma quantia vultosa – para o médico que conseguisse escrever o melhor ensaio sobre como curar o crupe.

Jose ina se encontrou, por im, com a ilha em Bruxelas. Longe das memórias do ilho, Hortense se recuperou lentamente. Luís se apressou para se encontrar com ela, todas as diferenças esquecidas, e tentou consolá-la. Napoleão continuava a discursar para a esposa por Hortense não lhe escrever. “Por que é que não lhe arranjais uma ocupação? Chorar não vai resolver o problema!” 560 O grupo continuou a viagem até as águas dos Pireneus, onde os jovens marido e esposa foram bondosos um com o outro e Hortense engravidou outra vez.

Napoleão ordenou que não contassem más notícias a Jose ina pela segunda vez. Em junho, a mãe dela faleceu em La Pagerie. Fora sepultada em Trois-Îlets com esplendor estatal, como era adequado à mãe da imperatriz. O corpo desceu ao túmulo ao som ribombante da saudação militar. A notícia chegou a Jose ina por meio de seus informantes e ela mergulhou em desespero com a morte da mãe que não via há muito tempo. Ficou chocada quando Napoleão decretou que a notícia não devia ser tornada pública. Disse que um mês de luto apenas deixaria a corte infeliz e não tolerava nada que ameaçasse a rodada de celebrações das

suas brilhantes vitórias. Para Jose ina, ainda em sofrimento pela morte de Napoleão Carlos, era outro indicador de que estava sendo posta de lado. Ela era devastada por enxaquecas e não conseguia dormir.
Napoleão estava obcecado com a vitória militar e via a batalha contra a Rússia como a mais importante da carreira até então. Os estudantes dos colégios militares foram chamados 18 meses antes e foi dito aos Estados alemães que fornecessem 100 mil homens. Os preparativos não eram em vão. Em 14 de junho de 1807, em Friedland, Prússia Oriental, Napoleão e seus homens lutaram durante dois dias seguidos numa tempestade de neve e alcançaram uma grande vitória, apesar da perda de 30 mil vidas de ambos os lados.
O imperador vitorioso enviou o iel mensageiro Jacques Chazal – apelidado de “Bigode” devido ao pelo facial impressionante – para dar as boas-novas à imperatriz em Saint-Cloud. Bigode cavalgou tão duramente que o cavalo caiu morto no pátio do castelo. Os franceses, cansados de batalha e com medo de perderem mais homens, aclamaram a vitória, mas icaram esperançosos de que não houvesse mais luta. Napoleão se sentiu ofendido e convenceu-se de que só Marie realmente se importava com suas vitórias. Não conseguiu resistir a ditar outra carta para Hortense. “Gostaria que fosses mais sensata”, leu a rainha da Holanda, sentada em seu castelo úmido, sozinha e ainda de luto. “Tua mãe e eu esperamos

ganhar um espaço maior no teu coração. Conquistei uma grande vitória em 14 de junho.”

O czar da Rússia pediu um armistício e Napoleão concordou. Não tinha escolha – seu exército estava muito devastado e os homens fugiam do recrutamento em Paris. Ansioso por se apresentar como um maravilhoso promotor da paz, partiu para se encontrar com o inimigo em Tilsit, na Prússia. Jose ina continuava a não se comportar como ele queria. “Recebi vossa carta de 25 de junho e ico magoado por ver que sois tão egoísta e que pareceis desinteressada no meu sucesso militar”, escreveu.

“Também eu anseio pelo nosso reencontro, quando o destino assim o ordenar.” 561 Marie Walewska, gentil e fácil de controlar, icava completamente maravilhada com suas vitórias sobre o czar; em comparação, Josefina parecia um monstro de egoísmo.

O plano era o czar e o imperador encontrarem-se numa jangada no rio Niemen, perto da cidade de Tilsit. “Senhor, odeio os ingleses tanto quanto você”, foi a primeira saudação do czar Alexandre a Napoleão. “Nesse caso, a paz está estabelecida”, respondeu o imperador.

“Ele é um imperador agradável ao olhar, jovem e de bom coração”, escreveu Napoleão à esposa, “tem mais inteligência do que aquilo que as pessoas habitualmente julgam”. 562 Alexandre, com 30 anos, era nervoso, tinha medo de lutar, era dado a alterações de humor e bastante estúpido.

Mas era ultrajantemente bonito, e os caricaturistas pintavam-no sendo

admirado por todas as senhoras, desde a rainha da Prússia até a Lady Hamilton de Nelson. Experiente na arte do ingimento, bajulou excessivamente Napoleão. Surpreso, Napoleão começou a ponderar a irmã do czar, a grã-duquesa Catarina, de 20 anos. Sexta criança e quarta ilha do czar Paulo, era vibrante, inteligente e um dos melhores partidos da Europa. Catarina era a mascote da mãe e a absoluta favorita do czar. Escreveu-lhe cartas devotas sobre seu afeto e consultou-a em questões políticas. Se Napoleão garantisse tamanho prêmio, sua posição na Europa estaria segura.

Pediu pouco ao czar: apenas que a Rússia se juntasse ao Bloqueio Continental, a proibição de negociar com a Grã-Bretanha. Mas foi cruel para a Prússia. A nação perderia metade do território, pagaria avultadas reparações e aceitaria uma ocupação extensa. A rainha Louise atirou-se aos pés de Napoleão e implorou misericórdia, mas ele não era misericordioso na vitória. Em vez disso, olhou para ela do alto e com desprezo e perguntou-lhe se seu vestido era feito de crepe ou musselina italiana. O grande esforço para lisonjeá-lo divertiu-o, mas não adiantou nada. “A rainha da Prússia é realmente charmosa, queria fazer de mim seu marido”, escreveu a Josefina. “Eu nem reparei.” 563

Napoleão ainda não tinha 38 anos e era todo-poderoso. A Grã-Bretanha parecia apenas uma ilha insigni icante, com um império

ultramarino que desvanecia. A Rússia juntar-se à proibição de negociação foi um golpe para a Grã-Bretanha, uma vez que sua marinha utilizava madeira e suprimentos russos para os navios. A vasta extensão do atual império francês mostrava um espetáculo que se assemelhava ao "domínio dos romanos e às conquistas de Carlos Magno". 564 O imperador tinha agora 44 palácios, e a Europa estava sujeita aos seus caprichos.

Mas até os governantes que desprezava – o louco Jorge III, o odiado rei da Prússia e todos os príncipes covardes – tinham aquilo que ele não tinha: um herdeiro legítimo. Como disse mais tarde em Santa Helena, retornou "tão certo do seu destino" que sabia que o divórcio era inevitável. 565

535 7 janeiro 1807, Napoleão a Josefina.

536 Christine Sutherland, *Walewska*, p. 68.

537 Arquivos Walewski.

538 Arquivos Walewski.

539 Arquivos Walewski.

540 Bruce, *Napoleon and Josephine*, correspondência de Josefina, p. 200, dos Arquivos Walewski.

541 Bertrand, *Cahiers*, p. 145.

542 Napoleão a Marie Walewska, Napoleão, *Correspondance*, org. Chevallier, p. 85.

543 11 janeiro 1807, Napoleão a Josefina, Bonazzi, *Lettres d'amour*.

544 18 janeiro 1807, Bonazzi, *Lettres d’amour*.

545 Bruce, p. 343.

546 Napoleão, 25 março 1807, Bonazzi, *Lettres d’amour*, p. 267.

547 Bruce, *Napoleon and Josephine*, p. 407, dos Archives Nationale em Paris.

548 Josefina, *Correspondance*, p. 200.

549 Hanoteau, *Les Beauharnais et l’Empereur*.

550 27 março 1807, Bonazzi, *Lettres d’amour*.

551 17 março 1807, Bonazzi, *Lettres d’amour*.

552 25 março 1807, Bonazzi, *Lettres d’amour*.

553 2 abril 1807, Bonazzi, *Lettres d’amour*.

554 10 maio 1807, Bonazzi, *Lettres d’amour*.

555 Bruce, *Napoleon and Josephine*, p. 410.

556 Napoleão, 14 maio 1807, Bonazzi, *Lettres d’amour*, p. 283.

557 Napoleão, 14 maio 1807, Bonazzi, *Lettres d’amour*, p. 283.

558 26 maio 1807, Bonazzi, *Lettres d’amour*.

559 Rémusat, *Mémoires*.

560 2 junho 1807, Bonazzi, *Lettres d’amour*.

561 Bourgeat, *Napoléon: Lettres à Joséphine*, 3 julho 1807.

562 Napoleão, 25 junho 1807, Bonazzi, *Lettres d’amour*, p. 297.

563 7 julho 1807, Bonazzi, *Lettres d’amour*, p. 204.

564 Bourrienne, *Mémoires*, III, p. 150.

565 Bertrand, *Cahiers*, III, p. 51.

19

“FRIO E MUITAS VEZES ENVERGONHADO”

“Oimperador tinha se comportado de modo frio e muitas vezes envergonhado com a esposa desde o regresso da guerra”, escreveu o diplomata príncipe Von Metternich em tom animado para Viena. “Não partilham um quarto. Muitos dos seus hábitos diários foram alterados.” Napoleão estava preocupado com o próprio brilhantismo, ressentido com Jose ina por não ter celebrado su icientemente suas vitórias − e pensava num filho.

O tempo com Marie Walewska tinha-lhe provado que ele conseguia viver com outra mulher em ambiente doméstico. Organizou uma magní ica festa para o 38º aniversário e começou a escolher damas da corte para suas aventuras. Acreditando terem uma oportunidade de se promover, as mulheres digladiavam-se por seus afetos com mais intensidade do que nunca. Mas Napoleão desejava que a próxima esposa fosse uma princesa real, com dinheiro, classe e sangue azul. O casamento com uma austríaca ou uma russa tornaria muito mais improvável uma aliança entre seus dois inimigos, e uma princesa estrangeira lhe daria o estatuto real que almejava, bem como a verdadeira grandeza que achava faltar às Tulherias. Os cortesãos começaram secretamente a estudar

casamentos. Talleyrand, o aliado de longa data de Jose ina, maquinava agora contra ela. As razões dos seus inimigos eram simples: como disse Fouché, “Os irmãos de Napoleão são desgraçadamente incompetentes e temos de nos precaver contra o retorno dos Bourbons.” 566 Foram elaboradas listas de possíveis noivas reais. Os embaixadores competiam entre si para promover as respetivas princesas, mostrando miniaturas adoráveis e falando de temperamentos dóceis, graça, saúde e sucessos. Talleyrand defendeu uma princesa austríaca, Fouché votou pela grã-duquesa Catarina da Rússia.

Jose ina se preocupou com seu destino. “Se tiverem sucesso em separar-me dele, não será só a perda de posição que terei a lamentar”, escreveu a Eugène, “mais cedo ou mais tarde ele descobrirá que os que o rodeiam estão mais interessados neles mesmos do que nele e saberá como foi enganado”. 567 Eugène respondeu ter ouvido muito acerca de um divórcio em Munique e Paris, mas estava convicto de que o imperador a trataria com amabilidade. “Ele terá de vos tratar bem, de vos dar uma indenização adequada, e de vos deixar viver na Itália com vossos ilhos”, respondeu. “Se o imperador pretender ter ilhos realmente seus, não há outra maneira.”

Depois de uma missa de domingo, Fouché disse a Jose ina que ela deveria começar “o inevitável sacri ício” de um divórcio e permitir a Napoleão ter um ilho legítimo. Jose ina estava preparada. “O imperador

vos ordenou que me dissésseis isto?” O ministro se recusou a responder, e ela retorquiu com dignidade. “Encaro minha ligação com o imperador como escrita no registro dos destinos mais elevados. Jamais discutirei o assunto com alguém que não ele e jamais farei o que seja sem ordens suas.” Foi ter diretamente com Napoleão e − corajosamente − exigiu saber se ele tinha ordenado ao ministro que falasse. O imperador negou qualquer conhecimento. “Sabeis muito bem que não conseguiria viver sem vós”, afirmou. Perguntou-lhe então o que achara da proposta e se ela poderia “tomar a iniciativa para ajudá-lo a fazer o sacri ício se ele achasse necessário”. Jose ina disse-lhe que não o faria. “Nosso destino conjunto tem sido demasiado extraordinário para que não tenha sido decidido pela providência. Só vós podeis decidir meu destino. ”568 Ela tinha pensado cuidadosamente o que diria. “Tenho demasiado medo de atrair para nós a má sorte se, por minha iniciativa, viesse a separar a minha vida da vossa.” Foi uma estratégia brilhante. Napoleão acreditava seriamente que ela era seu amuleto e temia perder seu toque de magia. Ele rebentou em lágrimas e agarraram-se apaixonadamente um ao outro. Napoleão retornou novamente à cama dela.

Mesmo que Napoleão pudesse ainda cair nos braços de Jose ina, estava zangado com a dor da mulher por Napoleão Carlos, que considerava excessiva. Quando viu Hortense depois de voltar, perdeu a

paciência. Ela estava nervosa e enfraquecida, com os olhos lacrimejantes. “Vamos, vamos, parai com esta criancice. Já haveis chorado o bastante pelo vosso ilho. Está tornando-se ridículo [. .] alegrai-vos, gozai dos prazeres da vossa idade e não deixeis que eu vos veja mais lágrimas.” 569

Disse a ela, pouco depois, que não faria seu herdeiro o segundo ilho dela, Napoleão Luís, dizendo que isso apenas provaria os terríveis rumores de que o primeiro ilho teria sido gerado por ele. Hortense chorou com tais palavras e Napoleão icou previsivelmente zangado. Tempos antes, ele teria perdoado qualquer coisa a Hortense.

Ele achava fácil considerar os motivos para um divórcio quando estava longe de Josefina − e pediu aos ministros que fizessem o trabalho sujo em seu lugar. Quando a via novamente, não podia deixar de amá-la. Via-a presidir graciosamente à corte e duvidava que alguém pudesse ser uma consorte tão apropriada. “Estaria desistindo de todo o encanto que ela trouxe para minha vida privada”, disse a Talleyrand. “Ela adapta os hábitos aos meus e compreende-me perfeitamente.” E por mais que ele fosse procurar satisfação sexual em outras paragens, ainda precisava dela. “Amei-a de verdade, ainda que não a tenha respeitado”, disse ele em Santa Helena. “Ela era uma mentirosa e uma esbanjadora, mas tinha algo de irresistível. Era mulher até a ponta dos cabelos.” 570

Ainda que pudesse ver os bene ícios de uma aliança com a Rússia e de

se casar com uma grã-duquesa, o povo poderia encarar como traição ao seu dever para com a França. Acima de tudo, não havia garantia de que pudesse ter ilhos com outra mulher. Um relatório da polícia de dezembro de 1807 observava que as mulheres da alta sociedade diziam que “a esterilidade da imperatriz não é culpa dela, que o imperador nunca teve ilhos; que as relações de sua majestade com várias mulheres nunca deram fruto, mas que assim que essas senhoras se casaram ficaram grávidas” .571

Napoleão não estava em posição de fazer algo imprudente. Sua popularidade estava em baixa. O povo estava incomodado com a enorme perda de homens nas guerras recentes. Os teatros pararam com o hábito de ler os boletins do exército porque muitas pessoas gritavam e desmaiavam ao saber notícias das baixas.

Os homens faziam o que lhes era possível para evitar o recrutamento obrigatório e, ao contrário de anos anteriores, as famílias e amigos faziam o que podiam para ajudá-los. Alguns fugiam de suas casas, outros estavam tão desesperados que contraíam deliberadamente sí ilis ou mutilavam voluntariamente os membros. Muitos dos que eram efetivamente recrutados procuravam desertar. Havia enormes motins contra o recrutamento. Se a economia tivesse estado em alta, as pessoas teriam sido mais indulgentes, mas as guerras no Leste tinham sido

dispendiosas e o boicote à Grã-Bretanha izera estragos terríveis. Os franceses, tão orgulhosos do seu país e tão vaidosos por sua força militar, começavam a maldizer o imperador. Um em cada dez recrutas tinha desertado.

A resposta de Napoleão à resistência consistiu em congelar os planos de divórcio e esmagar as liberdades que restavam ao povo. Enfraqueceu os órgãos sobreviventes do Consulado. O Órgão Legislativo só se reunia algumas semanas por ano, e o Conselho de Estado não passava de uma audiência cativa para seus intermináveis monólogos. Ele controlava havia muito tempo o conteúdo dos jornais; agora fechara-os, com exceção de quatro. Pretendeu ir mais longe − com certeza, a irmou ele, as pessoas só precisavam de dois jornais: o *Moniteur* o icial e o *Journal des Dames* para as senhoras. Os espiões eram onipresentes, os intelectuais censurados e a imprensa tinha ordens estritas para não abordar política. O homem que antes tinha procurado escrever um romance acreditava agora que as artes podiam subverter o Estado. “Pode fazer-se política ao comentar literatura, moralidade, arte, qualquer tema do mundo”, a irmou. 572 O imperador da República estava agora na posição de um ditador militar.

Vaidoso e obcecado em superar a Rússia, Napoleão tinha decidido que sua corte em peso se mudaria para o palácio de Fontainebleau no inverno. Estando ainda na Prússia, tinha ordenado que o palácio fosse

redecorado pelos seus estimados Percier e Fontaine. Não se pouparam despesas: paredes forradas com seda, mobílias pesadas, tapeçarias e esculturas. A sala do trono foi completamente redecorada para promover o esplendor do império. Napoleão quis levar a corte à caça como forma de recordar e superar o *Ancien Régime*. Ao contrário dos reis Bourbon, ele era um atirador ruim e se esforçava até mesmo para acertar os lânguidos cisnes de Josefina em Malmaison.

Jose ina participou uma vez da caçada, quando era uma jovem à procura de protetores, mas a Fontainebleau a que ela retornou na qualidade de imperatriz era muito diferente. Mil e duzentas pessoas apareciam em Fontainebleau no outono, incluindo todos os Bonaparte e o Ministério das Relações Exteriores em bloco. Napoleão decretou que as caçadas deveriam ocorrer três vezes por semana, mesmo com chuva torrencial. Todos os nobres e suas respectivas casas tinham as próprias cores de caça nos casacos de montaria − a de Jose ina era púrpura. Os homens iam adiante na caçada, e seguia-os Jose ina, contrariada e resplandecendo de púrpura, encabeçando o cortejo de senhoras em carruagens abertas antes de presidir ao café da manhã de caça. Nos tempos de juventude, achara a caça estimulante, mas agora icava chocada pela crueldade e detestava o ritual que lhe era imposto pelo marido.

Estava pouco à vontade, e a corte como um todo também não estava bem-disposta. As pessoas achavam di ícil festejar com o imperador depois de tantas perdas militares. Napoleão queixou-se a Talleyrand frustrado por a corte “recusar ser divertida e andar por aí parecendo cansada e séria”. Em sua perspectiva, tinha-lhes dado o magní ico brinde de Fontainebleau, e retribuíam-lhe com melancolia. Ele preparou então espetáculos para celebrar suas vitórias e decretou que todas as noites haveria um esplêndido baile num dos apartamentos principescos, conduzido tal como fora no tempo dos Bourbon. No entanto, os cortesãos sentavam-se infelizes envoltos nos pesados mantos. Mas era seu próprio comportamento que se re letia neles. Paranoico com conspirações e boatos, tornou-se tão distante que, de acordo com a Madame de Rémusat, “ninguém conseguia chegar ao imperador a não ser Jose ina”. À noite ele jantava com ela, e esperava então que a corte se reunisse no salão designado para o baile. Jose ina entrava e assumia seu lugar, depois caia um silêncio lúgubre até a chegada de Napoleão, que se sentava ao pé da imperatriz e observava os cortesãos dançarem “com uma expressão séria no rosto”. Nada, recordou Laure Junot, poderia descrever a “magni icência, o luxo mágico que rodeava então o casal imperial” − e o contraste entre ele e o ânimo triste dos demais.

Tempos antes, Jose ina era capaz de incutir em centenas de pessoas

sentimentos de tranquila descontração. Ela era agora infeliz e nervosa, enviando constantemente as damas de companhia para averiguar os rumores acerca da vontade de Napoleão de se divorciar dela. Podia ver que alguns cortesãos se distanciavam, preparando-se para uma nova imperatriz. Tentou obedecer em tudo a Napoleão.

No inal do ano, o irmão mais novo de Napoleão, Jérôme, foi feito rei da Vestfália, um país construído para ele com retalhos tirados da Prússia, do Hesse e de Brunswick. A princesa Catarina de Württemberg foi trazida às pressas para se casar com ele numa cerimônia grandiosa na corte. Um dos convidados, um viúvo de boa aparência, o príncipe herdeiro Frederico Luís de Mecklemburg-Strelitz, icou encantado por Jose ina, mas ela estava muito receosa de ofender Napoleão para responder aos seus avanços. Apesar disso, quando Napoleão se ausentou, ela foi ao teatro com o príncipe herdeiro. Napoleão icou furioso, comparando a esposa a uma segunda Maria Antonieta e exigindo que o rival abandonasse Paris dentro de dois dias. Jérôme era um rei inepto, lançando enormes impostos, seduzindo toda e qualquer mulher que encontrasse e contraindo dívidas.

Os Bonaparte estavam determinados como sempre a pressionar Napoleão para o divórcio. Mas isto apenas o persuadia mais a se manter com a esposa − a família provocava-lhe sofrimentos in indos e a presença

de Jose ina tinha sobre ele um efeito calmante. A bela irmã mais nova, Carolina Murat, começou um intenso caso amoroso com o jovial general Junot. Tendo apenas 24 anos, estava tão endurecida em sua sede de poder como os irmãos. Aborrecida por seu marido não ter recebido um reino, seu propósito era obter o apoio de Junot em sua demanda para depor o irmão. O romance acabou por azedar e Carolina voltou-se para o astuto diplomata austríaco, o conde Metternich, que seduziu, praticamente ao mesmo tempo, a mulher de Junot, Laure, e quando Carolina revelou o caso ao antigo amante, este quase matou a mulher a tesouradas. Com Jérôme comportando-se como um sátiro debochado, Paulina colecionando amantes e os Murat instigando crimes passionais, era pouco surpreendente que Napoleão se refugiasse na calma do quarto de Josefina.

Ainda que Hortense estivesse grávida do terceiro ilho, seu casamento estava num estado lastimoso. Esquecida há muito tempo a breve reconciliação ocorrida na ocasião da morte de Napoleão Carlos, Luís tratava-a com crueldade e ela perdia a beleza por causa do sofrimento. Napoleão tentou intervir. “Um rei ordena e não procura o conselho de ninguém”, escreveu ele ao irmão. “Na vossa vida privada devereis mostrar o caráter paternal e efeminado que tendes para com vosso governo, e perante esse governo devereis usar da severidade que

mostrais à vossa mulher. ”573 Luís o ignorou. Sabia que um divórcio estava cada vez mais próximo e ressentia-se de estar encalhado com a ilha de Josefina.

Napoleão vinha enfurecendo os ministros com a indecisão sobre o divórcio. De um lado havia um ilho, uma ligação régia e um legado. Do outro havia Jose ina, por quem ele sentia dever respeito devido aos longos anos de casamento e pelo apoio por ela dado aos seus esforços quando todos os outros o viam como um arrivista corso. Ajudaria se pudesse escolher a noiva, mas não era o caso; em vez disso, lia relatórios sobre várias candidatas de sangue azul e nenhuma lhe parecia particularmente atraente. No inal do ano, viajou para a Itália em marcha triunfal. Viajou sem Jose ina e munido com uma lista de vinte princesas para escolher.

Jose ina escreveu ao ilho sobre suas preocupações. “Minha defesa consiste em viver uma vida inatacável. Já não saio à rua, não tenho divertimentos.” Ela culpava a nobreza. “Quão infelizes os tronos tornam as pessoas, meu querido Eugène!”, escreveu ela. “Abandonaria já amanhã o meu, sem mágoa. Para mim o amor do imperador é tudo. Se o perder, não me restará muito mais a lamentar.” 574 Para seu grande constrangimento, soube que Napoleão tinha trazido Marie de Varsóvia e a tinha instalado numa casa no Quai Voltaire. Ele a visitava em segredo e adorava brincar de um jogo em que ambos se disfarçavam como um

casal burguês, e ele conversava com os lojistas da região acerca do diabólico Bonaparte. Jose ina procurou distrair o marido jogando-lhe no caminho uma de suas damas de companhia. Ele icou satisfeito por se entreter com uma mulher nova, mas continuou a visitar Marie. Tarde da noite, deixando Jose ina sozinha, sua carruagem saía do palácio em direção à casa da bonita garota polaca com cabelos dourados.

Numa noite em março de 1808, Jose ina estava prestes a entrar no Salão Amarelo quando recebeu a notícia de que Napoleão estava doente. Ela se apressou para chegar aos seus aposentos e o encontrou em traje formal, prostrado na cama, alquebrado com dores de estômago e gemendo histericamente. Sentou-se ao pé dele e ele puxou-a para os seus braços. “Minha pobre Jose ina, não me é possível abandonar-vos”, gemeu. Exigiu que fosse para a cama com ele e izeram amor apaixonadamente. Ela passou toda a noite com ele, ainda que ambos estivessem inquietos e tivessem dormido mal. Nessa manhã, soube ela mais tarde, ele se decidira pelo divórcio − mas pensar nisso era tão doloroso que o izera icar doente. “Por que não consegue o diabo de um homem decidir-se?”, gritou Talleyrand quando teve notícias da reconciliação.

Em março de 1808, o rei Carlos IV da Espanha abdicou depois de uma insurreição e deixou que o ilho lhe tomasse o lugar. Ele odiava o ilho, que já tinha tentado destitui-lo no ano anterior. Em abril apelou a

Napoleão por ajuda − uma jogada insensata. Napoleão enviou Marie Walewska para casa e ordenou à família real espanhola em peso que o encontrasse em Bayonne, no lado francês dos Pireneus. Uma vez lá, mandou chamar Jose ina, porque precisava da sua diplomacia suave para encantar o grupo espanhol composto pelo rei, o príncipe, a rainha e o primeiro-ministro, o qual era simultaneamente o favorito do rei e alegadamente o amante da rainha. Napoleão não tinha qualquer intenção de ajudá-los; pretendia, em vez disso, persuadi-los a aceitar sua "proteção".

Jose ina desempenhou o papel de an itriã graciosa, estabelecendo amizade com a rainha e emprestando-lhe suas roupas e joias. Uma segunda rebelião eclodiu em Madri, e o marechal Murat e seus homens debelaram-na com selvageria. Napoleão informou Carlos IV que apenas ele poderia salvar sua vida, e o rei concordou em dar o trono ao imperador. Napoleão decretou que José Bonaparte seria coroado e despachou os monarcas espanhóis para viverem numa prisão luxuosa. Passou então os últimos dias em Bayonne relaxando com Jose ina, satisfeito com um trabalho bem-feito. Passearam de mãos dadas ao longo da praia e nadaram no mar. Ele pregou as peças habituais, atirando os sapatos dela na água e empurrando-a para a areia. Eram como jovens amantes em lua de mel.

No retorno a Saint-Cloud, Jose ina agiu como imperatriz, recebendo presentes, assistindo como convidada de honra a banquetes e discursos. Pouco depois de chegarem ao palácio, Napoleão soube que tinha havido mais levantes na Espanha e que José tinha fugido para a fronteira em vez de se fazer coroar. As tropas francesas tinham sido derrotadas em Bailén, na Espanha. A derrota das aparentemente invencíveis tropas francesas foi uma notícia chocante para toda a Europa, e Napoleão soube que incentivaria a Áustria a atacar. Jose ina prestou muito mais atenção às notícias de que Hortense tinha dado à luz um terceiro ilho, Carlos Luís, em 20 de abril. Ela esperava que mais um ilho pudesse ser um peso sobre o coração de Napoleão.

Em setembro, Napoleão partiu ao encontro do czar na Alemanha. Antes disso, ele e Jose ina jogaram com alguns cortesãos um jogo em que os jogadores têm de correr para a base antes de serem apanhados pelo adversário. Criados com tochas iluminaram o imperador e a imperatriz correndo de um lado para o outro no escuro, até Napoleão arrebatar Jose ina, ignorando os protestos dos outros. Sua disposição para brincadeiras a fez se sentir mais segura. “Nos últimos seis meses ele tem sido simplesmente perfeito para mim”, escreveu a Eugène. “Por isso, quando o vi partir esta manhã, foi com tristeza pela separação e não com preocupação pelo futuro.” 575 Mas assim que ela abandonou o quarto, os

cortesãos recomeçaram imediatamente o falatório sobre o divórcio. Como todos sabiam, antes de partir o imperador tinha encomendado em Paris um diadema para uma nova imperatriz.

“Quero que o imperador Alexandre ique deslumbrado com o espetáculo do meu poder”, decretou Napoleão. Ordenou que todos os reis e príncipes alemães, seus servos, comparecessem a seu encontro com o czar em Erfurt, e adornou o palácio de maneira incrível com pinturas e decorações trazidas de Paris. Levou também chefes de cozinha franceses para cuidar do paladar dos russos, e a Comédie-Française, incluindo a estrela Talma, foi para entretê-los. Jose ina, até então a grande vitrine do poder de Napoleão, estava ausente. Havia uma boa razão para isso; ele pretendia deixar admirado o czar a im de permitir que se casasse com sua irmã. Ele se via fazendo uma grande ação pelo seu país. “Seria um grande sacri ício para mim. Amo Jose ina; nunca serei tão feliz com alguém, mas minha família, Talleyrand, Fouché e todos os políticos insistem nisto em nome da França.” 576

Depois do encontro com Napoleão em Tilsit no ano anterior, o czar retornou a São Petersburgo, deparando-se com sua família e os ministros furiosos com o gesto de paz com o imperador. Estavam escandalizados pelas duras restrições impostas à Prússia e ressentiam-se da exigência que Napoleão izera no sentido de expulsarem qualquer cidadão francês

que tivesse procurado exilar-se na Rússia. Quando o czar reviu a querida irmã, icou ainda mais hesitante com o casamento. Como bem sabia, sua mãe, a imperatriz-viúva, detestaria a ideia de a sua amada Catarina se tornar a mulher do imperador da França. O casamento com um divorciado era escandaloso, Napoleão era um plebeu e o assassino impiedoso de tantos homens russos, bem como o cruel agressor da Prússia.

Quando o czar alcançou Erfurt, estava determinado a não se deixar seduzir por Napoleão. Gostava das caçadas diárias, das recepções e dos bailes, mas não fez concessões. Napoleão fez todos os esforços para agradar, deixando até o rival brilhar na dança. “O imperador Alexandre dança, mas eu não. Quarenta anos são, a inal de contas, quarenta anos”, escreveu ele a Josefina.577 O imperador pediu, prometeu e rebaixou-se na esperança de obter a mão da grã-duquesa. “Estou muito ocupado”, contou à esposa. “As conversações duram dias a io e não ajudam em nada a minha constipação. Ainda assim, tudo vai bem. Estou contente com Alexandre, ele devia estar comigo. Se fosse uma mulher, creio que o faria minha amante.” 578

A causa do imperador era ativamente sabotada por Talleyrand, que recebia dinheiro da Áustria para defender seus interesses.

Pessoalmente, ressentia-se do casamento forçado com sua amante

Catherine Grand, que ele não amava. Politicamente, tinha começado a temer a ambição militar desmedida de Napoleão e acreditava que a Europa não poderia estar em paz se lhe fosse permitido continuar sem oposição. Pelas costas de Napoleão, Talleyrand sugeriu ao czar que uma aliança com a Áustria lhe daria mais poder e independência e bloquearia de vez o insaciável desejo de território de Napoleão.

Napoleão decidiu pôr as cartas na mesa. “Usai de qualquer argumento que seja”, disse a Talleyrand, suplicando ao ministro que persuadisse Alexandre a entregar a irmã. “Dizei-lhe que concordarei com ele em qualquer dos seus planos para a divisão da Turquia.” Os espiões do czar sabiam que não haviam sido feitas movimentações no sentido de um divórcio, e Alexandre usou esse conhecimento para ganhar tempo. Disse a Napoleão que daria com gosto seu consentimento, mas que era necessário outro – referindo-se a Jose ina. Ao permanecer descomprometido, conseguia tudo o que queria. Em troca de uma promessa de assistência no caso de a Áustria declarar guerra à França, Napoleão lhe disse que não interviria se a Rússia invadisse a Finlândia ou a Turquia, e que o czar poderia fazer o que quisesse com a Polônia. O sacrifício de Marie Walewska tinha sido em vão.

Napoleão retornou à casa e a sua mulher e icou envergonhado diante dela, que suspeitava das suas ações mas estava muito amedrontada para

fazer perguntas. Depois de apenas dez dias, ele partiu para Espanha, pedindo-lhe um beijo de boa sorte. Ela reclamou com ele: “Nunca ides parar de fazer a guerra?” Ele respondeu com evasivas e recusou-se a deixá-la ir também. “Não sou eu que dirijo o curso dos acontecimentos, apenas lhes obedeço.” Quando ela lhe escreveu a respeito de suas preocupações por temer que a Áustria estivesse icando mais poderosa, ele desvalorizou o fato. “Estais num humor negro de depressão”, disse ele. “A Áustria não me fará guerra [. .] nem irá a Rússia abandonar-nos. As pessoas em Paris estão loucas! As coisas estão correndo esplendidamente por aqui.” 579

Napoleão alcançou outra baixa de popularidade. O público icou furioso quando soube que ele pretendia que seus exércitos retornassem à Espanha para forçar a instalação do seu irmão no trono como rei José I. Parecia que os homens eram enviados para a morte simplesmente para dar um trono ao seu irmão. Os motins contra o recrutamento voltaram a aumentar, Napoleão foi caricaturado e detestado, e os cortesãos consideraram rever suas lealdades. Os estados vassalos se revoltaram e a Áustria estava ficando mais ousada.

Ele precisaria de um exército enorme para subjugar a Espanha, mas não tinha como transportar os suprimentos, pois as estradas através dos Pireneus eram muito ruins. Napoleão não se importou com isso e forçou

os homens a marchar. Conseguiu arrastá-los até Madri, mas quando soube que os austríacos se rearmavam, recuou imediatamente. Pior ainda, chegaram mais notícias pelo mensageiro − e por meio de espiões a todos os embaixadores na Europa −, segundo as quais Talleyrand e Fouché, antes inimigos mortais, tinham sido vistos em amena discussão nas Tulherias. Declararam que estavam discutindo um governo provisório no caso de Napoleão morrer. Na verdade, tinham planos para derrubá-lo.

Napoleão retornou às Tulherias e gritou insultos em público a Talleyrand durante três horas. “Não sois senão merda em meias de seda!”, vociferou. O ministro não respondeu. Depois da repreensão, Talleyrand se encontrou com o embaixador austríaco e combinou continuar a trabalhar para ele − pelo valor de um milhão de francos.

Napoleão voltou a atenção para Fouché e disse-lhe que pretendia recrutar mais meio milhão de homens. Fouché alertou-o de que isso seria insensato. A França estava já no limite com um milhão de homens em armas − mais do que isso poderia incentivar o povo a se rebelar contra Napoleão.

O imperador reconheceu por

im que sua posição era

desesperadamente

insegura.

Tinha

também

recebido

notícias

desanimadoras da Rússia. A grã-duquesa Catarina estava noiva do duque

de Oldenburg. Ele resolveu manter a esposa. “Este ano é uma ocasião

inoportuna para chocar a opinião pública e repudiar a imperatriz do

povo. Já não sou amado. Ela é uma ligação entre mim e muita gente, e é responsável por manter ligada a mim uma parte da sociedade de Paris

que de outro modo me abandonaria.” 580

A

balança

começava

a

icar

desfavorável

aos

franceses.

Aparentemente, Napoleão não lhes tinha dado nada além de guerra e

sofrimento.

A Áustria estava convicta de que Napoleão estava fraco, seu exército sobrecarregado e sem apoio interno. Em abril de 1809, ele soube que a Áustria tinha invadido a Baviera, um reino que considerava seu, e decidiu-se por resposta imediata. Tentou partir sem Jose ina, mas ela escutou o rebuliço da partida e correu escada abaixo em seu vestido de noite, gemendo ao atirar-se contra sua carruagem. Napoleão não teve coragem de mandá-la embora. Pôs o sobretudo em seus ombros e mandou que a bagagem fosse enviada depois. A vitória dela foi momentânea. Ele a deixou icar no palácio em Estrasburgo e enviou-lhe cartas telegrá icas do fronte. Hortense veio fazer-lhe companhia e trouxe o segundo ilho, Luís Napoleão, e o bebê, Carlos Luís. Foi um pequeno consolo. A única esperança de Jose ina era que o imperador estivesse muito concentrado na guerra para pensar em divorciar-se dela. “Tenho apenas uma paixão, apenas uma amante − a França”, declarou Napoleão. “Durmo com ela, ela nunca me deixa icar mal, ela derrama o seu sangue e o seu tesouro. Se preciso de 500 mil homens, ela dá-mos.” 581 Mas os franceses tinham abandonado seu exército, que era agora formado por homens dos Estados ocupados, os mais pobres e desesperados. A antiga moral e força do objetivo tinham-se perdido.

O imperador teve sucessos iniciais e marchou sobre Viena. Uma vez mais, instalou-se no palácio de Schönbrunn e aguardou notícias do czar.

Os dois exércitos travaram batalha em Essling, a curta distância de Viena, e o resultado foi um empate, ainda que reivindicado como vitória pelos austríacos. Ambos os lados perderam mais de 20 mil homens. As notícias da batalha perdida alcançaram Paris, e a bolsa de valores despencou uma vez mais. Os franceses já não se viam como invencíveis. Sabiam que mais uma derrota faria cair o castelo de cartas, à medida que os Estados conquistados fossem ganhando coragem para retaliar e expulsar os exércitos franceses que os ocupavam.

Em junho, Napoleão encorajou Jose ina a ir a Plombières e depois retornar a Malmaison. Ela vivia calmamente. Ele não lhe escrevia com frequência e não havia cartas requerendo que ela presidisse a bailes na corte ou que visitasse a Ópera. Recolheu-se às suas lores e plantas e afundou-se em desespero.

Napoleão mandou convocar reforços e, seis semanas depois, repeliu os austríacos na batalha de Wagram. Cinquenta mil homens foram mortos. Napoleão voltou vitorioso a Schönbrunn e fez os ministros prepararem um tratado com a Áustria. Marie Walewska, sempre solícita, escreveu a Napoleão depois da vitória e pediu para se juntar a ele. “Sim, vinde a Viena”, respondeu ele. “Gostaria de vos dar mais provas da terna amizade que sinto por vós.” 582 Ele pretendia dar-lhe mais do que amizade. Assim que ela chegou, ele começou a passar todas as noites com

ela. No início de setembro, Marie estava grávida.

Josefina estava condenada.

Marie foi a primeira das amantes de Napoleão que ele teve a certeza de lhe ter sido inteiramente iel. Ao contrário de Eléonore Denuelle, ela o amava de verdade e não recebeu visitas de cavalheiros. Napoleão tinha agora a certeza de que poderia gerar uma criança. A gravidez de Marie assegurou seu afeto duradouro por ela e signi icou o im do período de três anos em que ela foi sua amante. Como ele disse a Lucien, "Naturalmente iria preferir ver coroada a minha amante, mas tenho de estar aliado a soberanos." 583 Abandonou Viena determinado a se divorciar e a encontrar alguém de sangue real para se casar.

Jose ina estava ainda em Malmaison quando recebeu notícias da gravidez de Marie. Pareceu-lhe uma avalanche de más notícias, pois os britânicos tinham conquistado a Martinica e espalhado sangue na ilha. Para um sofrimento ainda maior, soube que o papa Pio VII tinha sido preso por se recusar a negar a entrada dos navios britânicos nos portos de Roma. O papa tinha excomungado o imperador e recusado a entregar seu poder temporal. Em troca, foi atirado sem cerimônia em uma carruagem e levado do Vaticano para uma casa controlada por Napoleão no Norte da Itália.

Jose ina sabia que nada poderia salvá-la. Excomungado, Napoleão se

importaria ainda menos com a quebra do sacramento do matrimônio ou com a coroação de Jose ina. De acordo com a lei francesa, só o papa podia anular um casamento real, mas Napoleão claramente não dava valor a essa lei. Ele precisava de um ilho para aquietar as ambições da família. E já não olhava para ela como seu talismã. A boa sorte que ela trouxera tinha se esgotado − e talvez alguém diferente pudesse conceder-lhe mais.

Laure Junot foi visitá-la com a ilha, e Jose ina confessou que "sofria de verdade" ao ver a criança. "Sei que serei expulsa em desgraça da cama do homem que me coroou, mas Deus sabe que o amo mais do que à minha vida e muito mais do que ao trono." 584 Ela esperava sem dúvida que a bem relacionada Laure passasse essa informação à corte. Mas havia pouco que ela pudesse fazer para se salvar. Napoleão estava in lado de orgulho com a gravidez da amante e convencido de que um casamento mudaria a sua sorte. Deu ordem ao seu embaixador em São Petersburgo para que determinasse se a grã-duquesa Ana, a ilha de 15 anos do czar, estava isicamente pronta para conceber. Ele escreveu, reiterando que o czar poderia agir como lhe aprouvesse com a Polônia, dizendo que palavras como "Polônia" e "polonês" deveriam ser "obliteradas não só de qualquer transação como também da própria História". 585 A pobre Marie, que tinha desistido de tudo por ele, foi mandada de volta para o marido, grávida do filho do imperador.

Se a grã-duquesa Ana fosse considerada muito jovem, Napoleão tinha

uma segunda escolha. Metternich tinha promovido em Paris a excelência de Maria Luísa da Áustria, a ilha de 17 anos de Francisco I. Ela falava bem francês, era dócil, saudável e estava de initivamente pronta para a maternidade.

Napoleão escreveu a Jose ina dizendo que deixaria Munique e estaria em Fontainebleau em 26 ou 27 de outubro, e que ela deveria encontrá-lo lá. 586 Infelizmente, o mensageiro só a alcançou na manhã do dia 26, e quando ela chegou Napoleão já estava à sua espera. Ela entrou em seu gabinete para saudá-lo. Ele ergueu os olhos do trabalho por um instante e disse “Ah, aqui por im?”. Ela se retirou para os seus aposentos − apenas para descobrir que a porta de comunicação com o quarto dele tinha sido selada. A ordem, foi-lhe dito, tinha partido do próprio imperador.

Ele era ainda incapaz de fazer a ruptura inal. Ao longo das esgotantes semanas que se seguiram, jantou com Jose ina, mas apenas brevemente, e ela não podia falar com ele porque havia sempre um presunçoso irmão de Bonaparte entre ambos. À noite, Paulina organizava para ele festas cheias com bonitas mulheres italianas, mas não convidava Jose ina. Se Jose ina dizia alguma coisa, ele icava irritado. “Não havia mais ternura nem consideração pela minha mãe”, recordou Hortense. “Ele tornou-se injusto, atormentava-a.” Nos velhos tempos Jose ina tinha aguardado a batida de Napoleão na porta do seu salão com satisfação, pois era seu

pedido que ela lesse para ele, o acalmasse, ou fosse para sua cama.

Em novembro de 1809, a lembrança dessa batida lançava-a a

palpitações violentas, provocava-lhe falta de ar e sentimentos de repulsa.

Não conseguia aguentar “ouvir a con irmação do que menos queria

saber” .587 O imperador, capaz de massacrar países até a submissão e de enviar centenas de milhares de homens para a morte, não conseguia

dizer à esposa que queria o divórcio. Napoleão pediu a Hortense que

dissesse à mãe que o casamento estava acabado, explicando que ela lhe

tiraria um fardo enorme do coração se o izesse. 588 Ela disse que não podia. Eugène também se recusou.

Jose ina via ao seu redor as provas do seu destino. As damas da corte

eram abertamente malcriadas com ela, chegando mesmo a se sentar em

sua presença. Os Bonaparte riam em sua cara. Ela se comportava com

dignidade, agarrando-se aos últimos dias como imperatriz.

Em 27 de novembro, a corte se mudou de Fontainebleau para Paris.

Napoleão enviou um recado a Eugène pedindo que se juntasse a ele

imediatamente. Havia assuntos urgentes que queria resolvidos antes do

final do ano.

566 Bourrienne, *Mémoires*, p. 65.

567 Josefina, *Correspondance*, p. 217.

568 Rémusat, *Mémoires*, II, p. 234.

569 Bourgeat, *Napoléon: Lettres à Joséphine*.

570 Bertrand, *Cahiers*, p. 145.

571 Maurice Guerrini, *Napoleon and Paris*, p. 183

572 Bourrienne, *Mémoires*, VIII, pp. 101-16.

573 Napoleão, *Correspondance de Napoleon I*.

574 10 fevereiro 1808, Josefina, *Correspondance*, p. 219.

575 Josefina a Eugène, 22 setembro 1808, Josefina, *Correspondance*, p. 229.

576 Caulaincourt, *Mémoires.*

577 Napoleão, Bonazzi, *Lettres d'amour*, p. 312.

578 Napoleão, Bonazzi, *Lettres d'amour*, p. 313.

579 Napoleão, *Correspondance*, org. Chevallier.

580 Cardeal Fouché, *Mémoires*, p. *87*.

581 FM, 412. Bertrand, *Cahiers*, IV, p. 56.

582 Bruce, *Napoleon and Josephine: An Improbable Marriage*, p. 438, dos Arquivos Walewski.

583 Rémusat, *Mémoires*. A Martinica permaneceria britânica até 1814.

584 D'Abrantès, *Mémoires*, p. 182.

585 Normand Caulaincourt, *Mémoires*, p. 456.

586 22 outubro 1809, Bonazzi, *Lettres d'amour*, p. 207.

587 Ducrest, I, p. 244.

588 Hortense, *Mémoires*, p. 117.

“COMO UM SOLDADO FERIDO”

Na noite de quinta-feira, dia 30 de novembro de 1809, Jose ina e Napoleão partilharam um jantar infeliz. Ela se esforçou para não chorar e não conseguiu comer nada. Segundo o conde de Beausset, o chefe de operações do palácio que os servia, ela era “a imagem da tristeza e do desespero”. As únicas palavras de Napoleão foram: “Que horas são?” Antes de o conde ter oportunidade de responder, ele levantou da mesa. Jose ina o seguiu, com o lenço sobre a boca. Chegou o café e a bandeja foi oferecida a Jose ina, para ela poder realizar a tarefa de servir o marido. Em vez disso, ele pegou a bandeja, serviu-se de café e colocou o açúcar, sem nunca deixar de itar esposa. Ela retribuiu o olhar, horrorizada. Ele bebeu o café, entregou a bandeja ao pajem e mandou embora o conde, fechando a porta depois de ele sair. “Vi na expressão do seu semblante o que lhe ia na alma e soube que tinha chegado a minha hora”, disse Josefina.

“Ele se aproximou de mim – estava tremendo, e eu estremeci; pegou-me na mão, apertou-a contra o coração e, depois de olhar diretamente para mim por uns minutos em silêncio, proferiu estas palavras fatais: “Jose ina! Minha querida Jose ina! Sabes como eu te amei! [. .] A ti, só a ti, devo-te os únicos momentos de felicidade que alguma vez provei neste mundo. Mas, Jose ina, meu destino não é ser controlado pela minha vontade. Meu mais precioso afeto deve ceder aos interesses da França.” 589

Ela icou histérica e começou a gritar. O imperador abriu a porta e o conde viu-a caída no chão em lágrimas. “Parecia que eu tinha perdido a

razão”, contou ela mais tarde. Conforme Napoleão disse ao conde, ele tinha de ajudar Jose ina a retornar aos seus aposentos, sem alertar ninguém. Os dois homens carregaram a imperatriz pelas escadas abaixo, o conde tropeçando na espada, Napoleão tão agitado que não conseguia manter irme a vela. Muito nervoso, quase chorando e tão emocionado que lhe faltava o ar, abriu o coração. Felizmente, lembrando que o conde era conhecido como alcoviteiro, Napoleão foi incoerente. “O bem-estar da nação”, disse com di iculdade para respirar, “violência para o meu coração… necessidade política… apanhou-me de surpresa… a ilha devia tê-la preparado”, foi tudo o que o conde conseguiu apreender da torrente de emoção.

Jose ina continuou a chorar, histérica, escadas abaixo, exceto num momento. Colocou a cabeça junto à do conde e disse: “Está apertando-me muito.” Atiraram-na os dois, sem grande gentileza, na cama, e Napoleão tocou o sino para as damas virem. Então se apressou em ir embora.

Jose ina passou uma noite de desespero e lamento. A humilhação dos dias precedentes tinha sido horrível, a antecipação dolorosa, mas receber diretamente a notícia não tinha sido nenhum alívio. “Com que olhos os cortesãos olham para uma esposa repudiada! Estava num estado de incerteza vaga pior do que a morte, até o dia fatal em que ele me disse com as palavras todas aquilo que eu já tinha visto nos seus olhares! ”590

Napoleão convocou Hortense e disse-lhe para ir ver a mãe. “Nada me fará voltar atrás, nem lágrimas, nem súplicas”, gritou. Hortense respondeu com a dignidade tranquila que ele sempre teve em grande estima. “É o senhor quem manda. Ninguém se oporá a vós. Se vossa felicidade assim o exige, é su iciente”, disse. “Ela se submeterá e vamos todos embora, levando a memória da vossa bondade conosco.” Napoleão olhou para ela chocado. Mal podia falar. “O quê! Vão todos deixar-me?”, berrou. “Vais desamparar-me? Então já não te preocupas comigo?” Não tinha verdadeiramente aceitado que podia não voltar a vê-los. “Não podemos continuar a viver perto de vós”, declarou Hortense graciosamente. “É um sacrifício que tem de ser feito e vamos fazê-lo. ”591 Eugène chegou. “Vamos todos embora discretamente”, a irmou. Disse ao choroso Napoleão que sua primeira lealdade era com a mãe. Devastado com a ideia de perder os três, o imperador amadureceu a ideia de que Jose ina devia permanecer na corte e até disse que o divórcio não devia avançar. Eugène discordou, pois “sabendo eles o que ia na mente de Napoleão, a imperatriz não podia continuar a viver feliz com ele”. Napoleão implorou-lhe que aceitasse o reino da Itália, mas Eugène recusou – não queria ser recompensado pelo desespero da mãe. “En im, eu bem tinha boas razões para temer ser imperatriz!”, lamentou-se Jose ina.592 Os reis e vassalos principescos da Alemanha

chegavam para a celebração das vitórias austríacas de Napoleão. Todas as noites ela tinha de sorrir nas recepções e nos jantares frequentados por centenas de pessoas, tinha de assistir às atuações militares e tinha de ser a an itriã das senhoras na sua corte. Para abrir caminho para o divórcio, Napoleão decretou que devia ir sozinha a todas as funções o iciais. Ela assistiu ao quinto aniversário da coroação, mas não viajou para Paris com Napoleão, nem se sentou ao seu lado na catedral. No banquete de gala nessa noite, o imperador foi escoltado por uma das irmãs. Jose ina caminhou sozinha até o palanque e sentou-se rapidamente, com as pernas quase cedendo, mal conseguindo sorrir diante daquela humilhação.

Jose ina manteve a cabeça erguida, mas sabia que Napoleão estava planejando a cerimônia do divórcio. Nas últimas semanas em seu papel de imperatriz, mostrou a maior dignidade. Napoleão nem tanto, frequentemente em lágrimas, declarando-se um joguete do destino, que o tratou cruelmente – contudo, tentando sacar a certidão de casamento de Jose ina. Muitos estavam do lado dela, acima de tudo os lojistas e comerciantes inos de Paris. A louca tendência perdulária de Jose ina tinha, por si só, sustentado muitos dos criadores de bens de luxo da cidade.

Napoleão desejava que a cerimônia do divórcio fosse um evento da

corte, e todos os cortesãos se acotovelavam por um convite e se preocupavam com o que vestiriam. Jose ina ingiu calma. Na noite anterior, quando muitos abertamente a ignoravam, ela fez uma reverência educada a todos os que lhe davam atenção. “Duvido”, escreveu Pasquier, o futuro chanceler, “que alguma mulher tivesse conseguido agir com graciosidade e tato tão perfeitos”.

A noite da cerimônia de divórcio foi a maior ocasião social que a corte vira em meses. Em 14 de dezembro, foram todos em procissão para a sala do trono, resplandecente de joias e elegância. Os Bonaparte, como apontou Hortense, “mostravam sua alegria com ar de satisfação e triunfo” .593

Jose ina entrou com um vestido branco simples, apoiada em Hortense. Napoleão estava à espera dela, tremendo tanto que o pajem pensou que ele ia desmaiar. O imperador proclamou o divórcio. “Só Deus sabe o que esta decisão pesou no meu coração”, declarou. “Mas não há nenhum sacri ício que esteja além da minha coragem, se for ao melhor interesse da França. [. .] Só tenho gratidão a exprimir pela devoção e ternura da minha muito amada esposa. Ela animou treze anos da minha vida, a memória dos quais permanecerá para sempre gravada no meu coração.” Chorou ao pronunciar que gostaria que ela mantivesse os privilégios de imperatriz.

Era a vez de Jose ina falar. Todos os olhos da corte pousaram nela. “Com a permissão do meu querido e augusto marido, orgulhosamente lhe ofereço a maior prova de apego e devoção alguma vez dada a um marido nesta Terra.” Não conseguiu continuar. As palavras sufocaram-na e, pela primeira vez, faltou-lhe a coragem. Após um minuto de silêncio, deu o discurso a um dos assistentes para terminar. Também ele estava choroso: “O imperador será sempre meu amor mais precioso”, leu. “Sei o quanto este ato, ditado pela política e pelos interesses maiores, lhe esmagou o coração.”

Napoleão, Jose ina e os membros da família assinaram o registro dos procedimentos. Depois, diante de todos, Napoleão beijou Jose ina, deu-lhe a mão e acompanhou-a aos seus aposentos. Hortense esforçou-se para conter as lágrimas. Eugène desmaiou assim que deixou a sala do trono. Mais tarde referiu-se ao dia do divórcio como “o momento mais terrível da minha vida” .594

Jose ina ainda tentava se agarrar à antiga vida. Nessa noite, com o cabelo desgrenhado, a expressão perturbada, chegou ao quarto de Napoleão. Caiu na cama, abraçou-o e acariciou-o. Ele apertou-a contra si. “*Allons*, querida Jose ina. Serei sempre teu amigo.” Choraram juntos e então ele a incitou a sair. Passou a noite sozinha.

Agora que tudo estava feito, Napoleão ofereceu um acordo generoso.

Declarou que ela manteria o título de imperatriz, icaria com Malmaison, ser-lhe-ia dado o Palácio do Eliseu em Paris e uma pensão de 3 milhões de francos em ouro. Ele pensou cuidadosamente em um lar para ela: teria 36 empregados, incluindo nove damas de companhia, quatro damas de quarto, camareiros, um médico e um cavaleiro de honra. Mas preocupava-o que sua presença em Paris pudesse perturbar as pessoas e a corte. Quando lhe pediu que considerasse viver na Itália, ela icou horrorizada. Ele não voltou a falar nisso. Napoleão encomendou um serviço de jantar Sèvres como presente e deu-lhe 4 mil *livres* para "plantar tanto quanto desejasse" em Malmaison.595 Examinou minuciosamente o inventário das posses dela, incluindo uma descrição de 14 páginas do seu guarda-roupa – 10 páginas de vestidos de corte, 280 pares de sapatos, seguindo até as túnicas, camisolas e vestidos de noite. Não exigiu de volta nenhum dos presentes que tinha lhe dado, especialmente a coleção de arte em Malmaison. Jose ina manteve os despojos de guerra.

Como costuma acontecer com os amantes que se separam, Napoleão ingiu que as coisas podiam continuar como antes. Armou uma confusão por causa do título dela e pediu aos arquivistas para procurarem os registros reais anteriores para saberem como tratar uma imperatriz divorciada – o que, claro, nunca tinha acontecido em nenhuma corte

anterior. Decidiu que Jose ina se sentaria do lado direito do trono e a nova esposa ficaria do lado esquerdo.

“Já delineei o caminho que devo seguir e não vou me afastar dele”, escreveu Jose ina. “As artes e a botânica serão minhas ocupações.” 596 Sua partida das Tulherias foi uma longa operação de carga de vestidos, acessórios, livros, animais de estimação e outros pertences em carruagens. Na manhã após a cerimônia, Napoleão foi abraçá-la e depois apressou-se em ir embora, declarando que tinha deveres a cumprir. Acompanhada por Hortense, a imperatriz em queda foi conduzida através da chuva vespertina para Malmaison, sem nenhum imperador para vê-la partir. Napoleão foi direto para Versalhes e fechou-se na Grand Trianon, longe da ex-mulher. Tentou distrair-se da dor reorganizando todas as pinturas. No entanto, não estava assim tão arrasado a ponto de se esquecer de exigir a certidão de casamento de Josefina. Ela se recusou a lhe dar.

“Estávamos tristes e fomos em silêncio o caminho todo até Malmaison”, recordou Hortense. “O coração dela estava pesado ao entrar no lugar que

tanto amava.” 597 No dia seguinte, Jose ina passeou pelos campos em lágrimas. Napoleão, no Trianon, estava igualmente desesperado e

inalmente não aguentou mais. Foi até Malmaison, onde ele e Jose ina

caminharam de mãos dadas na chuva. Cuidadoso para manter as

aparências, pois não queria que os espiões fossem contar aos

estrangeiros da corte que ele mantinha as relações com a esposa, não

entrou na casa, nem a abraçou, mas disse-lhe que estava perturbado e

descreveu quão solitário era jantar sozinho. Nessa noite, escreveu-lhe

pedindo-lhe que encontrasse a coragem que ele não sentia.

“Minha querida, encontro-te hoje mais fraca do que devias estar. Mostraste coragem; é necessário que continues a demonstrá-la e que não cedas à tristeza. Deves andar contente e tomar especial cuidado com a tua saúde, que é tão preciosa para mim. Se me tens apego e se me amas, deves mostrar força de espírito e forçares-te a ser feliz.” 598

Contudo, também enviou cartas sobre sua infelicidade sem ela. Claire

de Rémusat implorou ao marido que pedisse ao imperador para

“moderar as expressões de remorso”. Jose ina chorava tanto que sua

vista estava perturbada: em breve deixou de conseguir aguentar luzes

brilhantes e a visão começou a falhar.

Em 9 de janeiro de 1810, o casamento religioso entre Napoleão e

Jose ina foi anulado, com base em não ter sido devidamente

testemunhado, nem ter estado presente o padre da paróquia e o

consentimento de Napoleão não ter sido completamente obtido. A última

parte foi uma provisão na lei para as jovens garotas forçadas a se casar contra a sua vontade, não um grande general à beira de se declarar governante da França. Eram agora ambos livres, mas o imperador ainda não conseguia esquecer a ex-mulher. Reparou que havia poucos visitantes em Malmaison para além dele e imediatamente andou pela corte, perguntando a todos se tinham visitado a imperatriz. Em resposta, partiram carruagens cheias de cortesãos, ansiosos por prestar homenagem a Jose ina. Laure Junot visitou-a e viu a sala de visitas, a sala de bilhar e a galeria cheias de gente. Para alcançar Jose ina na galeria, os convidados tinham de passar por uma antecâmara ocupada por 30 criados e por um salão com 4 pajens com espadas e damas e criados.599 Sentada na lareira, sob um retrato de Napoleão, usava um vestido simples e um capuz verde, que lhe cobria o rosto quando precisava esconder as lágrimas.

Manteve o gabinete de Napoleão exatamente como sempre foi. Ela mesma limpava-o diariamente e mostrava tudo aos visitantes – até a velha poltrona que ele tinha cortado com o canivete. Ela mantinha, como disse alguém, “um verdadeiro culto ao imperador” e não permitia que qualquer cadeira fosse mudada. Era um santuário em honra dele; tudo foi deixado tal como a última vez em que ele esteve lá, ao pormenor de um livro de história, aberto na página que ele estava lendo. 600 A cama dele

ainda estava lá, o brasão de armas estava pendurado na parede e suas peças de vestuário estavam espalhadas por todo o lado, como se Napoleão estivesse prestes a voltar. Ela usou sempre o vestido completo, para o caso de ele retornar.

Jose ina estava inconsolável. “Às vezes parece que estou morto e que tudo o que resta é uma espécie de sensação discreta de saber que já não existo”, castigava-a Napoleão. “Savary conta-me que estás sempre a chorar: isso não é bom”, escreveu. “Irei visitar-te quando me disseres que estás controlada e que a tua coragem está vencendo.” 601 Ficava zangado pelos criados a terem visto chorando. Malmaison, escreveu, “está cheia de memórias felizes, que podem e devem permanecer intocadas, pelo menos de minha parte”. 602 Na véspera de Natal, visitou-a em Malmaison e, no dia de Natal, convidou Jose ina, Hortense, Eugène para jantarem com ele no Trianon. Em fevereiro, Napoleão ainda ponderava um encontro com Josefina na casa de campo de um amigo. Por im, decidiu que não deviam estar juntos debaixo do mesmo teto durante o primeiro ano de divórcio.

Em 1º de janeiro, Jose ina chamou Madame de Metternich, esposa do diplomata, para se encontrar com ela em Malmaison. Jose ina sugeriu que apenas um casamento com uma princesa austríaca justi icaria seu sacri ício. Esperava provar a Napoleão que só desejava ajudar. Ele resistiu às suas súplicas para que a deixasse ir viver no Palácio do Eliseu,

onde estaria perto dele. Mas a Áustria já estava sob controle.

No início de fevereiro, o embaixador de Napoleão em São Petersburgo escreveu relatando as prevaricações do czar ao oferecer a irmã Ana em casamento. Napoleão apressou-se em enviar Eugène à embaixada austríaca para pedir a mão de Maria Luísa. Eugène, desempenhando uma tarefa que lhe pesava fortemente na alma, informou o embaixador de que precisava de uma resposta imediata e que o contrato devia ser assinado no dia seguinte. Não havia tempo para consultar Viena. O embaixador teve de aceitar e Napoleão, exultante, anunciou a boa-nova à nação. Enviou uma carta ao czar informando-o de que já não requeria a mão de sua irmã. Exatamente ao mesmo tempo, o czar escreveu a Napoleão informando-o que a grã-duquesa Ana era muito jovem para casar.

A notícia chocante foi dada à arquiduquesa, com 18 anos: ela tinha de se casar com o homem que atacara o seu país, era divorciado, brutal e tinha o dobro da sua idade. Apenas cinco anos antes, ela tinha escrito em seu diário o quanto desejava que ele morresse. Como a Marie Walewska, foi-lhe dito que se sacri icasse pelo bem da nação. O pai encomendou um esplêndido enxoval de roupas e joias e inquietou-se com o fato de o casamento ser considerado bígamo aos olhos da religião, pois o papa não tinha anulado a união de Napoleão com Jose ina. O cardeal Fesch

assegurou-lhe que o papa era irrelevante e que a decisão das autoridades clericais francesas era suficiente.

Maria Luísa tinha sido preparada desde a adolescência para um casamento estrangeiro e tinha sido educada em espanhol, inglês, latim, italiano e francês, a língua do inimigo. Alta e esbelta, apesar de não ter grande beleza, era educada, tinha um gosto especial pela leitura e pela pintura de paisagens e era habilidosa com o piano e a harpa. De espírito forte e pouco submissa, tinha sido educada para odiar os franceses, que executaram sua tia-avó, Maria Antonieta. A mãe morrera em 1807, quando Maria Luísa tinha 15 anos, e o pai rapidamente voltou a se casar com a prima Maria Ludovika, que só tinha 23 anos. Maria Luísa fora uma criança muito amada, bastante mimada – e agora estava prestes a se casar com Napoleão, o monstro sanguinário com uma terrível reputação. Na Grã-Bretanha, Lorde Castlereagh comentou secamente que “uma virgem tem agora de ser sacri icada ao Minotauro”. 603 O casamento por procuração ocorreu em Viena, izeram-se os banquetes e a arquiduquesa partiu para a França.

Napoleão ordenou uma série de bailes e recepções para celebrar a união com Maria Luísa. Infelizmente, o público se recusou a entrar no seu jogo e os jornais ainda seguiam Jose ina. “Disse-te para arranjares um jeito de os jornais não falarem da imperatriz Jose ina, mas eles não fazem outra coisa”, resmungou com Fouché. “Certi ica-te de que não repitam esta

nova publicidade.” 604 O divórcio tinha sido uma jogada impopular. Com a separação de Jose ina, era como se o imperador tivesse jogado fora o passado revolucionário. Tinha proclamado a glória da República e agora se divorciava para produzir uma linha hereditária. Jose ina era muito estimada pelos generais e ministros mais antigos, que tinham participado da Revolução, e os aristocratas e os monarquistas encaravam-na como deles. Maria Luísa era uma nova Maria Antonieta.

Jose ina era amada – mas sentia-se só. Napoleão se recusou dar-lhe permissão para participar de bailes e danças de celebração do casamento. Os dignitários estavam ocupados demais para visitá-la e Napoleão não queria fazê-lo. Cada nova notícia sobre os preparativos para a chegada da arquiduquesa era um golpe para Jose ina. Paris inteira parecia estar nas recepções e bailes cintilantes, exceto ela. Napoleão pediu a Hortense para ser dama de companhia da nova imperatriz e ela aceitou com relutância. Hortense era uma de suas visitantes regulares e contou à mãe os detalhes dos planos para o casamento.

O primeiro casamento de Napoleão tinha sido celebrado rapidamente durante uma pausa na construção da estratégia militar, mas não fora abençoado até a véspera da coroação. O segundo casamento, decretou, seria muito diferente. Exigiu que seguisse detalhadamente o casamento

de Luís XVI e Maria Antonieta em 1770, e debruçou-se sobre os arquivos e registros para se certi icar dos pontos mais ín imos. A arquiduquesa era parecida com a tia-avó Maria Antonieta, graças ao seu lábio Habsburgo saliente, à compleição clara e ao elegante cabelo dourado, apesar de ser mais alta e mais robusta. Os espiões diziam que ela era desastrada, que o peito era muito grande e que caminhava sem graciosidade. Seu francês era bom, mas protocolar, e a conversa informal era um desa io. Não podia ser mais diferente de Jose ina. Napoleão, no entanto, não se importava. Gastou rios de ouro no casamento.

O bravo combatente comportava-se novamente como um jovem apaixonado. Teve lições de valsa e mandou fazer roupas novas, ordenou uma enorme remodelação dos palácios e dedicou horas ao enxoval de Maria Luísa. Pediu que lhe mostrassem o conteúdo nas Tulherias e inspecionou vestidos da corte, trajes de equitação, vestidos de baile, xales, sapatos decorados com *vison* com diamantes incrustados e o requintado vestido de noiva de cetim e arminho. O castelo de Compiègne, onde Luís XVI conhecera Maria Antonieta, foi escolhido como local para o encontro entre o imperador e a arquiduquesa. Napoleão mandara renová-lo por completo. Estudou a etiqueta para a recepção de Maria Luísa com o mesmo cuidado que dedicava aos planos de batalha. Enviou a irmã Carolina e 100 criados para se encontrarem com a arquiduquesa

em Munique. Carolina foi uma escolha desastrosa: Maria Luísa a odiava, pois tomara o trono de sua tia, Maria Carolina de Nápoles; Carolina, da mesma forma, detestava a ideia de o irmão se casar. Os Bonaparte começavam a perceber, então, que a campanha de 13 anos contra Jose ina não tinha sido para os melhores interesses da família, uma vez que, se Napoleão tivesse uma prole, eles mesmos seriam afastados da sucessão. Tinham subestimado Napoleão, esperando poder casá-lo com uma mulher sob sua influência.

Maria Luísa chegou a Munique e foi tratada friamente pela temível cunhada. Sofrendo de uma péssima constipação, ela não tinha paciência para entreter Carolina, e ambas continuaram a viagem juntas de mau humor. Em 1770, Maria Antonieta tinha sido recebida numa ilha no meio do Reno, despojada das roupas austríacas e vestida com roupas francesas. Tinha abdicado de todos os pertences, até do seu amado *pug*. Mais de 40 anos depois, Carolina supervisionou o ritual de despir e vestir de Maria Luísa e insistiu que o cão fosse mandado embora. A pobre Maria Luísa não sentia nada além do medo de casar com um homem com reputação de monstro em toda a Europa.

Napoleão tentou agradar à noiva, enviando-lhe regularmente cartas garantindo seu afeto. “Vais encontrar um marido que quer a tua felicidade acima de tudo”, disse-lhe, e depois, “Agora já nada me

interessa a não seres tu. ”605

O imperador disse a Jose ina que teria de abandonar Paris e ir para um castelo em Navarra antes de Maria Luísa chegar. “Acredito que icarás satisfeita com o que iz por Navarra”, escreveu. “Deves perceber quão ansioso estou por ser agradável contigo. Prepara-te para tomar posse de Navarra, irás para lá a 25 de março passar o mês de abril.” 606 A chegada da arquiduquesa estava agendada para o dia 27 de março.

Jose ina, mal conseguindo aguentar a ideia desse exílio, não saiu até o último momento, depois de Napoleão ter partido para se encontrar com a noiva. Deixou Hortense e Eugène, ambos convidados para assistir ao casamento.

Jose ina e suas damas viajaram para Navarra durante a noite.

Chegaram às 9 e foram recebidas por toda a cidade, pelo presidente da câmara e por uma saudação de canhão, tratando-a como “duquesa de Navarra”. Foram então escoltadas ao castelo. Era verdadeiramente uma imagem aterradora. Tão horrível que era chamado pelos locais de “panela”, ou *la marmite*. O edi ício de dois andares era sólido e vulgar, coberto com chumbo e infelizmente situado no fundo de um vale. Lá dentro, a vasta sala de recepções estava pavimentada com mármore e iluminada apenas por meio de fendas na cúpula do teto, sendo incrivelmente sombria. Os tetos eram tão altos que as salas mal icavam aquecidas, as portas e as janelas não fechavam decentemente – e, sem os

tapetes, cortinados e reposteiros das Tulherias, a Jose ina de sangue-quente estava constantemente com frio, apesar de os empregados carregarem montes enormes de lenha e 21 caldeirões de carvão todos os dias. A imperatriz achava os outros quartos pequenos, o madeiramento podre e tinha icado escandalizada com o estado dos terrenos. A localização do castelo no fundo do vale signi icava que estava rodeado de poças de água da chuva. O jardim tinha sido desenhado ao estilo chinês, com canais que se entrecruzavam e cursos de água com pontes e pagodes, mas os canais tinham sido severamente negligenciados e o solo estava completamente alagado. As paredes do palácio cheiravam a mofo. Como Madame Ducrest, sua nova dama, disse, o edi ício tinha sido negligenciado até se tornar "uma mera ruína". 607 Jose ina gastou 100 mil francos em mobília, mas a que lhe foi arranjada por um tal M. Pierlot era de baixa qualidade – mesas partidas, cadeiras retorcidas e cortinados esfarrapados.

Escreveu a Napoleão pedindo reparações e móveis. Os que a acompanhavam estavam horrorizados com o castelo e alguns exigiram partir imediatamente, preferindo ir servir a nova imperatriz. Os que icaram achavam que os dias passavam tão lentamente que pareciam durar uma vida inteira. Havia o ocasional jantar para os dignitários locais, mas a maioria das noites consistia em intermináveis jogos de paciência

ou bilhar, jogos de damas com o velho bispo de Evreux ou pequenos trabalhos de costura enquanto um camareiro lia em voz alta. Jose ina não conseguia desistir do vício de adivinhar o futuro, e ela e as damas perdiam um tempo enorme com as cartas de tarô, tentando descobrir destinos melhores do que os que tinham.

Ficava sentada nas salas geladas de Navarra, lastimando seu destino, mas nunca proferindo uma única palavra contra Napoleão. Não contatou Paul Barras nem Hippolyte Charles, nem nenhum dos velhos amigos – apesar de Madame Ducrest suspeitar de que ela tinha recebido Thérésa em segredo em Malmaison. Seu admirador, o príncipe Frederico Luís de Mecklenburg-Strelitz, sugeriu a hipótese de casamento, mas ela recusou. Não apenas estava ainda apaixonada por Napoleão, como temia ter de viver no estrangeiro e recomeçar tudo outra vez com 40 anos. O pobre Frederico Luís icou abatido. Ainda que fosse um declínio, caso a imperatriz vivesse com ele na medonha Mecklenburg-Strelitz, a alternativa era permanecer em Navarra, ouvindo as histórias de Maria Luísa e de seus triunfos. Pior ainda, ouviu rumores de que Napoleão queria que ela fosse para o exílio e nunca mais voltasse a Paris.

“Já há algum tempo que só choro ocasionalmente”, escreveu a Hortense. “Espero que a vida tranquila que aqui levo, longe de intrigas e fofocas, me dê forças e que meus olhos melhorem.” As notícias não

revelavam nada que a consolasse.

Enquanto Jose ina se desvanecia, o casamento avançava. Na noite de 27 de março, Napoleão chegou ao Castelo de Compiègne, contando as horas como o noivo mais ansioso do mundo (apesar de ter estado com uma amante italiana na noite anterior). Incapaz de esperar mais, saiu em disparada para se encontrar com Maria Luísa no caminho. Tinha mandado o cocheiro parar a carruagem dela e então saltou lá para dentro para abraçá-la. Ao contrário de Luís XVI, que registrou sucintamente no seu diário, “Encontro com a Madame la Del ina” a propósito do encontro com Maria Antonieta em Compiègne em 1770, Napoleão estava determinado a celebrar sua decisão.

Nas Tulherias, reis e rainhas, cortesãos, meninas com buquês e as damas todas reunidas tinham esperado durante horas. Napoleão passou por eles sem sequer parar, conduzindo Maria Luísa e Carolina escada acima, onde mandou servir o jantar para os três. Depois exigiu que o tio, o cardeal Fesch, lhe dissesse se ele e a nova esposa estavam devidamente casados. Fesch lhe disse que estavam civilmente casados, mas não religiosamente. Para Napoleão bastava, e encaminhou Maria Luísa para a cama. Para ele, a noite passou voando – e para a noiva não tinha sido tão ruim como esperava. “Pediu-me que o izesse outra vez”, disse mais tarde Napoleão em Santa Helena. 608 Na manhã seguinte, Hortense

achou a expressão de Maria Luísa “doce, mas um pouco acanhada”. 609

Quase uma semana depois, Napoleão e Maria Luísa se casaram formalmente num esplendor de festividades em Paris. O casal passeou pela cidade, seguido pelas 32 carruagens do seu séquito. As fontes transbordavam vinho e a comida estava espalhada ao longo das ruas, mas as pessoas não os aclamavam loucamente. Alguns espectadores até confundiram o pequeno imperador gordo, resplandecente em penas e renda, com a governanta de Maria Luísa. Esta observava nervosamente as pessoas que odiava e que tinham assassinado sua tia-avó, apenas com a esperança idealista da juventude para consolá-la.

Na cerimônia nas Tulherias, Hortense encaminhou o séquito de Maria Luísa, juntamente com as temidas irmãs de Bonaparte e a esposa de José, Julie, agora rainha de Espanha. Elisa, Carolina e Paulina mal conseguiam acompanhar o cortejo e ingiram estar doentes. O vestido de casamento de Maria Luísa era perfeito para a sua igura bastante robusta. “Uma vez vestida decentemente e arrumada, icou perfeitamente bem”, opinou Metternich. Outros repararam que era mais alta do que o noivo.

O príncipe austríaco Schwarzenberg, que tinha sido providencial nas negociações do casamento, convidou a corte para um baile em sua casa. Erigiu um enorme salão de baile no jardim, mas, desastrosamente,

quando a noite estava no ponto alto, os cortinados inos pegaram fogo ao tocar numa vela e o clarão espalhou-se pelo baile. Napoleão e Maria Luísa fugiram, mas outros convidados pereceram, incluindo a cunhada de Schwarzenberg. Napoleão icou aterrorizado com o mau presságio e só se acalmou quando os conselheiros declararam que o azarado era Schwarzenberg. Pouco depois, recebeu boas notícias. Em 10 de maio, Marie Walewska deu à luz um ilho, Alexandre Florian José. O marido, o conde Walewski, concordou em reconhecer a criança como sua – aceitando a responsabilidade por empurrar a esposa para os braços de Napoleão quatro anos antes.

“Não tenho medo de Napoleão, mas começo a achar que ele tem medo de mim”, declarou Maria Lu ísa a Metternich, com certo orgulho. O imperador se deixava intimidar pela verdadeira realeza e Maria Luísa, ao contrário dos franceses, não tinha medo dele e falava-lhe com a coragem de uma adolescente con iante. A nova imperatriz adorava comer, e Napoleão organizou enormes banquetes para lhe agradar, com catorze escolhas diferentes de sobremesa. As refeições rápidas passaram, no geral, a ser coisa do passado – bem como o trabalho que realizara e que as tinha tornado necessárias. Depois da cerimônia, Napoleão deleitou-se com o casamento e passou os dias em caçadas e as noites em bailes e na ópera, deixando os documentos intocados e até chegando atrasado às

reuniões do conselho. Não tinha qualquer vontade de ir para Espanha comandar o exército. Queria estar ao lado de Maria Luísa e, de fato, não havia outra maneira de conceber o tão desejado ilho legítimo. “O imperador está muito interessado na esposa”, relatou Metternich, “e, se a imperatriz continuar a dominá-lo, pode prestar a si mesma e a toda a Europa um grande serviço. Ele está tão obviamente apaixonado por ela que seus hábitos estão subordinados aos desejos dela”.

A inal, há muito tempo – se é que alguma vez acontecera – que Napoleão não estava em companhia de uma virgem. Contudo, não a deixava icar em sua cama, como Jose ina icava. A desculpa é que não aguentava o hábito germânico de dormir com a janela aberta. Na verdade, estava com medo de ceder o controle. Como disse mais tarde em Santa Helena, receara que ela exigisse dormir com ele no quarto, pois essa é a forma de uma mulher ter poder sobre o homem. Além disso, a pensão da atual esposa era exatamente metade da de Jose ina – 300 mil francos para viver e 60 mil francos para caridade.

Maria Luísa, uma ilha mimada da realeza, esperava mais proteção do imperador do que a que ele estava disposto a lhe dar. Foi arrastada por questões de propaganda na primeira visita imperial – às terras que antes tinham pertencido à Áustria. Visitaram a Bélgica, a Holanda e o Reno, seguidos por dezenas de carruagens transportando reis, rainhas, vice-

reis, criados e cortesãos, damas de companhia, baús de vestidos e caixas de presentes para serem distribuídas. Os progressos imperiais austríacos nunca tinham envolvido tanta pompa, e Maria Luísa não tinha muito jeito para as intermináveis recepções e audiências, estava aborrecida com o clima e sofria de dores de cabeça. Napoleão icava zangado e impacientava-se com ela, e espumava quando ela era um fracasso nas recepções. A pobre Maria Luísa era tímida, por vezes gélida, incapaz de conversar informalmente e lutava para esconder o aborrecimento. Certa ocasião, quando foi à inauguração de um navio em Cherbourg, o ministro da Polícia escreveu ao chefe da escolta da sua Guarda Imperial pedindo que garantisse que ela fosse pontual e simpática e que sorrise para aqueles que se aproximassem dela. “Por amor de Deus, meu amigo, nada de gelo”, implorou.610

Ao contrário de Jose ina, Maria Luísa não obedecia a Napoleão quando ele se zangava. “Quase duas da tarde e o imperador não me permitia que comesse na carruagem! Disse que uma mulher nunca devia precisar comer. Estava tão zangada e com tanta fome que iquei com uma dor de cabeça terrível e muito mau humor, e o imperador icou furioso. Não quis saber. Se voltar em outra vida, certamente não me casarei.” 611 A imperatriz tinha razões para estar tão esfomeada, cansada e com dores de cabeça, pois em julho estava grávida.

Napoleão estava exultante com a gravidez. Convencido de que teria um ilho, planejou extensas celebrações, escreveu diretrizes para o parto e o batizado, seguindo exatamente as do del im. A notícia selou o im de Jose ina – apesar de todas as suas esperanças, agora não havia volta e não tornariam a viver debaixo do mesmo teto. Maria Luísa tinha sido bem-sucedida no seu dever. Como disse Napoleão, “casei com um útero”. Agora, inalmente, a decisão que lhe tinha causado tanto tormento mostrava-se correta. Tinha feito bem em se divorciar.

A essa altura, Jose ina tinha retornado a Malmaison depois de Napoleão ter, por im, cedido. Tinha-lhe escrito em 19 de abril, agradecendo-lhe a autorização para que pudesse deixar o castelo “panela” após apenas três semanas. “Temi ter sido completamente banida da memória de Sua Majestade”, a irmou. “Vejo que não fui. Por essa razão, estou menos lamentosa hoje e até estou o mais feliz possível.” Era toda humildade. “Enquanto estou em Malmaison, Vossa Majestade pode ter a certeza de que viverei como se estivesse a mil léguas de Paris e Vossa Majestade não será perturbado em sua grande felicidade por nenhuma expressão dos meus desgostos. ”612

Prometeu não permanecer muito tempo em Malmaison e viajar rapidamente para uma estância. A resposta de Napoleão foi fria. “Recebi a tua carta de 19 de abril; está escrita em mau estilo.” Encorajava-a a

recordar-se que ainda era seu amigo. 613 Ela escreveu de volta humildemente pedindo-lhe perdão.

“Não havia uma palavra que não me izesse chorar; mas estas lágrimas eram muito agradáveis. Tinha o coração completo outra vez – como estará sempre; há afetos que são a própria vida e que apenas podem acabar com ela. Estava desesperada por a minha carta de dia 19 te ter desagradado; não me recordo das expressões exatas, mas sei a tortura que senti ao escrevê-las – sofrimento por não ter notícias tuas.” 614

A promessa de Jose ina de viver em Malmaison como se fosse “a mil léguas de Paris” não era verdadeira. Ela ainda cobiçava a antiga vida em Paris. Desejava que a convidassem para programas e bailes e sonhava com a ideia de Napoleão sentar-se na corte entre as duas imperatrizes. Pediu para conhecer a nova imperatriz, mas Napoleão disse a Hortense que era impossível, pois “a imperatriz Maria Luísa icou alarmada com o que ouviu dizer sobre os atrativos da tua mãe e com a in luência que ela sabe que Jose ina tem sobre mim”. 615 A nova imperatriz chegou a chorar quando o marido passou com ela em frente a Malmaison e propôs uma visita.

Jose ina não se deixou desanimar. Queria ser amiga de Maria Luísa numa tentativa de voltar à corte. Quando a própria Jose ina enviou o pedido, Napoleão recusou. “Não, ela acha que tu és muito velha. Se ela vir o teu encanto vai icar preocupada, vai pedir-me que te mande embora e eu terei de fazê-lo.” Como era de imaginar, Maria Luísa era rude em relação a ela. “Como é que ele pode querer ver essa senhora velha? E

mulher de baixa estirpe!” 616

Jose ina deixou Malmaison e foi com Hortense para as termas em Aix. Hortense tinha-se libertado recentemente – o marido abdicara do trono em 1º de julho, principalmente porque já não se sentia capaz de seguir o regime opressivo como Napoleão esperava, especialmente a proibição de comércio com a Grã-Bretanha. Tinha deixado Hortense no poder, como regente pelo ilho mais velho, mas oito dias depois Napoleão declarou a Holanda parte do Império francês e removeu a enteada do trono. Ela não sentiu falta. Separada do marido, viajou com a mãe e passou tempo com seu admirador, o conde de Flahaut, um belo soldado que pode muito bem ter sido ilho ilegítimo de Talleyrand. Em 1811, em segredo na Suíça, Hortense deu à luz uma criança. Flahaut a felicitou, a lisonjeou e foi solícito. Era um breve retorno aos dias em que tinha acabado de se graduar com Madame Campan, a joia de Malmaison e o objeto de milhares de olhares de admiração.

Jose ina deixou Aix para viajar para a Suíça, onde foi generosamente ovacionada e lhe ofereceram presentes e tributos. Madame Ducrest foi visitá-la em Genebra, no Hotel d’Angleterre, e viu-a ser festejada no Festival do Lago, onde foi transportada num barco puxado por dois cisnes ao som de fogos de arti ício e dos gritos de *Vive l’imperatrice!* Infelizmente, uma recepção destas teve de ser recompensada com

generosidade e Jose ina dirigiu-se em seguida às fábricas locais, onde Ducrest reparou que ela gastou centenas de francos em lembranças.617

"Não existe a menor dúvida de que a imperatriz entrou no quarto mês de gravidez, ela está bem e é muito apegada a mim", escreveu Napoleão à ex-mulher em setembro. 618 Enquanto estava na Itália, Claire de Rémusat escreveu a Jose ina que ela devia icar no exílio. "Não conseguirás ouvir o som de tanta alegria sem desgosto, relegada como podes ser ao esquecimento de toda a nação." Claire mencionou "a disposição ciumenta de Maria Luísa" e evocou uma imagem de família nas Tulherias da qual Jose ina icaria excluída. "O imperador estará cuidando da jovem esposa, apesar de ainda ter sentimentos por ti [. .] [ele] pede-te mais um sacri ício [. .] Escreves ao imperador dizendo que passarás o inverno na Itália?" 619

Napoleão, satisfeito e tão viciado em grandeza como sempre, anunciou que um ilho seria rei de Roma, uma ilha princesa de Veneza. Pediu ao incansável Fontaine para desenhar planos para um enorme palácio, como "o Palácio do rei de Roma". Os aposentos nas Tulherias eram luxuosamente decorados e mobiliados com prata e móveis pesados, bem como uma extensa biblioteca.

Foi permitido a Jose ina voltar para a França e ela chegou em 22 de novembro a Navarra. Ficou contente por ver como os jardins tinham sido

completamente renovados e drenados de acordo com seus planos, com novas lores trazidas de Malmaison. Ela gostava de ter um segundo jardim e cultivou plantas quase tão raras como em Malmaison – como foi revelado em *Description des Plantes Rares Cultivées à Malmaison et à Navarre* [Descrição das plantas raras cultivadas em Malmaison e Navarra] (1812–1817), ilustrada por Redouté.

A vida ainda era um buraco negro no caso do dinheiro de Jose ina. Tinha uma dama de honra, Madame d'Arberg, várias damas de companhia, incluindo Madame de Rémusat, uma esmoler, cavalariços, camareiros, um leitor, arrumadores, um médico e um secretário. Em Navarra, Jose ina reunia-se de manhã com mercadores e representantes de caridade; depois de almoçar dava um passeio a pé ou de carruagem, acompanhada, pelo local. No jantar, as pessoas sentavam-se onde queriam e raramente havia uma ordem de precedência das carruagens. Ela icava exasperada com a hierarquia dos empregados – eles eram servidos em 22 mesas diferentes, uma vez que os cozinheiros não comiam com as criadas de copa, nem os criados que esfregavam o chão se sentavam com os que acendiam as lareiras. Madame d'Arberg apenas conseguiu diminuir as mesas para 16.

Estava mais impossível de agradar Napoleão do que nunca, já que o imperador exigia que ela mantivesse o estilo de uma imperatriz, mas sem

dinheiro su iciente para fazê-lo. Escreveu-lhe furiosamente dizendo que devia continuar a se comportar como se estivesse nas Tulherias e que os cavalheiros do seu lar não deviam ser autorizados a vestir casacos compridos. Em vez disso, deviam apresentar o uniforme da corte de tecido bordado, espadas e penas. Ela devia sempre, instruiu-a, viajar com escolta. Contudo, autorizou que suas damas escolhessem livremente os vestidos, desde que fossem verdes.

O ânimo de Jose ina estava um pouco melhor após o choque inicial do novo casamento de Napoleão. As reformas da casa e dos jardins tornavam a vida muito mais agradável. Madame Ducrest encontrou um lar jovial, onde todos icavam acordados até tarde conversando e jogando cartas. Todos comiam tarde da noite, em ocasiões especiais usando o serviço Sèvres que fora o presente de divórcio de Napoleão a Jose ina e uma travessa dourada dada pela cidade de Paris no dia da coroação. Em certa ocasião, a equipe da casa decidiu se fantasiar e Jose ina lhes deu penachos, xales de caxemira e vestidos cobertos de bordados dourados. Ela mesma tinha começado a icar indiferente aos trajes imperiais e usava vestidos de crepe simples e boinas ou diademas de lores em vez dos pesados arranjos de cabeça de imperatriz. Preferia encontros informais e pedia aos habitantes de Evreux para não festejarem seu aniversário (eles a ignoravam e iluminavam a cidade do mesmo modo).

Quando os canais de Navarra congelaram, Jose ina encomendou trenós de Paris para os criados e complementou-os pondo rodas em poltronas – infelizmente, quando uma roda saltou, a Mademoiselle Avrillon quebrou a perna. No Ano Novo de 1811, em vez de darem presentes (o costume no início do século XIX era dar presentes nessa data e não no Natal), Jose ina declarou que organizaria um sorteio de suas joias, dando cruxi ixos, anéis, broches e pregadeiras. Apesar da informalidade, as pessoas ainda icavam nervosas perto dela. Como disse Madame d'Arberg, "são tão poucas pessoas que mostram o verdadeiro caráter que Sua Majestade é muito parcial com aqueles que mostram qualquer candura" .620

Eugène também icou satisfeito com a oportunidade de se ver livre das cerimônias. Quando chegou para uma visita, pediu para não ser anunciado, para poder entrar sem que ninguém se levantasse. Ganhou a simpatia de todas as senhoras e Madame Ducrest a irmou que era "impossível demonstrar maior amabilidade, educação ou boa índole". 621

Uma de suas ocupações favoritas era fazer uma competição que consistia em ver qual senhora conseguia pescar com anzol o maior número de peixes nos pequenos rios em torno do castelo – depois entregavam-nos aos cozinheiros para fritarem para o jantar. As visitas de Hortense eram muito mais tristes, já que estava desesperada e debilitada.

Jose ina temia as ocasionais viagens entre Navarra e Paris, pois Napoleão desejava um progresso verdadeiramente triunfal. Ela estava tão cansada disso que, em determinada ocasião, pediu às damas de companhia para se vestirem humildemente e dizerem a todos que encontrassem que a imperatriz já tinha passado incógnita e que viajaria no dia seguinte. As damas testemunharam a terrível desilusão em cada cidade, pois os cidadãos tinham emergido todos bem-vestidos, as tropas tinham polido as pratas e engraxado as botas e as jovens vestiram-se de branco, segurando nas mãos ramalhetes, apenas para descobrir que a imperatriz já tinha passado.

Ainda assim era vista como benfeitora. “Não há perigo de aborrecer ou importunar Jose ina quando lhe permitimos aliviar o estresse”, disse Madame de Rémusat. Jose ina era constantemente importunada pelo sofrimento. Em certa ocasião, um músico foi a Navarra e se saiu tão mal na tentativa de imitar um quarteto de diferentes instrumentos que as damas de companhia não conseguiram segurar o riso. Jose ina deu-lhe comida e dinheiro e repreendeu gentilmente as damas por escarnecerem de “um pobre homem que tentou tanto agradar-me, quando estava morrendo de fome” .622

Em 20 de março, Jose ina jantava com Madame d’Arberg, tendo enviado os criados a um jantar com o presidente da câmara de Evreux. Ela

recebeu um despacho o icial e então ouviu os sinos da vila repicarem. Tinha nascido o ilho de Napoleão e Maria Luísa. Fugazmente passou-lhe pelo semblante a dor, mas continuou em seus modos graciosos e falou do prazer que tinha num acontecimento que dava ao ex-marido tanta alegria. Enviou um mensageiro com uma nota dando os parabéns ao seu amado Napoleão. Os criados de Jose ina apressaram-se em voltar do jantar para servi-la. Dividida entre a esperança pelo Império, Madame Ducrest escreveu sobre "uma violenta sensação de raiva ao relembrar que a mulher que ocupou o lugar dela era completamente feliz". Jose ina foi serena com os criados. "Estou muito satisfeita por saber que o doloroso sacri ício que iz em nome da França inalmente deu algum fruto." 623 Enviou a Napoleão um broche de diamantes no valor de 5 mil francos e planejou um grande baile para celebrar as novidades.

Maria Luísa tinha sentido as dores de parto pela primeira vez em 19 de março. Os cortesãos, os Bonaparte, os ministros e os o iciais de alto escalão estavam à espera – e no instante em que receberam a mensagem da dama de companhia da imperatriz, vestiram as roupas da corte e correram para o quarto indicado.

No primeiro parto de Maria Antonieta, em 1778, o quarto icou tão cheio de dignitários que, como contou Madame Campan, "qualquer pessoa pensaria que estava num local de divertimento público". 624 A pobre rainha resignou-se e desmaiou antes de um médico exigir que lhe

dessem espaço e os cortesãos abrissem as janelas. Depois de tamanho iasco, Luís XVI tinha ordenado que a maior parte da corte esperasse do lado de fora para proteger a saúde da rainha. Outras consortes reais tinham se rebelado contra dar à luz em público – a rainha Charlotte, na Grã-Bretanha, só permitia aos membros do Ministério e ao arcebispo que esperassem no quarto adjacente. Mas Napoleão, como sempre, queria retornar ao ponto alto de Versalhes – tudo para ele era um teatro. O parto de Maria Luísa estava tão cheio de espectadores quanto uma partida de justa na corte. Médicos e enfermeiras circulavam por entre os cortesãos, que estavam todos atentos. Hortense estava lá, enquanto dama de companhia de Maria Luísa, e Eugène tinha sido chamado por Napoleão. O parto foi di ícil e causou muitas dores à imperatriz. O homem que conseguia ignorar os horrores de batalha icou chocado com o nascimento da criança e saiu apressado do quarto. O médico lhe disse que o bebê estava em risco e que talvez só pudesse ser salvo sacri icando a mãe, presumivelmente com uma cesariana. Apesar de a razão do casamento ser a produção do herdeiro, Napoleão não hesitou. “Salve a mãe”, disse. “É o direito dela. Teremos outra criança.” Apesar das di iculdades, às 9h20 Maria Luísa deu à luz um rapaz de 4 quilos. Os médicos acabaram por usar ferros, com Napoleão escondido na casa de banho. Depois do nascimento, a criança icou sem se mexer

durante sete minutos. O imperador olhou ixamente para o ilho, convencido de que estava morto. Por im, a criança soltou um grito ruidoso e Napoleão pegou-o no colo.

Neste momento, os Bonaparte estavam no quarto adjacente, e Eugène observou com uma satisfação amarga Carolina e Elisa começarem a chorar devido à perda de in luência a partir do momento que chegaram as notícias de que era um rapaz. Lá fora, tiros de canhão contavam a Paris inteira que Napoleão tinha um ilho. Eram 21 salvas para uma menina e 100 para um menino. À 22ª, as pessoas começaram a dançar nas ruas na primeira demonstração espontânea de entusiasmo por Napoleão desde muito antes da coroação. Os monarquistas, sempre na esperança de não haver um herdeiro, sucumbiram à sua impotência. Napoleão viu o povo celebrar com lágrimas escorrerendo-lhe pelo rosto.

"Meu ilho é gordo e saudável", escreveu a Jose ina. "Acredito que continuará a se desenvolver bem. Tem o meu peito, a minha boca e os meus olhos. Espero que cumpra o seu destino." 625 Jose ina acelerou os planos para um enorme baile em Navarra, ordenando que o chão fosse repavimentado e os quartos novamente pintados. Ordenou também entregas de ornamentos, lores, mobília e comida, o que manteve os comerciantes de Navarra inteiramente assoberbados. Apesar da extravagância, poucos viriam de Paris e os convidados eram

praticamente os cidadãos locais. Num vestido prateado de *lamé* com um diadema de diamantes, Jose ina saudou-os como se fossem da mais alta nobreza. Os cidadãos dançaram e comeram até às 4 da manhã – encantados com o inesquecível baile da imperatriz Josefina.

Uma vez mais suplicou a Napoleão para deixá-la retornar a Malmaison e solicitou a Hortense que também lhe fosse pedir. Ele se queixou de que lhe ofereceria qualquer outra coisa. Ela podia ser governadora de Roma ou viver em Bruxelas e ter uma corte fantástica. Mas ela só queria Malmaison. Ele inalmente cedeu e permitiu que ela voltasse ao seu adorado lar e jardim.

Mas o lar estava nas garras da crise inanceira. Houve desvio de dinheiro das contas de Jose ina e o ilho do príncipe do Mônaco, responsável pelos estábulos, tinha vendido cavalos a um preço irrisório. Napoleão icou furioso com ela. “Imagina como devo pensar mal de ti ao saber que tu, com 3 milhões de francos por ano, tens dívidas”. Disse-lhe para poupar o mesmo que gastava todos os anos. “Cuida dos teus interesses e não dês a quem só quer ajudar a si mesmo. ”626

Enviou o tesoureiro para dizer à imperatriz que tinha de moderar as despesas e manter um registro exato das contas. Maria Luísa, disseram-lhe, era competente em economia e nunca icava em dívida. Jose ina chorou com o sermão, duplamente magoada por ser repreendida por um

o icial em vez de pelo próprio Napoleão. Quando o imperador soube que ela tinha começado a chorar, icou comovido como sempre. “Não a deves fazer chorar!”, disse ao tesoureiro.

“Fiquei aborrecido contigo por causa das tuas dívidas”, escreveu-lhe, depois de saber por Hortense que ela tinha chorado. “Contudo, nunca duvides do meu afeto por ti e não te preocupes com a di iculdade atual.” 627

Jose ina tentou mesmo cortar as despesas. Seu controlador arrendou parte das terras, tentou reduzir o gasto excessivo em plantas e reivindicar um pouco do seu dinheiro da Martinica. Mas Jose ina continuava gastando loucamente em roupas, hospitalidade, presentes e doação. Quando descobriu que um dos seus cavalheiros, o namoradeiro Monsieur de Pourtales, havia cortejado a ingênua Mademoiselle de Castellane, levou-os para um passeio nos jardins. “Não possuis nada a não ser o teu nome”, disse a Mademoiselle de Castellane, “M. de Pourtales é muito rico; não podes acreditar que ele pretende se casar contigo.” Confundido, Pourtales imediatamente anunciou que se casaria e Jose ina ofereceu um dote de 100 mil francos e o enxoval. Era muito generosa com o dinheiro e muito velha para mudar os hábitos. Napoleão tinha lhe dito que poupasse um milhão de francos por ano para os netos. Era pouco provável. Logo tinha uma dívida de mais de 3 milhões de francos,

apesar da vultosa pensão.628

“A tranquilidade é uma coisa tão doce”, escreveu a Eugène. “A ambição é a única coisa que pode estragá-la e, graças a Deus, não sofro dessa doença.” O entusiasmo dos velhos tempos tinha desaparecido. Mesmo um ano depois do divórcio, Jose ina ainda chorava lágrimas amargas pela perda. Quando Bourrienne a visitou em Malmaison, ela mal conseguiu falar. “Já esgotei meu cálice de desespero. Ele colocou-me de lado! Abandonou-me! Ofereceu-me o vaidoso título de imperatriz apenas para que minha queda fosse ainda maior.” 629 Era tudo horrível e todos os que a visitavam ouviam a mesma história várias vezes. Disse a Bourrienne:

“Não podes imaginar, meu amigo, todas as misérias que tenho sofrido desde aquele dia horrível! Não consigo imaginar como é que sobrevivi. Não consegues conceber a dor que aguentei ao ver as descrições das festas por todo o lado. E a primeira vez que me veio ver depois do casamento, que encontro foi! Derramei tantas lágrimas!”

Jose ina gastava ainda mais, numa tentativa de aliviar a dor. Encolhia os ombros quando lhe diziam para evitar modistas, costureiros e joalheiros. “De fato, devia icar indiferente a tudo isso, mas é um hábito. ”630 Despejava rios de dinheiro em seu lar e Malmaison estava, consequentemente, mais bela do que nunca, um verdadeiro *château-musée*. Em junho de 1813, Jose ina escreveu novamente a Eugène de Malmaison: “A vida que aqui levo ainda é a mesma, ocupando-me com a galeria e as plantas.” 631 A nova galeria, construída no mesmo ano do divórcio, era, conforme explicou Madame Ducrest, “uma das imagens mais requintadas que se possa imaginar”, e ela tinha contratado um

investidor para um catálogo próprio de sua coleção de arte. Os visitantes estrangeiros viajavam especialmente para ver suas pinturas e esculturas.632

Jose ina escreveu centenas de cartas perseguindo a arte que desejava. Ao escrever ao ministério de Eugène, tesoureiro-geral do reino da Itália, expressou agradecimentos pelo conselho que ele tinha fornecido sobre cinco pinturas de Melizi, que ele pensava serem adequadas à galeria. "Também vou comprar duas pinturas de Madame Grimaldi", ordenou. 633 "Tudo o que desejo agora é a pintura [de Ticiano] que me foi mostrada na noite da minha partida. Sê bom para mim e descobre-me o preço que estão a pedir." 634 Atarefava-se a lançar a carreira de artistas menores, sugerindo que a exposição anual de arte de Paris, o Salão, apresentasse uma lista de pinturas do seu favorito, M. Töpffer, "de cujo trabalho já vi vários exemplos em Malmaison". 635 A própria Jose ina, como era divorciada, não estava autorizada a entrar no Salão. Investiu nas obras *The Dancer* e *Paris*, do seu amado Canova, mas recusou-se a permitir que *Paris* fosse para a exposição. Se ela não podia ir, por que haviam de ir suas obras de arte?

Em 1812, Jose ina pediu a Canova para criar para ela uma escultura das Três Graças. Eufrosina, Aglaia e Tália, as três ilhas de Zeus, presidiam os banquetes para os convidados dos deuses e representavam a beleza, o charme e a alegria. Jose ina, ao encomendar tal escultura no outono da vida, certamente tinha em mente os dias com Thérésa e

Juliette, as três graças de Paris, e a época de maravilha, quando tudo era liberdade e tudo parecia possível.

Gravada numa placa simples de mármore branco, *As Três Graças* é uma obra-prima de suavidade e beleza. Ao visitar o estúdio de Canova em Roma, o duque de Bedford viu a escultura e apaixonou-se por ela. Foi-lhe dito que não havia qualquer possibilidade de tê-la, pois iria para a própria imperatriz. Não era o primeiro colecionador de arte a icar desiludido. Para desgosto de muitos colecionadores pela Europa, Jose ina chegou primeiro.

Malmaison era um país das maravilhas de animais, arte e plantas exóticos e era dispendioso mantê-lo. Os convidados chegavam em grande número para provar as delícias da mesa, observar a coleção de animais e, acima de tudo, contemplar as obras de arte. Era o auge da moda participar dos fabulosos jantares, com bananas e abacaxis das estufas e o sorvete caseiro. Jose ina tinha trazido um sorveteiro da Itália, que criou o requintado *glacé Malmaison*, um sorvete de passas com aroma de licor. Ignorando alegremente a proibição de comércio com a Grã-Bretanha, chegou a ter um empregado britânico que servia o queijo *cheshire* e os *muffins* ingleses, que eram raros deleites para os franceses.

Para os ilhos de Hortense e Eugène, Malmaison era uma recreação maravilhosa. Como relembrou Luís Napoleão, mais tarde Napoleão III:

“Ainda vejo a imperatriz Jose ina em seu salão no piso térreo, cobrindo-me de carinhos e até lisonjeando minha vaidade com o cuidado com que ela repetia meus erros linguísticos infantis.” Pois, contou, “a minha avó *estragou-me com mimos* em todos os sentidos da expressão”. Em Malmaison, “nós – meu irmão e eu – tínhamos liberdade para fazer o que quiséssemos. A imperatriz, que gostava apaixonadamente de plantas e estufas, deixava-nos cortar as canas-de-açúcar para chuparmos e sempre nos dizia para pedirmos o que quiséssemos”. 636 Jose ina não tinha aprendido a lição com seus dentes podres.

O açúcar, os jantares, os *muffins* e o sorvete tinham seus efeitos – ela estava engordando. Laure Junot recordou que “uma característica em especial da sua igura assumiu proporções realmente incríveis”. Foi obrigada a usar corpetes elásticos para manter a barriga crescente sob controle. “Dizem que estás gorda como uma boa esposa de um agricultor da Normandia”, escreveu-lhe alegremente Napoleão.637

O camareiro de Jose ina, o conde Turpin de Crissé, prestou tributo à sua hospitalidade, descrevendo uma corte onde “dignidade, graça, sagacidade, talentos e boa conversa transformavam um posto de exílio num local de encanto e uma rainha sem coroa numa mulher rodeada de amigos verdadeiros”. 638 O conde era ligeiramente suspeito. Corriam rumores de que Jose ina se apoiava nele emocionalmente e que, em 1810, tinha tirado férias com ele, um cavaliço e uma dama de serviço.

Ainda assim, se houve um caso amoroso, durou pouco. O conde se casou em 1813 com a bênção de Josefina.

Em 8 de junho, o *rei-bebê* de Roma foi batizado na Notre-Dame. A cerimônia era uma versão da de Luís, o Grande Del im da França. Napoleão, como sempre, apropriou-se dos holofotes e tirou a criança dos braços de Maria Luísa e a ergueu bem alto para mostrá-la ao público, duas vezes.

Jose ina desejava acima de tudo ver o bebê. Desejava tocar na criança que lhe tinha custado tantas lágrimas. Napoleão resistiu muito à ideia, mas inalmente concedeu-lhe uma hora, em segredo. O pequeno rapaz foi levado para brincar no palácio de verão de Bagatelle, nos arredores de Paris, e a governanta, Madame de Montesquiou, autorizou que Jose ina lhe pegasse no colo e o beijasse. Quando Maria Luísa soube do encontro, ficou furiosa e fez Napoleão prometer que nunca mais o permitiria.

Napoleão estava feliz nas Tulherias, comendo sobremesas com a esposa e brincando com o ilho. Também tinha recomeçado a ter amantes e trouxe Marie Walewska e o ilho, o pequeno Alexandre, para Paris. Enquanto se vestia como lojista para visitá-la, presidia a celebrações e observava o rei de Roma brincando com chocalhos dourados. O Império desmoronava. O próprio Napoleão estava gordo e, na realidade, mais satisfeito como lojista do que como gênio militar obsessivo que antes

tinha sido capaz de cavalgar dez horas seguidas. Seu Império não estava nas melhores condições. Excessivamente vasto, era impossível de governar e policiar, e os ressentimentos nos estados vassalos cresciam. Graças ao comportamento ganancioso dos exércitos franceses, os estados começavam a sua subordinação cheios de queixas e angústias e as coisas só pioravam, com impostos elevados arrecadados para pagar o preço da ocupação e também apoiar os enormes gastos de Napoleão em casa. As pessoas estavam chocadas com o tratamento à Igreja, pois ele tomou as propriedades eclesiásticas e fechou muitas ordens, deixando monges e freiras sem outra escolha a não ser pedir nas ruas. Seu comportamento extravagante (e o de Jose ina) gerou ódio puro, à medida que as pessoas lutavam para pagar os impostos que mantinham ele e sua enorme corte em pomposo luxo em Paris. A França não estava muito mais tranquila do que os países subordinados. Cheia de cicatrizes e traumatizada após o Terror, as pessoas tinham acreditado que Napoleão traria paz à nação. Agora, parecia que atacava os países só por atacar – e o povo não conseguia ver im para sua ambição. “Em breve a Europa não lhe chegará”, escreveu alguém, “vai desejar a Ásia” .639

Por todo o Império, o recrutamento militar causava especial sofrimento e tinha sido ampliado para abarcar os homens dos 20 aos 26 anos. As cidades tornaram-se locais fantasmagóricos só de mulheres, forçadas a

aceitar empregos porque os membros masculinos da família tinham desaparecido. O preço do pão subia vertiginosamente, veri icava-se uma miséria generalizada devido ao Bloqueio Continental e a ideia de perder mais homens era demais para aguentar. Os avisos de recrutamento a ixados nas esquinas das ruas enchiam cidades inteiras de desespero, enquanto as pessoas se juntavam para ver os nomes dos maridos e ilhos. Mas Napoleão, sol do seu próprio mundo, considerava-se imune às queixas. “Tenho trezentos mil homens para dispensar”, disse.

Recentemente o czar tinha começado a negociar com a Grã-Bretanha, e Napoleão viu o gesto como um ato de agressão. Determinado a assegurar uma vitória militar signi icativa, meteu na cabeça a ideia absurda de invadir a Rússia. Convocou mais de 600 mil homens de todos os domínios, da Itália à Polônia, da Dinamarca à Suíça. Gordo, adoentado e pálido, com o enorme tronco equilibrado nas pernas minúsculas, sofrendo de uma tosse seca e de problemas de bexiga, vestiu-se de arminho e medalhas, ao estilo de um líder, e exigiu a lealdade deles.

Antes de partir para a Rússia, visitou Jose ina durante duas horas. Ela implorou a Constant que cuidasse dele, surpreendendo o pajem com a “preocupação pelo homem que a tinha abandonado”. 640 Napoleão partiu para Dresden, acompanhado por Eugène, 300 carruagens e Maria Luísa.

Ela era agora seu símbolo de poder e riqueza, sua tentativa em forma

humana de maravilhar os vassalos. “Deixo Saint-Cloud e vou para Moscou, não porque esteja inclinado a isso ou a me autograti icar, mas devido a cálculos rasos”, declarou.641 Mentiu: ansiava pela glória.

Em sua costumeira vaidade, Napoleão anunciou que conquistaria a Rússia em 20 dias. Mas ele e seus homens lutaram contra o terreno. “Minha saúde está boa”, escreveu a Maria Luísa, e “está muito quente”. 642 O calor das planícies era extenuante, e as tropas rapidamente começaram a esgotar os mantimentos. Os servos russos tinham esperado que Napoleão os libertasse e, quando não o fez, tentaram ativamente depô-lo. Quanto às tropas russas, largamente ultrapassadas em número, simplesmente retiraram-se e deixaram as punitivas terras da Rússia fazerem o seu trabalho. Após dois meses, não tinha sido travada nenhuma batalha e 150 mil homens tinham fugido, morrido de doenças ou de exaustão pelo calor ou estavam muito fracos para combater.

Napoleão avançou e, em setembro, os russos e os franceses se enfrentaram na vila de Borodino. No inal, 44 mil tinham caído mortos por terra ou sido feridos no campo de batalha e Napoleão tinha perdido cerca de 30 mil homens das suas tropas, incluindo muitos generais. Declarou-se vencedor e, em 15 de setembro, entrou em Moscou. Os habitantes tinham fugido, exceto os que estavam muito doentes para partir, os criminosos e os estrangeiros proibidos de fazê-lo. Enquanto

Napoleão entrava, o governador de Moscou ateou fogo à sua casa e distribuiu explosivos para grupos de homens queimarem o resto da cidade, depois enviou os últimos que restavam para destruírem os equipamentos de combate a incêndios. Napoleão ocupou o Kremlin e contemplou "as montanhas de chamas vermelhas rodopiarem, como ondas imensas do mar. Oh, foi a visão mais grandiosa, mais sublime, mais aterradora que o mundo alguma vez vira!" 643 Convencido de que o czar se submeteria pela paz, escreveu a Alexandre exigindo um tratado.

Alexandre, escondido em São Petersburgo, não respondeu. Napoleão sentou-se no Kremlin, demorando-se às refeições para matar todo seu tempo disponível, jogando *vingt-et-un* com Eugène ou tentando ler romances. Pela primeira vez na vida, deixaram Napoleão à espera.

"Lutarei até o último homem do meu Império", pronunciou Alexandre.

"Agora é Napoleão ou eu; já não podemos reinar juntos." 644 Mas realmente não havia necessidade de lutar. Como bem sabia, Napoleão não podia permanecer na Rússia para sempre, pois tinha uma população agitada em casa. Fazia muito frio para o mês de março em São Petersburgo. Menos de um mês depois de chegarem, os franceses deixaram a cidade. Tinha começado a nevar.

"Parecia que marchávamos num mundo de gelo", recordou um soldado. A temperatura caiu para uns 20 graus negativos. Milhares de cavalos escorregaram na neve e morreram, e os soldados tombavam e

morriam onde caíam. “A devastação do frio era idêntica à provocada pela fome”, escreveu um soldado de Württemberg. A comida estava podre ou estragada para ser consumida e nenhum cavalo, gato ou cão morto foi deixado intocado. Os soldados viam um camarada icando fraco e contavam as horas até ele cair ao chão e morrer. Então roubavam-lhes os pertences e comiam-lhe a carne. Havia homens que até mordiam os próprios corpos. “Toda a compaixão humana desaparecera”, relembra um soldado, as mentes dos homens estavam confusas por causa do frio e “o desespero monótono e a loucura devastadora tinham possuído muitos, que morriam murmurando, com o último suspiro, as imprecações mais horríveis contra Deus e o homem”. 645 Fazia tanto frio que de 400 homens que se juntavam em volta da fogueira à noite, 300 estavam mortos pela manhã. Os que não morriam de fome e desespero eram apanhados pelas tropas russas, que os seguiram através dos campos. Os soldados franceses eram empalados e atirados vivos em caldeirões de água fervente. Os camponeses, brutalizados e zangados, torturavam-nos, batendo-lhes com martelos e empurrando-lhes estacas pela garganta abaixo. Napoleão continuava sem se deixar incomodar. “Uma pequena mudança”, afirmou, batendo com os pés nos cadáveres no chão.

Deixou o exército em 5 de dezembro e avançou. Chegou às Tulherias pouco depois da meia-noite de 19 de dezembro, em segredo,

esgueirando-se por uma porta dos fundos. Ordenou imediatamente uma rodada de bailes e recepções para celebrar seu retorno.

O imperador não prestou qualquer atenção à devastadora mensagem enviada pelo general Berthier: “Senhor, o exército já não existe.” Dos 600 mil homens que viajaram para a guerra, apenas 93 mil retornaram para casa. Muitos não estavam em condições de combater novamente e di icilmente conseguiram voltar à vida normal. Duzentos mil cavalos morreram. O insano plano de Napoleão de invadir a Rússia foi, como expressou Talleyrand, “o princípio do fim”.

O general Caulaincourt, que acompanhou Napoleão de volta à França, disse, apenas de brincadeira, que os prussianos deviam prender Napoleão e dá-lo aos britânicos para o exibirem em Londres como um animal enjaulado. “Um homem como eu não se preocupa com a vida de milhões de homens”, a irmou Napoleão. 646 A população, em sua opinião, tinha de ser obrigada a amá-lo – tal como sempre tentara forçar as donzelas a fazer.

Ele não escreveu a Jose ina da Rússia e ela passou a campanha em pânico por causa do ex-marido e do ilho. Eugène, ela sabia, tinha sido ferido, mas havia poucas notícias dele. Maria Luísa apiedou-se da rival e deu para Hortense ler algumas das cartas de Napoleão, para passar detalhes para a mãe.

O imperador foi visitar Jose ina quando voltou, mas não a convidou para as celebrações. Mesmo que fosse apropriado, ela era uma lembrança do seu sucesso militar de dias melhores. A primeira campanha que tinha realizado depois do casamento com Maria Luísa tinha sido um fracasso terrível, escandaloso.

Jose ina icou sozinha em Malmaison. Qualquer outra pessoa da moda em Paris, aparentemente, tinha sido forçada a assistir aos que icaram conhecidos como “bailes de perna de pau”, porque faltava um membro a muitos dos presentes. Os que foram às Tulherias consideraram a diversão amarga. “No seio da consternação geral, as pessoas icaram chocadas por ver o imperador divertindo-se nas Tulherias”, escreveu o major Raymond de Montesquiou, duque de Fezensac. “Nunca me esquecerei de um desses bailes sombrios, em que senti que dançava sobre sepulturas.” 647

589 Bourrienne, *Mémoires*, III, p. 64.

590 Bourrienne, *Mémoires*, III, p. 56.

591 Hortense, *Mémoires*.

592 Bourrienne, *Mémoires*, III, p. 115.

593 Hortense, *Mémoires*.

594 Ducrest, I, p. 207.

595 Imperatrice Josephine, *Lettres*, p. 240.

596 *Les Beauharnais et L'Empereur. Lettres de l'Impératrice Joséphine et de la Reine Hortense au Prince Eugène*, Paris, 1936, p. 81.

597 Hortense, *Mémoires*.

598 Napoleon, Bonazzi, *Lettres d'amour*, p. 359, dezembro 1809.

599 Ducrest, I, p. 171.

600 Ducrest, II, p. 28.

601 Napoleão, *Lettres d'amour*, p. 360.

602 17 janeiro 1810.

603 Hortense, *Mémoires*, p. 175.

604 Castelot, *Joséphine*.

605 Napoleão, *Correspondance*, org. Chevallier, p. 78.

606 Napoleão, Bonazzi, *Lettres d'amour*, p. 381.

607 Ducrest, I, p. 89.

608 Betrand, Cahiers, IV.

609 Hortense, *Mémoires*, p. 315.

610 Philip Mansel, *The Court of France*, p. 121.

611 Martineau, *Marie-Louise*, p. 78.

612 Bourgeat, *Napoléon: Lettres à Joséphine*, 19 abril 1810.

613 Napoleão, 20 abril 1810, Bonazzi, *Lettres d'Amour*, p. 382.

614 22 abril 1810, Bonazzi, *Lettres d'amour*.

615 Hortense, *Mémoires*.

616 Cartas de Napoleão, Bruce, p. 455.

617 Ducrest, I, p. 158.

618 14 setembro 1810, Correspondência, org. Chevalier, p. 166.

619 Masson, *Joséphine Répudiée*, pp. 199-201.

620 Ducrest, I, p. 239.

621 Ducrest, I, p. 206.

622 Ducrest, I, p. 283.

623 Ducrest, I, pp. 214-15.

624 Fraser, *Marie Antoinette*, p. 155.

625 Napoleão, 22 março 1811, Bonazzi, *Lettres d'amour*, p. 395.

626 Napoleão, Bonazzi, *Lettres d'amour*, p. 396.

627 Napoleão, Bonazzi, *Lettres d'amour*, p. 397.

628 Gerstein, p. 12.

629 Bourrienne, *Mémoires*, III, p. 120.

630 Bourrienne, *Mémoires*, III, p. 140.

631 Impératrice Joséphine, *Correspondance*, carta 485, 14 junho 1813, pp. 348-9.

632 Pougetoux, p. 94.

633 Impératrice Joséphine, *Correspondance*, carta 464, 25 setembro 1812, p. 336.

634 Impératrice Joséphine, *Correspondance*, carta 464, 25 setembro 1812, p. 336.

635 Impératrice Joséphine, *Correspondance*, carta 468, 13 outubro 1812, p. 339.

636 Baron d'Ambès, *The Intimate Memoires of Napoleon III*, org. e trad. A. R. Allinson, Londres, Stanley Paul & Co., 1933, I, p. 54.

637 Napoleão, Bonazzi, *Lettres d'amour*, p. 397.

638 Mansel, *The Court of France 1789-1830*, p. 121.

639 François-René Chateaubriand, *Mémoires*, p. 269.

640 Constant, *Mémoires*.

641 McLynn, p. 510.

642 Napoleão, *Correspondance*, org. Chevallier, V.

643 Betrand, *Cahiers*.

644 Fairweather, p. 408.

645 Jakob Walter, *Diary of a Napoleonic Foot Soldier*, trad., Londres, Penguin, 1991, CH, p. 202.

646 Bertrand, *Cahiers*, p. 145.

647 Duc de Fezensac, *Mémoires*, p. 254.

21

"A MAIS ENCANTADORA"

No início de 1813, o corpulento império e o ainda mais gordo imperador estavam em maus lençóis. A Prússia aliara-se à Rússia contra a França e a campanha na Espanha tinha sido um fracasso. "O imperador já não era invencível", queixava-se o duque de Fezensac. O próprio imperador também estava cansado. "As altas horas, as

di iculdades da guerra, não são para minha idade", queixou-se. "Adoro minha cama, meu repouso, acima de tudo, mas tenho de terminar meu trabalho." 648

Os inimigos de Napoleão não eram só externos. Joaquim e Carolina Murat, ansiosos por manterem o trono a todo o custo, tinham assinado um pacto com Viena. José não tinha conseguido impor a ordem na Espanha. Não obstante, ao contrário dos irmãos vira-casacas, Luís ainda era iel ao homem que lhe tinha dado o poder e a posição. Escreveu a Napoleão oferecendo-se para voltar à França e icar a seu lado. "Meu marido é um bom francês, provou-o ao regressar à França na época em que toda a Europa se virou contra ele", a irmou Hortense. 649 Apesar de tudo o que Napoleão lhe tinha feito, ela também era leal ao imperador.

Os aliados viam as fendas na armadura de Napoleão. Em 22 de novembro de 1813, Eugène foi visitado por um ajudante do rei da Bavaria, seu sogro. Ele ofereceu a Eugène proteção se ele abandonasse Napoleão. Eugène recusou. "É inegável que a estrela do imperador começou a se desvanecer, mas isso é apenas mais uma razão para aqueles que receberam tanto dele permanecerem iéis." Escreveu a Napoleão para lhe contar que tinha dito à Bavaria que não "cometerei um ato desprezível como esse; que permanecerei, até meu último suspiro, verdadeiro ao juramento que te fiz" .650

As tropas inimigas juntavam-se perto de Paris. Os guardas de Jose ina em Malmaison tinham fugido e em vez deles havia apenas 16 soldados feridos. Em 28 de março de 1814, Hortense enviou-lhe uma mensagem para contar que Maria Luísa estava prestes a fugir. Com Napoleão longe em combate, Maria Luísa era regente e tinha-se recusado a partir.

Tinham-lhe dito que ela e a corte tinham de partir para Blois – e que o imperador não desejava que ela ou o ilho fossem capturados pelo inimigo. “Preferia que meu ilho fosse morto a vê-lo levado para Viena como príncipe austríaco”, disse.651

De modo relutante, aceitou partir, “muito zangada [. .] especialmente quando os parisienses mostram tanta vontade de defenderem a si mesmos”. 652

No dia seguinte, Jose ina viajou para Navarra, com diamantes costurados na anágua. “Não sei se é possível expressar quão infeliz estou”, escreveu. “Tive coragem em muitas situações tristes nas quais me encontrei; posso aguentar os reveses da fortuna; mas não sei se tenho força su iciente para aguentar a ausência dos meus ilhos e a incerteza do seu destino.” 653 Não teve de esperar muito. Dois dias depois, Hortense e os ilhos fugiram para junto dela, com notícias de que Paris se rendera.

O imperador estava em prisão domiciliar em Fontainebleau.

Em Paris, a Champs-Elysées estava repleta de cossacos barbudos, vestidos com calças e túnicas azuis, espalhados pela rua enquanto

remendavam as roupas ou poliam as armas. Dormiram ao relento, os cavalos amarrados às árvores. Com exceção de uma pequena pilhagem, comportaram-se perfeitamente – e os cidadãos de Paris alinharam-se para inspecionar os novos visitantes. Maria Luísa implorou ao marido autorização para se juntar a ele em Fontainebleau, mas, mergulhado numa depressão, escreveu-lhe apenas para pagar um milhão de francos a cada um: a mãe, José, Jérôme, Paulina, Luís e Elisa. Assim que receberam o dinheiro, apressaram-se a ir embora. “Ninguém te ama mais do que a tua iel Luísa”, disse-lhe. Como ele não lhe deu orientações, ela assumiu o controle da situação e partiu para um encontro com o pai.

Rapidamente foi capturada e aprisionada pelos austríacos.

Jose ina icou inconsolável ao ouvir a notícia de que o imperador tinha assinado o seu consentimento de abdicação em 6 de abril. O imponente Luís XVIII, há muito exilado, seria rei em seu lugar. Seus espiões relataram o desânimo e a incapacidade de Napoleão para agir. “Como eu sofri com a forma como trataram o imperador”, escreveu ao ilho. “Tantos ataques na imprensa, que falta de gratidão por parte daqueles a quem tinha prestado favores! Mas já não há esperança de mais nada. Acabou-se, ele abdicou.” 654

Os aliados em Paris comportavam-se como reis. Em meados de abril, Jose ina voltou a Malmaison e o czar visitou-a no dia seguinte. Hortense

chegou e icou chocada ao ver o pátio cheio de soldados e funcionários cossacos. Disseram-lhe que Jose ina estava dando um passeio com o czar da Rússia. Hortense se encontrou com eles e foi apresentada, mas foi fria com o czar até Jose ina lembrá-la da precária situação em que estavam. Depois da visita, o czar escreveu-lhe uma calorosa carta e pediu para visitá-la novamente. Jose ina não queria, mas Napoleão aconselhou-a a receber o czar, pois "o futuro dos teus ilhos depende disso". Ela encomendou vestidos novos e pediu aos criados que lustrassem a mobília e preparassem flores.

Fez tudo para tentar agradar o czar. Ao beber chá com ela, apontou para uma xícara com o retrato dela e perguntou se podia icar com a peça. Ela respondeu que ele podia comprar uma xícara semelhante em qualquer lugar e, em vez disso, ofereceu-lhe um enorme camafeu antigo – mostrando Alexandre, *o Grande*, e Filipe da Macedônia – que tinha sido um presente de Pio VII na sua coroação. "Desejo dar-lhe algo que não possa ser encontrado em qualquer lugar e que às vezes o faça pensar em mim." 655

O czar lançou a moda. Todos os líderes aliados desejam visitar Malmaison, provar o sorvete, ver o orangotango e contemplar a estupenda coleção de arte. Jose ina tinha se tornado um troféu, tal como Cleópatra fora para os romanos. Jose ina sorria graciosamente ao ser

tratada como um despojo de guerra, mas seu coração estava partido. “Não me resigno com o destino de Bonaparte”, escreveu a Hortense. Ele tinha sido um assassino brutal, implacável em despachar soldados e civis de igual maneira, mas para ela era o marido, o homem de bravura e competência. O futuro como uma beldade cativa dos aliados era muito pouco atraente. “Às vezes tenho ataques de melancolia su iciente para me matar”, declarou.656

Em 16 de abril de 1814, Napoleão escreveu a Jose ina a última carta existente, enquanto aguardava para ser enviado ao exterior. “Na minha aposentadoria, substituirei a espada pela pena”, disse-lhe, a irmando que contaria a verdade sobre seu reinado. “Inundei de bene ícios milhares de imprestáveis! No im, o que é que izeram por mim? Traíram-me. Sim, todos eles exceto nosso querido Eugène, tão merecedor de ti e de mim”, lamentou-se. “*Adieu*, minha querida Jose ina. Resigna-te, como tenho feito, e nunca esqueças aquele que nunca te esqueceu e nunca te esquecerá. P.S.: Espero ter notícias tuas quando alcançar Elba. Estou longe de estar em boa saúde. ”657 Em 20 de abril deixou Fontainebleau, acompanhado de 14 carruagens e uma escolta de soldados poloneses. Jose ina mal conseguiu aguentar a notícia do marido sendo despachado para uma obscura ilha de Elba, a 20 quilômetros da costa toscana. Ele mentiu quanto aos suas acompanhantes: Marie Walewska foi enviada para Elba,

juntamente com a mãe, e Paulina e Maria Luísa tinham desesperadamente tentado servi-lo. Mas ele só pensava em Josefina.

A carta de Napoleão fez Jose ina mergulhar no desespero. Em 3 de maio, gordo e com 59 anos, Luís XVIII entrou em Paris e foi declarado rei. Louis-Philippe Crépin elaborou uma pintura do rei erguendo a França das ruínas. O mundo de Jose ina quase tinha desaparecido. Ainda entretinha o czar, sempre vestida com a maior elegância enquanto o acompanhava para além dos arbustos de Santa Lúcia e das flores da Síria até a estufa que tanto o agradava. Em 14 de maio de 1814, pegou um resfriado enquanto passeava com Alexandre. No dia 23 de maio, recebeu o rei da Prússia e o grão-duque Constantino, apesar de se sentir fraca. “A mim parecia que apenas tinha uma constipação e que a saúde dela era sempre tão boa que não me preocupei”, recordou Hortense. 658 O médico de Jose ina foi igualmente otimista. Ela se recusou a se acovardar e organizou um jantar e um pequeno baile para os grão-duques russos no dia 25, abrindo a pista com uma dança com o czar. Depois insistiu em passear com ele, vagueando entre as belas plantas à luz do luar. No inal da noite, a febre estava alta, tinha uma erupção cutânea e sentia-se muito mal.

Hortense aplicou-lhe emplastros de mostarda, mas nada fez efeito. No dia 27, o czar enviou seu médico. Jose ina cumprimentou-o

educadamente e com dignidade. “Espero que o interesse dele me traga sorte”, disse. O czar, que parecia ter nada a mais para fazer em Paris além de visitar Malmaison – tinha retorno marcado para um jantar no dia 28. Jose ina supervisionou os preparativos ainda na cama, para desespero do médico, que queria que ela descansasse. Ele saiu do quarto de Josefina para dizer a Hortense que a mãe estava muito doente.

No dia 28, o czar foi vê-la, mas ela estava frágil demais para receber convidados e não conseguia falar. Esforçava-se para respirar, perdendo e recuperando a consciência, e tinha muitas dores. Os médicos concordaram que havia pouca esperança. Jose ina mandou embora todos aqueles que foram consolá-la. Com medo de infectar a família, até implorou a Hortense que partisse. A ilha permaneceu do lado de fora do quarto e ouviu pela dama de companhia que Jose ina ocasionalmente dizia palavras enquanto delirava: “Bonaparte. . Ilha de Elba. . rei de Roma. ”659 Na manhã seguinte, a ex-imperatriz, sempre ciente da necessidade de aparecer em esplendor, pediu às criadas para vestirem-na de cetim cor-de-rosa com laços combinando e colocou as joias, para o caso de o czar ir visitá-la. Às 8 horas, Hortense e Eugène entraram para lhe dizer adeus.

“Quando nos viu, estendeu os braços com grande emoção e pronunciou qualquer coisa que não compreendemos.” Ornada em rosa e rubis, recebeu a extrema-unção às 11 da manhã. Jose ina lutou ao longo

dos últimos suspiros e, ao meio-dia, a imperatriz, a “pequena crioula” de Napoleão, morreu, dois meses antes do seu 51º aniversário.

A causa da morte foi, provavelmente, pneumonia. Mas, em simples palavras, ela não queria viver mais. Sem Napoleão, reduzida a troféu dos aliados, não via grandes promessas para o futuro. Sua criada, Mademoiselle Avrillon, disse que “ela morreu de desgosto”. Não tinha energia para viver sob dominação. “Que tato re inado, que bondade e moderação ela possuía”, disse Madame du Cayla, a jovem favorita de Luís XVIII. “O fato de morrer neste momento é a prova do seu bom gosto.” 660

Napoleão recebeu a notícia da morte de Jose ina pelo jornal. Chocado, escondeu-se num quarto escuro e recusou a comida. “Nenhuma mulher foi alguma vez amada com maior devoção, ardor e ternura”, escreveu, “só a morte pode quebrar esta união formada por simpatia, amor e verdadeiro sentimento.” 661

Jose ina icou exposta com toda a pompa no salão de Malmaison durante três dias em um caixão de chumbo e mogno. Vinte mil pessoas foram ver a grande imperatriz. Os olhos belos e sedutores estavam fechados e a boca era tocada por um sorriso. Os sinos das paróquias próximas soaram ao longo do dia.

A capital se alegrou por ter sido libertada de Napoleão, mas eles choraram pela imperatriz. Alguns disseram que ela tinha sido

envenenada. O rei fantoche, Luís XVIII, fez uma declaração louvando-a, para apaziguar a inquietação.

“A notícia da morte de Madame de Beauharnais provocou tristeza geral. Era uma mulher nascida da doçura e de algo genuinamente bom nos modos e no espírito. Tristemente, durante os terríveis tempos de governo do marido, foi forçada a refugiar-se contra suas brutalidades no amor pela horticultura [. .] Só ela, no seio desta corja de corsos arrivistas, falava a língua dos franceses e percebia seus corações.”

Na quinta-feira, 2 de junho, o caixão de Josefina foi levado para a igreja em Rueil, seguido por representantes locais e guardas imperiais. Atrás deles seguia apenas um criado, transportando uma urna prateada sobre uma almofada. Lá dentro, o coração da imperatriz. Carregavam o caixão o irmão de Alexandre de Beauharnais, François, e seu tio Claude, o grão-duque de Baden, e o conde de Tascher, primo de Jose ina. Eugène, Hortense e os ilhos seguiam o caixão. Atrás deles seguia uma longa procissão de cortesãos e dignitários do regime imperial, diplomatas e amigos. Milhares de pessoas assistiram e choraram à passagem da imperatriz. A igreja, inteiramente forrada de preto, estava tão cheia que só os que tinham convite puderam entrar. Os restantes permaneceram no exterior, chorando pelo velho Império, pelo passado revolucionário e pela própria mulher.

Em 1815, quando Napoleão voltou para a França numa tentativa de reconquistar o império perdido, apressou-se a ir a Malmaison e pediu

aos que tinham estado com ela nas últimas horas para lhe dizerem suas últimas palavras. “Ainda parece que a vejo andando pelos caminhos e recolhendo as lores de que tanto gostava”, disse, passeando pelos jardins. “Pobre Jose ina! Ela era verdadeiramente a mais encantadora do que qualquer outra pessoa que alguma vez conheci. Era uma mulher no sentido pleno da palavra: caprichosa, cheia de vida e com o melhor dos corações.

648 Cauladxncourt, *Mémoires*, p. 234.

649 Masson, *Joséphine répudiée*, p. 306.

650 Masson, *Joséphine répudiée*, p. 308.

651 Bonaparte, *Mémoires*, p. 445.

652 Napoleão, *Correspondance*, org. Chevallier.

653 *Correspondance*, org. Chevallier, I.

654 *Correspondance*, org. Chevallier, II, p. 64.

655 *Memoirs of Queen Hortense*, p. 179.

656 Bourrienne, *Mémoires*, IV, p. 30.

657 Josefina, *Correspondance*, org. Chevallier, p. 208.

658 Hortense, *Mémoires*, II, p. 103.

659 Hortense, *Mémoires*, II, p. 106.

660 Hortense, *Mémoires*, II, p. 193.

661 Betrand, *Cahiers*.

EPÍLOGO

Se Jose ina tivesse vivido mais tempo, teria visto Napoleão voltar a sua casa, e talvez aos seus braços. “Ela tinha falhas, é certo”, disse ele, “mas pelo menos nunca me teria abandonado”. 662 Maria Luísa, antes tão dedicada, rapidamente se esqueceu do marido. No verão de 1814, foi às termas de Aix-les-Bains, e Metternich assegurou que ela fosse acompanhada por Albrecht von Neipperg, um extraordinário sedutor. Ela se apaixonou e teve três ilhos dele. Enviou a Napoleão um cartão pelo Ano Novo de 1815 e nunca mais lhe escreveu.

No inverno de 1814, Napoleão planejava atacar os aliados. Desapontado por a situação ter permanecido igual com a restauração de Luís XVIII, o povo começou a recordar com saudade o imperador e a se ressentir das tropas aliadas. As divisões entre os aliados apenas contribuíam para encorajar Napoleão a lançar um ataque. “Não foste feito para morrer nesta ilha”, disse Letizia – e, em 26 de fevereiro de 1815, Napoleão partiu com 650 homens da guarda, 100 soldados polacos e outros voluntários. Os ministros europeus estavam em Viena discutindo como retalhar o império napoleônico, quando souberam da notícia inacreditável. O antigo imperador tinha desembarcado na França. Na noite de 19 de março, Luís XVIII fugiu das Tulherias. Napoleão instalou-se em sua antiga casa e até convocou novamente Fouché para ser seu

ministro de Polícia (um erro, já que ele estava comprado pelos aliados). A sempre leal Marie Walewska regressou também. Fora de Paris, no entanto, seus inimigos reuniam-se. Napoleão decidiu-se por um ataque preventivo e se apressou rumo à Bélgica.

Em 15 de junho, a duquesa de Richmond organizou um baile suntuoso para os aliados em Bruxelas. Enquanto as pessoas dançavam, chegaram notícias de que Napoleão estava a caminho. Os homens abandonaram o baile para lutar, ainda em traje de gala. Três dias depois, Napoleão foi completamente derrotado na batalha de Waterloo e fugiu para Paris. No dia 22 de junho abdicou a favor do ilho e mudou-se para Malmaison, onde Hortense fez as honras à mesa. “Irei para Malmaison: posso lá viver em retiro com alguns amigos, os quais certamente me virão ver pensando só em mim.” 663 Marie Walewska e o ilho foram visitá-lo, juntamente com outras amantes, incluindo Madame Duchâtel e o seu ilho de 9 anos com Eléonore Denuelle, Carlos, conde Léon. Napoleão viveu em Malmaison num estado de depressão, recordando Josefina.

O rei Luís XVIII, restaurado pelos aliados, disse animadamente que Napoleão tinha sido um bom inquilino e que manteve as Tulherias em bom estado. Todos julgaram que esse seria seu único legado. Napoleão não poderia icar na França. Pediu exílio na Grã-Bretanha, acreditando que o princípio britânico de *fair play* daria a ele um tratamento condigno,

e ao chegar a Torbay juntaram-se multidões de espectadores para vê-lo. O príncipe regente, o primeiro-ministro e o secretário de Estado para a Guerra alegaram que ele era um prisioneiro de guerra. Informaram Napoleão de ele que seria enviado para a ilha de Santa Helena, no Oceano Atlântico, entre a África e a América do Sul, e a uma enorme distância do resto do mundo. Foi-lhe dito que poderia levar consigo três o iciais e doze soldados e que seria tratado como um general na reserva, auferindo metade do soldo. “Não sou um prisioneiro, e sim um hóspede da Inglaterra”, queixou-se, mas sem qualquer resultado. Ser colocado para o resto da vida numa ilha dos trópicos, isolado de qualquer comunicação com o mundo, era, no seu entendimento, bastante “horrível”. Declarou que teria preferido a Torre de Londres.664

Napoleão foi mantido sob prisão domiciliar em Santa Helena e divertiu-se com matemática e quebra-cabeças, cuidando do jardim e escrevendo suas memórias. O herói para quem, nas palavras de Bourrienne, “toda a Europa era muito pequena” e que se esgotara com as vitórias, tinha agora anos de repouso pela frente.665 Ele não conseguiu suportar isso. Em março de 1821 estava gravemente doente, e em abril seu estado piorou. Delirante, gritou ter visto a imperatriz:

“Acabo de ver a minha boa Jose ina, mas ela não me quis abraçar. Ela desapareceu no instante em que eu ia tomá-la nos braços. Estava ali sentada. Pareceu-me que a tinha visto ainda ontem à tarde. Ela não mudou nada. Continua a mesma, sempre devotada a mim. Ela me disse que estávamos prestes

a nos ver novamente, e nunca mais seríamos separados.

Vede-la?” 666

Dez dias mais tarde, em 5 de maio, Napoleão morreu murmurando

suas últimas palavras: *France*, *armée*, *tête d’armée*, *Josephine* [França, exército, chefe do exército, Jose ina]. Até o im ele pensou em sua

imperatriz.

Depois da morte da mãe, Hortense e Eugène icaram órfãos. “Minha

coragem desvaneceu-se!”, disse Hortense. “Alexandre em breve se

esquecerá das promessas de proteção, e terei então de lutar sozinha com

meus dois ilhos contra a hostilidade que as pessoas moverão contra mim

por causa do nome que tenho.” 667 Mas o czar Alexandre lembrou-se do seu voto e pressionou Luís XVIII para que a izesse duquesa de Saint-Leu. Quando Napoleão retornou em 1815, ela o apoiou e foi, por

conseguinte, banida da França quando Napoleão foi inalmente

derrotado. Viajou para a Alemanha e para a Itália antes de comprar um

palácio na Suíça. A relação com o conde de Flahaut prosseguiu até depois

da breve restauração de Napoleão, mas ele se mudou para a Grã-

Bretanha e, em 1817, casou com Margaret Elphinstone, ilha do inimigo

mortal de Napoleão, o almirante Lorde Keith, e amiga da princesa

Carlota, então herdeira do trono britânico. O ilho de Hortense e Flahaut,

Carlos Augusto, foi enviado para viver com a avó paterna. Hortense

morou no palácio suíço com o terceiro ilho, Carlos Luís Napoleão

Bonaparte. O segundo ilho morreu nos braços do irmão em 1831, com 27 anos, provavelmente de sarampo. Carlos Augusto tornou-se um bem-sucedido negociante em Paris, fazendo uma enorme fortuna com re inarias de açúcar de beterraba. Hortense morreu em 1837, com 54 anos, desgastada pela dor. Foi enterrada ao lado de Jose ina na Igreja de Saint-Pierre-Saint-Paul, em Rueil.

Apesar de tudo, Hortense saiu vitoriosa. Carlos Luís, o ilho que nasceu apenas um ano antes de Napoleão se divorciar da sua mãe, tornou-se Napoleão III em abril de 1852. Em 1853 casou-se com Eugénia de Montijo, uma bonita aristocrata espanhola, depois de conhecê-la num baile. Quando foi derrubado após o fracasso da guerra franco-prussiana, o casal refugiou-se em Chislehurst, em Kent (Inglaterra). Ela morreu quase 40 anos depois do marido, em 1920, depois de testemunhar mudanças no mundo que Josefina jamais teria imaginado.

Eugène permaneceu sensato e estoico como sempre. Depois da queda de Napoleão, retirou-se para Munique e obedeceu aos ditames do sogro, Maximiliano da Baviera, para que se mantivesse fora da política francesa − ainda que todos seus ilhos sobreviventes, à exceção da segunda ilha, possuíssem o nome do meio de Napoleão (tornado feminino para as mulheres). Surpreendentemente ele conseguiu obter 700 mil francos dos Bourbon como compensação pela propriedade con iscada à sua mãe.

Seus seis ilhos (perdeu uma ilha na infância, Caroline) izeram casamentos auspiciosos. A ilha mais velha, Jose ina, tornou-se rainha consorte de Óscar I da Suécia, que era ilho de Désiree Clary e do general Bernadotte. Jose ina, tal como a avó, adorava jardinagem e era patrona das artes, tendo trabalhado sempre para promover as políticas do marido. De todos os casamentos, o mais magní ico foi o da sua terceira ilha, Amélia, que se tornou imperatriz do Brasil. O marido icou tão impressionado com sua beleza que, ao que consta, teria desmaiado de emoção ao vê-la pela primeira vez num barco ancorado no Rio de Janeiro. Como a avó, ela era renomada pela elegância, pelo comportamento gentil na corte e pela habilidade na organização de eventos sociais, uma reputação que permaneceu até a abdicação de seu marido, em 1831. O ilho mais novo de Eugène, Maximiliano, casou com a ilha mais velha do czar Nicolau II, a grã-duquesa Maria. No inal, pelo menos um deles conseguiu uma grã-duquesa. Eugène morreu com 42 anos, em 1824. Seus descendentes permanecem em muitas famílias reais europeias. Thérésa (Tallien) retirou-se para as terras do príncipe de Chimay nos Países Baixos, onde viveu até 1835, deixando para trás dez ilhos com quatro homens − o primeiro marido, Tallien, o banqueiro Ouvrard e Chimay. Jean Lambert de Tallien caiu na miséria e teve por im de aceitar a pensão de 100 *sous* mensais dada por Luís XVIII. Morreu de lepra em

1820.

Algumas das amantes rejeitadas talvez tenham tido melhor sorte. O espírito livre La Grassini tornou-se amante do duque de Wellington em Paris, para o choque dos jornais. Pauline Fourès viveu satisfeita, rodeada por pássaros exóticos na casa que Napoleão lhe comprou em Paris. Escreveu um romance, *Lord Wentworth*, e morreu em 1869.

Marie Walewska casou-se de novo em 1816, mas morreu no ano seguinte, pouco depois do nascimento de um ilho. Alexandre, seu ilho com Napoleão, veio a tornar-se o embaixador de Napoleão III na Grã-Bretanha. Numa recepção em Londres, uma convidada entusiasmou-se com a notável semelhança com seu "distinto pai". "Não tinha noção, senhora", respondeu ele, "que havíeis conhecido o conde Walewski".

A família de Napoleão conseguiu ocupação na Itália, sendo bem recebida pelo grão-duque de Florença e pelo papa Pio em Roma, ainda vivo e disposto a perdoar os Bonaparte por seus agravos. A Itália tinha sido completa e cruelmente conquistada pelos Bonaparte, suas obras de arte e seus palácios saqueados, mas ainda assim o povo proporcionou abrigo à família por trás da ambição. Letizia tinha regressado com Napoleão para a França a partir de Elba, mas ele a proibira de o acompanhar a Santa Helena. Ela morreu em Roma em 1836. Paulina morreu de tuberculose em Florença em 1825, com 45 anos. Elisa morreu

em Trieste aos 43 anos, em 1820. Sua morte afetou especialmente Napoleão em Santa Helena, e ele gritou que ela lhe tinha “mostrado o caminho”. 668 Luís morreu sozinho, em 1846, em Livorno. Carolina foi presa pelos austríacos depois de uma tentativa fracassada de recuperar o trono napolitano. Libertada, viveu com Elisa em Trieste, casou-se com um general britânico e morreu de câncer na Itália, em 1839. Foi o único membro da família Bonaparte a participar do funeral de Hortense em Rueil, uma mostra de respeito a uma amiga de escola a quem tanto tentou sabotar e destruir.

Lucien e José mudaram suas lealdades e icaram preocupados em instalar o ilho de Hortense no trono como Napoleão II. Sua morte em 1831 pôs termo às suas esperanças. Lucien dedicou-se a escrever romances de má qualidade e morreu em Viterbo, na Itália, em 1840, e José morreu em 1844 com a respeitável idade de 76 anos, depois de um período em Nova York e Nova Jersey, em que viveu por conta dos lucros das joias da coroa da Espanha que tinha roubado. O mais afortunado de todos foi Jerôme, o irmão menos estimado por Napoleão. Combateu em Waterloo e viveu tempo su iciente para assistir à ascensão de Napoleão III, recebendo o título de príncipe da França. Morreu em 1860, num palácio em Villegenis, e foi enterrado no Invalides − foi o único Bonaparte a morrer na França.

O cardeal Fesch, que tinha caído em desgraça com Napoleão quando se aliou ao papa, retirou-se para Roma depois de Waterloo e lá permaneceu até a morte, em 1839. Manteve intacta a incrível coleção de cerca de 16 mil quadros, muitos dos quais obtidos durante a campanha italiana. 669 Deixou mais de mil peças para a cidade natal de Bonaparte, Ajaccio, na Córsega, incluindo obras de Botticelli, Bellini e Ticiano. Deixou algumas em Lyon e o resto foi vendido em Roma depois de sua morte. Estão agora em museus e residências particulares por todo o mundo. Cinco pinturas estão no Wallace Collection em Londres, incluindo dois Greuze, e obras como *O Enterro* de Miguelangelo e *A Cruci icação de Mond* de Rafael estão atualmente na National Gallery.

O ilho tão desejado por Napoleão, o "rei de Roma", ou Napoleão II, viveu uma existência miserável como prisioneiro do avô em Viena. Em 21 de abril, mesmo antes de sua morte em Santa Helena, Napoleão escreveu-lhe uma longa carta. "Meu ilho não deverá pensar em vingar a minha morte. Deverá, sim, aproveitar-se dela", anunciou. "Deixai o meu ilho colher os frutos daquilo que eu semeei." Tinha a certeza de que os Bourbon seriam derrubados depois da sua morte e imaginava o pequeno rei a forjar um império. "Ele deverá estabelecer instituições que apaguem todos os vestígios da lei feudal e assegurem a dignidade do homem", escreveu. "Deverá propagar, em todos os países hoje não civilizados e bárbaros, os bene ícios do cristianismo e da civilização." 670

Não estava destinado a acontecer. O rei de Roma morreu de tuberculose em Viena, com 21 anos.

Quando Jose ina morreu, Eugène herdou Malmaison e vendeu as pinturas de Hesse-Cassel ao czar em 1815. Em 1819, houve uma enorme venda de artigos de Malmaison. As partes interessadas podiam adquirir bustos e estátuas antigas, vasos etruscos, colunas de granito, caixas, vestidos, xales, rendas, golas e penas, *objets d'art*, mesas e até duas múmias, uma de homem e outra de mulher. Os compradores correram para comprar um pouco da grandiosidade da imperatriz. Os tesouros de Jose ina icaram dispersos pelo mundo, as pinturas de lores perderam-se, seus detalhes decorativos foram partidos e queimados. Ocasionalmente, seus pertences apareciam em leilões e alcançavam somas enormes. O czar levou muitas das suas pinturas e esculturas, e a maior parte delas encontra-se no Hermitage, ainda que algumas pinturas tenham desaparecido desde então.671

Jose ina morreu antes de poder ver a escultura das Três Graças que tinha encomendado a Canova. O duque de Bedford, que desejou comprá-la quando a viu exposta no estúdio, exigiu-a imediatamente. O czar também a queria. Eugène reclamou-a para a França. *As Três Graças* escaparam à cobiça do duque e do czar e permaneceram na posse de Eugène até seu ilho Maximiliano, à época casado com a grã-duquesa

Maria, levá-la para o Hermitage. O duque de Bedford conseguiu que Canova izesse uma cópia − algo que Jose ina jamais teria permitido se fosse viva − e instalou-a em Woburn Abbey em 1819. É essa versão que vem sendo alternadamente exibida no Victoria and Albert Museum e na National Galleries of Scotland.

Com o passar dos anos, os jardins de Malmaison caíram no abandono. Toda a mobília foi retirada da casa e vendida em leilão. As roseiras foram espezinhadas, os animais que restavam foram mortos ou vendidos para casas em que não eram tão bem-tratados. Em 1828, depois da morte de Eugène, sua viúva vendeu Malmaison a um banqueiro sueco, Jonas Hagerman. Em 1842 a rainha Cristina da Suécia tomou posse da casa e usou-a como residência de campo. Em 1861 Napoleão III, que se recordava de chupar cana-de-açúcar nos jardins enquanto criança, exigiu que ela lhe vendesse a casa. Abriu-a ao público como museu na ocasião da Feira Mundial de 1867. A casa e os jardins foram dani icados na guerra franco-prussiana de 1870 e o Estado vendeu-a em 1877 a um agente imobiliário, que liquidou a propriedade.

Em 1896 um filantropo chamado Daniel Iffla comprou o palácio e parte da terra e doou-os à França em 1904. O museu foi aberto em 1906.

Hoje, Malmaison é, ao mesmo tempo, uma história de esplendor e negligência, a lembrança do poder e de quão depressa se desvanece. Os

terrenos bucólicos têm sido invadidos pela expansão de Paris. Durante longos anos a galeria de quadros de Jose ina ecoou vazia, com as rosas todas mortas. Agora é, novamente, visitada e utilizada. Se entrarmos na galeria e olharmos para os roseirais, podemos nos imaginar como convidados de uma das festas de Jose ina, observando enquanto ela caminha sobre a relva em nossa direção.

662 Bourrienne, *Mémoires*, IV, p. 150.

663 Bourrienne, *Mémoires*, IV, p. 100.

664 Bourrienne, *Mémoires*, IV, p. 135.

665 Bourrienne, *Mémoires*, IV, p. 150.

666 Napoleão, *Correspondance*, XXXII, 340.

667 Hortense, *Mémoires*, I, p. 194.

668 Bourrienne, *Mémoires*, II, p. 145.

669 Oferecera as pinturas a Luís XVIII, caso a família Bonaparte tivesse autorização de regressar a França, mas foi recusado.

670 Napoleão, *Correspondance*, XXXII, 250.

671 Contudo, das 68 pinturas adquiridas por Alexandre, muitas estão agora dispersas por outros museus e 15 desapareceram. Alexander Babin, “Le Voyage Pittoresque from Malmaison to St Petersburg”, *in France in Russia*, pp. 25-8.

ILUSTRAÇÕES



La Pagerie. Casa em que Josefina passou a infância, no estado atual.



Hortense criança.



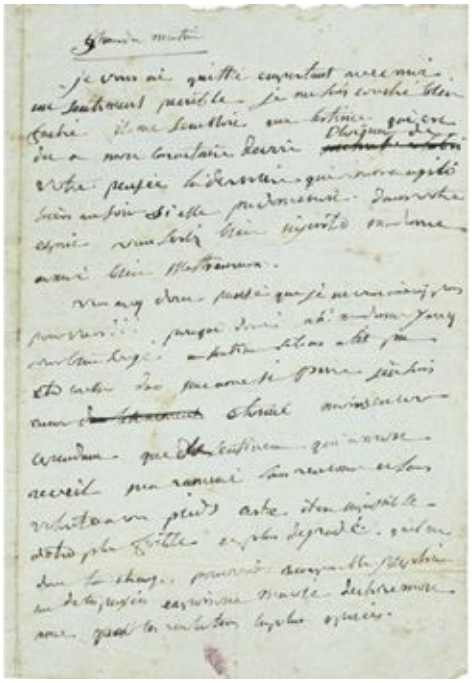
Alexandre de Beauharnais.



Eugène de Beauharnais, único filho de Josefina. Nomeado vice-rei de Itália por Napoleão.



Josefina visita o marido na prisão no Luxemburgo, em 1794, de Jean-Louis Victor Viger du Vigneau, 1867.



Carta de Beauharnais a Josefina.



Madame Thérésa Tallien. A encantadora heroína do fim do Terror teve três maridos e dez filhos.



Paul Barras, bem-apessoado, rico, debochado e impiedoso.



Ci-devant Occupations! ou Madame Tallien e a Imperatriz Josefina dançam nuas

perante Barras no inverno de 1797, de James Gillray, 1805.

O caricaturista declara que ambas as senhoras eram “humildes dependentes” de

Barras.



Primeiro retrato conhecido de Napoleão, por Andrea Appiani, 1797. Tem 28 anos.



As Três Graças, de Antonio Canova, 1814, Museu Hermitage.



General Bonaparte na Ponte de Arcole, de Barão Antoine-Jean Gros, c. 1801.



Imperatriz Josefina.

de Robert Lèfevre, 1806.



A casa em Malmaison.



Panorama da ponte de madeira, de Auguste Garnerey. Jardim em Malmaison.



Le panorama au château de la musique, Malmaison, de Auguste Garnerey, 1812.

A galeria de quadros era o orgulho de Josefina.



Sala de jantar de Josefina em Malmaison.

Ela decorou a casa com uma mistura de estilos egípcio, grego e romano.



Quarto da Imperatriz Josefina em Malmaison.

Deita-se entre cisnes, uma águia vela sobre a cama e o teto está pintado como o céu.



Malmaison está no fundo e as hidrângeas (ou hortênsias) simbolizam a filha.

Josefina, de Barão Antoine-Jean Gros, 1809. O busto à esquerda é de Eugène.



Josefina – uma boa solução, já que um quadro de Napoleão coroando a si próprio teria sido ridicularizado.

Josefina ajoelha-se para ser coroada por Napoleão. David sugeriu a Napoleão coroar



Consagração do imperador Napoleão I e Coroação da imperatriz Josefina, na Catedral de Notre-Dame de Paris, 2 de dezembro de 1804, de Jacques-Louis David, 1807.



As irmãs de Napoleão na Coroação.



A mãe de Napoleão na Coroação.



O vestido é bordado com fios de prata.

Uma das túnicas da corte de Josefina, 1805.



Coroa de Josefina.



Rainha Hortense, de Fleury-François Richard, 1815. Artística, sensível e bela, Hortense foi condenada à infelicidade quando a mãe a obrigou a casar-se com Luís

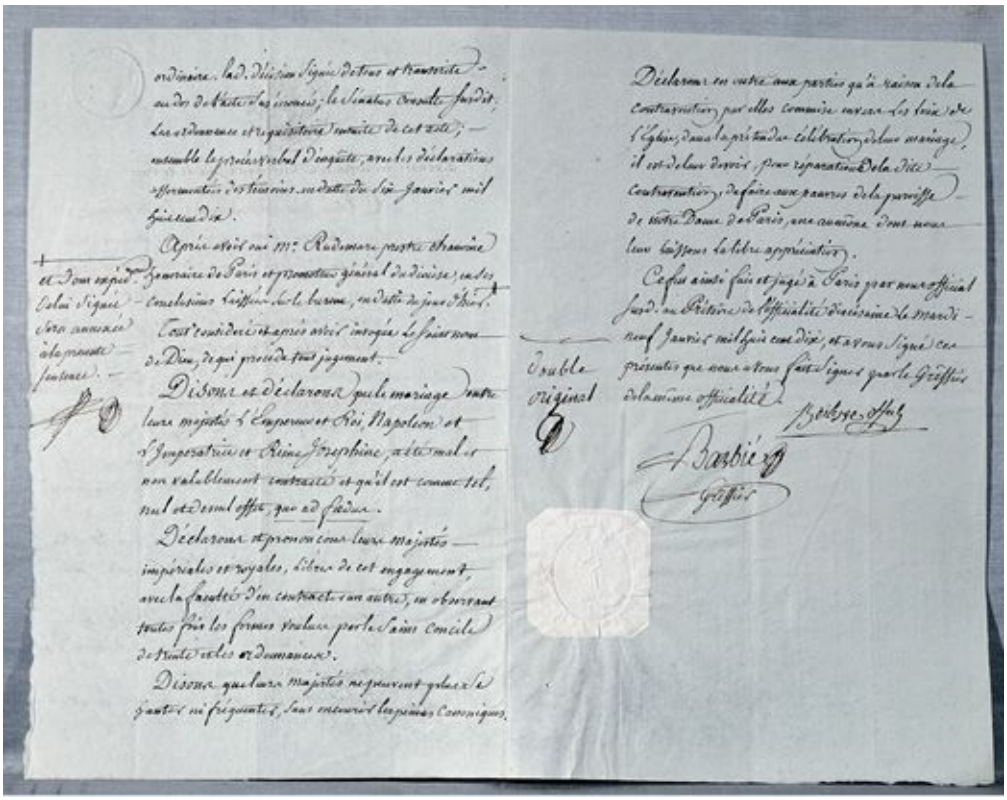
Bonaparte.



Rainha Hortense com o filho, Napoleão Carlos, de François Pascal Simon, Barão de Gérard, 1806.

O menino morreu com apenas quatro anos – sua morte lançou Hortense ao

desespero.



Acordo de divórcio entre Napoleão e Josefina.



Imperatriz Marie-Louise com o rei de Roma, de François Pascal Simon, Barão de Gérard, 1813.

O esperado filho de Napoleão era bem nutrido e saudável – o imperador

acreditava que estava destinado a governar o mundo.



Casa em Navarra, onde Josefina viveu quando Napoleão se casou com Marie-Louise.



O imperador é representado como um deus.

Napoleão I no Trono Imperial, de Jean-Auguste Dominique Ingres, 1806.

Document Outline

- PRÓLOGO
- 1 LA PAGERIE
- 2 SOFISTICAÇÃO
- ÿþ3
- 4 REVOLUÇÃO
- ÿþ5
- ÿþ6
- ÿþ7
- 8 UM MILHÃO DE BEIJOS
- ÿþ9
- ÿþ1
- ÿþ1
- ÿþ1
- 13 CONFLITOS COM BONAPARTE
- ÿþ1
- ÿþ1
- ÿþ1
- ÿþ1
- ÿþ1
- ÿþ1
- ÿþ2
- ÿþ2
- EPÍLOGO
- ILUSTRAÇÕES